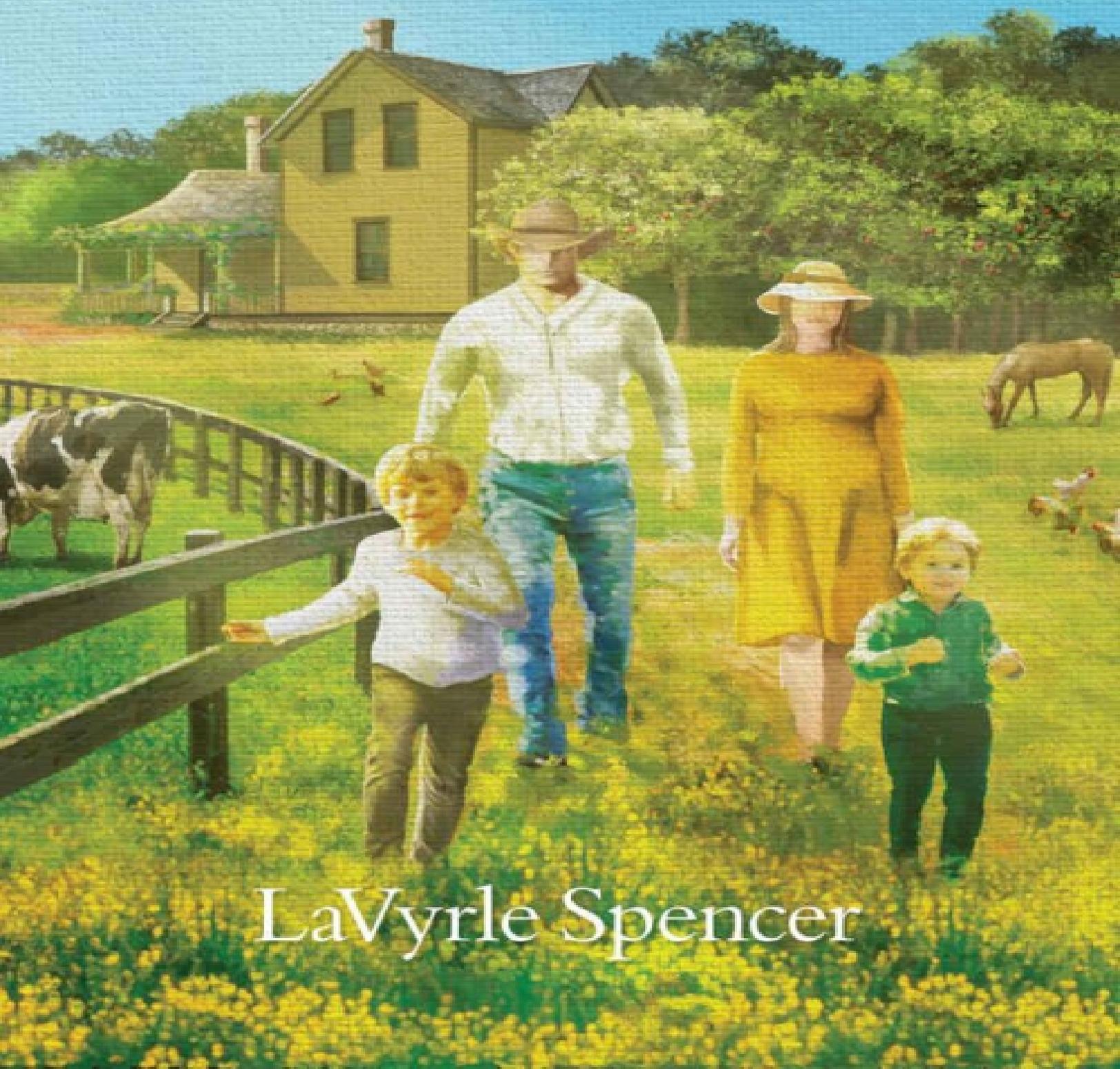




PEDRAZUL
EDITORA

Glória da Manhã



LaVyrle Spencer



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





Glória da Manhã

LaVyrle Spencer

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

PROCURA-SE UM MARIDO

CAPÍTULO 2

UM LAR DE VERDADE

CAPÍTULO 3

AQUELES A QUEM O SISTEMA NÃO CONDENA

CAPÍTULO 4

UMA MANHÃ PODE ABRIGAR A GLÓRIA

CAPÍTULO 5

QUANDO NASCE A GRATIDÃO

CAPÍTULO 6

O PASSADO DE ELEANOR

CAPÍTULO 7

A PROPOSTA

CAPÍTULO 8

AS CORTINAS DO PASSADO FORAM ABERTAS

CAPÍTULO 9

O CASAMENTO

CAPÍTULO 10

PARA SALVAR SEU ÚNICO AMIGO

CAPÍTULO 11

FIDELIDADE À FLOR

CAPÍTULO 12

A SUTIL LINGUAGEM DO CORPO

CAPÍTULO 13

O GRANDE MILAGRE

CAPÍTULO 14

MAIS BONITO DO QUE O VOO DE UMA ÁGUIA

CAPÍTULO 15

A PARTIDA E O PAGAMENTO DE UM EMPRÉSTIMO

CAPÍTULO 16

OS LAÇOS DA GUERRA

CAPÍTULO 17

UM ENCONTRO

CAPÍTULO 18

NA GUERRA

CAPÍTULO 19

O JARDIM AZUL

CAPÍTULO 20

UMA ARMADILHA

CAPÍTULO 21

LIVRANDO-SE DOS FANTASMAS DO PASSADO

CAPÍTULO 22

A OBSTINAÇÃO E O MEL

CAPÍTULO 23

PARA ONDE O MEL JORRARIA PARA SEMPRE

FICHA CATALOGRÁFICA

PRÓLOGO

1917, Estados Unidos.

O trem logo pararia na estação de Whitney, na Georgia. Era uma tarde nublada de novembro, o céu tomado por pesadas nuvens logo precipitaria como torrente sobre o teto negro de uma carruagem que estava parada em frente da estação e parecia aguardar algum passageiro. Não se via quem era o seu ocupante, ambas as janelas estavam cobertas por cortinas negras. Quando o trem se aproximou de sua parada, uma sombra dentro da carruagem furtivamente levantou um pouco a cortina, e alguém olhou pela fresta.

— Ela chegou — ouviu-se a voz de uma mulher. — Vai!

A porta da carruagem se abriu e um homem saiu. Ele, assim como a carruagem, também estava vestido de negro: terno, sapatos e um chapéu de abas largas. Ele não olhou nem para a direita nem para a esquerda, mas caminhou decididamente para a estação, onde uma jovem descia os degraus do trem com um bebê nos braços.

— Olá, papai — disse ela, incerta, oferecendo um sorriso vacilante.

— Traga o seu filho bastardo e venha comigo — o homem bruscamente pegou-a pelo cotovelo e a conduziu para a carruagem sem olhar para ela ou para o bebê. No instante em que os três saíram do edifício da estação, a portinhola com cortinas escuras novamente abriu uma fresta. A jovem, levando o

bebê em seus braços, estava de cabeça baixa, mas era possível ver que seus olhos castanhos e suaves estavam amedrontados. O homem abriu a porta da carruagem e, detrás da cortina protetora, os olhos verdes e duros, de uma mulher vestida de luto com a face severa emoldurada por uma touca preta, cravaram-se na jovem.

— Mamãe...

— Entre logo.

— Mamãe, eu...

— Vamos, vamos sair daqui antes que cada alma nesta cidade enxergue a nossa vergonha.

O homem deu uma cotovelada na filha. Ela tropeçou para dentro da carruagem, incapaz de ver qualquer coisa através da cortina de lágrimas. Ele rapidamente agarrou as rédeas, mas olhou através do postigo, aquela pequena abertura que deixava entrar débeis frestas de luz na carruagem escura.

— Depressa, Albert — a mulher ordenou, sentada, dura como uma lápide, olhando para frente.

O homem chicoteou os cavalos e os colocou a correr em trote.

— Mamãe, é uma menina. A senhora não quer vê-la?

— Vê-la? — a boca da mulher se franziu, ela continuava olhando para frente. — Jamais olharei para essa criança enquanto as pessoas sussurrarem sobre a obra do diabo que você trouxe para a nossa porta.

A jovem apertou mais a criança em seus braços, trazendo-a para a proteção de seu corpo. A criança choramingou no mesmo

instante em que um trovão ressoou, e logo depois começou a chorar a plenos pulmões.

— Faça-a calar! Você me ouviu?

— O nome dela é Eleanor, mamãe e...

— Cale-a antes que todo mundo na rua ouça!

Mas o bebê gritou por toda a distância desde a estação, ao longo da praça da cidade e da estrada principal que levava ao extremo sul da cidade, passando por uma fileira de casas, depois uma de madeira rodeada por uma cerca, com glórias-da-manhã^[1] subindo por sua varanda da frente. A carruagem entrou, cruzou um quintal grande e parou perto da porta dos fundos. A mãe e a criança foram conduzidas para dentro pela mulher vestida de negro e, imediatamente, uma cortina verde escura foi puxada para cobrir uma janela, seguida por outra e outra, até que todas as janelas da casa estivessem cobertas. A nova mãe nunca mais foi vista deixando a casa, tampouco as cortinas foram abertas.

CAPÍTULO 1

PROCURA-SE UM MARIDO

Agosto, 1941.

O apito do meio-dia soou e as serras pararam de zumbir. Will Parker recuou, ergueu o chapéu encharcado de suor e enxugou a testa com a manga da camisa. Os outros operários fizeram o mesmo, retirando-se para a sombra, queixando-se do extremo calor ou dos sanduíches que suas mulheres colocaram em suas marmitas.

Will Parker tinha aprendido bem que não se devia reclamar de nada. O calor não o tinha afetado e ele não tinha esposa e nem marmitta. O que ele tinha eram três maçãs roubadas da árvore do quintal de alguém, sem estarem maduras, tão ácidas que ele imaginou que iria sofrer mais tarde, e um litro de leite que tinha encontrado, sem tampa e sem dono.

Os homens se sentaram à sombra do pátio da serraria, encostados nos pinheiros escamosos, e jogavam conversa fora enquanto comiam. Mas Will Parker se sentou longe dos outros; ele não era sociável... não mais.

— Deus todo poderoso, mas está quente! — um homem chamado Elroy Moody reclamou, limpando o pescoço vermelho com um lenço também vermelho.

— E poeirento — acrescentou outro, chamado Blaylock. Ele engoliu duas vezes e cuspiu nas agulhas dos pinheiros. — Tenho serragem suficiente nos meus pulmões para encher um colchão — acrescentou, mal-humorado.

O capataz, Harley Overmire, realizando seu habitual ritual do meio-dia, despido até a cintura, baixou a cabeça sob a bomba e a levantou rugindo, chamando a atenção para si mesmo. Overmire era um homem pequeno com um amplo nariz achatado, orelhas minúsculas e pescoço curto. Ele tinha um cabelo escuro, que enrolava como molas e se recusava a parar de crescer, caindo no seu curto pescoço deixando-o mais curto ainda, dando-lhe a aparência de um macaco peludo quando ele estava sem camisa. E Overmire adorava ficar sem camisa, como se o corpo de cabelo excessivo compensasse sua estatura diminuta. Ele se expunha sempre que a oportunidade surgia.

Secando-se com sua camisa, Overmire atravessou o pátio para se juntar aos homens. Ele abriu sua marmitta e, dobrando-se por trás de seu sanduíche, murmurou: — Filha da puta, ela esqueceu a mostarda de novo — ele jogou o sanduíche fora, enojado. — Quantas vezes eu tenho que dizer para aquela mulher que o sanduíche é de carne de porco, com mostarda sobre a merda da carne?

— Você tem que treiná-la, Harley — Blaylock brincou. — Dê algumas lições para ela.

— Treiná-la? Caramba! Nós estamos casados há dezessete anos. Já era para ela saber que eu quero mostarda em minha carne — com o calcanhar ele moveu o sanduíche para as folhas secas e amaldiçoou sua mulher novamente.

— Aqui, tome um dos meus — Blaylock ofereceu. — Mortadela e queijo hoje.

Will Parker mordeu a maçã ácida sentindo salivar tanto que prendeu sua mandíbula. Ele manteve os olhos no sanduíche de

carne de Overmire e no de mortadela e queijo de Blaylock forçando-se a pensar em outra coisa. Desviou sua mente para o quintal impecavelmente aparado onde ele tinha roubado. Ele pensou nas bonitas flores cor-de-rosa que floresciam em um vaso branco, colocado debaixo de uma árvore, perto da porta dos fundos. O som de um bebê chorando dentro da casa. Um varal com lençóis brancos, fraldas brancas, suficientes calças jeans azuis que um par não iria fazer falta, e um número correspondente de camisas de cambraia também azuis, motivo pelo qual ele nobremente pegou uma com um buraco no cotovelo. E um arco-íris de toalhas, ele também tinha selecionado uma verde – porque, em algum lugar, nos recessos de sua memória, havia uma mulher com os olhos verdes que uma vez tinha sido gentil com ele, fazendo-o sempre preferir o verde sobre todas as outras cores. A toalha verde estava molhada agora, enrolada em torno do frasco redondo. Ele pegou o frasco, abriu a tampa que improvisou, bebeu, e se forçou a não fazer caretas. O leite estava azedo, mesmo a toalha molhada não conseguiu mantê-lo fresco.

Com a cabeça inclinada para trás, contra o tronco do pinheiro, Parker viu Overmire o observando com aqueles olhos redondos de sementes de mostarda. O leite desceu lentamente. Devagar, Parker passou o dorso da mão por seus lábios. Overmire se levantou e parou ao lado dos pés de Will que estavam estendidos à vontade. Em pé, com os dele separados, firmemente plantados, e os punhos musculosos nos quadris, o homenzinho ficou olhando para ele.

Por quatro dias Will Parker estava ali, apenas quatro desta vez, mas ele conhecia aquele olhar no rosto do capataz, como se as palavras já tivessem sido ditas.

— Parker? — Overmire disse isso alto. Alto o suficiente para que todos os outros pudessem ouvir.

Will ficou rígido e se movimentou lentamente, à medida que tirava as costas da árvore e colocava o frasco no chão.

O capataz empurrou para trás seu chapéu de palha, deixando sua ruga na testa visível para que todos os homens pudessem ver: — Pensei que você tinha dito que era de Dallas.

Will sabia quando ficar de boca fechada. Ele suprimiu toda a expressão de seu rosto e ergueu os olhos para Overmire, mastigando um pedaço de maçã ácida.

— Você disse que é de onde mesmo? — Will fez menção de se levantar, mas Overmire colocou a bota em sua virilha e o empurrou.

— Eu estou falando com você, garoto! — ele vociferou, então deixou os olhos vaguearem sobre seus subordinados para se certificar de que nenhum deles perdesse isso.

Com o choque súbito de dor, Will Parker achatou as palmas das mãos contra a terra.

— Eu estive lá — respondeu ele, estoicamente.

— Já estive em Huntsville^[2] também, não estive, garoto? — a sensação de estrangulamento, por sujeição àquele tolo baixinho, apertou a garganta de Parker. Uma subjugação familiar, degradante. Ele sentiu os olhos dos demais colegas o medindo e seus meios sorrisos prepotentes. Mas ele tinha aprendido a não responder a esse tom de superioridade, especialmente não à

palavra “garoto”. Sentiu o suor frio em seu peito, a sensação de impotência, de se sentir pequeno diante daquele pequeno homem que se achava poderoso. Com a bota de Overmire exercendo pressão, Will reprimiu a necessidade terrível de dar vazão ao ódio que sentia, selando-se no casulo da indiferença fingida.

— Eles só colocam os mais difíceis lá, não é mesmo, Parker? — Overmire empurrou com mais força, mas Will se recusou a estremecer. Em vez disso, fechou a mão sobre o tornozelo do baixinho, forçando a bota empoeirada para o lado. Sem tirar os olhos do capataz, Will se levantou, pegou o surrado chapéu Stetson, golpeou-o na perna e posicionou a aba sobre os olhos.

Overmire riu, cruzou os braços musculosos, e fixou o expressidiário com seus olhos redondos.

— Boatos dizem que você matou uma mulher em um bordel no Texas e que você acabou de sair da prisão por isso. Eu não acho que nós queremos o seu tipo por aqui, onde temos esposas e filhas, não é mesmo companheiros? — Overmire deixou seus olhos vagarem para onde estavam os outros homens.

Os companheiros haviam parado de vasculhar suas marmitas.

— Bem, você tem algo a dizer, garoto? — insistiu o capataz.

Will engoliu em seco, sentiu o gosto de maçã oprimir sua garganta.

— Não, senhor, só que eu tenho três dias e meio de salário pendentes.

— Três — Overmire corrigiu. — Nós não contamos meio por aqui.

Will mastigou um pedaço de casca de maçã com os dentes da frente. Harley Overmire elevou o queixo e cerrou os punhos, preparando-se para atacá-lo. Mas Will só olhou em silêncio por debaixo da aba do chapéu de cowboy. Ele não tinha necessidade de baixar os olhos do rosto de Overmire para saber como seus punhos estavam preparados para uma possível briga.

— Três — Will concordou em silêncio. Mas ele arremessou o resto da maçã, por baixo dos pinheiros, com uma ferocidade que fez os homens começarem a mexer em suas marmitas novamente. Então ele pegou seu frasco envolto na toalha e seguiu Overmire para o escritório. Quando voltou, os homens estavam amontoados em volta de uma mesa. Ele passou entre eles, selado dentro de uma bolha de indiferença, com os nove dólares no bolso da camisa, olhando para frente, evitando suas expressões hipócritas.

— Ei, Parker — um deles chamou quando ele passou.

— Você pode tentar a casa da viúva Dinsmore. Ela está tão desesperada que, provavelmente, se contentaria com um presidiário como você, não é mesmo, rapazes?

Risos zombadores soaram. Em seguida, uma segunda voz:

— Uma mulher que coloca o seu anúncio em uma serraria, certamente vai se contentar com o primeiro que aparecer.

E, finalmente, uma terceira voz: — Você deveria ter pisado um pouco mais sobre as bolas dele, Harley, assim as mulheres por aqui poderiam dormir melhor à noite.

Will se dirigiu para os pinheiros. Mas quando viu os restos do sanduíche de alguém deixados no meio das agulhas dos pinheiros para as aves, a fome superou o seu orgulho. Apanhou-o entre dois dedos como se fosse um cigarro e virou-se com um desinteresse forçado.

— Alguém se importa se eu comer isso?

— Inferno, não! — gritou Overmire.

— Isto foi feito para mim — mais risos se seguiram. — Ouça, Parker, eu em seu lugar tentaria com a Elly Dinsmore mesmo. Nunca se sabe, mas pode ser que vocês dois acabem se entendendo. Ela, com seu anúncio para encontrar um homem, e você, recém-saído do presídio. Pode ser que você consiga algo a mais do que apenas um pedaço de pão.

Will se virou e começou a andar. Mas antes ele amassou o pão e o arremessou de volta para as agulhas dos pinheiros, bem na frente dos outros. Andando para longe, subjuguou a dor e a fome, e se transportou para um lugar que ele nunca tinha visto, onde os sorrisos eram abundantes e as ruas cheias de pessoas agradáveis umas com as outras. A bem da verdade, ele não acreditava que tal lugar existia, mas ele se refugiava nele muitas vezes. Depois que isso serviu ao seu propósito, voltou à realidade e se deparou com uma estrada desconhecida, no meio de uma floresta de pinheiros, no Noroeste da Georgia.

E agora? Ele pensou. Aonde quer que ele fosse iria se repetir a mesma história. Uma condenação não se cumpria totalmente; não acabava nunca. Mas o que mais importava para ele? Ele não tinha laços naquele povoado miserável. Quem já tinha ouvido falar de Whitney, afinal? Aquele lugar não era nada

além de um ponto no mapa e para ele não fazia nenhuma diferença partir ou ficar. Porém, um quilômetro depois passou pela mesma fazenda onde tinha roubado o leite, a toalha e as roupas, e um doce anseio perfurou seu interior: uma mulher estava na varanda de trás, sacudindo um tapete; seu cabelo estava escondido por um pano de prato, atado na frente. Ela era jovem e bonita e usava um avental rosa, e o cheiro de algo cozinhando flutuou para fora e fez o estômago de Will roncar. Ela levantou a mão e acenou, e ele escondeu a toalha no seu lado esquerdo, ferido com a culpa. Ele tinha um desejo doloroso de caminhar até a entrada, entregar-lhe seus pertences, e se desculpar. Mas ele achou que iria assustá-la se fizesse isso. E, além disso, ele poderia usar a toalha e, provavelmente, o frasco também para carregar água. E as roupas do corpo eram as únicas coisas que ele tinha.

Ele deixou a fazenda para trás, caminhando para o Norte em uma estrada de cascalho. O cheiro dos pinheiros era convidativo, assim como suas cores verdes em contraste com a terra vermelha. Havia tantos rios ali, arroios com pressa de chegar ao mar. Ele tinha visto até mesmo algumas cachoeiras, onde as águas corriam para fora de Blue Ridge, em direção à planície costeira ao sul. E pomares em todos os lugares, com plantios de pêssegos, maçãs, marmelos e peras. Senhor, o que aquilo devia parecer quando essas árvores frutíferas alcançassem a época das floradas! Nuvens rosadas e perfumadas. Will tinha descoberto dentro de si uma profunda necessidade de experimentar as coisas mais suaves da vida desde que tinha saído daquele lugar. Coisas que ele nunca tinha

notado antes, o início do florescimento na face de um pêssigo, o sol refletindo em uma gota de orvalho, uma teia de aranha, um avental rosa em uma mulher com seu cabelo amarrado em um pano de prato branco e limpo.

Ele chegou aos limites da cidadezinha de Whitney, numa área pouco mais alargada, também cheia de pinheiros. O lugar era um mero pedaço cochilando no sol da tarde, com nada mais emocionante além das moscas pousadas sobre as pontas das flores de chicória. Passou por uma venda, por um pequeno armazém ferroviário pintado da cor de um nabo, uma plataforma de madeira empilhada com caixotes vazios de frango, com o cheiro de seus antigos ocupantes exalando ao sol quente. Havia uma casa abandonada atrás de uma cerca decadente, coberta com trepadeiras de glórias-da-manhã; em seguida uma fileira de casas ocupadas, algumas de tijolos vermelhos, outras de tijolos acinzentados, todas com varandas e cadeiras de balanço na frente contando quantas pessoas moravam em cada uma delas. Ele passou por uma escola fechada por causa do verão, e, finalmente, por uma praça típica da maioria das que existiam no Sul, dominada por uma Igreja Batista e pela Câmara Municipal, com vários estabelecimentos espalhados intercalados por terrenos baldios: farmácia, mercearia, café, loja de quinquilharias e a oficina do ferreiro em frente a qual havia uma bomba de gasolina novíssima encimada por uma águia de vidro branco.

Will parou em frente à sede do jornal da cidade, distraidamente, olhando para seu reflexo na janela. Tocou as poucas notas preciosas no bolso, virou-se e olhou para o outro

lado da praça, notando o Vickery's Café. Puxou o chapéu mais para baixo e caminhou naquela direção.

A praça mantinha um terreno de grama verde e um coreto rodeado por bancos de ferro preto. Em um lugar agradável, sombreado, debaixo de uma enorme magnólia, dois idosos estavam sentados, talhando. Eles olharam para cima quando ele passou. Um deles cuspiu, assentiu, depois voltou a talhar.

A porta de tela do Vickery's Café tinha uma grande placa vermelha e branca fazendo publicidade da Coca-Cola. O metal da maçaneta estava quente sob as mãos de Will e a mola da porta rangeu assim que ele entrou no lugar. Ele fez uma pausa para deixar que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Em um longo balcão, dois homens se viraram, olharam-no com indolência, sem retirar os cotovelos do lado de suas xícaras de café. Uma jovem mulher de seios grandes caminhou pelo comprimento do balcão e disse com voz arrastada:

— Olá. O que posso fazer por você, querido?

Will forçou seus olhos a ficarem longe da parte de trás do balcão, onde tortas de cerejas e maçãs piscavam convidativas.

— Eu queria saber se você tem um jornal local que eu poderia dar uma olhada.

Ela sorriu secamente e levantou uma sobrancelha fina, olhou para a toalha verde molhada que ele segurava. Em seguida, procurou por algo embaixo do balcão. Will sabia perfeitamente bem que ela vira quando ele fez uma parada na frente do prédio do jornal e, logo depois, tinha ido para o café.

— Muito obrigado — disse ele quando ela lhe entregou o jornal.

Ela apoiou uma mão em um quadril e o analisou com os olhos, enquanto mastigava o chiclete preguiçosamente, fazendo estalo.

— Você é novo por aqui?

— Sim, senhora.

— Você é o novato da serraria?

Will teve que forçar suas mãos para não apertar o papel. Tudo o que ele queria era lê-lo e dar o fora dali. Mas os dois homens no balcão ainda estavam olhando por cima dos ombros. Ele sentiu seus olhares especulativos e deu à garçonne um breve aceno de cabeça.

— Tudo bem se eu me sentasse por um momento para ler o jornal?

— Claro que sim, vá adiante. Posso te pegar uma xícara de café ou algo assim?

— Não, minha senhora, eu apenas... — com o jornal ele fez um gesto em direção às cadeiras de espaldar alto, virou-se e dobrou o corpo magro em uma delas. Pelo canto do olho, ele viu a garçonne passando um batom, achatando os lábios para espalhar a pintura. Ele enterrou o rosto no *Whitney Register*. Havia manchetes sobre a guerra na Europa; a divulgação de um encontro secreto entre o presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Churchill, que haviam elaborado algo chamado “Carta do Atlântico”; Joe DiMaggio jogando outro jogo em sua longa série de jogos de sucesso; *Citizen Kane*, estrelado por Orson Welles, mostrando um lugar chamado *The Gem*; o anúncio de uma festa de jardim na segunda-feira; um anúncio para reparação de automóvel, ao lado de outro para o reparo de um celeiro; o

anúncio do funeral de alguém chamado Idamae Dell Randolph, nascido em 1879, em Burnt Corn, Alabama, que morrera na casa de sua filha, Elsie Randolph Blythe, em 8 de agosto de 1941. Os anúncios eram simples o suficiente para caber na edição de oito páginas: um advogado itinerante estaria na cidade na primeira e terceira segunda-feira de cada mês e poderia ser encontrado na sala seis da Câmara Municipal; alguém tinha um bom sofá usado à venda; alguém queria um marido...

Um marido?

Os olhos de Will voltaram e leram todo o anúncio, o mesmo que tinha sido pregado na placa que estava em cima do relógio da serraria.

PROCURA-SE UM MARIDO. Precisa-se de um homem saudável, de qualquer idade, disposto a trabalhar bastante e compartilhar o lugar. Procure E. Dinsmore, no alto de Rock Creek Road.

Um homem saudável de qualquer idade? Não era de se admirar que os ferreiros a chamassem de louca. Seus olhos se moveram: alguém tinha tapetes de tecidos artesanais para venda; uma cidade vizinha precisava de um dentista, e um estabelecimento mercantil, de um contador. Mas ninguém precisava de um vagabundo recém-saído da Penitenciária Estadual de Huntsville, que tinha colhido frutas, carregado cargas, cuidado de gado e percorrido a metade do país.

Ele leu o anúncio de E. Dinsmore novamente. *Precisa-se de um homem saudável, de qualquer idade, disposto a trabalhar*

bastante e compartilhar o lugar.

Seus olhos se estreitaram debaixo da sombra profunda da aba do seu chapéu, enquanto estudava as palavras. Que diabo de mulher iria colocar um anúncio procurando por um homem? E que tipo de homem iria considerar esse pedido?

Os dois homens tinham se virado de seus assentos e estavam abertamente olhando para ele. A garçonete se debruçou sobre o balcão, tagarelando com os homens, mas com os olhos piscando com frequência para Will. Ele se levantou da cadeira e ela se encaminhou para interceptá-lo. Ele lhe entregou o jornal e disse: — Muito obrigado.

— À disposição. É o mínimo que eu posso fazer por um novo vizinho. Meu nome é Lula — ela estendeu a mão com garras polidas do mesmo tom vermelho dos lábios. Will avaliou a mão e o claro convite de seu quadril: a mensagem inconfundível que algumas mulheres não podiam deixar de passar. Seu cabelo descolorido era farto e caía sobre a testa como uma imitação do mais novo símbolo sexual de Hollywood: Betty Grable.^[3] Por fim, Will estendeu a mão em um breve aperto, acompanhado por um aceno de cabeça mais breve ainda. Mas ele não disse o seu nome.

— Você poderia me dizer como encontrar Rock Creek Road?

— Rock Creek Road?

Mais uma vez ele deu um breve aceno de cabeça.

Os homens riram. O sorriso desapareceu da boca sensual de Lula.

— Descendo, passando pela serraria, primeira estrada ao sul e depois primeira estrada à esquerda.

Ele deu um passo para trás, tocou no chapéu, e disse antes de sair: — Muito obrigado.

— Bem — Lula bufou, ao vê-lo passar pela janela. — Se ele não é um grosseirão.

— Ele não se apaixonou por seu sorriso, Lula? — um dos homens brincou.

— De que sorriso você está falando, seu caipira burro? Eu não dei a ele nenhum sorriso — ela se moveu ao longo do balcão, limpando-o com um pano úmido.

— E você pensou que agora agarraria um, hein, Lula? — Orlan Nettles se inclinou sobre o balcão e apertou-lhe a nádega.

— Maldito seja você, Orlan, e suas malditas mãos! — ela gritou, afastando-se e golpeando-lhe o pulso com o pano úmido.

Orlan se reclinou no banco, as sobrancelhas se elevando: — Veja, Jack. Você deveria ver isso — Jack Quigley virou os olhos divertidos para o par. — Eu nunca soube que a velha Lula tinha batido na mão de um homem antes, não é, Jack?

— Você tem uma boca extremamente imunda, Orlan Nettles — Lula gritou.

Orlan sorriu preguiçosamente, ergueu a xícara de café e a observou sobre a borda.

— Agora, o que você acha que aquele garoto vai fazer em Rock Creek Road, Jack?

Jack finalmente mostrou algum sinal de vida: — Pode ser que ele esteja indo conferir a viúva Dinsmore.

— É bem provável. Você viu o que ele procurava no jornal, Lula?

— Como eu vou saber o que ele procurava no jornal, seu tolo? Sou alguma espécie de vidente? Ele não abriu a boca o suficiente para dizer nem o seu próprio nome.

Orlan engoliu o que restava de seu café.

— Sim! — com as costas de uma mão ele limpou a umidade nos cantos de sua boca.

— Acho que ele foi verificar como é a Eleanor Dinsmore.

— Aquela louca velha? — Lula cuspiu. — Pois, se foi isso, ele estará de volta bem depressa.

— Você gostaria disso, não é Lula? — Orlan riu, inclinou as pernas e se afastou do banco. Em seguida deixou cair uma moeda de cinco centavos no balcão.

Lula pegou sua gorjeta, deixou-a cair no bolso e jogou a xícara de café em uma pia embaixo do balcão. — Vão em frente, seus dois bastardos! Para fora daqui! Não ganho nada com vocês sentados aí se encharcando de café.

— Vamos lá, Jack, vamos até a serraria espionar um pouco, ver o que podemos descobrir.

Lula olhou para ele, recusando-se a se render e pedir que ele retornasse para contar para ela o que descobrira sobre o estranho alto e bonito. A cidade era pequena o suficiente para que ela não levasse muito tempo para descobrir por conta própria.

Já era quase noite quando Will Parker encontrou a propriedade de E. Dinsmore. Ele usou sua toalha verde para se lavar em um riacho antes de caminhar até o alto; em seguida, pendurou-a em um galho de árvore e escondeu o frasco cuidadosamente junto do tronco. A estrada, se você pudesse chamá-la assim, era íngreme, rochosa e cheia de buracos. Chegando ao topo, ele se viu suando novamente, mas disse para si mesmo que aquilo não importava, pois ela não iria aceitá-lo de qualquer maneira. *Um ex-presidiário.*

Ele saiu da estrada e se aproximou pela floresta, ficando escondido entre as árvores, estudando o lugar. Era uma bagunça: esterco de galinha, pilhas de metais com ferrugem, uma cabra mastigando o alimento em uma varanda dos fundos que parecia prestes a despencar, paredes descascando, telhas quebradas, ferramentas esquecidas, um varal frouxo, uma chaleira esmaltada velha e lascada pendurada em um tronco, restos de um jardim cheio de ervas daninhas. Will sentiu como se ele se encaixasse bem naquilo tudo. Entrou na clareira e esperou. Não demorou muito tempo, uma mulher apareceu na porta da casa com uma criança no colo; outra, com um polegar na boca, vinha segurando sua saia. Ela estava descalça, sua saia estava desbotada, com a barra descosturada, a blusa encardida, toda a sua aparência era tão pobre como a casa dela.

— O que posso fazer por você? — ela perguntou. Sua voz soava plana e cautelosa.

— Eu estou procurando a casa de E. Dinsmore.

— Você a encontrou.

— Eu vim por causa do anúncio.

Ela colocou o bebê no quadril.

— O anúncio? — ela repetiu, apertando os olhos para olhá-lo mais atentamente.

— Aquele sobre o marido — ele acrescentou, movendo-se para mais perto, mas ainda na beira da clareira.

Eleanor Dinsmore manteve uma distância segura, incapaz de distinguir muito dele. Ele usava um chapéu de cowboy puxado para baixo sobre os olhos, estava com o seu peso, ou o que havia dele, apoiado em um quadril magro, e com os polegares engatados nos bolsos traseiros. Ela viu as botas de cowboy listradas, uma camisa de cambraia azul surrada com as axilas manchadas de suor e uma calça jeans desbotada e com vários centímetros muito curtos para suas pernas esguias. Não havia nada a fazer, ela pensou, além de ir lá e dar uma olhada de perto nele. Não importava de qualquer maneira. Ele não iria ficar.

Ele viu quando ela passou ao redor da cabra, descendo as escadas e atravessando a clareira, sem tirar os olhos dele, com uma criança ainda posicionada no quadril, a outra andando perto com os pés descalços também. Ela veio lentamente, ignorando uma galinha que cacarejou assustada e saiu de seu caminho. Quando ela estava próxima dele, dez metros mais ou menos distante, ela deixou o bebê escorregar e o colocou apoiado contra seu joelho.

— Você está requerendo a vaga? — ela perguntou sem sorrir.

Os olhos de Will decaíram para a barriga da mulher. Ela estava grávida.

Ela o observou, esperando que ele virasse de um salto e saísse correndo. Em vez disso, seus olhos se voltaram para o rosto dela. Pelo menos ela pensou que eles tinham se voltado, pela ligeira elevação de sua aba do chapéu.

— Eu acho que eu estou — ele respondeu absolutamente imóvel, sem vacilar.

— Eu sou a pessoa que colocou o anúncio — ela disse a ele para que não houvesse dúvida.

— Achei que fosse.

— Há três pessoas aqui... Quase quatro — ela olhou para sua barriga.

— Percebi isso.

— O lugar precisa de trabalho.

Ela esperou, mas ele não disse que imaginou que precisava, nem sequer olhou de soslaio para todo o lixo no quintal.

— Você ainda está interessado? — perguntou ela.

Ela nunca tinha visto alguém que podia ficar tão imóvel.

— Eu acho que sim — respondeu Will.

As calças dele estavam tão folgadas que ela esperava que caíssem sobre seus quadris a qualquer momento. Seu estômago era reto. Mas ele tinha um braço do tipo que parecia tão forte relaxado quanto flexionado, com as veias se destacando nas cavidades onde a carne estava pálida. Ele podia ser magro, mas ele não era insignificante. E podia ser um trabalhador.

— Então, tire o chapéu para que eu possa vê-lo de uma vez.

Will Parker não gostava de retirar o chapéu. Quando ele foi libertado da prisão, o chapéu e as botas foram as únicas coisas que voltaram para ele. O Stetson estava oleoso, disforme, mas era um velho amigo. Sem ele, sentia-se nu. Ainda assim, ele respondeu educadamente:

— Sim, senhora.

Quando ele retirou o chapéu, ficou parado, deixando-a avaliar o seu rosto. Era magro como o resto do corpo, com olhos castanhos que pareciam como se ele trabalhasse duro para manter a expressão deles. A voz era respeitosa, calma. Ele não sorriu, mas sua boca era boa, tinha uma forma agradável, o lábio superior com dois picos definidos, o que ela gostava. Seu cabelo era de um loiro-escuro, a cor de um collie, desgrenhado na parte de trás e em volta das orelhas. Sua testa estava marcada pelo chapéu.

— Você poderia cortar o cabelo — foi tudo o que ela disse.

— Sim, senhora.

Ele colocou o chapéu de volta, escondeu os olhos novamente, enquanto debaixo de sua sombra ele observou que, embora as suas roupas grosseiras de algodão muito usadas, as mangas arregaçadas até o cotovelo, a saia suja, seu rosto poderia ter sido bonito, mas parecia ter envelhecido antes do tempo. Talvez fosse apenas o cabelo, voando ao redor como ervas daninhas a partir do pescoço, onde ele tinha sido preso. Ele lhe deu trinta anos, mas pensou que se ela sorrisse, isso poderia tirar cinco anos dela.

— Eu sou Eleanor Dinsmore... Sra. Glendon Dinsmore.

— Will Parker — ele disse, colocando uma mão em torno de sua aba do chapéu; em seguida, colocando o polegar no bolso traseiro de novo.

Ela soube logo depois que ele era um homem de poucas palavras; que iria se adequar a ela muito bem. Mesmo quando ela lhe desse a chance, ele não fazia perguntas como a maioria dos homens. Então, ela continuou a falar:

— Você está por aqui há muito tempo?

— Quatro dias.

— Quatro dias ficando onde?

— Estive trabalhando na serraria.

— Trabalhando para Overmire?

Will assentiu com a cabeça.

— Ele não é bom. Você estará melhor trabalhando aqui — ela olhou em volta e continuou: — Eu estive aqui em Whitney durante toda a minha vida.

Ela não suspirou, mas ela não precisava suspirar. Ele ouviu o cansaço em suas palavras, enquanto examinava o sombrio quintal. Seus olhos se voltaram para ele e ela descansou uma nodosa mão em sua barriga. Quando ela falou de novo, sua voz tinha um toque de perplexidade.

— Senhor, eu mantive aquele anúncio na serraria por mais de três meses e agora você é o primeiro tolo o suficiente para vir até a colina conferir. Sei o que este lugar é. Eu sei o que eu sou. Lá embaixo, eles me chamam de louca — sua cabeça se projetou para frente. — Você sabia disso?

— Sim, senhora — ele respondeu, calmamente.

O rosto dela demonstrou surpresa, então ela riu. — Honesto você, não é? Bem, eu só estou querendo saber por que você não está correndo ainda.

Ele cruzou os braços e jogou o peso para o outro quadril. Aquela mulher estava equivocada. Depois que ela descobrisse sobre o seu encarceramento, ele seria rechaçado por esse caminho mais rápido do que uma barata quando a luz acende. Dizer-lhe a verdade era tão bom quanto colocar uma espingarda nas mãos dela. Mas ela descobriria de qualquer jeito, ele poderia muito bem acabar com isso agora.

— Talvez você deva ser a única a sair correndo.

— Por quê?

Will Parker olhou diretamente para os olhos dela.

— Eu passei um tempo na prisão. É melhor você saber desde o começo.

Ele esperava sinais rápidos de retirada. Em vez disso, Eleanor Dinsmore franziu a boca e disse em um tom insociável: — Eu disse para tirar esse chapéu, assim eu posso ver com qual tipo de homem eu estou lidando aqui.

Ele o tirou lentamente, revelando um rosto limpo de todas as emoções.

— Por que eles colocaram você lá? — ela poderia suspeitar, pelo toque nervoso dele na aba do chapéu sobre a coxa, que queriam trancá-lo novamente. Agradava-lhe que ela não desse sinal de que pensava assim. — Eles disseram que eu matei uma mulher em um bordel no Texas.

Sua resposta a surpreendeu, mas ela não demonstrou nenhum sinal de medo.

— E você matou? — ela perguntou, observando os olhos resolutos dele. O controle. A falta de expressão. Ele engoliu em seco e seu pomo de adão se moveu.

— Sim, senhora.

Ela submergiu de outro sobressalto de surpresa e perguntou: — Você teve um bom motivo?

— Foi o que pensei na hora.

À queima-roupa, ela perguntou: — Bem, Will Parker, você planeja fazer isso comigo?

A pergunta o pegou de surpresa e Will baixou os cantos de seus lábios.

— Não, senhora — ele respondeu, calmamente.

Ela olhou fixamente para os olhos dele, aproximou-se dois passos para mais perto e decidiu que ele não se parecia com um assassino, nem agia como um. E ele certamente não era nenhum mentiroso: tinha os braços de um homem trabalhador e não iria tagarelar pelos cotovelos. Era bom o suficiente para ela.

— Está bem, então, você pode ficar. De qualquer maneira, eles dizem que eu sou louca, pode ser bom lhes dar algo para pensar — ela pegou o bebê, empurrou devagar a outra criança para que fosse à frente dela, e abriu o caminho para a casa. A criança espiou para ver se Will os seguia; o bebê também olhou por cima do ombro de sua mãe; mas a mãe continuou de costas, como se dissesse “faça o que quiser, Will Parker”.

Ela andava como um pelicano, balançando a cada passo de forma desajeitada. Seu cabelo estava sem brilho, os ombros redondos e os quadris largos.

A casa era uma coisa grotesca, inclinada em várias direções ao mesmo tempo. Parecia ter sido construída por etapas, cada adição colocada um pouco fora do alinhamento, pelo vento predominante do momento. A parte principal estava orientada para o Nordeste, uma ala para o Oeste e a entrada para o Leste. As janelas eram quadradas, havia manchas de estanho no telhado, e os degraus da varanda estavam apodrecendo, mas o interior da casa cheirava a pão fresco.

Os olhos de Will os encontraram esfriando sobre o armário da cozinha, debaixo de um pano de prato. Ele teve que se forçar a prestar atenção em Eleanor Dinsmore quando ela colocou o bebê em uma cadeira alta e ofereceu: — Que tal uma xícara de café?

Ele balançou a cabeça em silêncio, aventurando-se a ir mais longe do tapete da porta da cozinha. Seus olhos a seguiram enquanto ela foi buscar dois copos e os encheu com algo de uma panela de esmalte branco no fogão de ferro, enquanto a criança loira se escondia atrás de sua saia, dificultando seus passos.

— Me deixe agora, Donald Wade, para que eu possa colocar o café do Sr. Parker — a criança continuou agarrada, chupando o dedo, até que finalmente ela se abaixou para pegá-la no colo.

— Este aqui é Donald Wade — disse ela. — Ele é um pouco tímido. Não viu muitos estranhos na sua vida.

Wil permaneceu perto da porta. — Olá, Donald Wade — disse ele, balançando a cabeça. Donald Wade enterrou o rosto no pescoço de sua mãe, enquanto ela se sentava em uma

cadeira de madeira, junto a uma mesa coberta apenas com um jarro de flores vermelhas.

— Você vai ficar nessa porta a noite toda? — ela perguntou.

— Não, senhora — ele se aproximou da mesa com cuidado, puxou uma cadeira e se sentou bem longe de Eleanor Dinsmore, o chapéu novamente puxado sobre os olhos. Ela esperou, mas ele só tomou um gole de café quente, sem dizer nada, olhando ocasionalmente para ela, para o menino e algo atrás dela.

— Eu acho que você está se perguntando sobre mim — disse ela, finalmente. Ela alisou as costas da camisa de Donald Wade com a palma da mão, à espera de perguntas que não vieram. A cozinha permaneceu com apenas o som do bebê batendo a mão no espaldar de madeira da cadeira. Ela se levantou e pegou um biscoito seco e o entregou à criança. O bebê gorgolejou, tomou-o com um punho gordo e começou a chupá-lo. Ela ficou atrás da criança, olhando para Will, enquanto repetidamente afastava o cabelo da criança daquela testa suave. Ela desejou que Will olhasse para ela, seria necessário tirar aquele chapéu para que eles pudessem começar. Donald Wade a tinha seguido, estava novamente agarrado à sua saia. Ainda alisando o cabelo do bebê, Eleanor encontrou a cabeça de Donald Wade com a mão livre. Estando assim, ela disse o que precisava dizer:

— O nome do bebê é Thomas. Ele tem quase um ano e meio de idade. Donald Wade vai fazer quatro. Este vai nascer um pouco antes do Natal, pelas contas que eu fiz. O nome do pai deles era Glendon.

Os olhos de Will Parker foram atraídos para a barriga dela, quando ela descansou a mão sobre ela. Ele pensou que, talvez, houvesse mais de um tipo de prisão.

— Onde está o pai? — ele perguntou, levantando os olhos para o rosto dela.

Ela apontou com a cabeça para o Oeste e respondeu: — No pomar. Enterrei-o lá fora.

— Eu pensei... — mas ele hesitou.

— Você tem um jeito estranho de não dizer as coisas, Sr. Parker. Como alguém vai formar uma opinião sobre você, se você se mostra tão reservado?

Will a estudou, encontrando dificuldade para se soltar depois de cinco anos na prisão. E ele não sabia se deveria falar na frente das crianças. Ele olhou para Donald, o maiorzinho.

— Vá em frente, diga — Eleanor Dinsmore cutucou.

— Eu pensei que talvez o homem tivesse fugido. Muitos deles estão fazendo isso desde a Grande Depressão.

— Eu não estaria procurando por nenhum marido, então, estaria?

O olhar de Will caiu culposamente em sua xícara de café e ele respondeu: — Eu acho que não.

— De qualquer maneira, Glendon nunca sonharia em fugir. Ele não precisava. Ele estava tão cheio de sonhos. Mas ele não estava aqui de qualquer maneira também, mas a quilômetros de distância, ficava sonhando com isso ou aquilo. Nós dois juntos tivemos muitos sonhos — pelo jeito que ela olhou para ele, Will sabia que ela já não os tinha mais.

— Há quanto tempo ele está morto?

— Oh, não se preocupe, o bebê é dele — ela apontou para a barriga.

Will se ruborizou.

— Não foi minha intenção dizer isso.

— Claro que foi. Vi seus olhos quando você entrou aqui. Ele está morto desde abril. Foi seus sonhos que o mataram. Desta vez, foram as abelhas e seu mel. Ele pensou que iria ficar rico muito rápido cultivando mel no pomar, mas havia um enxame de abelhas e ele estava com muita pressa para usar o bom senso. Ele nunca quis me ouvir muito — ela ficou com um olhar distante. Will observou a maneira como as mãos dela permaneciam no cabelo do bebê.

— Alguns homens são assim — as palavras soaram estranhas na boca de Will. Conforto, fosse recebendo ou dando, era estranho para ele.

— Tenho certeza de que ele estava feliz, apesar de tudo. Ele tinha o jeito dele... — a expressão no rosto dela, enquanto falava, fez com que Will tivesse certeza de que ela acariciava os cabelos da criança, mas era nos cabelos de Glendon Dinsmore que ela estava pensando. Ela agia como se tivesse esquecido que Will estivesse ali. Ele não conseguia parar de olhar para as mãos dela. Vê-la alisando o cabelo do bebê, enquanto a criança continuava com seu biscoito e fazia sons guturais, era outra daquelas coisas doces que chegavam até a alma de Will. Ele se perguntou se alguém já tinha feito isso com ele, talvez, há tempo demais para que ele pudesse se lembrar, mas ele não tinha nenhuma lembrança consciente de ter sido tocado dessa forma.

Eleanor Dinsmore voltou ao presente para encontrar os olhos de Will Parker em suas mãos.

— Então, o que você está pensando, Sr. Parker?

— Eu não me importo com as crianças.

— Você não se importa?

— Quero dizer, eu não me incomodo que você as tenha. Seu anúncio não falou nada sobre elas...

— Eu não queria espantar os candidatos. Você gosta de crianças, então? — perguntou ela, esperançosa.

— Eu não sei. Nunca estive perto de muitas delas. As suas parecem ser boas o suficiente.

Ela sorriu para seus filhos e deu a cada um deles um tapinha amoroso.

— Eles podem ser uma alegria — a forma de pensar dela o surpreendeu, pois ela parecia cansada e consumida além de seus anos, tendo que cuidar dos dois com um a mais a caminho. — Apenas se certifique, Sr. Parker — ela acrescentou —, porque três é bastante. Eu não vou querer bater neles quando eles ficarem problemáticos. Eles são os meninos do Glendon e ele certamente nunca sonhou em pôr uma mão sobre eles.

O que exatamente ela estava pensando dele? Ele sentiu que ruborizava. Mas o que ele queria que ela pensasse depois do que ele tinha revelado lá fora, no quintal?

— Você tem a minha palavra.

Ela acreditou nele. Talvez por causa da maneira como seus olhos pousaram no cabelo do bebê Thomas. Ela gostava de seus olhos e eles tinham uma maneira de ficarem suaves quando

pousavam sobre os meninos. Mas os meninos não eram as únicas coisas a serem consideradas.

— Tenho que dizer — ela continuou —, que eu amei o Glendon imensamente. Leva algum tempo para superar um homem assim. Eu não estaria procurando por um homem, a menos que eu tivesse que procurar. O inverno está chegando, e o bebê também... eu estou com problemas, Sr. Parker. Você entende, não é?

Will assentiu solenemente, notando a ausência de autopiedade em sua voz.

— Outra coisa — ela se concentrou no cabelo de Thomas, acariciando-o de forma diferente, e suas bochechas ficando coradas. — Ter três bebês, um com menos de quatro anos de idade... bem... não me interprete mal, eu amo todos imensamente, mas eu não quero mais. Três é o bastante para mim.

Por Deus, aquele pensamento não tinha passado pela sua cabeça. Aquela mulher tinha um aspecto quase tão lamentável quanto sua fazenda, e ainda estava grávida. Ele apenas precisava de um leito seco, de preferência sem ela.

Quando ela olhou para cima, Will Parker olhou para baixo.

— Senhora... — ele hesitou, limpou a garganta e tentou novamente: — Minha senhora, eu não vim aqui à procura de... — ele engoliu em seco, olhou para cima, em seguida, para baixo bruscamente. — Eu apenas preciso de um lugar. Estou cansado de ir de um lado para o outro.

— Você viajou muito, não é?

— Eu tenho feito isso desde que me lembro...

— De onde começou a viajar? — disse ela. Ele encontrou seus olhos, intrigado.

— Quer dizer que você não se lembra?

— Lembro-me de algum lugar no Texas.

— Isso é tudo o que você sabe? — ela parecia intrigada.

— Sim, senhora.

— Talvez você tenha sorte... — ela comentou. Embora ele a tivesse olhado de forma interrogativa, a observação ficou sem explicação. Ela apenas acrescentou: — Eu nasci em Whitney. O mais distante que já fui foi sair da cidade para vir até aqui. Você, no entanto, foi mais longe.

Ele balançou a cabeça em silêncio. Mais uma vez, ela parecia satisfeita com a sua rudeza, sua falta de curiosidade. Ela pensou que poderia se dar muito bem com um homem como ele.

— Então você está apenas procurando uma cama seca e um prato cheio.

— Sim, senhora.

Ela o estudou por um momento, a maneira como ele se sentou na beirada da cadeira, tomando nada como garantido, a forma como ele manteve a aba do chapéu puxada para baixo, como se protegendo de qualquer segredo que ela pudesse ler em seus olhos. *Bem, todo mundo tem segredos.* Pensou ela. Deixe-o manter os dele e ela manteria os dela. Mas com certeza ela não se precipitaria em acatar um acordo com um homem cujos olhos ela ainda não tinha visto claramente. E, além disso, ela achou que ele não queria ficar com ela. Ele era um vagabundo e ex-presidiário; ela pobre, grávida, e sem beleza. Quem era o perdedor maior?

— Sr. Parker, esta casa não é muito, mas eu agradeceria se você tirasse o chapéu quando você estiver nela.

Ele estendeu a mão lentamente e tirou o chapéu. Ela acendeu a lamparina de querosene e a empurrou de lado para que eles pudessem se olhar sem que ela tapasse a linha de visão.

Por longos momentos eles estudaram um ao outro. Os lábios dele estavam rachados e seu rosto magro, mas seus olhos eram mesmo marrons. Marrons como nozes, com longos cílios negros e um par de rugas entre as sobrancelhas bem delineadas. Ele tinha um bom nariz afilado e reto, alguns poderiam até chamá-lo de bonito, e uma boca agradável. Mas tão tensa o tempo todo! Bem, talvez ela pudesse fazê-lo sorrir. Ele era tranquilo falando, ela gostava disso. E esses braços podiam ser magros, mas eles tinham trabalhado. Isso, acima de tudo, importava. Se havia uma coisa que um homem teria que fazer por ali era trabalhar.

Ela decidiu que ele serviria.

Eleanor tinha uma pele de textura fina, ossos fortes e recursos que, se tomados um a um, não eram realmente desagradáveis. As maçãs do rosto eram um pouco proeminentes, o lábio superior um pouco magro demais, e seu cabelo estava despenteado. Mas era castanho, e ele se perguntou se com uma boa lavagem não poderia ficar cor de mel. Ele mudou o estudo para seus olhos e os viu pela primeira vez: eles eram verdes. Uma mulher de olhos verdes que tocava seus bebês como cada bebê merecia ser tocado.

Ele decidiu que ela serviria.

— Eu queria que você visse o que está aceitando — ela disse —, e não é muita coisa.

Will Parker não era um homem de palavras bonitas, mas uma coisa ele poderia dizer:

— Cabe a mim decidir isso.

Ela não se perturbou ou corou, só se empurrou para fora da cadeira, e ofereceu: — Eu vou te dar mais café, Sr. Parker.

Ela encheu ambas as xícaras, em seguida, voltou com elas. Ele passou as mãos em volta da xícara quente e assistiu a chama da lamparina brincar na superfície do líquido preto.

— Você não tem medo de mim? — ele perguntou.

— Talvez eu tenha.

Ele ergueu seu olhar.

— Não é isso que aparenta.

— Uma pessoa nem sempre deixa transparecer algo.

— Você está ocultando isso? — ele tinha que saber.

Na luz da lamparina eles estudaram um ao outro novamente. Tudo estava calmo, exceto pelos pés descalços de Donald Wade batendo em uma perna da cadeira e o bebê chupando os dedos pegajosos.

— E se eu dissesse que eu estou?

— Então eu voltaria pelo caminho pelo qual eu vim.

— Você quer fazer isso?

Ele não estava acostumado a ser autorizado a dizer o que pensava. A prisão o tinha ensinado que o caminho para o mínimo de problemas era manter a boca fechada. Parecia estranho ter sido concedido a ele a liberdade de dizer o que ele queria.

— Não, eu não acho que quero.

— Você quer ficar aqui com todos lá embaixo pensando que eu sou louca?

— Você é? — ele não tinha a intenção de perguntar uma coisa dessas, mas ela tinha um jeito de fazer um homem falar.

— Talvez um pouco. Isto aqui que estou fazendo parece loucura para mim. Não parece o mesmo para você?

— Bem...

Ela percebeu que ele era muito gentil para dizer que sim. Naquele momento, Will sentiu uma pontada na barriga, devido às maçãs que não estavam maduras, mas não quis admitir, então se convenceu de que só eram os nervos. Solicitar um trabalho como um marido não era exatamente uma ocorrência diária.

— Você poderia passar a noite — ela ofereceu —, olhar mais o lugar na parte da manhã, quando a luz estiver forte. E decidir, então — ela fez uma pausa e acrescentou: — No celeiro.

— Sim, senhora — a dor lhe golpeou de novo, mais forte desta vez, e ele fez uma careta.

Ela pensou que era por causa do que ela disse, mas levaria algum tempo antes dela confiar nele o suficiente para que ele entrasse na casa à noite. E, além disso, ela podia ser louca, mas ela não era negligente.

— As noites são muito quentes. Vou fazer para você uma cama improvisada lá fora.

Ele balançou a cabeça em silêncio, tocando a aba do chapéu, como se ansioso para colocá-lo novamente.

Ela disse ao seu filho mais velho: — Vá buscar o travesseiro do papai, Donald Wade.

O menino a abraçou timidamente, olhando para Will. Ela pegou a mão dele. — Venha, vamos buscá-lo juntos.

Will os viu sair de mãos dadas, e sentiu uma dor no estômago que não tinha nada a ver com as maçãs.

Quando Eleanor voltou para a cozinha, Will Parker tinha ido embora. Thomas ainda estava em sua cadeira alta, descontente agora que seu biscoito tinha acabado. Ela experimentou uma pontada de decepção curiosa: ele tinha fugido.

Bem, o que você esperava?

Em seguida, do lado de fora, ela ouviu o som de ânsias de vômito. O sol tinha partido por trás dos pinheiros, levando a sua luz com ele. Eleanor pisou na parte de trás da varanda e o ouviu vomitando.

— Fique aí dentro, Donald Wade — ela empurrou o menino e fechou a porta de tela. Embora ele tenha começado a chorar, ela o ignorou, e caminhou até o final da escada arruinada.

— Sr. Parker, você está doente? — ela não queria um homem doente.

Ele se endireitou com esforço, de costas para ela.

— Não, senhora.

— Mas você está vomitando.

Ele engoliu uma golfada do ar refrescante da noite, jogou a cabeça para trás e secou a testa com uma manga.

— Eu estou bem agora. Foram as maçãs que não estavam maduras.

— Quais maçãs?

— Eu comi maçãs, que não estavam maduras ainda, no almoço.

— Um homem crescido deve ter mais juízo! — ela o repreendeu.

— Juízo não tem nada a ver com isso, senhora. Eu estava com fome.

Ela ficou no escuro, abraçando o travesseiro de Glendon Dinsmore contra sua barriga proeminente, observando e ouvindo quando outro espasmo atingiu Will Parker e ele se dobrou. Mas não havia mais nada dentro dele para sair. Ela deixou o travesseiro sobre a grade da varanda e cruzou a terra batida para ficar atrás de sua figura magra. Ele apoiou as duas mãos sobre os joelhos, tentando recuperar o fôlego. Suas vértebras se destacavam como degraus. Ela estendeu a mão como se quisesse colocá-la em suas costas, mas, pensou melhor, e cruzou os braços firmemente sob os seios.

Ele se endireitou, músculo a músculo, e soltou um suspiro.

— Por que você não disse? — perguntou ela.

— Eu pensei que isso iria passar.

— Você não almoçou nada mais?

Ele não respondeu.

— Nem jantou tampouco? — mais uma vez ele permaneceu em silêncio.

— De onde você tirou as maçãs?

— Roubei-as da árvore de alguém. De um lugar na estrada principal, entre aqui e a serraria, com flores rosadas, era uma pequena macieira.

— A casa de Tom Marsh. Eles são boas pessoas. Bem, isso vai lhe ensinar uma lição — ela se virou em direção aos degraus.

— Vamos voltar para casa e eu vou preparar alguma coisa para você comer.

— Isso não é necessário, minha senhora. Eu não estou...

A voz dela tornou-se mais nítida. — Volte para a casa, Will Parker, antes de seu orgulho tolo empurrar as suas costelas através de sua pele.

Will esfregou seu estômago dolorido e a observou subir os degraus da varanda, pisando perto das bordas onde as tábuas ainda estavam boas. A porta de tela bateu, fechando-se atrás dela. Lá dentro, Donald Wade parou de chorar. Ali fora, os grilos começaram a cantar. Ele olhou por cima do ombro. As sombras emprestavam uma riqueza à clareira escura, disfarçando o seu lixo enferrujado, o esterco e as ervas daninhas. Mas ele se lembrou de como ali tinha parecido à luz do dia, o quão grotesca a casa estava, como desgastada e sem brilho Eleanor Dinsmore parecia e como ela deixou claro que não queria que qualquer prisioneiro dormisse na casa dela. Logo que a seguiu para dentro, ele se perguntou que diabos ele estava fazendo.

CAPÍTULO 2

UM LAR DE VERDADE

Eleanor o deixou sentado na cozinha, enquanto ela colocava os meninos para dormir. Ele ficou olhando ao redor. Os armários consistiam em prateleiras exibindo panelas e pratos sob uma bancada de trabalho toscamente coberta com linóleo rachado. Entre os pregos que os prendia, faltavam pedaços. A pia estava velha, quebrada, e com um único cano curto para jorrar o escoamento para um balde embaixo. Não havia bomba. Em vez disso, um balde de água embaixo da pia. O chão estava coberto por linóleo de padrões diferentes, mas se mostrava mais preto do que o desenho da hera verde. O teto necessitava de lavagem. Estava cinza, com fuligem acima do fogão a lenha. Aparentemente, alguém havia tido sonhos de refazer as paredes, mas tinha parado ao arrancar o velho gesso de uma delas, deixando as ripas de madeira aparentes como os ossos de um esqueleto.

Will achou surpreendente que um local tão desorganizado pudesse ter um cheiro tão bom. Seus olhos se moveram para o pão e ele se obrigou a ficar sentado e esperar.

Quando Eleanor Dinsmore voltou para a cozinha, ele fez com que o chapéu estivesse sobre a mesa, em vez de em sua cabeça. Com esforço, ele se levantou da cadeira, apoiando o estômago com um braço.

— Não há necessidade de se levantar. Descanse, enquanto eu preparo algo.

Ele deixou cair o seu peso na cadeira, enquanto ela abria um alçapão de madeira no chão e desaparecia em um conjunto de rústicos degraus íngremes. Em seguida ela reapareceu, subindo desajeitadamente. Quando ela pegou o aro do alçapão, ele estava esperando para abaixá-lo para ela. Seu olhar assustado disse a Will que ela não estava acostumada com homens fazendo isso por ela. Também havia se passado um longo tempo, desde que ele tinha realizado cortesias para uma mulher, mas ele descobriu que era impossível assistir a um uma grávida lutando com a escotilha da despensa sem oferecer uma mão.

E por um momento, nenhum dos dois soube o que dizer.

Finalmente, ela desviou o olhar, e disse: — Eu agradeço por isso, Sr. Parker — e quando ele abaixou o alçapão atrás dela, ela prosseguiu: — Nunca tive um homem abrindo e fechando as portas para mim. Glendon, ele nunca aprendeu a ser educado. Isso me faz sentir um pouco tola. Enfim, eu pensei em lhe dizer para se sentir confortável. Sua barriga deve estar sofrendo depois que você devolveu as maçãs.

Ele sorriu para ela, pela simplicidade da conversa, e voltou para a cadeira, vendo como ela acrescentava lenha no fogão e colocava a chaleira no fogo para aquecer.

— Eu sinto muito sobre o que aconteceu lá fora, no quintal. Acho que envergonhei você.

— É um ato puramente natural, Sr. Parker — ela agitou o conteúdo da panela. — Além disso, eu não me envergonho fácil — ela colocou a colher na panela e deu um sorriso irônico. — Pelo menos você fez isso antes de provar minha comida.

Ela lhe deu um sorriso caloroso e teve um dos raros sorrisos dele em troca. Ele tentou lembrar se já tinha conhecido uma mulher com senso de humor, mas nenhuma lhe veio à mente. Ele a observou se movimentar de forma deselegante, balançando, colocando uma mão em sua barriga quando se esticava ou encurvava. Ele se perguntou se ela realmente era louca, ou se ele também o era. Já era ruim o suficiente ter uma mulher estranha como esposa, pior ainda ter uma que estava grávida. O que diabos ele sabia sobre as mulheres grávidas? Só que, em outra época, ele poderia ter deixado algumas delas para trás.

— Você provavelmente se sentiria melhor se você se lavasse um pouco — ela sugeriu.

Em sua forma habitual, ele nem se moveu, nem respondeu.

— Ali está a bacia — ela apontou. Em seguida, virou-se, ocupando-se. Ele lançou um olhar desejoso para a bacia, para o sabão, para a toalha branca pendurada nos pregos diante da pia.

Depois de um minuto, ela se virou e perguntou: — Qual é o problema? O estômago dói muito para você poder se levantar?

— Não, senhora — ele não estava acostumado à liberdade, e não acreditava nisso totalmente. Era como se tudo o que ele alcançasse fosse lhe ser tirado depois. Na prisão, um homem aprendia cedo a tomar nada como garantido. Nem o conforto mais básico de uma criatura. Esta era a casa dela, o sabonete dela, a água dela. Ela não poderia entender o quão valioso tudo aquilo parecia a um homem recém-liberto.

— Bem, o que é? — perguntou ela, impaciente.

— Nada.

— Então, sirva-se da água e da bacia.

Ele ficou de pé, mas se moveu com cautela. Ali, atrás de si, encontrou uma bacia branca e limpa na pia; e no prego, a toalha branca e limpa. Tão branca. Mais branca do que qualquer coisa de que ele se lembrava. Na prisão, as toalhas tinham sido castanho-avermelhadas e verdes e tinham ficado mofadas muito antes de serem trocadas.

Eleanor olhou por cima do ombro, enquanto ele enchia a bacia, em seguida, mergulhava as mãos na água fria.

— Você não quer água quente?

Ele a olhou por cima do ombro. Seus olhos, quando não estavam cuidadosamente sem expressão, estavam questionadores e incertos.

— Sim, senhora — ele respondeu.

Mas, depois de enxugar as mãos, ele não fez nenhum movimento em direção à chaleira. Ela a tirou do fogão e despejou a água quente para ele, em seguida, virou as costas, fingindo voltar à panela. Mas ela o olhou, disfarçadamente, por cima do ombro, confundida por sua hesitação estranha. Ele achatou as palmas das mãos contra o fundo da bacia e se inclinou para frente com sua cabeça baixa. Lá estava ele, como se paralisado. *O que no mundo ele estava fazendo?* Ela se inclinou para o lado e olhou diretamente para ele, os olhos dele estavam fechados, seus lábios abertos. Por fim, ele jogou a água no rosto e teve um pequeno tremor. *Senhor misericordioso, então era isso!* A compreensão a emocionou. Ela sentiu uma onda de calor passar por seu corpo, uma estranha emoção de simpatia perpassou seu coração.

— Quanto tempo faz? — ela perguntou em voz baixa. Ele levantou sua cabeça, mas não se virou nem falou. Água escorria de seu rosto e das mãos e caía na bacia.

— Há quanto tempo você não usa água quente? — ela insistiu no tom mais gentil que ela conseguiu.

— Há muito tempo.

— Quanto?

Ele não queria sua piedade.

— Cinco anos.

— Você esteve na prisão por cinco anos?

— Sim, senhora — ele enterrou o rosto na toalha, cheirava a sabão caseiro de soda cáustica e ar fresco, e ele demorou a saborear sua maciez e cheiro.

— Você quer dizer que a água da prisão é fria? — ela perguntou.

Ele colocou a toalha de volta no lugar sem responder. A água tinha sido fria por toda a sua vida, em riachos, lagos e cochos para cavalos. E muitas vezes ele se enxugava com sua camisa, ou em um dia de sorte, com o sol.

— Há quanto tempo você está solto?

— Um par de meses.

— Quanto tempo faz que você comeu uma refeição decente? — ainda em silêncio, ele fechou dois botões da camisa, olhando para a janela acima da pia.

— Sr. Parker, eu lhe fiz uma pergunta.

Em uma prateleira à sua esquerda, um pequeno espelho redondo refletia a imagem dela. O que ele viu em predominância foi obstinação.

— Faz um tempo — ele respondeu, sem rodeios, enquanto seus olhos se encontravam no espelho.

Eleanor percebeu que ele era um homem que aceitaria um desafio mais facilmente do que a caridade, por isso ela cuidadosamente limpou toda a simpatia de sua voz.

— Eu deveria pensar — ela advertiu, dando um passo atrás dele, segurando seu olhar no espelho — que um homem que tem sido tratado de forma tão áspera pode precisar de um pouco de sabão — ela se esticou em torno dele, pegou uma barra de sabão e deixou-a na mão dele, então descansou as mãos nos quadris. — Você não está mais na prisão, Sr. Parker. O sabão é gratuito para o banho aqui, e há sempre água quente. A única coisa que peço é que, quando você tiver terminado, derrame a água fora, e lave a bacia.

Olhando para ela, através do espelho, ele sentiu como se um peso enorme tivesse sido tirado de seu peito. Ela ficou na pose de um lutador, desafiando-o a desafiá-la. Mas debaixo de sua fachada pomposa, ele sentiu um espírito generoso.

— Sim, senhora — ele respondeu, calmamente. E desta vez, antes de se inclinar sobre a bem-vinda água quente, ele tirou sua camisa.

Santo Deus, ele estava magro. Em suas costas apareciam suas costelas. Elas se sobressaíam como a armação de uma pipa em um vento forte. Ele começou a espalhar espuma de sabão com as mãos no peito, braços, pescoço e em torno de seu tórax, até onde ele poderia alcançar. Ele se inclinou para frente, e os olhos dela foram atraídos para as costas bronzeadas, para onde uma faixa branca de pele aparecia acima da linha do

elástico acinzentado de sua cueca. Ela nunca tinha visto nenhum homem, além de Glendon, se lavar. Seu avô foi o único outro homem que já tinha vivido com ela e certamente não tinha se mostrado a qualquer mulher. Olhando fixamente para Will Parker, enquanto ele fazia sua limpeza, Eleanor, de repente, percebeu que ela estava assistindo algo muito pessoal, e virou-se, sentindo-se culpada.

— A toalha está aí para você, use-a — ela saiu da cozinha para lhe dar privacidade.

Voltou alguns minutos depois o encontrando de rosto brilhante, abotoando a camisa.

— Peguei essa — ela levantou uma escova de dente amarela. — Foi de Glendon, mas eu vou limpá-la com soda cáustica, se você não se importar com ela ser de segunda mão.

Ele passou a língua sobre os dentes e assentiu. Ela pegou um copo, colocou colheradas de bicarbonato nele e o encheu com a água fervida na chaleira.

— Todo mundo deveria ter uma escova de dente — declarou ela, mexendo com a de Glendon Dinsmore.

Ela a entregou a Will junto com uma lata de pó de dentes, em seguida, levantou-se e observou enquanto ele o despejava na palma da mão.

Will não gostava de ser observado. Ele foi observado por cinco anos e agora que ele estava livre, devia ser capaz de fazer as suas coisas em privado, sem sentir os olhos de alguém em cima dele. Mas, mesmo de costas, ele sentiu o exame durante todo o tempo que ele usou a escova de dente do antigo marido, saboreando o pó que era tão doce que ele sentia vontade de

engoli-lo, em vez de cuspi-lo. Quando ele terminou, ela mandou:
— Bem, sente-se à mesa.

Ela serviu-lhe sopa de legumes, quente e aromática, engrossada com quiabo, tomate e carne. Suas mãos descansaram ao lado do prato, enquanto ele lutava contra a compulsão de devorar a sopa como um animal. Seu estômago parecia rolar e implorar, mas ele hesitou, saboreando não só o cheiro, mas a antecipação, e o fato de que ele estava autorizado a demorar o tempo que ele quisesse; nenhum sinal tocaria, nem guardas o incitariam a se apressar.

— Vá em frente... Coma.

Era diferente, sendo dito por ela, ao invés de guardas. Seus motivos eram estritamente amigáveis. Seus olhos seguiram seus movimentos quando ele mergulhou a colher e a levou aos lábios. Era a melhor sopa que ele já tinha experimentado.

— Eu perguntei quanto tempo faz desde a sua última refeição. Você vai me dizer ou não?

Seu olhar cintilou para cima brevemente.

— Um par de dias.

— Um par de dias?

— Parei em um restaurante da cidade querendo ler os anúncios, mas havia uma garçonete lá, que eu particularmente não desejava a atenção, então eu segui em frente sem comer.

— Lula Peak. É bom evitá-la. Ela vem perseguindo homens desde que ela era bonita o suficiente para alcançá-los. Então você esteve comendo maçãs que não amadureceram em um par de dias, não é?

Ele deu de ombros, mas seu olhar correu rapidamente para o pão atrás dela.

— Não há nenhuma vergonha em admitir que você estava com fome, você sabe.

Mas havia. Para Will Parker havia. Apenas emergindo das mandíbulas da Depressão, a América ainda estava infestada de mendigos, vagabundos, que tinham fugido de suas famílias e embarcado nos vagões sem rumo, pedindo esmolas nas portas das casas. Durante os últimos dois meses ele tinha visto, até viajado com dezenas deles. Mas ele nunca tinha sido capaz de se levar a pedir esmola. Roubar, sim, mas só o estritamente necessário.

Ela o observou comer, viu seus olhos permanecerem abatidos quase o tempo todo. Cada vez que se movimentavam até pareciam atraídos para algo atrás dela. Ela se moveu na cadeira para ver o que era. O pão. Que estupidez a dela!

— Por que você não disse que queria um pouco de pão fresco? — repreendeu-o, quando ela se levantou para pegar o pão.

Mas ele era bem educado demais para pedir. Na prisão, pedir significava ser escarnecido ou que o tratassem como um animal e o obrigassem a realizar atos hediondos, que fazia de um homem ser motivo de diversão para seus carcereiros. Pedir era colocar o poder nas mãos sádicas de quem já exercia poder o suficiente para desumanizar qualquer um que escolhesse desafiá-los.

Mas nenhuma mulher com três pães frescos podia compreender uma coisa dessas. Ele abafou as lembranças

hediondas, enquanto ele a olhava gíngar até o topo do armário e buscar uma faca de uma panela de barro cheia de utensílios, ficando nas pontas dos pés. Ela pegou uma faca e voltou à mesa para cortar um pedaço generoso de pão para ele, que sentiu sua boca se encher de água. Suas narinas dilataram. Seus olhos ficaram pregados na fatia branca ondulando suavemente da lâmina. Ela pegou o pedaço com a ponta da faca e o mostrou. — Você quer isso?

Oh, Meu Deus, de novo não. Seus olhos famintos voaram para o rosto dela, assumindo a aparência de um animal encurralado. Contra sua vontade, a memória foi reacendida, de Weeks, o guarda da prisão, com seus olhos sacanas de anfíbio e os dentes arreganhados em uma paródia de um sorriso, sua voz untuosa com sua risada pervertida: — Você quer isso, Parker? Então uive como um cão.

E ele uivava como um cão.

— Você quer isso? — Eleanor Dinsmore repetiu, desta vez mais suave, tirando Will do passado de volta para o presente.

— Sim, senhora — ele proferiu, sentindo o nó familiar de desamparo alojado em sua garganta.

— Então tudo que você tem a fazer é dizer isso. Lembre-se disso — ela deixou cair o pão ao lado de sua tigela de sopa. — Aqui não é a prisão, Sr. Parker. O pão não vai desaparecer e ninguém vai bater em sua mão se você chegar até ele. Mas aqui você pode ter que pedir as coisas. Não sou leitora de mentes, você sabe.

Ele sentiu a tensão sendo drenada para fora dele, mas manteve seus ombros rígidos, perguntando-se o que fazer com

Eleanor Dinsmore: às vezes tão ditatorial e antipática; e às vezes tão sonhadora. Eram apenas as memórias dolorosas que ele tinha transportado, ela não era Weeks, e ela não iria fazê-lo pagar por pegar a comida.

O pão estava macio e quente, o maior presente que ele já recebera. Seus olhos se fecharam enquanto mastigava sua primeira mordida. Eles se abriram novamente quando ela resmungou: — Hum!

Intrigado, ele a viu virar as costas e passear por toda a cozinha buscando um pote de barro cheio da mais bela manteiga de limão brilhante do mundo. Ela voltou e a segurou um pouco além de seu alcance.

— Peça — ela ordenou.

Ele engoliu em seco. Seus ombros rígidos, o olhar desconfiado voltou ao seu rosto. Sua voz veio relutantemente. — Eu gostaria de um pouco dessa manteiga.

— É sua — sem a menor cerimônia, ela colocou o pote na mesa, em seguida, se sentou diante dele. — E não te machuca pedir por ela, não é? — ela limpou os dedos e advertiu: — Por aqui você deve pedir, porque as coisas estão uma bagunça e é desse jeito que você vai encontrar a casa na maioria das vezes. Bem, vá em frente, coma seu pão e sua manteiga.

Suas mãos seguiram as ordens dela, à medida que suas emoções trouxeram momentos adicionais para se ajustarem as inquietantes alterações de humor dela. Quando ele se inclinou sobre sua sopa, ela advertiu: — Cuidado para você não exagerar. Melhor se você comer devagar até o seu estômago se acostumar com comida decente de novo.

Ele queria dizer a ela que estava bom, melhor do que bom, o melhor que ele se lembrava. Ele queria dizer a ela que não havia manteiga na prisão, o pão era duro e seco e, certamente, nunca quente. Ele queria dizer a ela que não se lembrava da última vez que ele tinha sido convidado a se sentar a uma mesa da cozinha de alguém. Ele queria dizer a ela o quanto significava para ele estar sentado na cozinha dela. Mas elogios eram tão estranhos para ele como potes de manteiga, de modo que ele comeu o pão e sopa em silêncio.

Enquanto ele comia, ela trouxe seu crochê e se sentou para trabalhar em algo macio e distorcido e rosa. Seu anel de casamento, ainda na mão esquerda, brilhou a luz da lamparina, em ritmo com a agulha. Suas mãos eram ágeis, mas gastas pelo trabalho, e a pele bronzeada. Parecia tudo áspero quando contrastado com o fino fio rosado conforme ela o puxou com um dedo calejado.

— O que você está olhando?

Ele desviou o olhar, culpado.

Ela ajustou o fio e sorriu. O sorriso transformou a sua face.

— Nunca viu uma mulher fazendo crochê antes?

— Não, senhora.

— Estou fazendo uma manta para o bebê. Esta aqui é em forma de concha — ela a estendeu em seu joelho. — Bonita, não é?

— Sim, senhora.

Mais uma vez ele foi agredido pela nostalgia, um sentimento de coisas perdidas, o desejo de alcançar e tocar

aquela coisa rosa suave que ela estava criando. Esfregá-la entre os dedos como se fosse cabelo de uma mulher.

— Eu estou fazendo isso rosa, porque eu tenho certeza de que será uma menina desta vez. Uma menina deve de ser bom para os meninos, você não acha?

O que ele sabia sobre bebês, meninas, meninos, qualquer um? Nada, exceto que o assustavam até a morte. E as meninas? Ele nunca tinha achado as meninas especialmente agradáveis, exceto, talvez, quando elas eram mais velhas, quando um homem estava afundando seu corpo nelas. Então, por alguns minutos, enquanto elas paravam de insistir ou ameaçar ou atormentar, talvez elas fossem boas.

A agulha prateada da Sra. Dinsmore cintilou.

— Todos os bebês precisam de um cobertor quente. Esta antiga casa fica fria no inverno. Glendon, ele sempre pretendeu consertá-la e selar as fissuras, mas nunca teve tempo para isso.

Seus olhos se levantaram para a parede com o gesso arrancado.

— Talvez eu pudesse selar as fissuras para você — disse ele.

Ela olhou para cima e sorriu, desenrolando mais calmamente o fio do cesto no chão.

— Talvez, Sr. Parker. Isso seria agradável. Glendon, ele tinha boas intenções, mas de alguma forma havia sempre algo novo o tentando.

Não importava qual fosse seu humor, quando ela falava o nome Glendon, uma suavidade penetrava em sua voz, um sorriso, se houvesse um em seu rosto ou não. Will supôs que

nunca houve uma mulher no mundo que tenha parecido tão amorosa quando falava o nome dele.

— Você gostaria de um pouco mais de sopa, Sr. Parker? Um pouco mais pode ser bom.

Ele comeu até seu estômago estar duro como uma bola de beisebol. Então, sentou-se, esfregou-o e suspirou.

— Pelo visto a comida foi do seu agrado — ela colocou o seu trabalho na cesta e se levantou para limpar a mesa.

Ele observou seu movimento através da cozinha, pensando que se ele vivesse até os duzentos anos ele nunca esqueceria aquela refeição. Nem o quão bem ele tinha se sentido ao se sentar e assistir seu trabalho no fino fio rosa em forma de concha, e acreditando que amanhã, quando ele acordasse, ele poderia não ter de seguir em frente.

Ela apanhou o travesseiro e a colcha de Glendon Dinsmore e liderou o caminho para o celeiro. Ele se encontrou novamente realizando cortesias incomuns, carregando a lamparina, abrindo a porta de tela, deixando-a caminhar primeiro pelo quintal em desordem. A lua tinha subido. Ela estava suspensa sobre as árvores situadas ao leste, como uma abóbora balançando na água escura. As galinhas estavam empoleiradas, em algum lugar em meio ao lixo, sem dúvida. Ele se perguntou como ela encontrava os ovos.

— Digo a você, Sr. Parker — ela disse enquanto caminhavam ao luar —, que amanhã de manhã, quando você olhar mais o lugar, você pode decidir que não é uma boa ideia ficar. Tenha certeza de que eu não vou prendê-lo a isso, não importa o que você disse quando você chegou aqui.

Ele olhou para ela andando na frente dele, abraçando a colcha de retalhos de seu marido contra seu estômago.

— O mesmo vale para você, Sra. Dinsmore.

Pouco antes de chegarem ao celeiro, ela advertiu: — Tenha cuidado, há uma pilha de lixo aqui.

Uma pilha? Aquilo era uma piada. Ela evitou algo feito de ferro preto cravado no chão e abriu a porta do celeiro. Dobradiças sem óleo rangeram. Dentro não havia animais, mas seu nariz lhe disse que ali eles tinham estado.

— Acho que neste celeiro poderia se fazer um pouco de limpeza — observou ela, enquanto ele levantava a lamparina sobre a cabeça e examinava sob o círculo de luz.

— Eu posso fazer isso amanhã.

— Eu ficaria grata. Assim como a Madame.

— Madame?

— Minha mula. Venha — ela o levou até uma escada. — Você vai dormir lá em cima.

Ela teria começado a subir, mas ele agarrou o seu braço. — É melhor eu ir primeiro. Essa escada não parece muito confiável.

Ele colocou a lamparina enganchada sobre seu braço e começou a subir. Quando seu pé estava no terceiro degrau este estilhaçou e o jogou rente à parede, onde ele pendeu como uma marionete com uma corda arrebitada.

— Sr. Parker! — ela gritou, agarrando-se as suas pernas enquanto ele procurava um ponto de apoio.

— Para trás! — ele gritou. Ela saltou para trás e prendeu a respiração enquanto a luz da lamparina oscilava. Finalmente, ele encontrou um degrau sólido, mas testou o resto antes de colocar

seu peso sobre cada um. Ela levou a mão ao coração, vendo-o subir até alcançar com segurança o sótão.

— Senhor, você me deu um susto! Tenha cuidado.

Sua cabeça desapareceu no quadrado escuro acima, com a lamparina dourando a parte inferior da aba do seu chapéu. Só quando ele estava no assoalho sólido foi que ele olhou para baixo.

— Olha quem fala! Se eu tivesse caído, eu teria certamente derrubado você comigo.

— Eu acho que essa velha escada está tão frágil como tudo por aqui — disse ela, lamentando.

— Eu posso corrigir isso amanhã também — ele ergueu a lamparina e verificou o sótão.

— Aqui tem feno.

Ele desapareceu e ela ouviu seus passos fortes na parte de cima.

— Sinto muito sobre o cheiro — ela gritou.

— Não é tão ruim aqui. Isto vai servir.

— Eu o teria limpado se soubesse que eu teria companhia durante a noite.

— Não se preocupe. Dormi em coisas muito piores.

Ele reapareceu, ajoelhou-se e colocou a lamparina em seus joelhos.

— Você pode jogar para cima a roupa de cama?

O travesseiro subiu perfeitamente. A colcha levou três tentativas. Pela terceira vez ele estava sorrindo.

— Você não tem muitos músculos, não é? — disse ele.

Foi a primeira coisa brincalhona que ele disse. Ela estava com os punhos nos quadris, olhando para ele, enquanto ele segurava a colcha de retalhos.

Poderia não ser tão ruim ter ele por perto se ele ficasse relaxado com mais frequência.

— Oh, eu não tenho? Joguei-os aí para cima, não foi?

— Com dificuldade, mas jogou.

O sorriso suavizou o rosto dele. A provocação a animou. Pela primeira vez, eles começaram a se sentir confortáveis um com o outro.

Ele ficou de barriga e se pendurou sobre a borda do parapeito: — Aqui, pegue a lamparina.

— Não seja bobo. Eu ando por este celeiro desde antes de você possuir essa coisa que você chama de um chapéu de cowboy; conheço cada centímetro.

— O que há de errado com o meu chapéu de cowboy?

— Parece que ele passou por uma guerra.

— É meu. Ele e as minhas botas — ele balançou a lamparina: — Aqui, pegue.

Então foi por isso que ele manteve aquela coisa sobre a sua cabeça o tempo todo.

— Fique com ela — disse Eleanor, e desapareceu de vista.

Will se ajoelhou e tratou de ouvir seus passos, mas ela estava descalça.

— Sra. Dinsmore? — ele chamou.

— Sim, Sr. Parker? — ela respondeu do lado oposto do celeiro.

— Você se importa se eu perguntar quantos anos você tem?

— Faço vinte e cinco no dia dez de novembro. E quantos anos você tem?

— Trinta ou algo assim.

Silêncio, enquanto ela digeriria sua resposta.

— Ou algo assim?

— Alguém me deixou nos degraus de um orfanato quando eu era pequeno — Will não tinha dito aquilo para muitas pessoas em sua vida. Ele esperou, com incerteza, a reação dela.

— Quer dizer que você não sabe quando é o seu aniversário?

— Bem... Não.

O celeiro ficou em silêncio. Lá fora um curiango chamava e os sapos coaxavam. Eleanor parou com a mão no trinco. Will continuou ajoelhado, segurando a lamparina.

— Nós vamos ter que eleger para você uma data de aniversário, se você decidir ficar. Um homem deve ter um aniversário.

Will sorriu, imaginando.

— Boa noite, Sr. Parker.

— Boa noite, Sra. Dinsmore.

Ele ouviu a porta do celeiro ranger ao ser aberta e a chamou de novo:

— Sra. Dinsmore?

O ranger cessou.

— O quê?

Cinco segundos de silêncio, e então ele disse: — Muito obrigado pela ceia. Você é uma boa cozinheira — o coração dele bateu com prazer depois que as palavras saíram. Não foi tão difícil, afinal.

No escuro, ela sorriu. Tinha sido bom ver um homem sentado à sua mesa novamente. Ela andou para a casa, e se meteu na cama com um suspiro. Conforme ela se endireitou, uma leve câibra passou pelo seu ventre. Ela passou a mão por cima de sua barriga e rolou para o lado. Ela havia cortado madeira naquele dia, embora soubesse que ela não deveria ter feito. Mas Glendon mal conseguia manter as tarefas do dia, muito menos armazenar lenha para o dia seguinte. As toras precisavam ser armazenadas, e os troncos deveriam ser cortados para que pudessem começar a secar para o próximo inverno. Além da madeira, havia sempre água para transportar. Muita água. E haveria mais quando o novo bebê chegasse e ela teria dois deles usando fraldas. *Santo Deus!*

Ela se estendeu de costas e descansou um pulso em sua testa, imaginando as veias ao longo do interior dos braços de Will Parker, o conjunto de rijos músculos. Lembrou-se de quão firmes as pernas dele tinham parecido quando ela as tocou quando ele estava pendurado na escada.

Fique, Will Parker. Por favor, fique.

No celeiro, Will afundou a cabeça em um travesseiro de penas e se estendeu numa macia colcha artesanal. Sua barriga estava cheia, os dentes estavam limpos, sua pele cheirava a sabão. E, em algum lugar, lá fora, estava uma mula, e colmeias, e galinhas e uma casa com possibilidades. Um lugar que um

homem poderia fazer funcionar com um pouco de trabalho duro. *Inferno, trabalho duro era o de menos.*

Apenas me dê uma chance, Eleanor Dinsmore, e eu vou te mostrar.

Lembrou-se de seus pés descalços no quintal com seus dois filhos, a barriga dela redonda como uma melancia, olhando para ele com cautela. Lembrou-se do olhar intenso em seu rosto quando ela o questionou e o momentâneo choque quando ele contou para ela sobre Huntsville. Ela provavelmente estava ponderando sobre isso agora, tendo dúvidas sobre abrigar um ex-presidiário. E pela manhã ela teria decidido que era muito arriscado mantê-lo ali. Mas de manhã ele iria mostrar a ela. Seria a primeira coisa que faria antes que ela tivesse a chance de colocá-lo para fora, ele iria mostrar a ela que ele pretendia ganhar o seu sustento com muito trabalho.

CAPÍTULO 3

AQUELES A QUEM O SISTEMA NÃO CONDENA

Lula Peak vivia em um pequeno bangalô na Pecan Street, local onde ela tinha nascido e crescido. Enquanto sua mãe era viva o mobiliário, embora antigo, atendia bem a velha senhora. Agora, no entanto, a cozinha ostentava uma nova geladeira elétrica Frigidaire, um banheiro com água corrente quente e fria, e, na sala de estar, um novo rádio Philco.

Às oito horas da noite, o rádio Philco e Lula estavam sintonizados na Rádio Atlanta, ambos explodindo no último volume, cantando: “Oh Johnny, Oh Johnny, Oh!”. Vestida com uma bata vermelho alaranjada, Lula se inclinou em direção ao espelho do banheiro, retirando com as pontas da pinça qualquer cabelo rebelde com a audácia de crescer além da periferia de suas finas sobancelhas. Quando não encontrou nenhum pelo audacioso, parou com a sua busca infrutífera. Mas a canção: *“Oh Johnny! Oh, Johnny, como você pode amar...”*, seguia com seu volume estrondante.

“Oh, Johnny! Oh, Johnny, o céu está acima...”

Ela levantou as palmas das mãos para cima como ela tinha visto Betty Grable fazer nos filmes. Fez uma careta para seu reflexo no espelho e o cetim caiu sedutoramente sobre o seu corpo. Lula sempre precisava de um homem, e Whitney não tinha o suficiente deles. Quando Lula sentia a coceira, ela precisava se coçar. E Lula sentia coceira o tempo todo.

Pegou um vidro da colônia Noite em Paris e girou duas vezes, enquanto passava a colônia em lugares estratégicos no

corpo, assistindo seu rosto passando através do espelho do banheiro; deu um beijo nele, deixando a marca de batom vermelho no vidro frio.

— Lula, o que diabos está acontecendo aqui? — Harley Overmire gritou da sala de estar. — Com a música tão alta assim, qualquer vagabundo poderia ter entrado aqui e você não teria nem visto.

— Harley, doçura, é você? — a música de repente parou e Lula saiu voando para fora do banheiro. — Harley, ligue isso de volta! Essa é a minha música favorita! — ela correu para o Philco e girou o botão para cima.

“Oh, Johnny! Oh, Johnny, oh...”

Harley imediatamente girou o botão para baixo.

— Lula querida, eu não vim até aqui para romper os meus tímpanos.

— Ah, é? Então, você veio para o quê, Harley?

Lula aumentou o rádio em um volume ensurdecador.

“Oh, Johnny...”

Ela se voltou para ele, faceira. Seus lábios pintados fizeram beicinho voluptuosamente conforme ela se esgueirava para perto dele. Harley estreitou os olhos e seus lábios se abriram em expectativa.

— Oh, Lula, baby... Você é tão linda!

— Sabe o que eu preciso Harley? É de um desses novos ventiladores elétricos que vão para frente e para trás. Vi um em uma loja de ferragens em Atlanta na última vez que visitei minha irmã Junie — ela espalmou as mãos sobre o cabelo preto encaracolado do homem.

— Querida, eu não sou feito de dinheiro, você sabe.

Ela o olhou nos olhos, com o rosto fingindo inocência, enquanto o abraçava.

— Eu aposto que a sua esposa já tem um desses ventiladores elétricos; ela não tem, Harley?

— Vamos lá, Lula, vamos. Estou sofrendo, querida.

— E o ventilador?

— Talvez no próximo dia do pagamento.

Ela fez beicinho com lábios muito vermelhos.

— Será tarde demais no próximo dia do pagamento, Harley, porque tem estado tão quente, que eu mal consigo dormir — ela enxugou o suor coletado sob o nariz do homem.

— Lula, seja razoável. Já lhe dei a frigideira, o refrigerador e o Philco e paguei a instalação do banheiro para você. Tive que dar muitas explicações para a Mae de onde o dinheiro foi parar.

De repente, ela lhe deu um empurrão e se sacudiu para longe dele, jogando as mãos para o ar.

— Mae, Mae, Mae! Eu juro que é tudo o que eu ouço de você, Harley Overmire! Bem, se você não vai me conseguir aquele ventilador elétrico, conheço alguém que o fará. Porque, hoje, Orlan Nettles estava no café e tudo que eu teria que fazer era brandir meu dedo mindinho para ele.

A música no Philco havia mudado para “Paper Doll”, e continuou explodindo quando ele veio por trás dela tentando convencê-la de novo. Mas Lula tinha a coerção como uma arte. Permaneceria inabalável até que ela conseguisse o que queria, e sempre ela queria mais. Se ela iria viver o resto de sua vida nesta pequena cidade idiota, ela viveria no luxo, por Deus! A

geladeira Frigidaire, o banheiro e o rádio Philco foram apenas o começo. Ela se destinava a ter um Ford, uma sala de estar acarpetada e um RCA Victor fonógrafo antes disto ter acabado.

— Está bem, Lula querida, eu vou te dar o ventilador.

— Amanhã, Harleykins? — ela perguntou, entusiasmada.

— Amanhã. Vou pensar em algo para eu ter que correr para Atlanta.

A mudança nela foi imediata e inspiradora. Ela se virou e começou a empurrá-lo em direção à cozinha.

— Qual é o seu tipo favorito de sanduíche, Harleykins?

Ele riu: — Rosbife e mostarda.

— Mmm... Rosbife e mostarda. Você gosta de mostarda, não é, Harley? — ela sabia que ele gostava de mostarda. Ela sabia tudo sobre Harley Overmire e usava cada fragmento de conhecimento para melhor proveito próprio.

— Certamente! E a Mae... Maldição! Ela está sempre se esquecendo de colocá-la.

— Esse é o problema com a Mae — Lula murmurou. — Mae não sabe o que você gosta, mas eu sei.

Harley riu, pensando que ele iria dar a Lula o maior ventilador da cidade de Atlanta. Quarenta minutos depois, na brilhante nova banheira de porcelana de Lula, ela perguntou, displicentemente:

— Harley?

— Hum?

— Um estranho entrou no café hoje.

— Hum — ele parecia desinteressado.

Dois minutos se passaram em silêncio, enquanto Lula pacientemente descansava com os olhos fechados. Ela era inteligente o suficiente para saber que, se ela perguntasse, despertaria suspeitas.

— Não aparecem muitos estranhos por aqui — murmurou no devido tempo, como se meio adormecida.

Harley levantou a cabeça.

— Cara alto? Durão? Usando um chapéu de cowboy maltratado?

— Sim, esse mesmo — ela respondeu com ar sonolento, seguindo com uma risada gutural.

— Ei, Harley, como é que você sempre sabe tudo antes que eu possa dizer?

Ele riu e jogou a cabeça para trás: — Ainda não nasceu alguém que se equipare ao velho Harley.

— Ele terminou de ler o jornal e seguiu em frente.

— Provavelmente, ele olhava os anúncios de emprego. Eu o demiti da serraria hoje.

— O que ele fez de errado?

— Cumpriu pena de cinco anos em Huntsville por matar uma prostituta em algum bordel.

O pé de Lula bateu na água com um esguicho, enquanto ela se sentava: — Meu Deus, Harley, ele não fez isso! — seu sangue correu rápido, com a simples ideia de estar na mesma sala com um homem assim. — Senhor! nós mulheres não estamos mais seguras nas ruas!

— Isso é o que eu lhe disse hoje. Eu falei: “Parker, nós não queremos o seu tipo por aqui. Pegue o seu pagamento e

desapareça”.

Então, o nome dele é Parker.

— Muito bem, Harley — ela acariciou o amante, mas pensou no intrigante cowboy e sentiu o seu coração acelerar. Ter um homem como ele seria o auge da emoção; ela imaginou aquilo em detalhes vívidos, o perigo, o desafio, o encontro deles...

— Aposto que eu sei algo que você não sabe, Harley.

— O quê?

— Ele foi ver a louca Elly Dinsmore...

— O quê!? — a água derramou um pouco quando Overmire se levantou.

— Eu sei muito bem que ele fez isso. Primeiro ele pediu para ver o jornal, em seguida, sentou-se e o leu, então ele perguntou como ele poderia encontrar Rock Creek Road, e quando eu disse, ele se dirigiu para aquela direção. Para que mais ele estaria indo até lá?

Overmire gargalhou e caiu de volta na água: — Espere até eu contar para os outros sobre isso. Jesus, eles vão morrer de rir. A louca Elly Dinsmore...

— Ela realmente é uma louca, não é?

— Como uma cabra. Colocar um anúncio para arrumar um marido? Você tem alguma dúvida?

— É claro. O que você poderia esperar depois de ela ficar presa naquela casa por toda a sua vida? — Lula estremeceu e continuou: — Eu estudei na mesma sala de aula da mãe dela, sabe? Foi antes, claro, de ela engravidar e os pais a trancarem em casa.

— É mesmo? Eu não sabia disso. Mas a mãe dela deve ser muito mais velha que você, docinho — disse Harley, desconfiado.

— Eram aquelas salas de aula com todas as séries juntas. Eu tinha acabado de entrar e ela estava no último ano — Lula se sentou e estendeu a mão para a beira da banheira para pegar uma toalha. Ela se levantou e começou a se secar. Harley fez o mesmo.

— E como era estranha a mãe dela, você nem imagina. Ficava o tempo todo olhando para as paredes e desenhava também o tempo todo. Certa vez ela fez um desenho de um homem nu em uma persiana. A professora não sabia, e quando puxou a persiana para baixo, a classe toda enlouqueceu — Lula caiu na gargalhada ao se lembrar do ocorrido. Ela continuou: — Certamente, eles nunca provaram que foi a Chloe McCallaster que fez o tal desenho. Mas eu a via sempre desenhando e quem seria louco o suficiente para fazer uma coisa daquela? Somente ela mesma... Então, essa louca do anúncio tem a quem puxar.

Harley olhou para Lula e mudou de assunto: — Ei, Lula, você tem certeza de que se preveniu essa noite, não é? Não quero ser pai de novo.

Lula ficou agitada. — Você está perguntando um pouco atrasado, não está, Harley?

— Lula, eu dependo de você para...

Ela passou mais algumas gotas de Noite em Paris atrás das orelhas e disse:

— Quão estúpida você acha que eu sou, Harley? — tampou o frasco e o pousou ruidosamente sobre a bancada. Ele estava sempre fazendo a mesma pergunta, como se ela fosse muito

ignorante para não saber usar um calendário. Ela respondia dezenas de vezes, mas isso sempre a deixava com a sensação de vazio e com raiva. Porque ela não era sua esposa, não podia ter seus bebês. Quem iria querer seus filhos, então? Seria de alguém como aquele Parker, alguém que lhe daria lindas crianças de olhos castanhos que outras mulheres invejariam?

Aquele pensamento a impregnou com um senso de urgência. Ela já tinha trinta e seis anos, e sem perspectivas de casamento à vista. Ela viveria o resto de sua vida naquele pequeno lugar fedorento onde ela provavelmente morreria, assim como sua mãe? E quando ela ficasse mais velha, certamente Harley não a quererá mais. Ele se retiraria para sua cadeira de balanço na varanda da frente com a sua preciosa esposa. E ela, Lula, estaria ali, sozinha, envelhecendo; comendo sanduíches de carne e mostarda, porém, sozinha.

Eu preciso mudar o curso dessa história.

CAPÍTULO 4

UMA MANHÃ PODE ABRIGAR A GLÓRIA

Eleanor despertou com o nascer do sol iluminando a janela e o som de um machado. Ainda com a cabeça no travesseiro, olhou para o despertador. Eram cinco e meia. Ele estava cortando lenha às cinco e meia da manhã?

Descalça, ela correu para a janela da cozinha e ficou parada, olhando para ele e para a pilha de madeira rachada. Quanto tempo ele tinha estado ali? Ele já tinha cortado e juntado uma pilha alta que chegava a sua cintura. Tinha jogado a camisa e o chapéu de lado, vestia apenas calça jeans e as botas de cowboy e parecia com um espantalho de carne.

Will Parker levantou o machado e ela notou que ele tinha experiência; cortava a madeira com uma prática que só se adquiria com o tempo, regulando a energia dos golpes, rachando os troncos com segurança. Ela fechou os olhos e orou: *Senhor, não o deixe ir embora*, e descansou a mão na barriga, lembrando-se da própria falta de jeito para a tarefa, da quantidade de coisas que tinha para fazer na propriedade e sem ninguém que o fizesse. Ela abriu a porta de trás e saiu para a varanda.

— Você, com certeza, se levantou com as galinhas, Sr. Parker.

Will deixou o machado cair e se virou para ela: — Bom dia, Sra. Dinsmore.

— Bom dia. Não posso dizer que o som do machado não é bem-vindo por aqui — ela estava na varanda, vestida com uma

camisola branca que ia até o tornozelo e que exagerava ainda mais a sua gravidez. Seu cabelo caía solto sobre os ombros; estava descalça e, a partir da distância de onde estava Will, ela parecia mais jovem e mais feliz do que ela estivera na noite passada. Por um momento, Will Parker imaginou que ele era Glendon Dinsmore, que ele realmente pertencia aquele lugar, que ela era sua esposa e as crianças, dentro da casa e dentro dela, eram seus filhos. A breve fantasia foi provocada não por Eleanor Dinsmore, mas por coisas que tinham acontecido de Will Parker perder em sua vida.

De repente, ele percebeu que tinha estado olhando fixamente para ela, assim como se lembrou de que estava sem sua camisa e sem a proteção de seu chapéu. Largou o machado, pegou a camisa e o chapéu.

— Você se importaria de trazer uma braçada dessa madeira para que eu possa começar a acender o fogo? — ela perguntou.

— Não, senhora, eu não me importo.

— Despeje, por favor, na caixa de lenha.

— Sim, senhora.

A porta de tela bateu e ela desapareceu.

Ele parou de rachar a lenha apenas o tempo suficiente para levá-la para dentro da casa. Na prisão, ele havia trabalhado na lavanderia, sentindo o cheiro de suor de outros homens saindo da água fumegante; ele também estendia a roupa em um local quente, próximo de onde a luz solar alcançava. Ficar sob o sol da manhã, com o orvalho, dividindo o cheiro exalando das flores com as aves... Ah, isso era puro bem-estar! E segurar o cabo de um machado, sentir o seu peso ao girá-lo no ar, a resistência,

uma vez que atingia a madeira, o baque de uma peça caindo na terra... Aquilo era a liberdade. E o cheiro, limpo, nítido, sobre os nós dos dedos, um toque de seiva pungente, ele jamais se cansaria daquilo. Sem falar em poder usar seus músculos novamente, esticando-os até o limite. Ele tinha ficado fraco na prisão, e, de alguma forma, lá ele se sentia reprimido fazendo o trabalho que era mais habitual às mulheres.

Se o som do machado era bem-vindo para a Sra. Dinsmore, a sensação daquilo era a emancipação para Will Parker. Ele se ajoelhou e carregou o braço com madeira seca, lascada, arranhando um pouco a sua pele onde a manga fora enrolada para trás; toras que se chocavam umas às outras e faziam ecoar aqueles sons tranquilizantes que pairavam na clareira. Ele levou uma pilha de toras pensando que aquilo era um trabalho honesto, satisfatório. Ele grunhiu enquanto carregava a enorme carga. Na porta de tela ele bateu levemente com a ponta da bota. Ela veio correndo, repreendendo-o.

— Por que, em nome de Deus, você está batendo?

— Eu trouxe a sua lenha, senhora.

— Eu posso ver isso, Sr. Parker. Mas não há necessidade de bater — ela abriu a porta de tela. — E você tem que aprender que não pode ficar parado na varanda com uma carga tão pesada. O chão está tão apodrecido, que o mais provável é que ceda embaixo de seus pés. Já não bastou ontem no celeiro?

— Tive a precaução de andar pela beirada, senhora.

Ele entrou, atravessou a cozinha, e depositou as toras na caixa de lenha. Sacudindo os braços, ele virou para ela, e disse: — Isso deve mantê-la por... — ele não terminou a frase. Eleanor

Dinsmore estava atrás dele, vestida com uma blusa amarela e uma saia limpa combinando, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo. Seu queixo repousava sobre o peito, e uma fita estava presa em seus dentes. Quanto tempo fazia desde que ele tinha visto uma mulher arrumando o cabelo durante a manhã? Seus cotovelos, apontando para o teto, pareciam graciosos. Eles assim levantavam a bainha de sua blusa, revelando, além do cós branco que espreitava da saia, a combinação. Ela pegou a fita de seus dentes e amarrou o cabelo no alto. Levantando a cabeça, ela o pegou observando.

— O que você está olhando?

— Nada — sentindo-se culpado, ele deu uma guinada para a porta, experimentando o calor em seu rosto.

— Sr. Parker?

— Senhora? — ele parou, recusando-se a deixá-la vê-lo corar.

— Vou precisar de um pouco de gravetos para facilitar acender o fogo. Importa-se de rachar algumas peças menores?

Ele balançou a cabeça e saiu.

Will não estava preparado para a reação dele à senhora Dinsmore. Não era ela, diabos, poderia ter sido qualquer mulher e sua reação provavelmente teria sido a mesma. As mulheres eram quase sempre seres mais suaves e atraentes, e ele tinha estado sem elas por um longo, longo tempo. Que homem não gostaria de assistir o que ele havia assistido? Enquanto ele se ajoelhava para pegar uma tora de lenha, lembrou-se da fita presa entre os dentes dela, o lampejo branco de roupa interior debaixo de sua blusa, e sua própria vermelhidão rápida.

Inferno, o que se passa contigo, Parker? A mulher está grávida de cinco meses, e plana como uma pedra redonda. Corte esses gravetos, volte lá e encontre algo a mais em que pensar.

Ela o repreendera uma vez por ele bater, mas, retornando com os gravetos, ele parou novamente diante da porta de tela. Mesmo antes da prisão, havia poucas portas abertas para Will Parker, e, recém-saído de uma, ele estava muito acostumado com fechaduras e grades para abrir a porta de uma mulher e passar por ela sem pedir permissão. Em vez de bater, ele anunciou: — Tenho os seus gravetos, senhora.

Ela olhou por cima do toucinho que estava cortando, e gritou: — Coloque-os no fogão.

Ele não só os colocou no fogão, mas acendeu o fogo. Tal tarefa era simples e prazerosa. Em toda a sua vida, ele nunca possuiu um fogão. Fazia anos desde que ele tivera o direito de usar um, que nem sequer era seu. Ele teve cuidado com aqueles gravetos, riscando o fósforo, observando os gravetos pegarem fogo, saboreando o momento. Levando o tempo que queria, percebeu que havia deixado de ser controlado por outra pessoa. Quando a lenha começou a crepitar, acrescentou um tronco grosso e, apesar de ser uma manhã quente, estendeu as mãos para o calor.

Acender o fogo era apenas mais uma ocupação nas manhãs de Eleanor. Vê-lo desfrutar do trabalho a fez se perguntar sobre a vida que ele tivera, o conforto que ele não tivera. Ela se perguntou o que se passava em sua mente, enquanto ele olhava para as chamas. Fosse o que fosse ela, provavelmente, nunca saberia.

Ele se virou do fogão, relutantemente, limpando as mãos sobre as coxas.

— Algo mais?

— Você poderia buscar um balde de água para mim?

Por trás ele examinou sua roupa amarela, amarelo como ouro, e os cabelos presos pela fita. E um avental que ela havia colocado, amarrado frouxamente na parte de trás. Estudando o laço em suas costas, ele experimentou novamente a sensação dolorosa de lar que lhe havia sido negada por toda a vida, e, junto com isso, uma relutância estranha de se aproximar dela. Mas o balde, para a água, estava perto do cotovelo de Eleanor, e deliberadamente andar perto de uma mulher, qualquer mulher, desde que ele cumprira pena por ter matado uma, o fazia, constantemente, esperar que elas pulassem de lado, assustadas. Ele rodou um pouco ao seu redor e, então, chegando, murmurou: — Com licença, minha senhora.

Ela olhou para ele e sorriu. — Obrigada por ter acendido o fogo, Sr. Parker — disse ela e, em seguida, voltou para o que estava fazendo. Atravessando a cozinha com o balde para a água, Will sentiu uma nova sensação agradável, a melhor que tivera nos últimos anos. Na porta, ele parou, e disse: — Eu estava imaginando, minha senhora...

Com a faca no toucinho, ela olhou por cima do ombro.

— Você tem leite de cabra lá fora? — ele apontou na direção do quintal.

— Não, eu ordenho a vaca.

— A senhora tem uma vaca?

— Sim, a Herbert. Ela deve estar, provavelmente, andando pelo celeiro agora.

— Herbert? — um canto da boca de Will se curvou e Eleanor encolheu os ombros quando o humor iluminou o seu rosto.

— Não me pergunte o porquê do nome dela. Ela sempre foi Herbert e atende por esse nome.

— Eu poderia tirar leite — o sorriso de Will se espalhou — de Herbert para a senhora, se me disser onde encontrar outro balde.

Ela terminou de cortar uma fatia, limpou as mãos no avental, com um sorriso afável em sua boca. — Bem... — ela brincou. — Isso é um sorriso que eu vi ameaçando no rosto desse homem?

Ele permitiu que o sorriso permanecesse em seus lábios, quando abertamente olharam um para o outro, ambos achando que aquela manhã havia trazido mudanças que cada um deles gostava. Segundos se passaram, antes que eles fossem derrotados pela autoconsciência. Ele desviou o olhar. Ela se virou para ir buscar um balde galvanizado para ele tirar o leite da vaca.

— Há um banquinho no lado sul do nosso celeiro — disse Eleanor, entregando-lhe o balde.

— Eu vou encontrá-lo.

A porta de tela bateu e ela foi até ele, chamando: — Oh, Sr. Parker?

Ele retrocedeu alguns passos.

— Senhora? — ela o estudou através da tela. Ele tinha o par de lábios mais agradáveis que já tinha visto, e eles eram

francamente bonitos quando eles sorriam.

— Depois do almoço eu vou cortar o seu cabelo.

O sorriso cresceu e chegou aos olhos de Will Parker.

— Sim, senhora — ele disse, em voz baixa, com um toque na aba do chapéu.

Quando ele se virou e caminhou quintal abaixo com o balde balançando ao seu lado, ele se perguntou quando tinha sido mais feliz, e quando a vida lhe parecera mais promissora. Ela iria deixá-lo ficar.

Herbert acabou por ser amigável, com grandes olhos castanhos e um corpo coberto por pelos marrons e brancos. Ela e a cabra pareciam ser amigas, diziam um “olá” com suas narinas. A mula estava atrás do celeiro, com os olhos entreabertos. Will preferiu ordenhar a vaca do lado de fora, em vez de dentro do celeiro que exalava mau cheiro. Ele a amarrou a um toco de árvore, tirou a camisa e se agachou, sentando-se no banquinho, enquanto o calor do sol aquecia suas costas. Parecia que ele não conseguia absorver o suficiente para compensar os cinco anos. Ao lado dele a cabra observava, balindo. A vaca ruminou alguma coisa que estivera comendo. Parecia se sentir agradecida e confortável por alguém esvaziar seu úbere. Will também se sentiu reconfortante e contente por ordenhá-la, e homem e animal pareciam saber disso. O corpo bovino quente contra sua testa, o sol também agradavelmente morno, o som caseiro de um lar, e o calor no comprimento de seus braços. Com o passar do tempo, seus músculos, desacostumados, queimaram; mesmo assim Will se sentiu gratificado, pois era uma dor gerada por seu próprio corpo

trabalhando duro, como o corpo de um homem honesto deveria fazer. Ele aumentou a velocidade para testar sua coragem.

Enquanto ele ordenhava, viu algumas das galinhas cacarejando, andando como se estivessem sobre pedras afiadas, explorando a grama em busca de minhocas. Ele olhou para o quintal, imaginando-o limpo. Ele olhou para as galinhas, imaginando-as no galinheiro. Olhou para a pilha de madeira, imaginando-a rachadas e posicionadas em um lugar próprio para elas, próximo à cozinha. Havia muita coisa para fazer, mas o desafio o tomava com avidez.

Uma gata apareceu com três gatinhos de cor caramelo, parecia um trio de bolinhas com caudas retas como se fossem caçadores. A mãe roçou no tornozelo de Will e ele fez uma pausa para lhe fazer um afago.

— Qual é o seu nome, minha senhora? — a gata continuou pedindo afago. Seu pelo era macio e quente, enquanto ela se inclinava por entre os dedos dele. — Você alimenta os três, hein? Precisa de um pouco de ajuda? — ele encontrou uma lata vazia de sardinha dentro do celeiro, encheu-a de leite e colocou para o animal. Em seguida, viu os quatro beberem o leite, um dos gatinhos enfiou uma patinha dentro da lata. Will riu e o som de sua própria risada era tão estranho aos seus ouvidos, que fez seu coração bater mais forte. Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu, deixando a liberdade e o bem-estar o invadirem. Ele riu novamente, sentindo o impulso maravilhoso do som em sua garganta. Fazia quanto tempo desde que ele não ouvia isso? Quanto? Há muito ele se esquecera daquele som.

Caminhando de volta a casa com o leite, o cheiro do bacon fritando veio ao seu encontro. Seu estômago roncou e ele parou com a mão levantada para bater na porta de tela. Dentro da cozinha, Eleanor ergueu a cabeça e seus olhares se encontraram. Correndo o risco, Will abaixou a mão e abriu a porta, acabou não achando aquilo tão difícil, afinal.

— Conheci os animais — anunciou ele, colocando o balde em cima da mesa. — A mula é um pouco presunçosa, em comparação com os outros.

— Nossa! — exclamou Eleanor. — Um par de frases seguidas.

Will recuou, esfregando as mãos sobre as coxas conscientemente. — Eu não sou muito de conversa fiada.

— Tenho notado. Ainda assim, você pode experimentar isso com os meninos.

A dupla estava de pé, vestidos com pijamas amarrotados. O mais velho olhou para cima, de onde estava entretendo o menor, no chão, com cinco carretéis de madeira. Ele olhou para Will.

— Olá, Donald Wade — Will se aventurou, sentindo-se desconfortável e inseguro.

Donald Wade enfiou o dedo na boca e empurrou com ele a bochecha.

— Diga bom dia para o senhor Parker, Donald Wade — Sua mãe solicitou.

Em vez disso, Donald Wade apontou um dedo curto e grosso para o irmão e deixou escapar: — Este é o Thomas.

O bebê Thomas, babando em seu pijama, olhou para Will e bateu dois carretéis juntos.

— Olá, bebê Thomas. Como tem passado? — Will não se lembrava de ter falado com uma pessoa tão jovem. Sentiu-se um tolo esperando por uma resposta e não soube o que fazer com as mãos. Assim, ele empilhou três carretéis em uma torre. Bebê Thomas bateu neles, riu e aplaudiu. Will ergueu o olhar e encontrou Eleanor o observando.

— Eu peguei a navalha de Glendon para você. Está ao lado de sua caneca, do sabão e de sua escova. Fique à vontade para usá-los.

Will se levantou do chão, olhou para os apetrechos de barbear e de novo para ela. Mas Eleanor já tinha se virado, mexendo alguma coisa no fogão, dando-lhe um pouco de privacidade. Antes, ele se barbeava sem sabão, cortando toda a sua pele; então, a caneca, o sabão e a escova seriam tão bem-vindos como a água quente. Entretanto, ele fez uma pausa antes de se mover na direção dos seus novos pertences. Ele só tinha que se acostumar com isso, dali para frente parecia que eles iriam compartilhar aquela cozinha todas as manhãs. Ele teria que se lavar e se barbear, ela teria que pentear o cabelo, talvez deixar a água esquentando para o café da manhã, enquanto atendia às necessidades de suas crianças. Haveria momentos em que ele teria que passar perto dela, mas ele já tinha observado que Eleanor não tinha saltado para longe quando ele fizera isso naquela mesma manhã.

— Com licença — disse ele, olhando por cima de seu ombro, enquanto ela apanhava a chaleira com água fervente e levava até a bacia, que se fazia de lavatório.

— Obrigado, senhora. Mas da próxima vez é melhor deixar que eu carregue a chaleira, pode ser perigoso para a senhora e as crianças.

— Não se preocupe, Sr. Parker. Fiz isso a vida toda, mas muito obrigada por se oferecer para ajudar. Eu me esqueci de perguntar: o senhor dormiu bem na noite passada?

— Sim, senhora.

Ele encheu a caneca, fez uma espuma com o sabão e ensaboou seu rosto, de costas para ela.

— Como é que você gosta de seus ovos? Cozidos?

Com a pergunta, as mãos dele ficaram suspensas. Na prisão, eles sempre foram mexidos e tinham gosto de jornal úmido. Que coisa boa era ter a oportunidade de escolher. Mas ele não respondeu.

— Fritos? — ela insistiu.

— De acordo.

— Cozidos ou fritos, Sr. Parker? — ela se virou e seus olhos se encontraram no pequeno espelho.

— Pode ser de qualquer forma, senhora, até natural — ele inclinou a cabeça e raspou debaixo de sua mandíbula esquerda.

— Com “natural” o senhor quer dizer que tem o hábito de comê-los crus?

— Sim.

— Você quer dizer diretamente do galinheiro de algum fazendeiro?

Ele continuou se barbeando, evitando os olhos dela. Ela começou a rir, e ele voltou a olhá-la através do espelho. Ela riu por muito tempo, espontaneamente, descansando um braço

sobre sua barriga, até que os olhos dele, no rosto ensaboado de branco, adquiriram um brilho de diversão.

— Acha que é engraçado? — ele lavou a navalha. Com esforço, Eleanor ficou séria.

— Sinto muito.

Ela parecia qualquer coisa, menos arrependida, mas ele observou que seu divertimento trazia coisas agradáveis ao rosto dela. Aparando uma costeleta, ele disse: — Os agricultores tendem a colocar a culpa nas raposas, mas, às vezes, era a única forma de sobreviver.

Ela o estudou um pouco, perguntando-se por quantas milhas ele tinha viajado, quantos galinheiros tinha invadido, e se havia passado muita fome. Ela se encontrou apreciando o cheiro do sabão de barbear na casa. Enquanto ele lavava e penteava os cabelos ele ouviu os chiados, conforme os ovos iam batendo na frigideira, um som que ele raramente tinha ouvido, vivendo em abrigos e vagões como fizera durante grande parte da sua vida. Sons. Em sua vida ele tinha escutado vários tipos de sons: de rodas de trens estrondando, homens roncando, vozes masculinas, máquinas de lavar, mas não aqueles sons que ele ouvia agora, tão aconchegantes. Atrás dele os meninos tagarelavam e riam, e os carretéis de madeira caíam no chão. As tampas faziam um ruído metálico, uma tora de madeira no fogão crepitou, outra tora caiu, a chaleira assobiou e a dona da casa disse para as crianças: — Venham para a mesa, rapazes. Vamos tomar nosso café da manhã.

O cheiro na cozinha parecia ser suficiente para fazer um homem se afogar na própria saliva. Na prisão, os dois cheiros

predominantes eram os de desinfetante e de urina, e a comida não parecia ter cheiro nem ter gosto. Eleanor olhou para seu novo “marido”, com seu rosto limpo que surgiu após ele raspar a barba, o rosto que ela estaria olhando através de sua mesa nos próximos anos, se ele decidisse ficar. Ela ficou surpresa ao se encontrar entretida com o formato de sua mandíbula, a linha de seu nariz, a magreza de seu rosto, a escuridão de seus olhos. Quando ele ergueu o olhar e encontrou-a ainda o estudando, ele baixou os olhos e ela girou de volta para o fogão. Ele se refugiara no muro que mantinha com tanto cuidado. No momento ela tinha criado uma pequena rachadura neste muro, mas, por dentro, ele ainda estava confuso como um gambá.

Quando eles se sentaram para o café da manhã, Will, abertamente, olhou para a riqueza da comida em seu prato: *Três ovos! três!... feitos de uma vez.* Aveia, bacon, café preto quente e torradas com geleia de amora. Ela percebeu sua hesitação, o viu descansar as mãos sobre as coxas, como se estivesse com medo de estender as mãos novamente.

— Coma — ela ordenou, começando a amassar um ovo para o bebê Thomas.

Como ele tinha feito na noite passada, Will comeu tomado por um estado de descrença quanto a sua boa sorte. Depois de um tempo, ela percebeu que ele só estava pegando um pedaço de pão seco. A mão dela parou o que estava fazendo, e ela perguntou:

— Qual é o problema? Algo está errado?

— Não. Não! Isso... Ora, é o melhor café da manhã que eu já tive em minha vida. Mas onde está o seu?

— A comida não combinou comigo neste início de manhã.

Ele não podia imaginar porque alguém não comeria se a comida era abundante. E se ela tivesse lhe dado a sua parte?

— Mas...

— As mulheres ficam assim quando estão grávidas — explicou ela.

— Ah! — seus olhos pousaram na barriga dela, mas rapidamente se desviaram.

Ora, ela pensou. Esse homem está corando? Por alguma razão, o pensamento a agradou.

Após o café, Will saiu e foi cuidar dos afazeres da propriedade. Havia muito que fazer. Trabalhou durante toda a manhã, sem parar para descansar nenhum minuto. Depois do almoço, Eleanor o sentou em uma cadeira, no meio da cozinha, e colocou um pano sobre os ombros dele. O primeiro contato dela lhe causou arrepios. Ele ouviu a tesoura cortar, sentiu o pente passar por seu crânio e fechou os olhos para saborear cada movimento de seus dedos em sua cabeça. Ele estremeceu e deixou suas mãos ficarem caídas em suas coxas, cobertas pelo pano.

Ela o viu fechar os olhos.

— Sente-se bem, Sr. Parker?

Ele abriu os olhos novamente.

— Sim, senhora.

— Não há necessidade de ficar tenso — ela cutucou suavemente o ombro direito dele. — Apenas relaxe.

Depois disso, ela trabalhou em silêncio, deixando-o absorver o prazer, imperturbável. Suas pálpebras se fecharam

novamente e ele descansou sob o primeiro toque gentil de uma mulher que tinha experimentado em mais de seis anos. Ela encostou na ponta de uma de suas orelhas, no seu pescoço, e ele foi embalado por seus movimentos, esquecendo-se do que o rodeava. *Senhor, senhor... Era tão bom...*

Quando o corte de cabelo foi terminado ela teve que acordá-lo.

— Hum? — ele levantou a cabeça, em seguida, despertou-se totalmente, consternado ao descobrir que tinha cochilado. — Ah... Eu devo ter...

— Tudo pronto — ela tirou o pano de seus ombros e ele se levantou para ir se olhar no minúsculo espelho redondo ao lado do lavatório. O cabelo estava um pouco mais acima da orelha direita do que da sua orelha esquerda, mas, no geral, o corte de cabelo era um grande avanço em relação ao corte anterior, o que ele vinha recebendo na prisão.

— Parece bom, senhora — ele agradeceu, tocando uma costeleta com os nós dos dedos. — Muito obrigado. E obrigado pelo café da manhã também.

Sempre que ele agradecia, ela desconsiderava, como se não tivesse feito nada. Depois de lhe cortar o cabelo, enquanto varria o chão, ela não ergueu o olhar, mas disse:

— Tem uma cabeça saudável e muito cabelo, Sr. Parker. Os do Glendon eram pouco e fino. Sempre cortei o dele também — ela andou até uma pá de lixo. — Eu gostei de fazer isso de novo — ela olhou para ele, pois ele tinha uma expressão no rosto que dizia que não tinha entendido. — Eu disse que gosto de cortar cabelos.

Realmente? Ele pensou que ele tinha sido o único a desfrutar daquilo. Ou talvez ela estivesse sendo gentil para deixá-lo à vontade. Ele se viu querendo retribuir o favor.

— Eu posso fazer isso — ele se ofereceu, quando ela se inclinou para recolher o seu cabelo do chão.

— Estou quase acabando, mas eu não me importaria se você assumisse a tarefa de alimentar os porcos.

Ela se endireitou e seus olhos se encontraram. Will viu incerteza nos olhos dela. Foi a primeira atribuição, e não era uma tarefa muito agradável. Mas o que podia ser desagradável para um homem, para Will Parker era a liberdade. Ela o alimentara, emprestara-lhe a navalha de seu marido, compartilhara seu fogo e sua mesa e o tinha colocado para dormir com um pente e uma tesoura. Seus lábios se abriram e uma voz dentro dele o exortou: *diga isso a ela, Parker. Você tem medo do que ela vá pensar se você disser?*

— Esse corte de cabelo foi a melhor coisa que eu senti depois de um longo tempo.

Ela entendeu perfeitamente. Ela também passou muito de sua vida sem amor, em um mundo sem toque. Estranho, como uma declaração tão simples criava um vínculo tão solidário.

— Bem, eu estou contente — ela repetiu.

— Na prisão... — ele começou a dizer.

Os olhos dela voltaram aos dele.

— Na prisão, o quê?

Ele não deveria ter começado, mas ela tinha um jeito que o fazia querer confiar nela com os segredos que lhe doíam mais.

— Na prisão, eles usam cortadores pequenos, raspam a maior parte de seu cabelo, de modo que você se sente... — ele desviou o olhar, relutante em completar o pensamento.

— Você se sentia como? — ela o incentivou.

Ele estudou o seu próprio cabelo amontoado na pá, lembrando-se.

— Nu.

Nenhum dos dois se moveu. Percebendo o quão difícil tinha sido para ele admitir tal coisa, ela queria tocar em seu braço. Mas antes que ela pudesse, ele pegou a pá de lixo e jogou seu conteúdo no fogo.

— Eu vou ver os porcos — disse ele, encerrando aquele momento de proximidade.

Donald Wade concordou em mostrar a Will onde os porcos estavam, e Eleanor os enviou com um balde pela metade de leite e ordens de alimentar eles com aquilo.

— Para os porcos! — Will exclamou, horrorizado. Ele tinha estado com fome a maior parte de sua vida e ela alimentava os porcos com leite fresco?

— Herbert dá mais do que podemos usar, e o caminhão de leite não pode entrar aqui, com a estrada tão maltratada. Enfim, eu não quero ninguém da cidade bisbilhotando por aqui. Alimente os porcos com leite.

Donald Wade liderou o caminho, embora Will pudesse ter encontrado o chiqueiro com o nariz. Atravessando o pátio, ele deu uma olhada melhor para o terreiro. Estava realmente em um estado muito, muito ruim. Mas a senhora Dinsmore tinha uma mula, e se havia uma mula, devia haver os arreios para ela. E se

não houvesse, ele faria um. Ele precisava que a estrada estivesse transitável para transportar o lixo e aquele entulho para fora dali. Ele já estivera avaliando o entulho, não como lixo, mas como sucata. Sucata em breve poderia se transformar em dólar com a América transportando material de guerra para a Inglaterra. A mulher estava sentada em cima de uma mina de ouro e nem sequer sabia disso.

Não era apenas a estrada que era lamentável; o terreiro em plena luz do dia era patético. Construções em ruínas, parecendo que um chute poderia derrubá-las. Aquelas, com alguns bons anos, precisavam de pintura. E a tulha estava cheia de quinquilharia em vez de milho: barris, caixas, rolos de arame farpado enferrujado e pilhas de madeira serrada. Will não poderia dizer o que mantinha também a porta do galinheiro ainda de pé. O cheiro, quando passaram, era horrível. Ele não se admirava de que as galinhas se empoleirassem nas pilhas de entulho. Ele passou por muitas peças de máquinas e latas de tinta vazias, embora não conseguisse descobrir onde a pintura tivesse sido feita. Onde a cabra dormia parecia ser em um caminhão abandonado com o recheio das poltronas mastigado. *Senhor – pensou Will – há trabalho suficiente para manter um homem 24 horas por dia durante um ano inteiro.*

Remexendo-se ao lado dele, Donald Wade interrompeu seus pensamentos.

— Ali — o menino apontou para a estrutura que parecia ser um galpão de secagem de tabaco.

— Ali o quê?

— É ali que a comida dos porcos fica — ele abriu o caminho para um edifício repleto de tudo, até de nozes, só que, desta vez, havia material utilizável. Obviamente Glendon Dinsmore tinha feito mais do que coletar sucata. O que ele fazia? Barganhava? Comercializava cavalos? As latas de tinta ali estavam cheias, mais rolos de arame farpado, móveis, utensílios, selas, uma impressora de jornal, caixas de ovos, cintos de polia, canas-de-açúcar, um molde de vestido, um barril cheio de pistões, cestas, uma caldeira, chocalhos, jarros, molas... e quem sabe mais o que tinha sido sepultado naquele recinto lotado?

Donald Wade apontou para um saco no chão com uma lata de café enferrujada ao lado dele.

— Duas — ele levantou três dedos e teve que dobrar um para baixo manualmente.

— Duas?

— Mamãe, ela mistura isso duas vezes com o leite.

Will se agachou ao lado de Donald Wade, abriu o saco e sorriu, enquanto o menino continuava a pressionar o dedo para baixo. — Você quer enchê-las para mim?

Donald Wade balançou a cabeça com tanta força que o cabelo caiu para frente. Ele encheu a lata, mas não conseguiu tirá-la do saco. Will chegou para ajudar. A mistura caiu no leite com um cheiro forte, de grãos. Quando a segunda concha foi despejada, Donald Wade pegou um pedaço de pau em um canto.

— Você mexe com isso — disse o menino.

Will começou a mexer. Donald Wade ficou com as mãos dentro dos bolsos do macacão, observando. Por fim, ele se ofereceu: — Posso mexer?

Will sorriu interiormente. — Claro, venha. Eu estava mesmo precisando de um descanso.

Donald Wade sorriu e jogou o seu cabelo para trás. Mas mesmo com as duas mãos fechadas fortemente em torno do pau, Donald Wade precisou da ajuda de Will. O sorriso do homem se mostrou quando o garoto apertou os dentes no lábio inferior e manobrou o pau com os braços magros. Os braços simpáticos de Will se ajustaram em torno dos pequenos ombros quando ele se ajoelhou por trás do garoto e os dois juntos misturaram.

— Você ajuda a sua mãe a fazer isso todos os dias?

— Sim. Ela se cansa. Eu cato os ovos...

— Onde?

— Em todos os lugares.

— Em todos os lugares?

— Em todo o quintal. Sei onde as galinhas gostam de ficar.

Posso te mostrar.

— Elas botam muitos ovos? — perguntou Will, e Donald Wade deu de ombros.

— Sua mãe os vende?

— Sim.

— Na cidade?

— Na estrada. Ela simplesmente os deixa lá e as pessoas deixam o dinheiro em uma lata. Ela não gosta de ir à cidade.

— Por quê?

Donald Wade deu de ombros novamente.

— Ela tem amigos?

— Só o meu pai. Mas ele morreu.

— Sim, eu sei. E tenha certeza de que sinto muito por isso, Donald Wade.

— Sabe o que o bebê Thomas fez uma vez?

— O quê?

— Ele comeu uma minhoca — o menino riu.

Até aquele momento, Will não tinha percebido que para uma criança de quatro anos de idade, o consumo de uma minhoca era mais importante do que a morte de um pai. Ele riu e bagunçou o cabelo do menino. Era tão suave quanto parecia. *Eu poderia começar a gostar muito disto*, pensou.

Com os porcos alimentados, eles pararam para lavar o balde na bomba. Ao redor do poço havia uma grande poça de lama, e nem mesmo uma tábua jogada por cima para impedir que a lama os salpicasse. Donald Wade acabou ficando com as botas cheias de lama. Quando eles voltaram para a casa, sua mãe repreendeu: — Pare aí e limpe suas botas antes de vir aqui!

Will entrou e disse: — A culpa é minha, senhora. Levei-o até a bomba de água.

— Você levou? Oh, bem... — imediatamente, ela escondeu sua irritação; em seguida, olhou através da propriedade. Quando ela falou, sua voz trazia um desânimo tranquilo. — As coisas estão um espanto realmente por aqui, eu sei. Mas eu acho que você pode ver isso por si mesmo.

Will selou os lábios, puxou a aba do chapéu até as sobrancelhas, enfiou as mãos nos bolsos traseiros e examinou o local, sem expressão. Eleanor o espiou com o canto do olho. Seu coração batia um aviso. *Ele vai correr agora. Ele vai certamente*

correr como uma bala depois de ter dado uma olhada melhor no lugar em plena luz do dia.

Entretanto, Will Parker havia enxergado as possibilidades. E nada sobre aquela boa terra, cheia de verde, poderia fazê-lo virar as costas para aquele lugar, a menos que ele fosse convidado a fazê-lo. Olhando todo o quintal, tudo o que ele disse, em sua voz baixa foi: — O galinheiro precisa de um pouco de limpeza.

CAPÍTULO 5

QUANDO NASCE A GRATIDÃO

Eles saíram para uma caminhada quando o sol do meio-dia estava bem acima das árvores, um dia verde de mato e ensolarado, com cheiro de profundo verão. Will nunca tinha andado com uma mulher e seus filhos antes. Isso continha um estranho e inesperado apelo. Ele notou a maneira da mãe com as crianças, como ela segurava o bebê Thomas em um quadril, o calcanhar dele encostando-se ao seu avental. Quando ela saía pela varanda falara com Donald Wade, convidando: — Venha, querido, você lidera o caminho — e o ajudou no último degrau. Como ela olhava com ternura para o filho que corria à frente, sorrindo atrás dele como se nunca tivesse visto antes o cabelo amarelo dourado caindo e o macacão folgado dele. Como ela apoiou as mãos sob o traseiro de Thomas, esticou-se, inspirou profundamente aquele ar limpo e disse para o céu: — Que dia abençoado! E como ela gritou para o filho: — Cuidado com aquele tronco ali na grama, Donald Wade! Como ela arrancou uma folha e a entregou ao bebê Thomas, deixando-o tocar o nariz dela com ela e fingindo que fazia cócegas, fazendo a criança rir. Assistindo, Will ficou admirado. *Deus, ela era uma ótima mãe!* Sempre falando com uma voz gentil. Sempre procurando o lado bom das coisas. Sempre preocupada com seus filhos. Sempre os fazendo se sentir importantes. Ninguém nunca tinha feito Will se sentir importante, apenas como uma inconveniência. Ele a estudou secretamente, observando mais claramente o volume de seu ventre, delineado pela perna do

bebê. Donald Wade tinha dito que ela se cansava. Recordando as palavras do menino, Will considerou oferecer carregar o bebê, mas ele se sentia deslocado perto do Thomas. Ele não seria muito bom em fingir cócegas no nariz ou conversar. Além disso, ela poderia não concordar que um estranho como ele lidasse com os meninos de Glendon Dinsmore.

Eles foram até os fundos da casa, onde um pano de prato estava em um varal esticado, oscilando entre roupas penduradas com pregadores de madeira. Havia pilhas de entulho antes da floresta de pinheiros, carvalhos, noqueiras e muito mais. Pardais esvoaçavam de árvore em árvore à frente, e Eleanor os apontou com o dedo, dizendo para os meninos: — Vocês veem? Eles são pardais.

Um pardal marrom passou voando e se empoleirou em um galho. Mais uma vez ela apontou e o nomeou. O sol brilhava nas cabeças loiras dos meninos e pintava o vestido de sua mãe com um tom ainda mais brilhante. Eles caminharam ao longo de uma trilha aberta por rodas há muito tempo. Às vezes Donald Wade pulava, balançando amplamente os braços. O mais novo inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu, a mão apoiada no ombro de sua mãe. Eles pareciam tão felizes! Will não tinha encontrado muitas pessoas felizes em seus dias. Aquilo era tocante. À curta distância da casa eles pararam em uma colina, coberta por linhas regulares de árvores frutíferas plantadas, viradas para o leste.

— Este aqui é o pomar — Eleanor anunciou, olhando seu comprimento e largura.

— Grande — Will observou.

— E você não viu nem a metade dele. Aqueles lá são os pêssegos. Lá longe, há toda uma série de maçãs, peras e laranjas. Glendon teve essa ideia de ampliar esse pomar para tentar com as laranjeiras, mas elas nunca deram muitos frutos — ela sorriu melancolicamente. — Muito longe do Norte para elas.

Will deu um passo e inspecionou um aglomerado de frutas. — Quem sabe um pouco de adubo... — disse ele.

— Eu sei — inconscientemente, ela acariciava as costas do bebê. — Glendon planejou fazer isso, mas ele morreu em abril e eu nunca tive a chance.

No Sul, as árvores deveriam ter sido adubadas bem antes de abril, pensou Will, mas absteve-se de dizer isso. Eles seguiram em frente.

— Quão velhas essas árvores são?

— Eu não sei exatamente. O pai do Glendon plantou a maioria delas, quando ele ainda estava vivo. Todas, exceto as laranjas, como eu disse. Há maçãs, também, de quase todos os tipos imagináveis, mas eu nunca soube seus nomes. O pai do Glendon, ele sabia muito sobre elas, mas ele morreu antes de eu me casar com o Glendon. Ele revendia objetos de segunda mão também, assim como o Glendon. Ela também ia para leilões de vendas e negociava material com todo tipo de gente... — ela hesitou, como se pensasse em algo. De repente, ela perguntou: — Você já provou marmelo? Aqui há marmelo. Azedo como ruibarbo — disse ela, e acrescentou: — Mas se faz uma torta deliciosa com eles.

— Eu não sei nada sobre isso, minha senhora.

Ele nivelou os olhos sobre os marmeleiros e puxou a aba de seu chapéu tão baixo que lhe cortou a visão do horizonte.

— Então, onde você os comeu?

— Na Califórnia.

— Califórnia? — ela olhou para ele com a cabeça inclinada.

— Você já esteve lá?

— Colhi frutas lá em um verão, quando eu era criança.

— Aposto que você gostaria de experimentar um, não é?

Ele lhe deu um olhar de esguelha. — Acho que eu gostaria.

— Será bom ter um pouco de gordura sobre esses ossos, Sr. Parker.

— Você viu alguma estrela de cinema? — ela quis saber.

— Estrelas de cinema? — ele tinha imaginado que ela não sabia muito sobre estrelas de cinema.

— Não — ele olhou para ela.

— Você já viu alguma? — ele perguntou.

Ela riu. — Onde eu iria ver estrelas de cinema se eu nunca vi um filme?

— Nunca?

Ela balançou a cabeça. — Ouvi sobre elas através dos colegas na escola.

Ele gostaria de poder prometer levá-la em algum momento, mas como ele conseguiria o dinheiro para filmes? E mesmo que tivesse, não havia cinema em Whitney. Além disso, ela evitava a cidade.

— Na Califórnia, as estrelas de cinema ficam apenas em Hollywood, e faz frio nos lugares de montanhas. E o oceano é sujo. Ele fede.

Ela podia ver que teria trabalho para conseguir retirar aquele lado dele. — Você é sempre tão pessimista?

Ele teria enfiado mais o seu chapéu, mas se o fizesse, ele seria incapaz de ver onde ele estava andando. — Bem, a Califórnia não é como você pensa — ele murmurou.

— Você sabe, eu não posso dizer que eu me importaria se você sorrisse um pouco mais frequentemente, Sr. Parker.

Ele lhe lançou um olhar mal-humorado.

— Rir por causa de quê?

— Talvez, Sr. Parker, você tenha que descobrir isso por si mesmo — ela deixou o bebê deslizar de seu quadril. — Thomas, se você não está ficando mais pesado do que uma consciência culpada, eu não sei. Vamos lá, pegue a mão da mamãe e eu vou lhe mostrar algumas coisas — ela lhe mostrou coisas que Will não teria enxergado, começou por um ramo na forma da pata de um cão.

— Um homem poderia talhar para sempre e não faria nada mais bonito — declarou ela.

Em um lugar onde algo minúsculo tinha se aninhado na grama e deixado uma coleção de sementes de vagens vazias, ela disse: — Se eu fosse um rato, eu adoraria viver aqui neste pomar bem cheiroso, não seria ótimo? — Ela mostrou para os filhos um gafanhoto verde, camuflado em cima de uma folha, mais verde que a grama: — Você tem que olhar de perto para ver o que ele está fazendo, observem o som de suas asas — E ela mostrou, nos bosques adjacentes, uma antiga magnólia com uma cavidade profunda. No interior dessa cavidade o enraizamento da

árvore se encontrava com a raiz de uma segunda árvore, um robusto carvalho em fase de crescimento.

— Como ele foi parar lá? — perguntou Donald Wade.

— Como você acha que foi?

— Eu não sei.

Ela se agachou ao lado dos meninos, olhando para as árvores sobrepostas. — Bem, havia uma coruja velha e sábia vivendo nestes bosques. Certa noite ela veio e eu lhe perguntei a mesma coisa. Eu disse a ela: “Como foi que um saudável carvalho começou a crescer ao lado daquela magnólia tão antiga?”, Eleanor sorriu para Donald Wade. — Sabe o que ela me disse?

— Uma coruja? O que ela respondeu? — Donald Wade olhou para sua mãe, perplexo. Ela deslizou para o chão e se sentou como um índio, tirando a casca de um graveto caído com a unha do polegar, e continuou: — Bem, ela disse que havia dois esquilos vivendo aqui anos atrás. Um deles era um trabalhador, passava o dia todo naquela árvore lá em cima — ela apontou com o graveto para a magnólia. — O outro esquilo, bem, ele era preguiçoso. Deitava-se de costas naquele galho lá — ela apontou novamente a magnólia — e o fazia de travesseiro, coçava a calda, coçava as pernas e ficava só olhando o esquilo trabalhador preparando-se para o inverno. O esquilo preguiçoso esperou deitado, até que houve tantas nozes que elas estavam prestes a começar a cair pelas beiradas da magnólia. Então, quando o esquilo trabalhador saiu para procurar uma última noz, o preguiçoso aproveitou para comer, comeu, comeu e comeu, até ele comer a última. Ele, então, ficou tão cheio, que se sentou

num galho e deixou escapar um arroteo tão alto e poderoso, e ele caiu para trás, lá no fundo, com os braços arremessados para cima — ela fez uma pausa e suspirou. Will sorriu e Donald Wade deu uma risadinha. Bebê Thomas gritou.

— Mas não foi tão engraçado, afinal — ela continuou olhando para o céu.

Donald Wade ficou sério e se inclinou sobre ela para olhar seu rosto.

— Por que não? — o garoto perguntou.

— Porque ao cair, ele bateu a cabeça em um galho, e morreu.

Donald Wade deu um tapa na cabeça e caiu para trás, deitando-se na grama, ao lado de Eleanor. Ela se virou e colocou Thomas em seu colo.

— Agora, quando o pequeno esquilo trabalhador voltou, com aquela última noz entre os dentes, ele subiu e viu que todas as suas nozes tinham ido embora. Ele abriu a boca, chorando, depois comeu sua última noz. Com isso, ele caiu no ninho das cascas das nozes que o esquilo ganancioso havia deixado.

Donald Wade também se sentou. O seu interesse pela história havia sido despertado mais uma vez.

— Ele sabia que não poderia ficar aqui durante o inverno, porque ele já tinha recolhido todas as nozes que haviam por milhas e milhas. Então, ele deixou o seu ninho aconchegante e não voltou até que ele estivesse mais velho. Como ele estava velho foi difícil para ele subir e descer das árvores como ele costumava fazer. Mas ele se lembrou do pequeno ninho na magnólia que tinha sido quente, seco e seguro. Ele foi lá em cima

para vê-lo novamente, apenas em nome dos velhos tempos. E o que você acha que ele encontrou?

— O carvalho crescendo lá? — o menino mais velho arriscou.

— Está certo — Eleonor empurrou com um dedo o cabelo de Donald Wade da testa. — Um pequeno carvalho robusto com nozes suficientes para que o velho esquilo nunca mais tivesse que correr para cima e para baixo de uma árvore de novo, porque o carvalho estava crescendo ao redor de sua cabeça, ali mesmo, em seu ninho quente e aconchegante da magnólia.

Donald Wade pulou. — Conta outra vez?

— Oh, não! Tenho que seguir em frente e mostrar para o Sr. Parker o resto do lugar — ela se levantou e pegou a mão de Thomas, e disse: — Vamos, rapazes. Donald Wade, você fica do outro lado de Thomas. Vamos, Sr. Parker — disse ela sobre seu ombro —, está ficando tarde.

Will ficou para trás, vendo-os passar pelo caminho estreito, os três, lado a lado, de mãos dadas. A parte de trás do vestido dela havia amarrotado na grama úmida, mas ela não se importava nem um pouco. Ela estava ocupada apontando pássaros, rindo baixinho, conversando com os meninos com seu sotaque sulista cantante. Ele sentiu um aperto em seu coração pela mãe que ele nunca tinha conhecido, a mão que ele nunca tinha tido na dele, as histórias que nunca tinham sido contadas. Por um momento, ele fingiu que tinha tido uma como Eleanor Dinsmore. Toda criança devia ter uma mãe como ela. *Talvez, Sr. Parker, você tenha que descobrir isso por si mesmo.* Suas palavras ecoaram em sua mente, conforme eles caminhavam e

Will se viu olhando para trás, por cima do ombro, para o carvalho que crescia ao lado da magnólia, com plena consciência de que aquela coisa era rara.

Mais à frente, eles chegaram a um caminho que se bifurcava, flanqueado por colmeias cinzentas. Elas estavam meio velhas e largadas em uma extremidade do pomar. Ele procurou em sua mente por qualquer conhecimento de abelhas, mas não encontrou nenhum. Ele viu as colmeias com um potencial para fonte de renda, mas ele se lembrou de que o marido dela tinha morrido cuidando das abelhas e que tinha sido enterrado em algum lugar daquele no pomar. Mas Will não viu nenhuma sepultura e ela, tampouco, apontou uma. Apesar da forma como Glendon Dinsmore tinha morrido, Will se sentiu atraído pelas colmeias, pelas abelhas que zumbiam ao redor delas e pelo aroma do mel, mesmo que houvesse perigo. Ele se perguntou sobre o homem que tinha estado ali antes dele, um homem que nada mantivera, que não havia terminado nada e, aparentemente, nunca se preocupou com qualquer um deles. Como poderia um homem deixar as coisas irem à ruína desse jeito? Como poderia um homem ter a sorte de possuir coisas, tantas coisas, e se importar tão pouco sobre a condição delas? Will poderia contar em dez segundos o número de coisas que Glendon Dinsmore já havia possuído: um cavalo, uma sela, roupas, uma navalha. Apressando o passo, para recuperar o atraso e alcançar Eleanor Dinsmore, perguntou-se se ela seria tão desesperadamente sonhadora como seu marido tinha sido.

Eles chegaram próximos a um pé de Nogueira-pecã que parecia promissora, com nozes despontando. E, depois da

próxima colina, depararam-se com um trator que bloqueava o caminho.

— O que é isso? — os olhos de Will se iluminaram.

— É a velha Mula de Aço de Glendon — explicou ela, enquanto Will fazia um círculo lento ao redor do casco enferrujado. — Este foi o lugar onde ela parou de andar, por isso este é o local onde ele a deixou. Acho que não presta mais.

Era um velho Bates modelo G, mas de que ano Will não podia ter certeza: 1926 ou 1927, talvez. A parte da frente tinha duas rodas, e de cada lado na parte traseira três rodas de tamanhos diferentes, ordenadas de menor a maiores, e rodeadas por elos de correntes dentadas articuladas do lado de fora. Os terminais estavam amassados, alguns danificados demais. Ele olhou para o motor e duvidou que alguma vez fizesse um som novamente.

— Eu sei um pouco sobre motores, mas acho que este seu palpite está adequado.

Eles se afastaram, atingiram o limite da propriedade e começaram a voltar para a casa por outro caminho. Passaram por campos malcuidados e trechos de mata, chegando a um local onde Will parou, empurrou o chapéu para trás, e ficou boquiaberto.

— Caramba! — ele murmurou. Abaixo havia um verdadeiro cemitério de fogões de ferro, com ferrugem redobrando ao soprar do vento.

— Um monte deles, hein? — Eleanor parou ao lado dele. — A cada semana ele trazia um. Eu dizia a ele: “Glendon, o que você vai fazer com todos esses fogões velhos, quando todo

mundo nos dias de hoje está mudando para fogão a gás e a querosene?” Mas ele continuou os transportando para cá sempre que ele ouvia falar de alguém os trocando por um novo.

Devia ter cerca de quinhentos deles. — Nossa! — Will repetiu, levantando o chapéu e coçando a cabeça, imaginando a tarefa de transportá-los novamente. Ela olhou para seu perfil, tão claramente definido contra o céu azul, com o chapéu empurrado para trás, longe de seus traços. Ela ousaria lhe dizer sobre o resto? Ela decidiu por sim, ele acabaria descobrindo de qualquer maneira. — Espere até você ver os carros.

Will se voltou. Depois de tudo o que ele tinha visto nada seria uma surpresa. — Carros?

— Destroçados, cada um deles. Pior que a Mula de Aço.

Com as mãos nos quadris, ele estudou os fogões por um longo momento. Finalmente, ele suspirou, puxou novamente a aba do chapéu e disse: — Bem, vamos acabar com isso.

Os carros estavam atrás da faixa de floresta que rodeava as construções estragadas. Eles faziam um círculo quase completo em torno do lugar, criando um emaranhado de portas escancaradas e tetos flácidos cheio de ervas daninhas. Eles se aproximaram das janelas de um velho Whippet, de 1928, destroçado. Madressilva selvagem escalava suas rodas e ao longo do para-choque dianteiro. No estribo, um pássaro havia feito seu ninho contra o vento que soprava do para-choque traseiro.

— Posso dirigir, mamãe? — Donald Wade perguntou ansiosamente.

— Claro que pode. Quer levar o bebê Thomas com você?

— Vamos lá, Thomas — Donald Wade pegou a mão de seu irmão, suja pela grama, e o ajudou a embarcar. Os dois escalaram e se sentaram lado a lado, pulando depois no banco esfarrapado. Donald Wade girou o volante para a esquerda e para a direita, fazendo os ruídos do motor com a boca. Quando Eleanor e Will se aproximaram, ele puxou o volante ainda mais vigorosamente. Imitando o irmão, Thomas mostrou a língua e soprou, enviando partículas de saliva voando feito uma teia de aranha, através da tinta preta desbotada do painel.

Eleanor estava ao lado da porta aberta e riu. Quanto mais ela ria, mais os meninos saltavam e sopravam. Quanto mais eles saltavam e sopravam, mais animadamente Donald Wade trabalhava o volante. Ela cruzou os braços sobre a abertura da janela, inclinou-se e apoiou o queixo em um pulso: — Onde vocês estão indo, desbravadores?

— Atlanta! — gritou Donald Wade.

— Lanta! — repetiu Thomas.

— Atlanta? — brincou a mãe. — O que vocês acham que vão fazer lá?

— Não sei — Donald Wade levou o seu tempo girando rapidamente o velho volante em suas mãos sardentas.

— Você se importa em dar uma carona para uma bela senhora?

— Não posso parar, estou indo rápido demais!

— E se eu pular no estribo enquanto você sacode por aí?

— Está bem, senhora!

— Ai! — Eleanor pulou para trás e agarrou o pé. — Você correu por cima do meu dedo do pé, jovem — ela brincou.

— Eeeeeech! — o pé atarracado de Donald Wade bateu no pedal do freio no chão. — Que aborrecimento, minha senhora.

Eleanor agiu como se estivesse ofendida. Ela empinou o nariz e se afastou. — Não vou mais, agora que você atropelou meus dedos. Acho que vou encontrar alguém que me leve menos imprudentemente do que você, meu jovem. Mas você pode perguntar ao Sr. Parker aqui se ele precisa de uma carona para a cidade. Ele leva algum tempo andando e ele provavelmente está cansado, não é, Sr. Parker? — ela olhou para ele com um sorriso torto.

Will nunca tinha jogado esses jogos antes. Sentia-se em evidência e sem imaginação, enquanto todos o observavam, esperando por uma resposta. Ele procurou freneticamente em sua mente e veio como um golpe súbito de gênio.

— Da próxima vez, rapazes — ele levantou uma bota roçando acima da grama. — Acabei de comprar este par de botas e não posso gastá-las muito antes do baile na noite de sábado.

— Está bem, senhor. Bruuuuuuu! — mais ruídos saíram do motor, e mais risadas de Eleanor Dinsmore. Ela se apoiou em um grande carvalho, ajoelhou-se na grama ao lado das madressilvas e Will sentiu como se fosse uma criança novamente, experimentando delícias que ele não conhecia. O dia estava quente e cheirava a grama, e, por um momento, parecia não haver necessidade de pressa ou de planos, de desejar algo ou se arrepender. Era o suficiente assistir duas crianças loiras se dirigindo para Atlanta em um Whippet de 1928. O riso de Eleanor desapareceu, mas sua curiosidade permaneceu conforme ela

estudou Will. Ele se encostou ao lado do carro com o seu peso em um pé, os braços cruzados sobre o peito. A luz do sol iluminava a ponta de seu nariz. Em seus lábios havia um sorriso genuíno. — Bem, agora, você deveria ver isso — ela disse, suavemente. Ele olhou e a encontrou estudando a sua boca. Então ela tinha feito isso; ela o fizera sorrir. Era como uma revitalização, e ele nem o apagou nem escondeu, mas dirigiu seu sorriso a Eleanor Dinsmore.

— É uma sensação boa, não é? — ela perguntou em voz baixa. Seus olhos castanhos suavizaram conforme eles apreciavam os verdes dela.

— Sim, senhora — ele respondeu calmamente.

Sorrindo para ele, observando o prazer em seus olhos, Eleanor se emocionou ao perceber que ela e os meninos tinham conseguido colocar aquele sorriso lá. *Pelo amor de Deus, o que um sorriso fazia ao rosto de Will Parker!* Olhos caídos nos cantos, pálpebras semicerradas, lábios amolecidos, e a falta de emoção haviam desaparecido. *Eu poderia conviver com esse homem muito facilmente, agora que eu sei que posso fazê-lo sorrir.* Ela pensou, e seu sorriso viajou de sua boca para sua barriga arredondada, uma viagem permanente. Ela nunca tinha se importado, de uma forma ou de outra, sobre como as pessoas pareciam. Mas Will Parker, relaxado e sorridente, era uma visão atraente, não havia dúvida sobre isso. Só depois que este pensamento a atingiu, ela ficou inquieta sob seu exame. O olhar dele se ergueu e encontrou o dela, fazendo Eleanor encabular por dentro. Ela permaneceu inflexível sob o olhar firme dele,

imaginando o que ele estava pensando. Deixe-o olhar, deixe que ele decida. Ela faria o mesmo.

— Você sabe, Sra. Dinsmore...

O grito de Thomas o interrompeu. Will olhou por cima do ombro.

Donald Wade gritou de dor e pânico.

Will girou e gritou: — Jesus Cristo! — lançou-se para afastá-los do carro e arrastou Donald Wade por um braço. — Corra! Saiam daqui! Abelhas!

Meia dúzia delas zumbiam ao redor da cabeça de Will. Uma o picou no pescoço, outra no pulso, enquanto ele pegava o Thomas berrando. Até o momento em que ele se afastou do carro, os insetos estavam invadindo todos os lugares. Ignorando as picadas, Will afastou as abelhas de Thomas com seu chapéu de cowboy. Eleanor e Donald Wade levantaram voo numa corrida, mas quando Will correu para eles, Donald Wade caiu, de cara, gritando. Will o pegou e continuou a correr. Suas pernas eram mais longas do que as de Eleanor e ele logo foi se distanciando dela. Parando, incerto, ele se voltou. Atrás dele, ela lutava para seguir em frente, com um andar desajeitado, apoiando a barriga com uma mão, abanando o ar sobre sua cabeça com a outra. O número de abelhas tinha aumentado e compunham um zumbido furioso.

— Sra. Dinsmore! — ele chamou.

— Leve-os e corra! — Eleanor gritou. — Não espere por mim!

Will viu o terror em seus olhos e fez uma pausa indecisa.

— Vá! — ela gritou.

Uma abelha pousou no braço de Thomas. Ele gritou e começou a se debater descontroladamente no braço de Will. Então, Will se voltou e os carregou pelo caminho, com os meninos gritando e pulando. Quando ele estava longe do enxame, ele fez uma pausa, ofegante, e se voltou bem a tempo de ver Eleanor tropeçar e cair. Seu coração pareceu saltar em sua boca.

— Esperem aqui! — ignorando os gritos atrás dele, ele correu mais do que nunca. A mulher tentava se levantar, se apoiando lentamente, com os olhos fechados e segurando a barriga.

Oh, Jesus, filho da puta, Cristo poderoso, Will orou da única maneira que sabia, *não a deixe se machucar!* Ele abaixou-se com um joelho na terra, estendendo a mão para ela.

— Sra. Dinsmore... — ele ofegou. — Machucou? — Will perguntou ansiosamente, ajoelhando-se ao lado dela, perguntando-se o que ele deveria fazer, se ela começasse a perder o bebê ali no meio daquele matagal. Ele assistiu sua barriga se levantar, ela com uma respiração ofegante, ele questionou-se se deveria tocá-la. *Mas para quê?* Ele sentou-se, as mãos apoiadas sobre as coxas, incertas. Os olhos dela se abriram. — Os meninos... Está tudo bem com os meninos?

— Eles estão somente com medo — ele tirou o chapéu e bateu, com raiva, em duas abelhas zumbindo que pairavam sobre sua cabeça.

— Para fora daqui, suas filhas da puta! — mais a frente os gritos continuavam. Will lançou um olhar incerto para os meninos, outro para Eleanor, lutando contra o pânico. Ele a pegou pelos

braços e a pôs de costas. — Deite-se aqui um minuto. As abelhas sumiram.

— Mas os meninos...

— Os meninos têm alguns hematomas, mas os deixe gritar por um minuto. Agora, você vai ficar de costas, como eu disse — ela parou de resistir e se deitou na terra. Ele colocou o chapéu debaixo dela. — Aqui, coloque sua cabeça sobre isso.

Ela ficou deitada, mas sentia pequenas fisgadas em seu ventre.

— Eu estou bem. Por favor... Você pode ver os meninos?

— Mas você está...

— Eu vou ficar deitada aqui por um tempo. Leve os meninos até o poço e coloque alguma lama em suas picadas de abelha o mais rápido possível. Isso vai aliviar o inchaço.

— Mas eu não posso deixá-la aqui.

— Sim, você pode! Agora, faça o que eu digo, Will Parker! Aquelas picadas de abelha podem matar Thomas se ele tiver muitas delas, e eu já perdi seu pai para as abelhas, você não entende? — seus olhos se encheram de lágrimas e Will relutantemente ficou de pé. Ele olhou para os dois meninos, ainda sentados miseráveis no meio do caminho, gritando. Ele olhou para a mãe e apontou o dedo com autoridade em seu nariz.

— Não se mova até eu voltar — em seguida, ele correu novamente. Um momento depois, ele resgatou os dois garotos berrando e seguiu em frente.

— Maamaaaa! Eu quero a minha maamaa! — Donald Wade tinha vários hematomas no rosto e nas mãos. Uma orelha estava

vermelha e inchada.

— Sua mãe não pode correr tão rápido como eu posso. Segurem-se e vamos colocar algo sobre as suas picadas.

O bebê Thomas estava se debatendo como um possesso e tinha picadas por todo corpo, incluindo uma grande quantidade em seu pescoço. As picadas já tinham começado a inchar. Com o pensamento no que poderia estar acontecendo para estarem inchando, tanto no interior como no exterior deles, Will fez suas pernas correrem com mais força. Tentou pensar racionalmente, tentando lembrar se ele tinha visto onde a Sra. Dinsmore mantinha uma faca. E uma imagem da lâmina de prata passou pela sua mente, ele imaginou ter que colocá-la na traqueia do bebê Thomas, naquela pele rosada e macia do bebê. Seu estômago revirou com aquele pensamento. Ele não tinha certeza de que poderia fazer isso.

Maldição, não deixe que isto mate o garoto, você me ouviu! Não pense nisso, Parker, apenas continue correndo! Enquanto ele estiver gritando, ele não estará morrendo.

O bebê Thomas berrou por todo o caminho de volta para o quintal. Will chegou ao trecho enlameado, junto à bomba de água, equiparando onze milhas por hora. Seu pé esquerdo voou para o Oeste, o direito no Leste, e um momento depois ele caiu com um estrondo. Ali ele ficou sentado, com os dois meninos berrando. Uma bolha se formou na narina direita do bebê Thomas. As lágrimas rolavam pelo rosto de Donald Wade, molhando as picadas de abelha. Will estendeu a mão e puxou o punho de Donald Wade para baixo.

— Não as esfregue — ele se sentou na fria lama viscosa e começou a espalhá-la em ambos os meninos de uma só vez. Thomas lutou com unhas e dentes, sacudindo a cabeça para trás, empurrando as mãos de Will. Mas logo os vergões visíveis foram cobertos. Os gritos diminuíram para soluços espasmódicos, em seguida, os soluços espasmódicos para rústicos arquejos, quando ficou claro para os meninos que estavam sentados debaixo da bomba e que Will estava passando lama neles. Will tirou os suspensórios de Donald Wade, tirou sua camisa por cima da cabeça. Ele tratou várias picadas nas costas e na barriga do menino. Então removeu a roupa do bebê e fez o mesmo.

— Muitas pegaram você, também — disse Donald Wade e Will confirmou, examinando o menino por trás, procurando qualquer marca que ele pudesse ter perdido.

— Eles estão bem?

O queixo de Will quase caiu ao som da voz de Eleanor. Ela estava de pé na beira do poço, segurando o chapéu achatado em sua mão. — Eu pensei que lhe disse para ficar parada até que eu pudesse voltar para buscar você.

— Eles estão bem? — ela repetiu.

— Eu acho que sim. E você?

— Acho que sim.

— Mamãe... — o bebê foi em sua direção, mas Will o segurou.

— Sente-se aqui um minuto, campeão. Você vai deixar a sua mãe toda enlameada.

De repente, o rosto de Eleanor se enrugou e uma risada começou no fundo de sua garganta. Will lhe lançou um olhar penetrante.

— Do que você está rindo?

— Oh, misericórdia, se você pudesse ver a imagem que vocês três fazem! — ela cobriu a boca e dobrou-se para frente, rindo. — Desculpe-me, eu não consigo parar...

Raiva súbita ferveu em Will. Como ela ousava ficar lá rindo quando ele tinha acabado de ter alguns bons anos perdendo-se dele por causa do medo? Quando o seu coração estava batendo tão alto que as têmporas doíam? Quando ele estava sentado com a lama escorrendo através de seu único par de jeans? E tudo por causa dela e de seus filhos!

— Não é uma coisa muito engraçada, então pare de se alegrar! — ele colocou os dois meninos de pé como se fossem pás e ele tivesse acabado de cavar com eles. Desajeitado, saiu da lama, com pernas bambas, como uma criança com fraldas. Todo o tempo ela ria atrás de sua mão. Ria, por sua causa, quando ela poderia estar lá, neste exato minuto, tendo um aborto. Will ficou mais furioso. Sua cabeça se projetou para frente, e ele disse: — Você é louca, mulher?

— Eu acho que eu sou — ela conseguiu dizer através de seu riso. — Ao menos, é o que todos dizem, não é?

Seu bom humor só intensificou sua cólera. Enfurecido, ele apontou: — Você vá para a casa e... E... — mas ele não sabia o que aconselhar. Inferno, o que era ele, uma parteira?

— Estou indo, Sr. Parker, eu estou indo — Eleanor respondeu alegremente. Ela empurrou para fora a cúpula de seu

chapéu e o estatelou em sua própria cabeça, onde ele caiu passando por seus ouvidos. — Mas como eu poderia passar sem perceber você sentado aí na lama?

Ela estendeu a mão para o bebê Thomas e Will bradou: — Vou cuidar deles! Basta ir para a casa e cuidar de si mesma.

Ela se virou, rindo, e saiu andando daquele jeito engraçado.

Maldita mulher com o sentido que Deus deu a um par de rochas! Ela não sabia que ela deveria estar deitada de costas, descansando, depois da queda que ela tivera? Levaria algum tempo para ele se acostumar a viver com uma mulher disposta a rir dele em todas as chances que ela tivesse. E ela não sabia que susto lhe dera? Agora, que tudo tinha acabado, seus joelhos pareciam um par de tomates podres. Isso também o deixou louco. Ficar de joelhos bambos pela mulher de outra pessoa, e por uma total desconhecida?! Não muito gentilmente, ele a chamou: — Quanto tempo deve ficar esta lama sobre eles?

Sem se voltar, ela respondeu: — Cerca de dez minutos. Eu vou fazer alguma coisa para ajudar com a coceira — ela deixou cair o chapéu no degrau da varanda e desapareceu lá dentro.

Will removeu os sapatos dos meninos e os deixou jogados na lama. Ele próprio se sentia vinte vezes mais pesado com tanta gosma pendurada em sua parte traseira. Ele olhou para a casa, mas ela ficou lá dentro. Ela não sabia se ele queria que ela sáísse ou não. *Maldita mulher*, de pé ali rindo dele, enquanto ele estava tentando acalmar seus filhos berrando. E ninguém usava o chapéu dele. Ninguém!

Na casa, Eleanor começou a trabalhar, amassando uma banana em um pilão. *Você realmente não conhece uma pessoa*

até que você a veja numa situação de desespero, ela pensou. Então, agora que ela tinha visto Will Parker naquela situação, e até mesmo o irritado, ele era muito tranquilo, um bom sinal. Sentado naquele buraco de lama com seus olhos escuros expressivos, que visão ele era! Ela sentiu que se ele ficasse na fazenda, anos depois, eles ririam sobre aquilo. Ela olhou para cima e viu algo que fez suas mãos pararem: — Olhe isso — ela murmurou para si mesma. Will Parker estava vindo para a casa com seus dois filhos nus em seus braços. Seus traseiros pareciam rosados e gordos contra os braços morenos e rígidos de Parker, com as mãos dele em seus ombros frágeis. Ele dava longas passadas, mas logo mudou, como se a pressa fosse estranha para ele. Sua cabeça estava nua, sua camisa desabotoada com os lados esvoaçando, e ele tinha uma careta profunda. Que bom era ver seus meninos com um homem novamente. Eles tinham medo de estranhos, mas, em menos de um dia, tinham se acostumado com Will Parker. E, no mesmo período, ela tinha visto tudo o que precisava para ser convencida de que ele poderia fazer tudo certo como um pai deveria fazer, se os meninos agissem apropriados ou não. Ele seria gentil com eles. E carinhoso. Ela observava das sombras da cozinha, enquanto ele se aproximava da casa e fazia uma pausa, hesitante, ao pé dos degraus da varanda. Ela saiu, observando que as calças e os lados da camisa estavam pingando.

— Vocês se lavaram na água fria?

— Pensei que você estaria descansando — sua voz ainda insinuava desagrado.

— Eu tive uma pontada ou duas, mas não há nada seriamente errado.

— Você não deveria ver um médico ou algo assim?

— Médico? — ela zombou. — O que eu preciso com um médico?

— Eu poderia caminhar até a cidade, ver se poderia trazer um aqui.

— A cidade não tem nenhum uso para mim, eu não tenho nenhum uso para ela. E eu vou ficar muito bem.

Senhor misericordioso, ela estava grávida de cinco meses e não tinha visto um médico? Seus olhos caíram para o prato que ela segurava. — O que é isso?

— Banana amassada para as picadas. Mas é melhor secar os meninos primeiro. Você se importaria de passar em um, enquanto eu passo no outro?

Ela se foi para dentro da casa antes que Will pudesse responder. Um momento depois, ela voltou com duas toalhas, jogou uma para Will e se sentou no degrau com a outra. Enquanto ela secava Donald Wade, Will secava Thomas. Ele encontrou-se se equilibrando nas pontas dos seus pés com Thomas entre os joelhos. *Outra novidade*, pensou ele, sem jeito de trazer a criança para mais perto. Thomas estava corado e brilhante e seu pequeno nariz estava inchado como uma barricada em um cruzamento de estrada de ferro. Ele olhou diretamente nos olhos de Will, em silêncio. Will sorriu.

— Vamos secar isso, pequenino — ele se aventurou. Desta vez, ele não se sentiu tão estranho conversando com o menino. Thomas não gritou ou lutou com ele, assim ele percebeu que

estava fazendo tudo certo. Ele logo aprendeu que os bebês faziam pouco para ajudar na hora do banho. Thomas se limitou, basicamente, a olhá-lo com o lábio inferior pendurado. Ele teve de levantar os braços dele, separar seus dedos, virar seu corpo para lá e para cá. Will secou todos os locais, com todo o cuidado onde as picadas eram piores. O pescoço de Thomas era tão pequeno e frágil. Sua pele era suave e ele cheirava melhor do que qualquer outro ser humano. Um prazer inesperado o invadiu. Ele ergueu o olhar e descobriu Eleanor olhando para ele.

— Como vai? — ela sorriu, preguiçosamente.

— Não é ruim.

— Primeira vez?

— Sim, senhora.

— Você não teve filhos?

— Não, senhora.

— Nunca se casou?

— Não, senhora.

Eles ficaram em silêncio, esfregando os meninos. A tranquilidade, inspirada pela tarefa, transbordou em Will e suavizou seu aborrecimento para com a mulher.

— Você me assustou, você sabe, caindo daquele jeito.

— Eu também fiquei muito assustada — seu sorriso preguiçoso continuou.

— Não quis falar com você daquele jeito — como se pedisse desculpas, Will falou.

— Está tudo bem. Eu entendo.

Depois de uma pausa, ela acrescentou: — Acho que você está com um pouco de frio com essas calças molhadas.

Thomas ficou complacente entre os joelhos de Will, e Will não teve nenhum aviso, até que sentiu algo aquecer o brim frio em sua parte interna da coxa. Ele olhou para baixo e pulou. O bebê Thomas, despreocupadamente, curvou as pernas e continuou a se aliviar em um arco amarelo de xixi.

— Misericórdia, Thomas, olha o que você fez?! — Eleanor empurrou Donald Wade de lado e foi até o degrau onde ele estava. — Oh misericórdia, Sr. Parker, eu sinto muito — ela deixou cair um olhar consciente para a coxa de Will. — O bebê Thomas, ele ainda não está treinado, você vê, e, por vezes, bem, por vezes... — ela se atrapalhou e corou. — Eu estou terrivelmente envergonhada.

Will ficou com os pés separados, inspecionando os danos. — Como você disse, de qualquer maneira, elas estavam molhadas. Elas vão secar.

— Eu ficaria feliz de lavá-las para você, e eu vou te dar algo de Glendon para vestir até que sua calça esteja seca — ela ofereceu.

Ele levantou a cabeça e seus olhos se encontraram. Os dela estavam consternados. Um sorriso começou a puxar um canto da boca dele, o sorriso vindo com a mesma lentidão que ele praticava ao caminhar, atravessando uma bochecha até desenhar uma atrativa meia lua com os lábios. Ele riu. Dentro dele o riso construído entrou em erupção. E quando o desgosto de Eleanor se transformou em alívio, ela se juntou a ele. Eles ficaram no sol rindo juntos, pela primeira vez, com as crianças nuas olhando para eles. Quando terminaram, uma sutil mudança

havia acontecido. Seus sorrisos permaneceram, enquanto possibilidades flutuavam através de suas mentes.

— Então — ele disse, por fim — é assim que você lida com todos os homens que vêm até aqui para responder a seu anúncio? — ele brincou zombeteiramente.

— Você nunca sabe o que esperar quando você tem estes dois pequenos.

— Vou me lembrar disso da próxima vez — disse ele.

— Vou pegar para você a roupa de Glendon e você pode levar um balde de água quente para o celeiro.

— Eu agradeço, senhora.

No entanto, nenhum deles se moveu. Ficaram enraizados de surpresa e curiosidade, agora que eles tinham visto um ao outro sob uma nova perspectiva. O rosto dela irradiava mais do que o reflexo de seu vestido amarelo. Ele pensou em chegar e tocá-la, pensou sobre como sua pele poderia ser sentida, talvez fosse macia como a de Donald Wade e quente como o sol. Em vez disso, ele se inclinou para recuperar o chapéu do degrau e o estabeleceu na cabeça. Da segurança de sua sombra, ele lhe disse: — Eu decidi ficar, se você ainda me quiser.

— Eu quero — disse ela diretamente.

A emoção disparou em linha reta para seus órgãos vitais. Até onde ele podia se lembrar ninguém quis Will Parker. De pé, no sol, com um pé nos degraus da varanda e os filhos dela, nus aos seus pés, ele prometeu que faria o seu melhor por ela.

— E quanto a se casar, nós não vamos discutir isso até que você se sinta confortável. E se você nunca estiver, não faz mal. Eu vou ficar bem no celeiro. Tudo certo assim?

— Tudo bem — ela concordou, piscando-lhe, com um breve sorriso nervoso. Ele se perguntou se o interior dela estaria tão remexido quanto o dele. Ele não poderia saber. Naquele momento, baixou o olhar e verificou o cabelo na parte de trás de seu pescoço.

Bem, eu vou ser amaldiçoado, Will pensou. Eu vou ser duplamente condenado.

CAPÍTULO 6

O PASSADO DE ELEANOR

Naquela primeira semana que Will Parker esteve lá, Eleanor mal o viu, exceto na hora das refeições. Ele trabalhava, trabalhava e trabalhava. Levantava quando o dia ainda estava escuro e somente parava quando não mais havia luz. Aliás, ele nunca parava, arrumava o que fazer também à noite, no celeiro, à luz da lamparina.

Logo no primeiro dia, estabeleceu uma rotina de trabalho e a manteve. Pela manhã, cortava lenha, levava-a para a cozinha e acendia o fogo; então enchia o balde de água e ia fazer a ordenha, dando a Eleanor privacidade para se arrumar. Ela já estaria vestida quando ele retornasse. Enquanto ela preparava o café da manhã, ele se lavava e se barbeava. Depois que eles comessem, ele alimentava os porcos, e depois desaparecia para fazer qualquer tarefa que ele designara para si mesmo naquele dia.

As duas primeiras coisas que andou fazendo foi: uma grade de madeira ripada para a bomba e o conserto da escada no celeiro. Depois, ele limpou o celeiro melhor do que Eleanor se lembrava de já ter visto anteriormente: retirou as teias de aranha, limpou as janelas e organizou cada coisa em seu lugar. No mesmo dia, levou o adubo para o pomar e espalhou calcário no solo. Em seguida, atacou o galinheiro: tirando a sujeira completamente, consertando algumas das estacas quebradas, colocando nova tela na porta e nas janelas e depois ampliando o espaço das galinhas. Quando isso acabou de ser feito, quis

saber se poderia ter um pouco de ajuda para levar as aves para dentro. Eles passaram uma hora divertida tentando fazer isso. Pelo menos Eleanor achou divertido. Will achou irritante. Ele agitou seu chapéu de cowboy e amaldiçoou quando uma galinha teimosa recusou-se a ir para onde ele queria que ela fosse. Eleanor fez ruídos cacarejando e persuadiu as galinhas com milho. Às vezes, ela imitava o andar das galinhas e inventava histórias sobre como elas chegaram a caminhar daquela forma. O mais inventivo foi sobre um grilo preto teimoso que se recusava a deslizar pela garganta de uma galinha, após ter sido ingerido. As galinhas não eram os animais favoritos de Will. Chatice de cacarejos foi do que ele as chamou. Mas quando colocaram a última no galinheiro, Eleanor tinha conseguido roubar um sorriso relutante dele.

Will se dava bem com a mula, no entanto. O nome dela era Madame, e Will gostou dela no momento em que viu seu grande nariz peludo bisbilhotando a porta do celeiro, enquanto ele estava fazendo a ordenha da noite. Madame não cheirava melhor do que o celeiro; então, logo que o celeiro foi limpo, ele decidiu que ela também deveria ser. Amarrou-a e a lavou, esfregando-a com uma escova e enxaguando-a com um balde, secando com um pano.

— Que diabo você está fazendo aí? — Eleanor perguntou da varanda.

— Dando banho em Madame.

— Mas para quê?

— Ela precisa de um.

Eleanor nunca tinha ouvido falar de um animal que estivesse sendo limpo com produto de limpeza. Era uma coisa estranha, Glendon nunca tinha sido capaz de fazer algo além de xingar aquela velha mula teimosa; mas, depois de seu banho, Madame fazia qualquer coisa que Will quisesse dela. Ela o seguia como um cachorrinho treinado. Às vezes, Eleanor pegava Will olhando nos olhos de Madame e sussurrando para ela, como se os dois compartilhassem segredos. Certa noite, Will surpreendeu a todos ao aparecer na varanda de trás junto de Madame com um arreio.

— O que é isso? — Eleanor foi até a porta, seguida por Donald Wade e pelo bebê Thomas.

Will sorriu e esperou que ele não estivesse fazendo papel de tolo.

— Madame e eu... Bem, nós estamos indo para Atlanta e vamos levar os passageiros que quiserem ir junto.

— Atlanta?! — Eleanor entrou em pânico. Atlanta ficava a quarenta milhas de distância. O que ele queria em Atlanta? Então ela viu o sorriso em seus lábios.

— Ela disse que queria ver um filme de Claudette Colbert^[4]
— Will explicou.

De repente, Eleanor compreendeu. Lançou uma gargalhada, enquanto Will acariciava o nariz de Madame. Brincar não era fácil para ele, era evidente, por isso ela apreciou ainda mais. Na porta, com uma mão na cabeça de Donald Wade, ela ficou perguntando: — Alguém quer dar um passeio em Madame? — disse ela, voltando-se para Will: — Você tem certeza de que é seguro?

— Completamente, ela é mansa como um cordeiro.

Da varanda, Eleanor viu como Will levou os risonhos meninos por todo o quintal no lombo de Madame. Donald Wade ia atrás de Thomas, com os braços cruzados em torno do estômago do irmãozinho. Surpreendentemente, Thomas não estava com medo. Ele tinha agarrado a crina de Madame e borbulhava em delírio.

Nos dias seguintes àquele passeio, Donald Wade seguiu Will como Madame fazia. Ele armava um berreiro se Eleanor dissesse que não, que era hora de uma soneca, ou que Will estaria fazendo algo que poderia ser perigoso. Quase sempre, porém, Will dizia: — Deixe o menino vir. Ele não é nenhum problema.

Certa manhã, enquanto ela estava fazendo um bolo de especiarias, o par apareceu na varanda de trás, com serras, pregos e madeira.

— O que vocês dois vão fazer agora? — Eleanor perguntou, dando um passo para a porta de tela, mexendo sempre na tigela apoiada contra o seu estômago.

— Will e eu vamos consertar o piso da varanda — Donald Wade anunciou, orgulhosamente. — Não vamos, Will?

— É claro, pequenino — Will olhou para Eleanor. — Eu gostaria de um pedaço de palha de aço e lã, se você tiver.

Ela pegou a palha de aço e a lã e, em seguida, assistiu Will pacientemente se sentar no degrau e mostrar a Donald Wade como limpar uma serra enferrujada com palha de aço, óleo e um pedaço de lã. A serra, ela notou, era pequena. Onde ele a tinha encontrado ela não sabia, mas aquela se tornou a de Donald

Wade. Will tinha outra maior, que ele dias atrás havia limado e afiado. Quando a serra menor foi limpa, Will apertou a lâmina entre os joelhos, pegou uma lixa de metal do bolso de trás e mostrou a Donald Wade como uma lâmina era amolada.

— Você está pronto agora? — ele perguntou ao rapaz.

— Sim.

— Então vamos começar.

Donald Wade era nada além de um incômodo, ficando no caminho de Will a maior parte do tempo. Mas a paciência de Will com o menino era inesgotável. Ele colocou um pedaço de madeira sobre o banquinho de ordenha, mostrou a Donald Wade como ancorá-la com um joelho e começar; em seguida, ele próprio começou a trabalhar, serrando madeira para substituir o piso da varanda. Quando a serra de Donald Wade se recusou a cooperar, Will interrompeu seu trabalho e foi para trás do menino, segurando sua mão pequena, movendo-a até um pedaço de madeira cair. Eleanor sentiu seu coração se expandir quando Donald Wade riu e olhou para cima com adoração em seus olhos. — Nós fizemos isso, Will!

— Sim. Claro que sim. Agora venha aqui e me dê alguns pregos.

Os pregos, Eleanor percebeu, estavam enferrujados, e a madeira ligeiramente deformada. Porém, poucas horas depois, tiveram a varanda resistente novamente. Eles a batizaram, sentando-se sobre os novos degraus, debaixo do sol, e comendo bolo de especiarias coberto com chantilly proveniente das tetas de Herbert.

— Você sabe — Eleanor sorriu para Will —, eu, com certeza, gosto do som do martelo e da serra.

— E eu gosto do cheiro de bolo de especiarias enquanto eu trabalho.

No dia seguinte eles pintaram toda a varanda: o piso de vermelho e as colunas de branco. Na “Festa da Nova Varanda”, ela serviu pão de gengibre e creme de chantilly. E Will comeu o suficiente para dois homens e ela adorou. Ele recusou os três pães restantes, em seguida, esfregou o estômago e suspirou: — Esse foi um excelente pão de gengibre, minha senhora — Will Parker nunca deixava de mostrar seu apreço, embora fosse com poucas palavras. “Bom jantar, minha senhora”, ou “Muito obrigado pelo jantar, minha senhora”. Mas os agradecimentos de Will faziam os esforços de Eleanor parecerem valer a pena e enchiam-na com um sentimento de realização que ela nunca tinha conhecido. Ele amava seus doces e não parecia comer o suficiente deles. Um dia, quando ela não tinha feito a sobremesa, ele pareceu decepcionado, mas não fez nenhuma observação. Uma hora, após a refeição do meio-dia, ela encontrou um balde de marmelo maduro no degrau da varanda.

De fato, ela tinha se esquecido da torta, mas ao ver os marmelos, ela sorriu para o lembrete de Will e olhou, através do pátio, à procura dele, mas ele estava longe. Eleanor pegou o balde e se dirigiu para dentro da cozinha e começou a preparar uma massa de torta.

Para Will Parker aquele primeiro par de semanas na casa de Eleanor Dinsmore foi o céu. O trabalho – por muitos tratado como um inferno – era um privilégio. Saber que ele poderia

escolher o que queria fazer a cada dia era uma liberdade que ele valorizava. Ele poderia cortar madeira, remendar pisos da varanda, limpar celeiros ou lavar mulas. Qualquer coisa que ele escolhesse, ninguém diria: “rapaz, você deveria estar aqui?” ou: “rapaz, quem lhe disse para fazer isso?”.

Madame era um animal agradável, lembrava-o dos dias em que ele tinha participado de disputas em raia e tinha tido um cavalo. Ele gostava de tudo em Madame: a pelagem, o nariz irregular e suas longas pestanas curvadas. À noite, ele a levava para o celeiro e fazia sua cama ao lado dela em um dos locais que foram limpos e cheiravam a erva doce. Ele tinha se afeiçoado ao animal e o animal retribuía na mesma proporção de afeto.

Depois vinha a manhã... cada uma melhor do que a última. Pela manhã, Donald Wade se aproximava, proporcionando companhia e devoção diante de cada palavra que Will dizia. O menino estava se transformando numa verdadeira surpresa. Ele vinha com cada coisa. Certo dia, quando ele estava segurando o martelo para Will, enquanto Will esticava o arame ao redor do galinheiro, Donald olhou para uma galinha e perguntou pensativo: — Ei, Will, por que é que as galinhas não têm lábios? — deixando Will sem saber o que responder. Outro dia, ele e Will estavam cavando em um monte de lixo no galpão escuro, em busca de uma ferramenta, quando um odor suspeito começou a contaminar o ar em torno deles. Donald Wade se endireitou abruptamente e disse: — Oh! Oh! Um de nós soltou pum, não foi?

Mas Donald Wade era mais do que simplesmente divertido. Ele era curioso, inteligente, e adorava a sombra que Will lançava. Pouco ajudava Will o seguindo por toda parte, mas era uma companhia para o homem solitário. — Eu vou ajudar, Will — ele dizia, ficando no caminho dele, de pé sobre a chave de fenda, perdendo as ferramentas na grama. Mas Will não se incomodava, descobriu que gostava de ensinar o menino. O que o menino sabia, aprendera assistindo sua mãe. Só que Will ensinava coisas diferentes. Os nomes das ferramentas; a forma adequada para mantê-las; como colocar um rebite através do couro; como reformar uma porta de tela e torná-la mais resistente; como tratar o casco de uma mula.

O trabalho e Donald Wade eram apenas parte do que fazia os dias de Will felizes. *A comida, Deus, a comida!* Tudo o que ele tinha a fazer era ir até a casa e tê-la, cortar um pedaço de bolo de especiarias de uma panela ou pôr manteiga em um pão. O que ele mais gostava era levar algo doce para o lado de fora e comê-lo, enquanto caminhava de volta para algum projeto inacabado de sua escolha. *Torta de marmelo, maldição!* Aquela mulher poderia fazer torta de marmelo, poderia fazer qualquer coisa, na verdade. Mas a sua torta de marmelo era uma verdadeira arte! Ele estava ganhando peso. Suas próprias calças jeans estavam apertadas, e ele se sentia melhor trabalhando nos macacões largos que herdara de Glendon Dinsmore. Estranho, ela oferecia qualquer coisa de seu marido sem parecer se ressentir de Will usá-las: escova de dente, barbeador, roupas e até mesmo soltar as bainhas das calças de Glendon para acomodar as pernas mais longas de Will.

Mas a gratidão de Will foi prorrogada por muito mais do que conforto. Eleonor o havia restaurado a confiança, tinha-lhe dado o orgulho de novo e entusiasmo no intervalo de cada novo dia. Ela compartilhara com ele seus filhos, que o tinha trazido para uma nova dimensão de felicidade. Ela trouxe de volta o sorriso de Will. Não havia nada que ele não poderia realizar. Nada que ele não iria tentar. Ele queria fazer tudo de uma vez. À medida que os dias passavam, as melhorias que ele tinha feito começaram a aparecer; o quintal parecia melhor e a varanda dos fundos estava novinha. Os ovos eram fáceis de encontrar, já que as galinhas estavam agora no galinheiro e, lenta, mas claramente, a pilha de madeira estava mudando de lugar. Conforme o local ficou mais limpo, assim também ficou Eleanor Dinsmore. Ela usava sapatos e meias agora, um avental limpo, e colocava todas as manhãs uma fita brilhante no cabelo para combinar com a roupa. Ela lavava o cabelo duas vezes por semana, e Will estava certo sobre isso. Limpo, seu cabelo tinha um brilho de mel.

Às vezes, quando eles se encontravam na cozinha, ele olhava para ela uma segunda vez e pensava: *Você parece bem, esta manhã, senhora Dinsmore.* Mas ele nunca poderia dizer aquilo, para que ela não achasse que ele estava atrás de algo mais do que conforto. Verdade seja dita, havia sido há um longo, longo tempo, mas estava sempre no fundo de sua mente o fato de que ele havia passado um tempo na prisão. Por causa disso, ele mantinha uma distância cuidadosa. Além disso, ele tinha muito mais a fazer, antes que ele provasse que valia a pena para ela mantê-lo. Ele queria terminar o reboco, dar à casa uma

demão de tinta, melhorar a estrada, livrar-se dos carros, fazer o pomar produzir novamente, e as abelhas... A lista parecia interminável. Mas logo Will percebeu que ele não sabia como fazer tudo isso.

— Whitney tem uma biblioteca? — ele perguntou um dia, no início de setembro.

Eleanor olhou por cima da roupa que ela estava dobrando. — Na prefeitura. Por quê?

— Eu preciso aprender sobre as maçãs e as abelhas — Will sentiu sua rebeldia mesmo antes de ela falar.

— As abelhas?

Ele fixou seus olhos sobre ela e os deixou falar por ele. Ele aprendera que era a melhor maneira de lidar com ela quando eles discordavam.

— Você sabe sobre as bibliotecas, como usá-las, eu quero dizer? — ela perguntou.

— Na prisão, eu li tudo o que pude. Eles tinham uma biblioteca lá — foi uma das raras vezes em que ele mencionou a prisão, mas ele não entrou em detalhes. Em vez disso, ele passou a indagar.

— O seu marido tinha um daqueles chapéus com telas e os apetrechos para tratar das abelhas? — ele não sabia muito, mas sabia que iria precisar de certas coisas.

— Em algum lugar.

— Você poderia olhar para mim? Ver se você pode encontrá-los?

O medo brilhou nos olhos dela, seguido rapidamente por teimosia. — Eu não quero você mexendo com aquelas abelhas.

— Eu não vou mexer com elas até que eu saiba o que estou fazendo.

— Não!

Ele não queria discutir com ela e ele entendia seu medo das abelhas; mas não fazia sentido deixar as colmeias largadas quando o mel poderia trazer dinheiro. A melhor maneira de abrandar o medo dela seria ele ser gentil.

— Eu gostaria que você procurasse os equipamentos — ele disse a ela, gentilmente, então foi até a mesa e pegou o chapéu. — Eu vou até a cidade esta tarde para ir à biblioteca. Se você quiser eu posso pegar quaisquer ovos que você tem e tentar vendê-los por lá.

Ele levou um balde de água quente e os apetrechos de barbear até o celeiro e voltou meia hora depois, arrumado com suas próprias calças jeans lavadas e sua antiga camisa. Quando se encontraram na cozinha, a boca ainda parecia contrariada nela.

— Estou saindo agora. Quanto custa aproximadamente esses ovos? — ela se recusou a falar com ele, mas organizou as cinco dúzias de ovos, colocados na varanda, em um caixote de madeira.

Eles estão pesados, mas deixe-o levá-los, pensou teimosamente. Se ele quer ir vender ovos para se arrastar até a cidade, e aprender sobre as abelhas, e voltar endinheirado, deixe-o levá-los!

Ela fingiu não o ver avaliar a caixa, mas a curiosidade foi despertada quando ele a deixou e desapareceu em torno da parte de trás da casa. Um minuto depois, ele voltou puxando a

carroça de madeira de Glendon. Colocou o caixote de ovos a bordo apenas para descobrir que a alça de proteção do caixote era demasiada curta para a sua altura. Ela o observou, satisfeita. Mas cinco minutos depois, ainda teimosamente em silêncio, ela o viu puxar a carroça para a estrada sem problemas, graças a uma corda que ele havia amarrado no punho para servir de alça.

Vá em frente, então! Corra para a cidade e ouça cada palavra que dizem. E volte com moedas tilintando em seu bolso. E leia sobre as abelhas e as maçãs e qualquer outra coisa que você quiser. Mas não espere que eu torne tudo mais fácil para você.

Gladys Beasley estava sentada atrás de uma mesa, que parecia um púlpito, arrumando os cartões da biblioteca em sua caixa para que eles ficassem em ordem. Eles já estavam alinhados perfeitamente, mas ela tornava a arrumá-los de qualquer maneira. Ela também alinhou o carimbo de borracha na junção da madeira envernizada, colocou sua caneta tinteiro no seu descanso côncavo e ajeitou a placa de identificação: GLADYS BEASLEY, BIBLIOTECÁRIA, que estava sobre a mesa; pegou uma pilha de revistas e colocou no centro de uma mesa, de forma que todas elas ficaram organizadas.

Ordem era a maior força na vida de Gladys Beasley: ordem e disciplina. Ela dirigia a Biblioteca Municipal Carnegie, de Whitney, na Geórgia, por 41 anos, desde que o próprio senhor Carnegie erguera sua construção possibilitada pelas doações da

cidade. A senhorita Beasley havia organizado as obras iniciais antes mesmo das estantes em si serem instaladas, e estava trabalhando no edifício sagrado desde então. Durante esses 41 anos, ela tinha deixado mais de um assistente irresponsável em lágrimas por uma falha: por não alinhar a lombada de um livro com a borda de uma estante. Ela andava como um soldado, em rápidos e firmes passos enérgicos sobre os práticos sapatos de salto baixo pretos, estes que o sapateiro tinha forrado com sola de borracha, que amortecia o som de seus passos sobre o piso de madeira. Se havia uma coisa que irritava Gladys mais do que estantes desleixadas eram saltos. Qualquer um que os usasse em sua biblioteca e esperasse que fossem permitidos a entrar de novo, seria melhor escolher sapatos diferentes da próxima vez. Ela lançou-se em direção ao porta-revista, impondo seios carregados como artilharia pesada, seu tronco ereto mantido pela mais cara cinta que o catálogo da Sears Roebuck tinha para oferecer, recomendado para aqueles “com excesso de carne no diafragma”. Seu vestido de lã, com um estampado branco em um fundo da cor de algo já desbotado, ficava em linha reta, como um funil de seus quadris volumosos até suas roliças panturrilhas, e não fazia tanto farfalhar quando ela se movia. Gladys deixou no lugar três revistas Saturday Evening Post, socando-as na pilha, alinhando-as, e percorreu com o olhar a fileira de janelas altas de basculantes, verificando a madeira entre as janelas para ter certeza de que Levander Sprague, o zelador, não tinha deixado incompleto o seu trabalho. Levander estava ficando velho. Sua visão não era mais o que costumava ser e, ultimamente, ela teve que criticá-lo por sua varredura descuidada. Satisfeita hoje, no

entanto, ela voltou para suas funções na mesa central, localizada bem à frente das portas duplas, fechadas, que levavam ao interior.

Avisos de atraso nas devoluções... Bah!... Não devia haver tal coisa. Qualquer um que não poderia devolver um livro no tempo hábil deveria ser simplesmente proibido do privilégio de usar a biblioteca novamente. Isso colocaria um fim à necessidade de avisos por atraso. A boca de Gladys estava travada com tanta força, que quase desapareceu, conforme ela ia escrevendo endereços em cartões postais de um centavo. Ela ouviu passos subindo os degraus. A maçaneta de bronze virou e um estranho entrou: um homem alto, magro, vestido como um cowboy. Ele fez uma pausa, deixando seus olhos varrerem a sala, a mesa e ela, então silenciosamente acenou e tirou o chapéu. A boca empertigada de Gladys relaxou quando ela retornou o aceno de cabeça. A arte refinada de tirar o chapéu havia se tornado quase obsoleta, onde o mundo ia parar? Ele levou muito tempo olhando o lugar antes de se mover. Quando o fez, não havia som de saltos. Ele foi diretamente, em silêncio, para o catálogo de cartões, deslizou para fora do A, folheou os cartões e estudou-os por algum tempo. Depois, fechou a gaveta sem fazer barulho; em seguida, examinou a sala iluminada pelo sol, antes de passar por entre as estantes de carvalho com livros de não-ficção. Havia usuários da biblioteca, que, pouco à vontade quando estavam sozinhos na grande sala com a senhorita Beasley, consideravam necessário assobiar baixinho através de seus dentes durante a pesquisa das prateleiras. Ele não o fez. Ele selecionou um livro a

partir dos 600, Ciência Prática, moveu-se para selecionar outro, e os trouxe direto para a mesa de despacho.

— Boa tarde — Gladys o saudou, com um sussurro discreto.

— Boa tarde, senhora — Will tocou a aba de seu chapéu e seguiu falando em voz baixa.

— Vejo que você encontrou o que estava procurando.

— Sim, senhora. Eu gostaria de levar estes.

— Você tem um cartão?

— Não, minha senhora, mas eu gostaria de ter um.

Ela moveu-se com precisão militar, procurando em uma gaveta aberta um cartão em branco, colocando-o na mesa, ao longo da beira, com uma arrumada unha aparada. A unha era virgem, Will tinha certeza, nunca manchada por esmaltes. Ela fechou a gaveta com seu torso cingido, o tempo todo apertando os lábios, como se eles guardassem um diamante de cinco quilates. Quando ela moveu sua cabeça para a esquerda e para a direita, abanou o ar com um cheiro semelhante a cravos e bulbos. A luz de uma das grandes janelas iluminou seus óculos sem aro e pegou as fileiras de cachos grisalhos uniformes entre os quais se vislumbrava o rosado couro cabeludo. Ela mergulhou a ponta da caneta no tinteiro; em seguida, manteve-a equilibrada acima do cartão.

— Nome?

— Will Parker.

— Parker, Will — ela falou em voz alta ao escrever a informação sobre o cartão em branco.

— E você é um residente de Whitney, não é?

— Sim, senhora.

— Endereço?

— Ahh... — ele esfregou o nariz com os nós dos dedos. —
Rock Creek Road.

Ela olhou para cima com olhos tão exigentes como pinças, em seguida, escreveu novamente, informando-lhe: — Vou precisar de alguma forma de identificação para verificar a sua residência.

Quando ele não falou nem se moveu, sua cabeça se levantou: — Qualquer coisa vale. Mesmo uma carta com um carimbo postal atrasado mostrando o seu endereço de correspondência.

— Eu não tenho nada.

— Nada?

— Eu não vivo lá há muito tempo.

Ela largou a caneta com um ar de longo sofrimento. — Bem, Sr. Parker, eu tenho certeza de que você entende, eu não posso simplesmente emprestar livros para quem anda por aqui a não ser que eu possa ter a certeza de que eles são residentes. Esta é uma biblioteca municipal. Por sua própria aceção, a palavra municipal deve ser utilizada nesta finalidade. De uma cidade, isso significa; portanto, esta biblioteca é mantida pelos moradores de Whitney, para os moradores de Whitney. Eu não seria uma bibliotecária muito responsável se eu não exigisse alguma identificação, seria? — ela cuidadosamente colocou o cartão de lado, em seguida, cruzou as mãos na mesa, dando a distinta impressão de que ela estava descontente por ter seu tempo e seu cartão desperdiçado.

Ela esperava que ele fosse discutir, como a maioria fazia diante de tal impasse. Em vez disso, ele recuou um passo, puxou a aba de seu chapéu para baixo e a estudou em silêncio por alguns segundos. Então, sem uma palavra, ele acenou com a cabeça, pegou os livros encostados em seu quadril e voltou para o lado dos livros de não-ficção onde ele acomodou-se, em uma das poltronas duras de carvalho, debaixo de um forte raio de sol, abriu um livro e começou a ler. Havia vários critérios pelos quais Gladys Beasley julgava seus usuários da biblioteca. Saltos, o volume vocal, falta de desorganização e respeito por livros e mobiliário. O Sr. Parker passou em tudo. Ela raramente tinha visto alguém ler tão atentamente, com pouca inquietação. Ele movia-se apenas para virar uma página e, ocasionalmente, a seguia junto com o seu dedo, fechando os olhos como se estivesse memorizando a passagem. Além disso, ele não bateu o pé nem abusou da cadeira em frente, usando-a como um banquinho. Ele estava sentado com a aba do chapéu puxada para baixo, com os cotovelos sobre a mesa, joelhos pendendo, mas as botas no chão. O livro estava sobre a mesa onde ele pertencia, em vez de torcido contra sua barriga, o que era extremamente duro para a coluna. Nem ele lambia o dedo antes de virar a página, aquele imundo hábito de espalhar germe.

Normalmente, se as pessoas entrassem e pedissem um papel e lápis, a Senhorita Beasley lhes daria uma bronca sobre a responsabilidade e planejamento do futuro. Mas o comportamento e a concentração de Will Parker levantou dentro de si arrependimento por ter que negar-lhe o cartão de um usuário. Então, ela deixou de lado a própria norma.

— Eu pensei que talvez você possa precisar deles — ela sussurrou, colocando um lápis e papel ao lado do seu cotovelo.

A cabeça de Will ergueu-se. Seus ombros se endireitaram:
— Muito obrigado, senhora.

Ela cruzou as mãos sobre sua barriga corpulenta, e disse:
— Ah, você está lendo sobre as abelhas?

— E maçãs. Sim, senhora.

— Com que propósito, Sr. Parker?

— Eu gostaria de criá-las.

Ela levantou uma sobrancelha e pensou por um momento:
— Possa ser que eu tenha alguns panfletos do Serviço de Extensão Agrícola que vão ajudar.

— Talvez na próxima vez, minha senhora. Eu tenho material suficiente por hoje.

Ela deu um sorriso apertado e o deixou com seus estudos.

Era o meio da tarde. As únicas coisas que se deslocavam na cidade eram as moscas na colher de sorvete. Lula Peak estava entediada, querendo uma distração. Ela se sentou num banco, em um vazio Vickery's Café, grata por estar sozinha, pois a alça de seu sutiã escorregou e ela teve que ajeitar, dentro de seu uniforme preto e branco, para puxá-la para cima. *Deus, esta cidade vai me transformar em um cadáver antes mesmo de eu chutar o balde!* Ela pensou que poderia morrer de tédio ali e os clientes iriam entrar e dizer: “Boa noite, Lula, eu vou querer o de costume”, e nem mesmo perceber que ela era um caso perdido,

até trinta minutos mais tarde, quando seus Blue Plate especiais não tivessem chegado. Lula bocejou, deixando a mão dentro de seu uniforme, distraidamente, esfregando seu ombro. Sendo uma pessoa sensual, Lula gostava de tocar em si mesma. Com certeza ninguém mais ao redor daquela cidade miserável, esquecida por Deus, sabia como fazê-lo direito. Harley, aquele imbecil, não sabia nada sobre finesse quando ele tocava uma mulher. Finesse. Lula gostava da palavra. Ela tinha acabado de lê-la em um artigo sobre como se superar. Sim. Finesse, é o que Lula precisava, um homem com um pouco de finesse, um homem em tudo melhor do que Harley-Estúpido-Asno-Overmire. Lula reprimiu um bocejo, esticou os braços e estendeu suas costelas, girando preguiçosamente em direção à janela. De repente, ela disparou do banco. *Cristo, aquilo era ele!* Andando pela rua com uma carroça puxada por uma mula. Ela correu os olhos especulativamente sobre sua forma magra, concentrando-se em seus quadris estreitos e pélvis balançando, quando ele passou ao longo da praça da cidade e acenou com o chapéu para Norris e Nat McCready, aqueles dois irmãos decrepitos e solteirões que passavam a velhice talhando nos bancos da rua. Lula empurrou a porta de tela e posou na frente dele. *Olhe para cá, Parker, é melhor do que esses dois velhos chatos de merda!* Mas ele seguiu em frente, sem olhar na direção do Vickery's. Lula pegou uma vassoura e deu um passo em direção ao sol, uma pretensão mal disfarçada de varrer a calçada, enquanto o observava continuar ao redor da praça. Ele deixou a carroça na sombra dos degraus da biblioteca municipal e entrou.

O mesmo aconteceu com Lula. De volta ao Vickery's, empurrou a vassoura para o lado e olhou impaciente para o relógio. Duas e meia. Ela tamborilou as longas unhas laranja, arremessando-se para o último banco da fileira do balcão, e esperou por cinco minutos. Agitada. Irritada. Ninguém iria lá por nada mais do que um copo de chá gelado e ela sabia disso. Não até, pelo menos, cinco e meia. O velho Vickery estaria mais furioso do que Cooter Brown^[5] se ele descobrisse que ela saía e deixara o local sem atendente. Mas ela poderia lhe dizer que ela correu para a biblioteca para pegar uma revista e que não tinha saído por mais de um minuto. Decidida, ela saiu do banco e tirou seu avental. O chapéu correspondente seguiu conforme ela abriu seu pó compacto. Uma pitada de vermelho fluorescente fresco nos lábios, uma verificação das costuras nas meias de seda, e ela já estava fora da porta.

Gladys Beasley ergueu o olhar quando a porta se abriu uma segunda vez naquela tarde. Sua boca e queixo franzidos duplicaram.

— Boa tarde, senhorita Beasley — Lula cantarolou, sua voz soando ao longo do teto de três metros e meio de altura da biblioteca.

— Shh! Leia o aviso — Gladys Beasley sibilou

Lula olhou para a placa na frente da mesa da senhorita Beasley: SILÊNCIO É OURO.

— Oh, desculpe-me — ela sussurrou, cobrindo a boca e rindo. Ela olhou ao redor, teto, paredes, janelas, como se ela nunca tivesse visto o local antes, o que não estava muito longe da verdade. Lula era o tipo de mulher que lia True Confessions,^[6]

e Gladys não se rebaixaria a usar o dinheiro dos contribuintes para obscenidades assim. Lula deu mais um passo para dentro.

Saltos!

— Shh!

— Oh, desculpe-me. Eu vou na ponta dos pés.

Will Parker olhou para cima, observou Lula desinteressadamente e retomou sua leitura. A biblioteca tinha forma de U, em torno da escada da entrada. A mesa da senhorita Beasley, próxima a sua sala de trabalho privada, separava a sala enorme em duas partes distintas. À direita ficavam os livros de ficção; à esquerda os de não-ficção. Lula nunca tinha estado à esquerda, onde Parker estava sentado agora. Lembrando-se sobre a finesse, ela se moveu primeiro para a direita, à deriva ao longo das prateleiras, olhando para cima, depois para baixo, como se examinasse os títulos de algo interessante. Ela tirou um livro encadernado em verde-esmeralda, o tom exato de um vestido que ela estava de olho numa loja em Atlanta. A cor elegante combinaria com seu novo esmalte: Chama Tropical; ela estendeu as mãos, acariciou a capa do livro e inclinou a cabeça em aprovação. Ela teria que pensar em algo bom para seduzir Harley para comprar esse pequeno presente para ela. Ela colocou o livro de volta em seu lugar e moveu-se para outro. *Melville*.^[7] Ei, ela tinha ouvido falar desse cara! Ele deve ter feito algo de bom. Mas a lombada era muito volumosa e as letras muito pequenas, então ela o colocou de volta na prateleira e continuou olhando. Lula sutilmente caminhou uns dez minutos através da ficção antes de, finalmente, na ponta dos pés, passar pela senhorita Beasley em direção ao outro lado. Ela a saudou

com dois dedos quando passou, então apertou as mãos na base de sua espinha, empurrando os seios ao máximo para cima.

Gladys, muito tensa, seguiu para onde Lula tinha estado, ajeitando um total de onze livros que ela tinha deixado pendentes ao longo das beiradas das estantes.

Lula encontrou o lado esquerdo arrumado tanto quanto o direito, uma sala espaçosa com janelas de basculante, de frente para a rua. Estantes preenchem o espaço entre as janelas e o chão e cobriam três paredes. Todo o centro da sala estava tomado por mesas de carvalho resistentes e cadeiras. Lula se esgueirou em torno do perímetro da sala sem sequer olhar para Will. Ela roçou um dedo ao longo da beirada de uma prateleira, então o chupou em caráter provocativo, fingindo estudar a estante. Ela virou um corredor, indo para onde um grupo de estantes estava perpendicular à parede e moveu-se entre elas, colocando-se diante do perfil de Will – ele deveria virar a cabeça para vê-la. Ela apertou as mãos na base de sua espinha, criando sua melhor silhueta, observando de soslaio para ver se ele iria levantar os olhos. Depois de vários minutos, quando ele não tinha olhado, ela pegou uma biografia de Beethoven e, ao virar suas páginas, olhou Will discretamente. *Deus, ele estava com bom aspecto.* E aquele chapéu de cowboy mexia com ela: a maneira como ele o usava baixo, sombreando os olhos no clarão do sol da tarde. Intrigada ela ficou e cativada pela maneira como ele estava sentado, com um dedo acompanhando uma página, sem se mover. Ela desejou ser uma mosca para que pudesse pousar em seu nariz. *Aquele nariz.* Longo, em vez de achatado

como alguns que ela conhecia. Boa boca também. *Oh!* Como ela gostaria de colar a dela na dele.

Will se inclinou para frente escrevendo alguma coisa e Lula correu os olhos por ele, pelo seu peito cônico e quadris estreitos, até as botas de cowboy, por baixo da mesa, e de volta até a virilha. Ele largou o lápis e se ajeitou, um perfil mais claro surgiu. Lula sentiu a velha coceira começar. Ele ficou sentado lá lendo seu livro da forma como todos os “cus-de-ferro” faziam na escola, enquanto Lula pensava em como se superar. Quando ela não aguentou mais, levou Beethoven e o deixou cair sobre a mesa em frente a ele.

— Este lugar está ocupado? — ela perguntou pausadamente, invertendo os pulsos, inclinando-se sobre a mesa, de modo que seus mamilos se projetassem. O queixo de Will se ergueu devagar. À medida que a aba do chapéu de cowboy levantava, Lula teve uma visão clara de profundos olhos castanhos com cílios tão longos, e uma boca para a qual a velha Lula tinha muitos planos.

— Não, senhora — ele respondeu calmamente. Sem mover mais do que a cabeça, voltou para sua leitura.

— Se importa se eu me sentar aqui?

— Adiante — sua atenção se manteve no livro.

— O que você está estudando?

— Abelhas.

— Não me diga! Estou estudando Beethoven — ela levantou seu livro. Na escola ela gostava de música, então ela o pronunciou corretamente. — Ele escreveu música, quando os caras usavam perucas e outras coisas, você sabe?

Novamente Will se recusou a erguer o olhar. — Sim, eu sei.

— Bem... — a cadeira rangeu quando Lula a puxou. Ela se sentou, cruzou as pernas, abriu o livro e virou suas páginas fazendo barulho e com sua panturrilha abanando. — Então, não te vi por aqui. Onde você se meteu?

Ele observou-a evasivamente, perguntando-se se ele devia se preocupar em responder. *Misericórdia!*, ela era uma mulher de dura aparência. Tinha tanto cabelo empilhado em sua testa que parecia ter um peso sobre a testa, sobre a postura. Sua boca fora pintada da cor de um pimentão avermelhado e ela usava muito rouge, em excesso nas bochechas, era um padrão maquiado em demasia. Ela sobrepôs os pulsos na ponta da mesa e descansou os seios sobre eles. Eles se projetavam, dando a ele uma visão clara do decote. Eles apelavam a Will para deixar que ela soubesse que ele não queria nada com ela.

— Na casa da Sra. Dinsmore.

— Está na Elly Louca? Meu Deus! Como ela está?

Quando Will se recusou a responder, ela se inclinou e perguntou: — Você sabe por que eles a chamam de louca, não é? Será que ela te disse?

Contra sua vontade, ele ficou curioso, mas pareceria uma ofensa a Sra. Dinsmore incentivar Lula, então ele permaneceu em silêncio. Lula, no entanto, não precisava de encorajamento.

— Eles a trancaram naquela casa quando ela era um bebê e a deixaram no escuro e não deixaram sair até que a lei os obrigou a deixá-la ir à escola, e então eles só a soltavam por seis horas durante o dia e trancavam-na de novo até a noite — Lula se recostou, presunçosamente.

Ela viu alguma surpresa nos olhos de Will, pois disse: — Ah, então você não sabia? — Lula sorriu conscientemente. — Bem, pergunte a ela sobre isso algum dia. Pergunte a ela se ela não viveu naquela casa abandonada que há perto da escola. Você sabe, aquela com cerca de madeira em torno e morcegos voando na janela do sótão — Lula se aproximou mais e acrescentou em tom conspiratório: — Se eu fosse você, eu não ficaria na casa dela. Trará para você uma má reputação, se você me entende. Quero dizer, aquela mulher não tem muito juízo — Lula se sentou como se estivesse em um longo divã, deixando as pálpebras caírem, brincando distraidamente com a capa de Beethoven, levantando-o e deixando-o cair com repetidas estateladas.

— Eu sei que é difícil ser um forasteiro na cidade. Quero dizer... você deve estar entediado como o inferno tendo de gastar o seu tempo em um lugar como este — os olhos de Lula fizeram uma volta rápida em torno das estantes, em seguida, voltaram para ele.

— Mas se você precisar de alguém para mostrar a você os arredores, eu ficaria feliz em fazer isso — debaixo da mesa, seu pé acariciou a panturrilha de Will.

— Eu tenho um pequeno bangalô, quatro casas depois da praça da cidade, em Pecan Street...

— Desculpe-me, senhora — Will a interrompeu, levantando-se. — Tenho alguns ovos no sol e preciso vendê-los. É melhor eu ir fazer isso.

Lula sorriu, olhando-o se encaminhar para as estantes de livros. Ele entendeu a mensagem. *Oh, ele entendeu tudo, bem*

alto e claro. Ela o tinha visto pular, quando seu pé tocou em sua perna. Ela o observou deslizar um livro para seu lugar na estante, em seguida, agachar-se para guardar o outro. Antes que ele pudesse escapar, ela se esgueirou para o corredor atrás dele, prendendo-o entre as duas fileiras de estantes. Quando ele se levantou e se virou, ela ficou satisfeita com o rubor que ela havia provocado nele.

— Se você estiver interessado em minha oferta, eu trabalho na maioria dos dias no Vickery's. Eu largo em oito minutos... — ela escorregou um dedo entre os botões da camisa dele e o passou para cima e para baixo, através da pele do homem. Colocando sua melhor cara de boneca Kewpie, Lula sussurrou: — Vejo você por aí, Parker.

Quando ela se afastou, exageradamente balançando os quadris, Will olhou, através da sala iluminada pelo sol, para encontrar os olhos de censura da bibliotecária, que tinha presenciado toda a cena. A atenção dela, imediatamente, se voltou para outro lugar, mas mesmo àquela distância Will viu bem os lábios franzidos. Ele se sentiu trêmulo por dentro, quase violado. As mulheres como Lula eram um caminho claro para o problema. Houve um tempo em que ele teria aceitado sua oferta e aproveitado cada minuto. Mas não mais. Agora, tudo o que ele queria era ser deixado para viver sua vida em paz, e a paz significava a casa de Eleanor Dinsmore. De repente, ele sentiu uma profunda necessidade de voltar para lá.

Lula se foi, saltos clicando; logo depois, Will chegou à mesa de despacho.

— Muito obrigado pelo uso do papel e lápis, senhora.

A cabeça de Gladys Beasley estalou para cima. O desgosto era visível em seu rosto. — De nada.

Will se magoou pelo desagrado silencioso. Um homem não tinha que repelir de forma grosseira e impiedosa uma mulher fogosa como aquela, bastava que se mantivesse longe dela. Especialmente, Will supôs, se ele tivesse cumprido pena por matar uma prostituta em um bordel do Texas com as pessoas em torno da cidade sabendo disso.

Ele revirou suas anotações e se manteve firme. — Eu estava pensando, minha senhora...

— Sim? — Gladys Beasley retrucou, levantando a cabeça bruscamente, sua boca não maior do que um buraco de fechadura.

— Eu tenho um emprego. Estou trabalhando como um contratado para a Sra. Glendon Dinsmore. Se ela vier aqui e disser-lhe que eu trabalho para ela, isso seria o suficiente para me dar um cartão da biblioteca?

— Ela não virá.

— Ela não vai vir?

— Eu acredito que não. Desde que ela se casou, ela escolheu viver como uma reclusa. Desculpe-me, eu não posso quebrar as regras — ela pegou a caneta, fez uma verificação em uma lista, em seguida, cedeu: — No entanto, dependendo de quanto tempo você está trabalhando para ela, e quanto tempo você pretende ficar, se ela endossar o seu emprego por escrito, eu acho que seria prova suficiente de residência.

Will Parker abriu um sorriso aliviado, passou um polegar em seu bolso traseiro e recuou de um jeito quase infantil, derretendo

o gelo do coração de Gladys Beasley.

— Eu vou me certificar se ela escreverá. Muito obrigado, senhora — dirigiu-se para a porta, depois parou e voltou-se: — Até que horas aqui fica aberto?

— Até às oito horas nos dias de semana, até às cinco nos sábados e, claro, fechamos aos domingos.

Ele tirou o chapéu novamente e prometeu: — Eu vou voltar.

Quando ele girou a maçaneta, ela chamou — Sr. Parker?

— Minha senhora?

— Como está a Eleanor?

Will sentiu que aquela investigação era totalmente diferente da de Lula. Ele ficou na porta, modificando a sua impressão sobre Gladys Beasley. — Ela está bem, senhora. Grávida de cinco meses, pela terceira vez, mas saudável e contente, eu acho.

— Pela terceira vez. Nossa! Lembro-me dela como uma criança, vindo com a classe da quinta série da senhorita Buttry, ou foi na sexta da senhorita Natwick? Ela sempre me pareceu uma criança inteligente. Inteligente e curiosa. Cumprimente-a por mim, por favor.

Aquele foi o primeiro gesto verdadeiramente amigável que Will tinha experimentado desde que chegou a Whitney. Ele apagou todo o gosto amargo deixado por Lula e sentiu-se, de repente, confortável por dentro.

— Eu vou fazer isso. Obrigado, Sra. Beasley.

— Senhorita Beasley.

— Senhorita Beasley. Oh, minhas maneiras, desculpe-me. Eu tenho algumas dúzias de ovos que eu gostaria de vender,

Senhorita Beasley. Pode me dizer onde eu deveria tentar?

Exatamente a razão, Gladys não sabia, talvez a maneira como o sorriso transformou seu rosto com a notícia de que ele poderia ter um cartão de biblioteca, afinal. Por alguma razão, Gladys se encontrou respondendo: — Eu poderia ficar com uma dúzia para mim, Sr. Parker.

— Você poderia? Bem... Bem, muito bem! — mais uma vez ele deu um sorriso.

— O restante você pode levar para o armazém de Purdy, do outro lado da praça.

— Purdy. Bom. Bem, deixe-me sair e... — seu polegar saiu do bolso, com a mão pendendo em seu quadril. — Acabei de me lembrar: eles estão todos em um caixote.

— Coloque-os nisto — ela lhe entregou uma pequena caixa de papelão de arquivo. Ele aceitou, concordou em silêncio, e saiu. Quando voltou, ela perguntou: — Quanto é que vai ser? — ela vasculhou a bolsa preta de moedas e não olhou para cima, até perceber que ele não tinha respondido. — Quanto, Sr. Parker?

— Bem, eu não sei, certamente.

— Você não sabe?

— Não, senhora. Eles são os ovos da Sra. Dinsmore e estes são os primeiros que eu trouxe para vender para ela.

— Eu acredito que o preço atual é de vinte e quatro centavos a dúzia. Vou te dar vinte e cinco, uma vez que tenho certeza de que eles são mais frescos do que aqueles na loja de Calvin Purdy, e já que eles foram entregues em mãos — ela lhe entregou uma moeda de vinte e cinco centavos, que ele ficou

relutante em aceitar, sabendo que era maior do que o valor de mercado.

— Bem, aceite! E na próxima semana, se você tiver mais, eu vou querer outra dúzia.

Ele pegou a moeda e assentiu: — Obrigado, minha senhora. Eu aprecio isso e sei que a Sra. Dinsmore também vai. Pode ter a certeza de que eu vou dizer a ela que a senhorita mandou lembranças.

Quando ele se foi, Gladys Beasley fechou sua bolsa preta de moedas, mas segurou-a por um momento, estudando a porta. Aquele era um homem jovem e bonito. Ela não sabia o porquê, mas ela gostava dele. Bem, sim, ela sabia o porquê. Ela se imaginava um juiz astuto de caráter, especialmente quando se tratava de mentes questionadoras. A dele era evidentemente questionadora por sua familiaridade com o catálogo, sua capacidade de localizar o que ele queria sem sua ajuda, e sua total absorção em seu estudo, para não falar de sua ânsia em possuir o cartão de um usuário. E, também, ele estava disposto a ir de volta para Rock Creek Road e trabalhar para Eleanor Dinsmore, mesmo após os disparates perniciosos vomitados por Lula Peak. Gladys tinha ouvido o suficiente para saber o que aquela mulher estava tentando fazer, como alguém poderia ter deixado de ouvi-la ecoando pelo edifício? E também por Will Parker ter virado as costas para aquela vadia. Gladys nunca tinha sido capaz de entender o que as pessoas ganhavam ao espalhar fofocas destrutivas. Pobre Eleanor! Nunca tivera um tratamento justo das pessoas daquele lugar, nem mesmo da sua família. Sua avó, a Sra Lottie McCallaster, sempre tinha sido

excêntrica, uma fanática religiosa que assistia a cada reunião evangélica a cinquenta milhas de Whitney. Ela havia se dedicado de corpo e alma a sua convicção religiosa. Ela também havia se ligado a um homem autoproclamado Deus, um pregador infernal chamado Albert See, que se casou com ela, deu-lhe uma família, instalou-a em uma casa na periferia da cidade e saía, deixando-a cuidar de sua filha, Chloe, sozinha. Chloe tinha sido o fantasma silencioso de uma menina, com os olhos tão grandes como castanhas, denominados por sua mãe como “olhos de satanás”. Como uma garota assim, que estava quase sempre sob o controle de sua mãe, tinha engravidado de um homem, cujo nome permanecia um mistério? No entanto, ela tinha engravidado. E, depois disso, sua mãe nunca tinha permitido que ela mostrasse seu rosto novamente, ou a criança – Eleanor –, até que o Xerife os forçou a deixá-la sair para frequentar a escola, ameaçando remover a criança legalmente para um lar adotivo, se esta lei não fosse respeitada por eles.

O que a bibliotecária da cidade costumava se lembrar de Eleanor, era que a menina sentia medo da biblioteca espaçosa, e de sua liberdade para se movimentar por ela sem repreensão, e de como ela ficava na generosa janela de basculante com a luz do sol entrando e absorvendo essa luz como se ela nunca pudesse ter o suficiente dela. E quem poderia culpá-la? Gladys Beasley, não era uma mulher excessivamente imaginativa, mesmo assim, ela estremeceu com o pensamento do que a vida devia ter sido para aquela filha bastarda – Eleanor –, vivendo naquela casa, por trás das cortinas verdes, quase como que enterrada viva. Ela estaria disposta a dar a Will Parker o cartão

de usuário apenas pela força de sua solidariedade para com Eleanor, agora se deu conta disso. E quando ela marchou de volta às estantes de não-ficção e encontrou uma biografia de Beethoven sobre uma mesa, mas “Abelhas” e “Maçãs” recolocados respectivamente em seus lugares, ela sabia que tinha julgado Will Parker corretamente.

CAPÍTULO 7

A PROPOSTA

Calvin Purdy comprou os ovos por vinte e quatro centavos a dúzia. O dinheiro pertencia a Sra. Dinsmore, mas Will tinha nove dólares próprios guardados em segurança no bolso da camisa. Tocou neles, firme e tranquilizador no bolso da cambraia azul, e pensou em levar alguma coisa para ela, só porque as pessoas chamavam-na de louca; só porque ela tinha sido trancada dentro de alguma casa pela maior parte de sua vida; e também porque eles trocaram aquelas palavras antes dele sair. Mas o que ele deveria levar? Ela não era do tipo perfumada. E, de qualquer maneira, perfume parecia muito pessoal. Ele tinha ouvido que os homens compravam fitas para senhoras, mas ele se sentiria bobo andando até Purdy e lhe pedindo para cortar um pedaço de fita de seda amarela para combinar com seu vestido amarelo de grávida. Doce? Comida deixava Eleanor enjoada. Ela bicava como um pardal, quase não comia nada.

No final, ele escolheu uma pequena estatueta de um pássaro azul, alegremente pintado. Ela gostava de pássaros, e não havia muito enfeite em sua casa. O pássaro azul lhe custou vinte e nove centavos, e ele gastou um centavo a mais, em duas barras de chocolate para os meninos. Embolsando seu troco, ele sentiu uma alegria ansiosa para voltar para casa.

Saindo da cidade, no caminho ele passou pela casa com a cerca de madeira, inclinada em torno dela, como as costelas em decomposição de um animal morto. Ele parou para olhar, involuntariamente fascinado pela aparência abandonada do local:

a grama sufocando os degraus da frente, glórias-da-manhã que haviam florescido enredadas em torno da maçaneta e uma treliça raquítica na varanda da frente. Cortinas verdes esfarrapadas, desfiadas, cobriam as janelas. Olhando para elas, ele estremeceu. Mesmo assim ainda estava tentado a investigar mais de perto, a espreitar o lado de dentro. Mas as sombras pareciam avisá-lo para ir embora. *Eles a tinham trancado lá? E fechado as cortinas? Uma mulher como Eleanor, que amava os pássaros, e gafanhotos, e o céu, e o pomar?* Novamente Will estremeceu. Apressou-se, então, com sua carga de duas barras de chocolate e um pássaro azul de vidro, desejando que ele pudesse ter comprado algo melhor ainda para ela. Aquele era um sentimento curioso para um homem alheio a presentear alguém. Para trocar presentes necessitava-se que uma pessoa tivesse amigos e dinheiro, mas, raramente, ele tinha tido ambos ao mesmo tempo. Embora, ele muitas vezes imaginasse como seria empolgante receber presentes, ele nunca esperara encontrar essa alegria em dar-lhes. Mas agora que ele sabia sobre o passado de Eleanor Dinsmore, sentiu-se provocado por uma grande impaciência de reparar a bondade que tinha sido roubada daquela criança.

Será que ela ainda estaria irritada com ele? Uma onda inesperada de inquietação varreu seus pensamentos. Ele andou adiante, estudando o solo. A carroça sacudia atrás dele. Como é que um homem e uma mulher aprendiam a deixar as suas diferenças de lado? Aos trinta anos de idade, Will não sabia; mas, de repente, tornou-se vital para ele aprender. Antigamente, se uma mulher o aborrecesse, ele seguia em frente. Isto era

diferente; Eleanor Dinsmore era diferente. Ela era uma boa mulher, uma boa mãe, que tinha sido trancada em uma casa e chamada de louca, e se ele não lhe dissesse que ela não era, quem diria?

Eleanor achava-se num estado miserável desde que Will se fora. Ela tinha sido grosseira e mal-humorada com ele. E ele tinha ido há quase três horas já, em uma viagem que deveria ter levado apenas metade desse tempo, e ela tinha certeza de que ele não iria voltar. *É sua culpa, Elly. Você não pode tratar um homem dessa maneira e esperar que ele volte.*

Ela colocou o jantar para cozinhar e olhava pela porta dos fundos a cada três minutos. Nada de Will. Ela colocou um vestido limpo e penteou o cabelo, trançando-o harmoniosamente na cabeça. Ela estudou seu corpo com a barriga, seus olhos perturbados no pequeno espelho da cozinha, pensando no rosto dele enfeitado com espuma de barbear. *Ele não vai voltar, tola. Ele está a dez milhas em outra direção agora. E como você vai gostar de cortar a lenha na parte da manhã? E como você vai gostar das refeições olhando para a sua cadeira vazia? E falando com ninguém, apenas com os meninos?* Fechando os olhos, ela colocou os punhos em torno um do outro e os apertou na boca. *Eu preciso de você, Parker. Por favor, volte.*

Quando Will passou pela estrada esburacada, ele ouviu seu próprio coração batendo em seus ouvidos. Atingindo a margem da clareira, seu coração saltou: ela estava esperando na varanda. Esperando por ele: Will Parker. Vestida com seu traje amarelo, com seu cabelo arrumado, os meninos brincando em seus tornozelos e o cheiro de comida se espalhando pelo quintal. Ela levantou a mão e acenou. — O que fez você demorar tanto? Eu estava preocupada.

Não só esperando, mas preocupada. Uma explosão de euforia o tomou por todo o corpo, ele sorriu e fez Madame apressar o passo.

— Estudar leva tempo.

— Will — Donald Wade veio correndo. Assim que Will saltou da carroça, a criança materializou-se ali: — Ei, Will! — ele colidiu com os joelhos de Will e os agarrou, com a cabeça para trás e o cabelo pendurado, dando-lhe as boas-vindas. Will alisou o cabelo sedoso do menino.

— Oi, pequenino. Como estão as coisas por aqui?

— Está tudo tranquilo — ele ficou ao lado de Will, ajudando-o a soltar Madame da carroça, dar água e alimentar a mula.

— O que você fez enquanto eu estive fora?

— Mamãe me fez tirar um cochilo — Donald Wade fez uma cara de aborrecido.

— A sesta, hein? — chegando aos degraus da varanda, Will ergueu os olhos para a mulher acima dele. — Será que ela tirou um cochilo com você?

— Não. Ela tomou um banho no tanque de lavar roupa.

— Donald Wade, se cale agora, você ouviu? — Eleanor repreendeu o filho, suas bochechas começando a corar. Então, para Will: — Como foi lá?

— Foi bem — ele lhe entregou o dinheiro. — A senhorita Beasley da biblioteca ficou com uma dúzia por vinte e cinco centavos, e eu vendi o resto para Calvin Purdy por vinte e quatro centavos a dúzia. Está tudo aí: um dólar e vinte e um. A senhorita Beasley mandou lembranças para você.

— Ela mandou? — A mão de Eleanor ficou pendurada no ar, o dinheiro esquecido.

— Disse que ela se lembra de você chegando com a classe da quinta série da senhorita Buttry ou da sexta da senhorita Natwick.

— Bem, imagine isso — seu sorriso era todo espanto e os olhos ficaram arregalados. — Quem teria pensado que ela se lembraria de mim?

— Ela se lembra, apesar de tudo.

— Eu nunca pensei que ela soubesse o meu nome.

Will sorriu. — Não acho que há muito que aquela mulher não saiba.

Eleanor riu, lembrando-se da bibliotecária.

— Aposto que estava encantadora a biblioteca, não estava?

— Claro que estava. Brilhante — Will fez um gesto no ar. — Com grandes janelas arredondadas na parte superior. Também cheirava muito bem.

— Você obteve o seu cartão?

— Não pude. Não sem você. A senhorita Beasley disse que você terá que dizer que eu trabalho para você.

—Você quer dizer ir lá? — a animação deixou o rosto de Elly e sua voz perdeu a força. — Oh, eu não acho que eu poderia fazer isso.

Ontem, ele teria perguntado o porquê. Hoje, ele apenas respondeu: — Você pode escrever um bilhete. Ela disse que serviria e eu posso levar na próxima vez que eu for lá. Tenho que ir na próxima semana novamente. A senhorita Beasley disse que ela vai querer mais uma dúzia de ovos.

— Ela disse? — a animação de Eleanor voltou tão rapidamente como tinha fugido.

— Sim. E, você sabe, eu estava pensando... — Will jogou a aba do chapéu para trás, enganchou uma bota no último degrau e apoiou uma mão sobre o joelho. — Se você colocasse um chantilly nos frascos de meio litro eu acho que eu poderia vendê-lo, também. Faça um pouco mais.

Ela não pôde resistir à provocação: — Você vai se transformar em um desses homens que ama o dinheiro, Sr. Parker?

Ele sabia muito bem que havia mais do que brincadeira atrás da observação, a aversão dela pela cidade era muito real. Uma reclusa, a senhorita Beasley tinha dito. Ela era realmente? A ponto de evitar o contato com as pessoas, mesmo que isso significasse ganhar dinheiro? Ela ainda não tinha se dado ao trabalho de contar o que ele lhe entregara. Ele supôs que isso era algo que eles teriam que trabalhar. Ele respondeu:

— Não, senhora — e retirou a bota do degrau. — É só que eu não vejo nenhum sentido em perder a oportunidade de fazer isso.

Donald Wade avistou o saco de papel marrom e puxou a manga de Will. — Ei, Will, o que você tem aí?

Will relutantemente desviou sua atenção de Eleanor e apoiou um joelho ao lado da carroça, um braço em volta da cintura do menino. — Bem, o que você acha? — Donald Wade deu de ombros, com os olhos fixos no saco. — Talvez seja melhor você olhar dentro e ver — os olhos castanhos de Donald Wade brilharam com entusiasmo, enquanto ele espiava dentro do saco, colocava a mão e retirava as duas barras de chocolate.

— Chocolate! — ele exalou, maravilhado.

— Chocolate — Will apoiou os cotovelos sobre os joelhos, sorrindo. — Um para você e um para o seu irmão mais novo.

— Chocolate — Donald Wade repetiu, em seguida, para sua mãe: — Olha, mamãe, Will nos comprou chocolate!

Seus olhos apreciativos procuraram os de Will e ele sentiu como se alguém tivesse amarrado um engate em torno de seu coração. — Agora, não fique tão pensativo. Agradeça ao Sr. Parker, Donald Wade.

— Obrigado, Will!

Com um esforço, Will voltou sua atenção para o menino.

— Desembrulhe o outro para o Thomas, tudo bem?

Sorrindo, ele observou os meninos sentarem lado a lado no caminho e começarem a fazer anéis marrons em torno de suas bocas.

— Eu aprecio sua consideração por eles, Sr. Parker.

Ele lentamente se ergueu e olhou para o rosto dela. Seus lábios estavam inclinados suavemente. Seu cabelo estava puxado para trás em uma trança grossa, da cor do grão de

outono. Seus olhos eram verdes como jade. *Como alguém podia prendê-la em uma casa?*

— Os meninos têm que ter um pouco de doce de vez em quando. Trouxe algo para você, também.

— Para mim? — ela colocou a mão em seu peito.

Ele estendeu o braço com o saco preso entre dois dedos.
— Não é muito.

— Ora, o que quer... — Elly animadamente mergulhou a mão dentro do saco, não perdendo um segundo com qualquer dissimulação tola. Retirando a estatueta, ela a segurou na altura dos ombros.

— Oh... Oh! É meu, Sr. Parker? — ela cobriu a boca e piscou com força.

— Oh, é meu... — ela segurou o pássaro azul com o braço estendido e prendeu a respiração. — Ora, é muito bonito. Muito obrigada.

— Eu tinha um pouco de dinheiro — esclareceu ele, já que ela não se preocupou em contar o dinheiro do ovo e ele não queria que ela achasse que ele tinha usado o dinheiro dela. Ele poderia dizer, pela expressão dela, que aquele pensamento não tinha nem passado pela mente dela. Ela sorriu para o olho pintado do pássaro azul, ela própria brilhando de alegria.

— Um pássaro azul... Imagine isso! — ela o pressionou em seu coração e sorriu para Will. — Como você sabe que eu gosto de pássaros?

Ele sabia.

Ele ficou olhando para ela, sentindo-se pronto para dar vazão a toda àquela recompensa de Eleanor, enquanto ela

examinava o pássaro de todos os ângulos possíveis.

— Eu adorei isso — ela lhe lançou outro sorriso. — É o mais bonito presente que eu já recebi. Obrigada.

Ele assentiu com a cabeça.

— Venham, meninos — ela se agachou para lhes mostrar. — O Sr. Parker me trouxe um pássaro azul. Não é a coisa mais linda que vocês já viram? Agora onde devemos colocá-lo? Eu estava pensando em colocá-lo sobre a mesa da cozinha. Não, talvez na minha mesa de cabeceira. Ora, ele ficará ótimo praticamente em qualquer lugar, não é? Venham e me ajudem a decidir. Você também, Sr. Parker.

Ela se movimentou para o lado de dentro tão animada que até se esqueceu de manter a porta aberta para Thomas se arrastar para dentro. Will pegou a criança, com chocolate espalhado pela roupa, pelo rosto e mãos, e o carregou. Naquele instante, ele era um homem feliz. Ele ficou encostado à porta da cozinha, com o bebê em seu braço, observando Eleanor testar o pássaro por toda parte: na mesa, no armário, ao lado do pote de biscoitos.

— Onde devemos colocá-lo, Donald Wade? — Ela fazia o menino se sentir importante sempre. E agora ele, também.

— No peitoril da janela, para que todos os outros pássaros venham vê-lo e cheguem mais perto — disse Donald.

— No peitoril da janela? — ela beliscou seu lábio inferior e considerou os peitoris: Leste, Sul e Oeste. A cozinha se projetava fora da área principal da construção, um cômodo com bastante claridade. — É isso! Por que eu não pensei nisso antes? — ela colocou o pássaro azul no peitoril da luz poente, Oeste, com vista

para o quintal, onde os varais de roupas tinham sido reparados e agora estavam em linha reta e resistentes. Ela se inclinou para trás, bateu palma uma vez e apertou as mãos cruzadas contra o queixo.

— Oh, sim, é exatamente isso que é necessário neste lugar!

Não era nada demais, era apenas uma estatueta de vidro barato, mas conforme Eleanor dançou por toda a cozinha e apertou o braço de Will, ele sentiu como se tivesse acabado de lhe comprar uma verdadeira peça de colecionador.

Se Will já estava ansioso para fazer melhorias em todo o lugar, antes de sua ida à cidade, depois, então, ele trabalhou mais duro ainda, motivado pelo zelo em compensar um passado que não era da sua conta. Passava horas se perguntando sobre as pessoas que a tinham trancado na casa atrás das cortinas verdes. E quanto tempo ela estivera lá, e por quê. E sobre o homem que a tinha levado para longe daquilo, a quem ela disse que ainda amava. E quanto tempo podia demorar para que um amor começasse a se desvanecer? Foi durante esses dias que Will tomou conhecimento de coisas que ele nunca tinha notado antes. Como ela não tinha colocado uma cortina sequer em nenhuma janela; como ela fazia uma pausa para adorar o sol sempre que saía; como ela nunca deixou de louvar pelo dia, fosse chuvoso ou ensolarado, era algo para se maravilhar, e à noite, quando Will saía do celeiro para se aliviar, não importava qual hora fosse, a lamparina do quarto dela estava sempre

acesa. Não foi até ele ter visto isto muitas vezes, que ele percebeu, então, que ela não estava verificando os meninos, mas, sim, que ela dormia com a lamparina acesa.

Por que sua família fizera isso com ela? Mas, se alguém respeitava o direito da pessoa à privacidade, esse alguém era Will. Ele não precisava saber as respostas para aceitar o fato de que ele não estava mais trabalhando apenas para ter um teto sobre sua cabeça, mas para agradá-la. Ele arrumou a estrada; oleou o esteio e engatou Madame para puxar um raspador de aço, com cabos muito baixos, uma coisa meio deselegante para se trabalhar. Mas, com Madame puxando e empurrando, Will direcionava o raspador em linha reta e, assim, acertaram os buracos da estrada, preencheram os desmoronamentos, rolaram pedregulhos para os lados e arrancaram raízes. Donald Wade se tornou um companheiro constante de Will. Ele se sentava em um banco ou em um galho, observando, ouvindo e aprendendo. Às vezes, Will dava-lhe uma pá e o deixava com a tarefa de atirar pequenas pedras para o lado; em seguida, o elogiava por seus esforços incipientes como ele tinha ouvido Eleanor fazer.

Um dia Donald Wade observou: — O meu pai, ele não trabalhava muito. Não, como você.

— O que ele fazia, então?

— Coisas aqui e ali. Isso é o que a mamãe diz.

— Coisas aqui e ali, hein? — Will refletiu sobre isso por um momento e perguntou: — Ele tratava a sua mamãe bem, não tratava?

— Acho que sim. Ela gostava dele.

Depois de um momento de pausa, Donald Wade acrescentou: — Mas ele não comprava passarinhos para ela.

Enquanto Will considerava isto, Donald Wade exprimiu outra pergunta surpreendente:

— Você é o meu pai agora?

— Não, Donald Wade. Lamento dizer que eu não sou.

— Você vai ser?

Will não tinha resposta. A resposta dependia de Eleanor Dinsmore. Ela vinha duas vezes por dia, de manhã e à tarde, na carroça, trazendo o bebê Thomas e uma jarra de suco de framboesas frescas. E eles todos se sentavam juntos à sombra de sua árvore favorita e saboreavam o suco prazerosamente, enquanto ela apontava os pássaros que conhecia. Ela parecia conhecer todos eles: pombas, falcões, toutinegras e tentilhões. E as árvores também: choupo-tulipa, cercis canadense, tília, salgueiro e muito mais variedades ainda do que Will sequer tinha percebido que existiam por lá. Ela conhecia também as plantas pequenas, como a *Ilex glabra*, um azevinho conhecido como chá-dos-apalaches, folhas de tintura, amora verde, bagas, tinteiro, neve videira e uma com um nome lindo: “despedida do verão”, que ela mencionou com uma inclinação cativante nos seus lábios, que fez Will estudá-los mais de perto. Os minutos gastos, descansando debaixo de uma cercis canadense, foram alguns dos melhores da vida de Will.

— Nossa! — exclamou ela —, essa estrada está ficando muito boa. — E isso era todo o incentivo de que Will necessitava para voltar para o raspador e empurrar com mais força do que antes.

No dia em que a estrada foi terminada, Will sussurrou seu agradecimento no ouvido de Madame, alimentou-a com uma cenoura retirada da horta e deu-lhe um banho como recompensa. Depois do jantar, ele e Eleanor levaram os meninos para um passeio de carroça pela estrada refeita.

— É uma bela estrada, Will — ela elogiou, e ele sorriu com tranquila satisfação.

No dia seguinte, ele substituiu duas tábuas no assento da carroça, atrelou Madame e levou sua primeira carga de lixo para o despejo de Whitney. Ele levou também um bilhete de Eleanor, os ovos da senhorita Beasley, além de várias dúzias a mais, e cinco litros de chantilly, um deles não indo mais longe do que a biblioteca.

— Chantilly?! — a senhorita Beasley exclamou. — Ora, eu passei mal com torta de morango, tive ânsias ultimamente, mas o que é um bolo de morango sem chantilly? — ela riu e retirou mais moedas da bolsa preta dela.

E, apesar de Will pegar seus primeiros livros com seu próprio cartão da biblioteca, pouco antes de ele sair, ela se lembrou: — Ah, eu encontrei alguns almanaques sobre a apicultura. Você não precisa devolver estes — ela pegou um envelope amarelo-mostarda, que levava o nome Will Parker, e o colocou sobre a mesa.

— Eles são publicados pelo Serviço de Extensão Agrícola do condado a cada cinco anos, penso eu, quando a abelha é a única criatura na terra verde de Deus, que não mudou seus hábitos ou seu habitat desde antes de o homem andar ereto. Mas quando os novos almanaques aparecem, os antigos são

descartados, úteis ou não — ela explicou, ocupando as mãos, evitando cuidadosamente os olhos de Will. — Ora, eu deveria escrever ao xerife do condado sobre tais desperdícios puro e simples do dinheiro dos contribuintes.

Will ficou encantado. — Obrigado, senhorita Beasley.

Ainda assim, ela não olhou para ele. — Não há necessidade de me agradecer por algo que já teria ido para o lixo de qualquer maneira.

Mas ele viu além de sua máscara, viu a mulher que tinha dificuldade em fazer amizade com os homens, e seu coração aqueceu mais.

— Vejo a senhorita na próxima semana.

Ela olhou para cima apenas quando sua mão agarrou a maçaneta de bronze, mas, mesmo à distância, ele observou as duas manchas de cor em suas bochechas.

Sorrindo para si mesmo, Will desceu os degraus da biblioteca com sua pilha de livros apoiados sobre o quadril e o envelope amarelo batendo na coxa.

— Ora, ora... Se não é o Sr. Parker.

Will se deteve ao ver Lula Peak, dois degraus abaixo, sorrindo para ele com olhos sedutores. Ela usava seu visual Betty Grable, o batom da cor de um coágulo de sangue, e estava com um quadril que, de forma quase permanente, se projetava para frente.

— Boa tarde, senhora — ele tentou se mover em torno dela, mas ela desviou habilmente.

— Qual é a pressa? — ela mascava chiclete tão graciosamente quanto um jacaré roía a carne crua.

— Tenho creme na carroça que não deve ficar ao sol.

Ela alisou o cabelo da parte de trás de sua cabeça para cima e, em seguida, levantou o queixo, destacando três dedos abaixo do V de seu uniforme. — O tempo está quente — estando um degrau abaixo de Will, Lula estava quase com o nariz no umbigo dele. Seus olhos percorreram preguiçosamente a sua camisa e o seu jeans até o envelope em que a senhorita Beasley tinha escrito o seu nome.

— Então, é Will, não é? — ela demorou. Seus olhos tomaram seu tempo subindo de volta, demorando-se onde eles queriam. — Will Parker — ela falou lentamente, e tocou a fivela do cinto dele com a ponta de uma unha vermelha. — Bonito nome... Will.

Ele assumiu o controle evitando saltar para trás, para longe de seu toque, e se manteve firme, educadamente, enquanto ela inclinava a cabeça e balançava os ombros.

— Então, Will Parker, por que você não para na cafeteria e eu vou lhe arranjar um copo bem agradável de chá gelado? Parece bom em um dia quente como este; o que acha?

Por um momento, horrorizado, ele pensou que ela poderia correr a unha direto para sua virilha. Ele pulou antes que ela pudesse fazer isso.

— Não acho que vou ter tempo, senhora.

Desta vez, ela o deixou passar. — Tenho coisas para fazer — ele sentiu os olhos dela o seguindo, enquanto ele subia na carroça, tomava as rédeas e dirigia ao redor da praça da cidade até o Purdy.

Aquela mulher era um problema, com um grande P, e ele não queria nenhum. Nada de problemas ou dela. Ele olhou para frente da praça e seguiu para o armazém de Purdy.

Purdy comprou o creme de chantily e os ovos, e disse: — Bem, a qualquer momento que você tiver ovos frescos, apenas os traga. Eu não tenho problemas para vender ovos frescos.

Lula tinha ido embora quando Will saiu do armazém, mas a atitude ousada da mulher o deixou se sentindo ansioso para voltar para casa.

Eleanor e os meninos o estavam esperando sob sua árvore favorita. Will gravitou em direção a eles como uma agulha de bússola em direção ao Polo Norte. Ali era onde ele pertencia; ali, com esta mulher sem adornos, cuja simplicidade fazia Lula parecer falsa, tão sadia que fazia de Lula inferior. Ele descobriu que era difícil acreditar que, em sua juventude, ele teria escolhido uma mulher como aquela ao invés de uma como Eleanor... Ela se levantou, limpando a parte de trás da saia, quando ele puxou e freou Madame.

— Você está de volta.

— Sim.

Eles sorriram um para o outro, e um momento de apreciação sutil vibrou entre eles. Ela impulsionou os meninos para cima do banco da carroça e ele os transferiu para a parte de trás, balançando-os para cima e fazendo-os rir.

— Sentem-se aí agora para que vocês não caiam — eles se esforçaram para seguir as ordens e Will se inclinou para estender uma mão para ajudar a mãe deles a subir. Ele apertou a palma da sua mão e pelo lapso de dois batimentos cardíacos nenhum

deles se moveu. Ela, com um pé em um suporte da carroça, com seus olhos verdes presos nos olhos marrons dele. Abruptamente, ela subiu e se sentou, como se o momento não houvesse acontecido.

Mas ele pensou nisso durante os dias que se seguiram, enquanto ele continuava a melhorar o lugar. Esfregando as paredes e tetos, terminando as paredes de estuque e pintando o que parecia nunca ter visto tinta. Ele colocou portas nos armários inferiores da cozinha e construiu novas para os de cima. Trocou a pia usada da cozinha, revestindo-a com um pedaço de linóleo – este estava ficando valorizado e mais escasso no comércio. O linóleo era amarelo, com listras, como o sol através das pétalas de uma margarida: amarelo, o que parecia combinar melhor com o traje de Eleanor e com seus olhos verdes.

Eleanor foi ficando mais redonda e movia-se mais lentamente. Dia após dia, ele a observava transportando pratos ou panelas e despejando grandes quantidades de água suja de baldes no quintal. Ela lavava fraldas para apenas um no momento, mas logo haveria dois. Ele cavou uma fossa e colocou um cano debaixo da pia, eliminando a necessidade do transporte de pratos ou panelas. Ela ficou radiante e, como agradecimento, correu para despejar a primeira bacia de água no ralo e se alegrou quando desapareceu magicamente por si só. Ela disse que não importava que ele não tivesse conseguido encontrar linóleo suficiente para o chão. A cozinha estava mais brilhante e mais limpa do que nunca tinha sido antes.

Mas Will estava desapontado com o linóleo para o chão. Ele queria que a cozinha ficasse perfeita para ela. Linóleo, banheiras

e tantas outras comodidades estavam ficando cada vez mais difíceis de encontrar com as fábricas de todos os tipos produzindo material de guerra. Na prisão, Will lia o jornal diariamente, mas só agora ele colocava em dia os acontecimentos mundiais, quando ele ia para a biblioteca. Portanto, ele estava ciente dos rumores na Europa e se perguntava quanto tempo levaria para a América continuar apenas fornecendo aviões e tanques para a Inglaterra e a França, sem entrar na própria luta. Ele estremeceu com este pensamento, mesmo quando ele levou sua primeira carga de sucata para a cidade e obteve um dólar pelo lixo de Glendon Dinsmore.

Pouco tempo depois disso já se falava de a América ingressar ativamente na guerra, embora os governantes se manifestassem contra a entrada dos EUA nela. Mas, por outro lado, Roosevelt reforçou as defesas. O projeto já estava em vigor, e Will estava dentro do perfil, era saudável e solteiro. Além do final da estrada que conduzia à sua casa, Eleanor permanecia alegremente ignorante do que se passava no mundo.

Então, um dia Will desenterrou um rádio em um dos galpões. Demorou algum tempo para encontrar uma bateria para ele, baterias também estavam sendo devoradas pela Inglaterra para manter walkie-talkies operáveis. Mas ele conseguiu, trocando-a por uma lata de tinta, apenas para descobrir que, mesmo com a bateria instalada, o rádio ainda se recusava a funcionar.

A senhorita Beasley encontrou um livro que lhe disse como corrigir isso. Na hora que ele conseguiu trazê-lo de volta à vida,

Ma Perkins^[8] estava no ar. Os meninos estavam tirando sua soneca depois do meio-dia e Eleanor estava passando roupa. Quando o som do programa, cheio de estática, encheu a cozinha, seus olhos brilharam.

— Que tal isso? Ele funciona! — Will disse, espantado.

— Shh! — ela puxou uma cadeira, enquanto Will também se sentava e, juntos, eles ouviram a mais recente aventura da viúva que conseguiu uma serraria em Rushville Center, EUA, onde ela morava, com seus três filhos, John, Evey e Fay. Qualquer pessoa que amava seus filhos iria gostar de ouvir *Ma Perkins* e Will podia ver que a novela tinha ganhado uma ouvinte fiel ali.

Naquela noite, todos eles pairaram perto da caixa mágica, enquanto Will e Eleanor observavam os olhos dos meninos acesos ao som de *The Lone Ranger*^[9] e Tonto, seu amigo índio fiel, que chamava de Kemosahbee. Depois disso, Donald Wade nunca mais andou, mas galopava. Ele relinchava, recuava, fazia sons de casco com a língua e gritava: “Silver” na porta cada vez que ele entrava. Will entrou plenamente na brincadeira, chamando-o de Kemosahbee e, depois disso, Donald Wade testou a paciência de todos, chamando todo mundo de Kemosahbee uma centena de vezes por dia.

O rádio trouxe mais do que fantasia. Ele trouxe a realidade na forma de Edward R. Murrow^[10] e as notícias. A cada noite, durante o jantar, Will sintonizava o rádio na voz de túmulo de Murrow com a sua pausa distintiva, enchendo a cozinha: — Isso é Londres — no fundo podia ser ouvido o som dos bombardeios alemães, o gemido de sirenes de ataque aéreo e os trovões de

fogo antiaéreo. Mas Will achava que ele era a única pessoa na cozinha que realmente acreditava que tudo aquilo era real. Embora Elly se recusasse a discutir o assunto, a guerra estava chegando, e quando ela chegasse, ele poderia ser chamado.

Will trabalhou mais duro ainda. Ele cortou madeira que desse para um ano todo e a rachou, empilhando-a em um depósito próximo à cozinha. Ele raspou o velho linóleo do chão da cozinha, lixou e o envernizou. E começou a fantasiar sobre a instalação de um banheiro, se ele pudesse conseguir os equipamentos. E, em segredo, ele lia sobre as abelhas. As abelhas eram um fascínio inegável para Will. Ele passou horas observando as colmeias de certa distância, as colmeias que ele tinha no início pensado estarem abandonadas pelos insetos, mas que não estavam. Ele sabia melhor agora. O aparecimento de apenas uma abelha na abertura da colmeia não significava nada, porque a maioria delas estava, ou dentro à espera da rainha, ou nos campos recolhendo o pólen, néctar e água. Quanto mais ele lia, mais ele aprendia. As abelhas operárias mantinham pólen em suas patas traseiras; elas precisavam de água diariamente para beber; o mel era feito em quadrados empilháveis, que o apicultor adicionava no alto das colmeias quando a parte inferior delas se enchia; as abelhas comiam o seu próprio mel para sobreviver ao inverno; durante o verão, o mais denso tempo de produção, se o mel não fosse retirado, a colmeia ficava tão pesada que as abelhas tinham de sair e elas enxameavam. Experimentalmente, ele encheu uma única panela com água, como bebedouro, certo dia. No dia seguinte, ela estava vazia, então ele soube que as colmeias estavam ativas. Will observou as operárias saindo com

suas pernas traseiras finas e retornando cheias de pólen. Will sabia que ele estava certo, mesmo sem abrir as colmeias para ver o interior. Glendon Dinsmore tinha morrido em abril, se ninguém tivesse tirado o mel desde então, as abelhas poderiam enxamear a qualquer momento. Se nenhum tinha sido coletado desde então, as colmeias estavam carregadas de mel. Grande quantidade de mel, e Will Parker queria vendê-lo.

O assunto não tinha vindo à tona novamente entre ele e Eleanor. Nem ela lhe tinha dado qualquer chapéu de apicultor, então ele decidiu ir sem ele. Cada livro e almanaque aconselhava que o primeiro passo para se tornar um apicultor, era descobrir se você era imune as abelhas. Então Will fez isso. Em um dia quente, no final de outubro, ele seguiu as instruções minuciosamente: tomou um banho fresco para lavar qualquer cheiro de Madame de seu corpo, fez uma incursão na hortelã do emplastro de Eleanor, esfregou a pele e calças com folhas amassadas, fechou seu colarinho, abaixou as mangas compridas, amarrou cordas em torno da bainha de suas calças, fechando-as, e saiu para os carros abandonados para descobrir o que as abelhas pensavam de Will Parker.

Alcançando os carros, ele sentiu as mãos começarem a suar. Ele as enxugou em suas coxas e andou para mais perto, recitando silenciosamente: caminhe lentamente, abelhas não gostam de movimentos abruptos. Ele avançou em direção a um carro, o banco da frente, segurou o volante e se sentou com o coração na garganta. Não demorou muito tempo. Elas vieram de trás dele; primeiro uma, depois outra e, do nada, pareceu estar ali toda a colônia. *Caramba!* Obrigou-se a se sentar imóvel,

enquanto uma desembarcou em seu cabelo e, orientadas por uma delas, as demais vieram zumbindo, o restante voando sobre o seu rosto. Outra pousou em sua mão. Ele esperou ser picado, mas, em vez disso, a mocinha investigou o cabelo castanho no pulso de Will, caminhou até os nós dos dedos dele e foi para longe, desinteressada. *Bem, eu vou ser amaldiçoado.*

Quando ele contou para Eleanor o ocorrido, ela se precipitou atrás de picadas de abelhas.

— Você fez o quê?!

Ela se virou do armário, com as mãos nos quadris, seus olhos flamejando com raiva.

— Eu me sentei no Whippet, para ver se eu era imune a abelhas.

— Sem sequer um chapéu com véu?

— Achei que você não tivesse encontrado um.

— Porque eu não queria você lá fora!

— Mas eu disse a você. Eu me esfreguei com hortelã e lavei o cheiro da Madame de cima de mim.

— Madame! Que diabos ela tem a ver com isso?

— As abelhas odeiam o cheiro de animais, especialmente de cavalos e cães. Elas ficam loucas com isso.

— Mas você poderia ter sido picado — ela estava lívida.

— O livro diz que um apicultor deve esperar ser picado a qualquer momento. Isso faz parte deste trabalho. Mas, depois de um tempo, você se acostuma e dificilmente notará.

— Eu não estou louca — ela pegou uma casca amassada de ovo e a jogou de lado com veemência.

— Você não está louca — ele repetiu secamente.

— Não, eu não estou!

— Então por que você está gritando?

— Eu não estou gritando — ela gritou e virou para ele novamente. — Eu só não sei o que há na cabeça dos homens, às vezes, isso é tudo. Até Donald Wade teria tido mais juízo ao ir lá para fora confrontar uma colmeia sem maior proteção do que o cheiro de hortelã.

— Eu não tive picadas, não é? — ele perguntou, presunçosamente.

Ela olhou para ele, bochechas ardendo, boca franzida, e finalmente se afastou, muito frustrada para confrontá-lo por mais tempo.

— Vá em frente — a ordem veio baixa e abrasiva. — Saia da minha cozinha — ela bateu outro ovo contra a tigela, quebrando-o.

Ele ficou a cinco passos de distância, os braços cruzados, um ombro apoiado indolentemente contra a porta da frente, admirando o rosto dela rosado e com raiva, o queixo corajoso, o salto de seus seios enquanto ela açoitava a massa.

— Você sabe, para alguém que não está louca, você está certamente fazendo um inferno, uma bagunça com essas cascas de ovos.

— Ah! — ela lançou uma mão ao ar depreciativamente. — E supostamente isso deveria me fazer sentir bem?

— Bom, eu percebi, assim que eu li isso no almanaque, que este deveria ser o caminho exato para começar. E o livro...

— O livro! — ela zombou. — Não me fale sobre livros. Usou luvas?

— Não. Eu queria descobrir...

— E você não levou o fumigador, ^[11] também?

— Eu teria levado se você tivesse me dado.

— Não me culpe por sua própria estupidez, Will Parker. Isso foi uma coisa malditamente idiota para se fazer, e você sabe disso.

Ela estava tão aborrecida que não podia o tolerar por mais tempo. Ela se virou de volta para o bolo que estava fazendo, pegou um ovo e rachou-o contra a beirada da tigela com força suficiente para aniquilar a casca.

— Droga! Agora veja o que você fez!

— Bem, se eu soubesse que você ia ficar louca...

A próxima coisa que ele soube, foi que um ovo veio voando pelo ar, e acertou-o bem no meio da testa.

— Elly, que inferno...

Ele se inclinou para frente, enquanto a gema escorria pelo seu nariz, e pendia de seu queixo, pingando sobre suas botas.

— Você acha que é tão engraçado, então vá enfiar a cabeça em uma colmeia e deixe-as limpar isso para você! — ela apontou um dedo para a porta. — Bem, saia! Saia da minha cozinha!

Ele se virou para seguir a ordem, mas, antes mesmo que ele chegasse à porta, ele começou a rir. A primeira gargalhada saiu conforme ele chegou à porta de tela, a segunda quando ele correu através dos degraus, limpando a gema de seu rosto. Até que ele estava no quintal, se dobrando de tanto rir.

Ele balançou a cabeça como um cão depois de um mergulho e riu alegremente. Atrás dele, a porta de tela se abriu e

ele girou bem a tempo para formar luvas com as mãos para o próximo ovo que ela deixou voar. Ele explodiu em suas palmas, e ele virou-se para trás, rindo. — Whoooee! Cuidado, Joe DiMaggio!^[12]

— Dane-se, Parker!

Ele gargalhou.

Por todo o caminho, ele riu, e manteve-se rindo enquanto inspecionava sua camisa, tirando-a e a enxaguando, e banhando-se embaixo da bomba. Ele ainda estava rindo quando pendurou sua camisa em um mourão para secar. Então a verdade o atingiu, e ele ficou em silêncio, como se mergulhado debaixo d'água.

Ela se preocupa comigo.

Ele cambaleou como se tivesse sofrido um golpe no queixo, estatelado, ergueu o olhar para a casa.

Ela se preocupa com você, Parker! E você se preocupa com ela!

Seu coração começou a bater velozmente, enquanto ele ficou parado no sol com a água escorrendo pelo rosto e peito. *Preocupa-se com ela? Admita, Parker, você a ama.* Ele passou a mão pelo rosto, sacudiu a água e continuou olhando, confrontando-se com o fato de que ele estava apaixonado por uma mulher que tinha apenas jogado uns ovos nele, uma mulher grávida de sete meses do bebê de outro homem, uma mulher que ele mal tinha tocado, que nunca tinha beijado e nunca tinha desejado.

Até agora.

Ele começou a se mover em direção à casa, com passos vagarosos, sentindo o seu pulso, o seu peito e as têmporas, perguntando-se o que ia dizer quando ele a alcançasse. Ela estava de joelhos com um balde e pano, quando ele abriu a porta de tela e a deixou bater forte atrás dele. Ela começou a esfregar, com toda sua atenção presa no chão. Os meninos estavam dormindo, o rádio em silêncio. Ele estava do outro lado da cozinha, observando, pensando, esperando...

Vá em frente, então. Levante-a e veja se você está certo, Parker.

Ele se moveu para ficar perto dela, mas ela trabalhava teimosamente, seu corpo inteiro balançando, enquanto esfregava com o triplo da energia necessária para limpar um simples ovo.

— Eleanor?

Ele nunca a chamou de Eleanor e isso dobrou sua consciência dela como uma mulher, e ela dele como um homem.

—Vá embora.

— Eleanor — ele falou mais gentil desta vez, enquanto ele agarrava seu braço como se fosse puxá-la para cima. A cabeça dela caiu para trás, revelando os olhos verdes, brilhando com lágrimas não derramadas. Ela estava com raiva, muita raiva. E o tom da voz dele, terno, dissolveu isso, embora ela não entendesse completamente o porquê. Ela enxugou as lágrimas irritantes e olhou para o comprimento considerável dele, para seu peito nu, molhado, com o rosto atraente ainda úmido com a água do poço, com o cabelo em pé. Seus olhos pareciam perturbados, os cílios espetados com a umidade. Sua pele estava bronzeada do trabalho feito sem camisa ao longo do verão, e ele se parecia

com um magro saudável. A visão dele enviou uma emoção através de seus sinais vitais. Ele era tudo o que não tinha sido Glendon: ágil, forte e bonito. Mas que homem gostaria de receber o afeto de uma mulher simples, uma mulher grávida de sete meses, o corpo como uma melancia?

Eleanor abaixou o queixo. Ele inclinou seu queixo com um dedo. E enfrentou o rosto dela desarmado, lendo-o, antes de deixar um sorriso despontar no canto da sua boca. — Você tem um inferno de um braço, você sabe disso?

Ela empurrou o queixo para longe e sentiu sua segurança escoar através de seus membros, mas nada em sua vida a levava a acreditar que ela poderia atrair um homem como ele, então ela assumiu que ele estava apenas se divertindo com ela.

— Não é engraçado, Will.

De pé, ao lado dela, ele sentiu a decepção laçá-lo profundamente. Ele se agachou, seu olhar caindo nas mãos dela, que descansavam sobre a borda de um balde de zinco. — Não, não é — ele respondeu calmamente. — Eu acho que é melhor falarmos sobre isso.

— Não há nada para falar.

— Não há?

De repente, ela deixou seus braços caírem, como se derrotada, e colocou o rosto contra os nós dos dedos.

— Não chore.

— Eu não estou chorando — disse ela, mas sua mente girava: *o que há de errado comigo? Eu nunca choro, e é embaraçoso fazê-lo diante de Will Parker por absolutamente nenhuma razão.*

Ele esperou, mas ela continuou a soluçar baixinho, sacudindo sua barriga. — Não... — ele sussurrou.

Ela jogou a cabeça para trás, esfregou as lágrimas e falou: — As mulheres grávidas ficam mais sensíveis, choram às vezes, e isso é tudo.

— Eu sinto muito.

— Eu sei. E eu sinto muito que eu tenha jogado aqueles ovos em você — ela enxugou o rosto mais ou menos com o avental. — Mas, Will, você tem que entender sobre as abelhas.

— Não, você tem que entender sobre as abelhas.

— Mas, Will...

Ele ergueu as duas mãos. — Agora, espere um minuto, antes de dizer qualquer coisa. Eu não vou mentir para você. Eu estive no pomar... Mas eu não sou ele, Eleanor, eu não sou Glendon. Eu sou um homem cuidadoso e eu não vou me machucar.

— Como você sabe disso?

— Tudo bem, eu não sei. Mas você não pode passar a vida se afastando de coisas só porque você está com medo do que pode acontecer. Provavelmente, elas nunca irão embora, de qualquer maneira — de repente, ele apoiou ambos os joelhos no chão e pousou as mãos sobre as coxas, inclinando-se, seriamente. — Elly, há abelhas em todo o lugar. E mel, lá fora, também; um monte dele. Eu quero recolhê-lo e vendê-lo.

— Mas...

— Agora, espere um minuto, deixe-me terminar. Você não ouviu tudo — ele respirou fundo e adicionou: — Eu vou precisar da sua ajuda. Não com as colmeias, eu vou cuidar dessa parte,

assim você não tem que chegar perto delas. Mas, com a extração e engarrafamento.

Ela desviou o olhar. — Por dinheiro, eu acho.

— Bem, por que não?

Ela voltou seu olhar para o dele. — Mas eu não me importo com dinheiro.

— Bem, talvez eu me importe. Se não for por mim, por este lugar, por você e pelas crianças. Quero dizer, há coisas que eu gostaria de fazer por aqui. Eu pensei em colocar eletricidade... E um banheiro, talvez. Com o novo bebê chegando, eu pensei que você iria querer essas coisas. E o que dizer do bebê, onde você vai conseguir o dinheiro para pagar o médico?

— Eu lhe disse antes, eu não preciso de qualquer médico.

— Talvez você não precisasse no dia em que os meninos foram picados, tivemos sorte naquele dia, mas você vai precisar de um quando o bebê nascer.

— Eu não terei nenhum médico — declarou ela, teimosa.

— Mas isso é ridículo! Quem é que vai ajudá-la quando chegar a hora?

Ela endireitou o queixo e olhou nos olhos dele. — Eu estava esperando que fosse você.

— Eu? — as sobrancelhas de Will dispararam para cima e sua cabeça se projetou para frente. — Mas eu não sei nada sobre isso!

— Não há nada para saber — ela se apressou a dizer. — Eu vou te dizer tudo o que você precisa saber de antemão. Tudo o que você tem a fazer é...

— Agora, espere um minuto — ele pôs-se de pé, com as duas mãos erguidas como um guarda de trânsito.

Cravando os olhos nele, ela continuou sentada no chão. — Você está com medo, não é?

Ele enfiou as mãos nos bolsos de trás, agarrando suas nádegas. Um par de vincos apareceu entre suas sobrancelhas. — Certamente, porra, estou com medo. E não faz nem um pouco de sentido, não quando há um médico qualificado, lá embaixo na cidade, que pode fazer isso.

— Eu te disse uma vez: a cidade não tem nenhuma utilidade para mim, e eu não tenho nenhum uso para ela.

— Mas isso é lou... — ele parou, abruptamente.

— Loucura? — ela terminou para ele.

— Eu não quis dizer isso.

Maldita língua impensada.

— É arriscado. Todos os tipos de coisas podem acontecer. Ele poderia nascer com o cordão enrolado no pescoço ou estar em posição incorreta... E se isso realmente acontecesse?

— Não vai acontecer. Eu tive dois que saíram sem nenhum problema. Tudo o que você teria que fazer...

— Não! — ele colocou seis passos de distância entre eles, antes de enfrentar ela de novo, de cara feia. — Eu não sou parteira, droga!

Foi a primeira vez que Elly o viu realmente com raiva e ela não sabia como lidar com ele assim. Eles se enfrentaram, imóveis, como peças de xadrez, seus tons altivos e suas bocas franzidas, enquanto Eleanor sentia a incerteza rastejar dentro dela. Ela precisava dele, mas ele não parecia entender isso. Ela

estava com medo, mas não podia deixar isso à mostra. E se o que ela estava prestes a dizer saísse pela culatra, ela seria a mulher mais desolada dos arredores.

— Bem, então, talvez seja melhor você recolher suas coisas e seguir em frente.

Um pavor perpassou o corpo de Will. Quantas vezes em sua vida, ele tinha passado por isso? Outro pavor tomava conta dela, mas ela pensou: *desculpe-me, rapaz, mas não vou precisar mais de você. Gostaria que pudéssemos mantê-lo, rapaz, mas...*

Não importava o quão duro ele trabalhasse para provar a si mesmo, no final aquilo sempre era inevitável. Ele deveria ter se acostumado com isso. Mas doeu, droga. Doeu! E ela estava sendo razoável, esperando aquilo dele? Ele inspirou profundamente, trêmulo. — Nós não podemos falar sobre isso, Elly?

Ela adorava o som de seu nome quando ele a chamava assim. Mas ela não iria mantê-lo como um agrado. Se ele fosse ficar, ele tinha que entender o porquê. Obstivamente, ela se ajoelhou e voltou para sua lavagem do chão. — Eu posso fazer isso sozinha. Eu não preciso de você.

Não, ninguém nunca precisou. Ele tinha pensado que, desta vez, talvez, fosse ser diferente. Mas ele era tão dispensável para Eleanor Dinsmore como tinha sido para todos: desde sua mãe, até todo o Estado do Texas. Ele poderia desistir e simplesmente andar para longe deste lugar, longe dela. Mas se ela o amava ou não, ele estava feliz aqui, mais feliz do que ele se lembrava de ter sido algum dia; feliz, confortável, ocupado e realizado. E, por isso, valia a pena lutar. Ele engoliu seu orgulho, atravessou a

metade do chão esfregado e agachou-se ao lado dela, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Eu não quero ir, mas eu não fui contratado para fazer o parto — argumentou em silêncio, razoavelmente. — Quero dizer, isso é... — ele engoliu em seco — é um pouco pessoal, você não acha?

— Suponho que isso incomodaria você — ela rebateu com força, continuando a esfoliação, movendo-se para um novo trecho do chão para evitar os olhos dele.

Ele considerou, longa e seriamente, fixando sua atenção no alto da cabeça dela. — Sim... Sim, iria.

— Glendon fez isso... Duas vezes.

— Isso foi diferente. Ele era o seu marido.

Ainda esfregando, ela disse — Você poderia ser também.

Um dardo de surpresa quente chiou nas veias de Will. Mas, e se ele tivesse entendido mal? Pesando suas palavras, ele se equilibrou sobre os pés, observando-a se balançar no esfrega-esfrega para a disseminação das manchas. Suas bochechas coradas ficaram ainda mais coloridas quando ela esclareceu: — Quer dizer, eu estive pensando, e está tudo bem para mim, se formos em frente e nos casarmos agora. Acho que teríamos todos os direitos, e os meninos gostam muito de você e você é muito bom com eles, e... eu realmente não jogarei ovos com muita frequência — ainda assim, ela não olhou para cima. Ele conteve um sorriso, enquanto os seus batimentos cardíacos se aceleravam.

— É isso que você quer? — ele perguntou.

— Eu suponho que sim — ela respondeu.

— Então, olhe para mim. Deixe-me ver isso em seus olhos — ele pediu, e sua voz estava um tanto rouca. Mas quando ela finalmente olhou para cima, ele viu apenas constrangimento por ela o ter dito. Então, ela não estava apaixonada, estava só em um dilema, e ele era conveniente. Mas, afinal, ele sabia disso a partir da primeira vez que ele entrou ali, não sabia?

O silêncio manteve-se tenso. Ele ficou de pé, andou até a janela, olhando para o quintal que ele tinha limpado, para as roupas no varal, pensando em quanto mais ele queria fazer por ela.

— Você sabe, Eleanor, que é bobagem para nós fazermos isso só porque você colocou algum anúncio na serraria e só porque eu o atendi. Isso não é motivo suficiente para duas pessoas juntarem suas vidas, não é?

— Você não quer?

Ele olhou por cima do ombro para encontrá-la olhando para ele com o rosto em chamas.

— Você quer? — ele devolveu a pergunta.

Estou grávida, não sou brilhante e não sou bonita, ela pensou.

Eu sou um ex-presidiário e assassino de mulher, ele pensou.

E nenhum dos dois falou o que estava em seus corações.

Por fim, ele olhou para o quintal de novo.

— Parece-me que deve haver algum... algum sentimento entre as pessoas que se casam ou algo assim — era a sua vez de corar, mas ele manteve isso escondido dela.

— Eu gosto muito de você, Will. Você não gosta de mim? — ela poderia estar discutindo que tipo de ancinho comprar, pelo seu tom despido de emoção.

— Sim — disse ele com voz rouca, depois de um momento. — Eu gosto muito de você.

— Então eu acho que devemos fazer isso.

Só assim; nenhuma música de harpa vindo dos céus; nenhum beijo sob as estrelas; apenas Elly, grávida de sete meses, lutando para ficar de pé e enxugando as mãos no avental, e Will, de pé, a seis passos dela, olhando na direção oposta. A maneira como eles tinham resolvido isso pareceu tão emocionante quanto o programa Lend-Lease^[13] do presidente Roosevelt. Bem, já era o suficiente. Só que, antes de Will concordar, ele iria saber exatamente no que estava se metendo. Resolutamente, ele se virou para encará-la.

— Você se importa que eu pergunte uma coisa?

— Pergunte.

— Onde eu iria dormir?

— Onde você gostaria de dormir?

Ele realmente não tinha certeza. Dormir com ela seria difícil, deitar-se ao lado de seu corpo grávido e não a tocar. Mas dormir no celeiro era poderosamente solitário. Ele decidiu dar-lhe nem mais nem menos do que o necessário. — As noites estão ficando muito geladas naquele celeiro.

— O único lugar aqui é o lugar onde dormia Glendon, você sabe.

— Eu sei — depois de um silêncio prolongado. — E?

— Você seria o meu marido

— Sim — disse ele sem expressão, ao perceber que ela não estava muito emocionada com a perspectiva.

— Eu... eu durmo com a lamparina acesa — disse ela.

— Eu sei.

As sobrancelhas dela se elevaram: — Você sabe?

— Eu tenho acordado à noite e visto isso.

— Isso provavelmente iria mantê-lo acordado.

O que ela estava fazendo argumentando, quando a simples possibilidade a deixava sem fôlego?

Ele pensou muito antes de revelar uma rachadura em suas defesas. — Na prisão, nunca foi completamente escuro também.

Ele observou um abrandamento na expressão dela e se perguntou se algum dia ele poderia confiar nela com todas as vulnerabilidades dele.

— Bem, nesse caso... — o silêncio brotou ao seu redor, enquanto ele tentava pensar no que dizer ou fazer a seguir. Se isto tivesse sido uma proposta normal, com as emoções esperadas de ambos os lados, o momento sem dúvida teria sido íntimo. Porque não era, a tensão se multiplicava.

— Bem — ele esfregou o nariz e riu nervosamente.

— Isso é um sim? — ela estendeu as mãos, em seguida, juntou-as debaixo de sua barriga enorme.

— Eu não sei como uma pessoa se casa — disse ele.

— Fazemos isso no tribunal em Calhoun. Podemos obter a licença correta lá.

— Você quer ir lá amanhã, então? — ele perguntou.

— Amanhã estará bem — ela respondeu.

— A que horas? É melhor ser cedo. Nós vamos ter que pegar uma carroça, porque os garotos irão conosco. E como você sabe, Madame é muito lenta — disse ele.

— Nove horas, então?

— Às nove deve estar bom.

Por um momento, eles estudaram um ao outro, percebendo o que eles tinham acabado de concordar. Como era estranho. Como era incrível. A autoconsciência golpeou-os simultaneamente. Ele estendeu a mão para puxar a aba de seu chapéu para baixo, apenas para descobrir que ele tinha deixado seu chapéu pendurado no mourão da cerca. Então, ele colocou os polegares em seus bolsos traseiros e recuou um passo.

— Bom... eu tenho trabalho para terminar — disse ele.

— Eu também.

Ele retrocedeu mais dois passos, imaginando o que ela faria se ele mudasse de direção e a beijasse. Mas, no final, ele seguiu o próprio conselho e partiu sem tentar.

CAPÍTULO 8

AS CORTINAS DO PASSADO FORAM ABERTAS

À noite, deitada na cama, Eleanor estava acordada pensando em tudo como tinha acontecido naquele dia, no dia que viria nos próximos anos. Será que ela e Will viveriam em paz ou entre brigas? Brigar era algo recente para ela. Nos anos em que ela tinha sido casada com Glendon, eles nunca tinham brigado... talvez porque Glendon era muito preguiçoso.

No lugar onde ela tinha crescido não havia briga, tampouco havia risos. Em vez disso, havia tensão, uma tensão que nunca terminava. De suas primeiras lembranças, da sua infância, isso sempre pairava como um monstro ameaçador tentando atacar violentamente e apanhá-la com suas asas negras. Isso estivera lá, na maneira da avó se comportar, como se deixar os ombros caírem fosse desagradar ao Senhor; isso estivera lá, nas tentativas cuidadosas de sua mãe para caminhar silenciosamente, para cumprir as ordens sem reclamar e nunca se encontrar com os olhos da avó. Mas isso ficava pior quando o avô chegava em casa e, então, a oração se intensificava; em seguida, a “purificação” iria começar: Eleanor tinha de se ajoelhar no chão duro da sala, como ordenado, enquanto o avô levantava as mãos para o teto e, com sua barba grisalha rala e os olhos revirados, clamaria o perdão de Deus; ao lado dela, a avó gemia e continuava como um cão que tem acessos; em seguida, começaria a falar o jargão, enquanto seu corpo tremia; e a mãe, a pecadora, estaria espremendo os olhos fechados e entrelaçando os dedos com tanta força, que os dedos ficariam

brancos e, de joelhos, em um refúgio lamentável, enquanto seus lábios se moviam silenciosamente; e ela, Eleanor, a filha da vergonha, apoiaria a testa nas mãos cruzadas e espreitaria, com um olho, o espetáculo, indagando-se o que era que ela e sua mãe tinham feito.

Parecia impossível que a mãe pudesse ter feito algo de ruim. A mãe era mansa como uma violeta, quase nunca falava, exceto quando o avô exigia que ela orasse em voz alta e pedisse perdão por sua depravação. Qual fora a depravação? A criança Eleanor, perguntava-se. E por que ela era uma filha da vergonha?

Enquanto Eleanor era pequena, sua mãe, por vezes, falava com ela, em voz baixa, na privacidade do quarto que compartilhavam. Mas à medida que o tempo passava, a mãe ficava mais velada, retraída. Ela trabalhava duro, a avó via isso. Ela fazia toda jardinagem, enquanto a avó se afastava até a sombra e ficava de sentinela. Se alguém passasse na estrada, a avó ia para casa e assobiava, através da porta entreaberta: — Shisst! Venha aqui, Chloe! — até que, com o tempo, Chloe já não esperava a ordem, mas se afundava no interior da casa ao primeiro vislumbre de qualquer um que se aproximasse.

Três pessoas foram autorizadas a se aproximar, apenas três, e estes em caso de necessidade: o leiteiro, que deixava suas garrafas na porta de trás; o homem de Raleigh, de quem eles compravam o estoque da despensa; e um velho, chamado Dinsmore, que entregava gelo para eles, até que seu filho, Glendon, assumiu. Se alguém batesse à porta – o diretor da escola, um vagabundo ocasional à procura de uma refeição, o

recenseador – eles não viam mais do que uma sombra furtiva na cortina da frente. De repente, o xerife começou a ir, batendo na porta com autoridade, exigindo que fosse aberta. Será que tinha uma criança ali dentro? Se assim fosse, ela teria que ir à escola: era a lei. A avó estava bem longe das cortinas fechadas, seu rosto era uma máscara mortal, e sussurrava: — Silêncio, Eleanor, não diga uma só palavra. Então, uma vez, o xerife veio quando o avô estava em casa. Desta vez, ele gritou: — Albert See? Nós sabemos que você tem uma criança aí dentro em idade de frequentar a escola. Se você não abrir essa porta, eu vou conseguir uma ordem judicial que vai me dar o direito de pegá-la e levá-la. Você quer que eu faça isso, See?

E assim os dias escolares de Eleanor começaram. Mas eles eram dolorosos para a criança pálida, já um ano mais velha e uma cabeça mais alta do que os outros em sua primeira turma. As outras crianças a tratavam como a estranha que ela era: uma desajeitada, excêntrica, silenciosa, ignorante dos jogos mais básicos, que não sabia como agir em grupo, e só olhava para tudo e todos com os grandes olhos verdes. Ela era hesitante em tudo e quando ela, ocasionalmente, mostrava momentos de alegria, pulando e batendo palmas com algum divertimento, ela fazia isso com uma brusquidão inquietante; em seguida, parava, como se alguém tivesse desligado seu interruptor. Quando os professores tentavam ser amáveis, ela retrocedia como se fosse ameaçada. Quando as crianças riam, ela mostrava a língua para elas. E as crianças riam com cruel regularidade.

A escola, para Eleanor, parecia-se com trocar uma prisão por outra, então ela começou a faltar aula. A primeira vez que ela

fez isso, ela temeu que Deus fosse descobrir e contar a avó. Mas quando Ele não fez isso, ela tentou novamente, passando o dia na floresta, nos campos, descobrindo a maravilha da verdadeira liberdade. Ela sabia muito bem como ficar silenciosa. Naquela casa, por trás das cortinas verdes, ela fazia muito isso e, pela primeira vez, isso lhe colheu recompensas. As criaturas da natureza aprenderam a confiar nela, aprenderam sua rotina como se ela fosse um deles: cobras, aranhas, esquilos e pássaros. Para Eleanor, essas criaturas maravilhosas desfrutavam da maior liberdade entre todos.

Ela começou a estudá-los. Quando na aula da quinta série, da senhorita Buttry, ela foi à biblioteca, Eleanor encontrou um livro com imagens coloridas e descrições de habitat de aves, ninhos com ovos, cantos de pássaros. Na floresta, ela começou a identificá-los: o rubi coroadado, um mensageiro de música dos elfos; os asas-de-cera-de-cedro, que apareciam em bandos, mostravam-se sempre carinhosos e, por vezes, entupiam-se com frutas maduras; a gralha azul, pomposa e arrogante, era ainda assim mais bonita do que os cardeais mansos e saidinhos.

Ela trazia migalhas em seus bolsos e as colocava em um círculo, ao seu redor; em seguida, sentava-se imóvel como uma amiga deles. A coruja listrada se escondia, mas um passarinho roxo vinha e se sentava em um ramo de pinheiro, nas proximidades, fazendo serenata com o seu gorjeio melífluo. Com o tempo, começou a descer para um ramo mais baixo, onde ele inclinava a cabeça para estudá-la. Ela esperou o passarinho. Até que, inesperadamente, ele avançou e comeu o seu pão. Ela encontrou o passarinho um segundo dia, ela estava convencida

de que era o mesmo pássaro e, em um terceiro dia, quando ela aprendeu a imitar o seu gorjeio, começou a convocá-lo tão facilmente como as outras crianças assobiavam para seu cão. Então, um dia, ela ficou como uma estátua, com as migalhas nas palmas das mãos, e o passarinho pousou em uma mão para comer.

Na escola, pouco tempo depois, um grupo de crianças estava se exibindo. Uma menina, com tranças pretas e uns dentes pronunciados, disse: — Eu posso fazer trinta e sete piruetas sem ficar tonta — e riu. Outro, com a barriga mais gorda da classe, se gabou: — Eu posso comer quatorze panquecas de uma vez — e bateu na barriga. Um terceiro, o mentiroso mais notório da classe, alegou: — Meu pai vai caçar num safári, na África, no próximo ano, e ele vai me levar com ele. Eleanor chegou perto daquele círculo exclusivo e ofereceu timidamente: — Eu posso chamar os pássaros e fazê-los comer na minha mão.

Eles ficaram boquiabertos, como se ela fosse louca, então, intitularam-na disso e fecharam suas fileiras mais uma vez. Depois, as provocações começaram a ser sussurradas suficientemente altas para que elas não deixassem de alcançar os ouvidos dela: Elly See é louca! Ela fala com passarinhos porque ela vive naquela casa estranha, ela, sua mãe, sua avó e avô esquisitos.

Foi durante uma de suas fugas da escola que ela falou pela primeira vez com Glendon Dinsmore. Ela estava indo para casa tarde e vinha apressada dos bosques, fazendo barulho ao passar por um barranco íngreme, derrubando pequenas pedras para a

estrada abaixo, assustando uma mula que azurrou e a evitou, quase derrubando a carroça dos Dinsmore.

— Ooooo! — ele gritou, enquanto o animal quase estilhaçava a carroça contra uma solitária árvore dando um coice poderoso. Quando ele conseguiu ter a mula sob controle, ele tirou seu chapéu de feltro empoeirado e golpeou-o no banco da carroça agitado. — Senhor poderoso! Menina, o que você está fazendo saindo da floresta desse jeito?

— Eu estou com pressa. Tenho que chegar em casa antes das crianças saírem do colégio.

— Bem, você assustou a pobre Madame. Você deve ter mais cuidado perto dos animais.

— Desculpe-me — ela respondeu, arrependida.

— Arre... — ele colocou o chapéu de volta na cabeça e pareceu sossegar. — Acho que você não parou para pensar. Mas você deve ter mais cuidado da próxima vez, você ouviu? — ele olhou especulativamente para a floresta, depois de volta para ela. — Então você está matando aula, hein? — ele piscou para ela. Quando Eleanor não respondeu, seu olhar ficou mais perspicaz e ele projetou a cabeça para a frente. — Ei, eu não te conheço?

Ela cruzou os braços atrás das costas, abanou a cabeça duas vezes. — Você costumava entregar gelo na nossa casa quando eu era pequena.

— Eu entregava? — ele perguntou e ela assentiu, enquanto ele coçava a têmpora, empurrando o torto chapéu. — Qual é seu nome mesmo?

— Elly See.

— Elly See... — ele fez uma pausa para recordar. — Ora, é claro. Eu me lembro, agora. E o meu é Glendon Dinsmore.

— Eu sei.

— Você sabe? — ele deu um sorriso torto de surpresa. — Bem, e quanto a isto, você sabe: por que não vou a sua casa mais?

Elly roçou a sujeira do chão com a ponta do pé. — Eu sei. Vovô comprou uma geladeira elétrica. Eles não gostam de pessoas na casa.

— Ah... então... agora eu entendo — ele fez um sinal ao longo da estrada com um polegar e ofereceu: — Eu estou indo na direção que você vai. Posso te dar uma carona?

Ela balançou a cabeça, apertando as mãos com mais força por trás de suas costas, fazendo a frente de seu vestido parecer como se ela tivesse enfiado duas bolotas no interior. Ele era um rapaz agora, uns dezessete ou dezoito anos de idade, ela imaginou. Se a avó a visse chegando em casa, na carroça dele, ela acabaria ficando horas de joelhos.

— Bem, por que não? Madame não se importa de puxar dois — insistiu ele.

— Eu vou ficar em apuros. Eles esperam que eu vá direto para casa depois da escola e eu não deveria falar com estranhos.

— Bem, eu não gostaria de colocar você em apuros. Você vem aqui muitas vezes?

Ela o olhou com cautela.

— Só às vezes.

— O que você faz lá em cima, na floresta?

— Eu estudo as aves... — pensando bem, ela acrescentou:
— Para a escola, você sabe como é...

Ele levantou o queixo e balançou a cabeça de forma inteligente, como se quisesse dizer: “Ah, eu sei como é”.

— Pássaros são bons — então, ele pegou as rédeas. — Bem, talvez eu esbarre em você de novo algum dia, mas é melhor você não continuar correndo agora. Até logo, Elly.

Ela o observou, estupefata. Ele foi a primeira pessoa, em seus doze anos, que não a tinha tratado como se ela fosse louca ou uma filha da vergonha. Ela pensou sobre ele durante as orações, depois disso, tentando tirar a atenção de sua mente de seus joelhos doloridos. Ele era um sujeito um pouco desalinado, vestido de macacão e botas grosseiras, com barba suficiente para fazê-la parecer espinhosa. Mas ela não se importava com sua aparência, só importava que ele a tratara como se ela não fosse uma esquisitice.

A próxima vez que ela fugiu para a floresta, ela encontrou um lugar alto, em uma rocha, atrás de um arbusto de zimbro, onde ela podia ver a estrada e permanecer escondida. De seu poleiro secreto ela o esperou reaparecer. Quando ele não o fez, ela se surpreendeu ao encontrar-se decepcionada. Ela observou durante três dias, antes de desistir, nunca entendendo por que ela esperava que ele viesse ao longo da estrada, como antes. Ela apenas supunha que ele viria. Ela tinha se sentido bem por simplesmente conversar com alguém.

Quase um ano inteiro se passou antes de ela esbarrar com ele novamente. Era um dia atípico de outono, quente, um dia de folhas brilhantes e céu escuro. Elly estava procurando

codornizes, as aves das cercas, cujas vozes ela amava. Não sendo possível avistar qualquer uma ao longo do perímetro, ela dirigiu-se para a floresta onde as codornizes costumavam pousar em grupo, no chão. Ela estava seguindo seus chamados, mas corou quando percebeu que não era o canto de uma codorniz que a atraía aos arbustos, mas Glendon Dinsmore descendo a colina próxima. Ela parou e o assistiu descer, trazendo uma arma em um braço. Ele levantou a mão e acenou: — Ei, Elly!

Ela ficou séria, aguardando a sua chegada. Parando na frente dela, ele repetiu: — Ei, Elly.

— Ei, Glendon — ela retornou a saudação.

— Como vai você?

— Bem, eu acho — ela respondeu.

Eles ficaram por um momento sem se falar. Ela o apreciava sem sorrir, enquanto ele parecia satisfeito por ter esbarrado com ela. Ele parecia exatamente como tinha parecido da última vez: o mesmo macacão, a mesma barba tosca, o mesmo chapéu empoeirado. Por fim, ele mudou sua postura, esfregou o nariz, e perguntou: — Então, como estão as aves?

— Quais aves? — ela perguntou, pois seus pássaros eram seu passatempo e de mais ninguém.

— Você disse que estava estudando as aves. O que você está aprendendo?

Ele havia se lembrado durante um ano inteiro que ela estudava pássaros? Elly se suavizou.

— Estou tentando chamar as codornizes para fora de seu esconderijo.

— Você pode chamá-las? Nossa! — ele parecia impressionado, ao contrário das crianças na escola.

— Às vezes. Mas, às vezes, isso não funciona. O que você está fazendo com essa arma?

— Caçando.

— Caçando? Quer dizer que você atira em bichos?

— Em veados, sim.

— Eu não poderia nunca disparar em algum bicho.

— Meu pai e eu, nós comemos os veados.

— Bem, eu espero que você não consiga nenhum.

Ele recuou e riu, um breve silvo, então ele disse — Garotinha, você é uma coisa. Eu me lembrei de você o ano todo. Então, você viu alguma codorna?

— Não. Ainda não. Você viu algum veado?

— Não, ainda não.

— Eu vi um, mas não vou dizer onde. Eu o vejo quase todos os dias.

— Você vem aqui todos os dias?

— Quase sempre.

— Eu também, durante a temporada de caça.

Ela ponderou aquilo momentaneamente, mas qualquer sugestão de encontro novamente pareceria ridículo. Afinal, ela tinha apenas treze anos e ele era cinco anos mais velho. Assustada com o simples pensamento, ela se afastou abruptamente. — Eu tenho que ir — e se afastou dele.

— Ei, Elly, espere!

— O quê?

Ela parou a seis metros de distância, de frente para ele.

— Talvez eu vá te ver por aqui em algum momento. Quero dizer... bem... a temporada de caça começa daqui a duas semanas.

— Pode ser — ela o encarou em silêncio, em seguida, repetiu: — Eu tenho que ir. Se eu não estiver em casa as quatro e cinco, eles me fazem rezar uma meia hora extra.

Mais uma vez, ela se afastou e correu tão rápido quanto suas pernas podiam levá-la, maravilhada com a simpatia dele e com o fato de que ele parecia não se importar nem um pouco com a sua loucura. Afinal, ele tinha estado dentro daquela casa; ele sabia de onde ela vinha, conhecia a sua família. No entanto, ele queria ser seu amigo.

Ela voltou para o mesmo local no dia seguinte, mas se escondeu onde ele não pudesse vê-la. Ela o observou se aproximar sobre a mesma colina, a arma de novo em um braço, um saco de pano rústico no outro. Ele sentou-se debaixo de uma árvore, colocou a arma em seu colo e o saco perto do quadril. Empurrou para trás seu chapéu empoeirado, pegou, do bolso da camisa, um cigarro feito de palha de milho, e o acendeu com um palito de fósforo. Ela pensou que nunca tinha visto em sua vida alguém tão contente. Ele fumou todo o cigarro, com as botas ásperas cruzadas e um braço apoiado sobre seu estômago. Quando ele jogou no chão a ponta de seu cigarro de palha e amassou-a com a bota ela ficou em pânico. Em um minuto ele iria embora. Ela saiu de seu esconderijo e ficou parada, esperando que ele a visse. Quando ele o fez, o rosto dela se iluminou num sorriso.

— Olá!

— Olá.

— Belo dia, não é?

Um dia era muito parecido com o outro para ela. Então, ela apertou os olhos para o céu e permaneceu em silêncio.

— Trouxe uma coisa — disse ele, levantando-se.

— Para mim? — seus olhos se estreitaram, desconfiados. De onde ela vinha ninguém fazia nada agradável para ninguém.

— Para suas aves — ele se inclinou e pegou o saco amarrado com barbante. Ela olhou para ele, sem palavras.

— Como está indo o seu estudo de pássaros?

— Ah... Bem... Muito bem.

— No ano passado você foi estudá-los na escola. O que você está fazendo com seu estudo deles neste ano?

— Apenas diversão. Eu gosto de pássaros.

— Eu também — ele colocou o saco perto de seus dedos do pé.

— Qual a série que você está?

— Sétima.

— Você gosta dessa série?

— Não tanto quanto a do ano passado. No ano passado eu tive a senhorita Natwick.

— Ah, ela me deu aulas também. Mas eu não ligo muito para a escola. Eu abandonei após a oitava. Peguei o negócio do gelo, então, ajudei meu pai — ele fez um gesto com a cabeça e continuou: — Ele e eu vivemos lá atrás, no alto de Rock Creek Road.

Ela olhou naquela direção, mas seus olhos caíram rapidamente para o saco deitado no chão da floresta.

— O que tem nele?

— Milho.

Os grosbeaks azuis tímidos poderiam gostar de milho. Talvez com isso ela pudesse se aproximar deles. Ela deveria lhe agradecer, mas ela nunca aprendeu como. Em vez disso, ela deu a ele outra coisa: um pedacinho de seu precioso conhecimento de aves.

— Os orioles são os meus favoritos. Mas eles não comem milho, só besouros e uvas. Mas os grosbeaks provavelmente vão adorar.

Ele acenou com a cabeça e ela percebeu que sua resposta foi todo o agradecimento de que precisava. Ele fez mais perguntas sobre a escola e ela lhe contou que estudava os pássaros em livros da biblioteca. Algumas vezes ela trazia os livros para a floresta; outras, ela vinha apenas com um caderno, lápis de cor, desenhava as imagens e levava de volta para a biblioteca para identificar as aves.

Ele, por outro lado, contou para ela que tinha colocado cabaças do lado de fora de sua casa para fazer casas de pássaros.

— Cabaças?

— Os passarinhos amam. Apenas faça um buraco e eles irão parar lá dentro, certamente.

— Qual o tamanho do buraco?

— Depende do tamanho do pássaro e da cabaça.

Com o tempo, ele tirou um relógio do bolso e disse: — É quase quatro horas. É melhor você ir andando.

Ela foi apenas até a colina seguinte, antes de cair de joelhos e desatar o barbante com os dedos trêmulos. Ela olhou para o saco e seu coração disparou. Ela mergulhou as mãos nos grãos dourados e secos e os correu através de seus dedos. Excitação era algo novo para Elly. Ela nunca tivera algo pelo qual ansiar.

No dia seguinte, ele não apareceu. Mas, perto dos arbustos onde eles se encontraram por duas vezes antes, ele havia deixado três cabaças: verde, terrosa e listrada, e cada uma com um buraco feito de tamanho diferente, e também com um fio ajeitado pelo qual se podia pendurá-las. Um presente. Ele lhe tinha dado um presente.

Toda a temporada de caça passou antes de ela chegar a vê-lo novamente. Ele passeou sobre a colina com sua espingarda, mas ela não estava lá. Até quase o final da temporada foi ela quem ficou esperando, reta como uma agulha, uma garota pouco atraente, cujos olhos pareciam mais verdes do que eles realmente eram em seu rosto pálido e sardento. No dia em que o avistou, ela não sorriu nem tremeu, mas correu para ele e o convidou: — Quer ver onde eu pendurei as cabaças?

Nunca em sua vida Elly tinha confiado tanto em alguém.

Eles se encontraram muitas vezes depois disso. Era fácil estar com ele porque ele conhecia a floresta e seus animais como ela, e sempre que caminhavam juntos ele mantinha uma distância respeitável, caminhando com seus polegares em seus bolsos traseiros, levemente dobrados.

Ela lhe mostrou onde tinha colocado as cabaças e juntos assistiram as aves que fixaram residência nas três: duas famílias

de pardais e, na primavera, um pássaro azul solitário. Só depois que eles tinham se encontrado durante muitos meses ela levantou uma palma da mão com milho e lhe mostrou como podia chamar os pássaros e dar-lhes de comer em sua mão.

No ano seguinte, quando ela tinha quatorze anos, ela apareceu um dia com uma expressão triste no rosto. Eles se sentaram num tronco caído, observando uma árvore nas proximidades, onde um tatu estava abrigado.

— Eu não posso vê-lo mais, Glendon.

— Por quê?

— Porque eu estou doente. Eu provavelmente vou morrer — alarmado, ele se virou para ela.

— Morrer? O que há de errado?

— Eu não sei, mas é ruim.

— Bem... Eles a levaram ao médico?

— Não precisa. Eu já estou sangrando, o que o médico poderia fazer?

— Sangrando?

Ela assentiu com a cabeça, lábios apertados, cabeça baixa e os olhos fixos no buraco que o tatu fizera na terra.

Os olhos dele fizeram uma varredura furtiva em seu vestido, onde os seios tinham crescido do tamanho de ameixas.

— Você falou com sua mãe sobre isso?

Ela balançou a cabeça. — Não faria nenhum bem. Ela está doida. É como se ela nem sequer soubesse que eu estou lá.

— E a sua avó?

— Eu tenho medo de dizer a ela.

— Por quê?

Os olhos de Elly decaíram.

— Porque... — ela encolheu os ombros, indiferente, sentindo vagamente que isto tinha algo a ver com ser uma filha da vergonha.

— Você sangrou do seu lugar de garota? — ele perguntou. Ela assentiu com a cabeça em silêncio e corou. — Eles não te disseram, não é?

— Disseram o quê? — ela lhe lançou um olhar, mas rapidamente desviou.

— Todas as mulheres têm isso. Se não, elas não podem ter filhos.

Sua cabeça virou e ele voltou sua atenção para o sol que espreitava em torno do tronco de um velho carvalho. — Eles deveriam ter-lhe dito que você tinha que esperar por isso. Agora, vá para casa, e conte à sua avó sobre isso e ela vai lhe dizer o que fazer.

Mas Eleanor não o fez. Ela aceitou a palavra de Glendon de que era algo natural.

Quando voltou a acontecer, em intervalos regulares, ela começou a acompanhar o período, a fim de se achar preparada. Quando completou quinze anos, ela perguntou a Glendon o que uma filha da vergonha significava.

— Por quê?

— Porque é o que eu sou. Eles me dizem isso o tempo todo.

— Eles dizem isso para você? — o rosto de Glendon ficou tenso e ele pegou um pedaço de pau, partiu-o em quatro pedaços e atirou-os para longe.

— É algo mau, não é?

— Não é nada — disse ele, ferozmente. — Agora, como pode ser isso? Você não é má, não é?

— Eu os desobedeci e fugi da escola.

— Isso não faz de você uma filha da vergonha.

— Então, o que faz?

Quando ele permaneceu em silêncio, ela apelou: — Você é meu amigo, Glendon. Se você não vai me dizer, quem dirá?

Ele ficou sentado no chão da floresta, com ambos os cotovelos sobre os joelhos, encarando o chão.

— Tudo bem, eu vou te dizer. Lembra-se de quando vimos às codornizes acasalando? Lembra-se o que aconteceu quando o macho ficou em cima da fêmea? — ele deu-lhe um olhar rápido e ela balançou a cabeça. — É assim que os seres humanos também acasalam, mas supõe-se que eles façam isso quando eles estão casados. Se eles fazem isso quando eles não estão casados, e eles fazem um bebê, pessoas, como a sua avó, chamam o bebê de uma filha da vergonha.

— Então eu sou uma...

— Não, você não é.

— Mas se...

— Não, você não é! Agora esta é a última vez que eu quero ouvir isso.

— Mas eu não tenho pai.

— E isso não é culpa sua, não é? Então como você pode ter vergonha disso?

De repente, ela entendeu as “purificações”, e porque sua mãe era chamada de “pecadora”. Mas quem era o seu pai? Será

que ela saberia?

— Glendon?

— O quê?

— Eu sou uma bastarda? — ela tinha ouvido a palavra, sussurrada atrás dela, na escola.

— Elly, você tem que aprender a não se preocupar com coisas que não são importantes. O que é importante é que você é uma boa pessoa por dentro.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo, ouvindo um bando de pardais gorjeando nas árvores onde as cabaças estavam penduradas.

Eleanor levantou os olhos para as amostras de céu azul, visíveis por entre os ramos.

— Você já desejou que alguém morresse, Glendon?

Ele considerou aquilo seriamente antes de responder. — Não, acho que não.

— Às vezes eu desejo que meus avós morram para minha mãe e eu não termos que rezar mais e eu poder tirar as cortinas da casa e deixar minha mãe ir para o lado de fora. Uma pessoa que é boa por dentro não desejaria tal coisa, eu acho.

Ele estendeu a mão e colocou a mão consoladora no ombro dela. Foi a primeira vez que ele a tocou.

Eleanor teve seu desejo atendido. Foi no ano em que ela completou dezesseis anos. Albert See morreu durante um passeio a cama de uma mulher. Esta mulher descobriu-se,

chamava-se: Mathilde King, uma mulher negra e que dava seus favores apenas por dinheiro.

Elly relatou a morte dele para Glendon sem demonstração de luto. Quando ele tocou seu rosto, ela disse: — Está tudo bem, Glendon. Ele não era bom.

O choque, a vergonha das circunstâncias que envolveram a morte do marido, acabou com Lottie See. Ela tornou-se incapaz de olhar, depois disso, até mesmo para sua filha ou sua neta. Viveu menos de um ano, passando a maior parte do tempo rigidamente sentada numa cadeira, num canto da sala, onde as cortinas verdes tinham sido seladas na janela com fita adesiva. Ela não falava mais, exceto para rezar ou forçar Chloe a se arrepender. Simplesmente se sentava, olhando para a parede, até que um dia sua cabeça caiu para frente.

Quando Elly relatou a morte de sua avó para Glendon não houve lágrimas, nem luto. Ele pegou sua mão e a segurou, enquanto estavam sentados, em silêncio, sobre um tronco, ouvindo a vida da floresta em torno deles.

— Pessoas como eles... eles são, provavelmente, mais felizes mortos — disse ele. — Eles não tinham noção do que é a alegria.

Elly olhava para frente. — Eu posso ver você sempre que quiser a partir de agora. Minha mãe não vai me proibir e eu vou largar a escola para ficar em casa e cuidar dela.

Eleanor removeu a fita das janelas, mas quando ela puxou as cortinas, Chloe gritou e se encolheu, protegendo a cabeça como se de um golpe. Seu medo não tinha mais qualquer conexão com a realidade. A morte de seus pais, em vez de

libertar Chloe, lançou-a mais profundamente em seu mundo de loucura. Ela não conseguia fazer nada por si mesma, por isso seu cuidado foi deixado para Eleanor, que a alimentou e a vestiu, atendendo todas suas necessidades diárias. Quando Elly completou dezoito anos, o pai de Glendon morreu. A tristeza dele fazia um nítido contraste com a falta de emoções acerca das mortes de seus avós. Eles se encontraram na floresta e ele chorou tristemente. Ela abriu os braços e o abraçou pela primeira vez. — Ah, Glendon, não chore... Não chore — mas, secretamente, ela pensou que era lindo que qualquer um pudesse chorar pela morte de um dos pais. Ela o embalou contra o peito e, quando seu choro parou, ele expurgou sua dor residual dentro de seu corpo virgem. Para Elly não foi um ato carnal, mas de amor espiritual. Ela já não rezava e nem iria rezar nunca mais. Mas confortar alguém tão desolado, desta forma, era uma oração muito mais significativa do que qualquer uma que ela já tivesse sido forçada a dizer, de joelhos, naquela casa de sombras. Quando acabou, ela ficou deitada de costas, olhando o céu, pálido através dos tenros botões de primavera, e disse: — Eu não quero nenhum filho da vergonha, Glendon.

Ele segurou a mão dela com força: — Você não vai ter. Você vai se casar comigo, não vai, Elly?

— Eu não posso. Eu tenho que cuidar da minha mãe.

— Você poderia cuidar dela na minha casa, não poderia? Vai ser muito solitário lá, agora. Nós poderíamos cuidar dela juntos. Eu não me importo de ter ela vivendo com a gente, e ela se lembra de mim, não é? De quando eu costumava entregar gelo em sua casa...

— Eu nunca disse a ela sobre você, Glendon. Ela não entenderia de qualquer maneira. Ela é meio louca, você não sabe? Tem medo da luz do dia. Ela nunca sai de nossa casa, e eu tenho medo, se eu tentar levá-la para fora, que ela morra de medo.

Mas Chloe morreu, de qualquer maneira. Depois de um ano da morte de seus pais, de forma pacífica, durante o sono. No dia em que ela foi enterrada, Elly arrumou suas poucas posses, fechou a porta, com todas as cortinas fechadas, embarcou na carroça de Glendon, e não olhou para trás. Eles se dirigiram para Calhoun, solicitaram uma licença de casamento no fórum e se casaram em uma hora. Seu casamento não foi a consumação de um namoro, mas sim, uma extensão natural de duas vidas solitárias que eram menos solitárias quando juntas. A sua vida de casada foi praticamente a mesma: companheirismo, mas nenhuma grande paixão.

E, agora, Elly estava se casando de novo. De forma semelhante, por razões semelhantes. Ela estava deitada em sua cama, pensando no amanhã com um nó na garganta. Como foi que a louca Elly See acabou assim, sempre fazendo um casamento que não era mais do que um acordo de bom senso? Ela tinha muitos sentimentos, dor, desejos, tanto como qualquer outra pessoa. Eles tinham estado selados dentro dela por tanto tempo, que se tornaram secos. Todos aqueles anos, os quais ela tinha sido forçada a se submeter em silêncio, naquela casa

escurecida, os tinham enterrado. Ninguém lhe ensinara as maneiras de uma mulher com um homem. Fazer sexo com um homem era fácil, mas deixar um homem saber como você se sentia a respeito dele era outra coisa.

Por que ela não conseguira dizer: “Will, eu tenho medo de que você se machuque lá fora com as abelhas”? Em vez disso, tinha-lhe jogado um ovo. Um ovo, misericórdia, quando ele tinha feito tanto por ela e só queria fazer mais! Lágrimas de arrependimento arderam em seus olhos e ela os cobriu com um braço. Mas algo estranho aconteceu quando ele foi embora rindo, ao invés de raivoso; algo estranho na boca do seu estômago. Esse algo ainda estava lá quando ele voltou para a casa, para o jantar, uma sensação que ela não tinha tido antes, nem mesmo com Glendon. Uma sensação que lhe tocou no fundo de seu coração, um aperto na garganta. A mesma sensação lhe sobreveio, de novo, forte e insistente, quando ela pensou nele, tão diferente de Glendon: barbeado, banhado três vezes por dia e em calças limpas a cada nascer do sol. E trabalhador. Will fazia em um dia o que Glendon tinha feito em um mês, ou nunca. Às vezes, quando ela estava passando as roupas dela e das crianças, ela achava as dele no meio e o sentimento vinha novamente, pungente, tocando lá no fundo de seu coração como um soco em seu estômago, a aceleração dos batimentos cardíacos. O que era isso? Quando ele veio para a cozinha e pegou em seu braço, quando ela viu o seu peito nu ainda molhado da lavagem no poço, ela sentiu... Ah, louca Elly, desejando que Will Parker a beijasse? Por um minuto, ela pensou que ele o faria, mas ele não tinha feito e o senso comum

lhe dissera o porquê. Porque ela estava grávida. Que homem desejaria beijar uma mulher em suas condições? Eleanor se revirou como uma bola na cama, sentindo-se miserável porque no outro dia seria o dia de seu segundo casamento e tinha sido ela a pessoa que tinha feito o pedido.

CAPÍTULO 9

O CASAMENTO

No dia de seu casamento, Will despertou animado. Ele tinha uma surpresa para Eleanor, algo no qual vinha trabalhando há duas semanas e, na véspera, à noite, às duas da manhã, ele tinha acabado de fazer, usando a tênue luz da lamparina. Saindo do celeiro, ele olhou para o céu lúgubre, sem graça como prata manchada, prometendo um dia úmido e sombrio. Mulheres – supôs –, gostavam de sol no dia do seu casamento. Mas a sua surpresa deveria animá-la. Ele sabia exatamente quando e como ele iria apresentar seu segredo a ela, e não seria até que fosse a hora de sair.

Eles se encontraram na cozinha, sentindo-se desconfortáveis e ansiosos um com o outro. Um começo estranho para o dia do casamento deles. E a noiva estava vestida com uma bata azul e o noivo com o mesmo macacão do dia anterior. Seus primeiros olhares foram rápidos e bem reservados.

— Bom dia — cumprimentou-a Will.

— Bom dia — ela respondeu e abaixou a cabeça.

Ele havia trazido dois baldes de água para o banho. Colocou-os sobre o fogão e começou a acender o fogo.

— Eu suponho que você estava esperando pelo sol — disse ele, de costas para ela.

— Teria sido bom.

Sorrindo para si mesmo, pensando novamente em seu segredo, ele falou: — Talvez ele apareça quando sairmos.

— Dificilmente parece que isso vai acontecer, e eu não sei o que vou fazer com os meninos se chover. Se isso acontecer, devemos esperar até amanhã?

Ele olhou por cima do ombro. — É isso que deseja?

Seus olhos se encontraram brevemente e ela respondeu: — Não.

A resposta dela o fez sorrir por dentro, à medida que ele se voltava para as tarefas. Mas na hora do café da manhã, a tensão aumentou. Era, afinal, o dia do casamento deles e à noite eles estariam compartilhando a cama. Mas algo a mais estava incomodando Will. Ele não abordou o assunto até que a refeição tivesse terminado e Elly tivesse afastado a cadeira como se para começar a limpar a mesa.

— Elly... eu... — ele gaguejou e hesitou, secando as mãos nas coxas.

— O que é? — ela fez uma pausa, segurando dois pratos.

Ele não era um homem com fome de dinheiro, mas, de repente, ele entendeu que o dinheiro, às vezes, era muito necessário. Ele apertou as mãos com força contra suas pernas e deixou escapar. — Eu não sei se eu tenho dinheiro suficiente para uma licença.

— Temos aqui o dinheiro da venda dos ovos e o que você conseguiu pela venda da sucata.

— Esse dinheiro é seu.

— Não seja bobo. É tudo nosso. O que importa, depois de hoje?

— Um homem deve poder comprar a licença de seu próprio casamento — insistiu ele — e um anel.

— Ah... Um anel! — as mãos de Eleonor estavam à vista, já que ela estava ao lado da mesa segurando os pratos sujos. Will olhou para a mão esquerda dela e Elly se sentiu estúpida por não ter pensado em tirar sua aliança de casamento e deixá-la em sua gaveta da cômoda.

— Bem... — a palavra caiu no silêncio, enquanto ela ponderava à procura de uma solução possível. — Eu... eu poderia usar o mesmo anel.

Uma expressão de teimosia perpassou o rosto de Will quando ele se levantou, tirou o chapéu e se lançou em direção a pia. — Isso não seria certo.

Elly o observou recolher o sabão, a toalha e a água do banho e seguir para a porta, com seu orgulho enrijecendo seus ombros e adicionando força aos seus passos.

— O que importa isso, Will?

— Não seria certo — repetiu ele, abrindo a porta. Com metade do corpo de fora, ele se virou: — Que horas você quer ir?

— Tenho que lavar esses pratos, arrumar os meninos e me arrumar. E eu suponho que eu deveria também preparar alguns sanduíches.

— Em uma hora? — ele perguntou.

— Bem... — ela ponderou.

— Uma hora e meia?

— Isso deve estar bom.

— Eu venho buscá-la aqui. Espere-me aqui em casa.

Ele se sentia como um tolo, pouco afável para a manhã do seu casamento. Mas ele tinha exatamente oito dólares e sessenta e um centavos no bolso, e anéis de ouro custavam

extremamente mais do que isso. Não se tratava apenas do anel, mas tudo que deveria acontecer antes de um casamento: toques, sorrisos, ansiedade, beijos... A noiva e o noivo não deveriam ter problemas para conseguirem conterem-se em um momento como este? É assim que ele sempre imaginou que seria. Ao invés disso, eles dificilmente se entreolharam, haviam falado do tempo e do estado financeiro vergonhoso de Will.

No celeiro, ele esfregou seu corpo com força, como por vingança, penteou os cabelos e vestiu roupas limpas: jeans, camisa branca, jaqueta jeans, botas bem lustradas e seu chapéu de cowboy deformado, mas escovado para a ocasião. Um vestuário de casamento pouco adequado, mas o melhor que ele podia fazer. Lá fora um trovão retumbou à distância e ele pensou: *ainda bem que ela não precisa se preocupar com a chuva*. Afinal, nessa manhã, ele tinha algo a oferecer à sua noiva, embora grande parte de sua euforia anterior, sobre a surpresa, tivesse desaparecido.

Na casa, Eleanor estava de joelhos, procurando o sapato de Donald Wade debaixo da cama, enquanto em cima da cama, ele e Thomas imitavam Madame, escoiceando e gritando.

— Agora fiquem quietos, meninos. Não queremos manter Will esperando.

— É verdade que vamos passear na grande carroça, mamãe? — Donald Wade perguntou.

— Eu disse isso, não disse? — ela pegou um pé de Donald Wade e começou a forçar o sapato marrom a entrar. — Vamos para Calhoun. Mas quando chegarmos ao tribunal, vocês têm que ser bonzinhos. Crianças têm que ser como ratos quietinhos no campo durante os casamentos, vocês entenderam?

— Mas o que é casamento, mamãe? — Donald Wade estava curioso.

— Ora, eu disse a você, querido, eu e Will vamos nos casar.

— Mas o que é “nos casar”?

— Casar-se é... — Elly fez uma pausa, pensativa, querendo saber exatamente o que aquele casamento seria. — Casar é quando duas pessoas dizem que querem viver um com o outro pelo resto de suas vidas. Isso é o que eu e Will vamos fazer.

— Ah! — Donald Wade bateu palmas.

— Está tudo bem para você, não está, Donald Wade?

O menino deu um sorriso e acenou com a cabeça vigorosamente. — Eu gosto do Will.

— E Will gosta de você, também. E de você também, pequeno — ela tocou o nariz de Thomas. — Nada vai mudar depois que nos casarmos, exceto... — os meninos estavam com seus olhos sobre a sua mãe. — Exceto que, como vocês sabem, às vezes, eu deixo vocês entrarem e dormirem comigo, à noite, no quarto; bem, a partir de agora, não haverá muito espaço na cama, pois Will dormirá comigo.

— Ele vai dormir na sua cama? — Donald Wade perguntou, perplexo.

— Aham.

— Mas e quando estiver trovejando e relampejando, mãe?
— argumentou Donald Wade. — Será que nós ainda podemos vir?

Elly imaginou os quatro, lado a lado, sob as mantas, e se perguntou como Will iria se ajustar às exigências da paternidade. — Bem, talvez quando trovejar e relampejar — um trovão ressoou naquele momento e Eleanor franziu a testa para a janela. — Vamos lá. Will deve estar chegando a qualquer momento — distraidamente, ela acrescentou: — Senhor, eu tenho um palpite de que nós vamos estar ensopados antes de chegarmos a qualquer tribunal.

Ela ajudou os meninos com suas jaquetas, vestiu seu casaco e tinha acabado de pegar os sanduíches na lata vermelha do armário da cozinha, quando o trovão soou novamente, longo, sem parar. Ela se virou, olhou para a porta e inclinou a cabeça. Era um trovão? Tão ininterrupto assim, o som se aproximando mais e mais... Ela se moveu em direção à porta dos fundos, assim como Donald Wade, abriu a porta e viu que um modelo enferrujado de um Ford vinha pela clareira com Will ao volante.

— Glorioso! — Eleanor exaltou.

— É Will! Ele tem um carro! — Donald Wade arrancou numa corrida, batendo a porta de tela, e gritando: — Onde você conseguiu isso, Will? Nós vamos poder entrar nele?

Will parou junto aos degraus e saiu em seu traje de casamento. Em pé, com uma mão estendida sobre a parte superior da porta do carro, ele ignorou Donald Wade em favor de Eleanor, que veio para a varanda em seu vestido amarelo favorito, coberto por um casaco marrom curto, que não fechava

sobre sua barriga. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, e seu rosto brilhava pela surpresa.

— Bem, você não tem um anel — ela falou — mas você tem um veículo para andar no dia do seu casamento.

Sorrindo, com a lata de sanduíches em uma mão e o bebê Thomas em seu braço livre, ela deixou o alpendre. — Onde você conseguiu isso? — ela perguntou, movendo-se em direção a ele. Ele sorriu.

— No meio daquela pilha de carros velhos. Trabalhei nele sempre que eu podia me afastar por uma hora ou duas.

— Quer dizer que é uma das antigas sucatas?

— Bom... Não exatamente uma — com um toque na parte de trás da aba do seu chapéu, ele o inclinou bem para frente, com os olhos seguindo Elly quando ela chegou perto do Ford e o circulou com um olhar de admiração no rosto.

— Eu juntei oito ou dez das sucatas, um pouco de um aqui e um pouco de outro ali; peguei as peças que pude encontrar, mas eu acho que ele vai nos levar e trazer de volta.

Ela rodeou todo o carro e sorriu para ele. — E o combustível? — ela perguntou.

— Há bastante dele no celeiro. Enchi o tanque, vai dar para irmos e voltarmos e ainda sobrar um bocado.

— Will Parker, há alguma coisa que você não pode fazer?

Ele tirou dela, das mãos, a lata vermelha de sanduíches e entregou-a a Donald Wade; em seguida, recolheu Thomas de seus braços.

— Eu sei um pouco sobre motores — ele respondeu, modestamente, embora, por dentro, ele estivesse radiante. Com

tão poucas palavras, Elly tinha restaurado a sua alegria.

— Entrem — ele abriu a porta para as crianças e a segurou para que Elly entrasse e se sentasse. Ela estava eufórica. Quando ele deu partida, ela exclamou: — Ele realmente funciona! — ela riu, enquanto o motor em marcha lenta enchia o banco do carro de tremores.

— É claro que ele funciona. E nós não teremos que nos preocupar com chuva nenhuma.

Donald Wade ficou no banco de trás e colocou a mão no ombro largo de Will. — Vamos montados nisto até a cidade, Will?

— É isso mesmo, Kemosahbee — Will colocou o carro em movimento. — Segurem firme.

Quando eles começaram a se afastar da casa, as crianças riram e Eleanor agarrou-se no assento. Satisfeito, Will observou sua expressão com os cantos dos olhos.

— E você o consertou sozinho, Will? — Elly parecia que ainda não estava acreditando.

— Havia muitas sucatas de carros para aproveitar as peças.

— Mas onde você aprendeu como fazer?

— Trabalhei em um posto de gasolina em El Paso, certa vez. E lá em Fellows, na Califórnia, me ensinaram um pouco sobre mecânica.

Ele manobrou o carro em um pátio que estava muito mais limpo do que tinha estado há dois meses. E eles se dirigiram até a estrada que há dois meses tinha estado inutilizável e viajavam em um carro que há duas semanas tinha sido apenas item de uma coleção de sucatas. Will não poderia deixar de se sentir orgulhoso. Os meninos estavam em transe. O sorriso de Eleanor

era tão amplo quanto uma fatia de melão quando ela firmou Thomas sobre os joelhos.

— Gosta disso? — ele perguntou.

Ela virou os olhos brilhando em direção a Will. — Ah, é uma grande surpresa! É a minha primeira vez, também.

— Quer dizer que você nunca andou em um carro antes? — ele perguntou, incrédulo.

— Nunca. Glendon não chegou a arrumar nenhum deles. Mas eu andei em sua mula de aço uma vez, na pista do pomar — Elly lhe lançou um sorriso brincalhão — e o barulho era como se estivessem rangendo dentes no meu crânio — disse ela, rindo, e todos eles riram, e o dia perdeu a sua desolação. Seus sorrisos trouxeram uma alegria que faltava até agora. Enquanto seus olhares se demoravam mais tempo do que o pretendido um no outro, um fato os impressionou: estavam indo para o tribunal para se casarem.

Casados. Marido e mulher para sempre. Se tivessem estado sozinhos, Will poderia ter dito algo apropriado para a ocasião, mas Donald Wade estava ali e o garoto era sabido demais para sua idade.

— Nós vamos chegar bem mais rápido do que se a gente fosse na Madame, né, Will? — o menino segurou o queixo de Will, forçando-o a prestar atenção.

— Tenho certeza de que sim, pequenino — Will bagunçou o cabelo de Donald Wade. — Mas eu tenho que prestar atenção na estrada agora, está bem? Sente-se aí e aproveite a viagem.

— Está bem, Will.

Sim, eles tinham feito bem. Guiando o volante do carro, Will se sentiu como no dia que ele tinha comprado as barras de chocolate e o pássaro azul, aquecido e bem por dentro, expansivo e otimista. Em poucas horas, aquela seria sua família. Colocar prazer em seus rostos traria prazer a si mesmo. E, de repente, não importava tanto que ele não tivesse nenhum anel de ouro para oferecer a Eleanor.

Entretanto, a euforia dela esmaeceu quando se aproximaram de Whitney. Quando passaram pela casa, com as cortinas fechadas, ela olhou para frente, recusando-se a olhar para o lugar. Seus lábios formaram uma linha sombria e suas mãos apertaram os quadris de Thomas. Will queria dizer: *eu sei sobre essa casa, Eleanor. Isso não importa para mim.* Mas um olhar sobre sua pose rígida o fez engolir de volta as palavras.

— Tenho que parar no posto de gasolina para completar o óleo — ele mencionou, para distraí-la. — Só vai levar um minuto.

O homem, no posto, lançou evidentes olhares especulativos para Eleanor, mas ela olhava para frente como se em uma caminhada através de um cemitério à meia-noite. O atendente fez duas checadas, e disse a Will: — Desagradável esse tempo, não é camarada?

Will só olhou para o céu e disse: — Coloque, por favor, meia lata de óleo, amigo.

— Sim, sim — e continuou: — É um prazer ter um carro em um dia como este — o atendente checou de novo, enquanto seus olhos corriam para Eleanor.

— Sim — respondeu Will.

— Indo para longe? — o homem perguntou, obviamente, menos interessado no óleo, do que em ficar boquiaberto olhando para Eleanor, e tentando decifrar quem Will poderia ser, e por que eles estavam juntos.

— Não — respondeu Will.

— Indo para Calhoun?

Will deu ao homem um olhar demorado, então deixou seus olhos vaguearem até o óleo que ele colocava.

— Está ótimo, amigo. Apenas meia lata. Quanto te devo?

— Ah! — o homem parou o que estava fazendo, fechou a lata e a entregou a Will, e disse que custava oitenta e três centavos. Will pagou e voltou para o carro, deixando o atendente na ignorância. Quando eles estavam no caminho de novo e tinham deixado Whitney para trás, Eleanor relaxou.

— Alguém que você conhece? — Will perguntou.

— Eu conheço todos eles e todos eles me conhecem. Eu o vi admirado.

— Provavelmente porque você está muito encantadora esta manhã.

Suas palavras alcançaram o que ele pretendia. Ela virou uns enormes olhos para olhar para o caminho e suas orelhas ficaram rosa. As bochechas, também, antes de ela transferir sua atenção para a visão à frente.

— Você não precisa falar palavras bonitas apenas porque é o dia do meu casamento.

— Não falei por isso.

De alguma forma ele se sentiu melhor tendo falado o que estava em sua mente e dando-lhe um pouco do que uma noiva

merecia no dia do seu casamento. Melhor ainda: ele a fez esquecer a casa com aquela cerca e as cortinas e o boquiaberto atendente do posto de gasolina.

O passeio os levou através de algumas das mais bonitas visões do país que Will já tinha visto: colinas e borbulhantes riachos; pinheiros enormes e carvalhos que despontavam o colorido do outono. A névoa colocava um brilho em cada folha e pedra, deixando as cores outonais ainda mais brilhantes. Os troncos das árvores molhadas destacavam-se contra o céu cinzento-perolado. Depois de algumas milhas, a estrada fez uma curva acentuada e, logo em seguida, Calhoun apareceu lá embaixo.

Situada em um longo e estreito vale, o ponto mais baixo entre Chattanooga e Atlanta, a cidade se estendia ao longo dos trilhos da L & N Railroad, empresa que tinha gerado o seu crescimento. A rua U.S. 41 era a principal da cidade, conhecida como Wall Street, paralela aos trilhos, e a rua mais próspera, onde os viajantes tratavam de negócios tão bem estruturados quanto haviam sido tão bem estruturados o formato de aço dos trilhos. Além da U.S. 41, a cidade possuía muitas outras ruas antigas, largas, construídas nos tempos em que mulas e carroças tinham sido o principal meio de transporte. Agora havia mais Chevrolets que mulas, mais Fords do que carroças, e, muito mais que em Whitney, lojas, serrarias, postos de abastecimento, e muitos outros.

— Você conhece Calhoun? — Will perguntou quando eles passaram por uma fileira de casas de tijolos na periferia.

— Sei onde é o tribunal. Fica em frente da Wall Street.

— Sabe se existe uma lojinha que vende bijuterias em algum lugar? — Will perguntou.

— Uma lojinha que vende bijuterias? — Eleanor lhe lançou um olhar confuso, mas ele olhava para a estrada. — O que você quer com uma lojinha de bijuteria?

— Eu vou te comprar um anel — ele decidiu aquilo em algum lugar entre o elogio e Calhoun.

— O que é uma lojinha de bijuteria, mamãe? — Donald Wade interrompeu.

Eleanor o ignorou. — Ah, Will, você não tem...

— Eu vou te comprar um anel, então você poderá tirar o seu.

Ruborizada por sua insistência, ela olhou para o queixo teimoso dele, até que o calor se espalhou para baixo, para o seu coração. Ela se virou e disse humildemente: — Eu já tirei.

Will lançou um olhar para sua mão esquerda, ainda descansando no quadril do bebê. Era verdade: o anel tinha desaparecido. No volante, seu aperto relaxou.

Donald Wade pegou de leve no braço de sua mãe, exigindo: — O que é uma lojinha de bijuteria, mamãe?

— É uma loja que vende bugigangas e coisas.

— Bugigangas? Podemos ir lá?

— Eu acho que é onde Will nos levará em primeiro lugar — seus olhos se dirigiram para o motorista e o encontrou olhando para ela. Seus olhares se encontraram, fascinados.

— Ah! — Donald Wade se ajoelhou no assento, equilibrando-se, olhando para a cidade, maravilhado. — O que é

aquilo, mamãe? — ele apontou. Elly não ouviu, e ele apertou seu braço quatro vezes. — Mamãe, o que é aquilo?

— É melhor atender o menino — Will aconselhou baixinho, e voltou sua atenção para a rua, deixando-a fazer o mesmo.

— Uma torre para armazenar água.

O bebê Thomas repetiu — Tole água...

— O que é aquilo? — perguntou Donald Wade.

— Uma carroça de pipoca.

— *Popoca*... — o bebê ecoou.

— Eles vendem?

— Sim, meu filho.

— Nossa! Podemos ter um pouco?

— Hoje não, querido. Nós temos que nos apressar.

Donald Wade ficou olhando para a carroça até que ela desapareceu atrás deles e Will mentalmente contou o restante do seu dinheiro. Apenas seis dólares, setenta e oito centavos, e teria que comprar um anel e uma licença ainda.

— O que é aquilo? — Donald Wade mudou seu interesse da carroça de pipoca para um belo edifício pintado de amarelo.

— Um cinema — Will respondeu.

— O que é um cinema?

— Um lugar onde eles mostram filmes.

— O que é um filme, Will? — o menino perguntou.

— Bem, é uma espécie de imagem que se move, em uma tela grande, contando uma história.

— Podemos ver?

— Não, querido. Custa dinheiro — Elly respondeu.

A marquise anunciava: “Vigilantes da Fronteira”, e Will observou como ambos, os olhos de Donald Wade e de Eleanor, permaneciam no anúncio conforme eles passaram. Seis dólares e setenta e oito míseros centavos. O que ele não daria por bolsos cheios agora? Só então ele viu o que ele estava procurando: um edifício com fachada de tijolos, com uma placa anunciando: “Variedades — Utilidades Domésticas, Brinquedos & Diversos”. Ele estacionou o carro e pegou Donald Wade pela mão. — Vamos, Kemosahbee, eu vou lhe mostrar uma lojinha de bijuterias.

No interior, eles caminharam pelos corredores de pisos de madeira rangente entre seis fileiras de maravilhas. Donald Wade e Thomas apontaram para tudo; contorceram-se para pegar e tocar em carrinhos, caminhões, tratores feitos de metal pintados, bolas de borracha de vermelhos vibrantes, chicletes, doces, seis atiradores e coldres e chapéus de cowboy como o de Will.

— Eu quero um! — Donald Wade exigiu. — Eu quero um chapéu como o de Will!

— Apéu... — repetiu Thomas.

— Talvez da próxima vez — respondeu Will, seu coração se afundando. Naquele momento, a única coisa que ele queria mais do que um anel para Eleanor era dinheiro suficiente para comprar dois chapéus de cowboy. Eles foram para a prateleira das bijuterias e pararam. As bijuterias em exibição estavam empoeiradas, espalhadas no tafetá rosa, entre divisórias de vidro. Havia pulseiras, colares com cruces de ouro minúsculas, anéis, mais pulseiras e gargantilhas, todos dourados, com pedras de vidro coloridas, brincos de dezenas de formas e de cores

variadas, e, ao lado deles, em uma placa azul, um letreiro que dizia: “Anéis da Amizade – dezenove centavos”.

Will estudou as coisas baratas, aborrecido por ter que oferecer à sua noiva uma aliança de casamento que certamente iria ficar verde no dedo antes de uma semana passar. Mas ele não tinha muita escolha. Ele se abaixou e falou com Donald Wade: — Você segura a mão de Thomas e não o deixe tocar em nada, tudo bem?

Os meninos voltaram para os brinquedos, deixando Will e Eleanor de pé, autoconscientes, lado a lado. Ele enfiou as mãos nos bolsos traseiros e olhou para os falsos anéis de prata com seus carimbos de máquinas, cobertos com rosas grosseiramente formadas. Ele estendeu a mão para um, tirou-o da prateleira e o estudou melancolicamente.

— Eu nunca me importei muito antes se eu tinha dinheiro ou não, mas hoje eu gostaria que meu nome fosse Rockefeller.^[14]

— Estou feliz que não seja, porque então eu não estaria me casando com você.

Ele a olhou dentro dos olhos verdes como as imitações de peridotos^[15] nos anéis, e aquilo atingiu Will. Elly era uma das pessoas mais amáveis que ele já conhecera. Só ela para tentar fazê-lo se sentir bem em um momento como aquele.

— Ele provavelmente não vai durar em seu dedo — disse ele.

— Isso não importa, Will — disse ela em voz baixa. — Eu não deveria ter me oferecido para usar o meu velho anel de novo. Foi impensado da minha parte.

— Eu te daria um anel de ouro, se eu pudesse, Eleanor. Eu quero que você saiba disso.

— Ah, Will... — ela estendeu a mão e cobriu a mão dele, consolando-o quando ele continuou.

— E eu levaria os dois ao cinema, e depois talvez comprasse para vocês sorvetes de casquinha na praça, ou pipoca naquela carroça como eles pediram.

— Eu trouxe o dinheiro dos ovos e do chantilly, Will. Nós poderíamos ainda fazer isso.

Seu olhar se desviou para o anel. — Eu sou o único que deve pagar, você não vê? — ela soltou sua mão e pegou o anel para experimentá-lo.

— Você tem que aprender a não ser tão orgulhoso, Will. Vamos ver se ele se encaixa — o anel era muito grande, então ela escolheu outro. O segundo brilhou e ela abriu os dedos no ar diante dele, tão orgulhosa como se ela usasse um diamante brilhante.

— Parece bom, não é? — ela mexeu o dedo anelar. — E eu gosto de rosa.

— Parece barato — disse ele.

— Não se atreva a dizer isso sobre o meu anel de casamento, Will Parker — ela o repreendeu com altivez simulada, retirando-o e depositando o anel na palma da mão dele. — Quanto mais cedo você pagar por isso, mais cedo nós podemos seguir até o tribunal e nos casar.

Ela se virou alegremente, mas ele a agarrou pelo braço e a desvirou: — Eleanor, eu... — ele olhou nos olhos dela e não

soube o que dizer. Um nó de apreciação apertou sua garganta. O valor do anel, honestamente, não fazia diferença para ela.

Ela inclinou a cabeça. — O quê?

— Você nunca reclama de nada, não é?

Foi um elogio sutil, mas nenhuma poesia poderia ter lhe agradado mais.

— Temos muito a agradecer, Will Parker. Vamos lá. — o sorriso dela brilhava quando ela segurou a sua mão. — Vamos nos casar.

Eles encontraram o tribunal Gordon County sem problemas, um edifício vitoriano de tijolos vermelhos, um solar alto, emoldurado por calçadas, grama e arbustos de azaleias. Will segurou Donald Wade; Eleanor ficou com Thomas, subiram na calçada e atravessavam o gramado, olhando para a torre arredondada à direita, e à esquerda para uma praça onde havia um memorial do general Charles Haney Nelson. Eles notaram a névoa fria em seus rostos erguidos; em seguida, a névoa desapareceu, enquanto eles subiram o segundo conjunto de degraus, sob os arcos, e entraram em um salão com piso de mármore que cheirava a fumaça de charuto.

— Por aqui — a voz de Eleanor ecoou pelo salão vazio, embora ela falasse baixinho. Virando à direita, ela levou Will para a sala da Secretária do Tribunal. No interior, em uma mesa de carvalho atrás de um balcão alongado, uma mulher de meia-idade, com uma placa de identificação onde se lia: “Reatha Stickner”, parou sua ocupação e inclinou a cabeça para baixo para espreitar por cima de seus óculos octogonais sem aro.

— Posso ajudar? — ela tinha uma voz triste, autoritária, que ecoou na sala estéril, sem cortinas.

— Sim, senhora — respondeu Will, parado na porta. — Nós gostaríamos de obter uma licença de casamento.

O agudo olhar da mulher passou de Donald Wade ao bebê Thomas até a barriga de Eleanor; em seguida, voltou para Will. Ele agarrou com firmeza o cotovelo de Eleanor e a conduziu em direção ao balcão alto. A mulher se afastou da sua mesa e foi em direção a eles com um coxear extremo, os pés se arrastando e um ombro caído. Eles se sentaram em lados opostos da bancada. Reatha Stickner pescou, no interior da gola do seu vestido, a alça da cinta que tinha escorregado para baixo, enquanto ela andava.

— Vocês são residentes da Geórgia? — por baixo do balcão ela pegou um livro preto encadernado do tamanho de uma bandeja de chá, sem olhar para cima novamente.

— Eu sou — Eleanor falou. — Eu moro em Whitney.

— Whitney. E há quanto tempo você vive lá? — a capa preta foi aberta, revelando letras separadas por carbonos.

— Por toda a minha vida.

— Vou precisar de um comprovante de residência.

Will pensou: *Oh não, de novo não!* Mas Eleanor o surpreendeu depositando Thomas no balcão alto e pegando um papel dobrado de dentro do bolso do casaco.

— Tenho a minha primeira certidão de casamento daqui. Você a deu para mim, então deve servir para comprovar.

A mulher examinou minuciosamente Eleanor, sem uma mudança de expressão, os lábios franzidos, sobrancelhas

arrogantes; então voltou sua atenção para a licença, enquanto Thomas pegava um carimbo. Eleanor agarrou sua mão e o segurou quando a criança gritou e lutou para não ser separada do carimbo.

— Não toque — ela sussurrou; mas é claro, o garotinho ficou teimoso e insistiu, e chorou mais alto do que antes. Colocando Donald Wade no chão, Will tirou o bebê do balcão para segurá-lo. Donald Wade imediatamente tentou subir na perna de Will, reclamando: — Eu não posso ver. Me levante — as pontas dos dedos do garoto se curvaram sobre a bancada e tentaram escalá-la com os pés. Will deu-lhe um puxão para endireitá-lo.

— Seja bom — ele ordenou, repreendendo momentaneamente. Donald Wade murchou contra o balcão, fazendo beicinho.

Reatha Stickner lançou um olhar desaprovador para eles; em seguida, afastou-se para buscar uma caneta e tinteiro. Ela teve que ajustar a alça novamente antes de escrever no livro largo. — Eleanor Dinsmore, nome do meio?

— Eu não tenho.

Apesar da funcionária se recusar a levantar os olhos, a caneta se contraiu em seus dedos. — Mesmo endereço?

— Sim... — imitando Will, Eleanor adicionou tardiamente —, minha senhora.

— E existe qualquer empecilho contra vocês se casarem?

Eleanor fixou um olhar vazio nos óculos da mulher. Reatha Stickner olhou para cima com impaciência, e disse: — Bem?

Eleanor voltou-se para Will para obter ajuda.

Will sentiu sua coragem aflorar e falou bruscamente. — Ela não é casada e ela não é uma nazista. Que outros empecilhos existiriam?

Tudo ficou em silêncio por três segundos, enquanto a severa secretária enfrentava Will com um olhar fixo de desaprovação. Finalmente, ela limpou sua garganta, mergulhou a caneta e voltou sua atenção para a folha em branco. — E quanto a você? Você é um nazista? — foi perguntado sem uma pitada de humor, enquanto ela dava a impressão de que poderia ter olhado para cima, mas o fato era que, a pessoa a qual ela estava atendendo, não era digna de seu olhar.

— Não, senhora. Apenas um ex-presidiário — Will sentiu uma profunda emoção, de satisfação, conforme a cabeça da atendente se levantou precipitadamente e uma linha branca apareceu em torno de seus lábios. Ele pegou casualmente, no bolso da camisa, seus papéis de libertação. — Acho que você deveria vê-los.

Quando ela aceitou os papéis, a alça da sua cinta caiu, e teve de ser repostada novamente. Ela examinou-os, deu-lhe outro olhar azedo, e escreveu sobre a licença: — Parker. Endereço?

— O mesmo dela.

Os olhos da funcionária se ampliaram por trás de seus óculos e se ergueram para outra punição visual demorada. No silêncio, os passos de Donald Wade podiam ser ouvidos escalando a mesa, enquanto ele pendia sobre ela. Will pensou: *Vá até ela, Donald Wade!*

Empertigada, a mulher escreveu, tirando informações dos papéis de Will. — Faz quanto tempo que você esteve neste

endereço? — perguntou ela, enquanto a caneta escrevia.

— Dois meses.

Seus olhos desviaram para a barriga de Eleanor, para o vestido amarelo aparecendo por baixo do casaco marrom. O queixo dela se retraiu, criando duas dobras abaixo dele. Ela aplicou sua assinatura oficial, e ordenou friamente: — Isso custa dois dólares.

Will abafou um suspiro de alívio e tirou o dinheiro do bolso do paletó. A secretária se inclinou sob o balcão, ergueu-se com um carimbo de borracha e, com movimentos curtos, carimbou a licença, tirou-a do livro, fechou o livro e brandiu o papel do outro lado do balcão.

Com a face impassível, mas fervendo, Will a aceitou e tirou o chapéu: — Muito obrigado, senhora. Agora, quem nos casará?

Seus olhos foram de suas roupas de trabalho de brim azul, até caíram de volta no carimbo de borracha. — O Juiz Murdoch.

— Murdoch — repetiu Will e, quando ela olhou para cima, deu-lhe um aceno de cabeça, frio. — Nós vamos encontrá-lo.

Acidamente ela apressou-se a informá-los: — Ele tem uma pauta cheia esta manhã. Vocês deviam ter feito arranjos com antecedência.

Will situou o bebê Thomas mais confortavelmente em seu braço, tirou Donald Wade do balcão e dirigiu-o para a porta; em seguida, pegou o braço de Eleanor e guiou-a para fora da sala, sem reconhecer a ordem de Reatha Stickner. Seu aperto estava firme e seus passos anormalmente longos. No corredor, ele falou: — Maldita velha antipática. Eu queria dar um tapa nela quando ela olhou para você daquele jeito.

— Isso não importa, Will. Eu estou acostumada com isso. Mas o que dizer do juiz? E se ele estiver muito ocupado?

— Nós vamos esperar.

— Mas ela disse que ele...

— Vamos esperar — seus passos bateram com mais força no chão.

— Quanto tempo ele pode levar para murmurar algumas palavras e assinar um papel? — de repente, ele parou Eleanor: — Só um minuto — ele enfiou a cabeça dentro de uma porta aberta e perguntou: — Onde encontramos o juiz Murdoch?

— No segundo andar, no meio do corredor, as portas duplas à sua esquerda.

Com a mesma determinação obstinada, Will os levou para o segundo andar, pelas portas duplas, e se encontraram em um tribunal em sessão. Eles ficaram incertos no corredor entre dois flancos de bancos, enquanto as vozes da frente reverberavam sob a abóbada. Um oficial de uniforme deixou seu posto ao lado das portas: — Você vai ter que se sentar, se você quiser ficar — ele sussurrou.

Will se virou, pronto para cometer um ferimento mortal em quem fosse arrogante com eles novamente. Mas o homem não tinha mais do que vinte e cinco anos, tinha um rosto agradável e era educado. — Queremos que o juiz nos case, mas não temos um compromisso agendado — disse Will.

— Esperem aqui fora — o oficial convidou, abrindo uma das portas e a segurando, enquanto eles passavam para o hall. O oficial olhou para o relógio: — Ele tem um dia bastante cheio, mas vocês podem esperá-lo do lado de fora de seu gabinete, se

quiserem. Vou ver se ele pode espremer vocês entre os compromissos.

— Nós vamos fazer isso. Eu agradeceria se você nos mostrasse a direção certa — Will retrucou.

— Por aqui — ele os levou até o fim do corredor e apontou para um corredor estreito, perpendicular ao anterior. — Eu tenho que ficar na sala de audiências, mas você vai encontrá-lo facilmente. O nome dele está acima da porta. Basta se sentarem no banco em frente.

Nem Will nem Eleanor possuíam um relógio. Eles se sentaram em um banco largo de madeira, olhando para a porta pelo que pareceram horas. Eles leram e releeram a placa de bronze acima dela: “Aldon P. Murdoch, Juiz do Distrito”. Os meninos, cansados de subirem ao longo dos braços curvos do banco, ficaram rebeldes. Donald Wade atormentou: — Mamãe, vamos embora — o menino repetia de dois em dois minutos. Thomas também começou a se lamentar e a bater os pés contra o assento. Por fim, ele adormeceu esparramado no banco, com a cabeça no colo de Eleanor, deixando Will manter Donald Wade ocupado.

A porta se abriu e dois homens apareceram, conversando animadamente. Will ficou de pé e levantou um dedo, mas o par marchou para longe, entretidos na discussão, sem deixar um olhar para os quatro no banco. A espera continuou. Eleanor sentiu dor nas costas, depois teve que encontrar um banheiro. Thomas acordou com uma má disposição e Donald Wade reclamou que estava com fome. Quando Eleanor voltou, Will correu para o carro para pegar os sanduíches. Eles estavam

sentados no banco, os comendo, tentando convencer o bebê Thomas a desistir de chorar e dar uma mordida, quando um dos dois homens retornou. Desta vez, ele parou voluntariamente: — Tem um irritadiço aí, hein? — ele sorriu com indulgência para Thomas.

— Juiz Murdoch? — Will se levantou, retirando seu chapéu da cabeça.

— Sim — respondeu o homem de cabelos grisalhos, rotundo, com bochechas como um cão de caça. Mas, apesar de seu ar de um homem ocupado, ele parecia acessível.

— Eu sou Will Parker, e esta é Eleanor Dinsmore. Estávamos pensando se o senhor não teria tempo para nos casar hoje.

Murdoch estendeu uma mão: — Parker — e acenou para Eleanor —, Senhorita Dinsmore — cumprimentou o juiz e deu a cada um dos meninos um olhar de avô. Então avaliou Eleanor, pensativo: — Você estava aqui quando eu saí para almoçar, não foi?

— Sim, senhor — respondeu ela.

— Você está há quanto tempo antes disso?

— Eu não sei, senhor, nós não temos nenhum relógio.

O juiz agitou uma manga e verificou o seu e disse: — O tribunal reata em dez minutos.

Eleanor se apressou. — Nós não temos nenhum telefone, tampouco, ou teríamos ligado para marcar uma hora. Nós apenas viemos de Whitney, pensando que iria dar tudo certo.

Mais uma vez o juiz sorriu para os meninos, então olhou para o sanduíche na mão de Eleanor.

— Parece que você trouxe suas testemunhas com você.

— Sim, senhor... quero dizer, não senhor. Estes são os meus meninos: Donald Wade... e este aqui é o bebê Thomas.

O juiz se inclinou e estendeu a mão: — Como é que você vai, Donald Wade? — o jovem olhou incerto para Will e esperou por seu aceno, antes de, hesitantemente, dar a mão ao juiz. Murdoch realizou o aperto de mão com gravidade e um meio sorriso. Em seguida, ele ofereceu a Thomas uma piscadela e um sorriso: — Vocês meninos tiveram uma manhã muito longa. Vocês gostariam de uma jujuba?

Donald Wade perguntou: — O que é uma jujuba?

— Bem, venha ao meu escritório e eu vou lhe mostrar.

Novamente Donald Wade olhou para Will em busca de orientação.

— Vá em frente.

Para os adultos, o juiz Murdoch, falou: — Eu acho que posso encaixá-los em minha agenda. Não vai ser nada extravagante, mas vai ser bom. Passem para dentro.

Era uma sala lotada, com uma única janela para o norte, e mais livros do que Will já tinha visto em qualquer lugar, exceto na biblioteca de Whitney. Ele olhou ao redor, seu chapéu esquecido contra sua coxa, enquanto o juiz dava atenção, em primeiro lugar, aos meninos. — Venham por aqui — ele se moveu atrás de uma mesa cheia, e de uma gaveta inferior extraiu uma caixa de charutos rotulados como: “Havana Jewels”. Os rapazes olharam para dentro, quando ele a abriu e anunciou: — Jujubas — o homem de cabeça branca riu. Sem objeção, os meninos permitiram que o juiz do distrito situasse eles, lado a lado em sua

cadeira, e os aproximasse da mesa, onde ele colocou a caixa de charuto em cima de um livro aberto.

— Eu as mantenho escondidas porque eu não quero que minha esposa me pegue comendo — ele bateu em seu estômago corpulento. — Ela diz que eu como muitas delas — e riu alto. Quando os meninos pegaram o doce, ele advertiu com um brilho nos olhos: — Agora, não se esqueçam de guardar um pouco para mim.

Em seguida, pegando uma toga negra, indagou a Will: — Vocês têm uma licença?

— Sim, senhor.

A porta à sua esquerda se abriu, e o mesmo jovem oficial que tinha dirigido Will e Eleanor à sala do juiz enfiou a cabeça para dentro. — Está na hora, meritíssimo.

— Venha aqui, Darwin, e feche a porta.

— Perdoe-me, senhor, mas nós estamos um pouco atrasados.

— Sim, nós estamos. Eles não vão a qualquer lugar, não até que eu diga que podem.

Conforme o rapaz seguia as ordens, o juiz abotoou a toga e realizou as apresentações. — Darwin Ewell, estes são Eleanor Dinsmore e Will Parker. Eles vão se casar e nós precisamos de você para atuar como testemunha.

O oficial estreitou suas mãos, com um sorriso agradável: — Será um prazer, senhor... Minha senhora.

O juiz indicou os meninos: — E os dois com as jujubas são Donald Wade e o bebê Thomas.

Darwin riu quando ele observou o par selecionar outra cor de jujuba da caixa de charuto, sem prestar atenção aos outros na sala. Em instantes, o juiz estava diante de Will e de Eleanor, examinando a licença; em seguida, colocando-a na mesa atrás dele e cruzando as mãos sobre a barriga, ele disse: — Eu tenho livros que eu poderia ler — ele os informou com uma expressão benevolente em seu rosto —, mas eles sempre soam um pouco empolados e formais para mim, então eu prefiro fazer isso do meu jeito. Os livros sempre conseguem perder algumas das coisas mais importantes. Vocês se conhecem bem o suficiente para acreditar que vocês estão fazendo a coisa certa?

Pego de surpresa, neste início pouco ortodoxo, Will foi um pouco lento para responder. Ele olhou para Eleanor, em primeiro lugar, depois, de volta para o juiz.

— Sim, senhor.

— Sim, senhor — Eleanor repetiu.

— Há quanto tempo vocês conhecem um ao outro?

Cada um esperou que o outro respondesse. Finalmente, Will disse: — Dois meses, senhor.

— Dois meses... — o juiz pareceu ponderar; em seguida, acrescentou: — Eu conhecia minha esposa exatamente há três semanas e meia antes de pedi-la em casamento. Estamos casados há 32 anos; felizmente, eu poderia acrescentar. Vocês amam um ao outro?

Desta vez, eles olharam diretamente para o juiz. Ambos ficaram ligeiramente rosados.

— Sim, senhor — veio à resposta de Will.

— Sim, senhor — ecoou a de Eleanor, mais suavemente. O coração de Will tremeu, enquanto ele se perguntava se era verdade.

— Bom... Bom. Agora, eu quero que vocês se lembrem de que irão ter momentos em que vocês vão estar de lados opostos, e ninguém que permanece casado por trinta e dois, ou cinquenta e dois, ou mesmo dois anos, pode evitar isso. Mas discordâncias podem se tornar argumentos; em seguida, batalhas, guerras, a menos que vocês aprendam a fazer concessões. É a guerra que vocês vão ter que evitar, e vocês evitarão isso, lembrando o que vocês acabaram de me dizer: que vocês amam um ao outro. Tudo bem? — o juiz esperou.

— Sim, senhor — eles responderam em uníssono.

— O compromisso é a pedra angular do casamento. Vocês conseguem resolver as coisas e alcançar acordos em vez de darem lugar à raiva?

— Sim, senhor.

— Sim, senhor — os olhos de Eleanor não conseguiam encontrar os do juiz, conforme ela se lembrava do ovo escorrendo pelo rosto de Will. Em seguida, a honestidade levou a melhor e ela acrescentou: — Eu vou tentar duro, realmente.

O juiz sorriu, depois assentiu com aprovação: — E você vai trabalhar duro para Eleanor, Will?

— Sim, senhor. Eu já faço.

— E você irá fornecer um bom lar para Will, Eleanor?

— Sim, senhor, eu já faço.

Para crédito do juiz, ele não piscou um olho: — Acho que os seus filhos são de um casamento anterior, não é mesmo? —

perguntou o juiz e ela assentiu com a cabeça.

— E com o que você está esperando, faz três — ele voltou sua atenção para Will. — Três crianças é uma grande responsabilidade para assumir, e no futuro pode haver mais. Você aceita a responsabilidade por eles, junto com a de ser um marido e provedor para Eleanor?

— Sim, senhor.

— Vocês dois são jovens ainda. Em suas vidas vocês podem conhecer outras pessoas que vão atrair vocês. Quando isso acontecer, eu estimo que vocês recordem o dia de hoje e quais foram os seus sentimentos um pelo outro quando vocês estavam diante de mim, para se lembrar das suas juras de fidelidade e permanecerem fiel um ao outro. Será difícil para vocês?

Will pensou em Lula: — Não, não será.

Eleanor pensou nas vaias que recebera dos meninos na escola e como Will foi o único, desde Glendon, que a tinha tratado com gentileza: — Não, nem um pouco.

— Então, vamos selar isso com as promessas de amar um ao outro, permanecer fiel um ao outro, dar amor e cuidado material um ao outro e para todas as crianças que foram confiadas a vocês, trabalhar duro um para o outro, praticar a paciência, o perdão e a compreensão, e tratarem um ao outro com respeito e dignidade pelo resto de suas vidas. Você assim promete, William Lee Parker?

— Eu prometo.

— E você promete, Eleanor Dinsmore?

— Eu prometo.

— Há anéis?

— Sim, senhor — Will encontrou o anel da loja no bolso do paletó. — Apenas um — disse Will.

O juiz não pareceu surpreso por seu baixo custo óbvio. — Coloque-o no dedo dela e juntem as mãos.

Will pegou a mão de Eleanor e deslizou o anel parcialmente sobre os nós dos dedos dela. Seus olhos se encontraram brevemente, então deslizaram para baixo, enquanto ele segurava sua mão suavemente. O juiz Murdoch continuou: — Que este anel seja um símbolo de sua constância e devoção. Deixe-o lembrá-lo, William, quem o deu, e você, Eleanor, que o use a partir deste dia, até que vocês estejam se separando pela morte; vocês vão se manter sempre um, inseparáveis. Agora, pelo poder investido a mim pelo estado soberano da Geórgia, eu os declaro marido e mulher.

Tinha sido tão rápido, tão pouco dramático. Não parecia que estava feito. E se foi feito, não era real. Will e Eleanor estavam diante do juiz como um par de tocos de árvores.

— Terminou? — Will perguntou.

O juiz Murdoch sorriu: — Tudo, menos o beijo. — Então ele se virou para assinar a certidão de casamento na mesa atrás dele. O casal olhou para os ombros de Murdoch, mas não se mexeu. Na cadeira, os meninos mastigavam jujubas. Do tribunal veio o murmúrio de vozes. No papel grosso a caneta riscava, enquanto o agente Ewell assistia com expectativa. O juiz deixou cair sua caneta e se voltou para encontrar os recém-casados em pé, rigidamente, ombro a ombro.

— Bem... — ele solicitou.

Seus rostos iluminados pela cor, Will e Eleanor se voltaram um para o outro. Ela ergueu o rosto autoconsciente e ele olhou para baixo.

— Meu tribunal está esperando — o juiz Murdoch advertiu, suavemente.

Com o coração acelerado, Will colocou as mãos levemente nos braços de Eleanor e se inclinou para tocar os lábios dela, brevemente. Os lábios estavam quentes e abertos, como se em surpresa. Ele teve um vislumbre de seus olhos à queima-roupa, também abertos, como os seus próprios estavam. Em seguida, ele se endireitou, encerrando o momento desconfortável, quando eles enfrentaram o juiz conscientemente.

— Parabéns, Sr. Parker — o juiz Murdoch apertou a mão de Will. — Sra. Parker — e a de Eleanor. Conforme ele pronunciou o seu novo nome, o desconforto de Eleanor se intensificou, um calor subiu por seu corpo e seu rosto queimou mais ainda.

O juiz Murdoch entregou a certidão de casamento para Will. — Eu desejo a vocês muitos anos de felicidade, e agora é melhor eu voltar para a minha sala do tribunal antes de começarem a bater na minha porta — ele se virou para sair em um turbilhão de vestes negras e parou com a mão na maçaneta. — Vocês têm um belo par de meninos aí. Até logo meninos! — com uma última olhada, ele desapareceu. Darwin Ewell, que também tinha que voltar para o tribunal, desejou-lhes boa sorte e rapidamente os conduziu para fora.

Levou menos de dez minutos, a partir do momento que eles entraram na sala do juiz, até que se encontraram no corredor novamente, para ficarem unidos pelo resto da vida. O ritmo, feito

um turbilhão, do juiz, deixou ambos se sentindo desorientados, além de mal casados. Tinha sido surpreendentemente nada cerimonioso; eles ainda não tinham tido conhecimento de que as primeiras questões eram parte do rito pouco ortodoxo do juiz. Ele tinha terminado do mesmo jeito, sem pompa, apenas uma simples pronúncia sobre mãos sobrepostas, e, pronto – de volta ao corredor. Se não tivesse sido pelo beijo, eles poderiam não acreditar que tiveram um casamento.

— Bom — Will disse sem fôlego, com uma risada de perplexidade: — Então foi isso.

O olhar perplexo de Eleanor permaneceu na porta fechada: — Eu acho que foi. Mas... Tão rápido.

— Rápido, mas bom — enfatizou Will.

— Sim... Mas... — ela levantou os olhos duvidosos para Will e disse: — Mas você se sente casado?

Inesperadamente, ele riu. — Não, exatamente. Mas temos que estar. Ele a chamou de Sra. Parker.

Ela levantou a mão esquerda e olhou para ele, incrédula: — Então, eu sou a Sra. Will Parker.

O impacto tardio os feriu com força total. Sr. e Sra. Will Parker. Eles absorveram o fato com todas as suas implicações, enquanto seus olhos foram atraídos um para o outro, como se por uma força maior. Ele pensava em beijá-la de novo, do jeito que ele queria; e ela se perguntava como seria ser beijada por ele, não apenas um roçar de lábios, mas... mas nenhum deles ousou. Com o tempo, eles perceberam quanto tempo eles estavam se olhando. Eleanor ficou perturbada e deixou cair o olhar. Will riu e coçou o nariz.

— Eu acho que nós devemos comemorar — ele anunciou.

— Como? — ela perguntou, estendendo a mão para o bebê Thomas. Will a afastou suavemente e içou Thomas em seu braço: — Bem, se minha aritmética estiver certa, eu ainda tenho cinco dólares e cinquenta e nove centavos. Acho que devemos levar os meninos para ver o filme.

Excitação estampou-se no rosto de Eleanor. — Sério?

Donald Wade começou a saltar para cima e para baixo, batendo palmas: — Sim! Sim! O filme! Leve-nos para ver o filme, mamãe, por favor! — ele apertou a mão de Eleanor.

Will tomou o cotovelo de Eleanor, guiando-a pelo corredor.

— Eu não sei, Donald Wade — ele brincou, dando um sorriso torto na direção do rosto ansioso de sua esposa. — Parece-me que poderíamos ter alguma dificuldade em convencer a sua mãe.

Em seguida, o Sr. e a Sra. William Lee Parker e família saíram do tribunal sorrindo.

CAPÍTULO 10

PARA SALVAR SEU ÚNICO AMIGO

O cheiro de pipoca os saudou na entrada do cinema. Com os olhos arregalados e fascinados, os meninos olharam para a máquina de pipoca vermelha e branca, em seguida, recorreram à sua mãe: — Mamãe, nós podemos ter um pouco? — o coração de Will derreteu. Ele estava colocando a mão no bolso da camisa antes de Eleanor dar uma recusa. Ele comprou as pipocas e os ingressos. Em menos de cinco minutos a sessão teria início. Dentro do auditório mal iluminado, Donald Wade e Thomas se sentaram mastigando, até que a tela se iluminou com os anúncios das atrações que viriam. Quando as cenas de: “...E o Vento Levou”, irradiaram no telão, as mãos e mandíbulas deles pareceram parar de funcionar. O mesmo aconteceu com Eleanor. Will a olhou de soslaio, reações como miríade atravessaram o seu rosto: espanto, admiração, êxtase...

— Ah, Will! — ela exclamou. — Ah, Will, olha! — às vezes ele olhava para a tela, mas ele descobriu que o estudo de seus rostos, especialmente o dela, era muito mais fascinante à medida que foram transportados, pela primeira vez, ao mundo do faz de conta dos filmes.

— Ah, Will, olhe para aquele vestido!

A atenção dele vacilou brevemente ao ver o esvoaçante vestuário, depois voltou para o rosto de sua esposa, percebendo algo novo sobre ela: ela era uma mulher que poderia ser tocada pelo refinamento. Ele não teria imaginado isso, pelo modo simplório com o qual ela se vestia. Mas seus olhos brilhavam e

seus lábios pareciam que estavam prestes a falar com as imagens na tela. O filme colorido desapareceu e um noticiário veio, em preto e branco: soldados alemães em passos de ganso, bombas, morteiros, a frente de batalha na Rússia, os soldados feridos; um mergulho abrupto da fantasia à realidade. Will observou a tela com interesse, imaginando quanto tempo a América poderia ficar de fora da guerra, perguntando-se quanto tempo ele próprio poderia ficar de fora se o inevitável acontecesse. Ele tinha uma família agora; sua vida, de repente, importava muito, quando nunca antes importou. Foi um choque para ele perceber isso.

Quando o noticiário terminou, ele se virou e pegou Eleanor o observando por cima das cabeças dos meninos. A alegria tinha desaparecido dela, substituída por uma expressão conturbada. Obviamente, a dura realidade da guerra havia, finalmente, se imposto sobre ela. Will sentiu uma pontada de remorso por ter sido o único a expô-la a isso, por ter a levado ali para ter suas ilusões ensolaradas despedaçadas. Ele queria chegar, acima do par de cabeças loiras, e tocar suas pálpebras, dizendo a ela: feche os olhos por um momento e volte a fingir que não está acontecendo; seja a reclusa feliz que você era. Mas, assim como ele não podia ignorar as batalhas na Europa, e o apoio cada vez maior da América para a Inglaterra e França, ela não podia continuar a ignorar a verdade para sempre, não quando ela era casada com um homem em idade de ser recrutado. Um homem com um registro de prisão, que certamente seria um dos primeiros convocados. O noticiário terminou e a atração principal começou.

“Vigilantes da Fronteira” acabou por ser um filme do Hopalong Cassidy^[16] e a reação dos meninos valeu os seis centavos que Will tinha gastado. Ele próprio se divertiu, e a euforia de Eleanor voltou. Mas os meninos, ah, os dois meninos! Que visão que eles eram, com os rostos em transe erguidos para a tela, enquanto o cavaleiro mascarado lutava por lei e justiça em seu cavalo branco chamado Topper. A boca de Donald Wade estava aberta quando Topper galopou em exibição pela primeira vez e se empinou majestosamente, seu cavaleiro de cabelos de prata fluorescente, com um chapéu preto como o de Will. O bebê Thomas apontou e olhou com olhos de coruja, sua boca formando um “O” apertado. Então ele gritou e bateu palmas e teve de ser silenciado. A expressão de Eleanor mudou para uma de admiração embevecida, um deleite quase infantil, conforme as cenas rolavam.

Hopalong conseguiu a mocinha no final, e, quando ele a beijou, Will olhou para sua nova esposa. Como se sentisse o olhar dele, ela se virou novamente. Seus perfis, iluminados pela luz vibrante, pareciam como meias-luas no cinema escuro, enquanto o próprio primeiro beijo deles voltava de novo à suas memórias, e eles guardaram a lembrança daquela noite por muitos dias. Naquele breve momento, sentimentos de ansiedade borbulharam através deles. Então, a música final veio, Hopalong partiu para o sol e os meninos emitiram um balbucio emocionante.

— Isso é tudo? Aonde Hopalong foi? Podemos ver de novo, Will? Podemos, Will?

No carro não houve nenhuma conversa entre Will e Eleanor, como acontecera naquela manhã. O bebê Thomas dormiu enrolado em seu colo; Donald Wade, que estava com o chapéu de Will, ficou no banco de trás e apertava os ombros de Will, exultante com as maravilhas de Hopalong e Topper. Embora Will respondesse a Donald, seus pensamentos se projetavam na noite à frente, especialmente sobre a hora de dormir. Ele lançou olhares secretos ocasionais para Eleanor, mas ela olhava para a estrada e ele se perguntou se ela estava pensando a mesma coisa que ele.

Em casa, Will cuidou das tarefas noturnas automaticamente, pois sua mente estava no quarto que ele nunca tinha visto, no primeiro beijo deles, como eles tinham estado reservados um com o outro, e na noite à sua frente, com uma cama de verdade e uma mulher para compartilhá-la. Mas uma mulher grávida. Grávida o suficiente para eliminar as possibilidades... Ele se perguntou como seria uma mulher grávida como Elly nua. E seu corpo ficou tenso, com uma combinação de aflição: a ideia de vê-la, possivelmente, dessa forma, e a ideia de se deitar ao seu lado, durante toda a noite, sem tocá-la. Se ele algum dia tivesse imaginado o dia de seu casamento, nunca... nunca teria sido assim: nada de calças jeans, uma noiva grávida de sete meses, uma aliança de dez centavos, dez minutos na sala de um juiz e um filme do Hopalong Cassidy com dois meninos. Porém, os acontecimentos improváveis do dia ainda não tinham terminado.

A ceia, devido ao retorno tardio deles, não foi um banquete de casamento: ovos mexidos, feijão e carne de porco. Donald

Wade berrou quando Eleanor se recusou a deixá-lo usar o chapéu de Will à mesa. O bebê Thomas cuspiu seus feijões no vestido amarelo de Eleanor, e quando ela o repreendeu, ele jogou o copo de leite pela cozinha. Eleanor, com sua saia encharcada, saltou e bateu na mão dele. Thomas uivou como uma sirene de incêndio, enquanto Will ficou sentado impotente, percebendo que a vida familiar teria algumas surpresas. Eleanor saiu para buscar um balde e um pano, deixando-o refletindo sobre a decepção daquele dia. Um tolo sentimental como ele... Imagine como devia estar sendo mais doloroso ainda para ela; e ela voltou para o fiasco à mesa, mas ele não iria deixá-la ficar de joelhos com seu vestido amarelo bonito, especialmente quando era dificultoso para ela se agachar e se levantar.

— Eu faço isso — ele pegou o balde de sua mão, tentando imaginar como seria levar uma noiva através do limiar de uma suíte de lua de mel, no vigésimo andar do Ritz Hotel. Ele gostaria de poder fazer isso por ela. Ao invés disso, ele só podia oferecer limpar o chão. Ele disse: — Vá cuidar do seu vestido.

Ela ergueu o rosto e ele pensou ter visto em seus olhos verdes a mesma frustração que ele sentia, da mesma forma, intensificada pelo mau comportamento dos meninos naquela noite, visto que era a última coisa de que precisavam. Ele foi tocado mais profundamente ainda pelo fato de que ela estava à beira das lágrimas.

— Obrigada, Will.

— Vá — ele a virou para o quarto e lhe deu um leve empurrão.

Engraçado como um pouco de cooperação levou a outra. Meia hora depois, ele se encontrou ao lado dela, secando os pratos; e meia hora depois, ajudando-a a deixar os meninos prontos para a cama.

Os dois meninos tiveram um dia cansativo, assim eles se renderam aos seus travesseiros com notável docilidade. Enquanto ela os colocava na cama, Will vagou pelo quarto recolhendo suas roupas descartadas, pequenos itens que cheiravam a leite derramado e a primeira viagem à cidade: pipoca e montarias de cowboys. Ao lado de uma cômoda, Will observou Eleanor lhes dar um beijo de boa noite, e sorriu para a cena familiar: os dois meninos vestidos de pijamas, rostos lavados, tranquilizados por sua mãe que os amava apesar do mau comportamento recente deles. Eleanor tinha trocado de roupa e vestia um vestido solto, de cor marrom, que lhe marcou a barriga quando ela se inclinou para Donald Wade, beijou-lhe a boca e o seu rosto; tocou o nariz dele com o seu, e murmurou algo apenas para os ouvidos da criança. E, em seguida, foi até o bebê Thomas, inclinando-se ao lado do berço, beijando-o, deitando-o, então afagando o cabelo dele para trás, enquanto ele apertava o cobertor favorito e enfiava um dedo na boca.

Descansando um cotovelo no alto da cômoda, Will sorriu suavemente. Mais uma vez, veio-lhe o desejo de coisas perdidas, porém, assistir era quase tão bom quanto participar. Em momentos assim, o seu amor por Eleanor vibrava no peito, tornava-se algo mais do que o amor de um marido pela esposa. Ela havia se tornado a mãe que ele nunca tinha conhecido, e os

meninos se tornaram os dele, para proteger, para segurar e para cuidar.

Com uma pontada de admiração, percebeu que, a cada noite, agora, faria parte deste quadro. Ele poderia lavar os rostos sardentos, colocar os braços curtos nas mangas dos pijamas, recolher a roupa suja e pairar sobre as despedidas afetuosas. Indiretamente, ele poderia recuperar uma parte do que ele havia perdido.

O ritual terminou. Eleanor se levantou do lado do berço e balançou dois dedos para Donald Wade. Abruptamente, ele se sentou e falou: — Eu quero dar um beijo de boa noite em Will.

O cotovelo de Will saiu da cômoda, e seu rosto registrou surpresa. Eleanor se voltou, e encontrou o seu olhar no quarto, à luz da lamparina.

— Donald Wade quer beijá-lo — ela reiterou.

Ela notou sua hesitação, mas viu também o sentimento forte de antecipação.

— Eu? — ele se sentia como um intruso, porém, seu peito se apertou com a expectativa. Donald Wade ergueu os braços à espera de Will. Ele olhou novamente para Eleanor, riu, coçou o queixo e atravessou o quarto, sentindo-se estranho e fora do lugar. Sentou-se na beirada da cama e os braços do garoto apertaram seu pescoço sem restrição. A pequena boca úmida, e com um pouco de cheiro de leite, pressionou brevemente o rosto de Will. Foi tão inesperado, tão... tão... genuíno. Ele nunca tinha dado um beijo de boa noite em uma criança antes, nunca tinha imaginado como isso chegaria ao seu interior e como aqueceria sua alma.

— Boa noite, Will.

— Boa noite, Kemosahbee.

— Eu sou Hopalong, agora.

Will riu. — Ah, desculpe-me pelo meu erro. Eu deveria ter verificado qual cavalo está amarrado lá fora.

Quando Will se levantou da cama de Donald Wade, o bebê Thomas já não estava deitado. Ele estava em pé na grade de seu berço, com sua boca gordinha e os olhos sem piscar, observando. O bebê Thomas... que tinha levado mais tempo para aceitar Will. O bebê Thomas que, às vezes, ainda intimidava o homem adulto. O bebê Thomas que imitava tudo o que o seu irmão mais velho fazia. Seu beijo foi cheio de baba, sua pequena boca estava quente e úmida, quando Will se inclinou para tocá-lo.

Deus todo poderoso! Ele nunca teria imaginado como um par de beijos de boa noite podia fazer um homem se sentir tão querido e amado.

— Boa noite, Thomas.

Thomas olhou para ele com grandes olhos castanhos. — Diga boa noite para Will — sua mãe solicitou, suavemente.

— Bah noite, Wiw.

Nunca Thomas tinha falado o nome de Will. A pronúncia distorcida foi parar direto no coração do homem magro, enquanto ele observava Eleanor acalmá-lo, uma segunda vez, antes de se juntar a Will na porta. Eles ficaram um momento, ombro a ombro, olhando as crianças. A proximidade os atingiu, unindo-os com uma harmonia que lavou as muitas deficiências daquele dia, deixando-os com uma fé de que coisas melhores viriam. Deixando a porta dos meninos entreaberta, eles entraram no

quarto da frente. Estava escuro, além da luz da lamparina dos meninos e de outra sobre a mesa da cozinha. Não havia uma terceira. Will passou a mão pelos cabelos, colocou-a em volta do pescoço e sorriu para o chão. Depois de um momento, seu peito se ergueu com uma risada prazerosa.

— Eu nunca fiz isso antes.

— Eu sei.

Ele procurou uma forma de expressar a plenitude de dentro do seu coração. Mas não havia uma. Para um órfão que virara vagabundo, um vagabundo que se tornara presidiário, um presidiário que virara mão de obra contratada, uma mão de obra contratada que se tornara padrasto, não havia nenhuma maneira de expressar o que os últimos cinco minutos tinham significado para ele. Will só podia abanar a cabeça, admirado. — Isso é algo muito bom, não é? — disse Elly. Ela entendia. A surpresa e admiração dele disseram tudo. Ele nunca tinha esperado que os filhos dela viessem junto com seu direito de estar na casa. Por outro lado, Elly também reconheceu a afeição crescente de Will por eles, viu claramente que tipo de pai ele poderia ser: gentil, paciente, do tipo que as crianças necessitavam.

— Sim, é — ele baixou a mão e ergueu a cabeça, com um leve sorriso em seus lábios. — Eu realmente gosto daqueles dois.

— Mesmo depois da maneira como eles agiram no jantar?

— Ah, aquilo não foi nada. Eles tiveram um grande dia. Eu acredito que as energias deles ainda estavam vibrando.

Ela sorriu. Ele também sorriu brevemente, antes de ficar sóbrio. — Eu quero que você saiba que eu vou fazer tudo direito

por eles.

— Ah, Will... Eu sei disso — a voz de Eleanor se suavizou.

— Bom — ele prosseguiu, quase timidamente —, eles são muito especiais.

— Eu também acho.

Seus olhares se encontraram momentaneamente. Eles procuraram algo para dizer, alguma coisa para fazer, mas era hora de se deitar, só havia uma coisa a se fazer. No entanto, ambos estavam relutantes em sugerir isso. Na cozinha, o rádio tocava a canção de Glenn Miller: “Chattanooga Choo Choo” e a tensão veio através da porta iluminada para as sombras. A porta do quarto deles estava aberta; uma sombra oblíqua. Além dela, esperava a incerteza e a autoconsciência. Eles fizeram uma pausa. Eleanor brincou com as mãos, em busca de um assunto para adiar a hora de dormir.

— Obrigada pelo filme, Will. Os meninos nunca vão esquecer isso e nem eu.

— Eu gostei, também — disse ele. E fim do assunto.

— Eu gostei da pipoca, também — ela acrescentou, apressadamente.

— Assim como eu.

Fim do assunto, mais uma vez. Desta vez, Will encontrou um desvio: as roupas dos meninos ainda enroladas em suas mãos.

— Ah, aqui — ele as deu para ela — esqueci que eu ainda estava com elas — ele meteu as mãos nos bolsos, olhando para o leite que manchara a blusa de Thomas. Ela disse: — Obrigada por me ajudar a prepará-los para a cama.

— Obrigado por deixar que eu a ajudasse.

Um olhar rápido trocado, dois sorrisos nervosos, depois o silêncio de novo... imenso e avassalador, enquanto eles estavam bem perto e estudavam as roupas nas mãos de Eleanor. Era a casa dela, o quarto dela, Will se sentiu como um convidado à espera de ser instruído como passar a noite, mas ela ainda não fizera nenhuma menção de ir dormir. Ele ouviu o seu próprio pulso batendo em seus ouvidos e se sentiu como se estivesse usando o colarinho de outra pessoa, um tamanho muito pequeno. Alguém tinha que quebrar o gelo.

— Você está cansada? — ele perguntou.

— Não! — ela respondeu, muito rapidamente, com os olhos arregalados. Em seguida, deixando cair a cabeça: — Bem... Sim, eu estou um pouco.

— Eu acho que eu vou sair, então.

Quando ele se foi, de ombros caídos, ela fechou os olhos e apertou as quentes bochechas nas roupas sujas. *Mulher tola... O que há para estar temerosa? Ele vai compartilhar o seu colchão e suas mantas, e daí?* Ela lavou o rosto, soltou os cabelos, e se preparou para dormir em tempo recorde. No momento em que ela o ouviu entrar novamente na cozinha, ela estava vestida de forma segura, com uma camisola de musselina branca, deitada rigidamente, com os lençóis dobrados até as axilas. Ela ficou escutando os sons dele se lavando para ir para cama. Ele desligou o rádio, verificou o fogo, recolocou a tampa do fogão. Então tudo ficou quieto, menos a batida do próprio pulso de Elly em seus ouvidos e o tique-taque do relógio de corda ao lado da cama. Minutos se passaram antes que ela ouvisse seus passos

atravessando a sala da frente e pararem. Ela olhou para a porta, imaginando-o ganhar coragem; seu coração pulsava como o motor da velha Mula de Aço de Glendon, no tempo em que ela tinha andado nela.

Will parou fora da porta do quarto, fortalecendo-se com uma respiração profunda. Ele cruzou o limiar. Encontrou Eleanor deitada de costas, vestida com uma boa, branca e longa camisola de manga. Seu cabelo estava esparramado contra o travesseiro e suas mãos estavam cruzadas sobre o alto monte formado por sua barriga sob as mantas. Apesar de sua expressão ser cuidadosamente suave, suas bochechas tinham duas manchas meio rosadas, como se algum serafim tivesse voado e colocado uma pétala de rosa em cada uma.

— Entre, Will.

Ele passou um olhar lento por todo o quarto, pela janela sem cortinas, o tapete caseiro, as mãos dela entrelaçadas sobre o lençol, a cama de ferro pintada de branco, a porta do armário aberta, uma mesa de cabeceira com a lamparina de querosene, uma escrivaninha alta, um lenço e uma foto de um homem com orelhas grandes e uma calvície.

— Eu nunca vi este quarto antes.

— Não é grande coisa — disse ela.

— É quente e limpo — disse ele e avançou apenas dois passos, forçando os olhos a avaliarem ainda mais, até que foram atraídos, contra a sua vontade, de volta para a foto.

— Esse é Glendon?

— Sim.

Ele andou para a escrivaninha, pegou a foto emoldurada e a segurou, surpreso com a idade do homem e a falta de atratividade física. Um nariz em forma de bico e ossudo, o rosto de olhos fundos, com lábios finos. — Ele era alguns anos mais velho do que você.

— Cinco anos.

Will estudou a imagem em silêncio, pensando que o homem parecia muito mais velho.

— Ele não era muito bonito de se olhar. Mas ele era um bom homem — disse ela.

— Tenho certeza de que ele era — Will respondeu. Um bom homem. Ao contrário de si mesmo, que havia quebrado as leis de Deus e as do homem. Uma mulher poderia esquecer tais transgressões? Will recolocou a foto no lugar em que estava.

Eleanor perguntou: — Você se incomodaria se eu deixasse a foto aí, de modo que os meninos não se esqueçam dele?

— Não, nem um pouco — ele respondeu. Será que aquilo era um lembrete de que Glendon Dinsmore ainda tinha um lugar especial no seu coração? Que, apesar de Will Parker poder compartilhar seus lençóis naquela noite, significava que ele não tinha o direito de esperar compartilhar qualquer outra coisa, nunca? Ele se virou para a parede, enquanto tirava sua camisa, não querendo impor nada a ela, nem mesmo os vislumbres de sua pele nua. Ela o observou desabotoar a camisa, tirá-la e pendurá-la na maçaneta da porta do armário. Seu fascínio veio como uma surpresa: havia marcas em suas costas firmes e bronzeadas. *Marcas de quê?* Ela se perguntou. Ele era afilado como um nabo do ombro à cintura, e seus braços haviam sido

preenchidos consideravelmente naqueles dois meses. Embora ela se sentisse como uma espreitadora, ela continuou. Ele soltou o cinto e os olhos dela caíram para os quadris finos, provavelmente ainda ósseos, dentro de suas calças jeans. Quando ele se sentou no colchão, o coração de Elly ficou agitado, a leve partilha da cama parecia muito íntima depois de tê-la só para si por mais de meio ano. Ele ergueu um pé, tirou uma bota de cowboy e a colocou no chão, em seguida fez o mesmo com a outra. Ficou de pé e baixou as calças no chão e as pendurou onde tinha deixado a camisa; em seguida, estendeu-se na cama com um movimento fluído, não dando a ela mais do que um segundo para que o visse em um velho par de shorts de Glendon, antes do lençol o cobrir e ele se estender ao seu lado com os braços atrás da cabeça.

Eles olharam para o teto, deitados como suportes de livros combinados, certificando-se de não se encostarem, ouvindo o tique-taque do relógio, que parecia como tiros de fuzil.

— Você pode diminuir o pavio da lamparina. Não precisa estar tão claro — disse ela.

Ele rolou e alcançou a lamparina, puxando as roupas de cama.

— Está bem assim? — ele olhou, piscando sobre o braço estendido, enquanto a luz esmaecia até empalidecer, aumentando as sombras.

— Está.

Mais uma vez ele se estendeu na cama. O silêncio caiu sobre os ouvidos deles. Nenhum deles arriscou qualquer um dos movimentos que, geralmente, acompanham os primeiros minutos

na cama. Em vez disso, estavam com as mãos cruzadas sobre os lençóis, tentando se ajustarem à ideia de compartilhar o espaço de dormir, trazendo à tona temas de conversa, descartando-os. Enrijecendo, ao invés de relaxarem.

Passados alguns minutos, ele riu.

— O quê? — ela o olhou com desconfiança. Quando o rosto dele se virou para ela, Elly prendeu o olhar no teto.

— Isso é estranho — ele respondeu.

— Eu sei.

— Nós vamos ficar nessa cama todas as noites e fingir que o outro não está aqui?

Ela soltou um longo suspiro e deixou seus olhos deslocarem-se até ele. Ele estava certo. Era um alívio simplesmente reconhecer que havia outra pessoa na cama.

— Eu não estava ansiosa por isso. Eu pensei que seria estranho, sabe?

— É — ele admitiu para ambos.

— Estou saltitante como uma pulga desde a hora do jantar — ela confessou.

— Desde a manhã, você quer dizer. A coisa mais difícil que eu já fiz foi abrir a porta e entrar na cozinha hoje de manhã — ele também admitiu.

— Você quer dizer que você também estava nervoso? — ela parecia surpresa.

— Eu não demonstrei?

— Algumas vezes, mas eu pensei que eu estava mais nervosa que você.

Eles refletiram em silêncio por algum tempo antes de Will comentar: — Um dia de casamento muito estranho, hein?

— Bem, eu acho que era de se esperar.

— Desculpe-me pelo juiz e o beijo que... você sabe.

— Não foi tão ruim. Nós passamos por isso, não foi? — ela respondeu.

— Sim, nós passamos por isso — ele cruzou as mãos atrás da cabeça e contemplou o teto e Elly sentiu o aroma do sabonete Ivory.

— Eu sinto muito sobre a lamparina. Vai mantê-lo acordado, não vai?

— Talvez por um tempo, mas isso não importa. Se você não tivesse dormido em uma cama de verdade por tanto tempo quanto eu, você não iria reclamar de uma lamparina — ele baixou uma mão e a correu através do áspero lençol limpo que cheirava a lixívia e a sabão fresco. — Isto é um verdadeiro prazer, você sabe. Lençóis reais. Travesseiros. Tudo.

Nenhuma resposta veio à mente de Eleanor, então ela ficou em silêncio, ajustando-se a sensação de sua proximidade e seu cheiro. Lá fora, um curiango cantou. Do quarto dos meninos veio o som do chocalho do berço, conforme Thomas se virou.

— Eleanor?

— Hum?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Você tem medo do escuro?

Ela levou um tempo pensando. — Não tenho medo, exatamente... Bem, eu não sei. Talvez — ela refletiu por mais um

momento. — Sim, talvez. Estou dormindo com a lamparina acesa há tanto tempo que eu não sei mais.

Will virou a cabeça para estudar o perfil dela: — Por quê?

Seus olhos se encontraram, e ela pensou sobre seus avós fanáticos, sua mãe, todos aqueles anos por trás das cortinas verdes. Mas, falar sobre isso iria fazê-la parecer excêntrica aos olhos dele, e ela não queria aquilo. Nem queria estragar o dia do casamento com lembranças dolorosas. — Será que isso importa, Will?

Ele estudou os olhos verdes minuciosamente à luz tênue amarelada da lamparina, desejando que ela confiasse nele, dissesse-lhe os fatos por trás das fofocas de Lula. Entretanto, ele não ouviria naquela noite os segredos que ela detinha, fossem eles verdadeiros ou invenção de Lula.

— Então me fale sobre Glendon.

— Glendon? Você quer falar sobre ele... hoje à noite?

— Se você quiser.

Ela considerou por algum tempo antes de perguntar: — O que você quer saber?

— Qualquer coisa que você queira me dizer. Onde você o conheceu?

Estudando o círculo fosco de luz no teto, ela se lançou em suas lembranças.

— Glendon entregava gelo na nossa casa quando eu era uma garotinha. Vivíamos na cidade: minha mãe, meus avós e eu. Vovô era um pregador, costumava viajar durante semanas — Elly olhou para Will com o canto do olho e deu um meio sorriso. — Fogo e enxofre, você sabe. Voz como um ciclone jogando terra

contra a casa — disse ela, circundando quaisquer indícios de sua juventude dolorosamente solitária, a verdade sobre a sua família, as más lembranças da escola. De Glendon ela falou mais abertamente, contou sobre seus encontros na floresta quando ela ainda era uma menina, e do respeito deles em comum pelas criaturas selvagens. — O primeiro presente que ele me deu foi um saco de milho para os pássaros, e desde então ficamos amigos. Eu me casei com ele quando eu tinha dezenove anos e eu sigo vivendo aqui desde então — ela terminou.

No final de sua narrativa, Will se sentiu decepcionado. Ela não tinha falado quase nada da sua casa na cidade, nem sobre o porquê de ela ter sido trancada, ela não lhe contara nenhum dos segredos de Eleanor Dinsmore Parker. A verdade parecia estranha: ela era sua esposa, mas ele sabia menos sobre ela do que ele sabia de algumas das prostitutas com quem ele convivera em seus dias. Acima de tudo, ele queria saber sobre aquela casa, para que ele pudesse lhe garantir que não fazia diferença para ele. Quem sabe, com o tempo ela poderia lhe dizer mais. Por enquanto, ele respeitava o seu direito à privacidade. Ele também tinha segredos muito dolorosos para revelar ainda, no seu devido tempo.

— Agora é a sua vez — disse ela.

— A minha vez?

— Conte-me sobre você. Onde você viveu quando era um menino e como você veio parar aqui.

Ele começou com fatos estéreis.

— Eu vivi principalmente no Texas, mas passei por tantas cidades que eu não poderia nomear todas. Às vezes nos

orfanatos, às vezes as pessoas me levavam. Eu nasci perto de Austin, disseram-me, mas eu não me lembro, até que eu cresci e fui lá uma vez, quando eu estava fazendo algo pelas redondezas.

— Do que você lembra?

— As primeiras memórias, você quer dizer?

— Sim.

Will pensou cuidadosamente. Ele vasculhou o passado lentamente e dolorosamente. — Lembro-me de derrubar um prato de comida, cereais matinais, eu acho, e de me darem tantos tapas que eu gritei muito e acabei esquecendo a fome.

— Ah, Will...

— Eu sempre fui jogado à própria sorte, em todo o lugar, exceto por um deles; eu vivi lá por meio ano, talvez... é difícil me lembrar exatamente. E eu nunca fui capaz de me lembrar de seus nomes, mas a mulher costumava ler livros para mim. Ela tinha um com uma triste história real, que eu simplesmente gostei, chamado: “Um Cachorro de Flanders”;^[17] havia desenhos de um menino e deste seu cão, e eu costumava pensar: “Deve ser algo muito bom ter um cão”. Um cão estaria sempre lá, você sabe? — Will refletiu por um momento. Em seguida, limpou a garganta e continuou. — Bem, de qualquer maneira, essa mulher, a coisa que eu mais me lembro sobre ela, é que ela tinha os olhos verdes, os mais bonitos olhos verdes daquele lado do rio Pecos, e você sabe o quê...

— O quê? — Elly virou o rosto para ele.

Sorrindo, sem se virar, ele disse a ela: — A primeira vez que entrei nessa casa... Isso foi o que eu mais gostei em você: os seus olhos verdes. Eles fizeram me lembrar dela, que foi gentil

comigo. E ela foi a única pessoa que me fez achar que os livros eram bons.

— Esse rio: Pecos, onde fica? — ela estava desconcertada e precisava dizer alguma coisa.

— Fica no Sudoeste, lá pelas bandas do Novo México e do Texas.

Por um momento, eles olharam um para o outro, até que os seus sentimentos estivessem próximos da superfície. Em seguida, Elly pediu: — Diga-me mais.

— O último lugar em que eu vivi foi com uma família chamada Tryce, em um rancho, perto de um lugar chamado Cistern. Mas o relógio do velho desapareceu e eu logo percebi que eles tinham posto a culpa em mim; então eu parti, antes que eles pudessem me confrontar. Obviamente, eu não tinha roubado nada. Eu tinha quatorze anos e me resignei, dizendo para mim mesmo que eles não poderiam de um jeito ou de outro me manter em qualquer escola, onde todas as crianças, com mães e pais, me olhariam como se eu fosse uma costeleta de porco que passou quatro dias esquecida no bolso de alguém sem ser comida. Peguei uma carona e fui para o Arizona. Eu tenho estado na estrada desde então. Com exceção da prisão e aqui.

— Quatorze? Mas você era tão jovem!

— Não quando você nasce como eu nasci.

Ela estudou seu perfil, os olhos escuros cravados no teto, o nariz reto, os lábios sem sorrir. Calmamente, ela perguntou: — Você se sentia sozinho?

O pomo de adão deslizou para cima, em seguida, para baixo. Por um momento ele não respondeu, mas quando o fez,

ele se virou para encará-la:

— Sim. E você?

Ninguém nunca tinha perguntado isso para ela. Se ele tivesse sido uma pessoa da cidade, ela não teria admitido isso, mas se sentiu incrivelmente bem ao responder: — Sim.

Seus olhares ficaram presos, à medida que ambos reconheceram aquela primeira barreira caída.

— Mas você tinha uma família.

— Uma família, mas não amigos. Aposto que você tinha amigos.

— Amigos? — então, depois de cuidadosa consideração —, bem, talvez um.

— Quem?

Ele elevou uma sobrancelha em sua direção. — Você tem certeza de que quer ouvir isso?

— Eu tenho certeza. Quem era ele?

Ele nunca falara sobre Josh, e a história poderia fazer Eleanor Parker repensar sua decisão de convidá-lo para sua cama. Mas, pela primeira vez, Will descobriu que queria desabafar:

— Seu nome era Josh — ele começou. — Josh Sanderson. Nós trabalhamos juntos em uma fazenda, perto de um lugar chamado Dime Box, no Texas. Perto de Austin — Will riu. — Dime Box era uma coisa. Era como... Bem, talvez como assistir a um filme preto e branco depois de ver os anúncios dos de cor. Era um pequeno depósito de lixo, com toda a espécie de morte, ou da espera de morrer. As pessoas, os animais, as plantas... E nada para fazer lá em sua noite de folga. Nada — Will fez uma

pausa, a testa enrugada, enquanto seus pensamentos vagavam de volta ao passado.

— Então, o que você fazia?

Ele lhe atirou um olhar rápido. — Isso não é um assunto para uma noite de núpcias, Eleanor.

— A maioria das mulheres já conhece este tipo de coisas sobre seus maridos antes de sua noite de núpcias, Will. Diga-me, o que você fazia?

Como se estivesse se preparando para uma longa conversa, ele ajustou o travesseiro, de modo que sua cabeça ficasse mais alta, encostou-se a ele, levantou um joelho e entrelaçou os dedos sobre sua barriga.

— Tudo bem, você pediu, eu vou te dizer. Nós costumávamos ir até La Grange, o bordel de lá, nas noites de sábado. Tomávamos um banho, arrumávamo-nos e pegávamos o nosso dinheiro para ir à cidade do lixo e gastá-lo malditamente com bebidas e prostitutas. Eu... Eu não era muito exigente. Pegava qualquer uma que estivesse livre. Mas Josh tinha uma em especial, chamada Mel Rossiter — Will balançou a cabeça, incrédulo. — Mel, você pode acreditar nisso? Ela jurou que aquele era o seu nome de batismo, mas eu nunca acreditei nela. Josh, porém, acreditou. Inferno! Josh acreditava em qualquer coisa que a mulher dissesse para ele. E ele não suportava que se falasse nada de ruim sobre ela. Ficava verdadeiramente chateado se eu dissesse uma palavra contra ela. Ele tinha um fraco pela Mel, isso é um fato. Ela era alta, e nós costumávamos brincar que ela era um Palomino – os cabelos dela eram da cor deles que têm a crina e a cauda brancas e a pelagem dourada,

os cabelos dela pendurados até as nádegas... Era um bonito cabelo encaracolado, como a crina de um cavalo, o tipo que um homem pode realmente afundar as mãos. Josh costumava falar disso em sua cama; durante a noite ele falava do bonito cabelo dela. Logo, ele começou a falar sobre se casar com ela. “Josh”, eu disse, “ela é uma prostituta. Por que você quer se casar com uma prostituta?”, mas ele ficou chateado de verdade quando eu disse isso. Ele era tão louco por ela, que eu não podia falar nem das mentiras dela. Ela era como... — ele descansou um pouco, distraidamente olhando para a colcha — bem... como uma atriz em um show, ela brincava de ser o que o homem precisava que ela fosse. Ela mudava de personagem para atender outro homem, e quando ela estava com Josh, agia como se ele fosse o único homem da vida dela. O problema foi que Josh começou a acreditar nisso. Então, uma noite chegamos lá, e quando Josh pediu pela Mel, a velha que dirigia o lugar disse que a Mel estaria ocupada pelas próximas duas horas. Ela perguntou a Josh quem mais ele gostaria de escolher. Bem... Josh nunca quis qualquer outra mulher, não depois da Mel. Ele esperou. Mas quando ela voltou para baixo, ele estava com muita raiva de ela tê-lo feito esperar por todo aquele tempo, ele estava pronto para explodir. Ela veio passeando pelo salão de lazer, que é como eles chamavam o bar onde os homens esperavam pelas mulheres e... Senhor Poderoso! Você nunca ouviu falar de tal rajada como quando Josh saltou sobre ela para saber com quem ela passou aquelas duas horas, enquanto ele estava lá embaixo andando de um lado para o outro.

Ela lhe disse: “Você não me possui, Josh Sanderson”. E ele respondeu: “Sim, bem, mas eu gostaria de possuir”. Em seguida, ele puxou um anel do bolso e disse que tinha ido lá, naquela noite, com a intenção de pedi-la em casamento...

Will balançou a cabeça. — Ela riu na cara dele. Disse que ela teria que ser louca para querer se casar com um vagabundo sem casa e de dinheiro contado como ele, que provavelmente iria mantê-la grávida por nove meses, doze vezes, e esperar que ela cuidasse de uma casa cheia de seus pirralhos birrentos. Ela disse que preferia sua vida de luxo, passando algumas horas de costas a cada noite, e que vestia seda e penas, e comia ostras e bife a qualquer momento que ela quisesse. Bom... Josh foi à loucura! Disse-lhe que a amava e ela não deveria pertencer a ninguém mais, nunca mais. Que ela deveria sair com ele naquele momento. Ele tentou agarrá-la e ela puxou uma pequena arma. Cristo! Eu nunca soube que as meninas de lá carregavam aquilo. Mas lá estava a arma, apontada diretamente para os olhos de Josh, e eu estava com uma garrafa de uísque Old Star nas mãos. Inferno! Eu nem pensei... eu só... Bom, eu só bati nela. Ela caiu como uma árvore, tombando para o lado, e rachou a cabeça em uma cadeira. Ficou lá, em uma poça de vidro quebrado, uísque derramado e quase nenhum sangue... Mas, ela morreu na hora. Eu não sei bem se foi a garrafa ou a cadeira que a matou, mas isso não importou para a lei. Colocaram-me atrás das grades em menos de meia hora. Eu achei que as coisas não fossem ficar tão ruins, afinal, eu estava defendendo o Josh de ser morto. Se eu não tivesse batido nela, ela teria disparado através do olho esquerdo do Josh. Mas, o que eu não imaginei, era o quão sério

era sua paixão por ela, a sua decisão de se casar, e quão arrasado ele ficou quando ela morreu. Ele... — Will fechou os olhos contra a memória dolorosa. Eleanor se sentou, observando atentamente o rosto do marido.

— Ele o quê? — ela o incentivou, suavemente.

Will abriu os olhos e os fixou no teto. — Ele testemunhou contra mim. Contou a triste história de que ele estava indo fazer de Mel Rossiter uma mulher honesta, indo tirá-la de sua vida miserável naquela casa de prostituição e lhe dar um lar e respeitabilidade, e o júri acreditou na bela história. Eu fiquei preso por cinco anos... por ter tentado salvar a vida do meu amigo — Will passou a mão pelo cabelo e suspirou. Por segundos, ele olhou para o teto; em seguida, sentou-se e passou os braços frouxamente ao redor dos joelhos flexionados.

— Um amigo — ele repetiu.

Eleanor estudou os sinais das costas dele, querendo chegar e tocar, confortar. Como ele, ela tivera apenas um amigo. Mas o dela tinha se mostrado fiel. Ela podia imaginar o quão profundo seria o próprio dano se Glendon a tivesse traído.

— Eu sinto muito, Will.

Ele jogou a cabeça para o lado como se fosse olhar para ela, mas não o fez. Em vez disso, seu olhar caiu para suas mãos frouxamente entrelaçadas. — Ah, que inferno! Isso foi há muito tempo.

— Mas ainda dói, eu posso dizer — ela confortou.

Ele caiu para trás, passou as mãos pelo cabelo, e apertou-os atrás da cabeça.

— De qualquer maneira, como nós chegamos a um assunto como esse? Vamos falar de outra coisa — disse ele.

O clima tinha ficado sombrio, e, enquanto estavam deitados, lado a lado, Eleanor pensou na triste juventude, sem amigos, de Will. Ela tinha achado que ela era uma alma solitária na terra, mas... pobre Will. Pobre, pobre Will. Agora ele a tinha, pelo menos, e aos meninos. Mas quanto tempo poderia durar se viesse a guerra?

— Será que a guerra realmente é assim, Will? Como eles mostraram no cinema?

— Acho que sim.

— Você acha que nós vamos estar nela, não é?

— Eu não sei. Mas, senão, por que o presidente estaria recrutando soldados?

— Se a América entrar, você vai ter que ir?

— Se eu for convocado, sim.

Na boca de Eleanor, um “Ah” se formou, mas a interjeição nunca saiu de seus lábios. A possibilidade a pressionou e trouxe com ela um pavor surpreendente; surpreendente porque ela não havia adivinhado que ela se sentiria tão possessiva sobre este homem quando ele se tornasse seu marido. O fato era que isso fazia uma tremenda diferença. As imagens em preto e branco do noticiário voltaram à sua mente, seguidas pelas coloridas da Guerra de Secessão do filme. Que coisa horrível a guerra! Ela supôs que, nos tempos em que seu avô estava vivo, eles teriamorado para que a América ficasse de fora. Em vez disso, ela fechou os olhos e tentou se livrar das imagens sombrias, para abrir caminho para as das senhoras bonitas em suas saias de

seda enormes, os homens de cartolas de “E O Vento Levou”, e “Hopalong” acenando com o chapéu branco... e Donald Wade com o chapéu preto de Will... e, finalmente, quando ela vagou por aquela linha fina entre o sono e a vigília, Will montando “Topper”, acenando com o chapéu para ela, lá do final da calçada.

Minutos mais tarde, Will se virou para dizer: — Não vamos nos preocupar com isso até chegar a hora. Mas ele descobriu que ela tinha adormecido. Deitada de costas, lábios entreabertos, mãos cruzadas sob os seios. Viu-a respirar, um fio de cabelo no ombro captando a luz a cada respiração. Seu olhar se desviou para sua barriga, depois de volta para os seios macios e esculpidos pela sua camisola. Ele pensou em como seria bom rolar para o lado dela, enrolar-se atrás dela com os braços onde os dela estavam agora e adormecer com o rosto contra suas costas. Mas o que ela acharia se acordasse e o encontrasse daquela maneira? Ele teria que ficar em guarda, mesmo dormindo, para que o seu corpo não obedecesse a sua mente e fizesse algo semelhante. Seus olhos vagaram, mais uma vez, para a barriga dela, e o lençol se moveu, como se um gato dormindo houvesse mudado de posição embaixo do lençol. Ela dormia profundamente, imóvel agora. O bebê? Bebês se moviam tanto assim? Cautelosamente, ele se apoiou num cotovelo até que se sentou, estudando os movimentos de perto. Menino ou menina? A barriga se moveu de novo e ele sorriu. Fosse o que fosse, era indisciplinado; ele não podia acreditar que toda aquela comoção não a acordava. Ele resistiu à vontade de afastar o lençol para ver melhor, e descansar a mão sobre ela e sentir o que ele estava assistindo. Entretanto, obviamente, isso estava

fora de questão. Ele se deitou, preocupando-se com o que ele tinha concordado em fazer: o parto do bebê. *Deus!* O que ele estava pensando? Ele matá-lo-ia certamente com suas mãos grandes e desajeitadas. *Não pense sobre isso, Will.* Ele fechou os olhos e, em vez disso, concentrou-se nos beijos de boa noite de Donald Wade e do bebê Thomas. Lembrou-se das suas vozes infantis desejando-lhe boa noite, especialmente a de Thomas: “Bah noite, Wiw...”. Ele tentou limpar sua mente de todo o pensamento para que o sono viesse, mas a luz brilhava através de suas pálpebras, abrindo-as mais uma vez. De repente, Eleanor virou-se de frente para ele. Ele estudou seus cílios descansando contra seu rosto, a palma de sua mão esquerda perto de seu queixo, com o anel que espreitava por entre os dedos relaxados. Ele deixou seus olhos vaguearem sobre o botão de sua camisola, o lençol que tinha deslizado até a cintura dela, seus seios descobertos então. Ele estendeu a mão com cuidado, com muito cuidado, e tomou o tecido de sua manga em seus dedos, esfregando-o como um homem ávido esfrega duas moedas; em seguida, retirou a mão, virou na direção oposta e tentou esquecer que a luz estava acesa.

CAPÍTULO 11

FIDELIDADE À FLOR

Quando o dia amanheceu, Eleanor abriu os olhos para a parte de trás da cabeça de Will Parker. Seu cabelo estava achatado, dando uma visão clara de seu crânio branco... ela sorriu... As intimidades do casamento. Observou cada respiração; quando os ombros dele se levantavam; estudou suas costas com seu triângulo distintivo de sinais, a lateral de uma orelha, o padrão da linha do cabelo na nuca; os sulcos de suas vértebras logo acima de sua cintura desaparecendo debaixo das cobertas. Sua pele era muito mais escura do que a de Glendon, e tão nua... Glendon sempre dormia de camiseta. A pele de Will parecia curtida, enquanto a de Glendon era mais esbranquiçada.

O objeto de seu estudo fungou e rolou de costas. Seus olhos se moviam atrás das pálpebras fechadas, mas ele dormia, com seu rosto exposto ao sol que entrava pela janela sem cortinas. O sol refletia no cabelo, dando a ele tons de dourado. A barba havia crescido rápido, muito mais rápido do que a de Glendon, e não havia pelo em seus braços e peito. Através das pálpebras quase fechadas, ela o admirava, deixando a luz do sol vibrar nas pontas de suas pestanas e difundir sua imagem, como se o polvilhasse com lantejoulas. Um bem construído homem bonito. As prostitutas, em La Grange, provavelmente lutavam por ele. Estudá-lo, deu-lhe um choque inesperado de reação, lá embaixo. Ela fechou os olhos, apenas para perceber que ele cheirava diferente de Glendon. Não era um cheiro que ela poderia nomear, era apenas um aroma distintivo que lhe foi dado

pela natureza, um cheiro oculto e quente, próprio do sexo masculino. E o cabelo e a respiração, tão diferentes dos de Glendon como uma maçã era de uma laranja. Seus olhos se abriram furtivamente, a meio caminho, como se tal cautela o impedisse de acordar.

Mais uma vez a perturbação estranha e radiante se intensificou, embaixo de sua barriga, enquanto ela estava deitada, com os joelhos a apenas alguns centímetros de seu quadril, com o cheiro estranho de homem permeando suas roupas de cama, seu calor e massa ocupando metade do espaço de dormir. Foi um choque para Eleanor, encontrar-se suscetível a pensamentos carnis, quando ela pensava que a gravidez a tornava imune. Outra consideração perturbadora a atingiu. Supondo que ele a havia estudado tão intimamente como ela agora o estudava. Tentou recordar como havia adormecido, mas não conseguiu. Eles estavam conversando... Qual fora a última coisa da qual se lembrava? Ela deitada de costas ou de frente para ele? Ela olhou para a mesa, a lamparina ainda estava acesa. Ele havia a deixado e ele poderia ter ficado acordado durante horas depois que ela dormira, estudando seu rosto, olhando de perto todas as suas deficiências. Ela se tornou muito consciente de como ela se achava feia em comparação a ele. Seu cabelo era liso e de uma cor semelhante a um marrom sujo; seus olhos de cílios finos; os dedos largos e arqueados; sua barriga estourando; os seios grandes. Às vezes ela roncava. Teria ela roncado na noite passada, enquanto ele assistia e a ouvia? Ela rolou para a beira da cama, pensando simplesmente em esquecer que ele estava lá e ir se vestir como se fosse outro

dia qualquer. Ao seu primeiro movimento, Will despertou como se ela tivesse desencadeado fogos de artifício. Desperto, ele olhou para ela; em seguida, sentou-se e pegou a calça, tudo em um só movimento. Eles se vestiram de frente para paredes opostas, e apenas quando os botões finais foram fechados, espreitaram-se por cima dos ombros.

— Bom dia — disse ela, conscientemente.

— Bom dia.

— Dormiu bem?

— Bem. Eu acordei você?

— Não que eu me lembre. Eu acordei você?

— Não.

— Você sempre se levanta tão cedo?

— São quase oito. As tetas de Herbert devem estar explodindo — disse ele. Sentou-se na beira da cama e pegou suas botas. Um momento depois, ele já saía pela porta, colocando sua camisa. Quando ele se foi, Elly caiu na cama e suspirou de alívio. Eles fizeram isso! Foram para a cama, dormiram juntos, levantaram-se e se vestiram sem nenhum contato físico, e sem ele ter visto o seu corpo. Desapontada, ela olhou para o chão. *Bem, isso é o que você queria, não era? Sim. Então por que você está aqui sentada deprimida? Eu não estou deprimida. Não? Bem, eu não estou. Mas você está pensando sobre quando o juiz pediu que ele te beijasse. Bem, o que há de errado nisso? Nada. Absolutamente nada. Me deixe em paz.* Silêncio. Por minutos e minutos apenas o silêncio obedientemente cantarolou dentro de sua cabeça.

Se você queria que ele lhe desse um beijo de boa noite, você devia ter apenas se inclinado e feito isso sozinha. Eu não queria que ele me desse um beijo de boa noite. Ah, desculpe-me. Achei que fosse por isso que você estivesse deprimida. Eu não estou deprimida, eu já disse. Mas ela estava, e ela sabia disso.

No meio da manhã daquele dia, depois do café e de suas tarefas de rotina feitas, Will voltou para a casa e encontrou, nos degraus da varanda dos fundos, os apetrechos para a colmeia: o chapéu com véu e o fumigador. Ele sorriu. Então... não mais granadas de ovos. Indo para dentro, para agradecê-la, ele quase lamentou a perda. A casa estava vazia; sobre a mesa, um bilhete: “Fui colher nozes com os meninos”.

Ele pegou um toco de lápis e rabiscou na parte inferior: “Obrigado pelo presente de casamento!”, e se dirigiu para onde estava o emplastro de hortelã.

Suas primeiras vinte e quatro horas como marido e mulher pareceram definir o tom dos dias que se seguiram. Eles viviam juntos amigavelmente, não intimamente, ajudando um ao outro em pequenos afazeres, adaptando-se, compartilhando um prazer mútuo pelas crianças e sua vida familiar sem complicações. Desde a primeira adaptação entre os dois, como com os equipamentos de apicultura, não houve mais explosões de raiva. A vida era pacífica.

Embora o aparecimento súbito dos equipamentos para a colmeia, o chapéu e o fumigador, nunca tivessem sido

mencionados entre eles, isso sinalizou o início do trabalho de Will com as abelhas. Ele sentiu que Eleanor preferia não saber quando ele estava no pomar, então continuou a manter os equipamentos guardados no celeiro. Só quando ele voltava para a casa com o favo de mel, ela sabia que ele tinha estado com as abelhas. Ele aprendeu a respeitá-la. E havia uma calma no pomar, que se infiltrava nele cada vez que ele ficava por lá; a serenidade, não só entre as abelhas, mas dentro de si mesmo pela necessidade de ter que se mover lentamente enquanto estava entre elas. Embora se movesse lentamente, era inevitável que ele, de vez em quando, fosse picado. A primeira vez que isso aconteceu, ele pulou, bateu e chiou, e por sua rebelião e brusquidão, recebeu mais três picadas adicionais. Então ele aprendeu, com o tempo, a não se rebelar, tampouco pular e, certamente, não golpear forçando o ferrão a entrar mais em sua pele. Mas, o mais importante, é que ele aprendeu a reconhecer as variações nos sons das abelhas, a partir da tubulação estridente das trabalhadoras contentes, conforme elas se moviam sobre as suas produções, tremeluzindo suas asas na neblina, completamente diferente do zumbido ocasionalmente criado por uma única abelha, advertindo-o de antecipar a picada e estar pronto para afastá-la. Ele veio a reconhecer a sensação dos pés das abelhas escavando em seu cabelo e corpo, e tirava assim o inseto suavemente antes do aperto se tornar uma picada. Aprendeu que as abelhas são embaladas pelo som do assobio humano, que a sua cor favorita é azul e sua cor menos favorita, a vermelha. Por isso, tornou-se um homem feliz, que andava entre os pessegueiros assobiando, vestido todo de azul,

com um chapéu resguardando-o com um véu e protegendo seu rosto. Ele não conseguia se acostumar com a falta de jeito das luvas, então trabalhava de mãos nuas, raspando o difícil verniz do própolis com os quais as abelhas selavam cada rachadura diminuta entre os quadrados. Dentro do fumigador – que era pouco mais que uma lata de jorro com um fole em anexo –, ele acendia um pedaço de pano oleado. Várias lufadas dentro da colmeia aberta subjugariam as abelhas, capacitando-o para remover os favos de mel sem perigo. Estes, ele transportava de volta para casa, onde ele cuidadosamente raspava as pontas dos favos com uma faca aquecida em uma lamparina de querosene. A primeira vez que Eleanor o viu fazendo isso, foi quando ela abriu a porta usando uma camisola branca.

— Você vai precisar de um pouco de ajuda com isso — disse ela sem rodeios, sem lhe lançar um olhar reprovador. Sentou-se no lado oposto da lamparina e mostrou-lhe que não era a primeira vez que ela raspava um favo. Também não era a primeira vez que ela extraía e processava quando chegava a hora de fazer esses trabalhos. Havia muito que Will ainda não sabia, particularmente sobre o processo de renderização, conhecimento que só poderia ser obtido através da experiência. Eleanor lhe ensinou, ainda que a contragosto a maior parte do tempo, mas ela, afinal, ensinou-lhe.

— Como é que vamos limpar essa bagunça? — Will perguntou com o mel pegajoso revestindo suas pás e o recipiente.

— Nós não. As abelhas vão limpar — ela respondeu.

— As abelhas?

— As abelhas comem mel. Basta deixá-los lá fora, no sol, e elas vão encontrá-los — com certeza, qualquer ferramenta revestida de mel deixou de estar suja para se tornar mais limpa do que se tivesse sido lavada com muita água corrente.

Will sabia perfeitamente bem que ela via os vergões ocasionais em sua pele, mas não fazia comentários sobre eles. No entanto, logo seu corpo construiu uma imunidade natural, e ele mal reagia às picadas. Quando ele entrava com uma carga de favos de mel, ela ia logo atrás dos frascos de frutas, lavando-os e esaldando-os, então ia dar uma mão no processamento e engarrafamento do mel.

Aqueles dias foram um tempo de conhecimento para Will e Eleanor. Como em sua primeira noite na cama, quando eles tinham ficado tão imóveis, acostumando-se a deitarem lado a lado, trabalhar com o mel lhes emprestou proximidade e tempo para se adaptar ao fato de que eles estavam unidos por toda a vida. Às vezes, enquanto raspava um favo ou segurava um funil, Will olhava para cima e se via sendo objeto de estudo. O mesmo acontecia com Eleanor. Dali surgia rápidos sorrisos mútuos e uma sensação de crescente aceitação. À noite, na cama, eles conversavam. Ele sobre as abelhas. Ela sobre os pássaros.

— Você sabia que a abelha rainha vive até dois anos, enquanto as operárias não duram mais que um mês e meio? Que apenas as abelhas fêmeas trabalham? A única missão dos machos é fecundar a rainha. Depois de cumprirem essa missão, eles não são mais aceitos na colmeia e ficam de fora até morrer de fome. E sabe que uma colmeia abriga até cinquenta mil abelhas, sendo que cada abelha produz cinco gramas de mel por

ano, a colmeia pode produzir, anualmente, então, duzentos e cinquenta quilos de mel?

— Nossa! É mesmo? — admirava-se Elly, ainda mais por Will falar várias frases, uma intercalada com a outra.

— Há enfermeiras em uma colônia de abelhas e o que todas elas fazem é cuidar das larvas. Você sabia que a cor favorita das abelhas é azul? — continuava Will.

Depois era a vez de ela falar e ele ouvir.

— Você sabia que o papa-moscas faz o seu ninho na carcaça de uma cobra? A maioria dos pássaros canta, mas o chapim é o único que pode realmente sussurrar. E que o beija-flor é o único pássaro que pode voar para trás?

Estas discussões, por vezes, levavam até o ponto de vista um do outro. Certa noite, Will falou das abelhas operárias. — Você sabia que elas trabalham tão duro durante a sua vida que elas realmente trabalham até morrer?

— Não... — respondeu ela, incrédula.

— É verdade. Elas usam as suas asas até que elas estão tão desgastadas que elas não podem mais voar. Então, elas simplesmente morrem — a expressão dele ficou conturbada. — Isso é triste, não é?

Eleanor estudou o rosto do marido sob uma nova luz e descobriu que ela gostava do que via. Ele estava deitado próximo à luz da lamparina, contemplando o teto, triste com a situação das abelhas operárias. Como poderia uma mulher ficar alheia a um homem que se preocupava com essas coisas? Moveu-se, estendeu a mão para consolá-lo, roçando a parte inferior de seu braço levantado. O olhar dele abatido baixou para ela e seus

olhares ficaram presos por alguns segundos intermináveis; em seguida, os dedos dela se retiraram.

Em uma noite, pouco depois, Will veio com outro fenômeno incrível de um apicultor: — Você sabia que as operárias praticam algo chamado fidelidade à flor? Significa que cada abelha recolhe o néctar e pólen de apenas uma espécie de flor.

— Ah, você está inventando isso! — Elly virou a cabeça para enfrentar o perfil dele.

— Eu não estou. Eu li sobre isso em um dos livros que a senhorita Beasley me deu. Fidelidade à flor.

— Sêrio?

— Sêrio.

Ele estava deitado como fazia todas as noites durante as suas conversações, de costas, com as mãos atrás da cabeça. Silenciosa, Elly olhou para ele, digerindo aquele novo trecho de informação. Por fim, ela endireitou a cabeça no travesseiro e fixou sua atenção na luz pálida da lãmparina.

— Eu acho que não é tão incomum. Alguns pássaros praticam a fidelidade também. Um pelo outro. As águias, os gansos canadenses, eles se acasalam para a vida toda.

— Interessante.

— Sim — ela concordou.

— Eu nunca vi uma águia — confessou Will.

— Águias são... — Eleanor gesticulou em direção ao teto — majestosas — um sorriso se desenhôu em seus lábios. Em seguida, deixou as mãos pousarem em sua barriga novamente. — Quando eu era uma menina, eu costumava ver uma águia

dourada em uma enorme árvore no pântano perto de Cotton Creek. Se eu fosse um pássaro, eu gostaria de ser uma águia.

— Por quê? — Will virou-se para olhá-la.

— Por causa de algo que eu li uma vez.

— O quê?

— Ah... Nada — ela entrelaçou os dedos e olhou para eles.

— Diga-me — ele sentiu sua relutância, mas manteve seu olhar firme, implacável. Depois de algum tempo, ela deu uma olhadinha em Will.

— Promete que não vai rir?

— Eu prometo.

Durante vários segundos, ela se concentrou em alinhar seus polegares precisamente, então, finalmente, citou timidamente:

Ela agarra o penhasco com as mãos tortas;

Perto do sol em terras solitárias,

Anelada com o mundo azul, ela permanece.

O mar enrugado sob ela rasteja;

Ela observa de suas paredes de montanha,

E como um raio ela cai.

A águia^[18]

Ela fez uma pausa antes de acrescentar: — Alguém chamado Tennyson escreveu isso.

Naquele momento, Will viu uma nova faceta de sua esposa: amorosa; impressionável; sensibilizada pelas palavras dos

poetas, combinações de palavras articuladas que ela mesma nunca usava.

— É lindo — disse ele em voz baixa.

Ela não sabia o que fazer com as mãos, vacilou entre o desejo de esconder seus sentimentos e revelar mais. Este último ganhou quando ela engoliu e acrescentou, suavemente — Ninguém ri das águias.

Ah, Elly, Elly, quem fez a você tanto mal? E o que seria necessário para fazer você esquecer isso?

Will se virou para encará-la e apoiou o queixo em um punho. Mas ela não se voltou para ele, e suas bochechas queimavam brilhantemente.

— Alguém riu de você? — a voz dele estava profunda e carinhosa. Uma lágrima escorreu no canto do olho dela. Compreendendo seu desgosto, com a chegada da lágrima, Will fingiu não perceber. Ele esperou imóvel pela resposta, estudando o septo do seu nariz, o contorno dos lábios. Quando ela falou, foi evasiva.

— Por muito tempo eu não soube o que significava índigo.

[\[19\]](#)

Ele viu como sua garganta se contraiu e os pontos coloridos em seu rosto se destacaram mais. Sua mão ardia para tocá-la... o queixo dela talvez. Ele queria virá-lo para ele, para que ela percebesse que ele se importava e nunca iria ridicularizá-la. Ele queria trazê-la para perto, segurar sua cabeça e tocar seu ombro e dizer. “Diga-me... diga-me o que é que dói tanto, então vamos trabalhar no sentido de conseguir que você esteja livre disso”. Mas toda vez que ele considerava tocá-la, suas inseguranças o

impediam e o subjugavam: *assassino de mulher, ex-presidiário, ela vai pular e gritar se você a tocar. No primeiro dia você foi advertido para manter distância.* Assim, ele ficou em seu próprio lado da cama, com um pulso firme em seu quadril, o outro dobrado embaixo de um ouvido. Mas o que ele não podia transmitir através do toque, ele colocou em sua voz expressiva: — Elly? — a voz saiu calmamente, o nome abreviado caindo de seus lábios como um carinho. Seus olhares colidiram. Os olhos verdes dela, luminosos, ainda com lágrimas não derramadas; os marrons dele, preenchidos com entendimento. — Ninguém está rindo agora.

De repente, tudo nela ansiava por ele.

Toque-me, ela pensou, como ninguém nunca fez antes, como eu toco os meninos quando eles se sentem mal. Faça com que eu não me sinta menos importante; que eu me sinta menos simplória, que eu me sinta atraente e menos grávida do que eu gostaria de estar. Você é o homem, Will, você não vê? Um homem precisa tomar a iniciativa.

Mas ele não podia. Não primeiramente.

Toque-me, ele pensou, dê-me um sinal, em meu braço, em minha mão, em um dedo. Deixe-me saber que é certo ter estes sentimentos por você. Ninguém se importou o suficiente para me tocar por anos e anos. Mas você tem que tomar a iniciativa, você não vê? Por causa de como você se sentiu sobre mim, e o que eu sou, o que eu fiz... o que concordou no primeiro dia em que eu cheguei aqui...

No final, nenhum deles se moveu. Ela estava deitada com as mãos em cima de sua barriga grande, com o coração batendo

freneticamente, com medo da rejeição, do ridículo; ele estava deitado se sentindo pouco atraente devido ao seu passado manchado e o fato de que nenhuma mulher, incluindo a sua própria mãe, tinha achado que ele valia o esforço; então por que com Elly seria diferente?

E assim, eles conversaram e se contemplaram durante as noites de convivência a luz da lamparina. A louca Eleanor e seu marido ex-presidiário aprendendo a terem respeito um pelo outro, querendo saber quando, e se o que buscavam poderia acontecer. Cada um hesitando para alcançar o que ambos necessitavam.

O mel estava todo engarrafado. As colmeias receberam camadas de tinta fresca branca; suas bases, como sugerido na gravura do livro, agora tinham uma variedade de cores para orientar as operárias a voltarem de suas incursões. Quando Will deixou o pomar, pela última vez, as colmeias continham mel suficiente para alimentar as abelhas durante o inverno. Certa noite ele anunciou na hora do jantar: — Eu vou para a cidade amanhã para vender o mel. Se há alguma coisa que você precisa, faça uma lista.

Ela pediu apenas duas coisas: flanela branca para fazer fraldas e um rolo de algodão.

No dia seguinte, quando Will atravessou as portas da biblioteca, Gladys Beasley estava imersa em uma palestra para um grupo de colegiais, falando sobre os cartões da biblioteca e ensinado como usá-la sem danificar o seu patrimônio, isto é, os livros. De costas para Will, ela parecia um dirigível com pernas. Embalada em um vestido verde, calçando sapatos sem salto, com a mesma presilha azul prendendo os cachos, ela fazia um gesto com a cabeça e falava em sua voz orgulhosa inimitável.

Enquanto isso, Will ficou com um cotovelo apoiado na mesa de despache, esperando e desfrutando: uma menina fazia piruetas sobre os calcanhares – esquerda, direita, olhando para as luzes do teto, como se fossem cometas; um menino de cabelos vermelhos riscava as paredes de trás; outra menina se equilibrava em um pé, segurando o tornozelo oposto tão alto contra sua nádega, que ela poderia forçá-lo. Desde que chegou a viver com Elly e os meninos, Will havia começado a apreciar as crianças pela sua naturalidade.

Quando a senhorita Beasley se virou para olhá-los, ela avistou Will descansando contra a mesa. Involuntariamente, seu rosto se iluminou e ela tocou o coração. Percebendo o que ela tinha feito, ela deixou cair a mão e a apertou e recuperou a expressão afetada habitual. Mas já era tarde demais, ela já estava corando. Will se ajeitou e tirou o chapéu, agradavelmente chocado com a reação reveladora dela, aquilo o agradou mais do que ele teria pensado ser possível: a ideia de uma mulher tão improvável ficar confusa por causa dele. Ele estava fazendo tudo que estava ao seu alcance para fazer com que sua esposa

agisse dessa maneira, mas ele certamente nunca esperou essa reação da senhorita Beasley.

— Desculpem-me, crianças — disse a bibliotecária —, terei que interromper um instante. Vocês podem ir e explorar os livros infantis daquela estante — ela apontou. — E lembrem-se do que eu falei: livros são tesouros, têm que ser tratados como preciosidades.

Quando ela se aproximou de Will, o tom de rosa em suas bochechas se tornou inconfundível, e ele ficou ainda mais espantado.

— Bom dia, senhorita Beasley.

— Bom dia, Sr. Parker.

— Ocupada hoje? — observou ele, olhando para as crianças.

— Sim. A segunda série da Sra. Gardner.

— Eu trouxe uma coisa — ele lhe estendeu uma garrafa de mel.

— Ora, Sr. Parker! — exclamou ela, tocando o peito novamente.

— Vindo de nossas próprias colmeias, colhido esta semana. Ela aceitou o frasco de mel, levantando-o para a luz.

— Meu Deus, tão puro, tão dourado!

— Temos muitas azedinhas. O mel da azedinha na luz fica assim. Ganha mais um pouco de cor por causa do...

Ela elevou o queixo e lhe fez uma careta satisfeita: — Vejo que você fez a sua lição de casa, não é Sr. Parker?

Ele cruzou os braços e plantou os pés firmemente, sorrindo para ela sob a sombra da aba de seu chapéu.

— Eu só queria agradecer pelos almanaques e pelos livros. Eu não poderia ter feito isso sem eles.

Ela segurou o recipiente com as duas mãos e piscou para ele: — Obrigada, Sr. Parker. E por favor, agradeça a Sra. Dinsmore por mim.

— Ah... — Will esfregou o queixo.

— Ela não é mais a Sra. Dinsmore, senhorita. Ela agora é a Sra. Parker.

— Ah! — surpresa e decepção coloriram a única palavra.

— Nós nos casamos em Calhoun no final de outubro.

— Ah! — a senhorita Beasley rapidamente se recompôs. — Então, meus parabéns!

— Bem, obrigado, senhorita Beasley — ele moveu os pés, inquietos. — Minha senhora, eu não quero mantê-la longe das crianças, e eu tenho o mel para vender, e não há muito tempo. Quero dizer, há muito o que fazer em casa antes de... — mais uma vez ele se moveu, inquieto. — Bem, senhorita, na verdade, eu estou novamente precisando dos livros de sua biblioteca e da sua ajuda. Estou querendo colocar um gerador elétrico e fazer um banheiro para a Eleanor. Eu queria saber se a senhorita tem como me indicar alguns livros sobre energia elétrica e encanamento. E, se não for muito abuso de minha parte, será que a senhorita poderia separá-los para mim? Eu voltarei para pegá-los em uma hora ou algo assim, quando eu terminar a venda do mel.

— Eletricidade e hidráulica. Certamente separarei, Sr. Parker. Não é nenhum abuso, imagina. Encontrar e separar os livros para os usuários da biblioteca faz parte da minha função.

— Muito obrigado, senhorita — ele sorriu, tirou o chapéu e se moveu em direção à porta. Will deu alguns passos, e retornou um pouco encabulado: — Senhorita... — ele hesitou — bem, enquanto estiver procurando os outros, se puder encontrar qualquer livro sobre parto... será que poderia adicioná-los na pilha?

— Parto?

— Sim, senhorita.

— Parto de quê?

Will sentiu-se corar e deu de ombros, fingindo indiferença: — Ah... Bem... Cavalos, vacas... — ele fez um gesto vago — a senhorita sabe... — seu olhar vagou nervosamente antes de voltar a olhar para ela —, humanos também, se a senhorita se deparar com alguma coisa sobre isso. Nunca li nada sobre... pode ser interessante.

Ele se sentiu transparente sob o escrutínio agudo da mulher. Mas ela colocou o frasco de mel no lugar de honra, ao lado de sua placa de identificação, e disse em sua voz cáustica habitual: — Seus livros estarão prontos em uma hora, Sr. Parker. E obrigada novamente pelo mel.

Calvin Purdy comprou metade do mel e, depois de alguma negociação, levou mais quatro frascos em troca de dez metros de flanela branca e um bastão de algodão. No posto de gasolina, Will trocou mais dois litros de mel por um tanque cheio de gasolina. Ele tinha em mente manter o tanque cheio a partir de agora até que o bebê chegasse, apenas no caso de precisar. Enquanto a gasolina estava sendo bombeada, ele abaixou as sobancelhas e refletiu sobre o Vickery's Café. Biscoitos e calda

de manhã; bolachas e mel à noite, ele supôs. Mas para fazer uma venda, ele provavelmente teria que enfrentar Lula Peak novamente, e não havia como dizer onde ela poderia optar por manter sua garra vermelha desta vez. Ele coçou o peito e desviou o olhar com desgosto. O mel não iria estragar.

Com um tanque cheio de gasolina, dirigiu ao redor da praça, de volta à biblioteca. Os jovens visitantes da série da Sra. Gardner tinham ido embora, deixando o silêncio e uma biblioteca vazia.

— Olá? — ele chamou.

A Senhorita Beasley saiu da sala de trás, enxugando a boca com um lenço florido.

— Estou interrompendo o seu almoço?

— Na verdade, sim. Você me pegou provando seu mel no meu muffin. Delicioso. Absolutamente delicioso!

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

— As abelhas fizeram a maior parte do trabalho — disse ele e riu, segurando o riso, como se o rir fosse ilegal. Mas ele podia ver o quão satisfeita ela estava com o seu presente. Na superfície, ela não era uma mulher muito simpática. Era irritável, intransigente e, provavelmente, não tinha muitos amigos. Talvez fosse por isso que ele fora atraído para ela, porque ele nunca tinha tido muitos também. Os lábios dela eram cercados por seu quinhão de bigode fino e uma pequena gota de mel tinha se agarrado ao seu lábio superior. Se ele não gostasse dela, poderia ter deixado sem mencionar, mas ela passaria vergonha. Como não era o caso, ele apontou brevemente e sutilmente para a boca

suja: — Aqui — ele avançou. — Posso? — tomando-lhe a mão com lenço e tudo, ele a guiou para o local adequado.

Aquele foi um dos toques mais decididamente pessoais que a senhorita Beasley tinha experimentado. Os homens sempre a temeram, especialmente na faculdade, onde ela se revelou muito mais inteligente do que qualquer um com quem poderia ter tido um interesse. Os homens de Whitney eram casados ou muito estúpidos para se adequar a ela. Embora ela tivesse aceitado sua solteirice há muito tempo, assustou Gladys encontrar um homem que, dadas outras circunstâncias, outro tempo, poderia ter se adaptado bem a seu temperamento e intelecto. Quando Will Parker a tocou, Gladys Beasley esqueceu que ela tinha a forma de um barril de arenque e idade para ser sua avó. Seu velho coração caiu como um pescado fresco. O toque foi breve e não desagradável. Rapidamente, quase timidamente, ele recuou e deixou seu polegar encontrar seu bolso traseiro de novo. Quando Gladys baixou o lenço, estava decididamente abalada, mas ele gentilmente fingiu não perceber.

— Você perdeu uma coisa — em seguida, enganchou seu polegar no bolso de trás.

— Ah!... Ah, muito obrigada — espalhafatosamente, ela enxugou a boca, mas conseguiu perder o que ela estava procurando.

— Então. Você encontrou alguma coisa para mim? — ele perguntou.

Ela exibiu uma pilha de cinco livros, alguns com pontos selecionados com os marcadores de papel. Curioso, ele tentou ler os títulos de cabeça para baixo, enquanto ela carimbava cada

cartão. Mas ela foi muito eficiente com seu abre e fecha e ele não tinha lido um título sequer antes de ela empurrar a pilha em sua direção com o seu cartão colocado ordenadamente no alto.

— Muito obrigado, senhorita Beasley.

— Esse é o meu trabalho, Sr. Parker.

Seu sorriso se espalhou lentamente, formado apenas pela metade, antes que ele tocasse a aba de seu chapéu e colocasse os livros contra o seu quadril.

— Muito obrigado de qualquer maneira. Verei a senhorita na próxima semana.

Na próxima semana, ela pensou, e seu coração disparou. Agitada, ela alinhou os cartões, tentando disfarçar aquela agitação que não era usual.

Ela tinha escolhido para ele: “O Manual do Encanador”, “O ABC da Eletricidade”, “A Invenção de Edison”, “Pecuária Para o Fazendeiro Comum”, e mais um intitulado “Nova Era da Ciência Doméstica”.

Naquela noite, depois do jantar, enquanto Eleanor descascava nozes na mesa da cozinha, Will sentou-se em um ângulo próximo a ela, virando as páginas. Ele passou uma meia hora de leitura informativa em três dos livros, então, pegou o quarto – “*Nova Era da Ciência Doméstica*”. Ele cobria uma variedade de temas, alguns vitais, outros, para Will, desinteressantes. Ele sorriu, divertindo-se com alguns temas: “Como escolher um trabalhador”, “Como limpar um ferro

esfregando sal”. Havia uma receita para a geleia de carne, outra para o tomate frito e dezenas de outras receitas; um discurso sobre a insônia, intitulado “A Ciência do Sono”; uma dica sobre a limpeza do interior da chaleira, fervendo nela uma concha de ostra. Seu dedo parou de passar quando chegou a “Um capítulo para mulheres jovens”. Seus olhos percorreram rapidamente o que se seguia, então pararam sobre “A escolha de um marido”. Ao iniciar a leitura, ele afundou mais e mais em sua cadeira, até sua espinha estar abaixada e o livro descansando contra a borda da mesa e um dedo indicador cobrindo seu sorriso.

Você precisa agora do conselho de seus pais mais do que nunca, aconselhava o livro, pois o jovem será atraído por você e você será atraída por ele. Isso é natural. Se você cometer um erro, isso pode destruir toda a sua vida. Torne sua mãe como sua confidente. Existem algumas regras que são seguras para seguir nesta matéria. Nunca tenha nada a ver com um jovem que “semeia sua aveia selvagemmente”, ou que a tenha semeado assim.

Will, distraidamente esfregou seu lábio e olhou para Eleanor, mas ela estava ocupada com o quebra-nozes.

“Nunca se case com um homem para reformá-lo. Deixe aqueles que precisam de reforma severamente sozinhos. Há homens que não bebem e ainda assim são mais perigosos para você do que os bêbados. Um homem que semeia sua aveia selvagemmente, pode ser acometido por doenças que podem ser passadas a uma mulher inocente e pura e, portanto, implicar longo sofrimento à sua vida. O casamento é uma loteria. Você pode receber um prêmio ou a sua vida poderá vir a ser um foco

de misérias. Diga a seus pais se você está atraída por um jovem para que eles possam descobrir se ele é um homem de bom caráter e puro de coração e de vida. É muito melhor permanecer solteira do que fazer um casamento infeliz”.

Ele se perguntou quantas virgens ignorantes tinham lido aquilo e acabado mais confusas do que nunca sobre os fatos da vida. Seu olhar especulativo vagou para Elly. Ela deixou cair uma noz na tigela, e seus olhos a seguiram. Sua barriga tinha crescido tanto, que mal dava espaço para ela poder ver a cavidade dos joelhos. Seus seios pareciam ter dobrado de tamanho nos últimos três meses. *Será que ela tinha sido uma virgem quando se casou com Glendon Dinsmore? Será que Glendon havia “semeado sua aveia selvagemmente” como Will Parker? Será que Elly consultara seus pais e soubera a pessoa que era Dinsmore e o encontrara puro de coração e de vida, ao contrário de seu segundo marido?*

Ela pegou outra noz e a levou a boca. Os olhos de Will novamente a seguiram e ele distraidamente acariciou seus lábios. Uma coisa sobre Elly: com certeza, ela não tinha se casado com ele com intenção de reformá-lo. Se ele se modificou, foi pela aceitação que ela lhe oferecera, e não pela falta dela.

Ele virou uma página para um capítulo em que a senhorita Beasley tinha deixado um marcador. Como conceber e criar filhos saudáveis. Tudo bem, ele pensou secretamente divertido, *diga-me como.*

A principal razão para o casamento é ter filhos e criá-los. A natureza forneceu para o homem e para a mulher os órgãos para isso e que são maravilhosamente construídos. Fim da

iluminação. Will engoliu outra gargalhada e seu dedo continuou escondendo o sorriso. Ele não podia deixar de imaginar a senhorita Beasley lendo aquilo, e se perguntou qual seria a reação dela.

Do deleite que sentia sobre a formação dos órgãos humanos, o autor tinha pulado diretamente para um monte de conselhos ridículos sobre a concepção: *“se os pais estão bêbados no momento em que a criança é concebida, eles não podem esperar uma prole saudável, fisicamente ou mentalmente; se os pais não gostam um do outro eles vão transmitir algo dessa disposição para sua prole; se um ou ambos os pais estão muito preocupados no momento da concepção, a criança nascerá doente”*.

Sem aviso, Will soltou uma gargalhada e Eleanor olhou para ele. — O que é tão engraçado?

— Ouça isto... — ele se endireitou na cadeira, colocou o livro sobre a mesa, e leu a última passagem em voz alta.

Sem pestanejar, Eleanor olhou para ele com outra noz na mão. — Eu pensei que você estava lendo sobre eletricidade.

Ele ficou sério, instantaneamente: — Ah, eu estou. Quer dizer, eu... eu estava.

Ela estendeu a mão sobre a mesa e, com a ponta do quebra-nozes, levantou a capa do livro.

— “Nova Era da Ciência Doméstica”?

— Bem, eu... É... — ele sentiu o aquecimento nas bochechas e passou aleatoriamente as páginas. Elas se abriram em um diagrama de um telefone caseiro.

— Eu estava pensando em fazer um desses — ele virou o livro e mostrou a ela.

Ela olhou para o diagrama, então olhou ceticamente para ele, antes das nozes racharem e caírem em sua palma. — E a quem você acha que nós chamaríamos com ele?

— Ah, eu não sei. Você nunca pode saber.

Ele escondeu a descompostura investigando o livro novamente.

“Depois de engravidar, você deve se doar a si mesma e ao seu marido e, especialmente, à criança por nascer, para se certificar de que ela entrará em um mundo dotado de tudo o que uma verdadeira, boa e dedicada mãe pode, eventualmente, dar-lhe, tanto física como mentalmente. Para isso, mantenha-se bem e feliz. Coma somente alimentos tais que são facilmente digeridos e que vai manter suas entranhas regulares. Leia apenas livros que poderão fazer você mais feliz e melhor. Escolha a companhia daqueles que te deixam otimista. Fofocas não vão fazer isso, sobretudo, ouvir os pessimistas que estão tão prontos para conversar com você neste momento.”

Tal conselho caprichoso foi mais adiante, mas a diversão de Will cessou quando ele encontrou o que estava procurando: “Os preparativos para o trabalho de parto”. Tudo começava com uma lista de artigos recomendados para ter em mãos: Cinco bacias, um litro de água em seringa, quinze metros de gaze esterilizada, seis travesseiros ou um acolchoado de algodão para fazer o mesmo efeito, um lençol, cento e vinte mililitros de permanganato de potássio, duzentos e quarenta mililitros de ácido oxálico, cento e vinte mililitros de ácido bórico, um tubo de sabão verde, um

tubo de vaselina, cem comprimidos bichloride de Bernay, duzentos e quarenta mililitros de álcool, um ergotrol,^[20] uma escova de unhas, um kg de algodão hidrófilo...

Meu Deus, eles precisavam de tudo isso? Will começou a entrar em pânico.

“Nas instruções de abertura, a enfermeira deve preparar a cama e as almofadas, esterilizá-las uma semana antes, juntamente com as toalhas, as gazes, duzentos gramas de algodão hidrófilo e as compressas perineais suficientes.”

Enfermeira? Quem tinha uma enfermeira? Quanto era o suficiente? E o que perineal significava? E onde era para colocar as compressas? Ele não conseguia entender nada, muito menos pagar por tudo aquilo. Pálido, ele virou a página, só para ter sua desilusão redobrada. Frases o agarravam pelas terminações nervosas: *“Câimbras, como dores no baixo ventre”... “Ruptura da membrana”... “Secreção aquosa”... “Um desejo de ir defecar”... “Abaulamento do assoalho pélvico”... “Rasgão da carne perineal”... “A cabeça envolvida na vulva”... “Manipulação adequada para expulsar a placenta”... “Resoluto segmento de limpeza”... “Cortar imediatamente”... “Exceção é quando a criança está praticamente morta ou não respira corretamente”...*

Ele fechou o livro e pôs-se de pé, pálido como a espuma do mar.

— Will?

Ele olhou por uma janela, joelhos juntos, estalando os dedos, sentindo o baque do seu batimento cardíaco em seu pescoço.

— Eu não posso fazer isso.

— Fazer o quê?

Medo alojou-se em sua garganta como um pedaço de pão. Ele engoliu em seco, mas continuou: — Eu não estava lendo sobre a eletricidade. Eu estava lendo sobre o parto de bebês.

— Oh... Isso.

— Sim, isso — ele se virou para encará-la.

— Elly, nós nunca conversamos sobre isso desde a noite em que concordamos em nos casar. Mas eu sei que você espera que eu a ajude, e eu simplesmente não sei se eu posso.

Ela apoiou as mãos na tigela e, sem expressão, olhou para ele: — Então eu vou fazer isso sozinha, Will. Eu tenho certeza de que eu posso.

— Sozinha? — ele gritou, voltando para o livro, agitadamente batendo páginas até encontrar a certa. — Ouça isto: *“O cordão está geralmente enrolado antes de ser cortado; a exceção de quando a criança está praticamente morta e não respira corretamente. Nesse caso, o melhor é não cortar o cordão de modo que ele possa continuar ligado à mãe e dá-se início à oxigenação para assim ajudar na respiração...”*... — ele largou o livro e fez uma careta para ela. — Suponha que o bebê morra. Como você acha que eu me sentiria? E como é que eu vou saber o que é a respiração correta e o que não é? E há mais todas essas coisas que é preciso ter em mãos. Diabos! Algumas delas eu nem sei o que é. E o livro fala sobre você rasgar, e talvez sobre uma hemorragia. Elly, por favor, deixe-me ver um médico quando chegar a hora. Eu deixei o carro cheio de gasolina para que eu possa correr para a cidade bem rápido e ir buscá-lo.

Calmamente, ela colocou a tigela de lado, levantou-se e fechou o livro. — Eu sei do que vamos precisar, Will — disse ela e encontrou os olhos castanhos preocupados de Will. — E eu vou ter tudo pronto. Você não deve ler essas coisas, porque isso só está assustando você.

— Mas ele diz...

— Eu sei o que diz. Mas ter um bebê é um ato natural. Ora, as mulheres índias se agacham na floresta e fazem tudo sozinhas; depois, caminham de volta para os campos e começam a capinar milho assim que tudo está acabado.

— Você não é uma índia — ele argumentou, intensamente.

— Mas eu sou forte. E saudável. E, em se tratando disso, feliz também. Parece-me que isso é tão importante quanto qualquer outra coisa, não é? As pessoas felizes têm algo pelo que lutar.

O raciocínio calmo de Eleanor perfurou a raiva de Will com uma rapidez surpreendente. E um fato o impressionou: ela disse que estava feliz. Eles ficaram perto, tão perto que ele poderia ter tocado nela se apenas levantasse uma mão, poderia ter fechado os dedos em torno de seu pescoço, descansado as mãos sobre o seu rosto, e perguntado: *Você está feliz, Elly? Você realmente está feliz?* Ele queria ouvir novamente a evidência de que, pela primeira vez em sua vida, ele parecia estar fazendo algo certo.

Mas ela deixou cair o queixo e virou-se para recuperar a tigela de nozes e levá-la para a pia.

— Nem todo mundo pode suportar a visão de sangue. E isso eu admito a você: há sangue quando um bebê chega.

— Não é isso. Eu disse a você – são os riscos.

Ela se virou para ele e disse de forma prática: — Nós não temos dinheiro para um médico, Will.

— Nós poderíamos obter o suficiente. Eu poderia levar outra carga de sucata de metal. E há o dinheiro do chantilly, dos ovos e agora do mel. Mesmo as nozes poderiam gerar algum dinheiro; Purdy irá comprar as nozes, eu sei que ele vai.

Ela começou a sacudir a cabeça antes que ele terminasse: — Você apenas tem de ficar tranquilo. Deixe que eu me preocupe com o bebê. Vai dar tudo certo.

Mas como ele poderia não se preocupar?

Nos dias que se seguiram, Will observou que ela se movia com mais lentidão. Sua carga começava a pesar, os tornozelos estavam inchados, os seios ainda maiores. E cada dia que se passava, trazia mais para perto a hora do parto.

O dia dez de novembro trouxe uma distração temporária para as preocupações de Will: era o aniversário de Eleanor e ele não tinha esquecido. Despertou para encontrá-la ainda dormindo, de frente para ele. Ele enrolou o travesseiro debaixo de seu pescoço para se entregar a estudá-la: sobancelhas pálidas e cílios dourados, lábios entreabertos e nariz agradável. Uma orelha que espreitava através de um cacho de cabelo solto e um joelho dobrado debaixo das cobertas. Ele olhou para ela à medida que ela respirava tranquilamente, assistindo sua mão se contorcer uma vez, duas vezes. Ela, inconscientemente, lambeu os lábios, esfregou o nariz e, finalmente, abriu os olhos sonolentos.

— Bom dia, preguiçosa — ele brincou.

— Humm — ela fechou os olhos e se aninhou em sua barriga. — Bom dia.

— Feliz Aniversário.

Os olhos de Elly se abriram, mas ela ficou imóvel, absorvendo as palavras, enquanto um sorriso preguiçoso amanheceu em seu rosto.

— Você se lembrou?

— Evidente. Vinte e cinco anos.

— Vinte e cinco. Um quarto de um século.

— Faz você parecer mais velha do que você aparenta.

— Ah, Will, as coisas que você diz...

— Eu estava assistindo você acordar. Estava muito bom assistir.

Ela cobriu o rosto com o lençol e ele sorriu contra seu travesseiro.

— Você tem tempo para assar um bolo hoje?

Ela abaixou o lençol para o nariz: — Eu acho que sim, mas por quê?

— Então asse um. Eu faria isso, mas eu não sei como.

— Por quê?

Em vez de responder, ele jogou as cobertas para o lado e saltou. De pé ao lado da cama, com os cotovelos levantados, ele executou uma poderosa flexão. Ela assistiu com franco interesse os músculos flexionarem, a pele esticada, os sinais, as longas pernas polvilhadas com pelos pretos. Com as pernas amplas separadas, ele estremeceu e se inclinou para a esquerda, para a direita; em seguida agachou-se para pegar suas roupas e começar a se vestir. Era cativante assistir um homem vestir suas

roupas. Homens faziam isso muito menos espalhafatosamente que as mulheres.

— Você vai me responder? — ela insistiu.

De frente para ela, embora longe, ele sorriu: — Para a sua festa de aniversário.

— A minha festa de aniversário?! — ela se sentou. — Ei, volte aqui!

Mas ele se foi abotoando a camisa e sorrindo. Naquele dia, aquilo foi algo em que ele teve que trabalhar também, para esconder a sua impaciência. Havia mantido o plano em sua cabeça por semanas e estava ansioso. Por outro lado, Eleanor, cujos olhos brilhavam durante todo o tempo que ela fazia o seu próprio bolo, recusou-se a perguntar quando esta festa iria acontecer. Já, Donald Wade, perguntou pelo menos uma dúzia de vezes naquela manhã: — Quanto falta agora, Will?

Will tinha planejado esperar até depois da ceia, mas o bolo estava pronto ao meio-dia. E no final da tarde a paciência de Donald Wade tinha sido testada até o limite. Quando Will foi até a casa para uma xícara de café, Donald Wade bateu no joelho e sussurrou pela centésima vez: — Agora, Will? Por favor...

Will cedeu: — Tudo bem, Kemosahbee. Você e Thomas irão buscar as coisas.

As coisas eram dois objetos grosseiramente embrulhados em papel de açougueiro, papel branco enrugado amarrado por um barbante. Os meninos os trouxeram orgulhosamente e os depositaram ao lado da xícara de café de Eleanor.

— Presentes? — ela cruzou as mãos sobre o peito. — Para mim?

Donald Wade assentiu com força suficiente para soltar a cera dos ouvidos.

— Eu, Will e Thomas fizemos.

— Vocês fizeram?!

— Um deles — Will corrigiu, puxando Thomas para seu colo, enquanto Donald Wade se pressionava contra a cadeira de sua mãe.

— Este — Donald Wade empurrou o pacote mais pesado — abra primeiro — os olhos do menino fixaram-se nas mãos da mãe, enquanto ela se atrapalhava com o barbante, fingindo dificuldade em desatá-lo.

— Essa coisa amarrada está me dando um trabalho! — ela exclamou. — Donald Wade, ajude-me — pediu Eleanor, e Donald Wade chegou ansiosamente e a ajudou a puxar o barbante e empurrar o papel, revelando uma casa de pássaros feita de sebo, enredada por cordéis.

— É para os seus pássaros! — ele anunciou, animadamente.

— Os meus pássaros? Ah, meeeu... — com os olhos brilhando, ela a segurou no alto, pelo laço do barbante. — Eles vão amar!

— Você pode pendurá-la e tudo! — disse Donald Wade.

— Eu já estou até vendo isso.

— Will trouxe tudo e nós colocamos o sebo no moedor, e eu ajudei a girar a manivela, e eu e Thomas prendemos as sementes nela. Viu só?

— Eu vejo. Ora, essa é a casa de passarinhos mais bonita que eu já vi. Ah, muito obrigada, querido... — ela deu em Donald

Wade um abraço apertado, então se inclinou para segurar o queixo do bebê e o beijar nos lábios. — Você também, Thomas. Eu não sabia que você era tão inteligente.

— Abra o outro — Donald Wade pediu, empurrando-o para as mãos de Eleanor.

— Dois presentes, Meu Deus de misericórdia!

— Este é do Will.

— Do Will... — seus olhos encantados encontraram os de Will, enquanto seus dedos procuraram os laços na embalagem em forma de rolo. Apesar do seu interior agitado, da impaciência, Will se obrigou a se sentar calmamente na cadeira da cozinha, um braço apoiado na ponta da mesa, um dedo enganchado em uma xícara de café.

Abrindo o presente, Eleanor olhou para Will. Ele tinha um tornozelo apoiado no joelho da outra perna formando um triângulo, onde Thomas estava sentado. De repente, ocorreu a Eleanor que ela não trocaria Will nem por dez Hopalong Cassidy's.

— Will é incrível, não é? Sempre me dando presentes.

— Depressa, mamãe! — Donald Wade estava impaciente.

— Ah... É claro — ela voltou sua atenção para a abertura do presente. Dentro, havia um conjunto de três peças de tecido, uma peça oval e duas semicirculares, de linho fino, prontas para o crochê e o bordado.

O coração de Eleanor transbordou e as palavras não vieram: — Ah, Will... — ela escondeu os lábios trêmulos por trás do linho puro. Seus olhos ardiavam. O anúncio da loja dizia: “Madiera Costureira e Decoradora”.

— Eu sei que você gosta de fazer crochê.

— Ah, Will... — olhando para ele, seus olhos brilharam. — Você faz as coisas ficarem mais agradáveis ainda — ela estendeu a mão sobre a mesa, com a palma para cima. Colocando a mão na dela, Will sentiu o pulso dele saltar.

— Obrigada, querido.

Ele nunca tinha pensado em si mesmo como “querido”. A palavra enviou uma seta de exaltação para o seu coração. Seus dedos se apertaram e, por um momento, eles se esqueceram dos presentes, do bolo, da gravidez e do passado, perdidos nos olhos um do outro. Os dois meninos os olhavam com impaciência.

— Vamos comer o bolo agora, mamãe — Donald Wade interrompeu, e o momento de proximidade passou. Mas tudo foi intensificado depois disso, como um formigamento elétrico. Conforme Eleanor se movia na cozinha, pegando o chantilly, cortando o bolo de chocolate, servindo-os, ela sentiu os olhos de Will se movendo com ela, seguindo-a, questionadores. E ela se encontrou hesitante em olhar para ele.

De volta à mesa, ela entregou-lhe o prato e ele o pegou sem tocar nela, nem com a ponta do dedo. Ela sentiu a distância cautelosa dele e não queria acreditar. Mas, por fim, ela entendeu, pois, nem em seus momentos mais loucos, ela poderia ter acreditado que algo tão improvável assim pudesse acontecer. Seu coração trovejava apenas por estar no mesmo cômodo que ele. E uma dor aguda se estabeleceu entre suas omoplatas. Ela começou achar difícil respirar.

— Vou pegar o bebê Thomas para você comer — ela tentou parecer casual.

— Ele pode ficar no meu colo. Desfrute de seu bolo.

Eles comeram, com medo de olhar um para o outro, com medo de que eles tivessem de alguma forma, interpretado mal, com medo de que eles não soubessem o que fazer quando os pratos estivessem vazios. Antes de eles descobrirem, Donald Wade olhou para fora da janela e apontou com o garfo. — Quem é aquela?

Will olhou e ficou de pé. — Jesus!

Eleanor deixou cair o garfo, e disse: — O que ela está fazendo aqui?

Antes de Will poder dar um palpite, Gladys Beasley subiu os degraus da varanda e bateu na porta.

Will abriu para ela: — Senhorita Beasley, que surpresa!

— Boa tarde, Sr. Parker.

— Entre.

Ele tinha a sensação de que ela teria entrado, fosse convidada ou não. Ele enfiou a cabeça para fora:

— Andou da cidade até aqui?

— Eu não possuo um automóvel. E não vi outra maneira.

Surpreso, Will a conduziu para dentro e começou a fazer as apresentações, mas Gladys o interrompeu:

— Olá, Eleanor! Nossa, você está diferente!

— Olá, senhorita Beasley — Eleanor se postou atrás de uma cadeira, os dedos nervosamente na borda do avental, como se estivesse se preparando para fazer uma reverência.

— E estes são os seus filhos, eu acho.

— Sim, senhora. Donald Wade e o bebê Thomas.

— E outro a caminho. Se você não é uma mulher de sorte, hein?

— Sim, senhora — Eleanor respondeu obedientemente, com os olhos piscando para Will. *O que ela quer?*

Ele não tinha nem uma vaga ideia e só podia dar de ombros. Mas ele entendia o pânico de Eleanor. Quanto tempo se passou desde que ela tinha se envolvido em uma conversa educada com alguém da cidade? Com toda a probabilidade, a senhorita Beasley era a primeira pessoa da cidade que Eleanor já tinha permitido naquela casa.

— Eu devo dar os parabéns, também, por seu casamento com o Sr. Parker — mais uma vez os olhos de Eleanor piscaram para Will, então ela se ruborizou e baixou o olhar para a cadeira, correndo uma unha ao longo de seu encosto.

A senhorita Beasley olhou para a mesa: — Parece que eu interrompi uma refeição.

— Não, não — Will interveio. — Nós estávamos apenas comendo o bolo...

Donald Wade, que nunca falava com estranhos, inexplicavelmente escolheu falar naquele momento: — É o aniversário da mamãe. Will, eu e o bebê Thomas estamos dando uma festa para ela.

— A senhorita não quer se sentar e comer um pouco? — Eleanor convidou.

Will mal podia acreditar no que ouvia, mas no momento seguinte, a senhorita Beasley situou sua bolsa em uma das cadeiras e foi se servir de um pedaço de bolo de chocolate e

chantilly. Apesar de Will antes não ter sentido falta de ter estranhos ao redor, ele gostou daquela visita. E se alguma vez houve uma pessoa certa para tirar Eleanor de sua reclusão, essa pessoa foi mesmo a senhorita Beasley. Ela não era exatamente a pessoa mais alegre, mas era extremamente justa, e não era do tipo que desenterrasse a história de um passado doloroso.

A senhorita Beasley aceitou uma xícara de café, com creme e açúcar, provou o bolo e franziu os lábios peludos: — Humm... Delicioso! — proclamou ela. — Tão delicioso quanto o mel que você me mandou, Eleanor. Devo dizer que eu não estou acostumada a receber presentes dos meus usuários da biblioteca. Muito obrigada.

Donald Wade saltou: — Quer ver os que mamãe ganhou hoje?

A senhorita Beasley, educadamente pousou o garfo, e deu atenção integral à criança. — Certamente.

Donald Wade mexeu ao redor da mesa, encontrou a casinha de sebo e a levou para a bibliotecária.

— Isso aqui é para os passarinhos. Eu, Will e o bebê Thomas fizemos tudo.

— Você fez isso? — ela o examinou minuciosamente. — Que inteligente. E um presente caseiro é certamente um que vem do coração, o melhor tipo, assim como o mel que sua mãe e o Sr. Parker me deram. Você é uma criança de sorte — ela deu um tapinha na cabeça dele, a forma que um adulto utilizava para se socializar com crianças. — Eles estão lhe ensinando as coisas mais importantes.

— E este aqui... — Donald Wade, animado em ter alguém novo para compartilhar seu entusiasmo, chegou próximo do presente de Will. — Este é o do Will. Ele comprou com o dinheiro do mel. E a mamãe pode bordar neles.

Mais uma vez, a senhorita Beasley deu aos itens a devida atenção: — Ah, sua mãe tem sorte, também, não é?

Subitamente, Donald Wade percebeu que a mulher era uma estranha, mas ela parecia conhecer sua mãe. Ele olhou para a senhorita Beasley com olhos arregalados e sem piscar: — Como você conhece a minha mãe?

— Como eu a conheço? Bem, ela costumava entrar na minha biblioteca quando ela era uma garota não muito maior do que você. Às vezes, eu era como a professora dela, acho que posso dizer assim.

Donald Wade piscou: — Ah! — então ele perguntou: — O que é uma biblioteca?

— Uma biblioteca? Ora, um dos lugares mais maravilhosos do mundo! Cheio de livros de todos os tipos. Livros de figuras, livros de histórias, livros para todos. Você tem que vir e visitá-la algum dia. Peça ao Sr. Parker para levá-lo. Vou lhe mostrar um livro sobre um menino que se parece um pouco com você. O nome dele é Timothy Totter. Mas... — inclinando-se para trás, ela bateu um dedo indicador nos lábios e examinou Donald Wade como se pesasse uma decisão: — Sim, eu devo dizer que Timothy Totter é o livro para um menino de.... Cinco anos de idade?

Donald Wade fez seu cabelo balançar, acenando com a cabeça.

— Você tem um cachorro, Donald Wade? —
desconcertado, ele balançou a cabeça lentamente.

— Não? Bem, Timothy Totter tem... E o nome dele é Tatters. Quando você vier, eu vou apresentá-lo a ambos, a Timothy e a Tatters. E agora, se me dão licença, eu tenho que falar com o Sr. Parker por um momentinho.

A senhorita Beasley não poderia ter escolhido um método mais suave de convencer Eleanor a enfrentar o mundo exterior novamente. Se houvesse uma maneira ideal para se chegar a Eleanor, era através de seus filhos. No momento em que o intercâmbio da senhorita Beasley com Donald Wade terminou, Eleanor estava sentada, e não parecia mais que ela estivesse se preparando para fugir. Senhorita Beasley lhe disse: — Esse é o melhor bolo de chocolate que eu já comi. Eu não me importaria de ter a receita — então, virou-se para Will, sem pausa: — Eu tenho uma triste notícia. Levander Sprague, que limpou minha biblioteca nos últimos vinte e seis anos, morreu na noite passada, vítima de um ataque cardíaco.

— Ah... Eu sinto muito — Will nunca tinha ouvido falar de Levander Sprague. Por que ela tinha vindo trazer a notícia do faxineiro ali?

— Sr. Sprague faz muita falta. No entanto, ele viveu uma vida longa e frutífera, e ele deixou para trás nove meninos para cuidar da mãe em seus últimos anos. No entanto, eu fiquei sem um zelador. O trabalho paga vinte e cinco dólares por semana. Gostaria dele, Sr. Parker?

O rosto de Will demonstrou surpresa. Seu olhar saltou para Elly; em seguida, voltou para a bibliotecária, quando ela se

apressou em dizer: — Seis noites por semana, após a biblioteca fechar. Cuidar do chão, limpar o pó dos móveis, queimar o lixo, alimentar a lareira nos invernos, ocasionalmente transportar caixas de livros para o porão, construir prateleiras adicionais quando se precisar delas.

— Bem... — a surpresa de Will se modificou para um sorriso torto. — Essa é uma oferta muito boa, senhorita Beasley.

— Eu pensei em oferecer o cargo a um dos filhos do Sr. Sprague, mas, francamente, eu prefiro ter você, Sr. Parker. O senhor tem um certo respeito pela biblioteca que eu gosto. E eu ouvi dizer que você foi sumariamente demitido da serraria, o que irritou o meu senso de justiça.

Will estava muito surpreso para estar ofendido. Sua mente viajou. O que Elly diria? E ele deveria sair à noite, quando ela estava tão perto de dar à luz? Mas vinte e cinco dólares por semana, todas as semanas, e os seus dias ainda livres!?

— Quando a senhorita quer que eu comece?

— Imediatamente. Amanhã. Hoje, se possível.

— Hoje... Bem, eu... eu tenho que pensar sobre isso — respondeu ele, percebendo que Elly deveria ter uma palavra a dizer.

— Muito bem. Vou esperar lá fora.

Esperar lá fora? Mas ele precisava de tempo para explicar a Elly sobre aquilo. Ele devia ter percebido que a senhorita Beasley não toleraria hesitações. Ele já estava coçando seu queixo, consternado, quando a porta foi fechada. No mesmo instante, Eleanor se levantou com dificuldade de sua cadeira e começou a retirar os pratos de bolo.

— Elly? — ele chamou.

Ela não olhou para ele: — Aceite, Will. Eu posso ver que você quer.

— Mas você não quer que eu queira, não é?

— Não seja bobo.

— Eu poderia comprar o material para o banheiro, e eu ainda teria os dias livres para trabalhar para você.

— Eu disse: aceite.

— Mas você não gosta de me ver na cidade, não é?

Ela deixou os pratos e deu meia-volta. — Meus sentimentos pela cidade são meus. Eu não tenho direito de prendê-lo com base neles, se é isso o que você quer.

— Mas a senhorita Beasley é justa. Ela nunca a machucou, não é?

— Aceite.

— E o que dizer de quando o bebê começar a chegar?

— Uma mulher tem uma série de avisos.

— Você tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça, mas ele podia ver que lhe custou caro deixá-lo ir.

Ele atravessou a cozinha em quatro passos, agarrou sua mandíbula e plantou um beijo rápido em sua bochecha. — Obrigado, querida — em seguida, ele saiu pela porta.

Querida? Quando ele foi embora, ela levou a mão onde os lábios dele tinham estado. Ela era provavelmente a mulher menos doce dentro de cinquenta milhas, mas a palavra tinha aquecido suas bochechas e apertado seu peito. Antes de a emoção começar a diminuir, Will voltou.

— Elly? Eu darei à senhorita Beasley uma carona de volta para a cidade e ela vai me mostrar a biblioteca, então eu provavelmente vou limpar para ela antes de voltar. Não espere por mim para jantar.

— Tudo certo.

Ele estava meio fora da porta, mas mudou de ideia e veio para o lado dela: — Você vai ficar bem?

— Sim.

Olhando para o seu rosto ansioso, ela engoliu todas as suas dúvidas. Ele nunca saberia vindo dela, o quanto ela o queria ali até que o bebê chegasse. Ou como ela temia tê-lo trabalhando na cidade onde todo mundo a chamava de louca, onde as mulheres mais bonitas e mais interessantes obrigá-lo-iam a dar um segundo olhar naquela com a qual ele havia se casado e o faria se arrepender disso.

Mas como ela poderia prendê-lo quando ele mal conseguia ficar parado de tanta excitação?

— Eu vou ficar bem — ela repetiu.

Ele lhe apertou o braço e foi embora.

CAPÍTULO 12

A SUTIL LINGUAGEM DO CORPO

Will pegou o carro em consideração à senhorita Beasley. No caminho para a cidade falaram dos meninos, do aniversário, e, finalmente, de Elly.

— Ela é uma mulher teimosa, senhorita Beasley. Você pode muito bem saber, que a razão pela qual pedi aquele livro sobre parto humano foi porque ela se recusa a ter um médico. Ela quer que eu faça o parto do bebê.

— E você vai?

— Acho que eu vou ter que fazer. Se eu não fizer, ela vai fazer isso sozinha. Isso mostra o quanto ela é teimosa.

— E você está com medo.

— Isso mesmo, estou com medo — Will, de repente, se recompôs: — Ah, desculpe-me, minha senhora. Eu quero dizer: bem, quem não estaria?

— Eu não estou te recriminando, Sr. Parker. Mas, aparentemente, os outros dois nasceram em casa, não foi?

— Sim.

— Sem complicações.

— A senhorita fala como ela.

Will contou a ela sobre o livro e como ele o tinha assustado. Ela disse a ele sobre ter ido para a faculdade e como isso a tinha assustado, mas como a experiência fez dela uma pessoa mais forte. Ele disse a ela sobre os meninos e o quão estranho ele se sentiu perto deles primeiramente. Ela lhe disse que também tinha se sentido estranha ao redor deles hoje. Ele disse a ela o quão

assustada Elly estava com as abelhas e como ele gostava de trabalhar com elas. Ela lhe disse como adorava trabalhar entre os livros e que, com o tempo, Elly veria que ele era cauteloso e diligente, mas ele devia ser paciente com ela. Ele perguntou a ela que tipo de homem Glendon Dinsmore tinha sido e ela respondeu:

— Tão diferente de você como o ar é da terra.

Ele perguntou o que significava essa diferença “ar ou terra”, ela riu e disse: — Isso é o que eu gosto em você: você realmente é curioso.

Eles conversaram por todo o caminho para a cidade, argumentaram algumas vezes, e nenhum deles considerou que combinação estranha eles faziam: Will, com seu período na prisão e educação descuidada; a senhorita Beasley com seu grau de posição e faculdade estimáveis; Will com a sua longa história à deriva; a senhorita Beasley com sua longa permanência; ele com sua família há quase três meses; ela sem uma. Ambos haviam estado solitários, cada um à sua própria maneira. Will, por causa de seu passado como órfão; Gladys por causa de seu intelecto superior; ele era um homem que raramente se confidenciava com alguém; ela, uma mulher com quem as pessoas raramente se confidenciavam. Ele teve a sorte de tê-la como uma conselheira, e ela se sentiu lisonjeada por ter sido escolhida como tal. Opostos diametrais, eles encontraram um no outro o complemento perfeito de conversação, e, no momento em que chegaram à cidade, o respeito mútuo de um pelo outro foi cimentado.

A biblioteca foi fechada naquela tarde em memória de Levander Sprague, que tinha trabalhado lá por quase um terço de sua vida. Era um dia nublado, mas o interior do edifício estava quente e brilhante. Entrando, Will olhou para o lugar com novos olhos, a madeira brilhando, as janelas e a ordem impecável. Quão bom era que ele pudesse trabalhar em um lugar assim!

A senhorita Beasley o acompanhou. Explicando suas funções, mostrou-lhe os apetrechos do zelador e pediu que ele chegasse todos os dias cinco minutos antes de fechar, para que ela pudesse lhe passar todas as instruções especiais; em seguida, deu-lhe a chave.

— Para mim? — ele olhou a chave como se ela fosse o relógio de ouro de um avô.

— Você vai fechar a biblioteca quando sair todas as noites.

A chave. Meu Deus! Ela estava disposta a confiar-lhe a chave. Em toda a sua vida ele não tivera lugar. Agora ele tinha uma casa e uma biblioteca, a qual ele poderia usufruir a qualquer momento que ele escolhesse. Olhando para o metal frio, na palma da sua mão, disse-lhe em voz baixa: — Senhorita Beasley, esta biblioteca é propriedade pública. Algumas pessoas daqui da cidade podem se opor a você dar a chave para um ex-presidiário.

Ela estufou o peito, até que seu peito se projetou e cruzou os braços por baixo deles. — Basta deixá-los tentar, Sr. Parker. Eu daria boas-vindas à guerra — ela estendeu a mão e fechou os dedos dele sobre a chave. — E eu ganharei.

Sem dúvida, ela estava certa. Na palma da mão o bronze o aquecia, enquanto um sorriso ergueu um canto dos seus lábios e se espalhou para o outro. *Algum pobre idiota poderia ter ficado*

com ela por toda a sua vida e perdeu a oportunidade – ele pensou. Esta cidade parecia estar habitada por alguns homens bem estúpidos.

Ela o deixou em seguida, indo para casa para passar o resto do seu tão raro dia de folga. Ele caminhou pelas salas silenciosas, maravilhado, percebendo que não haveria supervisor, contramestre ou guarda; ele poderia fazer as coisas à sua maneira, no seu próprio ritmo. Ele gostou do silêncio, do cheiro, do espaço e da finalidade do local. Parecia representar uma faceta da vida que ele tinha perdido. Pessoas respeitáveis vinham ali, seguramente. De agora em diante ele seria um deles, deixando sua casa confortável e vindo ali para trabalhar, recebendo um salário semanal, sabendo que ele faria o mesmo na próxima semana, e na próxima, e na próxima. Cheio de sentimentos que ele não conseguia uma maneira de expressar, ele pressionou ambas as mãos espalmadas sobre uma das mesas de estudo, sólidas, funcionais, necessárias, como ele seria agora. Boa madeira, bom carvalho duro, em uma mesa construída para durar. Ele iria durar também naquele trabalho, porque ele tinha encontrado na senhorita Beasley uma pessoa que julgava um homem pelo o que ele era, e não pelo o que ele tinha sido. Ele ficou em uma das enormes janelas do tipo basculante e olhou para a rua abaixo, e murmurou: — Levander Sprague, onde quer que esteja, muito obrigado.

A sala do zelador continha o material de limpeza e um cheiro de óleo de limão. Will adorou aquilo e a ideia de que ali era do seu próprio domínio. Reunindo o material, foi ansiosamente para a área pública e, com as cadeiras viradas,

varreu o piso de madeira sólido; depois, passou um esfregão de pano úmido. Ele espanou os peitoris das janelas, os móveis, o topo da mesa da senhorita Beasley, esvaziou a lixeira, queimou os papéis no incinerador, e se sentiu como se ele tivesse acabado de ser eleito como governador.

Às seis e meia, ele foi para casa. *Casa*. A palavra nunca tinha mantido tal promessa. Ela estava esperando lá, a mulher que o chamou de querido. Aquela, com um rosto o qual ele tinha beijado, cujo leito ele compartilhava. No pensamento de voltar para ela, visões encheram a sua mente: ela de braços abertos lhe esperando, jogando-se entre os seus braços; ele sentindo suas mãos sobre os seus ombros; ela enterrando o rosto em seu pescoço. Ele sentiu a sensação de ser abraçado como se ela se importasse com ele. Will se sentia diferente agora que ele tinha um emprego. Audaz, mais digno. Talvez, naquela noite ele a beijasse e que fosse para o inferno as consequências!

A cozinha estava vazia quando ele chegou. Mas a sua ceia esperava num prato coberto na pia. O bolo de aniversário permanecia no centro da mesa. Do quarto dos meninos vinha um feixe de luz e um murmúrio de vozes. Ele levou seu prato e garfo para a porta e encontrou Elly deitada debaixo das cobertas, na cama de Donald Wade, com um braço em volta de cada um dos meninos. Ela lhes contava uma história:

— ...E fez uma corrida em torno do galinheiro e, naquele momento, um ronco de raposa foi ouvido, enquanto ele se preparava para achá-la... E quando ele... — ela olhou para a porta — Ah... Will... Oi — seu rosto registrava prazer. — Eu estava contando uma história para os meninos dormirem.

— Não pare.

Seus olhares ficaram presos durante várias batidas eletrizantes de seus corações, enquanto o rubor aumentava no rosto de Elly e ela colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. Finalmente, ela continuou com a sua história. Will descansava no batente da porta, comendo a sua sobra de carne e feijão, ouvindo e rindo, enquanto ela entretinha os meninos com uma história alegre, povoada de bichos peludos. Quando a história terminou, ela deu a cada um de seus filhos um beijo, então, se levantou da cama e estendeu as mãos para Thomas.

Will se afastou da porta. — Você não deveria estar levantando o Thomas. Aqui, segure isso — ele entregou-lhe o prato e içou Thomas, transferindo-o para o berço. Seguiu-se o ritual dos beijos de boa-noite, então eles deixaram a porta dos meninos entreaberta e caminharam em direção à cozinha.

— Então, como foi na biblioteca?

— Sabe o que ela fez? — ele perguntou, animado.

— O quê?

— Ela me deu o molho de chaves. Agora eu tenho a chave para qualquer sala de lá.

Eleanor ficou tocada, não só por sua animação, mas pela confiança da senhorita Beasley nele. Ele lavou a louça do lanche do aniversário, enquanto ela se acomodou em uma cadeira de balanço e colocou um dos linhos que tinha recebido de presente em um bastidor de madeira. Ele se serviu de uma xícara de café e arrastou uma cadeira da cozinha para perto dela e, enquanto bebericava, olhava os dedos dela criando flores coloridas onde, antes, apenas tinha um tecido de linho. Eles conversaram em voz

baixa, calmos na superfície, mas, quando o relógio se aproximou da hora de dormir, uma tensão subjacente ferveu dentro deles.

Will se levantou e esticou o corpo, enquanto Eleanor afastou o trabalho manual. Eles fizeram os afazeres necessários do lado de fora, fecharam a casa para a noite e se retiraram para o quarto para se despirem de costas um para o outro, como se tornara o hábito deles. Quando tirou a calça, Will se virou para olhar por cima do ombro e obteve um vislumbre das costas nuas e do lado de um dos seus seios, enquanto ela jogava uma camisola branca sobre sua cabeça.

Querido. A memória da palavra simples o agarrou com todas as suas possibilidades de entendimento. *Ela quisera mesmo dizer: querido? Com todo o significado da palavra? Se sim, pela primeira vez em sua vida ele era querido por alguém. Seria verdade? Não podia ser.* Sentou-se na beirada da cama considerando, esperando vir o peso dela mergulhando no colchão, antes que ele se acomodasse e abaixasse o pavio da lamparina.

Eles ficaram com os olhos presos no teto, à medida que as memórias do dia pululavam em suas mentes: presentes de aniversário, um carinho, um aperto de mão, um beijo de despedida, nada muito notável. O notável estava acontecendo dentro deles. Mas continuaram quietos, tremendo por dentro, disciplinando-se com a imobilidade. Pelo canto do olho, ela vislumbrou o peito nu do homem, os cotovelos próximos, as mãos cruzadas atrás da cabeça. Da mesma forma ele viu a circunferência da gravidez, a manta cobrindo suas costelas e sua camisola de gola alta abotoada. Debaixo de sua mão, ela sentiu

o seu batimento cardíaco com a manta por cima. Na parte de trás do crânio, ele sentiu um peso, um ritmo acelerado. E os minutos se arrastavam. Ninguém se moveu. Nenhum dos dois falou. Ambos pensando.

Apenas um beijo de boa noite. Por que, não? Que dificuldade há nisso? Apenas um beijo, por favor. Mas... e se ela o empurrar para longe? Que mulher vai querer um homem que esteve com tantas outras? A maioria delas foi paga, Elly, nenhuma delas significou algo. Eu sou indigno. Eu sou indesejável. Eu sou solitário.

Por sua vez, Elly também conjecturava: *O que pode ter para ele em uma mulher tão grávida, que anda como um pato? Que homem vai querer sentir debaixo dele o bebê de outro homem? Sim, é o bebê do Glendon, mas ele nunca fez com que eu me sentisse assim. E eu não sou bonita.*

Vire-se para ela, ele pensou.

Vire-se para ele, ela pensou.

O pavio da lamparina estalou. A chama torceu, distorcendo a projeção da claridade no teto. O colchão parecia tremer com as incertezas deles. E, quando parecia que o próprio ar iria chiar com o raio de calor deles, eles falaram ao mesmo tempo:

— Will?

— Elly?

Suas cabeças se viraram e seus olhos se encontraram.

— O quê? — ela perguntou.

Uma pausa.

Em seguida: — Eu... eu esqueci o que eu ia dizer — ele respondeu.

Dez segundos de silêncio preencheu o quarto, antes de ela dizer baixinho: — Eu também.

E eles olharam um para o outro, sentindo-se como se estivessem sufocando, cada um com medo, agarrando-se as suas inseguranças, cada um desesperado. Então, todo o passado dele e dela sobrevieram e explodiram como uma estrela distante. Os lábios dela se separaram, um convite inconsciente. O ombro dele saiu do colchão e ele rolou em direção a ela, devagar o suficiente para lhe dar tempo para fugir, se ela quisesse. Em vez disso, os lábios dela formaram seu nome. — Will... — mas ele escapou sem um som, quando ele se inclinou sobre ela e tocou-a com a sua boca. Não foi um beijo apaixonado, mas um toque cheio de inseguranças: tentando; incerto; uma mistura de ar, mais do que de pele. Mil perguntas encapsuladas no toque trêmulo de duas bocas tímidas, enquanto seus corações trovejavam, suas almas e corpos procurando alívio. Ele se inclinou, olhou nos olhos dela e havia a cor da aceitação, um verde profundo na sombra que sua cabeça projetava. Ela também estudou os olhos dele de perto, castanhos, olhos vulneráveis, que ele tantas vezes escondia debaixo da aba de um chapéu amassado. Ela viu as dúvidas que o tinham acompanhado a este limiar e se admirou de que alguém tão bom, tão bonito por dentro e por fora, tivesse que abrigar tais sentimentos, quando era ela que estava abrigando tais dúvidas; a simples e grávida Elly See, detentora do riso e dos dedos das pessoas da cidade apontando para ela. Mas, nos olhos dele, ela não viu o riso, apenas uma mistificação profunda coincidindo com a dela.

Ele a beijou novamente. Levemente, suavemente, o roçar de uma asa de uma borboleta em cima de uma pétala, enquanto as pontas dos dedos dela roçavam o peito dele. E, finalmente, a solidão da vida de Will Parker parou de doer. Ele pensou em seu nome, repetidas vezes: *Elly, Elly...* Uma bênção, quando o beijo se aprofundou, mais firme, mais completo... mas ainda com uma certa reserva, afinal, eram duas pessoas educadas para rejeitarem a possibilidade de milagres assim, e agora estavam se esforçando para mudarem suas crenças. As mãos dele se fecharam sobre os braços dela e Elly apalpou o peito dele, mas ele continuou a buscar mais espaço, conforme abria os lábios dela com os seus, trazendo o primeiro toque de línguas: quentes, úmidas e ainda trêmulas. Corações que haviam martelado com incertezas, bateram agora com exultação. Eles procuraram e encontraram um ajuste mais íntimo e o beijo se tornou algo mais do que qualquer um deles esperava, doce troca, trazendo mais do que o fluxo de sangue e o impulso de corações, trazendo também a garantia de que Will e Eleanor eram seres vivendo um grande momento. Ele pairava sobre ela, apoiando o seu peso em ambos os cotovelos, com medo de machucá-la. Mas ela se aproximou dele, mais perto, mais forte, para o local onde seu coração se levantava em direção ao dele. E ele repousou sobre seus seios, cautelosamente no início, até que a aquiescência dela se tornou inconfundível. Por longos minutos maravilhosos eles se saciaram com o que ambos tinham encontrado. E, pouco antes de Will se separar, ele olhou para o rosto dela e encontrou a mesma expressão de admiração que ele próprio estava sentindo. Olharam-se, renovados. Então, envolveram um ao

outro apertadamente e se abraçaram. Porque só beijar não mais parecia uma expressão adequada ao que eles sentiam. Um tempo depois, ele a puxou com segurança, pressionando o rosto dela em sua garganta, dobrando-se em torno de sua barriga saliente.

— Elly, Elly. Eu estava com tanto medo.

— Eu também.

— Eu achei que você iria me rejeitar.

— Mas isso é o que eu pensei que você faria.

Ele se afastou para ver o rosto dela. — Por que eu faria isso?

— Porque eu não sou muito bonita. E eu estou grávida e sou desajeitada.

Ele embalou o rosto dela com ternura. — Não... Não. Você é uma pessoa bonita. Eu vi isso naquela primeira manhã que eu estive aqui.

Ela segurou a mão dele e escondeu os olhos em sua palma. Essas coisas eram mais fáceis de admitir por trás dos olhos fechados.

— E eu não sou muito brilhante, e talvez eu seja louca. Você sabia de tudo isso.

Ele a fez levantar o queixo e olhar para ele: — Mas eu matei uma mulher. E eu estive na prisão e em prostíbulos. Você também sabia disso.

— Isso foi há muito tempo.

— A maioria das pessoas nunca se esquece.

— Eu pensei, porque era o bebê de Glendon dentro de mim, que você não gostaria de me tocar.

— O que isso tem a ver? — ele perguntou, surpreso. E o coração de Elly parecia muito pequeno para conter tanta alegria.
— Oh, Will!

Ele perguntou: — Será que eu poderia tocá-la uma vez? Sua barriga... Eu nunca toquei uma mulher grávida.

Ela estava encabulada, mas acenou com a cabeça. As mãos dele, então, moldaram os lados de sua barriga, cuidadosamente, como se fosse um buquê de flores que pudesse ser esmagado.

— É dura... Eu pensei que seria mais macia. Ah Deus, Elly, tocar você é tão bom.

— Assim é como eu me sinto com você — ela lhe tocou o cabelo, grosso e com o cheiro inconfundível que era característico dele.

— Eu senti falta disso — ele fechou os olhos e deu-lhe permissão para tocá-lo. Se ele vivesse até os mil anos, ele nunca se cansaria da sensação das mãos dela em seus cabelos.

Com o tempo, ele deixou seus olhos se abrirem, por alguns minutos, olhando para aqueles incríveis olhos verdes, que olhavam para os cabelos bagunçados dele. Ela, com seus lábios suavemente inchados. De repente, Will se encontrou com muito ciúme dos seus primeiros anos com Glendon Dinsmore.

— Você ainda pensa nele? — ele perguntou.

— Eu não tenho pensado nele há semanas.

— Eu pensei que você ainda o amasse.

Ela se encheu de coragem e repetiu as palavras dele: — O que isso tem a ver? Você acha que eu vou amar este bebê menos, só porque os outros dois vieram antes dele?

Apoiando-se em um cotovelo, ele olhou para ela e engoliu em seco. Ele sentiu como se um grande punho tivesse se fechado em torno de seu peito. Quando ele falou, deu a impressão de que lhe custava falar:

— Elly, ninguém jamais... — envergonhado, ele não pôde continuar.

— Ninguém jamais te amou antes? — ela segurou o rosto dele com ternura. — Bem, eu o amo.

Seus olhos se fecharam e ele colocou a boca na palma da mão dela, apertando-a em seu rosto.

— Ah, Elly... — acima de todas as coisas que ele tinha perdido, a falta de amor havia deixado o maior vazio. Ainda que, por uma vez em sua vida, ele desejava ouvir isso. Havia sonhado em ouvir isso durante cinco longos anos em uma prisão e em todos os anos solitários que ele passou vagando; e durante toda sua infância, enquanto observava outras crianças, os sortudos, saírem do orfanato e se abrigarem na segurança das carroças ou dos carros de seus pais.

— Ninguém. Jamais — reiterou. — Não, em toda a minha vida. Nenhuma mãe, nenhuma mulher, nenhum homem.

— Bem, sua vida ainda não chegou nem na metade, Will Parker. O segundo semestre será muito melhor que o primeiro, eu prometo.

— Você poderia dizer mais uma vez? — ele pediu.

O coração de Elly batia como as asas de uma águia, levando-a a se elevar, enquanto falava as palavras.

— Eu te amo, Will Parker.

O agulhão lhe bateu nas pálpebras e ele abaixou a cabeça, porque ninguém o havia preparado para aquilo, ninguém lhe havia dito que, quando isso acontecesse, ele seria ressuscitado. Tudo o que ele foi, não seria mais. Tudo o que ele não foi, seria agora. Ele aproximou-se, enterrando seu rosto acima dos seios dela, respirando rápido.

— Ah, Deus... — ele disse. — Ah, Deus!

Ela segurou a cabeça dele como se ele fosse uma criança despertando de um sonho ruim.

— Eu te amo — ela sussurrou, contra seu cabelo, sentindo suas próprias lágrimas.

— Ah, Elly, eu também te amo — ele proferiu com voz dolorida —, mas eu tinha tanto medo de que ninguém pudesse me amar. Eu pensei que, talvez eu fosse indigno de ser amado.

— Ah não, Will, não, não você — as palavras dele deixaram-na com o profundo desejo de curar e fizeram a garganta dela doer, enquanto ela se aconchegava em volta dele, segurando sua cabeça de forma protetora e o sentindo respirar contra seus seios. Ela colocou as mãos por entre os cabelos dele e o sentiu com crescente prazer. Passou as pontas dos dedos sobre seu crânio em longas e lentas varreduras... Uma vez... Duas vezes... E outra vez. Absorvendo seu cheiro, memorizando-o, imprimindo-o para sempre em seus sentidos. Seu cabelo era grosso, da cor da grama seca. Ele tinha crescido desde que ela o tinha cortado, tornando-se desgrenhado no pescoço onde ela acariciava sua nuca, então, alisou-o, antes de começar outra vez a torção sensual no alto da cabeça dele. Ele estremeceu, fez um som de gratificação, veio do fundo de sua garganta.

Por toda a sua vida ele ansiou que alguém o tocasse desta forma, para tocar o menino nele, assim como o homem, para acalmar, para tranquilizar. A sensação dos dedos dela em seus cabelos trouxe de volta uma medida de tudo o que ele tinha perdido. Ele era terra seca, ela chuva fresca; ele, um copo vazio; ela, rico vinho. E, nesses momentos de proximidade, ela o preencheu; preencheu-o por toda a carência de sua vida de solitário, tornando-se, de uma só vez, todas as coisas de que ele precisava: mãe, pai, amiga, esposa e amante. Quando ele se sentiu saciado, levantou a cabeça como se estivesse bêbado de prazer.

— Eu costumava assistir você tocar os meninos dessa forma. Eu queria te dizer: toque-me também, como você os toca. Ninguém nunca fez isso comigo antes, Elly.

— Eu vou fazer isso sempre que você quiser. Lavar seu cabelo e penteá-lo, esfregar suas costas, segurar a sua mão... — ele a interrompeu, beijando-a com gratidão. Apoiou sua parte superior do corpo e empurrou-a suavemente para o travesseiro, deixando sua mão vaguear sobre seu pescoço e ombro, sugando sua boca, abrindo os dedos no rosto dela, descansando um polegar tão perto que quase se tornou parte do beijo. Seu corpo vibrou querendo se juntar mais plenamente nessa união. Percebendo que isso era impossível, ele interrompeu o beijo, mas acariciou o pescoço dela com a mão, a pulsação dela combinava com a rapidez da dele.

— Você sabe por quanto tempo eu te amei? — ele perguntou.

— Quanto tempo?

— Desde o dia em que você jogou o ovo em mim.

— Todo esse tempo e você nunca me disse nada. Ah, Will...

Um sentimento forte sobreveio. Ele tomou sua boca novamente, lavando seu interior com a sua língua, segurando os braços dela fechados em torno de seu pescoço. Ele mordeu os lábios dela. Ela mordeu de volta. Ele levantou um joelho e apertou-a duramente entre as pernas. Abriu-as e apertou sua coxa. Ele circulou sua imensa cintura e a segurou como se fosse para sempre.

— Diga-me outra vez — ele exigiu, insaciavelmente.

— O quê? — ela provocou.

— Você sabe. Diga-me.

— Eu te amo.

— Uma vez mais. Eu tenho que ouvir mais.

— Eu te amo.

— Você vai se cansar de mim pedindo para você dizer isso?

— Você não terá que pedir.

— Tampouco você. Eu te amo, Elly — outro beijo, um curto selo, e, em seguida, uma pergunta cheia de impaciência infantil.

— Quando você soube?

— Eu não sei. Foi crescendo e...

— Quando nos casamos?

— Não. Antes.

— Quando engarrafamos o mel?

— Pode ser.

— Bem, com certeza não foi quando você jogou aquele ovo, não é?

Ela riu.

— Mas eu notei o seu peito nu pela primeira vez naquele dia e eu gostei.

— Meu peito?

— Aham.

— Você gostou do meu peito antes de gostar de mim?

— Quando você estava se lavando, ao lado do poço.

— Toque-o — cheio de júbilo, ele achatou a mão dela contra ele. — Toque-me em qualquer lugar. Deus, você sabe quanto tempo passou desde que uma mulher me tocou?

— Will... — ela o repreendeu timidamente.

— Você é tímida? Não seja tímida. Eu pensei que eu era também, mas, de repente, parece que temos muito tempo para compensar. Toque-me.

— Não, espere. Levante-se. Primeiro eu tenho que ver você — disse ela.

Ele ficou sobre os joelhos e a puxou para ajoelhar-se diante dele, segurando as mãos dela.

— Deixe-me olhar para você. Misericórdia, você é uma visão bonita — o queixo dela abaixou timidamente e ele o reergueu, tocando nos cabelos desgrehados dela, colocando-os atrás das orelhas, em seguida, ajeitando-os com as pontas dos dedos, e arrumando as pontas dos cabelos sobre os ossos da clavícula dela, sempre lhe fazendo um carinho.

— Você quer dizer que eu não tenho que me esgueirar mais quando eu quiser olhar para você? Você tem os olhos verdes. O verde é minha cor favorita, mas você já sabia disso — ele sorriu.

Ela cruzou as mãos entre os joelhos, completamente entregue para aquele homem.

— Eu costumava pensar que se eu tivesse a sorte de ter uma mulher só minha, ela teria que ter os olhos verdes. Agora você está aqui. Você e seus olhos verdes... e suas bochechas rosadas e sua... encantadora boca pequena... — com os polegares, ele tocou os cantos dos lábios dela e deixou suas mãos trilharem até os ombros, depois até os braços, onde pararam.

— Elly — ele sussurrou —, não se mova.

Ele deslizou as mãos para os lados de seus seios e os segurou levemente, enquanto o sangue subia ao rosto dela, que procurou um lugar seguro para descansar seu olhar. A luz fraca se moveu nas dobras de sua camisola, conforme ele segurou um seio em cada mão, as palmas das mãos demasiado estreitas para conter sua plenitude pré-natal. Gentilmente, ele os remodelou, em seguida, liberou-os deslizando uma mão para baixo até a parte mais larga da barriga. Ali a mão pousou com os dedos abertos. Ele assistiu sua mão, logo juntou a outra para alisar o tecido em direção ao umbigo distendido. Inclinando-se, ele beijou sua barriga, que, antes, ela pensava ser feia o suficiente para não querer mostrá-la fora da camisola.

— Will — ela encontrou o queixo dele e tentou levantá-lo. — Eu estou gorda como uma abóbora. Como você pode me beijar aí?

Ele se endireitou. — Você não está gorda, você está apenas grávida. E se eu vou te entregar esse bebê é melhor eu começar a conhecê-lo.

— Eu pensei que tinha me casado com um homem quieto e tímido.

— Eu também pensava assim — ele sorriu. E se perguntou se a vida seria sempre tão boa.

Ele decidiu que, certamente, amanhã e nos próximos dias, só poderia ficar melhor.

E ele estava certo.

Ele nunca tinha imaginado a felicidade como a que se seguiu nos dias e noites seguintes: rolar no sono e puxá-la contra ele e desaguar de novo em um casulo de bem-aventurança ou, melhor ainda, rolar para o outro lado e senti-la o seguindo, pressionando-se atrás dele; sentir sua mão circular sua cintura, com os pés debaixo dos dele e a respiração dela em suas costas; despertar e encontrá-la deitada, e com uma mão em sua face, estudando-o; beijá-la, então, à luz enevoadada da manhã e saber que ele poderia fazê-lo a qualquer momento; deixá-la com um beijo de adeus e voltar ansioso para casa; entrar na cozinha e encontrá-la trabalhando na pia, olhando timidamente por cima do ombro, em seguida, para as mãos, até que ele atravessava a cozinha e colocava as duas mãos nos bolsos do avental que ela usava e apoiava o queixo no ombro dela; beijar a parte de cima do ombro dela, esperando o momento melhor, quando ela se viraria e elevaria os braços em um abraço de boas-vindas; comer o bolo do seu garfo, trançar seus cabelos, encher uma xícara de café para ela ou vê-la bordar; ajudá-la a lavar os cabelos e, por vezes, beijar-lhe as orelhas; agarrá-la quando ela achava que ele

estava dormindo, e ir acordá-la com um beijo na boca; andar pelo pátio de mãos dadas, puxando os meninos para a carroça.

Só uma coisa o incomodou durante esses dias serenos: Lula Peak. Não levou muito tempo para ela descobrir que Will era o novo zelador na biblioteca. Uma noite, após uma semana em seu novo trabalho, ela entrou pela porta dos fundos e encontrou Will numa sala, colando a perna solta de uma cadeira.

— Ei, doçura, onde você foi se enfiar?

Will deu um salto e se virou assustado.

— A biblioteca está fechada, senhora.

— Bem, eu sei disso. Então fechei o café e pensei em passar aqui e felicitá-lo pelo seu novo emprego — ela encostou-se ao batente da porta, com um braço na altura da cintura e o outro pendurando perto do V branco da gola do seu uniforme. — Isto é o que a boa vizinhança faz, não é?

— Eu agradeço, senhora. Agora, se me dá licença, eu tenho trabalho a fazer.

Ele se agachou novamente, virando as costas, cuidando da cadeira. Ela se moveu pela sala sem janelas e ficou atrás dele com seu joelho pressionando suas costas.

— Você pensou sobre o que eu disse, doçura? — ela tocou na lateral do pescoço de Will. — Um homem como você faz com que uma mulher fique muitas noites acordada, pensando. Imaginei que, talvez, você esteja ficando acordado, também, com aquela sua esposa estando grávida. Não há sentido em nós dois perdermos o sono, agora, não é?

Ele girou sobre seus pés, pegou-a pelos ombros e a empurrou para trás.

— Eu não estou à procura de problemas, eu já te disse antes — ele enfiou as mãos nos bolsos, sentindo-se mal por tocá-la. — Eu sou um homem bem casado, senhorita Peak. Temo que tenha que pedir para você sair, porque eu tenho trabalho a fazer.

Ela deixou os olhos serpentearem sobre ele, da testa aos quadris, e de volta ao rosto. — Você está corando, doçura, você sabia disso? Deve significar que você está quente... Vamos ver — ela chegou a tocar o rosto dele, mas ele agarrou seu pulso e a afastou para longe, apertando forte.

— Droga, Lula, eu disse para sair daqui.

Os olhos dela tornaram-se fogo, irradiando entusiasmo: — Bem, isso é uma melhoria. Pelo menos estamos nos tratando pelo primeiro nome.

— Eu não quero que você venha aqui novamente.

— Alguns homens não sabem o que querem.

Como uma cobra, ela atingiu as mãos de Will com as unhas, que recuou com um movimento rápido.

— Droga! — ele olhou para a mão e viu sangue.

— Onde é que isso nos leva, Parker, hein? — ela o desafiou a partir da porta, os ombros para trás, as mãos nos quadris, os olhos brilhando com uma alegria feroz. — Eu sei coisas daquela sua esposa louca que você nunca sequer sonhou. Pense sobre isso — ela se virou e correu.

Ele se sentiu violado, irritado, culpado e impotente porque ela era uma mulher e ele não poderia bater nela com os punhos, como ele tinha feito com os homens que tinham tentado seduzi-lo na prisão. Naquela noite, voltando para Elly, ele segurou seus

sentimentos dentro de si, com medo de contar para ela sobre Lula, com medo de comprometer a nova proximidade crescente deles.

Na biblioteca, ele sempre trancava a porta da frente, mas depois da intrusão de Lula, ele trancou a porta de trás também. No entanto, ela o encurralou outra noite. Foi quando ele foi levar o lixo para fora para queimar em um incinerador atrás do edifício. Colocando-se atrás dele, no escuro, ela tocou-o antes que ele estivesse ciente de sua presença. Ele a empurrou mais duramente desta vez, fazendo-a chocar-se contra o incinerador, xingando, erguendo o punho, mas detendo-se a tempo.

— Faça — ela incitou-o. — Faça isso, Parker — e ele percebeu que ela estava doente, impulsionada por alguma necessidade, uma compulsão que o assustava.

— Mantenha-se fora do meu caminho, Lula — ele disse, pegou sua lata de lixo e saiu dali.

Ele tentou deixar o incidente de fora de sua mente, mas encontrou-se olhando por cima do ombro toda vez que saía pela porta da biblioteca, cada vez que ele a trancava no final da noite. Ele ficou mais perto ainda de Elly, apreciando-a mais, acalmando-se com a sua bondade.

À noite, quando ele voltava para casa, ela despertava, esticava-se e via-o tirar a roupa e se deitar ao seu lado; os braços dela se abriam e eles se beijavam, murmurando até a hora em que, lá fora, despontavam as ervas e a lua começava a despedir-se. Embora fossem marido e mulher, seus abraços permaneceram castos. Às vezes, ele acariciava os seios dela,

mas, conforme o seu tempo se aproximava, ela se afastava e ele ficava ferido por uma onda de culpa.

— Elly, querida, desculpe-me, eu te machuquei?

— Eles são sempre um pouco sensíveis nesta época.

Depois disso, ele a beijava e abraçava, mas nada mais que isso. Ela sempre usava sua longa camisola branca e ele sabia que ela ainda era tímida quanto à exposição de seu corpo. Embora ele estivesse tentado a fazer mais, ele nunca forçou nada além de povoar beijos e encontrar-se com seus corpos entrelaçados.

No início de dezembro, uma noite, ele encontrou um bilhete de Lula pregado na porta de trás, ao sair do trabalho. Ela tinha feito um desenho, uma imagem obscena sugerindo como ela poderia emocioná-lo quando ele finalmente aceitasse o seu convite. Naquela noite, ele teve um sonho: Estava caminhando por uma estrada do Texas. Era meio-dia e estava tão quente que a terra queimava através das solas de suas botas. Sua boca estava seca e uma dor surda curvou seus ombros. Ele andou até uma encosta rochosa, ofegante e cansado, depois parou surpreso com a visão além do topo. Uma camada do céu podia ter caído de cima, de tão brilhante que era o vale abaixo, cheio de capotas azuis de carros do Texas, que pareciam refletir o azul-cobalto de uma taça. Um filete de água dividia o campo; as flores estavam tão enraizadas como as botas de um homem; ele se ajoelhou para beber, agitando o rosto e o pescoço, abrindo o colarinho e o colete de couro. Ele colocou as mãos em concha e quando começou a sorver a água, um par de pés entrou à vista, sob o seu nariz. Uma saia amarela transparente flutuou na

superfície da água. Ele olhou para os olhos negros e cabelo combinando.

— Will, você estava procurando por mim? — Era Carmelita, uma das mulheres do bordel, em La Grange. Ela tinha sangue mexicano o suficiente para deixar sua pele escura e os lábios da cor de uma ameixa vermelha madura.

Ele ficou de cócoras e passou a mão sobre sua boca lentamente, olhando para ela, conforme ela colocava as mãos em ambos os quadris e balançava sedutoramente. Seus pés firmavam as coxas delineadas através da saia amarela. Ela se abaixou e, preguiçosamente, molhou os braços, inclinando-se até que seus seios puderam ser avistados de dentro da blusa estilo camponesa.

— Ei, Will Parker, o que você está olhando, hein? — ela se endireitou, ainda com as pernas separadas e torceu sua saia, seduzindo-o com um vislumbre de sua pele nua, pretos pelos pubianos abaixo. Ela riu de forma rouca e se moveu em direção à beirada. Ficando de joelhos, ela começou a lavar o rosto com aquela saia molhada. Ele a alcançou e agarrou seus quadris nus. Imediatamente, ela o empurrou, afastando-se pela água rapidamente, rindo de forma rouca. — Will quer Carmelita. Venha e pegue-a — ele estava tirando o colete antes das palavras deixarem os seus lábios. Em seguida, ele mergulhou no frio riacho. Ela gritou e correu, mas ele a pegou e a girou na água que deixava as roupas dela coladas ao corpo. Ele mordeu o mamilo, através da blusa molhada, e ela gritou novamente, rindo; então, fugiu para longe, lutando contra a corrente, enquanto tirava a blusa e a arremessava em seu rosto. Ele mergulhou

atrás dela, tirando a roupa que lhe agarrou na cabeça e a abordou, enquanto ela subia o riacho, beijando-a voluptuosamente, deixando seu cabelo preto molhado ficar entre as línguas dos dois. Seu dedo estava dentro dela antes das ondulações criadas por eles no riacho desaparecerem, e ela se contraiu vigorosamente, rindo em um contralto rico. Rolaram descontroladamente na areia. Quando eles pararam, sem fôlego, ela estava em cima, pedindo-lhe com quadris experientes.

— Will gosta disso? — ela rosnou na garganta dele e tomou-lhe a mão com pouca delicadeza. Firmemente a acariciá-lo, ela deixou os olhos piscarem maliciosamente.

— Will vai gostar disto ainda mais — ela mergulhou para baixo, sem convite, abriu a boca e estreitou seu mundo a um corredor onde carnalidade era tudo o que importava.

— Will... Acorda, Will!

Desorientado, ele abriu os olhos para se encontrar não em um campo de capotas azuis de carros do Texas, mas em uma cama de ferro; com o rosto molhado, não pela água do riacho, mas por seu próprio suor, não com Carmelita, mas com Elly. Seu corpo estava como um cacto em uma chuva de março e sua mão estava dentro da roupa interior de algodão de Elly, em seu corpo grávido. Assustada, ela olhou para trás por cima do ombro. Manteve-se rígida, muito perto do clímax para arriscar mesmo um movimento mais fraco.

— Eu estava sonhando — ele conseguiu dizer com uma voz rouca.

— Você acordou agora?

— Sim — ele retirou a mão e rolou de costas, cobrindo os olhos com um pulso.

— Desculpe — ele murmurou.

— O que você estava sonhando?

— Nada.

— Comigo?

Com medo de ferir os sentimentos dela, ele permaneceu em silêncio, condenando Lula e o sonho, e seu próprio corpo pela necessidade de liberação.

— Elly, você tem medo de me deixar tocar em você?

— Você me toca o tempo todo.

— Não lá.

Silêncio... Então: — Eu não quero que você me veja. As mulheres grávidas não são tão bonitas de se ver.

— Quem te disse isso?

— Elas simplesmente não são.

— Eu vou te ver quando o bebê nascer.

— Não por muito tempo. E depois eu não estarei assim.

Ele moveu o pulso e olhou para o teto, pensando: *Não é habitual duas pessoas que se encontram uma ao lado da outra, casados durante todo esse tempo, e nunca terem feito amor.*

— Eu vou apagar a lamparina, Elly.

Sem resposta, ele se aproximou e abaixou o pavio. Na escuridão incomum havia o cheiro forte de fumaça e querosene.

— Venha aqui — ele fechou a mão sobre o braço dela e a puxou suavemente.

— É tempo para isso, você não acha?

— Will, eu gosto quando você me beija e me segura, mas eu não posso fazer mais nada.

— Eu sei — ele encontrou seus quadris e rolou para enfrentá-la. — Mas eu estou morrendo a cada noite, perguntando-me. Você não está? Eu vou ser o mais gentil possível. Ele puxou a camisola para cima e colocou as duas mãos sobre ela. — Eu quero que você saiba uma coisa, Elly — ele beijou sua boca, soprou sobre ela, sentiu seu coração batendo muito forte. — Eu gostaria que este bebê fosse meu.

Ele explorou sua pele como se fosse braile, não deixando mais segredos.

— Ah, Elly... Elly... — ele murmurou com voz rouca. Em seguida, ele encontrou sua mão e colocou-a sobre si e sua respiração tornou-se uma batalha pelo ar. Ele estremeceu e ejaculou em sua mão. Rapidamente. Depois disso, ele se sentiu curado e renovado, e estendeu a mão para ela novamente, gentilmente. Mas ela empurrou a mão dele, suspirou e enrolou-se contra ele.

Ele estava deitado, segurando-a, enquanto as emoções vieram purificá-lo. Ele pensou em agradecer a ela, mas se considerava desarticulado em um momento muito precioso para fatiá-lo com as palavras. Assim, ele a envolveu, esfregou suas costas, sua espinha dorsal, o cabelo dela, pressionando-a ainda mais em intervalos, quando seu senso de satisfação gritou manifestando-se.

Do lado de fora, uma galinha solitária cacarejava, fazendo barulho com suas asas. O vento descansava, acalmando as árvores. Ao longe, uma coruja piava, como o latido de um cão a

princípio, como se questionando: “Quem é você? ”, “Quem é você? ”. No interior da casa, entrelaçados, Will e Elly derivaram para o sono, e nenhum deles pensou em acender a lamparina.

CAPÍTULO 13

O GRANDE MILAGRE

Elly entrou em trabalho de parto ao meio-dia do dia quatro de dezembro. Ela havia sentido uma dor na lombar durante toda a manhã; depois, apareceu uma mancha de sangue, e na hora do almoço suas duas primeiras contrações distinguíveis haviam chegado, com quinze minutos de intervalo entre elas. A segunda chegou forte o suficiente para levá-la se apoiar na borda de uma cadeira, tentando recuperar o fôlego por cerca de um minuto. Quando terminou, ela se recompôs, desajeitadamente, e andou para a sala.

Will estava trabalhando na obra do banheiro, sentado de pernas cruzadas no chão, assobiando. Ele tinha aberto uma porta através da parede da sala e usado um pedaço da extremidade da varanda, a qual já estava com uma janela instalada e com os canos que se projetavam a partir do espaço para o encanamento abaixo. Com seu primeiro pagamento, ele, orgulhosamente, tinha comprado louças sanitárias e uma banheira, e Will estava entusiasmado com a perspectiva de ter um banheiro em casa. O esgoto da casa, com as fezes, iria ser armazenado em outro lugar, numa fossa, mas a banheira estava instalada no interior das paredes da construção, que também aguardava acabamento, após a conclusão da tubulação.

Elly parou na porta do banheiro, observando Will, ouvindo-o assobiar: “In My Adobe Hacienda”,^[21] que tinham ouvido no rádio recentemente. Empunhando uma chave inglesa, ele enfrentava a parede oposta. Seu chapéu de cowboy estava em um ângulo

despachado na parte de trás de sua cabeça. Serragem revestia a aba de seu chapéu, e a parte de trás da camisa azul estava suja por ele ter deitado no chão para trabalhar melhor. Ela sorriu quando ele desafinou algumas notas.

Ele deu à chave um último puxão forte, o que interrompeu sua canção; em seguida, colocou-a para baixo e testou a junção do cano com os dedos, cantando a melodia de novo, suavemente, entre os dentes. Ficou de joelhos, inclinando-se para frente, descobrindo a altura em que devia ficar as conexões de canos na banheira.

— Ei, você — ela cumprimentou amigavelmente, com um sorriso afável.

Ele se virou e lhe enviou um sorriso. — Ei, querida.

Ela riu e encostou-se ao batente da porta.

— Venha aqui — ele se sentou, com as pernas esticadas, encostado a uma viga da parede e estendendo uma mão suja. Eles sorriram um para o outro, em silêncio, por um longo momento. — Aqui — ele bateu no seu colo.

Ela se impulsionou para sair do batente da porta e fez seu caminho, através de ferramentas e canos espalhados no chão, para estar com ele.

— Bem aqui — ele bateu no seu colo novamente quando ela se virou para o lado. — Não, não assim — ele agarrou seu tornozelo e o situou no seu quadril, sorrindo sugestivamente. — Agora sim.

— Will... os meninos — ela sussurrou, lançando um olhar cauteloso sobre o ombro para a porta.

— O que eles têm? — segurando as mãos dela, ele a obrigou a se escarranchar com sua saia amontoada no meio da coxa.

— Eles podem vir aqui.

— Então eles me encontrarão beijando a mãe deles — ele a segurou pela cintura e colocou a barriga dela contra a dele, enquanto ela cruzava os braços atrás do pescoço dele.

— Will Parker... — ela sorriu para ele. — Você é o único louco, não eu.

— Isso mesmo, mulher. Louco por você — ele tomou sua boca em um beijo longo, envolvendo lábios, língua e abundância de cabeças em movimento. Era algo novo para Eleanor, carícias no meio do dia. Com Glendon havia contenção durante o dia, talvez até menos do que contenção, a ideia de um interlúdio como este nunca passara por suas cabeças. Mas, com Will... Ah, Will. Ele era insaciável. Ela não podia levar uma pilha de roupa limpa para perto dele sem ser assaltada, e bem agradavelmente. Ele era diabolicamente um bom beijador. Ela nunca tinha antes dado muita atenção à qualidade dos beijos. Mas, alojada no colo de Will, com a boca dele sugando suavemente a dela, com a língua de seda acariciando o interior de sua boca, ela apreciava a sua habilidade. Ele não simplesmente beijava: ele esbanjava, então demorava; então, ele se afastava aos poucos, como se ele nunca se cansasse dela. Às vezes, ele murmurava sem palavras; muitas vezes se aninhava, tornando a despedida tão doce quanto à união tinha sido.

O beijo terminou com a devida relutância, com o nariz de Will enterrado em sua gola e o chapéu dele caído no chão.

— Minhas mãos estão sujas ou então você sabe onde elas estariam, não é?

Com os olhos fechados, o rosto inclinado para cima, ela segurou a cabeça dele e acariciou levemente seu crânio do jeito que ele amava. — Onde?

Ele fechou os dentes em sua clavícula, riu e brincou — Na cozinha, fazendo um sanduíche. Estou morrendo de fome.

Ela riu e se afastou fingindo rejeição. — Você está sempre morrendo de fome. Por que você acha que eu vim aqui?

— Para me chamar para o almoço? — ele se inclinou para trás e sorriu para os olhos verdes reluzentes.

— Para que mais seria?

— E, ao invés disso, você me prende ao chão e perde todo esse tempo em que eu poderia ter estado comendo?

— Quem quer comer quando você pode ter um pescoço?

Ele fingiu nojo e pegou o chapéu, colocando-o na cabeça. — Aqui estou eu, cuidando da minha vida, instalando um banheiro, quando, do nada, essa mulher me assalta. Quero dizer... Eu estava com a minha chave inglesa conectando o encanamento e não incomodando uma alma viva, quando...

— Will? — ela interrompeu, provocando. — Adivinhe.

— O quê?

— O jantar está pronto.

— Bem, está na hora.

Ele tentou se levantar, mas ela manteve-se em seu colo.

— Sabe o que mais?

— Eu não sei.

— Começou o meu trabalho de parto.

O rosto dele ficou branco, como se ela o tivesse atingido através do pomo de adão com a chave inglesa.

— Elly. Ah, meu Deus, você não deveria estar sentada aqui. Deus, eu feri você, puxando-a para baixo? Você consegue se levantar?

Ela riu de sua reação excessivamente zelosa. — Está tudo bem. Estou entre as contrações e ficar aqui sentada tirou minha atenção delas.

— Elly, você tem certeza? Quero dizer, é realmente a hora?

— Tenho certeza.

— Mas como pode ser? É apenas quatro de dezembro.

— Eu disse: em dezembro. Não foi?

— Sim, mas... Bem, dezembro é um mês longo! — ele franziu o cenho, enquanto, cuidadosamente a impulsionava a se levantar, e prosseguiu. — Quero dizer... eu pensei que seria mais tarde. Eu pensei que eu teria tempo para terminar o banheiro para que estivesse pronto quando o bebê chegasse.

— Uma coisa engraçada sobre bebês — ela estendeu as mãos sujas e abriu um sorriso tranquilizador. — Eles não esperam que as coisas sejam feitas. Eles só chegam sempre que lhes apetece chegar. Agora escute: eu tenho algumas coisas que tenho de deixar prontas, por isso, se você arrumar os pratos dos meninos e o seu, já seria certamente uma ajuda.

Will tornou-se um feixe de nervos. Ela não deveria ter achado divertido, mas não pôde deixar de sorrir de forma encoberta. Ele se recusou a ficar fora de sua vista, mesmo pelo curto espaço de tempo que ele tomou para levar as crianças à mesa com seus pratos. E, ao invés de arrumar um prato para si

mesmo, ele seguiu para o quarto, onde a encontrou despindo a cama.

— O que você está fazendo?

— Fazendo a cama ficar pronta.

— Bem, eu posso fazer isso — ele a repreendeu severamente, andando pesadamente para dentro.

— Mas eu também posso. Will, por favor... Ouça — ela caiu no canto da colcha e apertou seu pulso.

— É melhor se eu me mover, tudo bem? Pode levar horas ainda.

Ele a afastou e começou a empurrar as roupas de cama sujas para fora do colchão. — Eu não sei como você pode ter apenas ficado lá no chão do banheiro, me deixando fazer piadas, enquanto isso tinha iniciado.

— Então, o que mais eu deveria fazer?

— Bem, eu não sei, mas, Jesus, Elly!... Lá estava eu, puxando seus tornozelos, fazendo com que você se sentasse em mim...

Ela se moveu, como se fosse retomar sua tarefa, e ele entrou em erupção: — Eu disse que vou ajeitar a cama. Só me diga o que você quer nela.

Ela respondeu que queria jornais velhos contra o colchão, coberto por lençóis de flanela, e algodão absorventes dobrados como almofadas grossas e, finalmente, o lençol de musselina. Não havia cobertores. Pareciam a ele tão gritantes os maus pressentimentos, que a visão daquilo o assustou mais do que nunca. Mas, enquanto ele ficava olhando, ela teve uma nova surpresa para ele.

— Eu quero que você vá até o celeiro e me traga um par de rédeas.

— Rédeas? — seus olhos se arregalaram.

— Rédeas. Do arreio da Madame.

— Para quê?

— E você pode começar a carregar água. Encha a caldeira, o reservatório e a chaleira. Nós precisamos ter tanta água quente quanto fria nas mãos. Agora vá.

— Para quê? Para que você precisa dessas rédeas?

— Will... por favor — respondeu ela, com paciência forçada.

Ele correu até o celeiro, amaldiçoando-se por não ter conseguido a água corrente antes disso, por não ligar o aquecedor de água até o gerador de energia eólica, por não perceber que bebês, por vezes, chegavam mais cedo. Ele arrancou o arreio da parede e se atrapalhou com o couro, removendo as rédeas. Menos de três minutos depois, ele ofegava na porta do quarto, encontrando-a na ponta de uma cadeira de madeira dura, costas arqueadas, olhos fechados, as mãos segurando a borda do assento.

— Elly! — ele largou as rédeas e caiu de joelhos diante dela.

— Está tudo bem — ela conseguiu dizer, sem fôlego, suas pálpebras ainda fechadas. — Está indo embora agora.

Ele tocou em seus joelhos, tremendo de medo. — Elly, me desculpe, eu gritei antes. Eu não queria. Eu só estava com medo.

— Está tudo bem, Will — a dor aliviou quando ela abriu os olhos e afundou lentamente para trás na cadeira. — Agora me escute: eu quero que você pegue aquelas rédeas, coloque-as no

chão da varanda e esfregue-as com uma escova dura e aquele sabão amarelo; de ambos os lados. Esfregue bem em toda a fivela e até mesmo nos buracos da fivela; e esfregue suas mãos e unhas ao mesmo tempo. Então, traga as rédeas para dentro e as ferva num caldeirão. Enquanto elas estão fervendo, eu quero que você ferva a tesoura em outra panela, separada. Você vai encontrá-la na cozinha, em um copo ao lado do açucareiro. E assim que você tiver mais água quente na chaleira, traga um pouco aqui, e o sabão amarelo, para que eu possa tomar um banho.

— Tudo bem, Elly — ele respondeu humildemente, levantando-se e afastando-se em dúvida.

— E coloque os meninos para dormirem uma sesta assim que terminarem de comer.

Ele seguiu suas instruções minuciosamente, correndo de uma tarefa para outra, temendo que algo acontecesse, enquanto ele não estivesse ao seu lado. Quando ele trouxe a tina de lavar roupa, vazia, para o quarto, ele a encontrou analisando a roupa nova branca do bebê na gaveta da cômoda. E ele viu como ela catalogava cada item carinhosamente: uma pequena flanela, um cobertor, uma roupinha e uma fralda, e colocava em uma pilha. Em seguida, veio a manta rosa que ela própria fizera, e um par de sapatinhos incrivelmente pequenos. Ela se virou e o encontrou observando-a.

O sorriso dela era tão calmo, tão sem medo, que trouxe uma medida de conforto para ele. — Eu só sei que vai ser uma menina — disse ela.

— Eu também gostaria disso.

Ele viu como Elly tirava o cesto de roupa de trás da porta do quarto, esvaziava-o de roupas sujas e o preparava com lençóis de algodão, seguido por uma almofada branca; depois vinha uma flanela branca e, por último, a manta rosa.

— Aí está — ela sorriu para a cesta com o mesmo orgulho que uma rainha poderia ter exibido por um berço de ouro forrado com tecido fino.

Ele colocou a tina de lavar roupa no chão, sem tirar os olhos dela, e tocou-a com ternura, abaixo do maxilar. — Descanse agora, enquanto eu trago a água.

Ela o olhou nos olhos, e disse-lhe: — Eu estou feliz demais que você esteja aqui, Will.

— Eu também estou.

Não era totalmente verdade. Era para ele estar no carro, a caminho de buscar o médico, mas já era tarde demais para discutir isso. Ele encheu a tina e foi até a cozinha para limpar os pratos do almoço. Retornando ao quarto, mais tarde, ele encontrou Elly na tina, coberta com sabão. Ele via apenas a metade do seu perfil, uma visão das costas e do lado de um seio. Ele nunca a tinha visto nua totalmente antes. Não fora da cama. A visão dela mexeu profundamente com ele. Ela era desproporcional, volumosa, mas a razão disto emprestava-lhe uma beleza feminina diferente de qualquer outra que ele já tivesse testemunhado. Ela passou o pano na barriga, entre suas coxas, limpando o caminho para aquele lugar tão esperado, e ele ficou observando, ousado, sem um pensamento sequer para se virar. Subitamente, ela foi tomada por uma nova dor e caiu acorada. Seu punho fechado ao redor do pano enviou espuma

para a água. Will se moveu através do quarto, como se impulsionado por pólvora negra, para deslizar um braço ao redor do seu corpo liso, apoiando-a. Quando a dor começou a passar, ele tirou seu braço, até que ela, ofegante, se apoiasse na borda da tina.

Will sentia-se impotente e desesperado, querendo fazer mais, precisando fazer mais do que simplesmente confortar. Ele desejou que pudesse suportar a próxima dor. Quando a dor passou de vez, ela murchou. — Essa foi forte. Elas estão vindo cada vez mais rápido desta vez do que quando o Thomas nasceu.

— Aqui. Chegue perto.

Ela se achegou e ele enxaguou as costas dela, braços, seios, aliviado por estar fazendo algo de concreto. Ele segurou a mão dela, enquanto ela pisava saindo da tina, depois secou suas costas.

— Obrigada, Will. Posso terminar agora.

Enquanto ele levava a tina, ela se vestiu com uma camisola longa, e, debaixo da cama, ela achou, dentro de um saco, um pano branco do qual ela desenrolou várias e grandes folhas secas. Levando-as, ela seguiu Will para a cozinha. Ela ficou um momento o vendo derramar a água do banho na pia. Ele enxaguou a tina; em seguida, enxugou-a com um pano. Só então, ele se virou, e encontrou-a posicionada atrás dele, assistindo-o.

— Você deveria estar aqui?

— Não se preocupe, Will. Por favor.

— Essa não é uma ordem fácil.

— Eu sei — ela podia ver no rosto dele como era difícil para ele se manter controlado e o amava pelo seu grande esforço. — Mas agora eu preciso falar com você sobre o que esperar, o que fazer.

— Eu sei tudo — ele pôs a tina para baixo. — Eu li no livro tantas vezes, que poderia estar como uma marca no meu braço. Mas ler e fazer são duas coisas diferentes.

Ela se moveu para perto e tocou a mão dele. — Você vai fazer tudo muito bem, Will — Calmamente, ela encontrou a chaleira para que colocasse as folhas, cobrindo-as com água. Ela colocou a chaleira para ferver na parte traseira do fogão.

Will assistiu, sentindo seu estômago enrijecer mais a cada minuto. — O que é isso?

— Confrei.^[22]

Ele estava quase com medo de perguntar. Levou duas tentativas antes que a garganta dele lançasse o som. — Para quê?

— Se eu me rasgar depois, você tem que fazer um cataplasma disto, e colocá-lo em mim. Ele vai cicatrizar a pele e ajudá-la a se curar. Mas, você tem que se lembrar de não perder tempo comigo, até que você tenha cuidado do bebê, entendeu?

Se ela se rasgar... As palavras sacudiram-no de novo. Ele precisou de muito esforço para se concentrar no restante das instruções.

— Só use os panos esterilizados que eu deixei na cômoda. Todo o resto que você precisa estará lá também. Linhas, compressas, álcool e gaze para o cordão do bebê, e vaselina para o algodão quando você a enfaixar. Você vai fazer isso,

depois de lhe dar um banho. Certifique-se de manter a água quente para o banho e a bacia com água fria para temperar a água e deixá-la morna e não quente demais, porque você vai ter que lavá-la quando acabar. Quando você lhe der o banho, não use o sabão amarelo, mas, sim, o de glicerina. Certifique-se de que você está segurando bem sua cabeça assim que ela sair de mim, enquanto você está esperando o resto de seu corpo nascer e quando você estiver lhe dando um banho também. Mas, Will, além de tudo isso, você tem que se lembrar: o bebê vem em primeiro lugar. A coisa mais importante é fazer com que ela respire; depois, banhá-la, vesti-la e esquentá-la para que ela não fique gelada.

— Eu sei, eu sei! — ele respondeu, impaciente; desejando que ela não falasse sobre isso. Ele havia lido as instruções de um atendente de parto e poderia recitá-las na íntegra. Eram as imagens que isso conjurava que o deixava nervoso.

Calmamente ela disse: — Agora ande comigo.

— Andar?

— Isso vai trazê-la mais rápido.

Se pudesse escolher, ele adiaría aquilo indefinidamente. O pensamento por sua situação trouxe uma pontada de culpa. E ele fez um apelo a Deus: que os ajudasse. Ele nunca se sentiu tão protetor quanto durante as duas horas seguintes, enquanto eles passeavam pelo quarto, para frente e para trás, parando apenas diante de uma nova contração. Ela era intrépida; ser menos do que isso faria dele um fardo ao invés de um suporte. Assim, ele segurou sua mão na dobra do seu braço e acompanhou-a, como se fossem para um passeio na praça da cidade, no auge da

temporada. Ele brincou quando ela precisou se animar e a acalmou quando ela precisou de apoio. E ouviu quando ela precisou falar. E aprendeu o que era uma compressa quando ele viu camadas de algodão retangulares cuidadosamente envolvidas em gaze.

Às duas e meia os meninos acordaram e ele os vestiu com seus casacos quentes e os enviou para brincar, esperando fervorosamente que eles ficassem lá fora até o sol ir embora.

Pouco depois das três, Elly anunciou calmamente: — Eu acho que gostaria de me deitar agora. Traga as rédeas, querido.

No quarto, com um suspiro, ela rolou no lençol branco, limpo e ordenando: — Amarre-as aos pés da cama, com os meus joelhos separados.

O estômago de Will embrulhou, suas glândulas salivares pareceram chutar para a prorrogação e suas mãos pareciam desajeitadas. Quando as tiras de couro foram atadas, deixando as pernas dela bem afastadas uma da outra e presas, elas pareciam-se com instrumentos de uma câmara de tortura medieval. Ele as achou hediondas, enquanto esperava pela sua próxima instrução. Quando a dor chegou, pareceu irradiar em dupla. Com choque agudo, Will sentiu a dor através de sua virilha e descendo para suas coxas, assim como aconteceu nas de Elly. Era forte e longa. Durava quase um minuto. Cada contração chegava marcadamente mais rápida do que as anteriores. Entre uma e outra, ela descansava, ofegante. Então, sussurrou: — Lave as mãos novamente, Will, e apare suas unhas. Não vai demorar muito agora.

Aparar as unhas? Desta vez, ele não perguntou por quê. Ele temia o que ele descobriria. No caso de problemas, ele teria que ajudá-la enfiando as mãos.

Ele esfregou os dedos até que eles quase se ferissem, e cortou as unhas até o sabugo com a tesoura esterilizada, lutando contra o pânico. *Oh Deus! Por que ele não tinha ido contra a vontade dela e se conduzido até a cidade atrás do médico no minuto que ela teve sua primeira dor? E se o cordão ficasse enrolado em torno do pescoço do bebê? E se Elly tivesse hemorragia? E se os meninos entrassem no meio disso?*

Como se o seu pensamento os atraísse, o par bateu na cozinha, chamando pela mãe.

Para surpresa deles, Will saiu. Sujando as mãos esterilizadas, ele parou Donald Wade e Thomas com uma mão em cada peito, enquanto eles estavam na porta de tela da varanda.

— Esperem aí, vaqueiros! — ele apoiou um joelho no chão e manteve-os perto.

— Temos de mostrar a mamãe uma coisa — Donald Wade segurava um ninho de pássaro.

— Sua mãe está descansando.

— Mas, veja o que encontramos! — Donald Wade foi em direção à porta, mas Will segurou seu braço.

— Vocês se lembram quando a mãe de vocês contou sobre como o bebê iria sair um dia? — disse Will, e eles pararam de lutar, olhando para Will com curiosidade inocente. — Bom, o bebê vai nascer muito em breve, e a mãe de vocês não vai se sentir tão bem enquanto isso estiver acontecendo, mas o mesmo

aconteceu quando vocês nasceram. Por isso, não tenham medo, está bem? — ele pressionou suavemente seus bracinhos. — Agora, eu quero que vocês sejam bons meninos. Donald Wade, pegue alguns biscoitos e leve o seu irmão para o celeiro, e não voltem até eu chamá-los, tudo bem?

— Mas...

— Agora ouça: eu não tenho tempo para conversar, porque sua mãe precisa de mim. Mas se você fizer como eu digo, eu vou levá-lo ao cinema muito em breve. De acordo? — Donald Wade vacilou, olhando de Will em direção à porta da cozinha.

— Para o filme do Hopalong Cassidy?

— Você pode apostar. Vá em frente agora — Will deu a cada um deles um pequeno empurrão em direção à cozinha e ao pote de biscoitos. Assim que eles voltaram, em segurança, para o lado de fora, ele lavou suas mãos e correu de volta para o quarto, abrindo a porta com a bota e fechando-a com um ombro.

— Os meninos... Eu os subornei com uma viagem para ver um filme e os enviei para o celeiro com um punhado de biscoitos. Como você está? — ele se moveu para o lado da cama e se sentou na cadeira de madeira dura.

— Ela está quase chegando — ela riu e segurou sua barriga.

Will alcançou Elly, fazendo um gesto de tocar a testa dela. — Não me toque, Will. Você não deve — relutantemente, ele retirou a mão esterilizada para se sentar, miserável, à espera, sentindo-se inútil.

A próxima contração a levantou do colchão e fez Will inclinar-se sobre ela, observando-a contorcer o rosto, enquanto

seus joelhos estavam separados e ela estendia as mãos para segurarem a cabeceira da cama acima de sua cabeça. Quando ela prendeu a respiração, ele segurou a dele. Quando ela fez uma careta, ele fez outra. Quando ela mostrou os dentes, ele descobriu os seus. Os sessenta segundos que durou a contração dela foi sentido mais do que o seu tempo na prisão.

Por fim, ela abriu os olhos aturdidos e rolou a cabeça para olhar para ele. — Está na hora, W-Will — ela conseguiu dizer. — Lave-me com o álcool a-agora...

As mãos dele tremiam. Ele se moveu para o pé da cama, dobrou para trás a camisola dela e olhou. *Oh, Deus! Senhor misericordioso, como devia doer...* Ela estava inchada, distendida, distorcida além de qualquer coisa que ele já tinha imaginado. Ele podia realmente ver a protuberância causada pela cabeça do bebê um pouco acima do ápice de suas pernas. Seus órgãos genitais pareciam inflamados, como se abelhas o tivessem picado, e eles estavam manchando as roupas de cama com um rosa escuro. Ele engoliu em seco, mas saiu de seu estupor quando ela se ergueu e um grande jorro de líquido transparente fluiu de seu corpo, molhando um grande círculo no lençol. A visão daquilo o fez entrar em ação. Ele sabia o que era, sabia que isso significava que o bebê estava pressionando, preparando-se para a sua chegada ao mundo.

De repente, seu propósito ali ficou claro como cristal, e quando isso ocorreu, todos os medos de Will desapareceram. Seu estômago ficou calmo. Suas mãos ficaram estáveis. O nervosismo fugiu, perseguido pela percepção de que ele era necessário para a criança e sua mãe. Elas precisavam que ele

fosse competente. Com uma grande quantidade de algodão e álcool, ele generosamente limpou a barriga, coxas e genitais dela. Doeram seus próprios dedos onde ele tinha cortado as unhas, mas ele mal notou. Os calcanhares dela estavam delicadamente pousados, prontos para se moverem, com o as tiras de couro por trás de seus joelhos. Então, ele colocou um lençol adicional e uma flanela, limpa e dobrada, embaixo dela.

— W-W-Will — ela ofegou, quando outra contração começou.

— Sim, amor — ele respondeu calmamente. Ele estava em seu posto, os olhos fixos em sua barriga contraída observando lentamente começar o arco, observando a dilatação crescer com a dor.

— W-W-Wiiiiill! — aquilo saiu dela como um grito rouco, enquanto a contração se construía e atingia o pico. Ele colocou as mãos sob as coxas dela e a ajudou, sentindo seus músculos se contraírem quando ela ergueu os quadris. Só quando ela relaxou, ele levantou os olhos para o rosto dela. Gotas de suor estavam em sua testa. Os fios de cabelo dela perfaziam uma linha fina e estavam úmidos e escurecidos como a cor do cabelo do milho. Seus lábios pareciam secos e rachados. Ela os molhou com a língua, enquanto ele pensava no pote de vaselina que não ousou tocar. Antes de seus lábios terem secado, outra dor chegou e com ela a visão do couro cabeludo escuro do bebê.

— Eu vejo o bebê — Will gritou. — Vamos lá, querida, mais uma vez, e ele vai estar aqui!

Ele esperou, com as mãos estendidas em boas-vindas, não arriscando nenhum olhar para longe do cabelo escuro, agora,

claramente visível. O útero de Elly arqueou, as pernas se apertaram nas tiras de couro, as mãos sobre a cabeceira de ferro da cama. Um grito irregular alagou o ar e Will aprendeu o que significava períneo, enquanto observava Elly que poderia rasgar-se. Mas ele não tinha tempo para se debruçar sobre isso, pois, no mesmo instante, a cabeça do bebê apontou como prometido para as mãos que a esperavam. Então, como se, por algum milagre, a cabeça do bebê escorregou, seguindo o curso normal dos acontecimentos, e ele a embalou na palma da sua mão, a pequena, elegante e vermelha cabeça.

— A cabeça já saiu, querida... Oh, Deus! — O rosto distorcido, estava assustadoramente escuro e marcado pelos rigores do nascimento, mas as instruções do livro deixaram Will quase tranquilo, conforme ele se recordava delas, porque, como se dizia esperar, a criança não se asfixiaria, a criança não tinha o cordão enrolado e apertando seu pescoço. *Não entre em pânico! Não tente puxá-la para fora!*

— Calma aí, agora, um pouco mais — ele murmurou para o bebê. — Como se a natureza soubesse exatamente o que ela estava fazendo, ela permitiu isso apenas: o tempo suficiente para Elly descansar e para Will continuar apoiando a cabeça do bebê, antes de Elly fazer outro enorme esforço e o ombro do bebê aparecer, seguido de sua parte superior, e, em um grande lançamento, o nascimento completo acontecer. Nas mãos, em espera, de Will, foi derramada uma criaturinha com um rosto frágil, ligada à sua mãe por uma fina tábua de salvação. Escorregadia e molhada ela veio, enchendo o coração dele com

um tamborilar selvagem de excitação e o rosto dele com um grande feixe de admiração.

— Ela está aqui... Elly, ela nasceu! E você tinha razão. Ela é uma garota. E... Ah... Senhor, ela é menor do que as minhas mãos — enquanto falava, ele descansou sua preciosa carga na barriga de Elly. A mãe ofegava na breve pausa natural, após o nascimento completo. Liberando seu aperto na cabeceira, Elly estendeu a mão para tocar a cabeça do bebê, levando a mão com esforço e com um sorriso cansado. Quando sua cabeça caiu para trás, ela riu, e lágrimas rolaram por suas faces.

— Ela é bonita?

— Ela é a bagunça mais sangrenta que eu já vi — ele riu de alívio. Até Elly ser atingida por um tremor e resmungar, esticando-se tanto que seu rosto se abalou e ficou roxo. Ele colocou o bebê ao lado e tentou ajudar Elly através da segunda onda de dores. Era a placenta que se recusava a vir. Ela caiu para trás, ofegante, em uma grande exaustão, as pálpebras tremendo. Outra dor produziu os mesmos resultados, e Will engoliu o nó de medo em sua garganta, fazendo o que ele sabia que ele devia fazer. Ele descansou uma mão no baixo ventre para pressionar com a base da palma a parte superior do útero e manipulá-lo para criar uma contração feita pelo homem. Ela gemeu e tentou empurrar a mão. Ele forçou sua mente a entender o fato de que ele devia causar-lhe dor para ajudá-la. Seus olhos ardiam. Ele os limpou em seu ombro e jurou que nunca iria deixá-la grávida. Ele encaixou a mão em sua carne tenra, pressionando sua barriga macia, ajudando soltar a placenta. Subitamente, ele sentiu ocorrer uma mudança, quando

o próprio corpo dela assumiu. O abdômen se contraiu e a placenta foi solta, um último jorro, desligando-se completamente da vida que ela tinha apoiado por nove meses.

Os ombros de Will caíram. Ele fechou os olhos, inspirou uma grande golfada de ar, secou a testa com a manga da camisa, e elogiou simplesmente: — Bom, querida. Está tudo feito. Descanse agora.

As mãos dele estavam extraordinariamente calmas, conforme ele ia manipulando o cordão umbilical no corpo do bebê, deixando apenas espaço suficiente entre ele e a tesoura para fazer o seu trabalho. Ele pegou a lâmina esterilizada e estava feito – o bebê estava separado da mãe.

Respire! Respire! Respire!

A palavra ressoou na mente de Will quando ele pegou o bebê e a assistiu se dobrar em posição fetal dentro de suas mãos.

Sua memória buscou em várias direções para encontrar a imagem de um recém-nascido durante o aprendizado da respiração. *Um tapa nas nádegas. Água fria. Respiração artificial.* Mas fazer qualquer uma destas opções a uma criatura tão pequena parecia sádico. *Vamos, menina, respire!... Respire!* Quinze segundos se passaram, então trinta. *Não me faça usar essa água fria. E eu prefiro cortar a minha própria mão, do que lhe dar um tapa...* Ele ouviu os meninos entrarem e chamarem do outro lado da porta. Ele os havia esquecido completamente. Seu coração disparou. Desespero o arranhou. Ele deu ao bebê uma sacudidela. *Respire, caramba, respire!*

Em pânico, agora, atirou-a no ar e a segurou. Um instante depois, ela sacudiu as mãos, de boca aberta, começou a bater as pernas e começou a chorar numa voz punitiva inimaginável. Ela chorou ao ritmo de seus pequenos punhos contra o ar, com a boca comprimida naquele rosto, onde o nariz sobressaía achatado. Foi um grito suave, mas saudável, e maravilhosamente irritado por ela ter sido tratada daquele modo mais ou menos durante os seus primeiros minutos no mundo exterior.

Will olhou para o rosto sujo de sangue, ouviu a reclamação de boas-vindas e riu aliviado. Em comemoração, ele beijou o nariz em miniatura e disse: — Muito bem, garota. Isso é o que nós queríamos ouvir —, então, para sua esposa, ele disse: — Ela está respirando, é muito bonita e parece tão normal quanto uma nota de um dólar — abruptamente seu humor se evaporou. — Elly, você está tremendo — durante os minutos em que ele se concentrou em seus deveres para com a criança, Elly tinha sido tomada por calafrios naturais. Estava agora estremeando, com seus membros expostos, úmidos; a roupa de cama embaixo dela encharcada. *Senhor, um homem precisa de seis mãos em um momento como este.*

— Eu vou ficar bem — Elly assegurou. — Cuide dela em primeiro lugar.

Foi difícil de fazer, mas ele não tinha muita escolha, dado o fato de que a diretriz de Elly concordava com aquelas que ele tinha memorizado. Até agora as coisas tinham saído em perfeita ordem natural. Aquilo prosseguia como no livro e ele esperava que a sua sorte se mantivesse. Mas ele fez uma longa pausa, o suficiente para colocar o bebê na cama e remover

cuidadosamente as pernas de Elly das tiras de couro, dobrá-las e cobri-la. Ele deu um beijo leve nos lábios secos, e sussurrou: — Eu estarei de volta assim que eu terminar de dar um banho nela. Você estará bem?

Ela assentiu levemente com a cabeça e fechou os olhos. Ele apoiou o bebê em um braço, abriu a porta com o outro e encontrou Donald Wade e Thomas do outro lado, de mãos dadas e chorando penosamente.

— Nós ouvimos mamãe gritar.

— Ela está melhor agora. Olhem... — Will se ajoelhou. A visão da bagunça vermelha que era o bebê parou o choro deles com divertida rapidez. — Vocês têm uma irmãzinha — a boca de Donald Wade ficou aberta. As lágrimas ficaram penduradas nos cílios do bebê Thomas. Nenhum deles falou uma só palavra. — Ela acabou de chegar aqui.

Como um só, eles retornaram a berrar. — Eu quero ver a mamããããe!

— Maamãããe!

— Ela está bem, estão vendo? — Will segurou a porta, abrindo uma brecha, e deixou-os espiarem o lado de dentro para se assegurarem. Tudo o que viram foi a mãe deles deitada em repouso, com os olhos fechados. Will fechou a porta. — Shiii. Ela está descansando agora, mas todos nós vamos voltar mais tarde e vê-la, assim que o bebê for banhado. Vamos lá, vocês podem ter que me ajudar.

Eles o seguiram como se hipnotizados. — Numa banheira real?

— Não, a real ainda não está pronta.

Eles arrastaram cadeiras por todo o chão da cozinha e sentaram-se um de cada lado de Will, quando ele abaixou a irmã deles em uma bacia de água morna sobre a pia. Seu choro parou imediatamente. Embalada nas longas mãos de Will, ela se esticou, abriu os olhos escuros e olhou para o mundo pela primeira vez. Thomas estendeu um dedo hesitante, como se para testar se ela era mesmo real.

— Ei, não devem tocá-la ainda — disse Will e Thomas retirou o dedo, olhando para ele respeitosamente.

— De onde ela veio? — perguntou Donald Wade.

— De dentro de sua mãe.

Donald Wade parecia cético. — Ela não veio de lá.

Will riu e gentilmente moveu o bebê na água.

— Com certeza ela veio. Ela ficou enrolada dentro de sua mãe como uma borboleta pequena dentro de um casulo. Você já viu um casulo, não é? — é claro que eles já tinham visto. Com uma mãe como a deles, os meninos viviam observando casulos desde que atingiam idade suficiente para dizer uma palavra. — Se uma borboleta pode sair de um casulo, por que não pode uma irmã mais nova sair de uma mãe?

Eles não podiam responder, eles acreditaram. Em seguida, Donald Wade comentou: — Ela não tem nenhum pinto.

— Ela é uma menina. As meninas não têm pinto.

Donald Wade olhou para a pele rosada de sua irmã e olhou para Will. — Ela vai conseguir um?

— Não.

Donald Wade coçou a cabeça, em seguida, apontou: — O que é isso?

— Vai ser o seu umbigo.

— Ah! — e, depois de pensar um pouco: — Não parece com o meu.

— Vai parecer.

— Qual o nome dela?

— Você terá que perguntar à sua mãe.

O bebê soluçou e os meninos riram, depois ficaram assistindo surpresos enquanto Will a lavava com o sabão de glicerina. Ele passou o sabão sobre o couro cabeludo, desceu pelas pernas finas, entre os pequenos dedos do pé e das mãos que tiveram de ser abertos. Tão frágeis, tão perfeitos. Ele nunca tinha sentido uma pele tão macia, nunca manuseara algo tão delicado. Dentro do período que levou para banhá-la pela primeira vez, o pequeno ser tinha entrado, à sua maneira, tão profundamente no coração de Will, que ela nunca perderia o seu lugar lá. Não importava que ela não fosse dele, em seu coração o era. Ele fizera o parto dela. Ele a forçara a respirar sua primeira respiração, dera a ela o seu primeiro banho. Um homem não poderia ter um coração se só se preocupasse, apenas, com a sua semente gerada; ele a trouxera à vida e isso estava trazendo aquele estouro de satisfação dentro dele. A menina teria um pai em Will Parker, e ela conheceria o amor de um pai e de uma mãe.

Ele a deitou em uma toalha macia, limpando o rosto e as orelhas, e secando todos os cantos e recantos, experimentando uma efervescência crescente que o fazia ter um sorriso suave no rosto. Ela ficou com frio e começou a chorar, jorrando soluços grandes.

— Ei, querida, o pior já passou — Will murmurou. — Você vai estar quente em um minuto — disse ele, e surpreendeu-se por se deliciar com este primeiro monólogo com o bebê. Uma pessoa não podia evitar falar com algo tão doce como ela, ele percebeu.

Will cuidou bem de seu cordão, aplicando o álcool, algodão com vaselina e gaze contra sua barriga antes de amarrar a bandagem. E a fralda pela primeira vez. Ela recuava como uma mola cada vez que ele tentava manobrar a mão em posição para fixar a fralda. Os meninos riram. Ela retraiu seus braços, enquanto ele tentava passá-los em sua minúscula veste. Os meninos riram um pouco mais. Quando Will foi pegar um sapatinho rosa, Donald Wade estava orgulhosamente esperando para entregá-lo a ele.

— Obrigado, Kemosahbee — disse Will, e amarrou o sapatinho em um tornozelo magro. Thomas estava esperando para lhe entregar o outro.

— Obrigado, Thomas — disse ele, bagunçando o cabelo do menino.

Quando o bebê estava pronto para se apresentar à sua mãe, Will a pegou cuidadosamente. — Agora, sua mãe quer vê-la, e em cerca de quinze minutos ou algo assim ela vai querer vê-los também, ambos com as mãos lavadas e o cabelo penteado e esperando em seu quarto. Eu lhes chamo quando ela estiver pronta, está bem?

Fazendo uma pausa antes de abrir a porta do quarto, Will estudou o bebê que olhou para ele com olhos desfocados. Ela estava em silêncio, com os punhos fechados como botões de

rosa, o cabelo fino como teias de aranha. Ele fechou os olhos e beijou sua testa. Ela cheirava melhor do que qualquer outra coisa no mundo. Melhor do que bacon. Melhor do que fazer pão. Melhor do que o ar fresco.

— Você é algo precioso — ele sussurrou, sentindo em seu coração um amor tão inesperado, que fez seus olhos arderem. — Eu acho que você vai me causar muitos bons aborrecimentos.

Então ele abriu a porta do quarto, entrou e a fechou com as costas. Elly estava adormecida. Ela parecia abatida e exausta.

— Elly, querida?

Ela abriu os olhos e o viu de pé com o bebê em seus braços, sua camisa úmida em alguns pontos, as mangas arregaçadas até o cotovelo, seu cabelo bagunçado e um leve sorriso nos lábios.

— Will — ela exalou, sorrindo.

— Aqui está ela. E mais apresentável agora — ele colocou o pacote no braço de Elly e a observou afastar a manta do queixo do bebê para ver melhor. Dentro dele surgiu uma fonte de emoção: o amor pela mulher, o amor pelo bebê, e, em um canto de sua alma, o lamento solitário de um homem que sempre quis saber se sua própria mãe o tinha segurado daquele jeito, sorrindo para ele com tanta doçura, explorado o rosto dele com a ponta do dedo e beijado sua testa com aquela mesma reverência que ele observava. *Provavelmente, não.* Ele se ajoelhou ao lado da cama e dobrou de lado a borda oposta da flanela macia sob a manta. *Provavelmente, não.* Mas ele compensou isso assistindo a esta pródiga Elly com o precioso amor que ele nunca tinha conhecido.

— Ah, Will, ela não é bonita?

— Ela, com certeza, é. Assim como você.

Elly ergueu o olhar e deixou-o cair quando a mão do bebê se fechou em torno de seu dedo mindinho. — Eu não sou bonita, Will.

— Eu sempre achei que você é.

Do outro lado, foi Will quem pegou o dedo do bebê. Ligados pela criança, marido e mulher compartilharam um interlúdio de proximidade. Relutante, Will o findou.

— É melhor eu cuidar de você agora, você não acha? Lavá-la e pôr algumas roupas limpas em você.

Elly teve de deixar o bebê e Will a deitou no cesto. Ajoelhando ao lado dela, ele ajustou a manta rosa em torno da forma minúscula, tocou-lhe o cabelo com a ponta dos dedos, e murmurou: — Durma agora, preciosa.

Ele se levantou para encontrar os olhos de Elly sobre ele e experimentou uma breve pontada de autoconsciência. Ele era um homem que tivera que aprender a falar com os meninos, que tinha levado semanas para se sentir confortável com eles. No entanto, ali estava ele, depois de menos de uma hora, murmurando coisas suaves para a menina que não conseguia entender.

Seus polegares foram para os bolsos traseiros, naquele gesto inconsciente que dizia que Will Parker estava desconfortável.

— Eu a coloquei de barriga para cima, como você falou — disse ele, e um amor profundo suavizou o sorriso de Elly, enquanto ele permanecia inquieto.

— Eu-eu vou pegar sua tina e... E voltar — ele gaguejou.

— Eu te amo, Will — disse ela. Ela conhecia aquele olhar calmo, pacificado, que ele adquiria quando as coisas ficavam tão perfeitas que o deslumbravam. Ela sabia que a postura “polegares-nos-bolsos-traseiros-e-imóvel-como-um-morto” dizia que “as coisas estavam trabalhando dentro dele, as coisas boas que ele, às vezes, ainda não conseguia acreditar”. Era quando ela o queria perto o suficiente para tocá-lo. — Venha aqui, primeiro — disse ela. E ele se aproximou. Mas ficou a uma distância segura, como se tocar na cama fosse prejudicá-la.

— Aqui, ao meu lado.

Ele se sentou cautelosamente na borda do colchão e ela teve que estender a mão e puxá-lo para perto, antes que ela pudesse dar o abraço que ela sabia que ele precisava.

— Você fez certo, Will. Você fez muito bem.

— Eu posso te machucar, Elly, se você me colocar perto assim de você desse jeito.

— Nunca.

De repente, eles estavam se abraçando com força. Ele virou o rosto contra seu ouvido. — Jesus, ela é tão bonita!

— Eu sei. É um milagre, não é?

— Eu nunca soube que eu me sentiria assim quando eu a segurasse pela primeira vez. Não importa que ela não seja minha. É como se ela realmente fosse.

— Eu sei. Você pode amá-la o quanto quiser, Will, e vamos fingir que ela é sua. Um ano, a partir de agora, e ela vai chamá-lo de papai.

Ele fechou os olhos e apertou a boca na têmpora de Elly, então, forçou-se a se sentar. — Eu vou pegar aquela água quente agora, mãezinha. Os meninos estão esperando para entrar e vê-la.

Com um pano macio e o sabão do bebê, ele limpou os membros cansados e doloridos de Elly. Com o confrei, ele fez um cataplasma, colocou-o sobre a pele dela e o cingiu com um chumaço de algodão e suas roupas de baixo de algodão liso. Ele a ajudou a vestir um sutiã branco e limpo, abotoando-o para ela, antes de deslizar uma nova camisola por sua cabeça e a observar escorregar. Ele trocou as roupas de cama e levou Elly de volta para cama, antes de colocar os lençóis sujos de molho e, finalmente, ir buscar os meninos que tinham esperado em seus quartos com a docilidade misteriosa emprestada às crianças em ocasiões solenes.

— Prontos?

Eles concordaram em silêncio. Will escondeu um sorriso: Donald Wade tinha penteado o próprio cabelo e o de Thomas, alisando com água até que ambas as cabeças parecessem planas como o trigo após um ciclone.

— A mãe de vocês está esperando.

Eles esperaram na porta do quarto da mãe, segurando as mãos de Will, olhando para ele interrogativamente.

— Vão em frente, mas não saltem na cama. — Eles se empoleiraram um de cada lado de Elly, estudando-a como se ela tivesse se transformado em uma personagem de uma de suas próprias fábulas, alguém mágico e brilhante.

— Oi — disse ela, pegando em suas mãos. Eles pestanejaram como se fossem mudos.

— Vocês viram sua pequena irmã?

— Nós vimos Wil dar banho nela. E nós ajudamos a vesti-la — disse Donald Wade.

— Eu sei. Will me contou. Ele disse que vocês fizeram tudo certo — disse ela e eles sorriram, orgulhosos.

— Gostariam de vê-la de novo?

Eles acenaram como cavalos dando pulos. Elly disse para Will: — Pode trazê-la aqui, querido.

Ela estava dormindo. Quando ele a deitou na curva do braço de Elly, a mão foi para sua boca e ela chupou com força suficiente para fazer barulho. Os meninos riram e Will se ajoelhou ao lado da cama, inclinando-se sobre os cotovelos. Por minutos, todos eles estudaram o bebê, enquanto ela roubava suas vozes.

Por fim, Elly perguntou: — Como devemos chamá-la? — ela olhou para o lado. — Você conhece um nome bonito, Will?

Mas sua mente ficou em branco. — E você, Donald Wade, do que você quer chamá-la?

Donald Wade não tinha mais noção do que Will.

— Você tem um nome, Thomas?

É claro que ele não tinha. Ela lhe perguntou a título de cortesia, para que ele não se sentisse excluído. Tocando o cabelo do bebê com um dedo, Elly disse: — Eu estive pensando sobre Lizzy. O que vocês acham disso?

— Lizzy? — Donald Wade franziu o nariz.

— Lizzy, o lagarto? — Thomas apontou.

Todos riram.

— Agora, de onde você tirou isso? — perguntou Elly.

Donald Wade se lembrou: — Da história que você nos contou sobre como o lagarto dava saltos.

— Ah... — ela continuou acariciando o cabelo preto na cabeça do bebê. — Não, não seria apenas Lizzy. Elizabeth Parker, eu acho.

Os olhos de Will foram para Elly. — Parker?

— Bem, você fez o parto dela, não é? Um homem merece algum crédito por uma coisa como essa.

Senhor! Em um momento ele ia estourar. *Esta mulher lhe daria tudo. Tudo!* Ele estendeu a mão para a cabeça do bebê e lhe acariciou a têmpora com a parte de trás de um dedo. *Lizzy*, ele pensou. *Lizzy Parker. Você vai ter um pai, querida.* Ele estendeu uma mão para o cabelo de Elly, depois circului Donald Wade com o braço livre e tocou na perna de Thomas que estava do outro lado de Elly. Ele sorriu para Lizzy Parker e pensou: *o céu não tem nada em comparação a ser o marido de Eleanor Dinsmore.*

CAPÍTULO 14

MAIS BONITO DO QUE O VOO DE UMA ÁGUIA

O sorriso de Will anunciou a notícia a Miss Beasley, antes mesmo de suas palavras. — Ela teve uma menina.

— E você a ajudou a nascer...

Ele deu de ombros e ergueu um pouco a cabeça. — Não foi tão difícil, afinal.

— Não seja tão humilde, Sr. Parker. Eu entraria em colapso nervoso se eu tivesse que trazer um bebê ao mundo. Foi tudo bem?

— Perfeito. Começou ontem ao meio-dia e terminou por volta das três e meia. Lizzy é o nome dela.

— Lizzy. Muito bonito. Lizzy Parker — ela levantou uma sobancelha.

— Sim, senhora — ele sentiu bastante emoção, uma coisa rara. *Ela chamou aquela menina assim mesmo a despeito de mim... A despeito de ser um andarilho que ainda não sabe de onde ele tirou esse nome.*

— Espere só para vê-la, senhorita Beasley. Ela tem o cabelo preto como carvão e unhas tão pequenas que dificilmente você pode encontrá-las. Eu nunca tinha visto um bebê de perto antes. Ela é incrível!

A Senhorita Beasley sorriu, escondendo uma pontada rápida de arrependimento pelo marido e criança que ela nunca tivera.

— Você deve felicitar Eleanor por mim. E diga a ela que eu vou esperar Lizzy começar a visitar a biblioteca não mais tarde

do que no seu quinto aniversário. Você não pode ter uma criança interessada em livros muito cedo.

— Eu vou dizer a ela, Senhorita Beasley.

Imediatamente, após o nascimento do bebê, eles tiveram dias e noites especiais em que Will despertava e levantava-se ao som de Lizzy afinando sua voz na cesta, enquanto Elly a envolvia, dizendo-lhe palavras suaves. Os dois riam juntos quando o ar frio atingia a pele do bebê e seu rosto se franzia em preparação para o soluço suave e adorável. Que ela chorasse, não era irritante. E todas as manhãs, Will preparava o café da manhã para os meninos, entregando a Elly uma bandeja e um beijo; e, depois, ia dar um banho em Lizzy Parker, antes de lavar as fraldas e pendurá-las para secar. Ele trocava a fralda de Lizzy sempre que Elly deixava. Ele espanava a casa e colocava o pássaro azul na mesa de cabeceira dela. Esterilizava os bicos de borracha da mamadeira, preparava o leite aguçado e tinha as mamadeiras prontas durante os dias antes do leite de Elly chegar. Preparava o jantar, deixava os meninos alimentados e vestidos de pijama antes de beijá-los, beijava Elly e Lizzy, dizia adeus e ia trabalhar na cidade.

Após o longo dia, quando ele voltava, havia minutos preguiçosos deitado na cama com o bebê entre Elly e ele, enquanto observavam o sono, o soluço, o abrir dos olhos ou ela chupar a mão. E eles sonhavam com o futuro dela, com o deles, e olhavam nos olhos um do outro e se maravilhavam de que tivessem um bebê como ela, que era deles. Eles tiveram três desses dias gloriosos antes das bombas caírem.

No domingo, o rádio estava ligado e Elly estava deitada na cama ouvindo o Sistema de Transmissão da Columbia, quando a voz de John Daly anunciou: — “*Os japoneses atacaram Pearl Harbor*”!

Primeiramente Elly não entendeu completamente. Em seguida, a tensão na voz de Daly a marcou e ela se sentou abruptamente. — Will! Venha depressa!

Pensando que algo estava errado com ela ou o bebê, ele veio correndo.

— O que houve?

— Eles bombardearam a gente!

— Quem?

— Os japoneses. Ouça!

Eles ouviram, como todo o resto da América, pelo restante do dia e à noite. Ouviram do naufrágio de cinco navios de guerra norte-americanos em uma ilha havaiana pacífica, da destruição de 140 aeronaves e da perda de mais de 2.000 vidas americanas. Eles ouviram a voz de Kate Smith cantando “Deus Salve a América” e da banda nacional do exército tocar o hino dos Estados Unidos – “The Star-Spangled Banner”; ouviram sobre os alertas de apagões ao longo da costa ocidental onde a invasão japonesa era temida e onde milhares correram para se oferecer para as forças armadas, e, uma hora depois dos primeiros relatos do rádio, já havia incríveis histórias de homens subindo em mesas de restaurante ou deixando pratos inacabados e caminhando para o escritório de recrutamento mais próximo para encontrar a linha de voluntários.

Em Whitney, na Geórgia, a uma curta viagem de avião a partir de outra costa vulnerável, Will e Elly apagaram as luzes mais cedo e foram para a cama, perguntando-se o que o dia seguinte traria.

Trouxe a voz do Presidente Roosevelt: “Ontem, 07 de dezembro de 1941, uma data que viverá na infâmia, os Estados Unidos da América foram de repente e deliberadamente atacados por forças navais e aéreas do Império do Japão. Além disso, os navios americanos relataram que foram torpedeados em alto mar entre São Francisco e Honolulu. Ontem, o governo japonês também lançou um ataque contra a Malásia. Na noite passada, forças japonesas atacaram Hong Kong. Na noite passada, forças japonesas atacaram Guam. Na noite passada, forças japonesas atacaram as Ilhas Filipinas. Na noite passada, os japoneses atacaram Wake Island. Esta manhã, os japoneses atacaram Midway Island. As hostilidades existem. Está claro o fato de que nosso povo, o nosso território e nossos interesses estão em grave perigo. Com a confiança em nossas forças armadas e com a determinação do nosso povo, nós ganharemos o triunfo inevitável, então que Deus nos ajude. Peço que o Congresso declare que, desde o ataque não provocado e covarde por parte do Japão, neste domingo, sete de dezembro, um estado de guerra existe entre os Estados Unidos e o Império japonês”.

Will e Elly olharam para o rádio e depois um para o outro.

Não agora, ela pensou. Não agora, quando tudo está bem.

Então é isso, ele pensou. Eu terei que ir como centenas de outros estão indo.

Ele ficou surpreso ao se encontrar com um pouco da mesma indignação como a do resto da América. Pela primeira vez, Will sentiu a injustiça da qual o Presidente Roosevelt falara. Na cama, naquela noite, ele estava acordado e pensativo. Elly estava tensa. Depois de um longo silêncio, ela rolou para ele e o segurou possessivamente.

— Você vai ter que ir?

— Creio que sim.

— Mas você é um pai agora. Como eles poderiam querer um pai com um novo bebê e outros dois por zelar?

— Eu tenho trinta. Eu sou fichado. O projeto de lei diz de 21 a 35 anos.

— Talvez eles não te chamem.

— Vamos nos preocupar com isso quando chegar a hora.

Minutos depois de terem ficado de mãos dadas e em silêncio, ele disse: — Eu vou trazer um gerador para você, arrumar uma geladeira, uma máquina de lavar elétrica e certificar-me de que tudo esteja em ordem neste lugar.

Ela agarrou sua mão e roçou seu rosto contra seu braço. — Não, Will... Não.

À uma da manhã, quando Lizzy acordou com fome, Will pediu a Elly para deixar a lamparina acesa. No brilho âmbar da lamparina, ele se deitou ao seu lado e a viu amamentar o bebê, observando as pequenas mãos brancas empurrarem o azul tingido da mama, assistindo ao inchaço das bochechas e achatamento conforme ela tirava seu sustento. Ele observava os dedos de Elly moldarem a cabeça delicada de Lizzy. Pensou em tudo o que ele tinha para viver, tudo o que ele teria de lutar, e na

questão de fazer Elly e as crianças ficarem seguras antes que eles o chamassem.

O rádio não foi mais desligado depois disso. Dia após dia eles ouviam uma América se preparando para a guerra. Em Washington, os soldados pegaram postos em centros-chaves do governo, usando capacetes da Primeira Guerra Mundial e carregando antigos rifles Springfield, enquanto em oito de dezembro, bombardeios japoneses atingiram dois aeroportos dos EUA e nas Filipinas, e no dia dez forças japonesas começaram a pousar em Luzon. No início, tudo parecia remoto para Elly, mas Will trouxe jornais da biblioteca e estudou o movimento japonês em minúsculos mapas que trouxeram a guerra para mais perto. Ele passou em frente à prefeitura, onde os recrutadores já se achavam em seus postos doze horas por dia. Outdoors na frente e no vestíbulo expunham: “DEFENDAM SEU PAÍS! ALISTEM-SE AGORA NO EXÉRCITO DOS EUA”. Depois disso, a América continuou; indignada; eriçada. A América tornou-se um crescente frenesi.

Will se encontrou ele próprio em um constante frenesi. Terminou o gerador de energia eólica e conectou o rádio, porque as baterias estavam quase esgotadas e as novas inalcançáveis. Uma vez que o gerador de energia eólica não criaria eletricidade suficiente para alimentar aparelhos maiores, ele instalou um motor a gasolina conduzido por um agitador operado pela máquina de lavar velha e formando um aquecedor de água

caseiro, alimentado por querosene. Ele estava ao lado da banheira como um monstro desengonçado com um focinho inclinado. O dia em que ele a encheu pela primeira vez, eles comemoraram. Os meninos tomaram os primeiros banhos, seguido por Elly e, finalmente, pelo próprio Will. Mas não havia como negar que a euforia, que tinham sentido por usarem a banheira pela primeira vez, foi atenuada pelo saber implícito do porquê Will estava correndo para aprontar tudo em torno do lugar.

A Senhorita Beasley chegou, chamando, quando Lizzy estava com dez dias de idade, surpreendendo a todos. Ela trouxe um conjunto de roupinha e sapatinho para o bebê e o “Timothy Fragmenta a História Irlandesa”, de JM Callwell, para os meninos, e não era o volume da biblioteca, mas um livro novinho em folha que eles poderiam manter com eles. Os meninos estavam admirados com uma estranha lhes trazendo um presente e pelo próprio livro e a ideia de que ele pertencia a eles. A Senhorita Beasley conseguiu que eles se sentassem e estudassem as imagens e uma promessa de lerem o livro e lhe contarem, logo que ela visitasse a mãe deles.

— Então, você está ocupada outra vez — disse ela para Eleanor.

— Sim. Mas Will está me estragando com mimos...

— Uma mulher merece um pouco de estrago de vez em quando — sem o menor sinal de calor em sua voz, ela acrescentou: — Agora, eu gostaria muito de ver a menina.

— Ah... É claro. Venha, ela está no nosso quarto.

Elly liderou o caminho e Will a seguiu, estando atrás com as mãos nos bolsos traseiros. A Senhorita Beasley se inclinou sobre o cesto e inspecionou o rosto adormecido. Ela cruzou as mãos sobre a própria barriga, deu um passo atrás, e declarou: — Você tem uma filha linda, Eleanor.

— Obrigada, Senhorita Beasley. Ela é uma boa dorminhoca, também.

— Uma bênção, eu tenho certeza.

— Sim, senhora, ela é.

Para surpresa de Will, a senhorita Beasley disse para Elly: — O Sr. Parker está muito, muito satisfeito que você nomeou sua filha com o nome dele.

— Ele está? — Elly olhou por cima do ombro para Will, que sorriu e deu de ombros.

— Ele certamente está.

Fez-se silêncio, tenso, antes de Elly pensar em oferecer: — Tem um pão de gengibre fresco e café quente, se a senhorita quiser.

— Eu gosto muito de pão de gengibre, obrigada.

Todos eles marcharam de volta para a cozinha e Will assistiu Elly nervosamente servir o pão e o café e se empoleirar na borda de sua cadeira como um pássaro pronto para voar. Se fosse lhe dado uma escolha, ela provavelmente teria prescindido da visita, mas ninguém expulsou a senhorita Beasley para fora da casa, tampouco para fora da cozinha. Will estudou a bibliotecária secretamente, mas ela raramente olhava para ele. A visita estava sendo realizada com a mesma formalidade presunçosa com que a senhorita Beasley realizava uma turnê na

biblioteca para as crianças. Pareceu-lhe que ela não estava mais confortável estando ali do que Elly estava estando com ela. Então, por que ela viera? Por dever? Por que ele trabalhava para ela?

E, subitamente, a conversa voltou-se para a guerra e, com isso, para a desova do patriotismo mais acirrado da história. — Eles estão se alistando como se fossem uma fila de sorvete grátis — disse a senhorita Beasley. — Hoje, mais cinco de Whitney foram: James Burcham, Milford Dubois, Voncile Potts e dois dos rapazes Sprague. Pobre Esther Sprague; primeiro o marido, e os dois filhos, agora. Há rumores de que Harley Overmire recebeu uma espécie de notificação — a Senhorita Beasley não se animou, mas Will teve a impressão de que ela o quis fazer.

— Eu estou preocupada que Will, talvez, tenha que ir — Eleanor confidenciou.

— Assim como eu, mas um homem tem de fazer o que ele precisa, assim como uma mulher, quando chegar a hora.

Foi por isto, então, que ela veio? Para preparar Elly quanto a decisão que ele teria de tomar? Para facilitar a confiança de Elly, porque ela sabia que Elly iria precisar de uma amiga, quando ele fosse embora? O coração de Will abrigou aquela mulher que comia pão de gengibre com maneiras impecáveis, enquanto um pequeno pingo de chantilly descansava no cabelo fino de seu lábio superior.

Naquele momento ele a amava e percebeu que isto tornava sua ida mais difícil. No entanto, ele teria de deixá-las. Já havia se tornado entendido que ser maior de idade e não se juntar ao

exército só seria permitido para quem fosse fisicamente ou mentalmente impossibilitado, caso contrário seria objeto de suspeitas e de insinuações sobre sua condição e coragem.

Will decidiu-se: logo depois do Natal. Ele esperaria até lá para falar com um recrutador e dizer a Elly. De qualquer maneira, eles mereciam um Natal juntos.

Ele lançou-se nos preparativos para o Natal, querendo ter todas as coisas tradicionais, já que corria o risco de nunca mais ter a chance de tê-las: a ceia, a árvore, os presentes, a celebração... Ele faria cavalos de pau para os meninos e compraria os doces Holloway, pipocas, chocolates da Bunte's Tango e os quadrinhos do Capitão Marvel. Para Elly, ele compraria algo como o popular jogo de damas chinesas. Seriam necessários dois para jogar as damas chinesas, mas ele compraria, de qualquer maneira, como um presságio de esperança para o seu retorno.

Em 22 de dezembro veio a notícia de que um grande desembarque japonês tinha sido encenado ao norte de Manila. Na véspera do Natal veio a notícia de outro, ao sul da cidade, que estava em perigo de cair pelos inimigos.

Depois daquilo, Elly e Will fizeram um pacto para deixar o rádio desligado pelo resto do mês de dezembro e se concentrarem no entusiasmo dos meninos.

Mas ela sabia. De alguma forma, ela sabia. Enchendo as meias, Elly ergueu o olhar e viu Will deixar cair um punhado de amendoim torrado, quase tão animado como se fosse a sua meia em vez da de Thomas. Ela sentiu um ardor na parte de trás do nariz e foi até ele antes de qualquer evidência reveladora se

formar em seus olhos. Ela encostou o rosto no peito dele e disse: — Eu te amo, Will.

Ele brincou com seu cabelo, enquanto ela se encostava levemente contra ele: — Eu também te amo.

Não vá, ela não disse. *Eu tenho que ir*, ele não respondeu.

No momento seguinte eles voltaram a encher as meias.

Para Will, a manhã de Natal foi amargamente doce, observando os olhos dos meninos se iluminarem com a visão dos cavalos de pau, rindo enquanto procuravam em suas meias, segurando-as, ainda de pijamas, em seu colo, provando os doces à medida que comiam com os olhos as histórias em quadrinhos. Estas foram estreias para Will. Viveu-as indiretamente, através de Donald Wade e Thomas, como se ele mesmo tivesse isso quando fora garoto. Elly deu-lhe uma camisa de presente, que ele usou, enquanto jogavam damas chinesas e os meninos montavam seus cavalos do outro lado da sala de estar e do piso da cozinha.

Para o jantar, eles não tinham o peru tradicional. Will tinha se oferecido para levar a velha espingarda de cano duplo de Glendon e tentar que sua mão acertasse em um, mas Elly não quis ouvir nada disso.

— Um dos meus pássaros? Você quer atirar em um dos meus perus selvagens, Will Parker? Eu digo que não! Nós vamos ter carne de porco — e eles tiveram. Carne de porco, pão de milho recheado com quiabo frito e torta de marmelo com a senhorita Beasley como convidada. A senhorita Beasley, que havia comemorado tantos Natais tristes, sozinha, brilhava como uma luz de néon quando Will chegou para buscá-la no

automóvel. Ela realmente também soube animar Elly por ter uma estranha à sua mesa para uma refeição. Ela trouxe presentes: para Elly, um belo jogo de chá chinês composto de sete peças, decorado delicadamente com pássaros amarelos e um trevo; para Will, um par de luvas; para os meninos, um par de automóveis Pyralin, cheios de doces cremosos coloridos em forma de elefantes, chifres e tartarugas, e um novo livro: “Uma Visita De São Nicolau”, publicado anonimamente, que ela leu para eles depois do jantar.

Quando Will foi deixar a senhorita Beasley no seu bangalô, em Durbin Street, caminhou até a porta dela com suas novas luvas.

— Eu quero agradecer a senhorita por todos os presentes que nos deu.

— Bobagem, Sr. Parker. Eu é que deveria lhe agradecer pela linda noite.

— Estas luvas são... — ele as esfregou com apreço. — Ora, elas são... eu nem sei o que dizer. Ninguém nunca me deu nada tão bom antes. Eu me senti horrível, não dei nada a senhorita.

— Não me deu nada? Sr. Parker, você sabe quantos Natais eu passei sozinha desde que minha mãe faleceu? Vinte e três. Talvez um homem inteligente como você possa descobrir exatamente o que você e Eleanor me deram hoje.

Ela sempre dizia coisas como essa, chamando-o de um homem inteligente. Coisas que nenhuma outra pessoa já tinha dito a Will, coisas que fazia ele se sentir bem consigo mesmo. Olhando para o rosto dela, ele entendeu claramente o que aquele dia lhe significou, embora sua expressão nunca demonstrasse.

Ela permaneceu pressionando a boca como sempre. Ele se perguntou o que ela faria se ele se inclinasse e a beijasse respeitosamente. Provavelmente, esbofeteá-lo no rosto.

— Elly... Ela não sabia o que fazer com aquele conjunto de chá. Eu nunca vi os olhos dela ficarem tão surpresos.

— Mas você sabe o que fazer com ele, não é?

Ele estudou os olhos dela por um longo momento. Ambos sabiam: quando ele se fosse, Elly iria precisar de uma amiga. Alguém para tomar chá com ela, talvez.

— Sim, senhorita, eu acho que sim — Will respondeu calmamente. Então, ele colocou as mãos enluvadas sobre os braços da Senhorita Beasley e fez o que seu coração ditou: ele colocou um beijo carinhoso na bochecha dela.

Ela não o esbofeteou; ela ficou da cor de uma groselha e piscou rapidamente três vezes, e, então, correu para dentro da casa, esquecendo-se de lhe dar adeus.

No prazo de cinco semanas após o ataque a Pearl Harbor, Bell Aircraft^[23] construiu uma enorme nova fábrica de bombardeiros, em Marietta. O último automóvel civil saiu das linhas de montagem em Detroit, e o Japão tinha apreendido Malaya e as Índias Orientais Holandesas, cortando noventa por cento do fornecimento de borracha da América. O administrador Leon Henderson, consultor econômico de Franklin Roosevelt, foi retratado em todos os jornais da América, pedalando sua “Bicicleta da Vitória”. Os ricos desertaram de suas mansões na

Ilha de St. Simons, pois submarinos alemães começaram a rondar a costa, e o povo da Geórgia organizou a “Guarda do Estado da Geórgia”, um exército de cidadãos composto por todos aqueles ou muito jovens, ou muito velhos, ou dispensados para o alistamento, que procuraram se preparar para uma defesa costeira no caso de uma invasão alemã. Os condenados da Geórgia foram recrutados e colocados a trabalhar dia e noite para melhorar as abordagens do litoral e construir pontes sobre as quais o exército iria defender seu estado. E até na serraria, um dia, Harley Overmire, com a mandíbula resoluta, fechou os olhos e passou o dedo através de uma serra circular. Ele não teria que ir para a guerra.

A notícia teve um efeito curioso sobre Will. Decidiu, de repente, que ele iria se alistar e se juntaria aos fuzileiros navais, de modo que, se ele voltasse, homens como Overmire nunca mais pudessem diminuí-lo. Isso parecia fadado a acontecer mesmo, porque, no mesmo dia em que ele tomou sua decisão, a convocação chegou até ele. A carta começava com a palavra infame que já tinha tomado milhares de homens de suas casas e famílias:

SAUDAÇÕES...

Will abriu o comunicado sozinho, perto da caixa de correio, lendo as palavras; depois, fechou os olhos e respirou fundo. Ele olhou para o céu azul da Geórgia, andou a passo de caracol até a estrada de barro vermelho e se sentou, durante cinco minutos, embaixo de sua árvore predileta, ouvindo os pardais, o inverno tranquilo. Ele preferia fazer qualquer coisa a ter de dizer a Elly, mas ele tinha que fazê-lo.

Ela estava amamentando o bebê, quando ele voltou para a casa, encontrando-a recostada sobre a cama. Ele parou na porta e a estudou, guardando a imagem em sua memória para os dias sombrios que viriam. Uma mulher com um vestido de estampa desbotada, com os botões abertos, os cabelos brotando em uma trança, um braço debaixo do bebê dela mamando. Um nó se formou na garganta de Will quando ele se ajoelhou ao lado da cama e colocou a ponta de um dedo na bochecha de Lizzy, então o passou sobre sua pele delicada. Inclinou-se sobre os cotovelos, perto da cabeça de Elly, seu olhar ainda descansando no cuidado infantil.

Não diga a ela ainda.

— Ela está crescendo, não é? — ele murmurou.

— Sim.

— Quanto tempo você vai amamentá-la?

— Até que ela receba dentes.

— Quando será isso?

— Ah, quando ela tiver cerca de sete, oito meses.

Eu queria estar aqui para ver cada novo dente.

A junta de seu dedo passou da bochecha do bebê ao seio de sua esposa.

— Esta é a minha maneira favorita de encontrá-la quando eu entro. Eu podia ver isso infinitamente ao entrar em casa e nunca me cansaria disto.

Ela virou a cabeça para estudá-lo, mas seus olhos seguiram o dedo dele que deslizava sobre seu peito cheio.

— E eu acho que nunca me cansarei de você assistindo, Will — disse ela em voz baixa.

Elly, Elly, eu não quero ir, mas eu tenho que fazer isto.
Pensou.

Contemplar a mortalidade fazia um homem dizer coisas que, de outra forma, iria manter por dentro.

— Eu me perguntei muitas vezes se minha mãe me segurou assim, se ela cuidou de mim, se ela esteve triste por desistir de mim. Eu me pergunto toda vez que eu vejo você com a Lizzy.

— Ah, Will... — ela tocou no rosto do homem com ternura.

Nesse momento, seus sentimentos por ela ficaram complicados e ele lutou para compreendê-los. Ela era sua esposa, e não a sua mãe, mas ele a amava como se fosse ambas. Por alguma razão incompreensível ele pensou que ela tinha o direito de saber disso, antes que ele a deixasse.

— Às vezes, eu acho que metade de mim quis se casar com você por você ser uma boa mãe e eu nunca tive uma. Eu sei que parece estranho, mas eu... Bem, eu só queria te dizer.

— Eu sei, Will.

Ele levantou a cabeça e seus olhos se encontraram por fim.
— Você sabe?

O polegar dela roçou o lábio inferior dele. — Acho que eu sabia o tempo todo. Eu percebi isso quando eu lavei o seu cabelo pela primeira vez. Mas eu sabia que não era a única razão. Eu também percebi isso.

Ele se esticou para beijá-la, seu ombro roçando a cabeça de Lizzy, enquanto o som de sua sucção e deglutição continuava. Ele nunca iria esquecer este momento: o cheiro do bebê e da mulher, o calor de uma contra o seu ombro, a outra sob sua mão

que repousava no seu cabelo macio. Quando o beijo terminou, ele olhou nos olhos verdes de Elly, enquanto o seu polegar descansava em uma parte de seu cabelo. Lentamente, ele desabou para descansar de bruços sobre o colchão, ainda abraçando ambas.

— Will, o que há de errado?

Ele engoliu em seco, o rosto achatado na cama que cheirava a elas e a talco de bebê.

— Você pegou o correio, não é?

Ele balançou a cabeça. Lágrimas encheram os olhos dele, mas ele as colocou de novo para dentro. Nos dias de hoje, nenhum homem chorava. Eles marchavam para a guerra, triunfantes.

— Eu estava pensando — ela continuou, sufocada —, talvez eu vá fazer uma torta de marmelo para o jantar. Eu sei como você gosta de torta de marmelo.

Ele pensou em refeitórios prisionais e rações de soldados, e na torta de marmelo de Elly com uma crosta crocante, e trabalhou duro para manter a respiração estável. O bebê parou de mamar e soltou um suspiro delicado. Will memorizou sua boca leitosa caindo suavemente da pele de Elly, e ele virou a testa para o colchão. Abrindo os olhos, viu o mamilo de Elly de perto, quase violeta em matiz, ainda enrugado, enquanto os lábios úmidos de Lizzy ocasionalmente sugavam a centímetros de distância.

— Eu prometi aos meninos que eu iria levá-los para um filme de novo. Eu, com certeza, preciso fazer isso ainda.

— Eles gostariam disso.

O silêncio se estabeleceu, crescente e opressivo.

— Posso ir junto? — perguntou ela.

— O filme não teria nenhum divertimento sem você — ambos sorriram tristemente. Quando os sorrisos se desbotaram, eles ouviram o outro respirar absorvendo a proximidade um do outro e armazenando memórias.

— Eu tenho que ensiná-la a dirigir o carro — disse ele, por fim.

— E eu tenho que lhe dar a festa de aniversário que lhe prometi.

Ficaram em silêncio por um longo tempo, antes de Elly soltar um som gutural, desolado, estender a mão e agarrar a parte de trás da jaqueta de Will. Enterrando o rosto na roupa de cama, ela o segurou assim e se deixou entristecer.

Mais tarde, ele lhe mostrou a carta, e, enquanto ela lia, ele lhe disse: — Eu estou me voluntariando para os Fuzileiros Navais, Elly.

— Os Fuzileiros! Mas por quê?

— Porque posso ser bom nisso. Porque eu já tenho a formação de toda a minha longa vida. Porque eu quero ter certeza de que, bastardos como Overmire, gente de sua espécie, nunca mais possam fazer comentários degradantes sobre mim ou você.

— Mas eu não me importo com o que Harley Overmire diz sobre nós.

— Eu me importo.

A expressão dela contraiu-se, quando mágoa a definiu: ele tinha tomado essa decisão sem consultá-la, pondo em perigo a vida que ela agora valorizava mais do que a dela própria. — E eu não tenho nada a dizer sobre isso, se você vai para o Exército ou para os fuzileiros navais?

O rosto dele se fechou: — Eu lamento muito, Elly, mas tive que escolher uma área na qual eu...

Eles tiveram nove dias, nove diasagridoces, durante os quais eles nunca falaram a palavra “guerra”. Nove dias, durante os quais Elly permaneceu bem, mas machucada. Ele levou a família para assistir ao filme de Bud Abbott e Lou Costello,^[24] como prometido. Os meninos adoraram. Durante o filme, Will segurou a mão de Eleanor com força para que ambos tentassem esquecer o noticiário, antes do filme, que mostrara cenas do ataque a Pearl Harbor e outras ações no Pacífico que haviam ocorrido desde que a América tinha entrado na guerra.

Depois daquele dia, Will ensinou a Elly como dirigir o carro, mas não conseguiu fazê-la prometer que ela o usaria para ir à cidade em caso de uma emergência. Mesmo durante a prática, ela se recusou a deixar a sua fazenda. Em outros dias, em outras circunstâncias, as lições poderiam ter sido uma fonte de diversão, mas com os dois contando as horas, o riso era um prêmio. Will rachou mais lenha também, perguntando-se quantos meses ela ficaria sozinha, quanto tempo aquele fornecimento duraria, o que ela faria quando ele tivesse ido embora.

Elly, como prometido, deu-lhe uma festa de aniversário em 29 de janeiro, três dias antes de ele ir. A Senhorita Beasley foi

convidada e eles usaram o novo jogo de chá da China. Entretanto, naquele dia de arbitrária comemoração, para um homem que nunca tinha comemorado o seu nascimento, celebrando-o agora, porque podia ser sua última chance, manteve-se um tom de melancolia.

Depois, veio a última noite de Will na biblioteca. A Senhorita Beasley o estava esperando quando ele chegou para o trabalho e entregou a ele o seu último cheque com tanto calor como o general MacArthur^[25] emitindo uma ordem.

— Seu trabalho estará esperando-o quando voltar, Sr. Parker — disse ela. Não importava seus sentimentos por Will, ela nunca usava seu primeiro nome. Não teria parecido certo para qualquer um deles.

Ele olhou para o cheque, enquanto sua garganta apertava.
— Obrigado, senhorita Beasley.

— Eu pensei que, se estiver tudo bem para vocês, eu posso ir até a estação de trem amanhã para ver o senhor partir — disse ela.

Ele forçou um sorriso, encontrando os olhos dela. — Isso seria bom, minha senhora. Eu não tenho certeza se Elly vai fazer isso.

— Ela ainda se recusa a vir à cidade?

— Sim, senhorita — ele respondeu, calmamente.

— Ah, aquela criança! — a Senhorita Beasley levantou as mãos e começou a andar agitada. — Às vezes, eu gostaria de me sentar com ela para uma conversa.

— Não faria nenhum mal, senhorita.

— Será que ela pensa que pode se esconder para sempre?

— Parece que sim — Will estudou o chão. — Senhorita Beasley, há algo que eu gostaria de perguntar. Algo que eu estive pensando por um longo tempo — ele coçou a ponta do nariz e olhou para algum ponto qualquer, menos para ela. — Naquele dia, quando aquela mulher, Lula, esteve aqui, eu sei que a senhorita ouviu o que ela disse sobre a Elly, sobre como sua família a trancou naquela casa, aqui na cidade, e é por isso que todo mundo a chama de louca. É verdade?

— Você quer dizer que ela nunca disse a você?

Erguendo o olhar, Will lentamente balançou a cabeça.

A Senhorita Beasley considerou longamente, então ordenou: — Sente-se, Sr. Parker.

Eles se sentaram, em lados opostos de uma mesa de estudo, em meio ao cheiro de cera, óleo e livros. Lá fora, os cascos se arrastando soaram na rua; comerciantes fechando suas lojas e indo para casa para o jantar; um automóvel passando retumbou e desapareceu, enquanto a senhorita Beasley considerava a questão de Will.

— Por que ela não disse a você?

— Eu não sei ao certo, senhorita. Deve incomodá-la falar sobre isso. Ela tem sentimentos sensíveis.

— Deveria ser ela a te dizer.

— Eu sei disso, senhorita Beasley, mas se ela ainda não disse, eu duvido que ela vá dizer hoje à noite, e eu gostaria de saber antes de ir.

A Senhorita Beasley se debateu em silêncio, olhando Will em cheio no rosto. Seus lábios se franziram, relaxaram, então apertaram novamente: — Muito bem, eu vou te contar — ela

entrelaçou os dedos e os descansou sobre a mesa com o ar de um juiz descansando um martelo.

— A mãe dela era uma garota daqui. Ela engravidou sem ser casada e foi mandada embora por seus pais, para ter a criança. Eleanor foi o resultado daquela gravidez. Quando ela nasceu, Chloe See, que era sua mãe, a trouxe de volta aqui para Whitney. Elas foram apanhadas na estação pelos avós de Eleanor e levadas fechadas, para ninguém ver, em uma carruagem fúnebre; levaram para casa, a mesma que ainda está de pé na periferia da cidade. Lottie See, a avó de Eleanor, lacrou as cortinas e nunca mais as abriu novamente. Albert See e sua esposa eram pessoas estranhas, para dizer o mínimo. Ele era um pregador, por isso era compreensivelmente difícil para eles aceitarem a filha ilegítima de Chloe. Mas eles foram além dos limites da razão, mantendo sua filha como uma prisioneira naquela casa até o dia em que morreu. As pessoas dizem que ela ficou louca lá e Eleanor assistiu isso acontecer. Naturalmente, eles pensaram a mesma coisa da pobre Eleanor, vivendo todos aqueles anos com o resto daquele bando excêntrico. Eles poderiam ter mantido Eleanor trancada para sempre, mas a lei os obrigou a deixá-la sair para frequentar a escola. Isso foi quando a conheci, claro, quando ela veio aqui na biblioteca com a sua classe. As crianças foram implacáveis para com Eleanor; você sabe o quão cruel elas podem ser, a exemplo daquela petulante da Lula Peak, que contou para você, neste mesmo edifício.

A Senhorita Beasley empinou o queixo, severamente. — Com um pouco mais de provocação eu teria lavado a cara daquela mulher naquele dia. Ela é uma... Uma... — a senhorita

inchou e ficou vermelha, em seguida, com força, silenciou a sua cólera: — Se eu fosse expressar meus sentimentos verdadeiros por Lula Peak, isso me faria alguém não muito melhor do que ela, então eu vou me conter. Agora, onde eu estava?

— Ah, sim, em Eleanor. Ela não se reunia com o resto das crianças. Ela não sabia como se encaixar depois de ter saído da vida trancada que ela vivera até então. Ela era sonhadora e observadora. Então, as crianças a chamaram de louca. Como ela suportou aqueles dias eu não sei. Mas ela era, por dentro dos seus sonhos, inteligente e resistente, aparentemente. E ela conseguiu. Outra coisa: a história de que Albert See, o avô, tinha uma amante em algum lugar, é o boato, você sabe: a história de uma amante negra em cujo leito ele morreu. Mas, boato ou não, a vergonha daquilo, finalmente, derrubou sua esposa, e ela se tornou tão apática como sua própria filha, escondendo-se na casa, sem falar com ninguém, murmurando orações. Todos da família de Eleanor morreram no período de três anos, mas foi a morte que, finalmente, a libertou. Como ela conheceu Glendon Dinsmore, só posso imaginar. Ele entregava gelo, você sabe, então, eu suponho que ele foi um dos poucos autorizados a entrar naquela casa. Albert See morreu em 1933, sua esposa em 1934 e sua filha no ano seguinte. As mulheres morreram naquela casa que se tornou suas prisões. Uma semana depois da morte de Chloe, Eleanor se casou com Glendon e se mudou para o lugar onde você vive agora. A casa de seus avós ficou desocupada todos esses anos. Infelizmente, ela mantém a memória viva das pessoas. Às vezes, eu penso que seria melhor para Eleanor se tivesse sido demolida.

Então, agora, ele sabia. Ele ficou digerindo tudo, condenando pessoas que ele nunca tinha conhecido e pensando naquelas crueldades bizarras para compreender.

— Obrigado por me contar, senhorita Beasley.

— Entenda, eu não teria dito se não fosse por essa... essa maldita guerra.

Em todo o tempo que ele a conhecia, ela nunca tinha falado uma palavra vulgar. Fazendo isso agora, ela criou uma intimidade, um entendimento tácito de que sua partida iria quebrar não um, mas dois corações. Ele estendeu a mão sobre a mesa e pegou as dela, apertando forte.

— A senhorita tem sido boa para nós. Eu nunca vou me esquecer disso.

Ela permitiu que ele segurasse as suas mãos por vários segundos angustiantes; em seguida, retirou-as e se levantou firmemente, afetando a voz para encobrir suas emoções.

— Agora saia daqui. Vá para casa, para sua esposa. Não gaste sua última noite nessa biblioteca.

— Mas, meu cheque... Quero dizer, a senhorita me pagou por hoje e eu não fiz o meu trabalho.

— Você não aprendeu, depois de todo esse tempo, que eu não gosto que me contradigam, Sr. Parker? Quando eu digo: vá, quero dizer: vá.

Ele deu um sorriso, puxou a aba do chapéu, e respondeu:
— Sim, senhorita Beasley.

Ele chegou a casa bem a tempo de ajudar Elly a colocar os meninos na cama. *Pela última vez. Eu voltarei para casa, meninos, eu voltarei! Por Deus, eu voltarei para casa, porque vocês precisam de mim e eu preciso de vocês, e eu gosto demais de fazer isso, para desistir disto para sempre.* Sem falarem, Will e Elly fecharam a porta do quarto dos meninos, pela primeira vez na história. Eles ficaram na sala da frente, da mesma forma que ficaram na noite de núpcias, tensos e incertos, porque ela tinha sido gentil, mas distante com ele, ao longo de seus últimos e preciosos dias juntos. E, agora, a última noite tinha chegado e eles nunca tinham feito amor. A areia parecia cair através de uma ampulheta. Ele enfiou os polegares nos bolsos de trás e olhou para a parte de trás da cabeça de Elly, para sua nuca, adornada por uma grossa trança distorcida nas bordas. Ele queria tanto fazer isso direito, da forma como aquela mulher merecia.

— Eu gosto do seu cabelo trançado — ele começou hesitante, levantando a trança, sentindo-se confuso para cortejar uma mulher. Ele nunca amou uma mulher, só conhecera os procedimentos que as prostitutas lhe ensinaram ao deitar-se com elas, e era diferente agora. Abruptamente, Elly voltou-se e jogou os braços ao redor de seu pescoço. — Ah, Will, eu sinto muito, eu tenho sido tão desprezível com você.

— Você não tem sido desprezível.

— Sim, eu tenho sido, mas eu estive tão assustada.

— Eu sei. Assim como eu — ele a embalou, braços em torno de suas costas, e deixou cair o nariz para seu pescoço. Ela cheirava a coisas domésticas: ceia e algodão engomado, leite e

bebês. Ah, como ele amava o cheiro dessa mulher! Ele se endireitou e segurou seu rosto, o cabelo desenhado em sua testa. — O que você acha de tomarmos um banho juntos? Eu sempre quis fazer isso — ele propôs.

— Eu também sempre quis.

— Por que você não disse isso antes?

— Eu não sei se as pessoas fazem isso.

Ele inventariou suas feições, guardando cada uma em sua memória; em seguida, respondeu baixinho: — Eu acho que elas fazem, Elly.

— Tudo bem, Will — disse ela e ele pegou uma de suas mãos, enquanto ela se virou e abriu o caminho para o banheiro. Lá dentro, ele acendeu a lamparina, pensando que uma luz amena agradaria a Eleanor, e a colocou no alto de uma prateleira, enquanto ela se ajoelhava para colocar a tampa no ralo da banheira e ligar as torneiras. Ele fechou e trancou a porta, depois se inclinou ao lado dela, observando.

— Coloque sabão líquido — disse ele. — Eu nunca tomei um banho com espumas.

A cabeça dela se ergueu, timidamente. Ele encostou-se à porta, abrindo os botões de seu punho, impressionado de que eles pudessem ser tão tímidos ainda, depois de ele ter ajudado o bebê dela a nascer e ter dado banho nela. Mas o sexo era diferente. Ela estendeu a mão para a caixa de papelão que estava colocada entre os tubos de cobre da antiga banheira. Quando as bolhas estavam subindo, ela se levantou, virou as costas para Will e começou a desabotoar o seu vestido. Ele se

afastou da porta e capturou seus ombros, virando-a para encará-lo.

— Deixe-me fazer isso, Elly. Eu nunca a vi antes, mas eu gostaria de ter isso na memória apenas uma vez — o vestido era um verde desbotado, um vestido de casa, tão comum como a grama, com botões da garganta à barriga. Ele assumiu a tarefa de libertá-los e, em seguida, tirou-lhe a roupa e deixou-a cair no chão. Sem hesitar, segurou a mão dela e pediu: — Sente-se.

Ela se empoleirou no banco e ele desceu até seu joelho, tirou-lhe os sapatos marrons roçando os dedos nos tornozelos. Em seguida, levantou-se, alcançando-lhe o sutiã e o soltando e, antes deste cair no chão, ele foi retirar o restante, sua última peça de roupa. Ele ficou parado por um longo momento, segurando as duas mãos dela, deixando os olhos derivarem sobre ela: seios pesados, mamilos dilatados, estômago acentuado e pele pálida. Se ele tivesse que escolher, ele não mudaria um centímetro sequer de seu corpo. Seu corpo contava a sua história, a maternidade, os bebês que ela tivera, e o que ela estava amamentando. Ele desejou que pudesse ter sido os seus bebês que a moldaram daquele jeito, mas se tivesse sido assim, ele não poderia tê-la amado mais.

— Eu quero me lembrar de você desse jeito.

— Você é um idiota sentimental, Will. Eu sou...

— Shiii... Você é perfeita, Elly. Perfeita.

Ela nunca iria se acostumar com ele a adorando assim. Seus olhos caíram timidamente, enquanto, ao lado deles, a água retumbava e as bolhas subiam em uma nuvem branca perfumada.

— Quem é que vai me despir? — ele brincou, querendo outras lembranças para levar. Ele levantou o queixo dela. — Elly?

— Sua esposa — ela respondeu calmamente, e fez o que ela nunca tinha feito com Glendon, o que Will tinha lhe ensinado que um homem gostava. Camisa, camiseta, botas, meias e calças jeans; e a última peça de roupa, que se curvou no seu caminho para baixo. Eles ficaram a um pé de distância, batimentos cardíacos caindo como marteladas no vapor do banheiro, estudando os olhos um do outro, enquanto a antecipação pintava suas bochechas de um brilhante rosa. A cabeça dele mergulhou com o rosto levantado e eles se beijaram, demoradamente, deixando seus corpos se enlaçarem, balançando esquerda e direita, passando por novelos de texturas. Endireitando-se, ele deslizou as mãos para os braços dela, dizendo: — Segure-se — enquanto ele a impulsionou com as pernas e os braços em volta dele, colocando-a na banheira. Quando ele se sentou, a água subiu para os cotovelos deles. Ela foi para perto dele para fechar as torneiras e, quando ela as fechou, ele a prendeu e a segurou lá.

— Aonde você vai? — ele sussurrou perto de seus lábios.

— Nenhum lugar... — ela respirou, rematando a distância entre eles.

O primeiro foi um beijo suave, de suspensa antecipação. Duas bocas, duas línguas degustando antes de se excederem. Com as pernas de Eleanor ainda enroladas em torno da cintura de Will, eles brincaram no beijo, línguas provocando; em seguida, uma repetição sob um novo ângulo. Um empurrão, uma despedida, uma busca de olhos, um afundar juntos mais uma

vez. Ela pressionou as palmas molhadas para suas costas e ele colocou os seios dela contra o seu peito. Ela era suave, ele áspero; ela macia, ele duro. A diferença intensificou o beijo. A ânsia disparou e ele a apertou forte, correndo as mãos e os braços acima de sua pele, a pele lustrosa pelo sabão. Ele se familiarizou com os quadris largos, a cintura estreita e a firme protuberância dos seios, que pregueavam firmemente ao seu toque. A água batia em seus seios, enquanto ela se abaixava tentando capturar as bolhas sobre os ombros dele, até que sua pele ficou sob suas mãos. Seus dedos encontraram os três sinais de suas costas, três gotas lisas que ela leu como braile. As palmas das mãos pálidas em suas costelas, braços, ombros, aprendendo cada inclinação e dobra e cada transferência de músculo, conforme as mãos dele se moviam da mesma forma sobre ela. Por entre as pernas dele ela se aconchegou, comprimindo a si mesma, e eles se juntaram de modo tal, que ela não poderia dizer o quanto ansiava por ele.

— Vai dar tudo certo esta noite, não vai, Elly?

— Sim... sim.

— Será que vou machucá-la?

— Shh... — ela abafou a sua pergunta com o seu beijo.

Ele se afastou.

— Eu não quero te machucar.

— Então, volte para mim vivo.

Nenhum deles tinha manifestado aquilo antes. O desespero, agora, se tornou parte de seu abraço, enquanto a urgência movia suas mãos para acariciar, para explorar. Eles

inspiraram profundamente, segurando-se para melhor poderem absorver o momento, a memória.

— Ohhh... — ela respirou, e sua cabeça caiu para trás até que a trança tocou a água.

Ele proferiu uma aprovação gutural, lambendo a parte inferior do queixo dela e beijando-a, até que ele pôde alcançar seus seios. Ela estava mole com a aquiescência e ele ofereceu seu tempo, dando prazer a ela, tendo prazer, observando seus olhos piscarem, em seguida, fecharem, seus lábios ficarem relaxados, a ponta de sua língua aparecer, conforme ela caía em uma espécie de estupor. Com o tempo, ela começou a se mover, agitando a água, até que ele a rolou contra seu peito. Suas carícias mantiveram o ritmo.

A água se tornou inquieta. O amanhã se tornou uma ilusão. O aqui e agora se tornaram imperativos.

— Ah, Elly, eu queria fazer isso há muito tempo.

— Por que não fez?

— Eu estava esperando você dizer que estava pronta.

— Teria estado tudo bem há duas semanas.

— Por que você não disse algo?

— Eu não sei... eu estava com medo... vergonha.

— Talvez eu também estivesse. Não vamos ser tímidos.

— Eu nunca fiz coisas como estas com Glendon...

— Eu posso te mostrar mais.

Ela escondeu o rosto em seu pescoço. — Posso te banhar?
— ele perguntou.

— Você quer?

— Eu quero estar em você. Isso é o que eu quero.

— Isso é o que eu quero também, então se apresse.

Eles compartilharam o sabão. Eles compartilharam tudo. Eles puseram-se de joelhos e abandonaram esponjas, em favor das mãos. Eles se ensaboaram e beijaram-se, entrelaçados e elegantes como selos, murmurando sentimentos doces e se adorando com as mãos e línguas. E, quando foram forçados a ampliarem-se, como se uma dor estivesse chegando, ele agarrou seus braços molhados e empurrou-a para trás, liberando seus lábios. — Vamos para a cama.

Eles estavam no banheiro cheio de vapor, com impaciência, empunhando toalhas, pouco se importando com o seco ou molhado, assistindo-se mutuamente, agarrando um beijo rápido, rindo animadamente, tensos, excitados e prontos. Ele pegou a calça jeans do chão e encontrou em um bolso uma camisinha.

— O que é isso?

Fechando-a na palma da mão, ele olhou para ela. — Eu não quero você grávida de novo.

— Você não vai precisar disso.

— Eu não quero deixá-la com outro bebê, Elly.

Ela deu um passo, com sua toalha molhada, tomou o pacote de sua mão e colocou-o sobre a prateleira alta.

— As mulheres não engravidam quando estão amamentando, você não sabia, Will?

Com uma mão, ele tentou pegar de volta e levar para o quarto ainda, mas ela recusou. — Você tem certeza?

— Eu tenho certeza. Venha.

Ele pegou a lamparina e eles, em silêncio, entraram em seu próprio quarto. Ela então se voltou, colocou um dedo sobre os

lábios e boca: — Shh — disse ela, e eles levaram Lizzy para a sala da frente, somente nessa noite. Quando a porta foi fechada, eles se voltaram um para o outro. Seus lábios pareciam gaguejar, mas nenhum deles se moveu. Sozinhos... De repente, hesitaram. Até que ela deu o primeiro passo e eles se juntaram rapidamente, beijando-se e agarrando-se, lembrando novamente da ampulheta movendo sua areia. Tão pouco tempo... Tanto amor...

Impaciente, Will pegou-a no colo e a levou para a cama, sussurrando: — Puxe para baixo as cobertas. Ainda em seus braços, ela puxou o cobertor para o pé da cama. Ele a depositou sobre a cama, caindo sobre ela com suas bocas já se juntando em um beijo frenético, línguas atingindo profundidades, braços e pernas que tomavam posse. Aquele prelúdio foi indomável, todo o desejo e a antecipação elevados ao seu máximo. Rolando, impulsionando e sulcando, experimentaram a força de um desejo que nenhum deles tinha vivenciado até então. Ele hesitou por um momento e olhou para o lado à procura de algo.

— Preciso de alguma coisa... para tornar isso mais fácil — disse ele, olhando para a vaselina do bebê que estava na mesinha. Ele estudara isso dezenas de vezes, enquanto imaginava esse momento.

— Eu preciso de você, Will... nada mais.

O beijo dela o silenciou, enquanto ela enganchava seu pescoço com um braço e o puxava para baixo.

— Eu quero fazer com que isso seja algo bom para você, Olhos Verdes.

Ele sabia como. Ele tinha sido ensinado pelo melhor lugar chamado La Grange, no Texas. Ele a tocou no fundo, com as mãos e língua, até que ela se curvou como um salgueiro no vento.

Conforme ele se debruçou em seu corpo, ela fechou os olhos e o viu como ele parecia naquela primeira noite, estando na borda da clareira, magro e com fome, cauteloso e reservado, escondido debaixo de seu chapéu, escondendo seus sentimentos, sua solidão, suas necessidades. Ela fechou os olhos, mas abriu seu corpo, oferecendo consolo e amor para igualar o dele próprio. Doeu, mas ela escondeu bem, depois de tudo, agarrando a cabeça dele e o puxando para baixo para um beijo profundo dentro do qual ela disfarçou um gemido suave. Mas logo o gemido foi ditado pelo prazer, ao invés da dor. Ele a levou para a ponta mais alta de uma árvore, onde ela, pronta, feito um pássaro gracioso, enfim, tremeu à beira do voo e, em seguida, subiu pela primeira vez. Tornando-se um pássaro no céu, ela chamou seu nome, estremeceu, ergueu-se e renasceu. E quando o turbilhão dela tinha passado, ela abriu os olhos e o viu seguir o caminho que ela seguiu; viu seu cabelo batendo na testa, os músculos dos braços destacando-se como formações em pedra, gotas de suor que pontilhavam sua testa. Ele tremeu, gemeu e apertou profundamente, arqueando-se. Ele proferiu seu nome, mas o som estava preso por sua mandíbula apertada. Quando ele estremeceu, lançando-se, ela achou glorioso de testemunhar, uma bênção para receber. Ela segurou os ombros dele e sentiu os tremores profundos, e achou que ele era mais bonito do que o voo de uma águia.

Quando acabou, ele caiu ao lado dela, envolvendo um braço em suas costelas à espera de sua respiração abrandar. Com os olhos fechados, ele riu uma vez, satisfeito e repleto; em seguida, rolou-a para perto dele, segurou-a, acariciando sua pele úmida. Ele virou a cabeça e deixou seus olhos afagarem-na: — Você está bem, Elly?

Ela sorriu e tocou-lhe o queixo: — Shh... Eu estou plena.

— O quê?

— Tudo. Todos os sentimentos que você me deu.

— Ah, Elly...

Ele beijou sua testa e ela falou contra o queixo dele: — Eu tive três bebês, Will, três deles, mas eu nunca tive isso. Eu não sabia nada sobre isso — ela o agarrou. — E eu descobro isso na nossa última noite. Ah, Will, por que nós desperdiçamos duas semanas?

Ele não tinha resposta, só podia abraçá-la e acariciar seus cabelos.

— Will, eu senti como eu sempre quis me sentir, como se eu, por fim, estivesse voando. Como é que isso nunca aconteceu com Glendon? — ela se apoiou em um cotovelo para olhar para ele.

Ela era uma mulher intocada, inocente como nenhuma outra que ele já tivesse conhecido. — Talvez porque você estivesse casada com um homem bom, que nunca visitou um bordel.

— Você é um bom homem, Will, e você trate de não dizer nada diferente disso. E se é isso que você aprendeu por lá, estou feliz que você tenha ido lá — ela brincou com a colcha, enquanto

ele sorria para ela. Inesperadamente ela era tímida em um minuto e ousada no outro. Ele puxou sua esposa para perto dele e encontrou motivos para ela estar contente. Tinha sido um caminho tortuoso que o levou até ela. Sem La Grange, sem Josh, sem prisão, ele nunca terminaria na Geórgia. Ele nunca se casaria com Elly. Mas ele não queria se debruçar sobre isso nesta noite.

— Elly, querida, você se importa se nós não falarmos sobre isso por um tempo? Eu quero falar sobre... sobre as flores que você vai plantar para o próximo verão, como você vai escolher os marmelos, como os meninos irão ajudá-la a descascar a noz-pecã e...

— Você vai estar de volta antes disso, Will. Eu só sei que você vai.

— Pode ser.

Através da ampulheta, a areia derramou mais rápido. Ela descansou a face e as mãos no peito dele, com a sua palpitação forte, orando para que ele nunca fosse atingido por uma bala.

— Eu vou escrever para você.

Mais areia... Mais batidas do coração... e duas gargantas apertadas.

— E eu vou responder — disse ela. E, acrescentou: — Eu vou me lembrar desta noite para sempre e como foi maravilhoso.

— Eu vou me lembrar... — ele inclinou a cabeça para olhar nos olhos brilhantes da mulher. — Eu vou me lembrar de um monte de coisas, Elly.

Debaixo das cobertas ele encontrou os seios dela e com ternura tomou um deles em sua mão.

— Vou me lembrar daquele dia que você jogou o ovo em mim. Esse foi o dia em que eu percebi que estava apaixonado por você. Eu vou lembrar-me de você cortando o bacon na parte da manhã e apoiando-se na porta do Whippet, enquanto os meninos fingiam que estavam dirigindo para Atlanta; e aquela primeira manhã, quando você amarrou o cabelo num rabo de cavalo com uma fita amarela... E mexendo um bolo, segurando a tigela contra sua barriga. E como você estava sentada na cama dos meninos, quando eu cheguei do trabalho, contando-lhes uma história para dormir. E vocês me esperando debaixo da árvore, quando vim dirigindo de volta da cidade. Ah, essa é uma que vai ser das melhores! Eu já te disse o quanto eu gosto de me sentar debaixo daquela árvore com você? — ele beijou sua testa e os olhos dela arderam de emoção.

— Ah, Will... — ela se apertou contra ele e piscou com força. — Você tem que voltar para que possamos fazer isso novamente. Todas essas coisas. Neste verão... Promete?

Ele rolou contra ela e olhou em seus olhos. — Se eu fizer uma promessa, você tem que fazer uma também.

— Qual? — ela fungou.

— Que você vai para a cidade levar os meninos para passear um pouco. Você tem que ir, Elly, você não vê? Donald Wade vai completar sete no próximo ano e ele vai começar na escola. Mas se você...

— Eu posso ensinar o que ele precisa aprender aqui.

— Escute-me, agora, Elly. Eles têm que sair. Leve-os para a biblioteca, apanhe livros e leia para eles. E quando tiverem idade suficiente para a escola, eles vão saber o que esperar. Você quer

que eles cresçam menos ignorantes do que eu e você, não é? Olhe o pouco que foi à escola, como foi difícil, temos que lutar por tudo. Dê-lhes uma chance de serem mais inteligentes e melhores do que nós. Leve-os e acostume-os à cidade, com as pessoas e a sobreviver. Porque isso é tudo o que a vida é, Elly – sobrevivência. E você, vá, e mantenha a venda dos ovos e do chantilly para o Purdy. Você deve comprar coisas diferentes de vez em quando; comprar sabão. É muito trabalhoso para você fazer aquele sabão caseiro, minha querida. A Marinha enviará meus cheques para você, então, você vai ter o dinheiro. Compre bons sapatos para os meninos e tudo o que Lizzy precisar. E você, contrate alguém para fazer o que precisa ser feito na fazenda. E se eu não voltar, quando tiver mel, contrate alguém para lidar com as colmeias e venda o mel. Ele vai trazer um bom dinheiro com o açúcar escasso como está agora.

— Mas, Will...

— Ouça agora, Elly, porque eu não tenho muito tempo para convencê-la. A Senhorita Beasley será sua amiga. Você vai precisar de uma amiga. E ela é justa, honesta e inteligente. Se você precisar de ajuda, vá até ela e ela vai ajudá-la ou encontrar alguém que o faça. Prometa, Elly? — ele a segurou levemente pelo pescoço. Sob a palma da mão, ele a sentiu engolir em seco.

— Eu prometo — ela sussurrou.

Ele sorriu do jeito que ele sabia que ela precisava agora. — Você tem os dedos cruzados sob as cobertas, senhora?

— N-não — ela se engasgou, soltando uma risada que era metade um soluço.

— Tudo bem. Agora escute — ele enxugou a face molhada dela e disse o que precisava dizer: — Eu tenho que te dizer isso, antes de eu ir. Pode não ter sido justo da minha parte perguntar isso à Senhorita Beasley, mas eu o fiz, e ela me contou sobre como sua mãe nunca foi casada e de como sua família a trancou naquela casa e você também quando era uma menina, e todo o resto. Elly, como é que você nunca me contou isso?

O olhar dela caiu para seu peito. Ele ergueu o queixo dela com um dedo. — Você é tão boa quanto qualquer um deles lá embaixo, é melhor até. E não se esqueça disso, Sra. Parker. Você é brilhante e tem um par de meninos brilhantes... Um par não – um trio –, está me ouvindo? Você tem de descer para aquela cidade e mostrar isso a eles. Imponha-se, Elly. Exija o respeito que você merece. Ninguém irá ousar lhe destratar.

Ele podia ver que ela estava à beira de grandes lágrimas. — Ah, Elly, querida... — ele a envolveu e embalou nos braços. — Essa guerra vai mudar as coisas. As mulheres vão ter que fazer por si mesmas muito mais. E você deve enfrentar a cidade. Basta lembrar-se do que eu te disse. Você é tão boa quanto qualquer um deles lá embaixo. Agora eu tenho que te perguntar uma coisa, tudo bem? — ele estudou os seus olhos. — Você possui aquela casa?

— A da cidade?

— Sim. Onde você viveu.

— Sim. Mas eu não vou lá.

— Você não tem que ir. Apenas, lembre-se, porém, que se surgir uma emergência e você precisar de muito dinheiro para qualquer coisa, você pode vender aquele lugar. A Senhorita

Beasley vai ser capaz de ajudá-la. Você vai fazer isso se algo der errado e eu não voltar para casa?

— Você voltará para casa, Will, você voltará!

— Eu vou tentar, querida. Um homem com tanto esperando por ele, tem muito pelo que lutar para se manter vivo; você não acha?

Eles se abraçaram e queriam que assim o fosse. Quando Lizzy desse seu primeiro passo, que ele estivesse lá, com os braços estendidos esperando para ajudá-la. Quando o verão chegasse, e o mel estivesse fluindo, que ele estivesse lá para ver aquelas abelhas. E quando o outono chegasse e a árvore de azeda se alterasse para escarlata, que ele estivesse lá para se juntar a eles embaixo dela.

— Eu te amo, Elly. Mais do que um dia você possa saber. Ninguém nunca foi tão boa para mim como você é. Você tem sempre de se lembrar de uma coisa: o quão feliz você me fez. Quando eu não estiver aqui e você ficar triste, pense sobre o que eu lhe disse: o quão feliz você me fez, alimentando-me com tortas de marmelo, dando-me três bebês pequenos para amar e fazendo-me sentir como se eu fosse alguém especial. E lembre-se o quanto eu amo você, só você, a única em toda a minha vida, Eleanor Parker.

— Will... Will... Ah, Deus!

Eles tentaram se beijar, mas não podiam mais. As lágrimas ficaram no caminho, enchendo suas gargantas e engrossando as suas línguas. Eles se agarraram, pernas trançadas, braços puxando, como se protegendo um ao outro da separação do

amanhã. Mas ela viria e iria levá-lo e deixá-la, e nada que eles pudessem fazer ou dizer impediria a areia de cair.

CAPÍTULO 15

A PARTIDA E O PAGAMENTO DE UM EMPRÉSTIMO

Eles disseram adeus debaixo da árvore de azeda. Donald Wade encostou-se à carroça, Thomas montou o cavalinho de pau. Will e Elly seguiram, ele com seus poucos pertences dentro de um saco marrom e ela levando Lizzy. Quando eles pararam sob os ramos estendidos, a mão dele descansou no ombro dela. Em vez de olhar para ela, ele olhou para o céu.

— Bem... Está um bonito dia. Posso quase sentir a primavera chegando.

— Não tem uma nuvem no céu — disse ela.

Por que eles estavam falando do tempo quando havia uma dúzia de sentimentos mais urgentes caindo através de seus corações?

— Ontem, Donald Wade disse que viu um ninho com alguns ovos.

Will colocou a palma da mão no cabelo de Donald Wade. — Isso está correto, Kemosahbee?

— Três deles, perto da Mula de Aço — respondeu o menino.

— Você não os tocou, não é?

Donald Wade balançou a cabeça com força.

— Não! Mamãe disse para não mexer.

Will caiu sobre um joelho e pôs o seu saco na carroça. — Venha aqui. Você também, Thomas — Thomas soltou o cavalo de pau e os dois meninos correram para ele, enquanto Will

envolvia seus braços ao redor de suas cinturas. — Vocês sempre farão o que sua mãe mandar, tudo bem? Eu estou contando com vocês para serem bons meninos.

Ambos assentiram solenemente, cientes de que a partida de Will era importante, mas muito jovens para entenderem o porquê.

— Quanto tempo você vai ficar lá fora, Will? — perguntou o mais velho.

— Ah, um pouco de tempo.

— Mas por quanto tempo? — Donald Wade insistiu.

Will cuidadosamente manteve os olhos presos em Elly. — Até que eles expulsem os invasores, eu acho.

—Você vai ter uma arma de verdade, Will? — continuou Donald Wade.

Will abraçou Donald Wade. — Vou te dizer, eu vou te contar tudo sobre isso quando eu voltar. Agora você será um bom menino e ajudará a sua mãe com a Lizzy e com o Thomas, está bem?

— Está bem, Will — a voz da criança carecia de sua vitalidade usual, porque a partida de Will se tornou real. Ele e os meninos se abraçaram, enquanto a garganta de Will parecia fechar.

— Tchau, Kemosahbee.

— Tchau, Will.

— Tchau, menininho.

— Tchau, Wiw — outra boca macia, outro abraço apertado.

E Will apertou os dois, fechando os olhos.

— Eu amo muito vocês dois.

— Eu te amo, Will.

— Eu amo você, Wiw.

Ele conseguiu subitamente ficar de pé, com medo do que poderia acontecer se ele não o fizesse.

— Eu quero segurar a Lizzy mais uma vez, tudo bem? — ele estendeu as mãos para o bebê, segurou-a com os pezinhos dela no seu peito. Ela espiou para fora do gorro e da manta de flanela quente. Quando ele colocou o nariz na bochecha dela, ela cheirava a banho perfumado. — Eu voltarei, Lizzy Parker, coisinha doce. Tenho de ver seus dentinhos apontarem e te ver apanhar o ônibus escolar para a cidade — ele encostou seu nariz no dela brevemente e deu-lhe um beijo; era muito doloroso. — Aqui, Donald Wade, você segure a sua irmã na carroça, filho.

Quando Lizzy foi posta no colo de seu irmão, Will se virou para Elly e a segurou com as duas mãos. Ela estava chorando baixinho. Sem soluço, apenas as lágrimas escorrendo pelo seu rosto pálido.

— Você mantenha pronta a torta de marmelo, querida, porque você nunca pode dizer quando eu vou vir passeando por este terreiro, com a fome de um urso na primavera.

Embora as lágrimas continuassem escorrendo, ela ergueu o queixo e afetou uma atitude incomodada: — Sempre foi um grande problema, Will Parker, você e essa sua gula por doces.

As lágrimas que ele tinha contido tão bem não podiam mais ser escondidas. Elas brilharam em suas pálpebras, enquanto ele e Elly se lançavam juntos em um longo abraço amoroso. Ele baixou a cabeça e a ergueu, ela na ponta dos pés, cada um apreensivo pelo outro, enquanto a falsa alegria se dissolvia.

— Oh, Elly... Jesus.

— Você voltará para mim, Will Parker! Ouviu?

— Eu vou, eu vou, eu prometo que vou. Você é a primeira pessoa para quem eu tenho de voltar. Como eu poderia não voltar para você?

Beijaram-se, sentindo-se enganados por tudo o que não tinham tido tempo de fazer.

— Envie-me sua foto logo, assim que eles te instalarem, com aquele uniforme dos soldados.

— Eu vou. E lembre-se do que eu disse... — ele segurou seu rosto com as duas mãos, olhando dentro dos preciosos olhos verdes. — Você é tão boa quanto qualquer um na cidade. Leve os meninos lá e vá até a Senhorita Beasley se você precisar de alguma coisa.

Ela assentiu com a cabeça, mordendo os lábios. Depois, o puxou para perto, segurando a parte de trás de sua jaqueta jeans.

— Eu te amo t-tanto — ela se engasgou.

— Eu também te amo.

Eles se beijaram novamente, misturando línguas, apertando os braços, as lágrimas caindo, enquanto, em algum lugar, um trem aproximava-se de Whitney para levar Will para longe. Ele afastou sua esposa de seus braços e pediu numa voz emocionada: — Agora pegue Lizzy, os meninos e todos vocês sentem debaixo da árvore de azeda. Eu quero ver vocês lá enquanto faço a curva da estrada. Adeus, meninos. Sejam bons.

Ele pegou o saco marrom e assistiu Elly pegar o bebê. Distanciou-se antes que ela se virasse. Subiu na carroça,

correndo uma manga contra os olhos piscando para limpar sua visão. E ele não se virou até o último momento, quando ele soube que a curva iria escondê-los de sua vista. Ele respirou fundo, voltou-se, e a imagem deles, sentados sob a árvore de azeda, marcou-se em seu coração. Eles estavam agrupados debaixo da árvore: os meninos pressionados perto da mãe, sentados na grama do final do inverno; macacão azul, botas marrons, dedos cingidos, jaquetas de lã grossa; uma manta rosa, um rosto minúsculo apontado em sua direção; um vestido caseiro azul, desbotado, um casaco castanho, curto, pernas nuas, sapatos marrons, meias e uma trança despontando. Os meninos estavam acenando. Donald Wade estava chorando. Thomas estava chamando: — Wiw! Wiw! Elly, segurando o bebê contra seu rosto, acenava a pequena mão de Lizzy e a sua própria em um adeus final.

— Oh, Deus... Deus... — Will levantou a mão livre e se forçou a virar, continuando a andar.

— Pense em voltar — ele recitou, como uma litania.

Pense sobre como você tem sorte de ter os quatro esperando por você, debaixo de uma árvore de azeda. Pense em quão bonito aquele pequeno lugar estará quando você voltar, e como será ver os meninos virem correndo para você, encontrando-o na estrada, e como vai ser segurar Elly novamente nos braços e saber que você não vai ter que deixá-la novamente, e como você vai sorrir quando Lizzy Parker te chamar de “papai” pela primeira vez, e em quando vocês tiverem outro filho, algum dia, e você e Elly assistindo todos os quatro crescendo e se casando; ter netos e trazê-los para casa aos

domingos, e você vai lhes mostrar a velha árvore de azeda e lhes contar tudo de como você foi para a guerra e deixou sua avó, mamãe e papais que se sentaram sob a árvore acenando adeus para você.

Quando Will alcançou à casa de Tom Marsh estava mais calmo. Saltou da carroça na borda da propriedade. Ficou olhando para a casa branca com o varal vazio no quintal; onde estivera uma chaleira, agora havia apenas sujeira e não havia mais petúnias. Uma nova cerca branca rodeava o quintal. Ele abriu o portão que rangeu quando ele o fechou atrás dele, e se aproximou da casa, com os olhos fixos nela. Um cão amarelo, desgrenhado, veio para fora da varanda, latindo e cheirando, mais curioso do que ameaçador.

— Ei, menina... — Will se curvou e acariciou o pescoço do animal. — Onde estão seus donos, hein?

Quando ele se endireitou, uma mulher abriu a porta e pisou na varanda dos fundos. A mesma jovem que ele vira antes, vestida com um vestido vermelho guarnecido com uma gola branca, encolhendo os ombros em um agasalho branco.

— Olá! — ela chamou.

Will se aproximou devagar e tirou o chapéu. — Sra. Marsh?

— Sim.

— Meu nome é Will Parker. Eu vivo lá em cima, em Rock Creek Road. Eleanor Dinsmore é minha esposa.

Ela desceu dois degraus e estendeu a mão. Ela era uma mulher bonita, esguia e de pernas compridas, com os cachos negros soltos, rouge e batom que a fazia parecer doce, não

vulgar como Lula Peak. — Eu vi você passar na estrada várias vezes.

— Sim, senhora. Eu trabalho na biblioteca para a Senhorita Beasley. Quero dizer, eu trabalhava. Eu estou... — ele fez um gesto em direção à cidade com seu chapéu. — Estou no meu caminho para Parris Island.

— O acampamento da Marinha?

— Sim, senhora.

— Você foi convocado?

— Sim, senhora.

— Assim como o meu marido. No final da semana ele vai.

— Desculpe-me, minha senhora. Quero dizer... Bom, não é nada fácil este momento que estamos passando, essa guerra...

— Sim, é. Eu tenho um irmão de dezessete anos... ele deixou a escola e se alistou na Marinha. Mamãe e papai não conseguiram mantê-lo em casa — disse ela.

— Dezessete?... Tão jovem.

— Sim... Eu me preocupo com ele — um breve silêncio se passou, antes que ela perguntasse: — Existe algo que eu possa fazer, Sr. Parker?

— Não, senhora. Eu é que tenho algo o que fazer pela senhora antes de ir — segurando o saco contra o seu estômago, Will alcançou algo dentro dele, tirou um frasco de mel, e entregou a ela. — Há alguns meses eu roubei um frasco seu cheio de leite coalhado. Aqui está. O leite se foi, é claro, mas esse é o nosso mel; temos abelhas em nossa propriedade — em seguida, veio a toalha: — Roubei esta toalha verde de seu varal também e um

par de roupas de seu marido, mas eu temo que elas estejam desgastadas...

— Bem, eu declaro... — ela hesitou, aceitando o mel.

— ...ou eu as teria devolvido também. Eu estava em dificuldades na época, mas não estou me justificando. Eu só queria pedir desculpas, Sra. Marsh. Estava na minha mente há muito tempo fazer isso, e isto me incomodou: roubar de pessoas boas. Elly... ela disse que, vocês são pessoas boas — ele se afastou, apontando para o frasco. — Então. O mel não é muito, mas, bem, é... — ele colocou o chapéu e amarrou a parte superior do saco para baixo, com força. E foi recuando. — Minhas desculpas, minha senhora, e eu espero que seu marido volte desta guerra.

— Só um minuto, Sr. Parker! — ela o chamou e ele parou perto do portão. Ela se apressou a descer e ir até ele. — Dê-me um minuto para tentar entender, ninguém nunca... — ela riu, como se surpresa. — Eu sempre quis saber para onde aquelas roupas foram.

Will ficou vermelho até os ouvidos, enquanto ela parecia agradavelmente divertida.

— Eu não tenho desculpa, minha senhora, mas eu sinto muito. Eu vou ficar mais aliviado agora que eu consegui tirar isso do meu peito.

— Obrigada pelo mel. Ele vem a calhar, com o açúcar tão escasso.

— Não é nada.

— Ele vai pagar mais do que aquelas roupas velhas do Tom.

— Espero que sim, senhora.

— Estou impressionada com a sua honestidade, Sr. Parker — ela falou e ele empurrou o portão aberto e o cachorro tentou passar. Ela se inclinou e agarrou sua coleira à medida que Will fechava o portão entre eles.

Ele riu um riso tímido e baixou o olhar para o portão, enquanto distraidamente dedilhava uma de suas ripas pontiagudas.

— Apreciei o leite e a calça jeans naquele momento.

Eles estudaram um ao outro, dois estranhos aproximados por uma guerra, considerando as possibilidades de perda e morte, surpreendidos de que essas possibilidades pudessem, tão rapidamente, criar um laço entre eles. Ela estendeu a mão mais uma vez e ele lhe deu um aperto de mão prolongado.

— Eu espero vê-lo passar na estrada de novo, em breve.

— Obrigado, Sra. Marsh. Se eu passar, vou dar um olá.

— Por favor, faça isso.

Ele largou a mão dela. — Bem... Adeus.

— Deus te abençoe.

Ele tirou o chapéu e se dirigiu para a estrada. Três passos de distância, ele se virou para trás. Ela estava mergulhando o dedo no mel. Quando ela colocou na sua boca, ela olhou para cima e o encontrou olhando, sorrindo.

— Está delicioso — ela abriu um largo sorriso.

— Eu estava pensando, minha senhora. A senhora perguntou se havia alguma coisa que poderia fazer por mim... e, talvez, haja.

— Tudo por um soldado.

— Minha esposa, Elly... ela tem um novo bebê, com apenas dois meses de idade, e mais dois outros, e ela não sai muito. Se a senhora... Bom, quero dizer, se a senhora precisar de uma amiga ou de algum lugar para ir visitar, eu sei que tem filhos e, talvez, todos vocês possam gostar de caminhar até a nossa fazenda e fazer um passeio. As crianças podem brincar juntas e, talvez, vocês duas possam tomar chá. Estou dizendo isso, porque como o marido da senhora terá ido também, vocês poderão ter uma a outra.

O rosto bonito da mulher ficou pensativo. — Eleanor... Elly, a sua esposa é Elly See, não é?

— É isso mesmo, senhora. Mas o que eles dizem sobre ela não é verdade. Ela é uma pessoa muito boa, e mais honesta do que alguns desses que espalham rumores sobre ela.

A Sra. Marsh olhou para o frasco, segurou-o, como um buquê, e respondeu: — Então eu vou querer lhe agradecer pelo excelente mel, é certo que vou.

Ele sorriu alegre e pensou em como a beleza interna da Sra. Marsh era mais profunda do que sua pele, seu cabelo e o rouge no rosto.

— Desfrute do mel — disse ele, despedindo-se.

Ela levantou a mão e acenou. — Até a volta, Sr. Parker.

Quando ele se moveu, ambos esperavam, fervorosamente, que se encontrassem novamente. E sentiram uma vaga sensação de privação, como se eles tivessem sido vizinhos que se conheceram quando houvera tempo para explorar essa possibilidade.

Naquele dia, a estação ferroviária parecia ser o prédio mais movimentado da cidade. Dois recrutas jovens, um branco e um negro, já estavam com seus bilhetes nas mãos, rodeados por suas famílias na calçada de embarque da estação. Uma tropa de escoteiras, de uniforme, também estava por ali: as meninas negras, com uma pequena faixa para apresentar para o recruta negro; as meninas brancas para fazer o mesmo para o recruta branco. Um contingente de senhoras locais esperava o trem, com suco e biscoitos para todos os homens ligados à guerra que pudessem precisar de um lanche. Um jovem magro, em um terno folgado e chapéu de feltro interrompeu o adeus da família do recruta branco, para pedir uma entrevista de última hora para o jornal local. Um pastor negro com cabelos brancos correu para adicionar à sua despedida àqueles da família negra.

E a Senhorita Beasley também estava lá, vestida com o casaco e sapatos de costume, e um chapéu de palha muito feio. Em sua mão esquerda ela segurava uma bolsa preta; na direita um livro.

— Então, Eleanor não veio — ela começou antes mesmo de Will a alcançar.

— Não, senhora. Eu disse adeus a ela e as crianças do nosso próprio modo, onde eu quero me lembrar deles.

A senhorita balançou um dedo debaixo de seu nariz. — Agora você pare de falar dessa maneira fatalista, você me ouviu? Eu não vou ouvir nada disso, Sr. Parker!

— Sim, senhora — Will respondeu, humildemente, aquecido imediatamente por seu comportamento pomposo, mas que lhe demonstrava afeto.

— Eu decidi passar o seu trabalho para um estudante do Ensino Médio: Franklin Gilmore, com o entendimento expresso de que se trata de um arranjo temporário até que você retorne. Entendido? — ela deu a impressão de que ela iria ficar na frente de qualquer soldado japonês que ousasse atirar uma bala em Will Parker.

— Sim, senhora.

— Bom. Então tome isso e coloque isto com as suas coisas. É um livro de poemas, de mestres, e eu quero a sua garantia de que você vai ler e reler.

— Poemas... Bom...

— Um homem, diz-se, pode viver três dias sem água, mas não um sem poesia.

Ele aceitou o livro, olhou para ele com o coração aquecido.

— Obrigado.

— Nenhum obrigado é necessário. Só a promessa de que você vai lê-lo.

— Eu prometo.

— Eu posso ver sua incerteza. Sem dúvida, você nunca pensou em si mesmo como um homem poético, mas eu ouvi você falando sobre as abelhas, os meninos e os ramos, eles têm sido a sua poesia. Estes devem ficar no lugar deles... até o seu retorno.

Ele segurou o livro, com ambas as mãos, como se jurando sobre ele.

— Até o meu retorno.

— Assim seja. Agora... — ela fez uma pausa, como se separando um assunto antes de atacar o outro: — Você tem dinheiro para o bilhete?

Era uma pergunta que uma mãe poderia ter feito, e foi direto para o coração de Will.

— O conselho me enviou um bilhete.

— Ah, é claro. E refeições decentes enquanto você viaja?

— Sim, senhora. Além disso, Elly me embalou alguns sanduíches e um pedaço de torta de marmelo — ele ergueu seu farnel.

— Ora, é claro. Que bobagem minha perguntar.

Eles fizeram uma pausa, tentando pensar em algo para preencher o vazio terrível que parecia impactado com as emoções escondidas.

— Eu disse a ela para vir até a senhorita, se ela precisar de ajuda com qualquer coisa. Ela não tem mais ninguém, então eu espero que esteja tudo bem.

— Não há sentido em ficar piegas, Sr. Parker. Eu ficaria ofendida se ela não o fizesse. Vou escrever para você e mantê-lo informado sobre os acontecimentos, sobre a biblioteca e a cidade.

— Agradeço isso, senhorita. E eu vou escrever de volta, contar-lhe sobre todos os Japas e Jerries ^[26] quando eu chegar.

O trem a vapor emitiu uma nuvem de fumaça e ruído. Eles estavam, ao mesmo tempo, aliviados e tristes. Finalmente, tinha chegado a hora. Ele educadamente a direcionou pelo braço e foram andando até o vagão onde estavam as famílias negras, as

brancas, as escoteiras, as senhoras e o repórter local, todos que, educadamente, assentiam para ele e cumprimentavam a senhorita Beasley pelo nome. O sol ainda brilhava num céu azul crivado de feixes de nuvens em um tom mais escuro do que a fumaça que saía da locomotiva. Um bando de pombos vojava em um turbilhão de asas tentando pousar sobre as bagagens. A família negra beijou e deu adeus ao rapaz negro. A família branca beijou e deu adeus ao rapaz branco. O condutor chamou: — Todos a boooooordo! — mas Will Parker e Gladys Beasley ficaram indecisos um ante o outro: uma mulher velha, corpulenta, com um chapéu bem feio, e um jovem belo e esguio, um de frente para o outro. Eles olharam para os seus pés, suas mãos, a alça da bolsa, o saco marrom. E, finalmente, um para o outro.

— Eu vou sentir sua falta — disse ela, e, pela primeira vez, sua pompa tinha ido embora, as linhas relaxaram sobre sua boca.

— Em toda a minha vida eu nunca tive ninguém para perder, agora eu tenho tantos: Elly, as crianças e a senhorita. Eu sou um homem de sorte.

— Se eu fosse uma mulher sentimental eu poderia dizer: se eu tivesse um filho...

— Todos a boooooordo!

— Eu imagino que, os condutores, nos dias de hoje, se tornam roucos gritando dessa forma — ela arriscou e, de repente, eles estavam se abraçando, o livro dele pressionado contra as costas dela, a bolsa dela batendo nas costas dele. Imerso no cheiro dela, ele fechou os olhos por um momento,

pensando em quão grato ele se sentia por ela ter entrado em sua vida.

— Se você morrer, eu nunca vou perdoá-lo, Sr. Parker.

— Eu sei. Tampouco eu. Vou cuidar de mim, e vou ver a senhorita quando eu voltar.

Eles se abraçaram novamente, procurando o rosto um do outro, o dela com um sorriso suave. Então, ele a beijou rapidamente na bochecha e embarcou na locomotiva que esperava.

CAPÍTULO 16

OS LAÇOS DA GUERRA

26 de fevereiro de 1942

Querida Elly,

Espero que você, os meninos e Lizzy estejam todos bem. Estou com muitas saudades de todos vocês. Espero que a Senhorita Beasley também esteja bem. Ela foi se despedir de mim na estação e me deu um livro de poemas, e eu lhe dei um beijo de despedida, ela não pareceu se importar.

Estou em Parris Island e a viagem não foi ruim. Tive que trocar de trem em Atlanta, mas no fim da tarde já estava em Yemassee. Lá o ônibus de recrutas da Marinha estava à espera e viajamos por trinta milhas para a base, que fica fora, em Buford, uma cidade muito feia, onde eu fiquei feliz por não ter que ficar. Cruzamos uma ponte e viajamos através de um grande pântano para chegar aqui, onde, embora a grama esteja amarela, possui centenas de aves, e creio que você gostaria de ver. Fui recebido pelo nosso sargento, um grande e robusto homem de nome Twitchum, e ele imediatamente começou a se apresentar para nós. Ele ruge como um leão e alertou que iniciaremos e terminaremos tudo o que dissermos com “senhor”. Por exemplo: “Solicitação de permissão para falar, senhor”. Ele fez um par de recrutas ficarem mudos, e alguns rapazes de fazenda, aqui de Iowa e de Dakota, que nunca tinham visto nada além da extremidade traseira de um cavalo, ficaram com os olhos arregalados. Eu não sei por que eles vieram parar nos fuzileiros

navais, talvez, alguns preferam vir para o mar para não pensarem na frente de batalha de uma trincheira com as armas perigosas. Aqueles rapazes de fazenda pareciam desesperados para pular a cerca, mas como eu já tinha visto as cercas de uma prisão, nada no acampamento era novo para mim. O sargento Twitchum gosta de assustar os coitados dos rapazes de fazenda. Mantive-os ocupados em aprender a arrumar uma cama antes que eles pudessem dormir nela, porque suas mães sempre estavam em casa, então, eles nunca souberam como fazer isso. Eu tenho cinco anos de experiência fazendo a minha própria cama e, certamente, o castigo na prisão, se não for feito tudo certo, é muito pior do que aqui. Quando Twitchum passou por aqui, com o seu velho olho de águia, e ele viu a minha cama feita, ele se aproximou e colocou o nariz tão perto do meu que eu pude sentir o seu hálito. Ele estava me testando. Ele me perguntou: “Qual é o seu nome, garoto?”, e eu respondi: “Parker, William Lee, senhor”. E ele, de novo: “Nortista ou sulista?”. Eu já tinha visto o seu tipo antes e vi como ele olhava para aqueles rapazes ianques de fazenda e como se divertia os fazendo tremerem, e como ele ia para cima dos rapazes negros e os fazia tremerem também, então eu respondi: “Ocidental, senhor”. Ele pensou sobre isso e enrijeceu suas rugas ao lado dos olhos, e disse: “Patrulha, todas as manhãs, às 5h, Parker. Te colocar para ensinar a esses garotos de fazenda como fazer o trabalho das mulheres, é tolice. Então, acho que eu tenho um dever para você”. Eles nos deixaram esgotados e nos deram os cobertores e artigos de higiene e nos mandaram aqui para o nosso quartel. Metade dos meus colegas estão aqui reclamando para ir para

casa, eu acho. Mas, como você sabe, eu conheci lugares piores do que isso, então não há motivo para ficar lamentando. Mas tenha certeza de que sinto falta de você, Olhos Verdes, e daqueles bebês, e da nossa cama. Eu comi os sanduíches e a torta no trem e eles estavam muito bons; eu, provavelmente, nunca te disse antes, mas você faz a melhor torta de marmelo do mundo. Estão me chamando lá fora e dizendo que tenho de terminar essa carta já. Sinto muito se não foi tão clara a minha escrita. Eu nunca fui bom em escrever, pois eu odiava a escola e fui bem menos do que eles me mandaram ir.

Seu marido amoroso, Will.

Um dia depois da partida de Will.

Querido Will,

Eu nunca escrevi uma carta antes, então eu não sei como essa vai sair. Quando comemos, tenho dificuldade em olhar para sua cadeira vazia. Os meninos também, pois reagem ficando rebeldes. Nesse dia que se passou sem você, fico me perguntando onde você estará, se já chegou ao seu destino, e se eles o tem alimentado, se lhe deram uma cama quente e todas essas coisas. A Senhorita Beasley veio nos visitar, ela disse que eu deveria não me preocupar tanto, mas os sentimentos são coisas difíceis de controlar e eles são o que eu tenho em grande quantidade, então, não consigo parar de me preocupar. Eu já sinto a sua falta, Will, e você foi embora tão recentemente.

Sei que é pouco o que escrevi, mas as crianças estão chorando, e amanhã eu vou escrever mais.

Com amor, Eleanor.

28 de fevereiro de 1942

Querido Will,

Sua carta chegou hoje e Parris Island me soa simplesmente horrível. Confesso que chorei. Sim, eu fui fraca, me perdoa. Mas quando você diz que não é ruim aí, sei que está sendo corajoso. Eu não chorei por mim neste momento, mas por você estar aí. Espero que esteja tudo bem com você, e que Twitchum, que soa como um satanás, não o perturbe muito. As crianças estão bem, com muitas saudades, como, aliás, eu também estou...

Com amor, Eleanor.

Parris Island, Carolina do Sul, 28 de fevereiro de 1942

Querida Elly,

Estou lhe enviando o meu pagamento do bônus da guerra e dos seguros. Procure mantê-los em um lugar seguro.

Seu marido amoroso, Will.

01 de março de 1942

Querido Will,

Eu tinha certeza de que eu iria receber outra carta sua hoje. Você está bem? Todos os dias, quando o correio passa, eu corro lá e vejo se há uma carta na caixa. Hoje não havia. Tem certeza de que está bem?

Preocupada, Eleanor.

Parris Island, Carolina do Sul, 02 de março de 1942

Querida Eleanor,

Tenha certeza que sinto falta de você, Olhos Verdes, e gostaria de escrever mais. Porém, eles não nos dão tempo, estão em cima de nós desde as 4h30min, que é quando o dia começa com Twitchum nos acordando, chutando uma merda de lata (que é uma lata de lixo), e nós correndo. Eles nos dão exatamente três minutos na latrina para tomar banho e fazer a barba; e ele fica lá, latindo feito um cachorro louco todo o tempo, e o resto do dia também, até às 21h e, então, seria para termos uma hora de tempo livre, mas ele não nos deixa livre: Twitchum vem e nos leva para cavar ou limpar suas botas. Assim, não se tem tempo para escrever. Só que sou o que eles chamam de “durão”, pois eu não tenho cabelo penteado igual desses rapazes, e eu olho feio, como um leão também, quando ele vem querendo nos explorar. Então, às vezes, ele me deixa aqui, hora em que escrevo para você. Ainda não tenho nenhuma fotografia, porque eles não ofereceram para nós quaisquer fotos tiradas; talvez mais tarde façam isso. Também fui ao dentista e me deram sete espetadas em diferentes lugares, quatro você sabe onde. Na cama, à noite, eu penso em você, nas crianças e na sua cozinha. A comida aqui não é tão ruim quanto eu esperava, melhor do que na prisão, isso eu posso lhe garantir...

Com amor, Will.

04 de março, de 1942

Querida Elly,

Sua carta chegou durante a chamada do correio de ontem, depois que eu já tinha enviado a minha, no dia anterior, onde contei a você por que eu não tinha escrito. Não se preocupe quando não chegar uma carta. Twitchum, às vezes, não me perturba, mas eu o vejo me vigiando, esperando eu cometer um erro. Mas não se preocupe, eu não pretendo cometer erro algum, vou agir como o seu cachorro treinado. Tenha certeza de que sinto falta de você e das crianças. Suponho que a Lizzy esteja crescendo a cada dia. Li suas cartas até elas ficarem amassadas, mas não se preocupe comigo, eu só estou um pouco solitário aqui, mas sei lidar com a solidão também. Alimentem-se bem, não se aflija, estou muito bem. As coisas aqui estão acelerando. Hoje nós treinamos com nossas espingardas calibre 30 e com as baionetas, e temos que memorizar os números dos modelos: 1903 e 1905. Todos os dias fazemos treinamentos físicos, treinamento com a baioneta e uma aula sobre a história militar. Eu nunca poderia ter pensado que, na minha idade, eu estaria de volta à escola, mas eu estou, e, na próxima semana, vamos iniciar as aulas de primeiros socorros e artigos de guerra. Eles dizem que toda a marcha ensina disciplina e isso é importante em uma organização militar, mas agora eu acho que eu sei por que eles chamam isso de acampamento de botas, porque marchamos bastante todos os dias. Aqui tem muita gente, Elly, claro que eu estive com todos os tipos em Huntsville também, mas esses aqui são diferentes, porque estou mais perto

deles o tempo todo. Alguns deles cheiram tão mal que todos nós temos de ir às aulas de higiene por causa deles. Muitos aqui não sabem ler, por isso temos as aulas de alfabetização para todos também. Só que os negros têm suas próprias barracas e os brancos as suas. Mas todo mundo tem um amigo por aqui. O meu é um ruivo desengonçado, do Kentucky, chamado Otis Luttrell. Nós nos damos bem porque nenhum de nós gosta de falar muito.

Com amor, Will.

13 de março, de 1942

Caro Sr. Parker,

Imagino que esteja se acostumando com a vida na marinha, enquanto nós em casa, lentamente, nos acostumamos à ideia de nosso país estar em guerra. Nós, aqui na cidade, a cada dia recebemos mais propagandas agora que a América está lutando nela. Parece que há uma nova ordem a cada semana, incentivando-nos a tomar partido na guerra, fazer alguma coisa por ela, e ficarmos atentos com os espiões. A mais recente é uma imagem do Tio Sam nos dizendo: “Um deslize do lábio pode afundar um navio”. É difícil de acreditar que possa haver espiões que estejam entre nós em um lugar tão pequeno como Whitney. A organização dos escoteiros está patrocinando uma unidade de material de guerra. Para meu desgosto, tomaram o canhão da Guerra Civil da praça da cidade para ser derretido como material de guerra. Eu levantei uma objeção formal ao Conselho da Cidade, afinal de contas, o passado também deve ser

preservado; mas é claro que suas atitudes são de patriotismo, portanto, eu estou ultrapassada. Norris e Nat MacReady ofereceram-se para organizar uma Patrulha Civil contra um ataque aéreo. Eles patrulham todas as noites garantindo que todos fiquem fora das ruas após as 22h e para que todos os blackouts sejam respeitados. Sinceramente, depois de todos esses anos que eles passaram sentados naquele banco do outro lado da rua, eu pensei que eles apenas haviam se tornados um desses bancos. Está se tornando um ritual sair aos sábados para visitar Eleanor. Eu vou assim que a biblioteca fecha, os dias são mais longos agora. E também ajuda a hora extra que recebemos, já que o “tempo de guerra” entrou em vigor para economizar eletricidade. É uma visita agradável. Eu e sua esposa jogamos uma ou duas partidas de damas chinesas. Eu levo livros para os garotos, que se divertem com eles enquanto estou lá. Eles parecem saudáveis e robustos, e Elizabeth cresce a cada semana. Eu plantei uma pequena horta no jardim de minha casa, chamei-a de “Horta da Vitória”, mas receio que não fui abençoada com mãos de jardineira como a Eleanor. Vou lutando, e, talvez, obtenha um tomate ou dois. Eleanor se ofereceu para me ensinar a plantar legumes. Eu não quero ferir os sentimentos da pobre criança, mas eu temo que tenha ficado atrás de uma mesa muito tempo para ser acessível às pás e ancinhos. Ainda assim, vou tentar. O açougue está agindo como um posto de coleta seletiva para gordura de resíduos. O outdoor anuncia que um quilo de gordura contém glicerina suficiente para fazer um quilo de pólvora, por isso estamos todos doando nossos bacons pela causa. Outro novo outdoor foi colocado no centro da praça

da cidade, ao lado do banco dos MacReadys; nele estão listados os nomes de todos os homens locais que se alistaram. Seu nome está na coluna da direita e na frente está escrito: Marinha dos Estados Unidos; entre os nomes de Okon, Robert Merle, Sprague e Neal Júnior, que foram para o Exército dos Estados Unidos. Felizmente, nenhum tem a estrela nos nomes, ainda. Franklin Gilmore está trabalhando bem na biblioteca, embora, ocasionalmente, esquive-se quando se trata de espanar as prateleiras superiores, que ele acha que eu não vou conferir. Espero que esta carta o encontre bem e tolerando os rigores da vida militar com o mínimo de desconforto. Vou aguardar sua resposta, Sr. Parker, isto é, se puder ter tempo para tal, o que eu sou dada a entender, caso não consiga.

O meu melhor para você, Gladys Beasley.

15 de março de 1942

Querido Will,

Você nunca vai adivinhar quem veio aqui hoje. Aquela jovem senhora, que mora na estrada da cidade: Lydia Marsh. Chegou quando eu estava plantando a minha horta e o meu jardim da vitória. Eu fiquei plantando ali desde a manhã e havia parado porque estava cansada de cavar e, de repente, ouvi alguém me chamando, e vi pessoas chegando. Eu pensei: será que vieram plantar também? A Sra. Marsh veio comprar mel, disse que ouviu que tínhamos para vender. Mas ela trouxe seus dois filhos: uma menina de quatro anos, chamada Sally, e um menino de dois, chamado Lonn. E os meninos se deram muito

bem com eles, imediatamente foram brincar no quintal. E eu ofereci chá a Sra. Marsh, ela ficou um pouco aqui. Que pessoa agradável...

20 de março de 1942

Cara Senhorita Beasley,

Obrigado por sua carta. Com certeza, está cheia de novidades. Eu não sabia de tudo o que estava acontecendo em casa, pois Elly não deve ter ido à cidade, porque ela não me disse nada sobre isso. Eu li alguns dos poemas e achei bem interessantes. O meu favorito foi “Quando Um Homem Retorna para Casa”, de Daniel Whitehead Hicky.^[27] Imaginei que fosse eu voltando para casa, para a Elly e as crianças; fecharíamos a porta e deixaríamos o mundo do lado de fora, como um gatinho...

25 de março de 1942

Querida Elly,

Este é, provavelmente, o pior dia desde que eu saí de casa. Toda a companhia está muito triste, toda a base, de fato. Você, provavelmente, ouviu falar sobre isso no rádio. Calvin Murphree^[28] teve seu pelotão metralhado – o que significa tiroteio sobre suas cabeças; ele foi ferido e começou a atirar para matar, e matou um particularmente, chamado Kenser ou Kunzor, ou algo assim, e feriu outros dois antes que alguém o parasse. Um homem espera levar um tiro quando ele está na frente de batalha, mas não no acampamento. Oh Deus, Elly! Eu sinto tanto

sua falta esta noite, Olhos Verdes! Eu tenho o meu livro de poemas da Senhorita Beasley e li o meu favorito para me sentir melhor. Trata-se de um homem que volta para casa em uma noite escura e uma mulher está esperando por ele com uma vela. Apenas quatro semanas... quando tudo estiver terminado... vou voltar para casa...

25 de março de 1942

Querido Will,

Tudo está bem por aqui, exceto a falta que eu sinto de você. A Senhorita Beasley tem vindo todos os sábados, depois do trabalho, quando a biblioteca fecha mais cedo. Ela me trouxe um livro de ortografia e está me ajudando a trabalhar na escrita, para as minhas cartas ficarem melhores. Nós jogamos damas chinesas e acho que é o que ela mais tem feito ultimamente. Ela contratou um caminhão que passa aqui para apanhar o nosso leite, e o preço é de trinta centavos por litro. Ele também leva a manteiga e os ovos.

27 de março de 1942

Querida Elly,

Eu não deveria ter escrito a última carta, eu estava de péssimo humor. Eu não quero que você se preocupe comigo, quando você já tem o suficiente para se preocupar com as crianças, e, de qualquer maneira, estou melhor agora e as coisas estão indo. Me saí bem no teste da classe de primeiros socorros.

Pratico tiros todos os dias e se você quer saber, há uma coisa sobre alguns desses meninos sertanejos: eles não sabem ler nem escrever, mas podem desmontar um rifle e o montar até no escuro. Eu e o Vermelho – que é como eu chamo o meu amigo Otis –, também somos bons nisso...

29 de março de 1942

Querido Will,

Pergunto-me o que fazer hoje à noite. Eu estava ouvindo o rádio e falaram sobre “Os Penhascos Brancos de Dover”^[29] e eu gostaria de saber se você vai ser enviado para a Inglaterra...

11 de abril de 1942

Querida Elly,

É uma coisa boa podermos enviar nossas cartas sem ter que pagar pelos selos. Eu nunca pensei, em toda a minha vida, que eu iria escrever tantas como eu tenho escrito desde que cheguei aqui. Eu tive um dia livre e eu e o Vermelho fomos para Buford, de ônibus, com um grupo de recrutas. Fomos ver um filme. Foi um suspense estrelado por Cary Grant^[30] e Joan Fontaine^[31]. E, depois, vários ficaram bêbados, alguns tentaram namorar as meninas locais, menos eu. Eu acredito que, em apenas dezenove dias, eu devo poder voltar para casa, de licença...

14 de abril de 1942

Querido Will,

Eu só não sei como os dias podem ir mais devagar. Eu fico pensando sobre quando você chegar aqui e como será. Você vai pegar o trem de novo? Eu tenho uma surpresa para você, mas eu não vou te dizer até você chegar aqui. Os meninos têm um calendário e, todos os dias antes de dormir, marcam os dias de sua ausência com um grande "X"...

19 de abril de 1942

Apenas onze dias a mais, Olhos Verdes!...

19 de abril de 1942

Querido Will,

Quantas tortas de marmelo você quer?...

21 de abril de 1942

Querida Elly,

Eu não sei como te dizer isso, eu sei que vai quebrar o seu coração. Eu preferia qualquer outra coisa a lhe dizer... Mas nós recebemos ordens, e parece que ninguém terá mais a semana de licença como esperávamos. Ao invés disso, estamos sendo transferidos para a Marine Base de New River, em New River, Carolina do Norte, e partimos na próxima quinta-feira. Eles não vão nos dizer por que não fomos liberados, mas há uma

abundância de resmungos e alguns até desertaram assim que receberam a notícia. Agora, querida, eu não quero que você se preocupe comigo... eu estou bem. Eu só espero que você e as crianças estejam bem e sei que vocês vão entender e manter seus espíritos...

23 de abril de 1942

Querido Will,

Eu tentei realmente não chorar, porque eu sei que quem está tendo a parte mais difícil é você, segurei-me até me deitar, mas depois eu simplesmente não consegui segurar as lágrimas, perdoe-me...

03 de maio de 1942

Querida Elly,

Eu já estou no novo quartel e você pode enviar as cartas para o meu endereço novo: PFC William Lee Parker, 1st. Rn Raider., 1st Marines, New River, Marine Base, New River, Carolina do Norte. Eu recebi o meu brasão e tive de pagar a Bilinski para costurá-la por mim, porque eu sou muito desajeitado com uma agulha. Bilinski é um açougueiro, de descendência polonesa, de Detroit, que está sempre consertando as minhas roupas e dos outros aqui, e fazendo um dinheirinho. Então, nós o chamamos de Bode Bilinski. Eu e o Vermelho ganhamos os nossos beliches vizinhos neste quartel também e tenha certeza de que fiquei contente por eles não terem nos separado...

06 de maio de 1942

Querido Will,

A Senhorita Beasley e eu procuramos New River no mapa e agora eu imagino você lá em cima, onde o mapa mostra aquele rio cutucando a terra ao lado do oceano...

14 de maio de 1942

Querida Elly,

Desculpe-me por não ter escrito por tanto tempo, mas eles realmente nos mantiveram ocupados e estamos nos perguntando o que eles pretendem fazer com a gente, e quando. Mas parece que em breve a coisa vai ficar real, quando sairmos daqui, porque eles nos deram um treinamento de combate intensivo, combate corpo-a-corpo. Eu já arrumei a minha mochila de combate tantas vezes, que eu poderia fazê-la no escuro, com os meus dedos colados até. Existem cinco tipos de acessórios e temos de saber o que colocar em cada um deles. Eles nos deram muita água em pequenos cantis de borracha e os pacotes completos de transporte de campo têm só o essencial. Eu e o Vermelho conversamos no outro dia e supomos o porquê de eles estarem nos treinando tão duramente. Seja o que for, pensamos que deve ser algo importante...

17 de maio de 1942

Querido Will,

Eu sei que eu deveria ser corajosa, mas eu fico com medo quando penso em você indo para o front de guerra. Tão insensato me parece agora quando eu me preocupava com as abelhas... Ah, meu querido Will... como eu gostaria que você estivesse aqui retirando o mel daquelas colmeias! Gostaria de vê-lo lá fora, no pomar, sob as árvores, enchendo de água as panelas para o apiário, e retirando o seu chapéu para enxugar sua testa com as luvas...

04 de junho de 1942

Querida Elly,

Estamos aguardando ordens de cima para partir, mas eles não nos dizem para onde. Tudo o que eles dizem é que temos de estar prontos para irmos embora quando a ordem vier...

CAPÍTULO 17

UM ENCONTRO

—Bom dia. Biblioteca Carnegie.

— Olá. Senhorita Beasley?

— Sim. Ah, meu Deus, Will! Sr. Parker, o senhor está bem?

— Estou muito bem. Mas eu estou com muita pressa. Eu sinto muito telefonar para o seu trabalho, senhorita, mas eu não consegui pensar em outra maneira de dar uma notícia a Elly, e eu tenho que lhe pedir o maior favor da minha vida. Será que a senhorita poderia ir até lá, ou pagar a alguém para levar uma mensagem para ela? Nós só descobrimos agora que teremos uma licença de quarenta e oito horas, e se eu pegar um trem para ir aí, vai ser a conta de ir e voltar. Peça se ela pode pegar o trem e me encontrar em Augusta. Isso foi a única coisa que eu consegui pensar: nos encontrarmos no meio do caminho. Diga a ela que vou sair daqui no próximo trem e eu vou esperar por ela na estação. Eu nem sei o quão grande é aquela estação... Bom, basta dizer a ela que eu vou esperá-la perto do banheiro das mulheres, de maneira que ela vai saber onde me achar. Senhorita Beasley, acha que pode fazer isso por mim?

— Ela vai ter sua mensagem dentro de uma hora, eu prometo. Gostaria de ouvir de volta a sua resposta?

— Eu não tenho tempo. Meu trem sai em quarenta e cinco minutos.

— Há mais de uma maneira de esfolar um gato, não é, Sr. Parker?

— O quê?

— Se isso não a tirar daquele lugar, nada tirará.

Will riu. — Eu não tinha pensado nisso. Apenas diga a ela que eu a amo e eu esperarei por ela.

— Ela deve receber a mensagem de forma sucinta.

— Obrigado, senhorita Beasley.

— Ah, não seja insensato, Sr. Parker.

— Ei, senhorita Beasley?

— Sim?

— Eu também a amo.

Seguiu-se uma pausa, então: — O Sr. Graham Bell não inventou o telefone para marinheiros poderem usá-lo para flertar com as mulheres com idade suficiente para serem suas mães! E, no caso de você não ter ouvido falar, há uma guerra. As linhas telefônicas devem ser mantidas livres, tanto quanto possível.

Novamente Will riu. — Adeus, querida.

— Ah, seu tolo! — no final, uma corada, Gladys Beasley desligou o telefone.

Elly tinha viajado em um trem apenas uma vez na vida, era apenas um bebê para poder se lembrar. E se alguém tivesse dito a ela a uns quatro meses, que ela estaria comprando uma passagem e viajando por toda a Geórgia por conta própria, ela teria rido e chamado à pessoa de tola. Se alguém ainda tivesse dito que ela estaria fazendo isso com um bebê, mudando de trem em Atlanta, indo para uma cidade que ela nunca tinha visto, com

uma estação ferroviária que ela não conhecia, ela teria perguntado à tola pessoa se ela estava louca.

E ali estava ela, sentada em um vagão de trem, cercada por soldados de uniformes com ombreiras, com muito barulho e um chão com muito pouco espaço limpo, repleto de bitucas amassadas de cigarro. Todos os trens rodavam agora lotados de passageiros, então as pessoas viajavam em pé, ou sentadas nos corredores, ou três ou quatro pessoas espremidas em assentos destinados apenas à duas pessoas. Entretanto, como ela estava viajando com um bebê, as pessoas tinham sido gentis. Uma mulher de batom vermelho, sapatos de salto vermelho brilhante e um vestido vermelho e branco em estampa tropical, ofereceu-se para segurar Lizzy por um tempo. O soldado que acompanhava a mulher, pegou uns grampos e girou-os no ar para entreter o bebê. No corredor, oito soldados estavam jogando poker. Todos fumando. O ar dentro do trem era da cor da água de um enxágue, mas não transparente. Lizzy se cansou dos grampos e começou a chorar, esfregando os punhos nos olhos; em seguida, estendeu a mão para Elly. Quando a mulher de vestido tropical descobriu que o bebê estava com fome, mesmo Elly já a tendo amamentado, ela sussurrou para o jovem tenente e deram a Elly seus trinta minutos de privacidade para alimentar Lizzy e trocar a fralda.

A estação de trem em Atlanta estava cheia demais quando o trem chegou. Era um amontoado de gente, todos correndo, colidindo, beijando e chorando. O alto-falante e os trens nos trilhos assustaram Lizzy e ela chorou por toda a parada de quarenta minutos, até que a própria Elly estivesse à beira das

lágrimas. Seus braços, lutando com a criança inquieta, doíam. Sua cabeça doía por causa do barulho. Seus ombros doíam de tensão. Questões assustadoras martelavam no interior do seu cérebro: o que ela faria se ela chegasse a Augusta e Will não estivesse lá? E onde eles dormiriam? E o que eles fariam com Lizzy?

A etapa final da viagem transcorreu em um trem antigo, tão sujo que Elly ficou com medo de que Lizzy fosse pegar alguma doença; tão cheio que ela se sentia como uma galinha engaiolada indo para o mercado; tão barulhento que Lizzy não conseguia dormir, mesmo estando exausta. Em um assento, uma mulher dormia no colo de um homem, um grupo de soldados estava cantando a canção “Paper Doll”, de John Mayer, enquanto um deles dedilhava um violão discordante. Tinham cantado tantas vezes que Elly já estava enjoada. Homens, com vozes altas, contavam histórias sobre seus acampamentos, intercalando-as com palavrões e sons simulados de metralhadoras. Em outro vagão do trem, o inevitável jogo de poker fazia emanar aplausos esporádicos e rajadas de uivos. No assento do lado de Elly, uma mulher gorda, com a boca aberta, dormia e roncava. Ao lado, havia outra com uma risada estridente que ela usava com muita frequência. De tempos em tempos, o condutor abria caminho e berrava o nome da próxima cidade. Alguém cheirava a alho, e a fumaça de cigarro era sufocante. Lizzy se mantinha berrando. Elly continuava esperando. Mas, olhando em volta, ela percebeu que não era diferente das centenas de outros temporariamente deslocados pela guerra; muitos deles correndo para uma breve e frenética

reunião com alguém a quem amava, como no seu caso. Ela enxugou o nariz gotejante de Lizzy e pensou: *eu estou indo, Will, eu estou indo.*

O terminal ferroviário de Augusta manuseava o tráfego para incontáveis bases militares e era pior do que qualquer coisa. Desembarcando, Elly se sentiu perdida no meio de um mar de gente. Com a mala do avô See em uma mão e o bebê em outra, ela tentou dar alguns passos, como destroços arrastados na maré alta, sem saber se ela estava indo na direção certa, sem outra escolha. Alguém esbarrou nela e a mala caiu. Quando Elly se inclinou para recuperá-la, Lizzy escorregou, e alguém bateu nelas por trás, quase as derrubando no chão. — Opa, desculpe-me — o soldado do exército a ajudou a se levantar, pegou a mala e entregou para ela. Elly agradeceu e moveu-se na direção que ela esperava ser o saguão da estação. Vindo de cima, uma voz nasalada e monótona, anunciou como se ecoando de um bueiro: — Passageiros que vão embarcar no trem para Columbia, Charlotte, Raleigh, Richmond e Washington, DC, no portão três.

Elly tinha uma vaga impressão de ter passado por um quiosque, um restaurante, uma banca de cigarro, um engraxate, filas de pessoas sem rosto esperando para comprar passagens, um par de freiras que sorriram para Lizzy, e tantos uniformes militares que ela se perguntou quem estaria lá fora lutando na guerra. Então, ela viu uma porta de vaivém que dizia “Homens” e, um momento depois, sua irmã gêmea, com o letreiro “Mulheres”. Ela parou para se certificar. Virou-se, e lá estava ele, já correndo em sua direção.

— Elly! — ele sorriu e acenou. — Elly!

— Will! — ela largou a mala e acenou de volta, pulando duas vezes, seu coração batendo loucamente, seus olhos enchendo-se de lágrimas. Ele corria, movimentando as pessoas ao lado. Outro momento mais e ele a alcançou.

— Elly! Querida... Ah, Deus, você veio! — ele a levantou do chão, beijando-a na boca, com Lizzy esmagada entre eles. — É mesmo você? Eu senti tanto a sua falta... Eu amo você. Ah, Deus, há quanto tempo...

O chão tremeu quando os trens retumbaram, o ar era uma cacofonia de vozes, a estação uma mescla de movimentos, enquanto Will e Elly compartilhavam aquele beijo: sensual, fora do tempo e prolongado. As línguas se tocando e os braços se agarrando, com o sal das lágrimas de Elly compondo o reencontro deles.

Então, Lizzy começou a se contorcer e eles se separaram, rindo, subitamente conscientes de que eles a estavam espremendo.

— Lizzy Parker, minha doçura, você está aqui também... Deixe-me olhar para você. — Will a tirou de Elly e a segurou no alto, sorrindo para as bochechas coradas e para os olhos cujas íris estavam bem mais escuras do que da última vez que ele a tinha visto. Com tantas novas distrações, Lizzy não sabia se ia se inquietar ou rir.

— Lizzy Parker, minha menina, olhe como você está gordinha! — Will a beijou efusivamente, ajeitou-a em seu braço, e disse: — Olá, coisa doce do papai!

— Eu sinto muito, Will, eu tive que trazê-la.

Will parou para ouvir a explicação de Elly e voltou a beijá-la, enquanto Lizzy se agitava em seu braço, sendo ignorada. Ele segurou a parte de trás da cabeça de Elly e lhe disse, sem palavras, o que ela poderia esperar quando estivessem sozinhos. Quando o beijo terminou, estudaram o rosto um do outro. Ela o viu com seu quepe e uniforme, tão incrivelmente bonito, que ela sentiu como se estivesse vivendo uma fantasia. Ele a achou mais magra, mas estava bonita, com um leve toque de maquiagem no rosto, era a primeira vez que ele a via usando.

— Deus! — ele sussurrou: — Eu não posso acreditar que você está aqui! Eu estava com tanto medo de que você não viesse.

— Eu poderia não ter vindo se não fosse pela Senhorita Beasley. Ela me fez vir.

Ele riu e a beijou de novo brevemente. Depois, segurou a mão dela, e recuou um passo, observando-a. — Onde você conseguiu este vestido? — Era um elegante vestido, também amarelo, com botões pretos, e um belo caimento nos quadris. O comprimento dele revelava as pernas do joelho para baixo. E ela estava usando sapatos de salto alto com os dedos à mostra.

O olhar de Elly abaixou-se para sua roupa. — Eu o fiz para quando você fosse para casa, da última vez. Lembra-se que eu disse que tinha uma surpresa para você?

Ele deu um assobio curto e roubou uma frase de rádio do Capitão Marvel: — Shazaam!

Elly se ruborizou apropriadamente, apertou um botão em sua cintura e olhou timidamente para o belo rosto de Will. Ela estava quase com receio de encará-lo muito, como se isso

pudesse pôr em risco o seu direito para com alguém tão digno de olhar, tão atraente.

— Lydia Marsh me emprestou o seu molde e eu encomendei o tecido e os sapatos pelo catálogo.

— E a maquiagem, também — ele completou, em aprovação.

— Lydia pensou que eu deveria tentar. Ela me ensinou como usar.

— Querida, você está tão bonita que está tirando o meu fôlego.

— Assim como você — ela o olhou de cima a baixo, admirando o corpo do marido em seus trajes: calças vincadas, sapatos reluzentes, camisa cáqui, gravata, e o cinto Sam Browne^[32] correndo de seu ombro direito até a cintura esquerda; o emblema da Marinha centrado no seu quepe: a águia e a âncora, todos brilhando, o que lhe dava a aparência de algum estranho importante. Ele havia ganhado massa muscular, estava mais largo nos ombros e no peito, mas ele era definitivamente o seu Will. A visão de seu marido no belo traje fez o coração de Elly inchar de orgulho.

Com uma voz suave, provocante, ela perguntou: — Onde está o meu cowboy?

— Se foi, senhora — respondeu Will, com orgulho acumulado. — Ele é um soldado agora.

— Você se parece com alguém que pode guardar a porta da Casa Branca.

Ele riu e ela pediu: — Deixe-me ver o cabelo que eles cortaram.

— Ah, você não quer ver isso — disse ele, rindo.

— Sim, eu quero, Soldado de Primeira Classe Parker — ela brincou.

— Tudo bem, você que pediu isso.

Ele removeu o quepe e ela não pôde recuar um golpe de pesar pela visão do crânio mostrado através da mera efusão de cabelo restante em sua cabeça. Foi-se a camada abundante que ela frequentemente lavava, cortava e penteava. Os fuzileiros deveriam contratar um novo barbeiro, ela pensou. Ora, ela poderia fazer melhor com uma simples tesoura de cozinha. Mas ela procurou algo animador para dizer:

— Eu não acho que eu tenha visto seus ouvidos antes, Will. Você tem orelhas finas, e mesmo sem nenhum cabelo, você ainda é lindo para mim.

— E você é uma mentirosa muito boa, Sra. Parker — rindo, ele recolocou o quepe, roubou outro beijo, pegou a mala e sua mochila em uma única mão. — Segure-se — ele disse. — Eu não quero perder você nesta multidão. E como está minha menina Lizzy? Você está cansada, gatinha? — ele beijou a testa da criança, enquanto ela choramingava baixinho e esfregava os olhos. — Como ela se comportou no trem?

— Terrível.

— Desculpe-me pela rapidez de tudo. Mas com essa licença inesperada eu não havia me dado conta sobre os arranjos com as crianças. Para dizer a verdade, eu não me importaria se você trouxesse todos eles, desde que eu pudesse ver você. Onde estão os meninos?

— Na casa de Lydia Marsh. Ela se ofereceu para cuidar deles. Eles fizeram uma confusão quando descobriram que eu estava vindo para vê-lo, mas já era ruim o bastante ter que trazer a Lizzy. Eu tive que trazê-la, pois eu ainda a amamento.

— Eu só percebi isso depois que desliguei. Tornei as coisas muito difíceis para você, não foi? Há quanto tempo ela mamou?

— Por volta das três.

— E quanto a você, está com fome?

— Não. Sim... — ela olhou para a luz de néon sobre a porta do café, enquanto eles passavam. — Bem... mais ou menos — ela colocou o braço na cintura dele. — Quero dizer, eu não quero perder tempo em qualquer restaurante e eu não sei por quanto tempo mais Lizzy vai aguentar.

Ele a levou para fora, para o verão úmido do fim de tarde.

— Eu tenho um quarto no hotel Oglethorpe. O que você acha de nós pegarmos alguns hambúrgueres e levá-los para lá? — eles ficaram na calçada, seus olhos trocando mensagens mistas de impaciência.

— Tudo bem — ela se forçou a responder.

— Fica a oito quadras daqui ou algo assim. Você acha que pode andar com esses sapatos?

— É um hotel de verdade?

— É, isso mesmo, Olhos Verdes. Para esta noite, um verdadeiro hotel. Privacidade.

Eles ficaram olhando um para o outro, enquanto um táxi buzina e portas de carros batiam. O coração de Elly deu um salto. Eles queriam se beijar, mas abstiveram-se, adiando

qualquer nova intimidade até a hora e o local permitir-lhes o sabor completo.

— Pensando bem — ela murmurou —, eu não me importaria de esquecer os hambúrgueres.

— Mas você deve comer alguma coisa, beber um pouco de leite para produzir leite para Lizzy.

— Eu tenho mesmo?

— Não vai demorar muito — ele sorriu e abriu o caminho ao longo da calçada.

Vinte e cinco minutos depois, eles entraram na recepção do hotel e uma recepcionista os atendeu, os recepcionistas homens da América eram poucos agora, a maioria tornando-se soldados. A jovem, que usava um uniforme vermelho, foi amigável e hospitaleira. Enquanto Will colocava seu saco de papel marrom com os hambúrgueres sobre o balcão, Elly estava perto da porta, olhando em torno. Depois, um funcionário levou a mala e a colocou no quarto, abriu uma janela, e apontou a porta adjacente com o seu piso hexagonal de mármore preto e branco, com a banheira e o sanitário. O quarto em si era pequeno, com toques de marrom e de pêssego. O chão estava forrado com um tapete, as janelas decoradas com cortinas estampadas, e haviam duas cadeiras estofadas e uma mesa. O ponto central do aposento era a cama de madeira, coberta com uma colcha de chenille pêssego, e com uma lâmpada marrom, em forma de uma onda do oceano, na cabeceira. Will educadamente permitiu o jovem

funcionário fazer seu trabalho mostrando tudo, suprimindo o desejo de empurrá-lo para fora e fechar a porta. Por fim, ele se foi e, no momento que a porta se fechou, ele se virou para Elly e deu-lhe um beijo. Mas, mal seus lábios se tocaram, Lizzy se queixou, forçando-os a considerá-la pela primeira vez.

— Será que ela vai se acalmar?

— Eu espero que sim. Ela está morta de cansada.

Seus olhares se encontraram. *Quão mais? Meia hora? Uma hora? Eu quero você agora.* Ele pensou.

— O que vamos fazer com ela, Will? Quero dizer, onde ela vai dormir?

Ele examinou o quarto e sugeriu: — Que tal as poltronas? — em quatro passos largos ele chegou ao par de poltronas estofadas, aproximou-as, criando um berço perfeito, suave e seguro, com os braços e assentos juntos.

— Isso poderia funcionar, não é?

— Vai ser perfeito — disse Elly, aliviada. Ele lhe deu um sorriso de volta e aproximou-se da mala. — Comece a trocar a fralda dela e eu vou apanhar roupas limpas para ela.

Enquanto Will vasculhava a mala, Elly colocou o bebê na cama e começou a mudar sua fralda para a noite. Lizzy esfregou os olhos e choramingou.

— Ela está cansada, coitada — disse Will, deitando-se ao lado de Lizzy, apoiado em um cotovelo, observando, desfrutando. Em minutos, ela estava com fralda limpa e uma roupinha leve.

— Pode ficar com ela para mim por um minuto? — pediu Elly, colocando Lizzy nos braços de Will e se virando. Falando palavras doces para o bebê, ele assistiu Elly remover seu vestido

amarelo e pendurá-lo no armário; em seguida, virar-se, descalça, com uma combinação branca e sutiã. Por um momento, seus olhares se encontraram e tudo parou, menos o choramingo suave de Lizzy e o clamor de seus dois corações. Os olhos de Will caíram, permanecendo na banda de pele nua entre as duas vestes brancas, enquanto Elly traçava o comprimento de seu escuro e lisonjeiro uniforme. Quando seus olhos se encontraram novamente suas respirações tinham se acelerado e suas bochechas haviam assumido um brilho rosado.

— Deus, você está linda — ele disse com a voz ansiosa.

— Assim como você — ela sussurrou.

Ela alcançou as costas, abriu o gancho do seu sutiã e o removeu, ao mesmo tempo em que ele se mantinha cativo com os olhos. Seus seios estavam pesados, os mamilos largos e rosados, irradiando fracas linhas azuis. Ela ficou imóvel, emoldurada pela porta do banheiro, desfrutando do delicioso prazer de deixar um outro alguém estudar seu corpo através de olhos amorosos. Quão diferente ela se sentia sobre si mesma agora. Era outra daqueles dias de quando ela o conheceu. O amor, ela tinha descoberto, deixou-a sem nenhum desejo de se esconder. Ela assistiu Will engolir em seco; suas narinas dilatadas e sua respiração visivelmente apressada. Embora Lizzy ainda choramingasse, Elly cruzou o quarto lentamente e descansou um joelho no colchão, curvando-se, dando em Will um demorado beijo. Ele estendeu a mão e roçou seus seios, roçou seus lábios e sussurrou: — Depressa.

Ela se sentou em uma das cadeiras estofadas com Lizzy na dobra do braço. Will rolou de barriga para baixo, cruzou os pulsos

sob o queixo e observou como sua esposa abaixava o olhar, tomava um mamilo entre dois dedos, e o guiava para a boca aberta do bebê. Seus olhos se tornaram escuros como ônix, seu corpo excitado, conforme ele absorvia a imagem maternal. Quando ele já não podia suportar, levantou-se para andar pelo quarto, esforçando-se para manter os olhos longe dela. Ele colocou o quepe de cabeça para baixo em cima da cômoda, abriu o saco com os hambúrgueres, olhou para dentro e tirou um, embrulhado em papel de seda. — Você quer um, enquanto você a alimenta? — Ela aceitou o hambúrguer e começou a comê-lo, enquanto ele encontrava a garrafa de vidro com leite, retirando a tampa, procurando um copo, enchendo-o e o colocando sobre a mesa ao lado dela. Quando ele se aproximou, a cabeça de Elly girou, seguindo cada movimento dele. Os olhos dele se ergueram e permaneceram no rosto dela, o que lhe permitiu testemunhar como a impaciência dela tinha crescido com a mesma insistência que rondava nele. Mas o bebê tinha que vir em primeiro lugar. Relutantemente, ele se virou.

Ela o observou minuciosamente, despertada pelas nuances do movimento que lhe eram peculiares, como nenhum outro homem. Ele tirou a gravata, dobrou-a cuidadosamente e a colocou ao lado de seu quepe; libertou seus botões do punho e rolou as mangas para o meio do braço. Ao vê-lo se mover pelo quarto, realizando tarefas comuns, ela se deu conta de que tais movimentos simples poderiam agita-la, fazê-la se sentir carnal de uma forma que ela nunca se sentira antes. Ela saudou o sentimento, ansiosa pelo momento em que ela poderia se perder nele.

Ele empilhou ambos os travesseiros da cama, sentou-se contra eles, com um pé estendido e o outro no chão. A pose acentuou a masculinidade já sublinhada pelo uniforme, o brilho em seus sapatos marrons, o vinco acentuado ao longo de sua calça, a fina pressão em seu colarinho. Ela se lembrou dele em botas de cowboy, a calça jeans folgada nos quadris estreitos, uma camisa desbotada, amassada, manchada de suor nas axilas. Pareceu-lhe que a mudança em sua roupa o fizera parecer não só mais viril e limpo, mas importante e inteligente, e que este aspecto da sua aparência a afetava tanto quanto qualquer outro. Isso a pegou, fez seu coração saltar e seu sangue se agitar. Ele enfiou a mão no bolso do paletó, tirou um maço de Lucky Strikes e metodicamente bateu um contra o seu quadril. Em seguida, pegou uma caixa de fósforos, acendeu e se sentou à toa a fumar, estudando Elly através da meada crescente das baforadas. Ela se tornou fascinada pela visão de suas mãos bem cuidadas com o cigarro mantido profundamente entre seus dedos, enquanto ele fechava e abria a caixa de fósforos entre as tragadas, o tempo todo olhando para ela com as pálpebras meio abertas.

— Quando você começou a fumar? — ela perguntou.

— Um tempo atrás.

— Você nunca me disse isso em suas cartas.

— Eu não achei que você gostaria de saber disso. Todo mundo fuma lá e eles até nos dão cigarros gratuitamente em nossas refeições diárias. Além disso, acalma os nervos.

— Isso faz você parecer um estranho para mim.

— Se você não gosta disto eu vou...

— Não. Não, eu não quis dizer isso. É só que... Eu não vejo você faz tanto tempo... e quando eu o vejo você está vestindo roupas como você nunca vestiu antes, e está com um corte de cabelo que faz você parecer diferente, e você tem novos hábitos...

Ele respirou fundo, expulsou a fumaça pelas narinas.

— Apesar de tudo, no meu interior eu não mudei.

— Sim, você mudou. Você está mais seguro de si — disse ela, e quando ele não respondeu, ela acrescentou: — Assim como eu. Lydia e eu conversamos sobre isso. No começo, eu disse a ela como eu odiei ter de deixar você ir, mas ela disse que eu deveria estar orgulhosa de você. E agora que eu vejo você, eu estou orgulhosa de certa forma.

— Sabe de uma coisa, Elly? — ela esperou, enquanto ele girava o cigarro contra um cinzeiro de vidro, esmagando a brasa. Por fim, ele ergueu o olhar: — Estas são as roupas mais bonitas que eu já possuí.

A observação dele a fez compreender melhor a extensão das privações dele, e como na Marinha ele podia se sentir como todo mundo, não mais o homem diferente que ele fora.

— Quando eu vi você na estação, bem, foi uma coisa engraçada. Todo o tempo que eu estava no trem eu imaginei você como você parecia em casa, e eu também. Mas, então, eu vi você e, bem, alguma coisa aconteceu, aqui — ela tocou à altura do coração. — Está loucamente batendo, sabe? Quero dizer, eu queria que você fosse o mesmo, mas fiquei feliz por você não ser mais. Essas roupas... — os olhos dela ao longo dele todo. — Você parece maravilhoso com essas roupas.

Ele deu um sorriso torto e manteve os olhos fixos nos dela, mas de alguma forma ela sabia que eles queriam perambular.

— A mesma coisa aconteceu quando eu te vi. E, aí sentada nessa cadeira, você faz acontecer tudo de novo.

Eles estudaram um ao outro, enquanto Lizzy mamava. Os olhos de Will observaram Elly e ele tragou profundamente o cigarro.

— Você não vai acabar de comer seu hambúrguer? — perguntou a ela.

— Eu não estou com muita fome agora. Como está o seu?

— Está delicioso — ela tinha colocado o sanduíche dela de lado, meio comido, e ambos percebiam o porquê. Ela tomou um gole de leite. Uma gota caiu do vidro frio na bochecha de Lizzy e esta despertou com um sobressalto, liberando o mamilo de Elly com um piscar de olhos, o rosto e os punhos rebelando-se contra a interrupção súbita.

— Shh... — Elly a acalmou, e transferiu-a para o seio direito.

Os olhos de Will se detiveram sobre o seio abandonado com seu mamilo molhado e a ponta distendida. De repente, ele saiu da cama e desapareceu dentro do banheiro. Elly deixou cair a cabeça para trás, fechou os olhos, e sentiu-se antecipando-se para ele.

— Ah, Lizzy, apresse-se e termine, querida.

Dentro do banheiro, a água escorria, um copo tilintava, depois o silêncio... Silêncio tenso antes de Will aparecer mais uma vez na porta, olhando para ela, enxugando as mãos em uma toalha branca. Ele jogou a toalha de lado, com sua camisa na

mão e vestido com uma camiseta que reforçava seus músculos. Quando falou, sua voz era baixa, mas controlada: — Eu quero você como eu nunca quis uma mulher na minha vida. Você sabe disso, Elly?

— Venha aqui, Will — ela sussurrou.

Ele atirou a camisa de lado e se moveu para trás de sua cadeira, esticando a mão sobre o ombro nu, arrastando os dedos sobre o seio livre dela. Ele baixou a cabeça e ela inclinou a dela, para dar-lhe o acesso ao lado de sua garganta. Ela ergueu o braço livre, colocando-o ao redor da cabeça do homem, sentindo a rigidez desconhecida de seu cabelo eriçado. Quando a mão dele escorregou sobre ela, sua pele cheirava a um sabão desconhecido. Os olhos dela se fecharam. — Quanto tempo nós temos?

— Eu tenho que me apresentar para um relatório às seis de amanhã.

— De manhã ou à tarde?

— Seis da tarde. Eu pego um trem às duas e meia. Lizzy já se alimentou. Não podemos colocá-la no berço agora?

Elly sorriu para Will e perguntou: — Você é sempre assim?

— Assim como? — ele perguntou, sua voz estava suave e rouca.

— Você vai morrer se tiver que esperar por mais um minuto?

A mão acarinhando se fechou... Ergueu-se... Moldou-se. — Sim, desde o dia em que eu estive com um ovo no meu rosto, e me apaixonei por você. Levante-se, por favor.

Ela se levantou e viu Will apressadamente empurrar as poltronas de volta, contando os segundos conforme ele cobria Lizzie com uma colcha de retalhos. Quando ela se curvou para ajeitar melhor Lizzy, a mão dele pousou em seu ombro nu. Ela se endireitou, eles estavam em lados opostos das poltronas, olhando um para o outro, antecipando, sofrendo um último hiato imposto por eles mesmos, o que só fez o sangue de ambos correrem mais depressa. Ele estendeu a mão e colocou a dela na dele, sentimentos derramando-se entre seus dedos entrelaçados. Seu aperto puxando-a ao longo do comprimento do berço improvisado, enquanto seus olhos se juntavam, os dele escuros e cheios de intenção. Quando eles se encontraram, ela estava exuberante e impaciente, dois corpos sedentos um pelo outro, duas bocas sedentas pelos meses de distanciamento. Foi amor e desejo complementando um ao outro ao máximo. Foi impacto e imediatismo, um sobre o outro, uma busca urgente de tocar em tudo, gostar de tudo, antes mesmo de suas roupas serem removidas.

— Ah, Elly... como eu senti sua falta — as mãos dele roçando em todas as partes, atraindo-a para si.

— A nossa cama estava tão solitária sem você, Will — ela passou as mãos sobre suas calças, alcançando sua fivela. As roupas caíram como velas desenroladas de um navio. Murmurando, eles caíram na cama.

— Deixe-me ver você — ele se afastou, deixou as mãos e os olhos viajarem sobre ela, beijando onde ele desejava beijar. Ela caiu para trás com os braços esticados, tornando-se o cálice do qual ele bebia. Da mesma forma, ela o provou, e sua timidez

fugiu, perseguida pelo reconhecimento distante das últimas chances de uma guerra. Por fim, eles se encaixaram perfeitamente. Teceram uma teia de admiração, e tremularam, suspensos na aguardada doce união de corações e corpos. Fecharam os espectros da morte e da guerra, esses intrusos pretensiosos, e mergulharam um no outro, aceitando a gratificação com suas devidas mortalidades.

— Eu te amo — reiteraram várias vezes em sussurros. —
Eu te amo.

Era o sustento e o conforto que eles iriam levar quando deixassem este quarto.

Em algum lugar no horizonte o sol estava se pondo. Um sino soava, tremeluzindo em meio ao cheiro salgado do mar, e um pássaro piava a procura do seu ninho para repousar. E no quarto, o amor havia encontrado sua recompensa. Will e Elly estavam abraçados. Ele sorriu, cansado, mas seus olhos permaneceram fechados.

— Ei, Will?

— Hum?

— Eu nunca me arrependerei por ter vindo por toda a Geórgia naqueles trens sujos.

Os olhos dele se abriram. — Eu também.

Sorriram. E olharam um para o outro, sentindo-se repletos.

— Eu senti tanto a sua falta, Will.

— E eu senti a sua, Olhos Verdes.

— Às vezes eu virava e olhava para a pilha de lenha esperando ver você lá, cortando as toras.

— Eu vou fazer isso de novo, em breve.

O lembrete os levou muito perto para o amanhã. Então, eles retornaram ao agora. Tocando-se, sussurrando, beijando-se e se amando. Deitaram-se testa contra testa e deslizaram os dedos para cima e para baixo, joelhos e pés ajustando-se em lugares onde se acomodassem melhor. Depois de descansados, amaram-se novamente com um ritmo mais calmo, olhando para o rosto um do outro, quando o prazer mais uma vez aliviou seus corpos. Com o tempo, eles falaram da fazenda, da casa e das coisas necessárias, do gerador de energia eólica temperamental, do outono e do dinheiro que podia render as peças usadas. Will acendeu outro cigarro e, enquanto ele fumava, Elly deitou sua cabeça no ombro dele, descansando e contemplando. Ela olhou para o lençol branco sobre os seus corpos e tornou a pensar no seu grande medo, emitindo o som que pairava em sua mente: — Para onde eles te mandarão, Will?

Ele tragou profunda e lentamente antes de responder. — Eu não sei.

— Você quer dizer que eles não lhe disseram ainda?

— Há um navio sobre o Sul do Pacífico, mas ninguém sabe onde, nem mesmo o comandante da base. Fala-se nos bastidores em “ponta de lança”. Você sabe o que isso significa?

— Não. O quê?

Ele estendeu a mão para o cinzeiro, colocou-o sobre seu estômago, e bateu o cigarro.

— Isso significa atacar.

— Atacar?

— Invadir, Elly.

— Invadir? — ela levantou a cabeça para procurar os olhos dele. — Invadir o quê?

Ele não queria falar sobre isso e, na verdade, ele não sabia de nada.

— Quem sabe? Os Japoneses estão por todo o Pacífico, controlando a maior parte dele. Se eles estão nos enviando para lá... Bom, eu não sei mesmo, meu amor.

— Mas como eles podem enviá-los para um lugar e nem sequer dizer para onde vocês estão indo?

— Surpresa é parte da estratégia militar. Se é assim que eles planejam, nós seguimos as ordens, e isso é tudo.

Elly digeriu aquilo por longos minutos, enquanto sentia o pulsar forte de seu coração. Por fim, ela perguntou em voz baixa:

— Você está com medo, Will?

Ele tocou no cabelo dela.

— Claro que eu estou com medo, meu amor — ele considerou, e acrescentou: — Mas, às vezes, eu penso que sou parte de uma unidade militar muito bem treinada. Se eu tenho que lutar, prefiro fazê-lo com os fuzileiros navais a qualquer outro. E eu quero que você se lembre, quando você ficar preocupada, que somos muito bem treinados. Na Marinha um protege o outro. Ninguém pensa em si mesmo em primeiro lugar. Em vez disso, todo mundo pensa no grupo. Pense nisso e procure manter-se tranquila, querida. E cada fuzileiro naval é treinado para assumir a posição seguinte mais elevada se o seu comandante for ferido em batalha, por isso a comitiva sempre

tem um líder. Isso é o que eu tenho para me concentrar quando começo a ficar com receio sobre, talvez, ser enviado para o Pacífico, e é nisso que você tem que se concentrar também.

Ela tentou, mas as imagens de baionetas e canhões ficaram no caminho. Will também viu as mesmas imagens, aquelas que ambos tinham visto no noticiário preto e branco do cinema.

— Ei, vamos lá, querida — ele apagou o cigarro e a abraçou, passando as mãos pela coluna nua da esposa. — Vamos falar de outra coisa.

E eles o fizeram. Falaram sobre os meninos, sobre a Senhorita Beasley, sobre Lydia Marsh e de como Will havia ganhado mais corpo. Falaram da maneira como Elly tinha aprendido a aplicar a maquiagem e arrumar o cabelo. Quando a escuridão tinha caído, tomaram um banho juntos, tocando-se, provocando-se, rindo atrás da porta fechada do banheiro. Saíram e comeram os hambúrgueres frios. Will falou sobre a comida na base e contou para Elly o jargão “do pescoço de couro” que ele tinha aprendido com os outros. Elly riu do leite em lata chamado de novilha blindada; e Will falou das panquecas, dos olhos de peixe, do espinafre Popeye e disse que estava sentindo muita falta do tempero dela. Por volta da meia-noite, fizeram amor no tapete marrom estampado com folhas verdes. Às vezes riam, talvez um pouco desesperadamente, como se sentissem as horas se esvaindo. Ele contou sobre o seu amigo, Otis Luttrell, o companheiro ruivo do Kentucky, e como eles estavam esperando que fossem enviados juntos para fora. Ele contou que Otis estava noivo de uma linda jovem, chamada Cleo, que trabalhava numa fábrica de granada em Lexington, e que ele nunca tivera um

amigo de quem gostasse tanto como gostava de Otis. De madrugada, sentaram-se no parapeito da janela, observando a escuridão distante, onde eles sabiam que navios descansavam ancorados na mais completa escuridão para que nenhum submarino alemão atacasse as defesas da Costa Leste.

Ambos sabiam que a guerra estava lá... acontecendo... não importava o quanto eles tentassem bloqueá-la de suas mentes. Estava lá... em cada pensamento, cada toque, cada batimento cardíaco fugaz que compartilhavam.

Quando dormiram, o dia estava amanhecendo. Dormiram a contragosto, tocando-se até no sono. Lizzy despertou pouco antes das sete, eles a trouxeram para a cama com eles, Will deitou-se de lado, apoiando a cabeça em uma mão, observando uma vez mais a visão que ele nunca se cansaria de ver. Após a amamentação ele disse que queria dar banho em Lizzy. Elly ficou observando, melancólica e ansiosa, enquanto Will se ajoelhava ao lado da grande banheira e cuidava de Lizzy com alegria. Ele fez tudo: secou-a, colocou a fralda, vestiu-a com um macacão limpo e, em seguida, deitou-a na cama brincando com ela e rindo de suas borbulhantes palavras de bebê, de suas poses. Mas muitas vezes os olhos dele se erguiam e encontravam os de Elly, do outro lado do bebê, e a tristeza, indizível, era uma corrente entre eles.

Will desceu e comprou comida. Eles comeram no quarto e permaneceram nele até que uma funcionária bateu para perguntar se eles se hospedariam um segundo dia. Mas ele não podia ficar. Fizeram as malas, caminharam até a porta, olhando de volta para o quarto que tinha fornecido um refúgio

pelas últimas dezoito horas. Voltaram-se um para o outro e tentaram se mostrar corajosos, mas, o último beijo, em privado, foi de lábios trêmulos e pensamentos desesperados.

Eles tomaram as ruas de Augusta, andaram a passo lento ao longo da calçada quente, até que encontraram um parque, com um coreto deserto e cercado por bancos de ferro. Sentaram-se em um banco e forraram a grama com uma manta onde colocaram Lizzy para dormir. Olharam para as árvores, o céu azul-claro da Geórgia, a criança aos seus pés, mas na maioria das vezes olharam um para o outro. Ocasionalmente, beijavam-se, mas levemente, com os olhos abertos, como se tirar a visão um do outro por um momento fosse impensável. Sempre com as mãos juntas. Will brincou com o anel do casamento que tinha, de fato, ficado verde no dedo de Elly.

— Quando eu voltar vou comprar para você um anel de ouro, de casamento — disse ele. — É uma promessa.

— Apenas volte para mim — respondeu Elly.

Ele carregou o bebê e ela levou a mala até que eles alcançassem novamente a barulhenta estação lotada. Ali, ante a despedida, sentiam um aperto na garganta. Lizzy, alheia ao drama que se passava, estava fascinada com um botão da roupa de Will, tentando retirá-lo com sua mão gordinha.

Uma voz anunciava no alto-falante: — Columbia, 14h30. Raleigh, Washington e Filadélfia, o embarque é no portão três.

— Esse é o meu — disse Will, triste.

— Você tem a sua passagem? — perguntou Elly.

— Sim, senhora.

Seus olhos se encontraram e ele circulou a inclinação de seu pescoço com a mão livre, acariciando uma despedida.

— Dê um beijo nos meninos por mim. E dê-lhes estas barras de chocolate.

— Si-im — ela gaguejou —, e me envie o seu endereço assim que eles... — Elly não podia mais falar, com medo de liberar os soluços asfíxiadores que enchiam o seu peito.

Ele acenou com a cabeça, o rosto ainda mais triste.

— Última chamada para Columbia, Raleigh...

Os olhos de ambos estavam cheios de lágrimas e cintilavam.

— Ah, Will...

— Elly...

Eles se abraçaram, com o bebê entre eles.

— Volte para mim.

— Pode ter certeza que voltarei.

Beijaram-se, sentindo-se devastados. Ambos tomados pela necessidade de chorar.

— Todos a boooordo! — o trem ia começar o seu movimento.

Will deu em Elly o último beijo, colocou o bebê em suas mãos e se foi. Saltou e entrou no trem em movimento, virando-se no último momento possível para ter um vislumbre borrado de Elly com Lizzy nos braços, acenando no meio de uma multidão de estranhos, em uma estação de trem suja, em uma cidade quente da Geórgia.

Eleanor Parker há muito tempo não orava, então, talvez, aquilo que brotou foi mais uma imprecisão do que oração,

quando as palavras se engasgaram contra seu punho: —
Maldição! Mantenha-o seguro, ouviu?

CAPÍTULO 18

NA GUERRA

18 de junho de 1942

Querida Elly,

Que vida louca é essa? Ontem eu estava com você e hoje eu estou em um trem rumo a São Francisco. O Vermelho está comigo, mas ele não é tão boa companhia quanto você. Estive pensando mais e mais sobre como foi maravilhoso estar com você, e o quanto eu te amo, e como eu estou feliz porque tivemos um dia juntos, foi como estar no paraíso, Olhos Verdes...

18 de junho de 1942

Querido Will,

Estou escrevendo, porque eu preciso escrever. Meu coração está tão cheio e sinto como se fosse arrebentar, a menos que eu te diga como eu me sinto em relação a nossa noite em Augusta. Eu não sei quando esta carta vai chegar até você, eu não sei nem para onde enviá-la, mas os sentimentos são verdadeiros e os meus vão te encontrar mesmo que você só leia isto daqui a um mês... portanto, eu vou escrever e enviar assim que você me mandar o seu novo endereço. Sabe, Will, quando te conheci, eu disse que eu ainda amava o Glendon e, naquela época, eu pensava que isso fosse verdade. Glendon foi a primeira pessoa agradavelmente real que entrou em minha vida. Ele me tratou como se eu tivesse sido colocada nesta terra

para algo além de se arrepender e de ser ridicularizada. Ele era um bom homem e, no período em que fui casada com ele, eu estava realmente feliz pela primeira vez na minha vida. Então, eu pensei que isto significava que eu o amava de uma forma tímida. E eu o amava, não me leve a mal. Mas quando Glendon e eu tínhamos nossas intimidades, nunca foi como é conosco. Eu não te disse antes, mas na primeira vez que Glendon e eu fizemos isso na floresta, nós fizemos isso porque o pai dele havia morrido e ele estava de luto e precisava de consolo. Lembro-me de como eu fiquei lá deitada de costas, olhando para os galhos verdes das árvores, ouvindo o canto de um pássaro, que continuou piando e piando ao longe, e eu me perguntei o que estaria acontecendo. Muito mais tarde, eu descobri que era comum a ave narceja piar dessa forma em seu primeiro voo, um piado inseguro a cada batida de asa. É engraçado, agora, voltar a pensar em como a minha mente divagava, quando Glendon e eu tínhamos essas nossas intimidades. Ele e eu geramos três filhos e isso deveria significar que estávamos tão perto em espírito como um homem e uma mulher podem estar. Mas eu estive apenas duas noites com você, e elas me mostraram como o amor deve ser. O piado da ave narceja estava muito distante da minha mente quando você e eu estávamos fazendo amor, Will. Eu não consigo parar de pensar nisso e como eu me senti só de olhar para você... Eu vi você se movimentar tirando a gravata, o seu casaco, e senti aquele calor passando por minhas entranhas, Will. Eu falei comigo: ninguém se move como ele. Ninguém desabotoa seus punhos como ele. Ninguém possui olhos tão bonitos quanto ele. Ninguém é mais sortuda do que eu.

Voltei e li o que eu escrevi. E ainda não parece dizer tudo o que eu sinto. Dizer que o amor é como a sorte é muito parecido com relatar o piado de um pássaro. Você escuta e você o reconhece em si mesmo tão forte que você pensa, com certeza, que você pode repeti-lo para outra pessoa. Mas você não pode. Eu apenas queria que você soubesse que eu te amo diferente da forma como eu amei o Glendon. Dizem que todo mundo passa a vida procurando a outra metade e sei que, agora, você é a outra metade de mim, porque quando estou com você sinto-me feliz...

16 de julho de 1942

Caro Sr. Parker,

Eleanor compartilhou sua última carta comigo e, juntas, olhamos para o atlas e tentamos imaginar exatamente onde o senhor está. Tenho levado para ela livros sobre as Ilhas do Pacífico, de modo que ela possa ver como são a flora e a fauna daí, também o tempo, e o próprio oceano. As coisas estão mudando por aqui. A cidade parece bastante deserta. Não são apenas os nossos jovens indo para a guerra, mas as moças estão indo também. O último outdoor da praça trazia a imagem de uma mulher e o slogan: "O trabalho na linha de vitória é meu!". Por isso, muitas mulheres estão indo para encontrar empregos em Lockheed, em Marietta, nos estaleiros em Mobile, na Packard e na Chrysler do Norte, trabalhando com motores, fuselagens e pistas de aterrissagem. Quando eu era jovem, havia poucas opções dadas a uma mulher que não fosse se casar: ensinar, tornar-se uma dona de casa, ou uma bibliotecária. Até mesmo

enfermeiras eram malvistas àquela época. Hoje, as mulheres estão dirigindo os ônibus da cidade, usando maçaricos de acetileno e fazendo funcionar guindastes. Eu não posso ajudar agora, mas creio que vai ser bem diferente se os Aliados forem vitoriosos mesmo e todos vocês, homens, voltarem para casa. Tenha certeza, seu trabalho estará te esperando.

As estradas por aqui estão péssimas e tudo está ficando escasso: frutas em conserva (graças a Deus eu vivo na Geórgia, onde em breve teremos frutas frescas nas árvores); alcatrão; açúcar (de tudo é o que eu mais sinto falta); grampos (as mulheres estão cortando seus cabelos e se parecem com os recrutas na formação de base); tecido (Washington emitiu uma diretiva que durante o período de guerra os ternos dos homens devem ser fabricados sem colarinhos, pregas ou bolsos); abridores de lata (Graças a Deus, eu possuo um). Mesmo carne e carros estão faltando. Só se ri quando alguém faz menção de ter um carro novo hoje em dia. O jornal de ontem informou que o Sr. Edsel Ford^[33] é incapaz de obter um novo carro para ele até que o racionamento de placas de Detroit possa considerar a sua aplicação. Isso não é incrível, se pensarmos que sua família tem fabricado trinta milhões de automóveis? Se há uma coisa que esta guerra fez foi igualar. As coisas na biblioteca estão como você as deixou, exceto que, desde que você se alistou, Lula Peak não vem perambular por aqui. Perdoe-me pelo meu tom jocoso, mas Lula, como você sabe, é um ponto sensível. Temo que eu possa vir a perder Franklin Gilmore, que está falando em não voltar para a escola para seu último ano, e, ao invés disso, se alistar. Menos livros estão sendo lançados, pois as

madeiras estão fornecendo madeira para engradados, ao invés de madeira para a celulose e papel. Mas um título está sendo impresso em maior número do que qualquer outro: o *Manual de Primeiros Socorros da Cruz Vermelha*, que é o livro best-seller agora. Eu ainda vou ver Eleanor e seus filhos todo sábado, mas continuo incapaz de convencê-la a vir para a cidade. No entanto, ela desenvolveu uma amizade com a Sra. Marsh e fala dela com carinho. Estou tomando o encargo de enviar o diretor da escola à sua casa para ver se Donald Wade poderá se matricular na primeira série, quando setembro chegar. Não vou dizer a Eleanor que o enviei e eu preferiria que o senhor não dissesse a ela também. Donald Wade é um menino brilhante e já lê como os alunos da primeira série. Ele pode recitar textualmente os anúncios de muitos programas de rádio, e ele é um pequeno cantor, o que o senhor pode não saber. Ele e Thomas cantaram para mim, da última vez que estive lá, o refrão da música "Vamos fingir". Foi divertido, e eu os elogiei cordialmente, e disse a Donald Wade que quando ele estiver na escola, ele irá cantar todos os dias e me encarreguei de lhe ensinar uma canção que eu me lembro de quando eu era criança. É assim: "Outubro deu uma festa. As folhas de cada árvore se fantasiaram de vermelho, de alaranjado e de amarelo; o sol espalhou um tapete sobre a floresta, e a Senhorita Tempo levou o Professor Vento para dançar". Acredito, porém, que Eleanor gostou da música tanto quanto Donald Wade, ela que passou seu tempo quando era uma adolescente explorando e apreciando a natureza, os bosques e todas as suas criaturas. Ela cantou junto com Donald Wade, continuou cantarolando

enquanto lavava a louça do chá. Ela está bem, mas sente muito a sua falta.

E, com isso, eu vou terminar. Não me deterei em desejos de sorte que podem parecer tão insignificantes à luz de onde o senhor está e do serviço que está prestando para nós, que mantemos as luzes em nossas janelas. Direi simplesmente que o senhor está em minhas orações todas as noites.

Carinhosamente, Gladys Beasley.

Em algum lugar do Oceano Pacífico, 23 de junho de 1942

Querida Olhos Verdes,

Bem, eu estou em um navio, e isso é tudo que eu estou autorizado a dizer para qualquer pessoa. Nem mesmo o nome do navio posso dizer; também não o nosso destino que, aliás, nenhum de nós sabe. Temos alguma ideia para onde estamos indo, a julgar pelo rumo que estamos viajando, mas isso é tudo sobre o meu atual paradeiro. Embarcamos no trem para São Francisco no dia 21 de junho. Viver a bordo de um transporte de tropas não tem sido tão ruim. Por um tempo estamos tendo um ritmo mais calmo de vida e até algumas recreações, coisa que não era possível até então. A comida aqui também é boa. Temos carne fresca, vegetais e batatas. O que mais temos feito é assistir às aulas sobre a inteligência japonesa e fazer calistenias^[34] no convés todos os dias; mas amanhã eles disseram que nós vamos ter um dia de campo, o que significa que teremos de limpar os nossos beliches. O meu é no porão, na

parte da frente, a boreste, o que é bom. Não tem muito ruído do motor e a navegação é bastante agradável. O do Vermelho está logo abaixo do meu e os beliches são como um berço de lona. Jogamos poker e um monte de caras leem histórias em quadrinhos; eles nos emprestam também. Alguns deles leem livros. E todo mundo fala sobre a namorada que deixou para trás. Eu não falo sobre você, exceto para o Vermelho, já que ele é meu amigo e ele não vai passar para frente tudo que escuta. Eu não lhe contei sobre o nosso encontro em Augusta, mas eu disse a ele sobre aquela vez que você jogou o ovo em mim, e ele riu. Ele quer conhecê-la quando essa maldita guerra acabar. Bom, aqui está o meu endereço, até que eu te passe outro diferente: William Lee Parker, 1 Raider Bn., 1 Marines, So. Pacífico. Eu, provavelmente, vou escrever todos os dias até chegarmos aonde quer que eles estejam nos levando, pois tenho tempo de sobra neste navio. Eu te amo, minha amada.

Seu Will.

28 de junho de 1942

Querido Will,

Essa espera é horrível. Eu não sei onde você está e não há nenhuma maneira de saber quando eu vou descobrir...

Em algum lugar do Sul do Pacífico, 22 de julho de 1942

Querida Elly,

Estamos ancorados de novo e onde estamos é a última estação de correios da Marinha. E estas são ordens definitivas. Amanhã vamos navegar, e é isso. Portanto, esta noite é a nossa última noite para escrever cartas e, quando entregarmos ao nosso funcionário dos correios da unidade para enviar, não saberemos quando vamos ter a chance de escrever novamente. Foi-nos dito, agora, aonde estamos indo e o porquê, mas eu não posso te dizer, querida. Tudo o que posso dizer é que eu vou estar em um submarino amanhã. Eu só quero que você saiba que todo mundo está calmo aqui. É engraçado, não me parece que vamos para a batalha, exceto que todo mundo está falando muito mais hoje à noite, polindo seus rifles, mesmo que eles já estejam brilhando como a estrela do norte. Eu posso te dizer uma coisa e espero que eles não censurem isso: onde estamos não há nenhuma estrela do norte. Ao invés disso, vemos o cruzeiro do sul que todos nós aprendemos a identificar no céu noturno. Estou arrumando a minha mochila, pensando em você e nas crianças, e fumando um Lucky Strike, tentando pensar em todas as coisas que estão no meu coração para dizer nesta carta. Mas tudo o que eu tenho é um nó na garganta e fico pensando comigo: maldito Parker, você vai voltar para casa, você ouviu? Elly, o que você fez por mim no ano passado é mais do que alguém fez por mim em toda a minha vida. Eu te amo tanto, Elly, que dói no fundo do meu coração quando eu penso nisso. Você me deu um lar e uma família, deu-me amor e um lugar para voltar. Quando eu digo “muito obrigado” pode soar tão miseravelmente pequeno e nada tão poderoso como o que eu sinto no meu coração. Eu olhei no livro de poemas da Senhorita

Beasley para tentar encontrar algum que dissesse o que eu estou sentindo, mas nem mesmo lá há palavras para isso. Você só tem que saber, Olhos Verdes, que você é a melhor coisa que já apareceu em toda a minha vida, e nem o mar, e nem a guerra podem mudar isso. Agora eu tenho que ir, porque eu estou começando a me sentir um pouco deprimido e solitário. Mas não se preocupe comigo, como eu disse antes, estou com o melhor uniforme de treinamento que existe. Apenas lembre-se do quanto eu te amo e que eu estou voltando para casa quando esta guerra acabar.

Com todo o meu amor, Will.

01 de agosto de 1942

Querido Will,

Tenho em mãos o que eu acho que é a sua última carta, a que você escreveu do navio... e eu comecei a me sentir tão triste, que eu tive de dar um passeio com as crianças lá fora para não me prostrar. É tão horrível não saber onde você está ou se você está seguro neste momento...

04 de agosto de 1942

Querido Will,

É um grande dia hoje, pois Lizzy Parker faz oito meses e eu a estou desmamando. Meus seios estão tão cheios de leite, que parecem que estão prontos para explodir...

10 de agosto de 1942

Querido Will,

A Senhorita Beasley trouxe os jornais hoje e as manchetes são importantes. Eu sempre fico assustada quando vejo as letras de dois centímetros. Desta vez foi sobre uma grande batalha nas Ilhas Salomão e os nossos navios afundados. Estou com tanto medo de que você possa ter estado em um deles...

11 de agosto de 1942

Querido Will,

Eles simplesmente não nos dizem muito por aqui, exceto para dizer que a ofensiva continua com “considerável resistência inimiga”. É apenas segunda-feira, mas a senhorita Beasley veio aqui, pois ela acredita, como eu, que você está em algum lugar lá fora, no meio dessa confusão terrível nas Ilhas Salomão, onde os japoneses estão reivindicando que afundaram vinte e dois navios e danificaram mais de seis...

18 de agosto de 1942

Querido Will,

Você não pode imaginar o quão difícil é ler as notícias da guerra nos jornais e ainda não saber de nada...

Em algum lugar do Pacífico, 20 de agosto de 1942

Querida Elly,

Estou vivo e sem ferimentos. Mas eu estive na batalha, então eu sei como é matar outro ser humano... Você tem que se manter repetindo para si mesmo que ele é o inimigo e tentar só ficar pensando em como serão as coisas quando você estiver de volta em casa. Estou aqui sentado numa trincheira pensando sobre os degraus da varanda quando eu voltar e que nesse dia eu levarei os meninos para tomar banho na nascente e que nós os secaremos juntos. Eu daria qualquer coisa por um banho. Onde estou nunca para de chover. Há palmeiras e um monte de grama amarelada que se estende desde a praia até a selva. Eu não posso dizer que gosto muito da selva, mas ela tem coisas para comer. Ficamos isolados e sem suprimentos por um bom tempo e quero dizer que foi um sentimento doentio quando olhamos para a água e vimos que os nossos navios desapareceram. Eu bebi tanta água de coco que quase saiu pelos meus ouvidos até, e, por sinal, tem algum tipo de fungo crescendo neles. Entre isso, picadas de mosquito e chuva, é um lugar bastante infernal isso aqui, mas eu não quero que você se preocupe, porque hoje os nossos aviões de combate chegaram. Eu gostaria que você pudesse nos ouvir quando eles giraram e pousaram... Foi a visão mais aguardada que já tivemos. Não só, eles trouxeram novos suprimentos, como nos disseram que o correio poderia enviar as nossas cartas. Mas, afinal, eu não sei se vai chegar até você... mas se chegar, beije as crianças por mim e diga à senhorita Beasley que eu tive que deixar o meu livro de poemas para trás, mas eu rasguei a página com o meu

favorito e eu o carrego no meu pacote de suprimentos. Lê-lo e as suas cartas são as únicas coisas que me mantêm...

04 de setembro de 1942

Querido Will,

Donald Wade esteve em um ônibus escolar hoje pela primeira vez...

03 de outubro de 1942

Querido Will,

Os meninos ensinaram Lizzy a dizer “papai” hoje...

04 de outubro de 1942

Querido Will,

Sua carta, finalmente, chegou até mim, da mesma unidade da zona de batalha. Ah, Will, eu estou tão preocupada com seus ouvidos! Eu gostaria de poder aquecer algum azeite e colocar neles, lavar seu cabelo e penteá-lo da maneira que você costumava gostar que eu fizesse... A Senhorita Beasley e eu, com os noticiários, estamos supondo que onde você está possa ser em Guadalcanal, e isso me assusta demais... Pensar em você por aí... Pois, eu sei que a luta foi terrível, é território ocupado pelos japoneses...

UNIÃO OCIDENTAL

Lamento informá-la de que seu marido ficou gravemente ferido em ação, do dia 25 de outubro, na Ilha Guadalcanal. Até então um novo endereço está sendo enviado para contatar o cabo William L. Parker, 37 773 785, hospitalizado no Diretório Central. Caixa Postal APOO 640, Correio de Nova York. Não divulgar novo endereço. Adj. Geral às 07h10.

01 de novembro de 1942

Querido Will,

Eu estou tão preocupada! Ah, Will, eu recebi um telegrama e eles disseram que você está gravemente ferido, mas nada mais... Não disseram onde você está, ou como você está, ou qualquer outra coisa...

02 de novembro de 1942

Querido Will,

À noite passada eu não consegui pregar o olho. Fico chorando e me perguntando se você ainda está vivo ou se perdeu um braço ou uma perna, ou seus lindos olhos castanhos...

03 de novembro de 1942

Querido Will,

Às vezes, eu fico tão revoltada, porque ninguém diz nada, além de que você está em algum lugar ao Sul do Pacífico. Mas a Senhorita Beasley me mostrou um artigo sobre a Sra. Roosevelt visitando as tropas no exterior e até mesmo este artigo começava com: “Em algum lugar na Inglaterra”. Então, eu acho que se é bom o suficiente para a esposa do presidente, vai ter que ser bom o suficiente para mim, pois eu estou muito aflita por você...

04 de novembro de 1942

Querido Will,

Só agora me dei conta de que o telegrama dizia “cabo”. Ah, você foi promovido! É muito bom e me fez pensar positivo, porque isso é a única coisa a se fazer agora. Você está vivo, eu sei disso. E eu não vou desistir de ter esperanças. E vou escrever todos os dias, mesmo se eu não receber nenhuma carta sua...

4193 US Navy Hosp. Planta APO 515. Nova York, NY

Cara Sra. Parker,

Tenho o prazer de informar que no dia 01 de novembro de 1942 o seu marido, William L. Parker, 37 773 785, teve melhorias. Diagnóstico: ferida na coxa esquerda. Thomas M. Simpson 1º Ten. M.A.O. Escrivão.

4193 US Navy Hosp. Planta APO 515. Nova York, NY

Cara Sra. Parker,

Tenho o prazer de informar que no dia 06 de novembro de 1942 o seu marido, William L. Parker, 37 773 785, foi evacuado para a zona de não combatentes e sua ferida na coxa esquerda foi submetida a uma cirurgia. Estão se fazendo melhorias normais. Virgil A. Saylor, 1º tenente, MAC secretário. Departamento de Guerra EUA. Negócios Oficiais.

20 de novembro de 1942

Cara Sra. Parker,

Como comandante de seu marido, o cabo William L. Parker, que foi ferido em ação no dia 25 de outubro de 1942 na Ilha Guadalcanal, senti que era imperativo assegurar-lhe que a sua condição de vida já não é ameaçadora e que uma eventual recuperação pode ser aguardada. No dia 06 de novembro, ele foi transferido, por via aérea, para o hospital da Marinha em Melbourne, na Austrália, onde foi submetido a uma bem-sucedida cirurgia e agora aguarda transferência para os Estados Unidos. É uma honra para a Marinha dos Estados Unidos e a comitiva dele ter o Cabo Parker entre nós. Ele lutou bravamente e sem reclamar. No dia 14 de setembro de 1942, enquanto engajava o inimigo em ação em Guadalcanal, o Cabo Parker exibiu galhardia conspícua na tentativa de resgatar Otis D. Luttrell, arrastando-o para uma trincheira sob fogo pesado do inimigo. No dia 25 de outubro, o Cabo Parker novamente provou ser um líder por sozinho achar um esconderijo subterrâneo japonês que vinha segurando o nosso avanço. O esconderijo do inimigo estava

situado em uma caverna, cujo fogo inimigo vinha de seu interior. O Cabo Parker voluntariamente se arrastou até a caverna, através de seu lado desprotegido, tentou arrombar o telhado do esconderijo e quando não foi possível fazê-lo, tentou retirar as pedras distantes no sopé da caverna. Quatro vezes ele jogou granadas de mão no interior, só para tê-las prontamente devolvidas pelos japoneses. Na próxima tentativa, o Cabo Parker tentou segurar a granada por três segundos antes de lançá-la. Quando esta também foi devolvida, Parker teria “ficado louco” e feito uma bomba de dinamite que ele empurrou para o esconderijo, matando oito soldados japoneses, mas recebendo ferimentos ele mesmo, devido a uma granada inimiga que simultaneamente detonou da boca da caverna. Por causa da determinação e bravura do Cabo Parker, o 1º Batalhão de Assalto obteve uma vitória decisiva sobre os japoneses na foz do rio Ilu, fazendo com que eles tivessem uma perda de doze tanques e cerca de seiscentos soldados do primeiro setor da Marinha japonesa. É com orgulho e satisfação, pelo heroísmo citado acima e além do dever, que estou recomendando para o Comandante e Chefe das Forças Armadas dos Estados Unidos o Cabo William L. Parker, USMC do 1º Batalhão de Assalto, para ser premiado com a medalha de valor da Ordem do Coração Púrpura.

Sinceramente, Col. Merritt A. Edson, Comandante do 1º Batalhão de Assalto da Marinha USMC.

Hospital Naval Balboa. São Diego, Califórnia

Cara Sra. Parker,

Tenho o prazer de informar que no dia 06 de dezembro de 1942 o seu marido, William L. Parker, 37 773 785, foi transferido para o Hospital Naval Balboa, em São Diego, EUA, para continuação de tratamento mais específico.

Hospital Naval Balboa, São Diego. 07 de dezembro de 1942

Querida Elly,

Estarei em casa novamente e você não precisará se preocupar mais. A enfermeira da Cruz Vermelha está escrevendo isso para mim, porque o doutor não me deixa sentar ainda. Eu, finalmente, consegui todas as suas cartas. Eles me entregaram em um hospital em Melbourne. Elly, querida, foi tão bom ler todas essas palavras, tudo sobre Donald Wade ir à escola e Lizzy dizendo suas primeiras palavras, e como eles lhe ensinaram a dizer “papai”... Eu desejaria estar aí com todos vocês, mas, agora, parece que ainda vou ficar um bom tempo aqui. Minha perna não está tão boa; pelo menos, eu ainda a tenho. E ela pode estar rígida, mas eu vou ser capaz de andar, eles dizem. Os doutores aqui me informaram que eu ainda estou carregando um pedaço de metal na perna esquerda e que, talvez, eu tenha de fazer outra cirurgia. Mas, que diabos, pelo menos eu estou vivo!

Lamento não ter escrito mais depois que eu fui atingido, foi para que você não tivesse que se preocupar tanto. Eu teria feito isso sem eles, mas eu acho que eu não estava muito bem para escrever mesmo. Não se preocupe agora. Eu estou bem. Creio que você já sabe que eu fui atingido por uma granada japonesa,

enquanto eu estava tentando tirar oito deles de um esconderijo, perto do aeródromo no Canal; eu posso dizer-lhe agora onde eu estava: em Guadalcanal. Foi duro no Canal, perdemos muitos lá... Mas nós continuamos, a pista de pouso agora é nossa. Se não tivéssemos feito isto, o Pacífico ainda seria deles. Eu poderia muito bem lhe dizer agora que o meu amigo Vermelho não participou disso, e isso é tudo o que posso dizer no momento, porque é difícil para eu pensar nisso. Então, como eu estava dizendo, não parece muito importante ter alguns pedaços de aço em uma perna. Mas eu tenho que confessar que nunca fiquei tão emocionado em ver a velha glória-da-manhã acenando sobre o Hospital da Marinha, na boa e velha terra americana, quando eu pousei aqui. Maldição, Elly, eu gostaria de poder vê-la! Mas esta perna vai ter que ser consertada primeiro, então, vou ter de ficar aqui por um tempo, mas tenha certeza de que estarei à espera de suas cartas. Parece que desde que entrei para os fuzileiros navais eu vivo para a chamada do correio. Agora que estou em um só lugar, suas cartas vão começar a me chegar mais facilmente, está bem, Olhos Verdes? Por favor, não se preocupe comigo. Estarei de volta, as coisas vão se ajeitar. Beije as crianças por mim e diga à Senhorita Beasley para escrever também.

Com todo o meu amor, Will.

09 de dezembro de 1942

Querido Will,

Ah, Will, você estará em casa, finalmente! Sua carta chegou e eu chorei quando li, mas foi de alegria. Eles não vão mandar você de volta agora, não é? E sua perna está melhor? Estou tão preocupada com isso e com o que você deve estar passando com essas operações e a dor. Se você não estivesse tão longe eu iria encontrá-lo novamente, como fiz em Augusta, mas simplesmente não vejo como eu posso ir para a Califórnia. Não seria algo ruim se pudéssemos estar juntos para o Natal...

24 de dezembro de 1942

Querida Elly,

As enfermeiras colocaram luzes coloridas nos pés de nossas camas, mas, olhando para elas, me sinto sufocado novamente. Estou sentado aqui, pensando na última véspera de Natal, quando você e eu enchemos as meias para os meninos... Eu quero tanto ir para casa...

29 de janeiro de 1943

Querido Will,

Feliz Aniversário...

05 de fevereiro de 1943

Querida Elly,

Eles me deram muletas hoje...

CAPÍTULO 19

O JARDIM AZUL

Will encontrou com Calvin Purdy na estação. Ele o ajudou com sua bagagem e lhe deu uma carona.

— Um milhão de agradecimentos, Sr. Purdy.

— Nenhum obrigado é necessário, Will, não de um herói de guerra como você. Você tem certeza de que não quer que eu leve isso pelo resto do caminho até a sua casa?

— Não, senhor, eu sempre gostei de andar por esse pequeno trecho de mata. É muito bom caminhar por ali sozinho e tranquilo, se o senhor me entende.

— Claro que sim, meu filho. Não há nenhum lugar desagradável na Geórgia, no verão. Você precisa de alguma ajuda com essas muletas?

— Não, senhor. Eu posso controlá-las.

Will saiu do Chevrolet de Calvin Purdy, enquanto Purdy foi pegar a mochila no porta-malas e, ao se despedir, colocou a mão sobre o ombro de Will.

— Você estaria melhor se eu levasse essa mochila para você — Purdy repetiu obsequioso.

— Aprecio isso, Sr. Purdy, mas eu estou querendo fazer uma surpresa para Elly.

— Você quer dizer que ela ainda não sabe que você voltou?

— Ainda não.

— Bom, então eu entendo por que você quer ir sozinho, Cabo Parker — sorrindo, Calvin Purdy estendeu a mão e apertou com força a de Will. — Sempre que puder lhe darei uma mão, se

eu for de qualquer ajuda. Apenas peça, meu rapaz. E seja bem-vindo em casa.

Após Purdy se afastar, Will parou por um momento, ouvindo o silêncio. Sem bombardeio à distância, sem balas colidindo na terra ao lado dele, sem mosquitos zumbindo, sem homens gritando. Tudo era silêncio. Abençoado silêncio. A floresta estava profundamente verde. Folhas pendendo baixo dos ramos. Ao lado da estrada, um almeirão despontava calmamente. Perto dele, uma moita de trevo selvagem erguia-se corajosa no calor do verão. Alguma criatura tinha festejado em uma videira, espalhando um aroma como o do vinho no ar. Uma toutinegra amarela improvisou um voo dançante, pousou em um galho e cantou suas sete notas claras, doces, olhando para Will com a cabeça altiva.

Em casa novamente, pensou, alegrando-se.

Ele subiu uma encosta sob o arco de ramos que permitiam a visão do céu azul. Inclinou a cabeça e admirou-se de que não precisava armar os ouvidos para o som dos motores distantes, nem apertar os olhos com esforço para identificar a forma de uma asa ou um sol vermelho pintado em uma fuselagem.

Esqueça, Parker... você está em casa agora.

O caminho era suave, o ar quente, suas muletas faziam buracos na terra vermelha. Ela devia ter recebido chuva recentemente. *Chuva*. Ele não precisava se preocupar com ela, agora, como tinha se importado no começo de sua vida, naquela época, quando ele vivia principalmente a céu aberto... Certamente, preocupava-se com ela na guerra, quando estava no Canal, onde a maldita chuva era incessante, onde alagava as

trincheiras e os acampamentos viravam atoleiros fétidos, apodrecia as solas das botas de couro e promovia mosquitos, trazendo malária e uma série de fungos que cresciam entre os dedos, orelhas e em qualquer lugar da pele.

Eu disse, esqueça, Parker!

O estranho era que ele já estava nos Estados Unidos há seis meses e ainda não conseguira se acostumar com isso. Ele continuava observando os céus. Ainda ouvia movimentos furtivos atrás dele. Ainda aguardava o ruído revelador de duas hastes de bambu friccionando. Ainda se encolhia com barulhos repentinos. Will fechou os olhos e respirou fundo. O ar ali não tinha cheiro míldio^[35]. Mantinha o cheiro de uma selvagem florada de tansy,^[36] que parecia familiar e acolhedora. Durante seus anos à deriva, sempre que ele contraía um resfriado ele fazia uma xícara de chá de tansy, e, uma vez, quando ele feriu a mão em um pedaço de arame farpado enferrujado, tinha feito uma compressa com ela e curado a infecção.

Andando a pé, em meio aos cheiros de tansy e de salsaparrilha, Will deixou o fato se aprofundar nele: *ele estava em casa*.

Na árvore de azeda ele parou, deixou sua mochila de lona escorregar e baixou o pé esquerdo no chão. Terreno sólido, real; um pouco úmido, talvez, mas americano. Seguro. Chão que ele tinha contornado com uma mula chamada Madame, enquanto um menino sentava e o observava, e a mãe do menino, segurando um irmãozinho, ruborizava.

Ele resistiu à vontade de largar as muletas e ir até a grama, que estava fartamente verde e onde columbinos selvagens

floresciam. Em vez disso, pegou sua mochila, colocou nas costas e se moveu para o oeste em direção a abertura nas árvores, onde alcançaria a clareira. Alcançando-a, fez uma pausa de surpresa. Durante sua excursão no Sul do Pacífico, quando ele tinha se imaginado em casa, muitas vezes ele a via como tinha visto no passado: uma coleção heterogênea de sucata de ferro e esterco de galinha ao lado de uma casa remendada, oscilando. O que ele via agora o fez prender a respiração e ficar paralisado pela beleza.

Flores! Em todos os lugares. Flores... E todas elas azuis! Flores incivilizadas, florescendo sem uma pitada de ordem ou de precisão. Como se Elly tivesse semeado loucamente e deixado que todos aqueles anos de esterco de galinha, com a chuva e o sol, cuidassem delas. Will sorriu. Ele examinou a clareira. *Azul, Senhor misericordioso!* Ele nunca tinha visto tanto azul! Flores de todas as tonalidades de azul que a natureza já tinha produzido. Ele conhecia todas elas a partir do seu estudo das abelhas.

Mais perto da casa, uma plantação de glória-da-manhã azul-persa limitava a varanda, com seu ramo grosso e alto adornando e juntando-se a campânulas,^[37] com variação de cores que iam do mais profundo roxo a um violeta-rosa pálido. Aos seus pés estendia-se uma rica propagação do heliotrópio^[38] em pinceladas de azul-violeta. Contra a parede leste do galinheiro um clematis^[39] escalava uma treliça de cordas. Ela também havia plantado milho, hastes longas, de cor profunda, continuando ao longo da cerca adjacente do galinheiro, como uma parede de cor. Na fronteira, sob as árvores, violetas pálidas nasceram e deram lugar também às chamadas de “não-me-

esqueças” em tons que, ao sol, abriam-se numa propagação de pétalas azuis; no lado oposto do pátio, uma roda de carroça de madeira tinha sido pintada de branco, tornando-se o pano de fundo de flores que iam do roxo ao azul-escuro voltando para o azul-claro. Antes delas, um canteiro acenava na brisa com caules mais curtos e mais delicados como os de samambaias. Em algum lugar do conglomerado, petúnias roxas floresciam.

Will podia sentir o cheiro delas enquanto se movia pelo caminho que fora limitado por ramificações de ageratos. Na parte de trás da casa, um novo caramanchão estava carregado com trepadeiras em formato de sinos levantados para o céu. Pássaros disparavam em todos os lugares uma cacofonia de chilrear. Um colibri vermelho-rubi estava em torno da glória-da-manhã. De um galho baixo de uma árvore crabapple, as aves carriças pareciam criticar, oferecendo seu canto, e um par de passarinhos azuis estava perto de uma das cabaças. Detectando-os, Will sorriu, lembrando-se de que Donald Wade colocara a estatueta do pássaro azul no peitoril da janela exatamente por esse motivo. Bem, eles tinham seus passarinhos agora.

E as abelhas estavam em todos os lugares... As abelhas, que recolhiam o néctar e o pólen do mar de cor que mais amavam, zumbindo, levantando as asas para passar para a próxima flor e juntar-se ao voo musical das aves.

Só quando ele se aproximou mais da casa foi que encontrou outro colorido: vários canteiros estavam perto do último degrau da varanda e havia uma bacia de lavar roupa pintada de branco, cheia de rosas; eram tantas, uma cascata derramando dos lados da bacia carmesim, coral e rosa, tão

perfumadas que fizeram a cabeça de Will ficar leve. Nos degraus da varanda haviam pétalas delas, esmagadas e murchas. Ele apanhou-as, juntou-as, cheirou-as e olhou ao redor delas antes de, cuidadosamente, depositá-las onde elas tinham estado, como se fossem os rituais de uma cerimônia religiosa. Ele levantou os olhos para a porta de tela, subiu os degraus e abriu a tela, esperando a qualquer momento ouvir Elly ou as crianças dizerem: “Quem está aí?”.

Mas a cozinha estava vazia.

— Elly? — ele chamou, deixando a mochila deslizar de seu ombro.

Nenhuma resposta além do silêncio e da luz do sol angulada em todo o piso limpo. O lugar cheirava bem: pão e especiarias. Sobre a mesa havia um guardanapo de crochê e um espesso jarro branco preenchido com uma amostra de flores do jardim. No parapeito da janela, a estatueta do pássaro azul. A cozinha havia sido arrumada, ordenada e limpa. Seus olhos se moveram para o armário onde uma bandeja com um bolo estava coberta por um pano de prato. Will ergueu um canto da barra do pano, cortou uma fatia e colocou em sua boca. Em seguida, caminhou até a sala da frente.

— Elly?

Silêncio. Uma tarde silenciosa de verão, que se estendia até a própria alma de Will.

O quarto do casal estava vazio. Ele ficou na porta absorvendo as familiaridades: uma camisola de renda, um par de chinelos, bobes e grampos de cabelos, uma pilha de roupas recém-dobradas... a cama. Não era, ele descobriu,

decepcionante chegar a uma casa vazia. Ele tinha tido tão pouco tempo sozinho. Estes minutos reconfortantes infiltraram-se dentro de seus ossos de maneira absolutamente curativa.

Também não havia ninguém no quarto dos meninos. Ele observou que o berço havia sido transferido para ali.

De volta à cozinha, cortou outra fatia enorme do bolo e deu uma mordida. Gosto de mel, de nozes, de cravo e de canela. Mmmm... Delicioso. Ele, então, foi para o lado de fora.

— Elly? — ele gritou do alto dos degraus, fazendo uma pausa... ouvindo.

— Elly?

De fora do celeiro, uma mula escoiceou como se opondo por ser despertada. *Minha Madame...* Ele se dirigiu para lá, encontrando o animal, mas não a Elly. Ele verificou o galinheiro, estava vazio. Os galpões, as portas estavam todas fechadas. A horta, vazia também. E, finalmente, o quintal, passando sob o caramanchão com seu gorro de glórias-da-manhã. Ninguém no varal.

Com todas estas flores e as chuvas o mel estaria jorrando, sem dúvida. Ele caminhou para o pomar. Ia ver passar o tempo, readaptando-se com as abelhas enquanto esperava por Elly. A terra usava um manto de grama espessa, mas ele fez seu caminho facilmente com as muletas, seguindo a trilha dupla do mato compactado há muito tempo pela Mula de Aço de Glendon Dinsmore. Tudo era como ele se lembrava: as noqueiras, os carvalhos verdes como casca de melancia, os gafanhotos saltando ao longe na relva, o tronco caído em forma de pata de cachorro, e, mais adiante, a magnólia com o carvalho crescendo

junto. Ele esforçou-se numa pequena subida e lá estava o pomar, na colina oposta, embebido no quente sol de maio, cheirando levemente há outros anos fermentados de frutas, com as ervas daninhas floridas e as plântulas selvagens que beiravam as árvores e as matas circundantes. Will deixou seus olhos apreciarem, vaguearem sobre as árvores carregadas de pêssego, de maçã, de pera e de marmelo, marchando ao redor da colina inclinada a leste como se em formação. E, ao longo da borda sul, as caixas de abelhas, em vermelho e azul, amarelo e verde, como ele as pintara. E no meio... uma... uma mulher? A cabeça de Will se projetou. Era isso? Em um chapéu com véu e calças? Enchendo as panelas de água? Não podia ser! Mas era! Uma mulher, que trabalhava com luvas amarelas grossas que preenchiam os punhos de uma de suas camisas velhas, azul, cuja gola fora abotoada até em cima e levantada ficando em torno de seu pescoço. Apanhando dois baldes na carroça com os meninos. Inclinando-se para mergulhar na água uma concha de lata e despejando-a nas panelas baixas e planas.

A mulher, sua esposa, cuidando do apiário!

Ele sorriu e sentiu uma onda de amor forte o suficiente para esquecer a guerra no momento. O amor poderia ser aproveitado e canalizado. Alegre, ele ergueu a mão e acenou.

— Elly?

Ela se endireitou, olhou, olhou com mais força, levantou o véu, protegeu os olhos... e, finalmente, o choque a tocou.

— Will! — ela largou a concha e correu com os braços e pés agitados. — Will! — o chapéu ricocheteou e caiu, mas ela continuou correndo, acenando com uma luva amarela.

— Will, Will!

Ele segurou suas muletas e foi em direção a ela, tão rápido quanto conseguia, seu corpo balançando como um sino de uma manhã de domingo. Sorrindo. Sentindo seu coração palpitando. Seus olhos ardendo. Assistindo Elly correr em direção a ele, enquanto os meninos saíam da carroça e também corriam, tornando a exclamar: — Will está em casa! Will! Will!

Eles se encontraram ao lado de uma macieira com uma força grande o suficiente para jogar uma muleta para o chão e Will, também, se ela não o tivesse segurado. Abraço apertado, bocas e almas combinadas, mais uma vez, enquanto as abelhas zumbiam uma canção de reencontro e o sol derramava sobre o chapéu de um soldado caído no chão verdejante. Bocas e lágrimas, e os dois corpos ansiando juntos em meio a uma onda de beijos, profundos, apressados, incrédulos. Eles se agarravam, embargados pela emoção, enterrando seus rostos, com o cheiro um do outro, creme de barbear e canela, juntaram bocas e línguas para provar um ao outro mais uma vez. E para eles a guerra estava findando.

Os meninos chegaram gritando: — Will! Will!

E Lizzy Parker surgiu da floresta chorando, deixada para trás.

— Kemosahbee! Meu pequeno! — Will se inclinou rigidamente para abraçá-los contra as pernas, circulando-os em seus braços, beijando seus quentes rostos sardentos, apertando-os em seu peito, cheirando os meninos suados, pois estavam brincando no sol. Elly advertiu: — Cuidado com a perna de Will — mas os abraços continuaram, com os braços ao redor de Will,

todo mundo se beijando, rindo, oscilando, enquanto Lizzy estava ao sol, esfregando os olhos e chorando.

— Por que você não nos disse que estava vindo? — perguntou Elly.

— Eu queria fazer uma surpresa.

Elly enxugou os olhos sobre as luvas grossas, em seguida, tirou-as.

— Oh, senhor, o que estou fazendo com elas ainda?

— Venha aqui — ele agarrou sua cintura, beijou-a novamente. Os meninos estavam salpicando-o com perguntas e notícias: — Você vai ficar em casa?... Temos gatinhos... Uau, é este o seu uniforme!?... Eu estou de férias... Você matou mesmo os japoneses?... Ei, Will, Will... Adivinhe...

No momento, tanto Elly quanto Will, achavam-se indiferentes as perguntas.

— Ah, Will... — os olhos dela brilhavam de alegria, em linha reta com os dele. — Eu não posso acreditar que você está de volta. Como está a sua perna? — ela lembrou-se, de repente. — Aqui, meninos, recuem e deixem que Will se sente. Você pode se sentar na grama, está tudo bem?

— Está tudo bem — ele abaixou-se rigidamente e respirou um grande gole do ar do pomar.

Deixada ao sol, Lizzy continuava chorando. Donald Wade pegou o chapéu de guarnição de Will, o qual cobriu suas sobrancelhas e orelhas. — Uau! — ele exclamou. — Olhe-me! Eu sou um fuzileiro naval!

— Dá! — Thomas alcançou o chapéu. — Eu quero usá-lo!

— Não, é meu! — disse Donald Wade.

— Não é não, é meu também — respondeu Thomas.

— Meninos, vão buscar a sua irmã e a tragam aqui.

Eles saíram correndo como cachorros atrás de uma bola, Donald Wade na liderança, usando o chapéu, Thomas em seus calcanhares. Elly se sentou de joelhos ao lado de Will, com os braços fechados em torno do pescoço do marido. — Você parece tão bem, todo bronzeado e bonito.

— Bonito?! — ele riu e esfregou seu quadril.

— Bem, estaria mais bonito nessas calças e em sua camisa velha — disse ela e eles não podiam parar de tocar um no outro, olhar um para o outro.

— Você parece bem para mim, bom o suficiente para...

Ele a beijou, mordendo os lábios dela de brincadeira. Ela riu e se deitou em um ombro dele. O riso diminuiu quando seus olhares se encontraram, levando a outro beijo, este suave, sem pressa, nada sexual. Um beijo solene. Quando terminou, ele respirou o perfume dela com os olhos ainda fechados.

— Elly... — ele orou, dando graças.

Ela apoiou as mãos em seu peito dando a isto sua devida importância.

Por fim, eles despertaram de sua absorção um com o outro, e ele perguntou: — Então, o que você está fazendo aqui?

— Cuidando de suas abelhas.

— Estou vendo. Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde que você se foi.

— Por que você não me disse em suas cartas?

— Porque eu também queria surpreendê-lo.

Havia milhares de coisas que ele queria dizer como um poeta pode dizê-las. Mas ele era um homem comum – nem superficial nem eloquente. Ele só podia dizer a ela, baixinho: — Você é uma excelente mulher, você sabe disso?

Ela sorriu e tocou no cabelo dele que estava grande novamente, roçando em direção ao seu rosto apenas o suficiente para agradá-la. Ele envolveu os braços em volta da cabeça de Elly e simplesmente a segurou, trazendo outra vez o aroma de canela. Ele enterrou o nariz em seu pescoço.

— Misericórdia, você cheira bem. É como se você estivesse rolando em flores.

Ela riu.

— E eu fiz isso. Eu li os seus almanaques sobre as abelhas e a hortelã, e sobre a canela também, e eles grudaram em minha pele quando eu me untei com eles. Adivinha o quê, Will? — Elly, eufórica, recuou para ver o rosto do marido, deixando os braços soltos em volta do pescoço dele.

— O quê?

— O mel está em coleta.

Ele deixou suas pálpebras se inclinarem, deixou os lábios suavizarem sugestivamente e fechou ambas as mãos sobre seus seios que ficaram escondidos entre elas.

— Você está condenadamente certa, querida. Quer sentir?

O sangue dela se apressou, seu coração batia e ela sentiu algo como um êxtase profundo. — Mais do que qualquer coisa — ela sussurrou, cutucando seus lábios, mas as crianças estavam por perto, então ele se sentou com as mãos achatadas contra a grama quente, e ela voltou a beijá-lo. Ele abriu a boca e

permaneceu imóvel, enquanto a língua de Elly assaltava a dele em uma série de saques. Ele devolveu o favor, lavando a boca doce com beijos molhados, sugando o seu lábio inferior.

— O que vocês estão fazendo? — Donald Wade estava ao lado deles, segurando Lizzy Parker em seu quadril, enquanto Thomas se aproximava com o chapéu de Will.

Deixando os braços sobre as clavículas de Will, Elly olhou por cima do ombro. — Beijando. Melhor se acostumar com isso, porque vai haver um monte disto acontecendo por aqui — ela se deixou cair ao lado de seu homem na grama, levantando as mãos para o bebê. — Venha aqui, doçura. Venha ver o papai. Bom Deus! Minha preciosa, todas essas lágrimas, você pensou que todos nós fugimos e deixamos você?

Rindo, ela trouxe a bochecha do bebê para a sua, então, colocou-a no chão e começou a limpar o rosto choroso de Lizzy, enquanto a menina treinava um olhar atento sobre Will. Os meninos se sentaram, fazendo as coisas que irmãos mais velhos fazem. Thomas levantou a palma de Lizzy e a sacudiu. — Oi, Lizzy — Donald Wade trouxe seus olhos para baixo, ao nível dos dela, e falou brilhantemente: — Este é Will, Lizzy. Você pode dizer “papai”? Diga “papai”, Lizzy — e então, para Will: — Ela só fala quando quer...

Lizzy não disse “papai”, tampouco Will. Ao invés disso, quando ele a segurou, ela empurrou seu peito, esticando-se e querendo ir de volta para Elly, começando a chorar. Afinal, ele foi forçado a deixá-la, até que ela se acostumasse com ele novamente.

— O pomar parece estar bem. Você teve as árvores pulverizadas?

— Não as tive pulverizadas, eu fiz isso.

— E o quintal? Aquela é a coisa mais bonita que eu já vi em anos. Você fez tudo aquilo?

— Sim. Eu e os meninos.

— Mamãe me deixou colocar as sementes nos buracos! — gritou Thomas.

— Bom menino. Quem construiu o caramanchão para a glória-da-manhã?

— Mamãe.

Elly acrescentou: — Eu e o Donald Wade. Não foi, querido?

— Sim! E eu bati os pregos e tudo!

Will os elogiou adequadamente, com entusiasmo. — Você fez?! Bem, bom para você.

— Mamãe disse que você iria gostar.

— E eu gostei muito. Fui pelo quintal e achei que eu estivesse no lugar errado.

— É verdade?

Will riu e apertou o nariz achatado de Donald Wade com a ponta de um dedo.

Todos eles ficaram em silêncio, ouvindo o zumbido das abelhas e a respiração do vento nas árvores ao redor deles.

— Você pode ficar agora, não pode? — Elly perguntou em voz baixa.

— Sim. Alta médica.

Mantendo um braço em volta do quadril de Lizzy, ela encontrou os dedos de Will na grama atrás deles e trançou-os

com os seus. — Isso é bom — disse Elly, simplesmente, correndo a mão pelo cabelo quente de Lizzy, enquanto seus olhos permaneceram no rosto de seu marido, bronzeado num tom castanho de noqueira, até chegar ao colarinho apertado e a gravata do seu uniforme. — Você é um herói, Will. Estou tão orgulhosa de você.

Seus lábios se torceram e ele riu conscientemente. — Bem, eu não sei nada sobre isso.

— Onde está a sua medalha, o seu Coração Roxo?^[40]

— Deixei em casa, na minha mochila.

— Devia estar bem aqui — ela deitou a mão contra sua lapela; em seguida, colocou-a debaixo da gola, porque ela encontrou dentro de si a constante necessidade de tocá-lo. Ela sentiu a pulsação do coração, forte e saudável contra a ponta dos seus dedos, e recordou as centenas de imagens que pavonearam a sua mente enquanto ele estava na guerra, e como ela sofrera, imagens das balas o perfurando, derramando seu sangue em algum chão de uma floresta distante. Seu precioso e querido Will.

— A Senhorita Beasley contou ao jornal sobre a sua medalha e eles fizeram uma matéria. Agora todo mundo sabe que Will Parker é um herói.

O olhar de Will ficou pensativo, fixado num ramo distante. — Todo mundo naquela guerra é um herói. Eles deveriam dar um Coração Púrpura a cada um lá fora.

— Atirou em alguém, Will? — Donald Wade perguntou.

— Sim, eu fiz isso, filho, e é uma coisa terrível.

— Mas eles eram bandidos, não eram?

O olhar assombrado de Will se fixou em Elly, mas ao invés de vê-la, ele viu uma trincheira e nela seu amigo... o Vermelho e uma bomba assobiando para baixo do céu, transformando tudo ante ele em escarlate.

— Agora, Donald Wade, Will acabou de voltar e você já está bombardeando-o com perguntas.

— Não, está tudo bem, Elly.

Para a criança, ele disse: — Eles eram pessoas, assim como você e eu.

— Ah! — exclamou Donald Wade

Donald Wade ficou solene, contemplando o fato. Elly disse: — Eu tenho que terminar de encher as panelas de água. Não vai me tomar muito tempo.

Ela beijou a sobancelha esquerda de Will, colocou suas luvas de apicultor e deixou as crianças com Will, enquanto ela se dirigia de volta ao trabalho, virando uma vez para estudar o marido novamente, tentando assimilar o fato de que ele estava de volta.

— Eu te amo! — ela disse ao lado de uma pereira alta.

— Eu também te amo!

Ela sorriu e se afastou.

As crianças examinaram o uniforme, botões, chevrons e os pinos de Will. Lizzy ficou menos cautelosa, cambaleando em torno da grama. O sol estava quente e Will tirou a camisa, colocando-a de lado, e se deitou fechando os olhos. Mas o sol nos olhos fechados dele tornou-se escarlate. Era sangue escarlate. E ele viu acontecer tudo de novo: seu amigo morrendo; ele arrastando-se no chão de barriga; lutando em um trecho de

kunai ao lado do Rio Matanikau, congelando, enquanto o inimigo abria fogo em uma margem oposta; metralhadoras trovejando; um lançador de granadas enviando seus mísseis mortais cada vez mais perto... e lá estava o pobre Vermelho, esticado, sem proteção, de bruços, apertando, mordendo a grama, imobilizado por um terror profano, como um sortudo fuzileiro naval nunca conheceu. Will se viu lutando atrás para sair em meio ao bombardeio, ouviu o suspiro enganosamente suave das balas quando navegavam sobre sua cabeça, o baque surdo, pois bateu atrás dele, esquerda, direita. A terra choveu sujeira para o alto, quando uma granada atingiu quinze pés de distância. — Cristo! Você tem que sair daqui, homem! — mas Vermelho jazia imóvel, incapaz. Will sentiu novamente o seu próprio pânico, a onda de adrenalina quando ele agarrou seu amigo e o puxou para trás, através de lama e tufo de gramas arrancadas até uma trincheira com seis centímetros de água barrenta. — Fique aqui, amigo. Vou apanhar estes filhos da puta! — em seguida, passou por cima de novo, com os dentes cerrados, rastejando sobre os cotovelos, enquanto a ponta da baioneta balançava esquerda e direita. Então, em cima, os aviões surgiram do nada, o apito de aviso deixando cair... e, atrás dele, Vermelho estava na trincheira, aonde a bomba veio cair.

Will estremeceu, abriu os olhos e sentou-se. Ao lado dele, as crianças ainda brincavam. Nas aberturas das colmeias as abelhas pousavam. Elly vinha voltando com a carroça, os dois baldes de metal vazios e tinindo como carrilhões quando as rodas bateram em cima da relva áspera. Ele piscou para afastar a memória e viu sua esposa chegando com seu vestuário

masculino. *Não pense no Vermelho, pense em Elly.* Ele a assistiu até sua sombra deslizar pelo seu colo, então, levantou a mão e pediu baixinho: — Venha aqui — e quando ela caiu de joelhos, ele a segurou. Apenas a segurou. E esperou que ela fosse o suficiente para curá-lo.

O ato de amor, naquela noite, foi precioso. Mas quando acabou, Elly sentiu a retirada de Will, mais do que de seu corpo somente.

— O que há de errado?

— Hum?

— O que há de errado?

— Nada não.

— A perna dói?

— Não está mal.

Ela não acreditava nele, mas ele não era de reclamar, nunca tinha sido. Ele estendeu a mão para seus Lucky Strikes, acendeu um e ficou fumando no escuro. Ela assistiu a ponta do cigarro se iluminar, escutou-o inalar.

— Você quer falar sobre isso?

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa, a perna... a guerra... Eu acho que você propositadamente manteve as coisas ruins fora de suas cartas, por minha causa. Talvez você queira falar sobre isso agora.

O arco vermelho do cigarro indo à boca criou uma barreira mais palpável do que arame farpado.

— Qual é o sentido em falar sobre isso? Eu fui para a guerra, não é um evento social. Eu sabia disso quando eu me alistei.

Ela sentiu-se excluída e magoada. Ela tinha que dar-lhe tempo para se abrir. Não seria naquela noite, isso era certo. Então ela procurou temas, tentando trazê-lo para perto novamente. — Eu aposto que a Senhorita Beasley ficou surpreendida quando ela o viu.

Ele riu. — Pois é.

— Será que ela lhe mostrou as pastas com páginas de recortes de jornais que ela recortou com toda a ação do Pacífico Sul?

— Não, ela não mencionou isso.

— Ela grampeou artigos somente das áreas em que ela pensou que você poderia estar lutando.

Ele riu silenciosamente.

— Você sabe de uma coisa?... — Elly perguntou.

— Hum?

— Eu acho que ela é apaixonada por você.

— Ah, vamos lá, ela tem idade para ser minha avó.

— As avós têm sentimentos também.

— Misericórdia, Elly! Não dessa forma.

— E você sabe o que mais? Eu acho que você, meio que sente o mesmo.

Ele se sentiu corar no escuro, recordando tempos quando ele propositadamente encantou a bibliotecária. — Elly, você está louca.

— Sim, eu sei, mas está tudo perfeitamente bem para mim. Afinal, você nunca teve uma avó, e se você quer amá-la um pouco, não tira nada de mim.

Ele apagou o cigarro, puxou-a contra si e beijou o topo da cabeça dela. — Você é a única mulher, Elly.

— Sim, eu sei.

Ele se afastou e olhou para o rosto dela, esquecendo, momentaneamente, as visões assombrosas que surgiam em sua mente sem serem convidadas. Ele riu, em seguida. Elly aconchegou o rosto contra seu peito mais uma vez, e ele foi se distraindo.

— De qualquer forma, a senhorita Beasley foi maravilhosa enquanto você esteve fora, Will. Eu não sei o que eu teria feito sem ela, e Lydia também. Lydia e eu temos sido tão boas amigas. E você sabe o quê? Eu nunca tive uma amiga antes — Elly pensou antes de continuar. — Nós podemos falar sobre qualquer coisa... — ela bagunçou o cabelo no peito dele e acrescentou: — Eu gostaria de convidar ela e as crianças, em algum momento, para que você possa conhecê-la melhor. Estaria tudo bem para você, Will?

Ela esperou, mas ele não respondeu. — Will?

Silêncio.

— Will?

— O quê?

— Você não escutou?

Ele tirou o braço e pegou outro cigarro. Ela o tinha perdido de novo.

Não havia nenhuma dúvida sobre isso – Will estava diferente. Não só coxo, mas com lapsos. Eles aconteceram muitas vezes nos dias que se seguiram. Silêncios prolongados quando ele ficava absorto nos pensamentos que ele se recusava a compartilhar. Uma conversa se tornava um monólogo e Elly se virava para encontrar seus olhos fixos na distância, seus pensamentos conturbados a quilômetros de distância. Houve outras mudanças também. À noite, a insônia. Muitas vezes ela despertava para encontrá-lo sentado, fumando no escuro. Às vezes, ele sonhava e falava em seu sono, praguejava, gritava e golpeava. Mas quando ela o despertava e incentivava: “O que é isso, Will? Diga-me”, ele apenas respondia: “Nada. Apenas um sonho”. Depois ele se apegava a ela até que recuperasse o sono, as palmas das mãos estavam úmidas quando ele, finalmente, conseguia abri-las.

Ele precisava de um tempo sozinho. Muitas vezes, ele ia até o pomar para ruminar, sentar-se assistindo as colmeias e trabalhar com o que o estava a persegui-lo. Os menores sons o deixavam atônito. Lizzy bateu seu copo de leite para fora da cadeira um dia e ele saltou de sua cadeira, explodiu e deixou a casa sem terminar a refeição. Ele voltou trinta minutos depois, pediu desculpas, abraçando e beijando Lizzy como se a tivesse golpeado, trazendo, à guisa de desculpa, um simples brinquedo caseiro chamado de zunidor, que ele mesmo tinha feito.

Ele passou uma hora com os três filhos, naquela tarde, no quintal. E, como sempre, depois de estar com os filhos, ele

parecia mais calmo.

Até que a noite eles tiveram um temporal, por volta das três da madrugada. Um imenso trovão sacudiu a casa e Will surgiu gritando, como se quisesse ser ouvido acima do barulho: — Vermelho! Jesus Cristo, Vermelhoood!

— Will, o que é?

— Elly, oh Deus, abrace-me!

Mais uma vez, ela se tornou sua tábua de salvação, mas, mesmo ele tremendo violentamente e suando como se estivesse com alguma febre tropical, ele segurou seus horrores dentro de si.

Fisicamente, ele continuou a se curar. Dentro de uma semana, após seu retorno, ele estava inquieto para andar sem muletas, e dentro de um mês, ele já andava. Ele amava a banheira, pegava sais de Epsom que aceleravam a cicatrização, e sempre aceitava as ofertas de Elly para esfregar suas costas. Embora ele tivesse recebido ordens dos médicos da Marinha para realizar exames quinzenais, ele evitava a ordem e assumiu o cuidado das abelhas antes mesmo que ele tivesse descartado as muletas, e voltou também para o seu trabalho na biblioteca, em sua sexta semana em casa, sem consultar um médico. Seu horário lá continuou o mesmo de antes, deixando seus dias livres. Então, ele pintou e colocou uma placa na parte da frente da casa deles: “PEÇAS E PNEUS DE AUTOMÓVEIS USADOS” e entrou no negócio da sucata, o que trouxe uma quantidade de dinheiro constante e surpreendente. Juntamente com o seu salário da biblioteca, a pensão do governo e o lucro da venda de ovos, leite e do mel, o qual estava constantemente na demanda,

agora que o açúcar havia sido fortemente racionado, isto tudo elevou os rendimentos na vida de Will e de Elly até um nível inédito. O dinheiro foi, em sua maior parte, guardado, pois, mesmo que Will ainda sonhasse com a compra de luxos para Elly, a produção da maioria das comodidades no mercado interno estava parada há muito tempo pelo Conselho de Produção de Guerra. Necessidades como roupas, alimentos e bens domésticos foram estritamente racionados; na loja de Purdy, os valores dos cupons do racionamento eram postados nas prateleiras ao lado dos preços. O mesmo se dava no posto de gasolina, embora Will e Elly sendo agricultores recebessem mais cupons de gasolina do que precisassem.

O único lugar que eles podiam desfrutar do seu dinheiro era no cinema, em Calhoun. Eles iam todo sábado à noite, sendo que Will se recusava a ir se fosse um filme de guerra que estivesse passando.

Então, um dia chegou uma carta de Lexington, Kentucky. O endereço do remetente dizia: Cleo Atkins. Elly a deixou bem no centro da mesa da cozinha e, quando Will entrou, apontou para ela.

— Alguma coisa para você — disse ela, simplesmente, afastando-se.

— Ah... — ele pegou, leu o endereço do remetente e repetiu, mais calmo: — Ah...

Depois de um minuto de silêncio, ela virou-se para encará-lo. — Você não vai abrir?

— É claro — mas, ele não o fez. Só ficou esfregando o polegar sobre a carta, olhando para ela.

— Por que você não leva lá pra fora, até o pomar, e a abre, Will?

Ele ergueu o olhar, havia dor profunda em seus olhos escuros, engoliu em seco e disse com uma voz que não era a mesma: — Sim, eu acho que vou fazer isso.

Quando ele se foi, Elly sentou-se pesadamente em uma cadeira da cozinha e cobriu o rosto com as mãos, de luto por ele, pela morte de seu amigo, a quem ele não podia esquecer. Lembrou-se de há muito tempo, quando ele contou a ela sobre o único outro amigo que ele já tivera, aquele que o havia traído e tinha testemunhado contra ele. Como ele devia se sentir agora? Como se toda vez que ele estendesse a mão em direção a outro homem, aquela amizade lhe fosse tirada. Antes da guerra, ela não teria compreendido tão bem o valor de um amigo. Mas, agora, ela tinha duas: a Senhorita Beasley e Lydia. Assim ela conhecia melhor a dor de Will com a perda de seu amigo.

Ela deu-lhe meia hora, antes de sair para encontrá-lo. Ele estava sentado debaixo de uma velha e nodosa macieira carregada com maçãs novas, a carta no chão, ao lado de seu quadril. Joelhos para cima, braços ao redor deles, cabeça baixa, ele era a imagem da tristeza. Ela se aproximou, silenciosamente, pela relva macia, e caiu de joelhos, colocando as mãos sobre seus braços, o rosto em seu ombro.

Em soluços irregulares, ele chorou. Ela deslizou as mãos por suas costas e o segurou amorosamente, enquanto ele soluçava baixinho. Por fim, ele protestou: — Jesus, Elly! Eu o matei. Eu o arrastei de volta para a trincheira e o deixei lá... E a

próxima coisa que eu vi, quando me virei, foi uma bomba o atingir e eu vi o seu cabelo vermelho voar em pedaços e...

— Shh...

— E eu estava gritando: Vermelhoood!... Ver-me-lho! — ele ergueu o rosto e gritou para um céu silencioso, gritou tão alto que as veias se destacaram como em esculturas de mármore, ao longo das têmporas até seu pescoço e acima dos punhos cerrados.

— Você não o matou. Você estava tentando salvá-lo.

Raiva substituiu o seu pesar: — Eu matei o meu melhor amigo e eles me deram um maldito Coração Púrpura por isso!

Ela poderia ter argumentado que a condecoração Coração Púrpura fora ganha de outra forma, em uma batalha diferente, mas ela podia ver que não era o momento para isso. Ele precisava expressar sua raiva, trabalhar nisso, como o pus de uma ferida purulenta. Então, ela esfregou seus ombros, engoliu suas próprias lágrimas, e ofereceu a suspensão silenciosa que ela sabia que ele precisava.

— Agora, sua noiva escreve... Deus, como ele a amava! Ela diz: Está tudo bem, Cabo Parker, você não deve se culpar... — ele novamente baixou a cabeça para as mãos. — Bem, como é que ela não vê que eu tenho de me culpar? Ele estava sempre falando sobre como nós quatro iríamos nos encontrar depois da guerra e nós, talvez, pudéssemos comprar um carro e iríamos de férias para algum lugar juntos... talvez até as Smoky Mountains^[41], onde é fresco no verão, ele e eu poderíamos pescar... — ele se virou e deixou-se cair nos braços de Elly, impulsionado pela força da angústia. Ele a abraçou, refugiando-

se, aceitando sua consolação, finalmente. Ela o segurou, embalou, deixou suas lágrimas molhar seu vestido.

— Ah, Elly, Elly, maldita guerra!...

Ela segurou sua cabeça, como se ele fosse não muito mais velho do que Lizzy, fechou os olhos e se entristeceu com ele, por ele, e tornou-se, mais uma vez, a mãe-esposa que ele sempre necessitou que ela fosse.

Com o tempo, sua respiração ficou mais estável, seu abraço aliviado.

— O Vermelho era um bom amigo.

— Conte-me sobre ele.

— Você quer ler a carta?

— Não. Eu li cartas suficientes quando você se foi. Você me diz.

Ele o fez. Calmamente, desta vez. Contou como realmente tinha sido no Canal. Sobre a miséria, o medo, a morte e a carnificina. Sobre a “Última Ceia” a bordo do Argonaut: bife e ovos em oferta ilimitada para preencher o corpo de um homem antes dele ir para a praia com a expectativa de receber um tiro; sobre embarcar em um bote de borracha durante uma explosão que rugiu tão alto nos furos de drenagem do submarino que nenhum homem podia ser ouvido acima dele; sobre aquele passeio balançando sobre o coral mortal que ameaçou virar os botes de borracha e afogar todos os homens, antes mesmo deles chegarem à costa infestada de japoneses; sobre chegar molhado e ficar assim durante os próximos três meses; sobre a observação de sua frota perseguida pelo inimigo, deixando-os sem suprimentos por tempo indeterminado; sobre o ataque

surpresa, em uma cabana de palha, observando os seres humanos voarem para trás e caírem com a surpresa ainda em seus rostos; sobre três espécies de formigas comestíveis, enquanto você fica de barriga no chão durante dois dias, com um atirador à espera em uma árvore, e as formigas, debaixo do seu nariz, se tornam o seu jantar; sobre a Batalha de Bloody Ridge; sobre observar homens em tormento por dias, enquanto moscas colocavam ovos em suas feridas; sobre só ter polpas de cocos até que você deseja que a malária o leve antes do inimigo; sobre a contração de um corpo humano, mesmo depois que ele está morto; e, finalmente, sobre o amigo que ele amava... ele vivo, não ele morto.

E quando Will purgou a si mesmo, quando ele se sentiu esgotado e exausto, já purificado, Elly tomou sua mão e eles caminharam juntos para casa. Através do sol do final da tarde, através do pomar, através das flores do caramanchão aparadas... para iniciar a tarefa ingrata de esquecer.

CAPÍTULO 20

UMA ARMADILHA

A guerra tinha sido difícil para Lula. Havia privado-a da maioria das coisas que lhe importavam: meias de nylon, sorvetes de chocolate e, sobretudo, homens. Os saudáveis, os jovens, os viris, os melhores, todos tinham ido embora. Apenas pessoas como Harley tinham ficado. Então, que escolha ela tinha, além de continuar recebendo o que ela precisava do pequeno *feioso*, como ela intimamente o chamava? Mas ela não podia nem o chantagear mais. Em primeiro lugar, não havia combustível para dirigir até Atlanta e olhar vitrines do jeito que ela costumava gostar. Quem poderia ir a qualquer lugar com três míseros galões por semana? E também, se pudesse, não havia nada nas lojas que valesse a pena. Aquele maldito Roosevelt tinha o controle de tudo: nenhum carro, nenhum grampo, nenhum secador de cabelo. E nada, absolutamente nada de chocolate! Estava além de Lula entender o motivo pelo qual cada militar na Europa tinha acesso a tantas barras de chocolate quando as pessoas de casa tinham que ficar sem. Ela aturou um monte de exigências, mas ficou irada quando Roosevelt proferiu a ordem ditando quais sabores de sorvete poderiam ser feitos. Como diabos ele esperava que um restaurante permanecesse no negócio sem sorvete de chocolate e sem café?

Lula descansou um pé sobre uma cadeira e espalhou maquiagem marrom nas pernas, dos dedos dos pés até a coxa, voltando e passando uma segunda camada para cobrir as imperfeições que antes as meias de nylons cobriam. Para que

diabos os paraquedistas precisavam de nylons? Quando a maquiagem terminou, ela, cuidadosamente, desenhou uma linha preta em suas pernas com um lápis de costura, isso faria parecer que estava usando meias. Vestida somente com suas roupas íntimas, ela correu para o quarto, pulou na cama alta e virou-se para o espelho da cômoda para verificar o resultado.

No seu armário, ela escolheu o vestido mais decotado que possuía, de cor laranja, que deixava joelhos à mostra e quadris delineados, ainda com um colete branco de enormes ombreiras, aquele recorte brilhante acima do peito. Mais uma vez ela iria tentar a sorte com Will Parker. Apenas mais uma vez. E se ela não obtivesse sucesso desta vez, mesmo que Will Parker fosse rico e poderoso, ele poderia abrir seus bolsos e jogar para cima dela tudo o que ele tinha, que ela não mais o quereria. Afinal, uma mulher tem seu orgulho.

Ela se contorceu no vestido, puxando-o sobre a cabeça; em seguida, retornou ao banheiro para pentear seus cabelos e modelá-los em seus habituais cachos. Pelo menos ela tinha suas ondas, os cachos eram duros como molas de metal e batiam contra a testa de forma gratificante.

Toda arrumada, composta e perfumada, Lula deu o último retoque no seu cabelo, posando em frente ao espelho com as mãos nos quadris e peitos pressionados. Ensaiou seu biquinho imitando Betty Grable, mostrou os dentes para verificar se havia manchas de batom, e decidiu que o homem teria que estar louco para escolher a louca da Elly See ao invés dela.

Lula lambeu os dentes, soprou em suas mãos em concha, cheirou o hálito e procurou em sua bolsa por um pacote de Sen-

Sen.^[42] Droga de Wrigley^[43] que, juntamente com Roosevelt, fornecia a todo o serviço militar dos Estados Unidos o chiclete grátis enquanto durasse a guerra, deixando as pessoas daqui, que estavam dispostas a pagar por ele, tendo de mascar esse podre Sen-Sen!

Mas seu hálito estava doce, suas pernas belas e seu decote à mostra quando ela se propôs a pegar sua bolsa. Ela queria Will Parker para si, pois aquele homem a havia atraído mais do que qualquer outro na vida. Ainda mais agora: um ex-combatente, um fuzileiro naval com uma medalha Coração Púrpura, imagine só... Aquele pequeno coxear em seu andar não havia maculado em nada o seu interesse. Isso só o fez mais atraente para Lula.

Ela o tinha visto da janela do café, num dia de maio, quando ele voltara da guerra, e ela quase se afogou em sua própria saliva observando-o mancar até aqueles degraus da biblioteca para ver aquela velha rabugenta, a Senhorita Beasley. Em agosto, ela ainda vigiava a praça, incessantemente, a procura de meros vislumbres dele, e quando ele não estava na cidade, tudo o que ela tinha para fazer era pensar nele. Senhor, o jeito que ele ficava com aquele uniforme, com aquelas muletas, e aqueles olhos sob o chapéu da Marinha! Ele era o melhor pedaço de carne que aquela cidade tinha a oferecer, e Lula o teria, ou iria criar rugas tentando!

A porta dos fundos da biblioteca estava destrancada. Ela virou a maçaneta silenciosamente. No interior, um rádio tocava baixinho e uma névoa fraca de luz mostrava o final do corredor estreito. Na ponta dos pés, Lula entrou. Fez uma pausa no final do corredor para perscrutar a sala principal mal iluminada. Ela

tinha apenas uma luz acesa e as cortinas estavam fechadas. Um golpe de sorte – privacidade! Will estava entretido, de costas para ela, agachado em um só joelho, olhando na parte inferior de uma prateleira, com uma chave de fenda na mão, assobiando “Eu Tive o Sonho Mais Louco”. Lula, silenciosamente, tirou os sapatos, deixando-os ao lado do balcão de despacho, e atravessou a sala ainda na ponta dos pés.

Parando logo atrás dele, ela podia sentir seu tônico capilar. Isso colocou suas narinas a tremerem e seus músculos íntimos a se contraírem. Como de costume, Lula seguiu os instintos de seu corpo, não de seu cérebro. Ela não parou para descobrir que não se faz uma surpresa a um ex-fuzileiro naval, que lutou em Guadalcanal, cujo tempo de reação era rápido, cujos instintos eram mortais, e que foi treinado na arte da sobrevivência. Ele parecia bem, ele cheirava bem, e ele estava, até então, se sentindo bem. Lula, com um movimento rápido, feminino, moveu-se e começou a deslizar as mãos ao redor do tronco de Will. Mas o cotovelo do homem voou para trás e bateu no intestino dela. Imediatamente, num reflexo, ele pôs-se de pé, girou, nocauteando-a com um golpe feroz do lado do pescoço, jogando-a no chão, onde ela foi deslizando até a perna de uma mesa.

— O que diabos você está fazendo aqui? — ele explodiu.

Lula não podia falar, respirar, lhe doía tudo.

— Levante-se e saia daqui! — ele gritou.

Eu não posso, ela tentou dizer, mas suas mandíbulas moveram-se silenciosamente. Lula enrolou-se e abraçou seu estômago.

A guerra havia ensinado Will que a vida era preciosa demais, não podendo ser desperdiçada de forma alguma, até mesmo alguns preciosos momentos passados com pessoas detestáveis. Ele andou até ela e a levantou.

— O que você tem que aprender, Lula, é que eu sou um homem casado, amo minha mulher, e eu não quero o que você está vendendo. Então, saia, e me deixe em paz!

Dobrada, com dor, ela tropeçou. — Você... me... bateu... seu filho da puta! — ela conseguiu dizer entre goles de ar.

— Não se atreva a me chamar assim! — ele a advertiu por trás dos dentes cerrados.

— Bastardo, bastardo! — ela gritou.

— Saia daqui.

— Seu bastardo desgraçado!

— Sim, sou bastardo, e você, o que é?

— Ah! Ponha-me para baixo, chame-me do que quiser, seu...

Lula tentou andar, mas caiu como uma peça de roupa molhada.

Will a ajudou a se erguer e disse-lhe:

— Vá para casa e nunca mais venha me farejar outra vez, ouviu? Eu tive o suficiente de mulheres quando eu era um maldito idiota. Agora eu tenho uma boa mulher, uma ótima mulher, você ouviu? — ele gentilmente a ajudou por todo o caminho até a porta dos fundos, apanhando seus sapatos na passagem. Ele atirou os sapatos para o beco, como duas granadas.

— Se você está com calor, Lula, vá lá para baixo da janela de outra pessoa! — ele gritou. A porta bateu. Mas ele ouviu Lula gritar de volta: — Seu maldito, seu cabeça oca! Quem você acha que é para me rejeitar? — ela chutou a porta violentamente, torcendo o dedão do pé. Agarrando-o, gritou mais alto: — Idiota! Cabeça oca! Sapo sugador da Marinha!

Com lágrimas e rímel preto escorrendo por seu rosto, Lula mancou ao descer os degraus. Recuperou os sapatos e saiu mancando para longe da biblioteca. Chegou a sua casa, furiosa, e marchou direto para o telefone.

— Sete dois! — ela gritou para a telefonista. Em seguida, esperou impacientemente com o bocal preto do telefone batendo contra o peito, o fone de ouvido pressionado acima de seu brinco laranja de pena de flamingo. Depois de alguns momentos, ela ouviu: — Alô?

— Harley, é a Lula.

— Lula — ele sussurrou, com cautela. — Eu lhe disse para nunca me chamar em casa.

— Eu não dou a mínima para o que você me disse, Harley, então, cale a boca e escute! Eu preciso que venha aqui apagar um incêndio, que você faça alguma coisa sobre isso, então, não diga: sim ou não, basta entrar em seu maldito caminhão e estar na minha casa em quinze minutos, ou eu vou montar na minha moto e ir aí tão rápido, que eu vou deixar um rastro como um ciclone. E quando eu terminar de fazer à sua amada Mae, um pouco de visita social, ela não vai mais ficar se perguntando o que eram aquelas manchas vermelhas na sua barriga, compreendeu? Agora se mova, Harley!

Ela bateu o telefone e quase quebrou as pernas da mesa.

Harley tinha pouca escolha. Na verdade, ele nem queria mais saber da Lula. Mas ela era capaz de dificultar as coisas entre ele e Mae, e ele não tinha a intenção de perder sua esposa por causa dela. Nunca. Quando se aposentasse da serraria estaria com os bolsos cheios, por causa da lucrativa guerra e tornar-se-ia um homem rico. Ele pretendia ter sua mulher lhe trazendo chá gelado na varanda e ir pescar com seus meninos e meninas; bem, inferno, as meninas não tinham muita utilidade, mas elas eram suas filhas, fazer o quê? A mais velha tinha dezesseis anos. Outro par de anos e ela poderia se casar, e ele teria seus netos. O pensamento veio como um apelo curioso para Harley. Droga, Lula! Ela poderia dificultar as coisas se ela começasse a tecer sua armadilha.

Quando ele chegou à casa de Lula, ele já estava gritando.

— Lula, você não tem cérebro ou o quê? Onde diabos você está, Lula? Lula estava deitada na cama, calçada com seus saltos altos, com os brincos alaranjados de penas de flamingo, e alguns hematomas causados por Will Parker. Um palito de incenso estava queimando na mesa de cabeceira e as calcinhas rendadas caídas sobre a sombra da lâmpada.

— Lula, o que diabos você quer me chamando, dando-me ordens como se eu fosse...

Harley abriu a porta do quarto e parou de gritar, como se uma guilhotina caísse sobre a sua língua.

Dois meses mais tarde, num dia sombrio de outubro, Harley recebeu outro telefonema de Lula, desta vez na serraria.

— Harley, sou eu.

— Diabos, o que é que há com você, chamando-me aqui? Você quer que o mundo saiba sobre nós?

— Eu tenho que te ver.

— Eu estou trabalhando em um turno e meio hoje, Lula.

— Eu tenho que te ver, eu disse! Eu tenho algo importante para lhe dizer.

— Eu não posso esta noite. Talvez, na quinta...

— Hoje à noite. Ou eu vou bater na porta da sua casa e ter uma conversinha com uma tal de...

— Tudo bem, tudo bem! — respondeu Harley, resignado.

— Oito e quinze, na minha casa.

— Eu não...

O telefone clicou morto nas mãos de Harley. Quando ele chegou à casa de Lula, ela estava vestida com um roupão preto enfeitado com orquídeas do tamanho de pratos. Seu cabelo estava perfeitamente arrumado e ela usava sapatos de salto alto para combinar com as orquídeas. Lula abriu a porta e a fechou atrás de Harley com um estalo sombrio. Em seguida, virou-se para encará-lo, com as mãos nos quadris.

— Bem, eu estou grávida, Harley. E é seu. E quero saber o que você vai fazer sobre isso.

Harley parecia estar como se uma bazuca tivesse acabado de passar a três centímetros dos seus ouvidos, atordoado demais para falar. Lula passeou na sala de visitas, queixo abaixado, enquanto ela apertava um grampo no alto da cabeça.

De olhos esbugalhados, sem fôlego, Harley gaguejou: — Grávida?

— Sim, todo seu e meu, Harleykins — ela acariciou a barriga com um sorriso sarcástico.

— Mas eu não vi você por dois meses, Lula.

— Exatamente, e se você se lembra, você não usou qualquer preservativo da última vez.

— Como poderia, se eu não tinha nenhum?! Eles estão ficando tão escassos como pneus nos dias de hoje. Seria uma maravilha se Roosevelt instrísse os escoteiros para eles coletarem os usados, igual eles coletam outras coisas — Harley se deixou cair no sofá e passou a mão pelo cabelo, murmurando: — Grávida... Cristo!

Lula apoiou um braço na parte de trás de uma cadeira estofada, tamborilando com as unhas rosa-choque.

— Deve chegar aqui, aproximadamente, em maio.

— Você já viu um médico?

— Sim. Fui para Calhoun hoje.

Harley ficou de pé e começou a andar.

— Droga, Lula! Por que você não me disse que poderia ter engravidado naquela noite? A culpa é sua, não minha.

Lula veio à vida como uma cobra chutada.

— A culpa é minha! Por quê? Você e seus pinheiros... choraminga por qualquer centavo, isto não é culpa minha! Você sempre foi ótimo para se acocorar primeiro e perguntar depois. E eu sei o porquê. Porque tudo o que você pensa é em dinheiro, dinheiro, dinheiro! Lá em cima, na serraria, você faz contratos exorbitantes com o governo, eu sei. Bem, não aponte o dedo

para mim, Harley Overmire! Tudo o que você tinha que fazer, naquela noite, era levar dez segundos para pegar um preservativo, mas, não, você tinha que pular em mim como um bichano a fungar!

— Agora espere, só um minuto, Lula. Eu vim aqui e você estava esparramada como um sanduíche de tomate à espera de sal e pimenta, e você espera que eu recue e pense?

— Eu, eu, sempre eu! — Lula gritou de volta. — Você está comigo há seis anos e quantas vezes você já pensou nisso antes? Responda-me, Harley! Eu sou sempre aquela que tem que pensar sobre isso; bem, eu fico de saco cheio! Apenas uma vez eu gostaria que você pensasse e me tratasse como a dama que eu sou e tomasse um pouco de tempo em primeiro lugar, em vez de saltar em cima de mim como um javali no cio.

— Um javali? Então, agora, eu sou um javali...

— Não mude de assunto, Harley. Eu disse que quero saber o que você vai fazer a respeito e eu quero uma resposta.

— Resposta? Inferno, onde eu deveria obter uma resposta?

Lula tinha feito alguma reconsideração e tinha chegado à conclusão de que Harley Overmire era melhor do que nada. Além disso, ele não era realmente tão ruim. E, pelo menos, seu filho teria um pai. Lula estudou suas unhas, enquanto sugeria: — Você poderia deixar Mae e se casar comigo.

— Deixar a Mae?

A indiferença de Lula desapareceu abruptamente, sua boca ficou cheia de mau humor.

— Bem, o que ela significa para você? De qualquer maneira, você nunca fica com ela. Você mesmo me disse isso.

— Ela é a mãe dos meus filhos, Lula.

— Oh — Lula bateu em seu peito. — E o que eu sou?

Harley não podia pensar em uma resposta rápida.

— O que eu sou, hein, Harley? Um dos seus Javalis Junior está dentro de mim agora, mas já que a Mae é a mãe de seus filhos, talvez, ela goste de adicioná-lo à sua coleção, o que acha? Que tal isso? E se eu ligar para ela agora e mencionar: “Ah, a propósito, Mae, eu vou ter um outro moleque com cara feia para adicionar à sua ninhada no próximo verão. Você quer isso, Harley? É isso que deseja?

— Lula, seja razoável...

— Seja razoável! Seja razoável. É tudo o que você diz, quando eu sou a única confrontada com a vergonha. Você estará no balanço da varanda da frente com sua mulher e seus pirralhos legítimos. Seja razoável? Vou lhe dizer o que é razoável, Harley. Quão razoável é isso? Dois meses. Dois meses e eu vou começar a mostrar barriga, e por esse tempo eu quero uma dessas duas coisas: ou o seu nome ao lado do meu em uma licença de casamento, para então eu saber que a minha criança será cuidada para o resto de sua vida, ou dez mil dólares no banco. Em meu nome: Lula Peak.

— Dez mil dólares?!

Virando-se para um espelho na parede da sala de estar, Lula abriu os lábios e delineou cada canto com o lado de um dedo. Ela acariciou seu topete no cabelo e acrescentou como se estivesse em segundo plano: — Ou... eu ainda poderia contar tudo para a Mae, dessa forma as minhas preocupações estariam acabadas — ela se virou para enfrentar Harley.

— Ah, bem... — ela virou as palmas das mãos para cima.
— De qualquer maneira eu nunca me importei muito com pirralhos com cara de feiosos.

Não foi um bom outono para Harley Overmire. Lula não o deixou em paz. Ele ganhou um bom dinheiro na serraria, certamente, mas seria um dia frio no inferno antes que ele entregasse dez mil dólares para uma cretina como ela. E ela quase ficou fora de si quando ele sugeriu ir à procura de um médico para se livrar daquilo. Mas o pior de tudo é que ela estava começando a importuná-lo em casa, chamando-o no meio da noite, na hora do almoço, forjando outro nome se acontecesse de Mae atender. Uma noite, ela também apareceu na serraria, quando ele estava saindo, às nove horas, só para lembrá-lo que ele tinha apenas quatro semanas para chegar com o dinheiro ou o casamento. E quando mais uma semana se passou sem qualquer progresso em direção a uma solução, ela realmente ligou para Mae, dando o seu nome correto. Depois, contou a ele sobre isso.

— Eu conversei com a Mae hoje.

— Você o quê?

— Eu conversei com a Mae hoje. Eu liguei para ela e disse que eu estava fazendo arrecadações para a Cruz Vermelha e perguntei se ela tinha alguma doação a fazer. Ela disse que tinha botões, sabão, comprimidos, lápis, e que eu poderia ir até lá e buscá-los a qualquer momento. E eu fui.

— Você... Não...?

— Ah, mas eu fiz. Eu caminhei até a porta da frente e bati, Mae respondeu e tivemos uma agradável conversa.

— Maldição, Lula!

A expressão de Lula era atrevida.

— Harley, você vê como é fácil?

Harley havia desenvolvido uma úlcera. As dores no estômago se intensificaram uma noite quando ele chegou em casa e, em meio a sua correspondência, encontrou uma conta de um médico de Calhoun; Lula, descaradamente, tinha pedido para enviar diretamente para a casa dele. Quando Mae perguntou o que era, ele disse a ela que alguém tinha sido ferido na serraria e a conta havia chegado em sua casa acidentalmente. Mas o assédio de Lula continuou diariamente. Harley começou a detestá-la, querendo saber o que ele tinha visto nela no passado. Ela era superficial, manipuladora e uma farpa dura de arrancar. Pensar que ele tinha realmente comprometido o seu casamento por causa de uma pessoa assim...

No trabalho, Harley estava distraído. Em casa, nervoso. Em todo lugar, cauteloso. A maldita mulher poderia aparecer em qualquer lugar. O pior foi quando ela parou o seu filho mais velho, Ned, que voltava da escola, e o convenceu a ir ao Vickery's para um sorvete de graça. Depois disso, veio a ousadia de contar-lhe o que ela tinha feito, acrescentando com uma voz abafada, enquanto agitava o cabelo amarelo: — Você não tem estado muito presente, Harley, e aquele seu garoto está ficando mais bonito a cada dia. Perdendo sua cara de feioso e crescendo. Quantos anos ele tem agora, Harley? Catorze? Quinze, talvez?

A ameaça era evidente, assim como o esmalte que ela espalhava em suas unhas. E foi a última gota. Quando ela se meteu com as crianças dele, chegou a hora de colocar um fim em Lula Peak.

Harley planejou tudo cuidadosamente. O presente que ele tinha deixado sob a árvore de Natal de Lula iria calá-la temporariamente, e ele iria fazer o planejado logo após o feriado. Ele conhecia Lula e sabia pelo que Lula ansiava mais do que qualquer coisa, e ele iria trabalhar para lhe dar isso. Ele não tinha sido surdo, mudo e cego por todos aqueles anos. Os homens na serraria faziam piadas obscenas sobre como Lula Peak perseguia Parker, como ela o vigiava da janela do restaurante, e até mesmo o perseguia na biblioteca. Mas a notícia que ele tinha era a de que Parker nunca lhe tinha dado atenção, então Lula ainda estaria ansiosa para chegar a ele.

Parker. Harley odiava até mesmo este nome. *Parker e seu maldito Coração Roxo.* Parker, o herói da cidade, enquanto as pessoas zombavam de Harley Overmire pelas suas costas, acusavam-no de cortar o dedo com o propósito de evitar a guerra. Nenhum deles podia sequer imaginar que tipo de coragem o levara a executar seu próprio dedo numa serra! E, além disso, alguém tinha que ficar para trás e fazer caixas para todos os rifles e munições.

Então você acha que você é um herói, não é Parker? Mancando pela cidade nessas muletas e desfilando ao redor da

praça com seu uniforme extravagante, assim todo mundo irá babar em seus joelhos e ficar a sua volta. Bem, eu não gostei de você desde a primeira vez que pus os olhos em você, matador de putas, e eu não gosto de você agora. Ele não pôde partir quando eu tentei fazê-lo correr para fora da cidade pela primeira vez, mas desta vez ele vai. E vai ser a lei que vai fazer isso por mim.

Harley foi, durante três noites seguidas, ao beco atrás da biblioteca para fuçar nas latas de lixo. Fez isso até encontrar a prova perfeita: um pedaço de pano descartado da biblioteca, sujo com material de limpeza de limão. Uma vez que estava de sua posse, Harley preparou o bilhete, cuidadosamente, selecionando as palavras individuais recortadas de jornal, de uma folha comum de anúncios do Atlanta Constitution, que ele colou perpendicular. Nenhuma letra para identificação, sem impressões digitais deixadas no papel de jornal gorduroso.

Me encontre na porta de trás da biblioteca, terça à noite, às 11h.

W.P.

Ele o mandou em um envelope usado de sua conta de energia elétrica, raspando o endereço antigo com uma lâmina de barbear, e adaptando um endereço de papel, com letras de jornal em seu lugar.

Quando Lula recebeu a carta pelo correio, rasgou-a no quarto e praguejou como um pescador:

— Sem chance, Parker, depois que você me bateu e me mandou embora! Vá furar buracos em seus bolsos!

Mas Lula era Lula. Inegavelmente sangue quente. Quanto mais tempo ela pensou sobre Will Parker, mais quente ela ficou. Grande garoto malvado. Grande fuzileiro naval difícil... todo ombros, e pernas, e mau humor. Ela adorava aquele mau humor e os silêncios também. Mas ela tivera uma amostra do temperamento dele, e se ele a presentearse com aquilo no meio de uma boa sessão de sexo? Aquilo seria memorável! E outra coisa que ela tinha aprendido: os homens com orelhas longas, geralmente, tinham outras partes grandes também para combinar, e os lóbulos das orelhas de Parker não eram exatamente em miniatura.

Às nove horas da noite de terça-feira, Lula estava colocando a carta rasgada na bolsa. Às nove e meia ela se sentia como um pedaço de arame esticado. Às dez horas, ela estava em uma banheira cheia de espuma, preparando-se.

Harley Overmire se enfiou na fria garoa de dezembro, amaldiçoando Lula. Mas uma coisa estava a seu favor: o blecaute ainda vigorava nos estados costeiros. Não havia iluminação pública. Sem luzes nas janelas. Ninguém nas ruas depois das dez, a menos que tivesse uma autorização.

Vamos lá, Lula, vamos lá. Estou com frio, no relento, e quero voltar logo para casa e dormir.

A porta atrás da biblioteca tinha dois metros acima de sua cabeça e dava para um conjunto de concretos altos com um corrimão de ferro. Ele tinha ouvido Parker trancar a porta e partir bem mais de meia hora atrás; tinha sentado, imóvel como um franco-atirador, sob uma árvore, ouvindo os passos de Parker raspando nos degraus, o som de sua partida no carro indo embora sem deixar as luzes acesas. Agora, Harley estava agachado, vestido em sua jaqueta preta e com um chapéu velho, sentindo a chuva escoar dentro de seu agasalho. Ele se abraçou, sentindo o concreto frio pressionado contra suas costas. Ouviu o gotejamento da chuva dos beirais da biblioteca para o beco abaixo.

Quando ele ouviu os passos de Lula, seu coração batia como o de um quati diante de um bando de feras. O salto alto martelando... martelando... martelando... provavelmente caro, porque ela pisou em uma poça e a amaldiçoou. Ele esperou até que ela tivesse chegado ao terceiro degrau da escada da biblioteca. Em seguida, rapidamente, ele deslizou ao redor da escada e por trás dela. Tinha planejado fazê-lo de modo rápido, limpo, de forma anônima. Mas o maldito pano era velho, estava apodrecido e rasgou, e ela escapou. Virando-se, ela viu o seu rosto.

— Harley... não... por...

E assim foi forçado a terminar o trabalho com as mãos.

Ele não tinha planejado ver o choque e o horror no rosto dela. A grotesca torção da morte. E nenhum blecaute foi escuro o

suficiente para escondê-lo. E Lula se esforçou, lutou mais e mais duro do que ele teria pensado que uma mulher do seu tamanho poderia lutar. Quando ela, finalmente, sucumbiu, Harley cambaleou, deixando os degraus e se atirou contra a parede norte da biblioteca.

CAPÍTULO 21

LIVRANDO-SE DOS FANTASMAS DO PASSADO

Em um dia gelado, no final de dezembro, Elly estava trabalhando na cozinha quando olhou para o quintal e avistou Reece Goodloe no Plymouth preto, com faróis ajustáveis, e a palavra xerife na porta. Desde que Elly era capaz de se lembrar ele ocupava aquele cargo, desde antes de ele bater na porta da casa de Albert See, forçando-o a deixar sua neta ir à escola. Reece Goodloe tinha engordado ao longo dos anos e sua barriga balançava como um balão de água, à medida que ele andava e levantava as calças. Seu cabelo estava ralo, o rosto marcado pelas rugas, as narinas tão grandes quanto um par de pegadas na lama. Elly gostava dele: ele tinha sido o único responsável por tirá-la daquela casa.

— Bom dia, xerife Goodloe — ela o cumprimentou da varanda, encolhendo os ombros em um suéter caseiro.

— Bom dia, Sra. Parker. Você teve um bom Natal?

— Sim senhor. E você?

— Tivemos um Natal muito bom, sim, nós tivemos — Goodloe observou a clareira, os jardins impecavelmente limpos, bonitos mesmo no inverno, as pilhas de lixo desaparecidas e uma organização impecável. Ele viu que as coisas estavam muito diferentes desde que Glendon Dinsmore morrera.

— O lugar aqui está muito bom.

— Obrigada por isso. Will fez a maioria disso.

Antes de perguntar, como se hesitasse, Goodloe levou algum tempo olhando ao redor.

— Ele está aqui, Parker?

— Ele está lá embaixo, no galpão, pintando algumas coisas para as colmeias, preparando tudo para a primavera.

Goodloe descansou uma bota no último degrau.

— A senhora se importaria em ir chamá-lo, Sra. Parker?

Elly franziu a testa. — Alguma coisa errada, xerife?

— Eu só preciso falar com ele sobre um assunto que aconteceu na cidade na noite passada.

— Ah... bem... bem, claro — com esforço, Elly se animou.

— Eu vou buscá-lo.

No seu caminho pelo pátio, Elly sentiu uma pontada ruim em seu estômago. O que ele queria com Will? Alguns negócios, ela tinha certeza. Sua conversa fora amena demais para ser qualquer coisa, uma convocação oficial, por exemplo. O que mais seria? Mas quando ela chegou à porta do galpão aberto, seus receios se mostraram claramente em seu rosto.

— Will?

Com um pincel na mão, Will se endireitou e virou-se para ela, um prazer inconfundível na face.

— Sentiu minha falta, não é?

— Will, o xerife está aqui procurando por você.

O sorriso dele desapareceu.

— Para quê?

— Eu não sei. Ele quer que vá para casa.

Will ficou parado ainda por dez segundos; então, com cuidado, colocou o pincel na parte superior da lata, pegou um pano e umedeceu com solvente.

— Vamos lá — limpando as mãos, ele a seguiu.

A cada passo Elly sentia o desconforto crescer mais e mais em seu estômago, a apreensão se construindo.

— O que ele poderia querer, Will?

— Eu não sei. Mas nós vamos descobrir isso agora mesmo.

Que não seja nada, ela suplicou em silêncio. *Tomara que o xerife esteja à procura de um carburador para aquele Plymouth preto empoeirado... ou talvez seja pela placa de Will na propriedade, na estrada do condado... ou, então, precisam das cadeiras da biblioteca emprestadas para um baile... Que seja algo bobo assim.*

Ela olhou para Will. Ele caminhava sem pressa, sem hesitação. Seu rosto não revelava nada. Ele usava sua expressão “não-deixe-eles-saberem-o-que-você-está-pensando”, o que preocupou Elly mais do que se fosse uma carranca.

O Xerife Goodloe estava esperando junto ao Plymouth, com os braços cruzados sobre a barriga, inclinando-se sobre o para-choque dianteiro. Will parou diante dele, limpando as mãos no pano.

— Bom dia, Xerife.

Goodloe assentiu e se impulsionou para frente.

— Parker.

— Algo que eu posso fazer por você?

— Algumas perguntas.

— Algo errado?

Goodloe preferiu não responder e já começou com o interrogatório: — Você trabalhou na biblioteca ontem à noite?

— Sim, senhor.

— Você a fechou, como de costume?

— Sim, senhor.

— A que horas?

— Dez horas.

— O que você fez depois disso?

— Vim para casa e fui para a cama. Por quê?

Goodloe olhou para Elly. — Você estava em casa, Sra. Parker?

— É claro que eu estava. Somos uma família, xerife. O que é isso tudo, afinal?

Goodloe ignorou a pergunta dela e descruzou os braços, firmando sua posição antes de disparar sua próxima pergunta para Will: — Você conhece uma mulher chamada Lula Peak?

Will sentiu a ansiedade começar em seus joelhos e rastejar para cima, agulhas afiadas de calor. Escondendo sua preocupação, ele enfiou o pano no bolso traseiro.

— Sei quem ela é. Não saberia exatamente dizer se eu a conheço.

— Você a viu ontem à noite?

— Não.

— Ela não foi à biblioteca?

— Ninguém vai à biblioteca quando eu estou lá. Está fechada.

— Ela nunca chegou lá... depois de fechar?

Os lábios de Will se comprimiram e um músculo tremeu em sua mandíbula, mas ele olhou diretamente para Goodloe. — Um par de vezes ela fez isso, xerife.

Elly olhou atentamente para Will. *Um par de vezes?* Sua garganta pareceu fechar, mas o xerife repetia as palavras como

uma ladainha obscena.

— Um par de vezes... Quando foi isso?

Will cruzou os braços e separou os pés. — Um tempo atrás.

— Você poderia ser mais específico?

— A última vez foi depois que eu voltei para casa, depois da guerra. Em agosto ou algo assim.

— Você a convidou para ir lá?

Mais uma vez a mandíbula de Will endureceu, mas ele exerceu seu autocontrole e respondeu calmamente: — Não, senhor.

— Então, o que ela estava fazendo lá?

Will estava plenamente consciente de que Elly estava olhando para ele, pasma. Sua voz suavizou com a consciência disso. — Eu acho que você, provavelmente, pode adivinhar, sendo um homem.

— Não é meu trabalho adivinhar, Parker. Meu trabalho é fazer perguntas e obter respostas. O que foi que Lula Peak foi fazer na biblioteca em agosto?

Will voltou seu olhar diretamente nos olhos chocados de sua esposa ao responder:

— Estava querendo ficar com alguém, eu acho.

— Will... — ela advertiu, ofegante, os olhos caindo em desânimo.

Tendo a resposta esperada, o xerife ficou momentaneamente perplexo com a franqueza de Will.

— Bem... — ele passou a mão em torno de seu pescoço, perguntando-se para onde ir a partir dali.

— Então você admite?

Will tirou os olhos de Elly ao responder:

— Eu admito que sabia o que ela queria, não que ela conseguiu. Inferno, todos em Whitney sabem como ela é! Essa mulher anda como uma gata no cio e não faz qualquer esforço para esconder isso.

— Ela... rondava você, não é?

Will engoliu em seco e levou o seu tempo para responder. As palavras saíram baixas e relutantes.

— Eu acho que você pode chamar isso assim.

— Will! — Elly repetiu, surpresa. — Você nunca me disse isso... — seu interior estava quente e instável.

Mais uma vez ele voltou seus olhos castanhos diretamente para ela, armados apenas com a verdade.

— Porque isso não significa nada. Pergunte à senhorita Beasley se eu já dei àquela mulher qualquer motivo para ela achar que eu... Ela vai te dizer que eu não o fiz.

O xerife os interrompeu: — A Senhorita Beasley viu a Lula... digamos assim... ah... perseguindo você?

O olhar de Will se voltou para o homem uniformizado.

— Estou sendo acusado de alguma coisa, xerife? Porque se eu estou, eu tenho o direito de saber. E se essa mulher fez qualquer acusação contra mim, esta é uma maldita mentira! Eu nunca coloquei a mão sobre ela.

— De acordo com os registros, você passou um tempo em Huntsville por homicídio culposo, certo?

A sensação de mal-estar começou a rastejar de volta as entranhas de Will, mas, por fora, ele permaneceu impassível.

— Está certo. Eu cumpri minha pena e eu saí em liberdade condicional, que já terminou.

— Por matar uma prostituta conhecida.

Will rangeu as bordas dos dentes e não disse nada.

— Você vai me desculpar, minha senhora — o xerife arqueou uma sobrancelha para Elly —, mas não há nenhuma maneira de evitar essas questões.

Então, para Will: — Alguma vez você já teve relações sexuais com Lula Peak?

Will reprimiu sua raiva acumulada para responder: — Não.

— Você sabia que ela estava grávida de quatro meses?

— Não.

— A criança que ela estava esperando não era sua?

— Não!

O xerife foi até seu carro e veio com um pacote de celofane.
— Você já viu isso antes?

De pé, rigidamente, Will deixou seus olhos caírem e examinou o conteúdo do pacote transparente sem tocá-lo. — Parece um pano de pó da biblioteca.

— Você lê o jornal regularmente, não é?

— Jornal? O que o jornal...

— Basta responder a pergunta.

— Toda noite quando eu faço uma pausa na biblioteca. Às vezes, eu os trago para casa quando termino o serviço na biblioteca.

— Qual deles você lê na maioria das vezes?

— Que diabos...

— Qual deles, Parker?

Will ficou agravado e seu temperamento coloriu seu rosto.

— Eu não sei. Inferno...

— O The New York Times?

— Não.

— Qual, então?

— O que é isso, Goodloe?

— Basta responder.

— Tudo bem! O Atlanta Constitution, na maioria das vezes.

— Quando foi a última vez que você viu Lula Peak?

— Eu não me lembro.

— Bem, tente.

— No início desta semana... não... foi na semana passada, quarta-feira, talvez, terça... Cristo, eu não me lembro! Mas foi quando eu dirigia para o trabalho, ela estava olhando do Vickery's quando eu passei, no meu caminho para a biblioteca.

— E você não a viu desde a semana passada, terça-feira ou quarta-feira?

— Não.

— Mas você admite que foi para o seu trabalho, como de costume, na noite passada e voltou para casa por volta das dez horas?

— Não é: por aí. Por volta. Eu sempre deixo o trabalho exatamente às dez.

Goodloe enquadrou sua postura, dando a si mesmo uma chance clara de ver ambas as faces, as de Elly e as de Will.

— Lula Peak foi estrangulada na noite passada, nos degraus de trás da biblioteca. O legista especificou a hora da morte por entre as nove e a meia-noite.

A notícia atingiu Will como um soco no queixo. Em poucos segundos, ele passou de quente a gelado, vermelho a branco. *Não, não eu, não desta vez. Eu paguei pelo meu crime. Maldição! Deixe-me em paz! Deixe-me com a minha família em paz!*

Enquanto um tumulto de medo se formava em seu interior, ele ficou imóvel, com medo de reagir de forma errada, para que não fosse mal interpretado. Seu estômago tremeu. Suas palmas ficaram úmidas. Sua garganta, seca. Naquele instante sombrio, o xerife tendo jogado sua bomba, um montão de impressões flutuava pela cabeça de Will, das coisas que ele mais valorizava: Elly, as crianças, a vida que ele tinha construído, a boa casa, a estabilidade financeira, a felicidade, o futuro... O pensamento de perder tudo, e injustamente, fez o desespero ameaçar aparecer. *Ah, Jesus, o que é que um homem tem que fazer para triunfar? Sempre...*

Ele ficou impressionado com a ironia. Ter lutado e sobrevivido àquela miserável guerra apenas para voltar para casa para isso? Pensou em tudo que ele tinha sobrevivido: ser órfão, os anos de solidão à deriva, o tempo na prisão, depois os dias de fome que vieram, as provocações... para quê? Raiva e desespero borbulharam através dele, trazendo o desejo profano de afundar seu punho em algo duro, algo com massa, amaldiçoar o destino indiferente, que, vez após vez, virava os polegares para baixo, para Will Parker.

Mas nada do que ele sentia ou pensava se mostrou em seu rosto. De garganta seca, sem expressão, ele perguntou sem rodeios: — E você acha que eu fiz isso?

O xerife mostrou um segundo pacote de celofane, combinando com o primeiro, que trazia os pedaços de papel de jornal com a mensagem enigmática.

— Eu tenho uma evidência muito convincente, Parker, começando com isto aqui.

Os olhos de Will caíram sobre a carta incriminadora; em seguida, levantou os olhos novamente para Goodloe, antes que, lentamente, chegasse a tomar o pacote e lê-lo. Uma onda de ódio se derramou sobre ele. Um ódio de Lula Peak, que não aceitava um “não” como resposta. Ódio pela pessoa que fizera aquilo, colocando a culpa sobre ele. Para o xerife ele expôs o raciocínio: — Um homem tem que ser muito burro para deixar uma mensagem dessas à mostra e esperar fugir disso.

Elly estava ouvindo com crescente temor, de pé, como se hipnotizada pela visão de uma cobra venenosa deslizando cada vez para mais perto. Quando Will começou a entregar o pacote para Goodloe, ela o interceptou. — Deixe-me ver isso.

Me encontre na porta de trás da biblioteca, terça à noite, às 11h.

W.P.

Enquanto ela lia, a porta da cozinha se abriu e Thomas a chamou da varanda:

— Mamãe! Lizzy molhou suas calças de novo.

Mas Elly não ouvia nada, além do bater frenético de seu próprio coração, não via nada, além da carta e as iniciais: WP.

Terror correu por dentro dela. *Oh, Deus, não! Não Will, não o meu Will!*

— Mamãe! Venha trocar a fralda da Lizzy!

Elly fixou os polegares sobre a borda do papel, simplesmente para ter algo para agarrar, algo para tentar firmar seu mundo desordenado. Do passado recente ela ouviu novamente a voz de Will admitindo coisas que ela desejava, agora, que nunca tivesse escutado... “Nós costumávamos ir até La Grange, ao bordel de lá... Eu não era muito exigente, tomava qualquer uma que estivesse livre... Eu peguei uma garrafa... Ela caiu como uma árvore e quase nem sangrou, ela morreu tão rápido...”.

Por um momento, Elly fechou os olhos, engolindo em seco, incapaz de fazer descer o caroço de medo que, de repente, se formara em sua garganta. *Seria possível? Ele poderia ter feito isso de novo?* Ela abriu os olhos e olhou para seus polegares; eles pareciam pesados, cerca de três vezes mais do que o natural, quando o choque tomou o seu corpo.

Will observou as reações reivindicando sua esposa. Ele olhou, ela estava claramente lutando pelo autocontrole, observou-a, momentaneamente, o perder e, depois, recuperá-lo. Quando ela levantou os olhos, eram duas pedras em um rosto pálido.

— Will...?

Embora ela só dissesse o seu nome, esta única palavra foi como uma lâmina enferrujada em seu coração.

Oh, Elly, Elly! Não você. Todos eles poderiam pensar o que quisessem, mas ela era sua esposa, a mulher que ele amava,

aquela que lhe tinha dado uma razão para mudar, lutar, viver, planejar, fazer algo melhor de si mesmo. *Ela pensava que ele fosse capaz de uma coisa dessas?*

Depois de uma vida cheia de decepções, Will Parker deveria ter se acostumado a elas. Mas nada, nada jamais o quebrou como este momento. Ele parou diante dela derrotado, desejando que ele tivesse estado naquela trincheira com seu amigo Vermelho, desejando que ele nunca tivesse vindo parar àquele lugar e encontrado a mulher diante dele e que lhe dera tantas esperanças.

A porta da varanda bateu e Thomas voltou a chamar: — Mãe, o que há de errado?

Elly não o ouviu. — W-Will? — ela sussurrou de novo, os olhos desorientados, sua garganta quente e apertada.

Ferido, ele se virou.

O xerife buscou a parte de trás de seu carro para pegar um par de algemas e falou com autoridade: — William Parker, é meu dever informá-lo que você está preso pelo assassinato de Lula Peak.

A terrível realidade bateu em Elly com força brutal. Lágrimas rolaram de seus olhos desorientados e assustados, e ela apertou o punho contra os lábios. Estava tudo acontecendo tão rápido! O xerife, a acusação, as algemas. A visão delas enviou também um aperto nauseante dentro de Elly.

Naquele momento, Thomas chegou por trás de sua mãe. — Mãe, o que é que o xerife está fazendo aqui?

Ela só continuava boquiaberta, incapaz de responder.

Mas Will sabia tudo sobre memórias dolorosas de infância e não queria nada disso para Thomas. Quando o xerife puxou seu braço esquerdo para trás e fechou o punho, Will ordenou baixinho: — Thomas, vai ver Lizzy Parker, filho — ele ficou parado, esperando o segundo clique metálico, encolhendo-se em seu interior, pensando: *Droga, Goodloe! Pelo menos você poderia esperar até o menino voltar para a casa.*

Thomas já tinha visto muitos filmes de caubói para interpretar o que estava acontecendo.

— Mamãe, ele está levando Will para a cadeia?

Levando Will para a cadeia? Elly, de repente, saiu de seu estupor, indignada.

— Você não pode simplesmente... simplesmente levá-lo!

— Ele vai ficar na cadeia do condado de Calhoun até a fiança ser definida.

— Mas...

— Ele pode precisar de um casaco, senhora.

Um casaco? Ela mal podia pensar além da agitação frenética em sua cabeça, que ordenou: *Pare-o de alguma forma! Pare-o!* Mas ela não sabia como, não conhecia seus direitos ou os de Will. Lágrimas ainda deslizavam pelo rosto de Elly, enquanto ela permanecia em silêncio.

— Mamãe... — Thomas começou a chorar também. Ele correu para Will, agarrou a sua cintura.

— Will, não vá.

O xerife empurrou o menino.

— Agora, meu jovem, é melhor ir para casa.

Thomas foi para cima do xerife, esmurrando-o com os pequenos punhos.

— Você não pode levar Will! Eu não vou deixar você o levar! Fique longe dele!

— Leve-o para casa, Sra. Parker — o xerife ordenou em voz baixa, mas Thomas lutava como um filhote de leão, desviando qualquer um dos esforços do xerife para acalmá-lo ou para removê-lo de perto de Will.

— Entre no carro, Parker.

— Só um minuto, xerife, por favor... — Will abaixou-se com um joelho no chão e Thomas se atirou no pescoço resistente do homem.

— Will... Will... Ele não pode levá-lo, ele não pode... Você é do bem como Hopalong.

Will engoliu em seco e virou os olhos suplicantes para Goodloe.

— Tire as algemas por um minuto, por favor.

Goodloe suspirou profundamente e olhou para Elly timidamente. Na sua hesitação, a raiva de Will entrou em erupção.

— Eu não sairei correndo para qualquer lugar, Goodloe, e você sabe disso — o olhar distraído do xerife caiu sobre o menino, chorando contra o pescoço de Will, e ele seguiu seus instintos, libertando um dos pulsos de Will. Imediatamente, os braços de Will se enrolaram em torno de Thomas, a alga de metal pendurada em volta do menino. Fechando os olhos, Will, agarrado ao pequeno corpo, falou baixinho contra o cabelo de Thomas.

— Sim, você está certo, meu pequeno. Eu sou um cara do bem como Hopalong. Tenha certeza disso. E lembre-se que eu te amo. E quando Donald Wade chegar da escola diga a ele que eu o amo também. Está certo? Eu vou voltar, isso tudo é um engano. Eu sou do bem.

Ele limpou as lágrimas do rosto da criança com os nós dos dedos de sua mão sem algema e o empurrou carinhosamente para trás. — Agora você será um bom menino e irá para casa, ajudará sua mãe a cuidar da Lizzy. Você fará isso para o velho Will, não fará?

Thomas balançou a cabeça humildemente, estudando o solo onde o joelho de Will estava apoiado. Will virou-o e deu-lhe um empurrão em sua parte traseira. — Agora vá em frente.

Thomas correu para casa, soluçando, e, um momento depois, a porta de tela bateu. Elly, com seus olhos lacrimejantes, assistiu Wil, resignado e voluntariamente, colocar as duas mãos atrás de si e permitir que o xerife colocasse as algemas no lugar mais uma vez.

— Will... Ah, Will... O que... Ah, Deus... — Elly se moveu, por fim, mas seu discurso e comportamento estavam confusos. Ela lançou seu olhar ao redor, como uma coisa morta, estendendo a mão, andando como um animal selvagem na primeira vez em que é enjaulado, como se não compreendesse nada da sua incapacidade de mudar uma situação. — Xerife... — ela tocou na manga do uniforme dele, mas ele a ignorou, cuidando de seu prisioneiro. De repente, ela virou-se para o marido: — Will... — ela o agarrou, segurando a parte de trás de sua camisa. — Will, eles não podem levá-lo!

Inflexível, ele olhava para frente, e ordenou friamente: — Vamos.

— Não, espere! — Elly gritava e chorava, exausta, virando de um homem para o outro: — Xerife, você não pode... O que vai acontecer com ele? Espere, eu vou pegar o casaco... — em sua demora, ela correu para casa, sem saber mais o que fazer. Voltou em pânico para encontrar os dois homens já no Plymouth. Ela tentou abrir a porta, mas ela estava trancada e os vidros fechados.

— Will! — ela gritou, apertando o casaco no vidro, percebendo já o que tinha causado a fria indiferença dele, arrependida, necessitando fazer algo para mostrar que ela tinha sido precipitada e tinha reagido sem ter tido sequer tempo para pensar melhor.

— Aqui, aqui! Eu trouxe o seu casaco! Por favor, não... — mas ele não olhou para ela quando ela pressionou o casaco contra o vidro.

O xerife disse: — Me entregue, eu já vou levá-lo — e apanhou o casaco através de sua janela, dando-o a Will, em troca do pano de limpar as mãos da pintura, que Will ainda carregava. — A melhor coisa que você pode fazer agora, Sra. Parker, é conseguir um advogado — o xerife colocou o carro em marcha.

— Mas eu não conheço advogados!

— Então ele vai ter um defensor público.

— Mas quando eu posso vê-lo? — ela gritou conforme o Plymouth começou a se mover.

— Quando a senhora tiver um advogado!

O carro se afastou, deixando Elly em um redemoinho de exaustão, com a mão levantada sem saber o que fazer.

Will! Ela chorou depois de o veículo sair. Observou o carro levá-lo embora, a cabeça visível através da janela traseira. Ela torceu os dedos no tecido do seu avental e cobriu a boca com ele, dobrando-se para frente, respirando as emanções de cozinha do avental, lutando contra o medo, olhando, horrorizada, o pátio vazio.

A prisão situava-se num edifício de pedra, em estilo muito parecido com o de uma casa vitoriana, e estava situada logo atrás do tribunal onde Will tinha se casado. Ele mostrou-se sem emoção durante o processo de encarceramento. Na caminhada pelo corredor, o ruído metálico e frio da porta de ferro...

Agora ele estava deitado em sua cela, com um travesseiro usado e um colchão manchado, com tinta em seus dedos, de frente para uma parede cinzenta, cheirando os odores fétidos de urina velha e de desinfetante de pinho. O cinto de sua calça havia sido confiscado, suas calças caíam e seus olhos, embotados, estavam conscientes da familiaridade de seu entorno. Ele pensou em entrincheirar-se em um canto, mas não tinha vontade de fazê-lo. Ele pensou sobre o choro, mas lhe faltava o coração. Ele pensou em pedir comida, mas a fome pouco importava, quando a vida importava muito menos. Sua vida tinha perdido o valor no momento em que sua esposa olhara para ele com a dúvida em seus olhos.

Ele pensou sobre lutar contra as acusações, mas para quê? Ele estava cansado de lutar, tão malditamente cansado... Parecia-lhe que tinha lutado toda a sua vida, e, nos últimos dois anos, por Elly, para ganhar a vida, por respeito, por seu país, por sua própria dignidade. E justamente quando ele parecia ter conseguido ganhar o que queria, um único olhar de questionamento havia desfeito tudo. Mais uma vez. Quando ele iria aprender? Quando ele iria parar de pensar que ele poderia ser importante para alguém da forma como algumas pessoas lhe importavam? *Tolo. Asno. Maldito estúpido!* Ele absorveu as palavras com todos os seus significados, esfregou-as como água salgada em uma ferida, voluntariamente, multiplicando sua mágoa por alguma razão obscura que ele não entendia. Depois de tudo, ele era indigno de ser amado, em toda a sua vida ele havia provado isso e parecia-lhe que “os sem amor”, como ele, eram colocados neste mundo para acumular tudo o que pudessem do amor, e, isto ferindo a sorte, o perder. Elly não o amava ou ela teria se levantado em sua defesa, assim como, irrefletidamente, Thomas havia feito. Por quê? Por quê? O que faltou a ele fazer? O que mais ele precisava provar? *Maldito, Parker! Quando você vai crescer e perceber que você está sozinho neste mundo? Ninguém lutou por você quando você nasceu e ninguém vai lutar por você agora. Desista. Deite-se aqui no fedor da urina de outros homens e perceba que você é um perdedor. Para sempre.*

Em uma clareira, diante da casa de Rock Creek Road, Eleanor Parker observou a lei transportar seu marido para a cadeia e conheceu um terror maior do que o medo de sua própria morte, um desespero mais acentuado do que o de dor física, e a autoacusação mais forte do que os devaneios do inferno e do enxofre de seu av .

Ela sabia, antes do carro desaparecer por entre as árvores, que havia cometido um erro grave em sua vida. Ele tinha durado apenas uma questão de segundos, mas fora tempo suficiente para transformar Will em gelo. Ela havia visto e sentido a sua retirada para dentro de si mesmo, um balde de água fria em seu rosto. E era inteiramente culpa dela. Ela podia muito bem imaginar o que ele estava sofrendo, enquanto partia para a cidade com as mãos algemadas, desolado e desesperado.

Bem, que se exploda! Ela não era nenhuma santa, nem um anjo! Então, ela reagiu ao choque. Ela o defenderia. Will Parker não poderia ter matado Lula Peak, assim como ele não poderia matar Lizzy Parker e Elly sabia disso sim.

O sangue do inferno e do enxofre de Albert See, de repente, saltou em suas veias onde tinha estado martelando desde o seu nascimento, esperando uma chance de fluir quente por uma causa. E que causa! O amor de um homem. Ela havia esperado muito tempo para encontrá-lo, tinha sido muito feliz e gostado disso, tinha mudado muito beneficamente sob a influência de Will... e não ia perder isso e a ele. Então, ela endireitou a coluna, amaldiçoo o que quer que fosse que tirava a paz, e transformou o terror em energia, o desespero em determinação e a autoacusação em uma promessa.

— Eu vou tirar você de lá, Will. E você vai saber que, o que você viu nos meus olhos por aquele pequeno instante não quis dizer nada. Foi humano. Eu sou humana. Eu cometi um erro. Agora, observe-me desfazendo-o!

Ela correu para o quarto.

— Thomas, pegue o seu casaco — Elly gritou, com passos largos. — ...três fraldas extras para Lizzy Parker, e vá à despensa e busque seis frascos de mel; não – oito, para o caso de precisarmos. Nós estamos indo para a cidade.

Ela agarrou os cupons de racionamento, uma caixa de pêssegos, uma lata de biscoitos de aveia, um pote de sopa e o mel. Pegou Lizzy, com fralda molhada e tudo, a chave do carro e um travesseiro para poder se sentar e ver melhor sobre o volante. Em cinco minutos as rodas estavam se movimentando, os dedos de suas mãos estavam brancos de tanto apertar o volante com medo. Mas o medo não iria parar Elly agora.

Ela tinha dirigido apenas algumas vezes antes, ao redor do quintal e para baixo da estrada do pomar. E ela quase quebrara três pescoços na primeira vez, ela com a certeza de que mataria a si e as suas duas crianças antes de chegar ao final do caminho. No entanto, ela o alcançara muito bem, fizera uma ampla curva à direita, saíra da vala, e corrigira o curso do carro sem contratempos.

Mas, agora, o suor escorria de seus poros enquanto ela segurava o volante e continuava dirigindo. Fazia isso por Will e por si mesma, e para as crianças que o amavam mais do que pipoca de cinema, filmes ou Hopalong Cassidy. Ela fazia isso porque Lula Peak fora uma mentirosa, falsa, maliciosa, e uma

mulher assim não deveria ter o poder de criar uma dificuldade entre marido e mulher, que tinham passado perto de dois anos construindo um ao outro, por acharem que estavam destinados realmente um ao outro. Ela fazia isso porque, em algum lugar de Whitney, uma escória tinha feito aquilo: matado Lula, e não ia conseguir colocar a culpa em seu homem, prendendo-o. De jeito nenhum! Não, mesmo que ela tivesse que conduzir este maldito carro até Washington DC, para ver a justiça ser feita.

Ela deixou Thomas, Lizzy Parker, os biscoitos e a sopa na casa de Lydia com apenas uma explicação concisa: — Eles prenderam Will pelo assassinato de Lula Peak e eu estou indo contratar um advogado!

Ela dirigiu a cinquenta milhas por hora o resto do caminho para a cidade. Passou pela praça e pela zona Sul, com destino à escola; passou por cima de alguns metros de grama, antes de chegar com o pneu dianteiro esquerdo esmagando uma roseira recém-plantada pela professora da segunda série, a senhorita Natalie Pruitt, que havia trazido a muda do jardim de sua mãe para embelezar o terreno da escola. Elly informou que Donald Wade iria descer do ônibus na casa de Lydia Marsh. Em seguida, foi em direção à biblioteca e, acidentalmente, ao estacionar, colocou o carro em cima da calçada. E ali ficou, bloqueando os pedestres, enquanto ela corria para dentro e dava a notícia para a Senhorita Beasley.

— Reece Goodloe, aquela formiga mijadora, foi lá em casa e prendeu Will pelo assassinato de Lula Peak. Vai me ajudar a encontrar um advogado?

O que se seguiu provou que, se uma mulher apaixonada pode mover montanhas, duas podem mover marés. A Senhorita Beasley arrancou os livros das mãos de dois leitores, ordenando: — A biblioteca será fechada, vocês vão ter que sair.

Seu casaco voou atrás dela como uma bandeira ao vento forte, enquanto seguia Elly para a porta, já aconselhando.

— Ele deve ter o melhor.

— Apenas diga-me quem.

— Nós precisamos chegar a Calhoun de alguma forma.

— Eu dirigi até Whitney, eu posso dirigir até Calhoun.

A Senhorita Beasley sofreu um momento de hesitação quando ela observou o Modelo A com a sua tampa do radiador a doze centímetros da parede de tijolo. O guarda de trânsito da cidade vinha correndo pela calçada naquele momento, sacudindo o punho sobre sua cabeça. — Quem diabos estacionou essa coisa aí?

Mas a Senhorita Beasley colocou dez dedos em seu peito e o empurrou de volta.

— Cale a boca, Sr. Harrington, e saia de nosso caminho ou eu vou dizer à sua esposa como você cobiçava as aborígenes nuas nas edições anteriores da National Geographic todas as tardes de quinta-feira, quando ela pensava que você estava lá embaixo verificando o Ten Posted Most Wanted.^[44] Entre, Eleanor. Nós já perdemos muito tempo.

Quando as duas mulheres estavam no carro, Elly desceu com ele da calçada, e, antes de assumir o controle e colocar o carro corretamente na pista, ela ainda subiu no meio-fio do outro lado da rua e quase passou por cima do par de octogenários que

estavam fora de seus bancos da praça. A Senhorita Beasley esticou os olhos ao redor e aconselhou, em seu tom habitual e sereno:

— Cuidado para não atropelar o Norris e a Nat MacReady, Eleanor, eles fazem um grande serviço para esta cidade, você sabe.

Os seios da Senhorita Beasley saltaram e ficaram como as orelhas de um spaniel, quando o carro se sacudiu para frente, acelerando vinte milhas por hora. Ele chegou sacudindo ao lado da bomba de gasolina, quase batendo nela. Quatro cupons de racionamento depois, Elly e a Senhorita Beasley estavam no caminho para Calhoun.

— O Sr. Parker é inocente, é claro — a Senhorita Beasley afirmou inequivocamente.

— Claro. Mas aquela mulher foi à biblioteca persegui-lo, não foi? Isso vai pegar mal para ele.

— Humm. Eu tenho uma ou duas coisas a dizer ao seu advogado sobre isso!

— Que advogado teremos?

— Há apenas um, se você quiser ganhar. Robert Collins. Ele tem a reputação de vencer qualquer batalha judicial, e a ganhou desde aquela primavera quando eu tinha dezenove anos. Ele apareceu e desafiou os caçadores de perus selvagens, com suas barbas longas. Colocou sua placa de advogado ao lado da farmácia de Haverty e ao lado de duas dezenas de outros advogados mais antigos e mais experientes. Pelo que me lembro, eles tinham dado a Robert pouca atenção, com meios sorrisos zombeteiros, com a ideia de que um mero garoto

pudesse superar qualquer um deles, grandes oradores, os caçadores de perus, sempre praticando sua repugnante escarrada quando uma garota caminhava pela rua e, então, rindo quando ela se assustava. Bem, Robert ganhou naquele ano o prêmio do caçador, se bem me lembro, com uma espingarda calibre doze, doada pelos comerciantes locais, e ele vem ganhando desde então. Ele havia se graduado em Dartmouth como um dos melhores da sua classe. Dois anos mais tarde, ele assumiu um caso nada popular e ganhou a indenização para um jovem menino negro que perdeu as pernas quando ele foi empurrado para dentro da roda de pás de um moinho onde ele trabalhava, pelo proprietário do moinho. O proprietário era branco, e um júri imparcial era difícil de encontrar. Mas Robert encontrou um, e fez um nome para si mesmo. Depois disso, ele processou uma mulher de Red Bud que matou seu próprio filho com uma enxada de jardim para que ele não se casasse com uma moça que não era da Igreja Batista. Claro, Robert teve todos os Batistas do condado escrevendo-lhe cartas cheias de veneno, declarando que ele estava difamando a religião. Os diáconos da igreja lhe deram as costas, até mesmo o seu próprio ministro, mesmo Robert sendo Batista, porque, como se viu, a assassina era uma devota fervorosa que contribuía com fundos para uma nova igreja de pedra depois que um tornado derrubou a outra. Uma temente — a Senhorita Beasley adicionou, depreciativamente. — Você conhece o tipo — ela parou para um breve suspiro e continuou entoando: — De qualquer maneira, Robert a processou e ganhou, e, desde então, ele é conhecido como um homem que não vai ceder às pressões sociais, um

defensor dos oprimidos. Um homem honrado aquele Robert Collins.

Elly o reconheceu imediatamente. Era o homem que passara conversando com o juiz Murdoch no dia do seu casamento. Mas ela teve pouco tempo para ficar lembrando, antes de se concentrar na surpreendente conversa entre o advogado e a Senhorita Beasley.

— Beasley, minha secretária disse. E eu perguntei a mim mesmo se poderia ser de fato Gladys Beasley — ele cruzou a antessala lotada, desordenada, em um passo tranquilo, estendendo uma mão magra.

— Pode ser e é. Olá, Robert.

Apertando a mão dela entre as suas, ele riu, mostrando os dentes amarelados, o rosto enrugado, cercado por um cabelo da cor de teias de aranha. — Sempre formal, não é? A única menina na escola que me chamou de Robert, ao invés de Bob. Você ainda está carimbando livros na Biblioteca Carnegie?

— Estou. E você ainda está atirando em perus no Red Bone Ridge?

Mais uma vez ele riu, inclinando-se para trás, ainda segurando a mão dela. — Estou. Ensaquei um na minha última vez.

— Com um longo esporão, sem dúvida, que você pendurou na parede da farmácia para colocar os veteranos em seus lugares.

Uma vez mais sua risada ecoou pela sala. — Com uma memória dessas você teria sido uma boa advogada.

— Deixei isso para você. Mas não o fiz, porque as meninas não eram encorajadas a assumir a lei naqueles dias.

— Agora, Gladys, não me diga que você ainda guarda rancor porque me pediram para fazer o discurso de despedida?

— Nem um pouco. O melhor homem ganhou — de repente ela ficou séria. — Chega de conversa fiada, Robert. Eu lhe trouxe uma cliente, muito necessitada de seus serviços especializados. Eu deveria tomar isso como um favor pessoal se você a ajudar, ou mais precisamente, ao seu marido. Esta é Eleanor Parker. Eleanor conheça Robert Collins.

Apertando sua mão, Elly indagou: — O senhor tem uma esposa, Sr. Collins?

— Não, eu não, não mais. Ela morreu há alguns anos.

— Ah. Bem, então isto é para o senhor.

— Para mim — ele repetiu, satisfeito, aceitando o litro de mel, segurando-o no alto. — E há mais de onde esse veio, além de leite e carne de porco, galinhas e ovos fornecidos enquanto essa guerra durar, e cupons de racionamento vindo junto com todo o dinheiro que o senhor precisar para limpar o nome de Will.

Ele riu novamente, examinando o mel. — Isto poderia ser interpretado como suborno, você não acha, Gladys?

— Interprete do jeito que você quiser, mas o experimente com um muffin. É indescritível!

Ele se virou, levando o mel para seu escritório bagunçado, convidando-as: — Entrem, as duas, e fechem a porta para que possamos conversar. Sra. Parker, em relação aos meus honorários, vamos conversar sobre isso mais tarde, depois que eu decidir se eu posso ou não pegar o seu caso. Mas já lhe

afirmo que honorários não me impedem de pegar um caso, se ele me convencer.

Já sentada, Elly rapidamente assegurou a Robert Collins: — Ah, eu tenho dinheiro, Sr. Collins, não tema. E eu sei onde posso conseguir mais.

— De mim — repôs a Senhorita Beasley.

A cabeça de Elly girou. — Da senhorita? — ela repetiu, surpresa.

— Nós estamos divagando, Eleanor, com o tempo valioso de Robert — a senhorita Beasley se voltou didaticamente. — Nós vamos discutir isso mais tarde. Sozinhas.

Não demorou quinze minutos para Robert Collins examinar os poucos fatos conhecidos pelas mulheres e informá-las de que ele estaria na prisão o mais rápido possível para conversar com Will e tomar a sua decisão sobre defendê-lo. E antes que uma hora se passasse, a própria Elly estava em pé no escritório do xerife Goodloe com outro pote de mel em sua mão. Ele estava entretido numa conversa com o seu vice, mas ergueu o olhar quando ela entrou. Prontamente, ele começou: — Agora, Elly, eu disse em sua casa que você não poderia vê-lo até que você tivesse um advogado.

Ela colocou o pote de mel sobre a mesa. — Vim para pedir desculpas — ela o olhou nos olhos com seriedade. — Cerca de uma hora atrás eu o chamei de formiga mijadora quando, na verdade, eu sempre tive um justo respeito por você. Eu sempre quis lhe agradecer por me tirar daquela casa onde eu cresci, mas esta é a primeira chance que eu tenho de fazer isso — ela fez um

gesto em direção ao mel. — É por isso. Não tem nada a ver com o Will. Mas eu quero vê-lo.

— Elly, eu disse a você...

— Eu sei o que você me disse, mas eu pensei sobre que tipo de lei é essa, que lhe permite prender uma pessoa sem deixá-la explicar às pessoas o que realmente aconteceu. Eu sei tudo sobre ser preso assim. Não é justo, Sr. Goodloe, e você sabe disso. Você é um homem justo. Você foi a única pessoa que se levantou por mim quando me mantiveram naquela casa e deixaram a cidade inteira achar que eu era louca por causa disso. Bem, eu não sou. Os únicos loucos são os que fazem as leis que proíbem uma esposa de ver seu marido, que é a minha vontade agora, quando ele está num poço de desespero. Eu não estou pedindo que você abra a porta ou nos coloque em uma sala privada. Eu não estou sequer lhe pedindo para nos deixar em paz. Tudo o que eu estou pedindo é o que é justo.

Goodloe olhou para ela e para o mel. Ele se sentou em sua cadeira, cansado e passou as mãos sobre o rosto em frustração. — Maldição, Elly, eu tenho regulamentos...

— Ah, deixe-a falar com ele — disse o vice, interrompendo-o, dando um leve sorriso para Elly. — O que vai doer? — o Xerife Goodloe deu uma olhada no homem mais jovem, que deu de ombros e acrescentou: — Ela está certa e você sabe disso. Não é justo — então, para surpresa de Elly, o homem mais jovem veio para frente, estendendo-lhe a mão. — Lembra-se de mim? Jimmy Ray Hess. Fizemos a quinta série juntos. Falando de justo, eu sou um daqueles que costumava lhe chamar de nomes, e se você pode pedir desculpas, eu também posso.

Surpreendida, ela apertou a mão dele.

— Jimmy Ray Hess — ela repetiu, maravilhada. — Bem, eu aceito.

— Certo — ele orgulhosamente manuseou a estrela em sua camisa. — Vice-xerife de Gordon County agora — de forma amigável, ele se voltou para seu superior: — O que você diz, Reece, ela pode vê-lo?

Reece Goodloe sucumbiu e bateu a mão na mesa. — Infernos, às vezes eu me pergunto quem é o chefe por aqui. Tudo bem. Leve-a para dentro.

O vice liderou o caminho. — Venha, Elly, eu vou lhe mostrar o caminho.

Andando com Jimmy Ray, Elly sentiu sua fé na humanidade se restaurando. Ela contou quem a tinha ajudado naquele dia: Lydia, a senhorita Beasley, Robert Collins, e agora Jimmy Ray Hess.

— Por que você está fazendo isso, Jimmy Ray? — ela perguntou.

— Seu marido, ele era um fuzileiro naval, não era?

— É isso mesmo, em First Raiders.

Jimmy Ray lhe lançou um sorriso torto destacado com orgulho latente.

— Sargento Jimmy Ray Hess, Companhia Charlie, Marinheiro, ao seu serviço, senhora — dando-lhe uma saudação, ele abriu a última porta que conduzia para dentro da cadeia. — A terceira, à esquerda — ele informou; em seguida, fechou a porta, deixando-a sozinha no corredor de frente para uma longa fileira de celas.

Elly nunca tinha estado em uma prisão antes. Era úmida e sombria. Ela ecoava e cheirava mal. Sua alma murchou momentaneamente, a mesma alma erguida por Jimmy Ray Hess.

Mesmo antes de chegar até Will, o seu coração se partiu. Quando ela o viu, enrolado em sua cama, de costas para as barras, teve vontade de se por de joelhos naquele lugar, clamando por perdão por algo que ela fizera ou deixara de fazer.

— Olá, Will — disse ela, calmamente.

Assustado, ele olhou por cima do ombro, limpando cuidadosamente toda a reação de sua face; em seguida, enfrentou a parede novamente. — Eu pensei que não iam deixá-la vir aqui.

Elly se sentiu como se seu coração fosse quebrar. — Isso é o que você queria?

Quando ele se recusou a responder, ela acrescentou: — Acho que eu sei por quê.

Will engoliu em seco e olhou para a parede, sentindo um nó de emoção encher sua garganta.

— Vá em frente, dê o fora daqui. Eu não quero que você me veja aqui.

— Nem eu, mas agora que eu vi, eu tenho algumas perguntas que preciso fazer.

Friamente, ele disse para a parede: — Ah, como eu matei aquela vagabunda? Como me lancei sobre ela? — ele riu, sem alegria; depois, jogou-lhe por cima do ombro: — Bem, você pode simplesmente ir sem saber, porque se essa é toda a fé que você tem em mim, eu não preciso de você.

O remorso perpassou o corpo de Elly. Com ele veio repentinas lágrimas pungentes. — Por que você não me contou sobre ela, Will? Quando aconteceu, quando ela foi até a biblioteca... Se você tivesse dito, eu não teria tido uma surpresa hoje.

Abruptamente, ele ficou de pé e a confrontou com os punhos cerrados e as veias aparecendo agudamente em sua garganta: — Eu não deveria ter que te dizer que eu não fiz as coisas. Você deveria saber o que eu faço pelo tipo de homem que eu sou. Mas tudo que você teve que ouvir foi uma palavra daquele xerife para pensar que eu era culpado, não foi? Eu vi isso em seus olhos, Elly, portanto, não negue.

— Eu não vou negar — ela sussurrou, envergonhada, enquanto ele estava frenético, passando as mãos pelo cabelo.

— Cristo, você é minha mulher! Você sabe o que fez comigo quando você me olhou daquele jeito, como se eu fosse um assassino?

Ela nunca o tinha visto com tanta raiva antes, nem tão desolado. Mais do que qualquer coisa ela queria tocá-lo, tranquilizá-lo, mas ele andava para frente e para trás entre as paredes laterais, como um animal, bem fora do seu alcance. Ela fechou a mão sobre uma barra de ferro preto.

— Will, perdoe-me. Eu sou humana, não sou? Eu cometo erros como qualquer outra pessoa. Mas eu vim aqui para desfazê-los e lhe dizer que estou triste por aquilo ter passado pela minha cabeça, sobre o que você poderia ter feito. Mas não se passaram três minutos depois que te levaram, para eu

perceber que você não poderia ter feito isso. Não você, não o meu Will.

Com uma parada abrupta, Will a prendeu com olhos castanhos condenatórios. Seu cabelo estava desgrenhado. Seus punhos ainda estavam contraídos. Enquanto ele e Elly se enfrentavam numa batalha silenciosa, enquanto ele lutava contra o desejo de passar através da cela e tocá-la, esmagar as mãos debaixo das suas sobre as barras de ferro, retirar-lhe o sustento que ele precisava para enfrentar a noite e o amanhã, e qualquer coisa que estivesse por vir. Mas a dor dentro dele ainda era muito recente. Então, ele voltou a uma voz fria, amarga: — Sim... Bem... você se atrasou três minutos, demasiado atrasada, Elly, porque eu não me importo com o que você pensa agora — era uma mentira que o machucou tanto quanto a machucava. Ele viu o choque no rosto dela e se preparou para voltar para ela com um pedido de desculpas, tomar seu rosto entre as mãos, e beijá-la entre as barras que os separavam.

— Você não quer dizer isso, Will — ela sussurrou com os lábios trêmulos.

— Não quero? — ele revidou, ordenando a si mesmo para ignorar as lágrimas que fizeram seus grandes olhos verdes parecerem brilhantes como o orvalho beijando a grama. — Eu vou deixar você ir para casa, e aí me perguntarei como é que eu vim parar aqui e se você acredita mesmo que sou inocente.

Por vários segundos inescapáveis, enquanto os seus corações trovejavam, eles olharam um para o outro, machucados; amando-se, mas com medo. Então ela engoliu em seco e baixou a mão da barra de ferro, deu um passo para trás e

falou calmamente: — Tudo bem, Will, eu vou embora se é o que você quer. Mas, primeiro, apenas me responda uma pergunta. Quem você acha que a matou?

— Eu não sei — ele ficou parado como uma estátua, teimoso demais para dar o passo necessário para acabar com aquele inferno autoimposto. *Não vá, eu não quis dizer isso, eu não sei por que eu disse isso... Oh, Deus, Elly, eu te amo tanto!*

— Se você quiser me ver, diga a Jimmy Ray Hess. Ele vai me avisar.

Só quando ela se foi, que ele cedeu. As lágrimas vieram quando ele se virou para a parede, pressionando os punhos e antebraços de encontro a ela, enterrando seus olhos.

Elly, Elly, não acredite em mim! Eu me importo tanto com o que você pensa de mim, que eu preferia estar morto a ter de ver você me vendo neste lugar.

A Senhorita Beasley tinha, gentilmente, esperado no carro. Voltando, Elly parecia pálida e abalada.

— O que foi, Eleanor?

Elly olhou rigidamente para fora do para-brisa. — Eu cometi um erro com o Will — ela respondeu, prontamente.

— Cometeu um erro com ele? Por quê? Do que você está falando?

— Quando o xerife foi à nossa casa e disse que Lula Peak estava morta... A senhorita vê, passou pela minha mente, por apenas trinta segundos, que Will poderia ter feito isso. Eu não

disse, mas eu não tive que dizer. Will viu isso no meu rosto e agora ele não quer falar comigo — Elly apertou os lábios para manter o queixo firme.

— Não vai falar com você, mas...

— Ah, ele gritou, tirou de seu peito o quanto eu o feri. Mas ele ficou na cela e não pegou na minha mão, ou sorriu, ou qualquer coisa. Ele disse que não importava mais para ele o que eu penso — ela cobriu os olhos e baixou a cabeça.

A Senhorita Beasley ficou irritada com a insensibilidade de Will e tocou o ombro de Elly.

— Escute aqui, jovem. Você não fez nada que qualquer ser humano normal não teria feito.

— Mas eu deveria ter confiado nele!

— Então, você experimentou um momento de dúvida? Qualquer mulher teria sentido o mesmo.

— Mas a senhorita não sentiu!

— Não seja uma imbecil, Eleanor. Claro que eu senti.

A surpresa fez Elly virar a cabeça para a mulher mais velha. Embora seus olhos lacrimejassem, ela enxugou-os com uma manga. — A senhorita o sentiu?

— Bem, é claro que eu senti — Gladys mentiu. — Quem não experimentaria assim? Metade desta cidade fará. Isso significa que você só terá de lutar mais para provar que eles estão errados.

A firmeza da Senhorita Beasley, subitamente, animou Elly. Ela fungou e enxugou os olhos. — Esse meu marido teimoso nem sequer me disse se ele suspeitava de alguém.

Com o retorno do controle, Elly começou a racionalizar.

— Quem poderia ter feito isso, Senhorita Beasley? Eu tenho que descobrir de alguma forma. Essa é a única maneira que eu conheço de ter o Will de volta. Por quem devo começar?

— Que tal Norris e Nat? Eles têm ficado sentados no banco do parque, durante anos, assistindo Lula Peak apontar seu corpete para qualquer coisa com calças que viesse ao longo da calçada. Eu tenho certeza de que eles sabem até o exato segundo de quanto tempo ela levava para seguir o Sr. Parker à biblioteca toda vez que ele me trazia ovos, e também quanto tempo ele levava para voltar para fora, olhando como um gato chamuscado.

— Eles saberiam?

— Claro que sim.

Elly digeriu a ideia, em seguida, teve uma própria: — E eles estão no comando da guarda da cidade, não estão?

O rosto da Senhorita Beasley se iluminou com entusiasmo. — Rondando em torno da cidade durante a noite, para ouvir os motores de avião, olhando através de binóculos e verificando cortinas opacas.

Elly lançou-lhe um olhar esperançoso, tingido com antecipação. — E perseguindo violadores do toque de recolher das ruas?

— Exatamente!

Elly ligou o motor. — Vamos lá.

Elas encontraram Norris e Nat MacReady apanhando o banho de sol do fim da tarde, em seu banco habitual da praça. Cada um recebeu um pote do puro mel da Geórgia em troca de que, cordialmente, revelassem os detalhes surpreendentes de uma conversa ouvida atrás da biblioteca, numa noite de agosto, eles acreditavam.

Eles estavam juntos há tanto tempo que poderiam ter um único cérebro trabalhando entre eles. Assim, o que um iniciava, o outro terminava.

— Norris e eu — disse Nat — estávamos andando por Comfort Street e tínhamos ido para o beco atrás da biblioteca, por onde os arbustos crescem, perto do incinerador...

— ...quando um sapato de salto alto voou e acertou meu pescoço... — Norris bateu no ombro de Nat. — Nat pode atestar esse fato...

— Porque eu tive uma mancha roxa lá por bem mais de quatro semanas.

— Agora, Nat — repreendeu Norris, — você pode ter se confundido com a data. Eu não acho que foi só uma vez, mas foi mais de três vezes que a vimos indo para a biblioteca.

Nat se eriçou. — Três! Sua memória está falhando, menino. Foi um total de quatro, porque, se você se lembra, eu comentei sobre isso no dia que nós...

— Senhores, senhores! — interrompeu a Srta. Beasley. — A conversa que ouviram, por favor.

— Ah, isso. Bem, primeiro veio o sapato...

— Então, ouvimos a voz do jovem Parker, alta o suficiente para acordar toda a cidade...

“Se você está com calor, Lula, vá lá para baixo da janela de outra pessoa!”

— Isso foi exatamente o que ele disse, não foi, Nat?

— Claro que foi. Então a porta bateu e a senhorita Lula...

—...ficou mais louca do que Cooter Brown, e chamou o jovem Parker de um nome que vocês senhoras são livres para ler de nosso diário de bordo, se vocês quiserem...

— Diário de bordo?

— Isso é certo. Mas Norris e eu tivemos o cuidado de não repetir, não tivemos, Norris?

— Certamente que não; não na companhia de senhoras. Diga-lhes o que aconteceu depois, Nat.

— Bem, então a senhorita Lula gritou que o jovem Will... era... — Nat limpou a garganta, enquanto procurava um eufemismo gentil. Mas foi Norris quem disse.

—...ela falou que a parte de macho dele deveria ser... — as palavras foram sussurradas, provavelmente não se encaixariam nos ouvidos das duas senhoras ali presentes.

Quase simultaneamente, a senhorita Beasley e Elly exigiram: — Vocês disseram isso para o xerife?

— O xerife não perguntou. Ele perguntou, Norris?

— Não, ele não perguntou.

O que deu a Elly a ideia sobre colocar um anúncio no jornal. Afinal, colocar um anúncio trouxe resultados antes. Por que ela não faria isso de novo? Mas os tornozelos da Senhorita Beasley estavam inchados, então Elly a levou para casa antes de retornar para o escritório do Whitney Register. Lá ela se livrou de outro litro de mel, como forma de pagamento, para o anúncio que

reportava simplesmente: “Elly Parker, do alto de Rock Creed Road, pagaria uma recompensa por qualquer informação que levasse à queda das acusações contra seu marido, William L. Parker, no caso do assassinato de Lula Peak”. Para seu espanto, o editor, Michael Hanley, ajudou-a com as palavras, agradeceu pelo mel, desejou-lhe e concluiu: — O rapaz com quem se casou, Sra. Parker, é um ótimo rapaz. Ele foi para a guerra e lutou como um homem, ao invés de correr o seu dedo através de uma serra como alguns nesta cidade.

A fala do editor trouxe à memória de Elly o antagonismo de Harley Overmire por Will e fez Elly se perguntar, brevemente, se seria digno de mencionar isso para Reece Goodloe ou para Robert Collins. Mas ela não tinha tempo para se debruçar sobre aquilo, porque depois de sair do escritório do jornal, Elly procedeu diretamente ao escritório do Pride Real Estate, onde ela, sem a menor cerimônia, bateu uma chave mestra de metal em cima do balcão, seguido por mais um litro de mel, e anunciou a Hazel Pride: — Eu tenho uma propriedade para vender.

O marido de Hazel Pride estava lutando em algum lugar no Sul da França e tinha deixado a mulher gerenciando a imobiliária, enquanto ele estava desaparecido. Ela tinha sopesado cada palavra sobre o heroísmo de Will Parker e seu Coração Púrpura, então, cumprimentou Elly, afavelmente; disse que era uma vergonha aquela acusação sobre o Sr. Parker e, se houvesse alguma coisa que ela pudesse fazer, bastaria deixá-la saber. Afinal, Will Parker era um veterano, com um Coração Púrpura, e nenhum veterano que tinha passado por tanta coisa deveria ser tratado do jeito que ele estava sendo tratado. Ela convidou

Eleanor a ir no carro dela, mas Elly declinou, seguindo-a em seu próprio carro, através do frio de uma tarde de final de inverno.

A glória-da-manhã estava seca e sem folhagem em torno da porta da frente, a trepadeira tecida em galhos grossos de crescimento negligenciado. A grama estava amarelada. De todas as coisas que Elly já fizera naquele dia, nenhuma foi tão difícil quanto entrar naquela casa triste com Hazel Pride; andando pelas sombras escuras por trás daquelas odiadas cortinas verdes; passando pela sala da frente, onde ela era obrigada a rezar; depois, no canto, onde sua avó tinha morrido sozinha em uma cadeira; passando pelo quarto onde sua mãe tinha ficado insana aos poucos; cheirando as fezes secas de morcegos provenientes do sótão; tudo misturado com poeira e mofo e más recordações. Foi difícil, mas Elly fez isso. Não só porque ela precisava do dinheiro para pagar a Robert Collins, mas, também, porque ela tinha chegado tão longe em um dia, que ela achou que poderia muito bem fazer o resto do caminho que faltava. Além disso, ela sabia que iria agradar a Will.

Na sala, ela abriu as cortinas, uma após a outra, deixando-as girar e bater em suas molas surpreendentemente tensionadas. O pôr do sol se derramou no interior e revelou nada assustador, além de partículas de poeira que nadavam através do ar viciado de uma casa abandonada com ratos andando à noite sobre o piso de linóleo.

— Dois mil e trezentos — Hazel Pride anunciou. — Um preço muito bom, considerando o trabalho que será necessário para tornar o lugar habitável novamente.

Cento e vinte e três dólares seria mais do que suficiente para pagar a conta de Collins, pensou Elly, e deixaria um extra para as recompensas que ela esperava pagar. Ela insistiu em assinar o papel lá, dentro da casa, de modo que, quando ela saísse, estivesse livre dela para sempre.

E ela se livrou da casa. Quando ela voltou para o carro, atravessando a grama alta do quintal que se estendia profundamente até a estrada, sentiu-se aliviada, absolvida. Ela pensou sobre o dia. Todos os medos que ela tinha colocado em sua cabeça tinham simplesmente sido derrotados. Ela tinha dirigido um carro até Calhoun, pela primeira vez; tinha enfrentado uma cidade que, por si só, já era intimidante; mas parecia que ela tinha colocado em movimento uma máquina de justiça e dispersado os fantasmas do seu passado.

Ela estava cansada. Tão cansada que queria direcionar o carro para a próxima estrada de acesso no campo e dormir até o outro dia. Mas Will ainda estava na cadeia e cada minuto devia transformar-se em um ano para ele. Então ela dirigiu de volta para Calhoun, para encontrar o Xerife Goodloe, dar-lhe uma bronca sobre seus métodos limitados de investigação, e entregar-lhe o diário de bordo de Norris e Nat MacReady. Ela esqueceu-se, no entanto, de mencionar Harley Overmire.

CAPÍTULO 22

A OBSTINAÇÃO E O MEL

Will se lançou em seu beliche. Um casulo de miséria. Do corredor vieram as reverberações repicadas da abertura e do fechamento da porta de metal. Ele permaneceu inerte, olhando para a parede. Passos aproximando-se. Um passo, dois passos. Sapatos de couro firme, um som familiar, muito familiar.

— Parker? — era a voz do vice-xerife. — Seu advogado está aqui.

Will se espantou: — Meu advogado? — sua cabeça saiu do travesseiro, ele esticou o pescoço e olhou ao redor.

Acompanhando o jovem vice estava um homem bastante idoso. Cabelos grisalhos e pele bronzeada, ligeiramente curvado, vestido com um terno marrom. A camisa branca estava amarrotada por trás do nó da gravata.

— Sua esposa veio me ver e me pediu para vir conversar com você.

Will virou-se para a beirada de seu beliche. — Minha esposa?

— E Gladys Beasley — o vice-xerife abriu a porta da cela e o advogado caminhou para dentro, estendendo a mão.

— Meu nome é Bob Collins — ele esperou, olhando para Will com olhos cinzentos que pareciam perenemente divertidos, como se estivesse acostumado a se apresentar aos detentos surpresos.

— Will Parker — levantando-se, ele se apresentou, aceitando a mão do advogado. Will pensou: *ela não só foi a*

Calhoun, mas também contratou um advogado.

Mas que tipo de advogado? Seu terno parecia como se tivesse sido lavado na máquina de lavar roupa e a camisa parecia como se não tivesse sido passada. Seu cabelo estava revoltado como o de um leão indo caçar, um tufo estava levantado acima do resto, como se estivesse pronto para voar ao menor sopro de vento. Ele não estava apenas desganhado, mas movia-se com uma lentidão cansada, o que fez Will temer que ele, de repente, parasse no meio do caminho para sua cadeira. Mas ele se encaminhou para lá, apontando na direção certa, enquanto Will contava os segundos – um, dois, três – e, finalmente, o velho sentou-se, expelindo sua respiração e apertando um joelho ossudo com uma mão igualmente óssea. Quando ele finalmente falou, seu tom de voz era jocosos e parecia mais adequado a um discurso em homenagem ao presidente da sociedade de horticultura das senhoras.

— Eu estudei com a Gladys Beasley. Havia uma pequena questão sobre qual de nós dois seria nomeado para orador oficial na formatura. Foi sempre de minha opinião que eles deveriam ter nomeado dois naquele ano — ele riu como para si mesmo, descansando um dedo ao longo de sua mandíbula. — Gladys Beasley, depois de todos esses anos... Você pode acreditar nisso? — ele olhou para cima com uma pitada de malícia em seus olhos. — Ela era uma mulher danada de boa de olhar. E inteligente também. A única, em toda a classe, que poderia discutir qualquer coisa mais inteligente do que o comprimento da bainha e da altura dos vestidos. Mas ela me assustava, pois era

tão brilhante! Uma época eu quis chamá-la para sair, mas não posso dizer por que eu nunca o fiz...

Will sentou-se, confuso, perguntando-se por que Gladys Beasley recomendaria um velho senhor como este. Em sua velhice parecia-lhe que a mente dele vagueava, divagava e nada mais. Will se perguntou se ele poderia ser bom o suficiente para defendê-lo. Mas apenas quando as opiniões de Will começavam a se cristalizarem, Collins lhe lançou uma bola imprevista.

— Então, Will Parker, você matou Lula Peak ou não?

Will fixou seus olhos castanhos nos olhos cinza desbotados de Collins e respondeu de forma inequívoca: — Não, senhor.

Collins concordou com a cabeça três vezes, de forma quase imperceptível, estudando Will, silenciosamente, por uns quinze segundos, antes de perguntar-lhe: — Você tem alguma ideia de quem o fez?

— Não, senhor.

Novamente veio o longo silêncio, que podia dar a impressão de máquinas enferrujadas necessitando ser oleadas dentro da cabeça de Collins. Mas quando ele falou, Will sentiu-se, de alguma forma, aliviado. — Então, nós temos trabalho a fazer. A audiência está marcada para amanhã.

Collins assumiu o caso, prometendo aplicar pressão, com um esforço para obter isso o mais rápido possível através dos tribunais. E foi muito bem, disse ele, na aplicação da pressão. Will não acreditava nele. No entanto, apesar da sua constante aparência amarrotada e sua lentidão na superfície, e de ele ter o hábito de puxar um lóbulo da orelha, cruzar os braços e parar como se estivesse confuso, ele estava contente e absorvido

totalmente com a ação da promotoria. Além disso, estava convencido de que ele poderia ganhar a simpatia do júri por aludir que a lei tinha se aproveitado de Will, principalmente, por causa de seu registro anterior de prisão, quando era o seu heroísmo na guerra que deveriam ter tido em mente. Ele deu pouco crédito à carta com as iniciais de Will, e ainda acreditava que aquilo poderia se revelar útil, uma vez que seria necessário ser um tolo, um ingênuo para acreditar naquela carta e não perceber que fora algo forjado.

A audiência foi rápida e previsível: o juiz recusou a fiança, devido os antecedentes de Will. Era um caso para tribunal de júri. O acusado não tinha permissão de ir com seu advogado na sala de audiência, assim, as provas do Procurador Geral pesaram mais fortemente do que deveriam quando refutadas. O juiz foi duro.

A decepção daquela audiência esmagou Will. Ele foi retirado da sala de audiência pela porta de trás e levado diretamente para a prisão. Ele não teve a menor chance de saber se Elly estava esperando em algum lugar no tribunal pela decisão do juiz. Ele havia tolamente esperado por um vislumbre dela, tinha fantasiado sobre ela se aproximar dele com as mãos estendidas, dizendo: “Está tudo bem, Will, vamos nos perdoar, esquecer e colocar uma pedra sobre tudo isso”. Ao invés disso, ele voltou para sua cela lúgubre, desperdiçando mais de sua vida, sem saber o que iria acontecer com ele, e se o idoso advogado, enviado a ele por Elly e Gladys Beasley, sabia bem o que estava fazendo mesmo. O espaço confinado parecia claustrofóbico. Ele sentou-se de lado no seu catre, com as costas

pressionadas nos blocos de concreto frio, e olhou diretamente através das grades, a vista e o pensamento distantes, no Texas... Planícies e lonjuras, o vento soprando através da pungente sálvia, com um imenso céu azul, que se tornava rosa, roxo ou amarelo ao pôr do sol, como se um pincel mágico definisse as planícies em chamas, isso pouco antes do anoitecer, quando, então, as estrelas apareciam feito pedras preciosas num cetim azulado.

Mas a imaginação poderia resgatá-lo apenas temporariamente. Com o tempo, ele rolou para o lado e fechou os olhos, engolindo em seco. Ele tinha perdido de novo, e ele não tinha visto Elly. Deus, como ele precisava vê-la! Como ele tinha ansiado por isso! Ele não sabia o que doía mais: o fato de que ela não estivesse por lá ou de que ele não tivesse retomado sua liberdade na audiência. Isso o tinha machucado tanto que ele estava com receio de mandar um recado para ela pelo o vice-xerife, com medo de que ele não a merecesse mais, com medo de que, mesmo que ele a chamasse, ela não viesse.

Mas não foi necessário mandar chamá-la.

— Você tem visita, Parker — anunciou Jimmy Ray Hess, abrindo-lhe a porta. — Sua esposa. Siga-me.

Então, ela tinha estado ali o tempo todo esperando pela decisão? Seu coração começou a acelerar e ele voou pela cela. — Só um minuto, Hess! — ele mergulhou na frente do espelho e arrastou um pente pelo cabelo, em quatro movimentos rápidos. O espelho refletiu seu rosto corado em expectativa, antes dele se virar e correr atrás de Hess. A sala das visitas era uma extensão longa e vazia, totalmente desprovida de qualquer conforto. Tinha

uma janela gradeada, uma mesa e três cadeiras, estas muito parecidas com as da Biblioteca Carnegie. Quando Will entrou, Elly já se achava sentada à mesa, vestindo algo novo e amarelo, segurando uma bolsa em seu colo. Hess conduziu Will em direção a ela, em seguida, tomou seu lugar ao lado da porta, cruzando os braços como se plantado ali.

Escorregando para a cadeira, de frente para Elly, Will se perguntou se ela poderia sentir o tremor de seu coração batendo. Por uns dez segundos eles se olharam.

— Olá, Will — Elly o recebeu com um sorriso triste em seus olhos.

— Olá.

Suas palavras, porém, eram mansas e ecoaram claramente através da sala. As palmas das mãos de Will estavam suando e seu pescoço estava quente, conforme ele bebia a visão dela e continha a necessidade terrível de pegar em suas mãos sobre a mesa.

— Eu sinto muito sobre a decisão do juiz. Eu pensei... Bem, eu esperava que você estivesse em casa hoje.

— Assim como eu. Mas Collins me avisou para não ter muitas esperanças, especialmente ele não podendo estar lá para ajudar.

— Isso não parece justo, Will. Quero dizer, como eles podem manter o seu advogado de fora da sala de audiência?

— Collins diz que é como a lei funciona, e a nossa chance virá quando nós formos a julgamento diante do júri.

— Ir a júri? — a testa de Elly se enrugou.

— O único que nos permite defender o nosso lado.

— Ah!

O pensamento daquilo abalou os dois enquanto olhavam um para o outro, desejando coisas simples, lamentando as palavras duras do último encontro. Elly manteve suas mãos apertadas sobre sua bolsa, enquanto Will secava as palmas das mãos sobre as coxas.

— Elly, eu...

Diga a ela que você está arrependido, seu tolo. Mas Hess estava de guarda, ouvindo cada palavra, e se desculpar era algo íntimo demais, algo para fazer no privado. O pensamento de desnudar o seu coração diante de uma plateia pareceu paralisar a língua de Will. Então, ao invés disso, ele disse a Elly: — Eu gosto de Collins. Ele é bom, eu acho. Obrigado por contratá-lo.

— Não seja bobo. Você pensou que eu não iria contratar um advogado para o meu próprio marido?

As palavras pressionaram-se contra a garganta de Will. E, de repente, com Hess ou sem Hess, ele tinha que falar:

— Eu não sabia o que pensar depois do jeito que eu falei com você da última vez.

Os olhos de Elly deslizaram para o lado.

— Eu já o tinha contratado antes de te ver.

— Ah! — Will se sentiu golpeado. Suas mãos, momentos atrás suadas, ficaram, agora, geladas.

Então, o que você esperava, Parker, depois do jeito que você falou com ela? Novamente veio o desejo dolorido de lhe pedir perdão, seguido pelo medo poderoso de que ela não fosse se interessar, e se isso acontecesse, ele não teria nenhuma razão para lutar contra o seu caminho para fora dali. Então, ele

ficou paralisado. O seu coração dolorosamente clamava por ela, mas estava batendo junto a um nó asfixiante na sua garganta.

— Você está bem? — Elly indagou, deixando seu olhar vacilante voltar para o dele. — Eles te alimentam bem aqui?

Will engoliu o nó e conseguiu soar normal: — Muito bem. A esposa do xerife é quem cozinha.

— Bom... você parece bem — ela deu um sorriso nervoso.

Silêncio novamente. Mais complicado pelos minutos que corriam rapidamente, e o fato de que eles falavam de tudo, exceto do que era fundamental em suas mentes.

— Como você chegou aqui? — ele se encontrava obcecado com um desejo irracional de saber tudo o que ela tinha feito e pensado desde que ele estava ali. Ele queria preencher os espaços em branco do tempo que ele fora forçado a desistir dela. A vida se tornara tão preciosa para ele desde que ela se tornara parte dela, que ele se sentia duplamente despojado de sua liberdade.

— Ah, eu peguei uma carona — disse ela, evasiva. Distraidamente, Elly mexeu no fecho de sua bolsa e ambos estudaram as mãos, até que seus olhos pareceram queimar. Finalmente, ela abriu a bolsa e disse-lhe baixinho: — Eu sei que você me disse para eu não vir, Will, mas eu tinha que trazer esses presentes das crianças.

Ela retirou da bolsa dois papéis enrolados e os entregou sobre a mesa.

— Espere! — Hess ordenou bruscamente e saltou para frente para confiscá-los.

Elly ergueu o olhar, ferida: — São apenas lembranças das crianças.

Hess os examinou, depois os entregou de volta. E retornou para o seu posto ao lado da porta.

Novamente, Elly ofereceu os papéis enrolados: — Aqui, Will.

Ele os desenrolou, encontrando dois desenhos singelos de flores e pessoas, e a mensagem: “Eu te amo, Will”, fielmente duplicada, quase indecifrável nos papéis desenhados, seguido pelos seus nomes: Donald Wade e Thomas. Will teve de trabalhar muito duro para conter as lágrimas e não deixar que brotassem.

— Puxa! — disse ele com voz grossa, olhos para baixo, com receio de que ela tivesse percebido o quão perto ele estava daquela fronteira onde se pode perder o controle.

— Eles sentem falta de você — ela sussurrou, em tom de queixa, enquanto ela pensava: *...e eu sinto tanto a sua falta. Eu sofro sem você. A casa está terrível, o trabalho parece inútil, a vida dói.* Mas ela estava sem coragem de dizer, com receio de ser rejeitada novamente.

— Eu sinto falta deles também — o queixo de Will permaneceu achatado contra o peito. — Como eles estão?

— Eles estão bem. Eles estão na casa de Lydia, hoje, todos os três. Quer dizer, Donald Wade vai chegar lá quando vier da escola, no ônibus escolar. Ele adora a Lydia. Ele e a Sally estão construindo um forte.

Will limpou a garganta e olhou para cima, seu coração ainda tropeçando, desejando inutilmente que ela não precisasse

vê-lo naquele lugar que rebaixava a autoestima de um homem, desejando pela centésima vez que ele não tivesse dito o que ele tinha dito na última vez em que ele a viu, precisando terrivelmente saber se ela, como as crianças, ainda o amava. *Diga-lhe que você está arrependido, Parker! Basta colocar isso para fora, e essa miséria vai acabar!*

Ele abriu os lábios para iniciar suas desculpas, mas ela já estava falando: — A Senhorita Beasley disse que o Sr. Collins é o melhor.

— Eu confio em seu julgamento — ele limpou a garganta e se endireitou. — Mas eu não sei onde vamos conseguir o dinheiro para pagá-lo, Elly.

— Não se preocupe com isso. O negócio com o mel está bom, temos dinheiro no banco e a Senhorita Beasley se ofereceu para ajudar — ela não queria falar que colocara a casa de sua família à venda, pois ela não sabia se alguém se interessaria por ela.

— Ela se ofereceu?

Elly concordou. — Mas eu não pretendo deixá-la fazer isso, a menos que esta seja a única opção.

— Isso é sábio, Elly — ele acrescentou.

Novamente veio o silêncio opressivo e a compulsão de tocar suas pontas dos dedos. Mas ele estava com medo de aproximar e ela estava com medo de que Hess fosse saltar em cima dela de novo, então nenhum deles se moveu.

— Bem, ouça — ela ergueu o rosto e sorriu um grande sorriso luminoso; mas era tão falso como se tivesse sido esculpido por uma faca em uma abóbora. — Eu tenho que ir

agora, porque eu tive que deixar as crianças algumas vezes com a Lydia ultimamente e eu não quero ficar abusando do tempo dela.

O pânico inundou Will. Ele não tinha feito nenhuma das coisas que ele se destinara a fazer em seu íntimo. Ele não tinha tocado nela, nem pedido desculpas, não tinha elogiado o seu lindo vestido novo, não tinha dito a ela que a amava, tampouco dito qualquer uma das coisas que se aglomeravam dentro do seu coração. Mas, provavelmente, o melhor era deixá-la ir. Não importava o que Collins dissesse, ele não ia vencer aquela partida. Ele era um perdedor nato. Inocente ou não, ele seria obrigado a perder este julgamento, e quando isso acontecesse, eles o prenderiam por todos aqueles incontáveis anos. Eles faziam isso em uma segunda condenação por homicídio, ele sabia. E nenhuma mulher deveria ter que esperar por um homem que estaria com sessenta, setenta ou mais, quando ele saísse da prisão. Se ele saísse.

Elly deu um passinho para frente de sua cadeira.

— Bem... — ela levantou-se, hesitante, ainda com um aperto das duas mãos em sua pequena bolsa preta. Ele não se lembrava dela sempre carregar uma bolsa antes; isso o fez se sentir como se ele estivesse preso por nove anos ao invés de nove dias, como se tudo estivesse mudando sutilmente, enquanto ele não estava lá para ver.

Ele também ficou de pé, apertando os papéis enrolados com as duas mãos. — Obrigado por ter vindo, Elly. Diga aos meninos que mandei um obrigado, por esses desenhos.

— Eu direi.

— Beije a Lizzy por mim.

— Eu vou... — as palavras se partiram ao meio. O queixo dela começou a tremer. E ela, forçosamente, tencionou-o. Eles olharam um para o outro. Seus olhos ardiam e seus batimentos cardíacos os feriam.

— Elly... — ele sussurrou e parou. Suas mãos permaneceram segurando fortemente os dois papéis enrolados, uma mensagem tensa, desamparada de tudo o que não tinha sido dito.

Os olhos brilhavam com lágrimas diante das pálpebras dela. — Eu tenho que ir, Will — ela sussurrou e, lentamente, andou. Depois, ela recuou um passo e ele viu seu peito começar a arfar, como se ela estivesse soluçando internamente.

Angustiado, ele se afastou e caminhou para a porta. — Eu estou pronto, Hess! — as palavras continuaram ressoando na sala vazia, pois Will deixou que Elly derramasse suas lágrimas sem ser observada.

Ela não voltou. Mas a Senhorita Beasley veio, num outro dia, com a boca crispada e um olhar de reprovação em seu rosto.

— Então, o que você fez com aquela criança? — ela exigiu, antes de Will sequer tocar em sua cadeira.

— O quê? — seus olhos ficaram maiores de apreensão.

— O que você fez a Eleanor? Ela foi à minha casa chorando na noite passada e disse que você não a amava mais.

— É melhor se ela acreditar nisso.

— Idiota! — a palavra ecoou pelas paredes, fazendo Will se surpreender. Ele se sentou em silêncio, enquanto a Srta. Beasley

continuava severa: — Ela é sua esposa, Sr. Parker! Como você se atreve a tratá-la com frieza?

— Se veio aqui para me mandar para o inferno, a senhorita não precisava...

— É exatamente por isso que eu vim aqui, seu jovem arrivista! E não me fale nesse tom de voz!

Will deixou-se ficar sobre a cadeira, depois sentou-se expandindo-se, mas estava cansado. — A senhorita sabe... isso é tudo o que eu precisava hoje, Senhorita Beasley...

— O que você precisa, meu jovem, é de uma boa reprimenda, e você irá obtê-la. Tudo o que você disse para aquela jovem, colocando-a naquele estado, é insustentável. Se alguma vez houve um momento em que você precisasse ampará-la, o momento é esse.

— Ampará-la? — Will endureceu e fincou as duas mãos sobre o peito. — Pergunte a ela sobre me amparar!

— Ah, eu suponho que você está sentado aqui, emburrado, porque ela teve que tomar dez segundos para digerir a acusação de Reece Goodloe antes de se confrontar com ele.

— Digerir? Ela fez mais do que digerir! — ele apontou em direção a lá fora. — Ela pensou que eu fiz aquilo! Ela realmente pensou que eu matei Lula Peak!

— Ah, ela pensou, não foi? Então por que ela está publicando anúncios nos jornais de Whitney e de Calhoun oferecendo recompensas por qualquer informação que leve à sua absolvição? Por que ela, sozinha, arrecadou uma dúzia de testemunhas para depor em seu favor? Por que ela teve que aprender a dirigir um carro e recusar...

— Dirigir um carro?

— ...a minha ajuda financeira e correr por todo Gordon County dando mel para fazer as pessoas esquecerem todas as coisas desagradáveis que elas disseram sobre ela durante anos, e atormentar o xerife Goodloe para encontrar o verdadeiro assassino? E por que ela procurou Hazel Pride e a levou para que visse a casa... a casa que nenhuma mulher que sofreu como Eleanor deveria ter de entrar de novo?

Will, finalmente, conseguiu dizer uma palavra. — Quem é Hazel Pride?

— Nossa corretora de imóveis local. Eleanor colocou a casa de seu avô à venda para pagar os honorários do seu advogado, para que você obtenha a melhor defesa que um homem pode eventualmente chegar a ter neste estado. Mas para fazer isso ela teve de encarar aquela casa... e uma cidade cheia de desprezíveis... traseiros de cavalos que não mereciam ser bajulados. Mas ela bajulou, e ela fez isso por você, Sr. Parker! Porque ela te ama tanto que ela iria enfrentar qualquer coisa neste mundo por você. E você a paga de volta, retendo o seu perdão... por causa de uma reação que teria sido natural em você também se tivesse sido ela a ter um registro de prisão anterior e que estivesse sendo acusada novamente — dito isso, a Senhorita Beasley se recompôs.

— Ela me disse que pegou uma carona para Calhoun...

— Pegou uma carona, até parece! Ela dirige aquele automóvel deplorável, que você arrumou junto com cuspe e fio, e se ela não se matar antes disso tudo acabar, vai ser um milagre. Ela quase matou Nat e Norris, para não dizer dos edifícios que

ela esbarrou e as calçadas que ela escalou. As roseiras das pessoas não estão mais seguras no gramado da frente! Ela morre de medo daquela coisa, mas ela agarra o volante e dirige pensando em você! Vem até Calhoun, às vezes duas vezes por dia, apenas para voltar para casa acreditando que você não a ama mais. Bem, envergonhe-se, Sr. Parker! — a Senhorita Beasley sacudiu o dedo para Will como se ele tivesse seis anos de idade. — Agora eu quero que você considere como você a machucou, ao invés de ficar sentado aqui, pensando apenas em si mesmo. E da próxima vez que ela vier para visitá-lo, faça as pazes!

Como um júri, a sentença que a Senhorita Beasley ofereceu a Will não lhe deixou nenhuma chance de argumentar. Ela saiu imediatamente, feito uma rajada, deixando-o como se ele tivesse acabado de ter passado por um tornado.

De volta a sua cela, Will teve uma reação curiosa. Um minuto de alegria. Elly... dirigindo o carro? Elly... juntando testemunhas? Elly... indo àquela casa? Por ele!

Pareceu-lhe inteiramente que, o que a Senhorita Beasley tinha a intenção de fazer, em sua própria maneira inimitável, ela o tinha feito: fê-lo perceber o quanto Elly o amava. Ela devia amá-lo muito para enfrentar todas essas apreensões, todos os medos que a tinham mantida prisioneira em Rock Creek Road por anos, que a tinham mantido afastada dos habitantes da cidade, negando que ela precisasse de alguém.

Depois da visita da Senhorita Beasley, o torpor de Will desapareceu. Foi, então, substituído por inquietação e uma luz de esperança. Ele passeou por sua cela, estalando os dedos,

sensibilizado pelas testemunhas que Elly estaria encontrando, sorrindo diante da ideia de ela procurar adoçá-las com mel. *Deus, que mulher!* Ele andou... e ponderou... e agradeceu à sua estrela da sorte por ambas: Elly e Gladys Beasley. Depois de uma hora, após a partida da Senhorita Beasley, Will tomou uma decisão.

— Hess! — ele gritou. — Hess, venha aqui! — ele ruidosamente bateu sua colher da refeição contra as grades. — Hess, eu quero que você mande uma mensagem para minha esposa!

— Se acalme, Parker! — veio uma voz à distância.

— Aprese-se, Hess!

— Estou chegando, estou chegando! — O vice apareceu no corredor. — O que é?

— Pode pedir ao xerife para ir à minha casa e dizer para Elly que eu quero vê-la?

— Eu acho que sim.

— Passe a mensagem pelo rádio, diga-lhe que eu apreciaria se ele fizesse isso assim que possível.

— Está certo, Parker — Hess ia embora, mas, antes, parou e deu um sorriso torto por cima do ombro. — A Senhorita Beasley pode certamente mastigar um burro, não pode?

— Uff! — Will respondeu, passando a mão pelo cabelo. — Ela pode mesmo! Para falar a verdade, eu estou feliz por estar seguro por trás dessas grades.

Hess riu, deu dois passos e se virou. — Todo mundo está falando sobre isso. Estou surpreso de que você não tenha ficado sabendo antes.

— Sabendo o quê?

— Sobre sua esposa dirigindo aquele carro como se não houvesse racionamento de gasolina e borracha, correndo por aí atrás de testemunhas para você, como a Senhorita Beasley mesmo disse. Sabe, a Elly e eu fomos para a escola juntos e eu fui um dos que a chamavam de louca. Agora as pessoas estão dizendo que ela está deixando o promotor louco. Todo mundo está se perguntando o que ela e o Collins vão desenterrar no tribunal!

O coração de Will começou a trovejar de emoção. — Você poderia dizer a Collins que eu quero vê-lo também?

— Poderia, se ele não estivesse fora da cidade.

— Fora da cidade? Onde?

— Eu não sei. Sua esposa o coloca correndo como uma raposa na frente de um bando de cachorros, verificando ligações. No entanto, eu sei de uma coisa.

— O quê?

— Ele tem o seu julgamento em pauta para a primeira semana de fevereiro.

— Tão rápido?

— Não subestime aquele velho pássaro, especialmente quando ele tem a sua esposa trabalhando com ele — Hess já se afastava, mas ainda parou e sorriu para Will. — Há uma piada circulando por aí, só que não é realmente uma piada... — Hess coçou a cabeça. — Bem, você poderia dizer que há uma pitada de respeito nisso, que está cerca de quinze anos atrasada. O povo anda dizendo: “Olhe, lá vem Elly Parker com o seu mel!” — afastando-se, ele acrescentou: — Ninguém tem certeza se ela

realmente deu um litro de mel ao juiz Murdoch ou não, mas dizem que foi ele quem casou vocês dois e que é o único programado para presidir o seu julgamento — com uma última risada, já no fim do corredor, Jimmy Ray Hess abrindo a porta à distância, ainda acrescentou: — Eu vou mandar a mensagem para sua esposa, Parker.

Então, a porta bateu.

CAPÍTULO 23

PARA ONDE O MEL JORRARIA PARA SEMPRE

Elly não voltou novamente. Mas ela enviou um terno novo, uma gravata listrada, uma camisa branca com botões no punho e os sapatos militares de Will, tudo para que ele estivesse bem vestido no dia do seu julgamento, e um bilhete: *“Nós vamos ganhar, Will. Com amor, Elly”*.

Ele se vestiu cedo, tomando muito cuidado com seu cabelo, desejando que ele estivesse mais curto acima das orelhas. Ficou voltando, de tempo em tempo, ao espelhinho por cima da pia da cela, passando as pontas dos dedos sobre o queixo barbeado, apertando mais firmemente o nó da gravata, ajustando seus punhos, desabotoando e abotoando o terno. Com a ideia de vê-la novamente, a expectativa crescia, apertava dentro dele. Ele andou, estalou os dedos e verificou seu reflexo. Mais uma vez ele correu os dedos sobre o cabelo acima das orelhas, preocupando-se de que não parecesse aparado o suficiente, não pelo júri, mas para ela.

Olhando fixamente para seus próprios olhos, ele pensou nela. *Espera, Olhos Verdes, não desista de mim ainda. Eu não sou este asno que vem agindo com você. Se vencermos isso, eu vou poder lhe mostrar.*

Elly também havia tomado todo cuidado ao se vestir. Tinha que ser amarelo, sua cor de afirmação. A cor da luz solar, da liberdade. Ela tinha feito um vestido de gabardine num tom como de manteiga batida, os ombros com pregas, os bolsos abotoados. Ela voltou, também, apreensivamente para verificar

seu reflexo no espelho. Ela tinha cortado o cabelo de modo que, quando ela aparecesse em público, Will não teria nenhum motivo para sentir nada além de orgulho. Olhando fixamente para as sobrancelhas e os lábios com batom coral, viu uma mulher tão elegante e na moda quanto podia constar naquelas imagens à mesa de café da colunista Erma Beauty Nook. *Basta esperar, Will, quando isso acabar podemos ser as duas pessoas mais felizes na face da terra.*

Sentada na sala de audiências, à espera, ela manteve os olhos fixos na porta pela qual ela sabia que ele iria entrar. Quando ele entrou, seus olhos se encontraram e seu coração deu um salto. Ela nunca o tinha visto em um terno civil antes. Ele estava bonito, seu cabelo penteado parecendo mais escuro do que o habitual, a gravata bem atada, seu rosto bronzeado pelo sol da fazenda fazia contraste com o colarinho branco da camisa. Ele ergueu os olhos e seu colarinho, subitamente, tornou-se apertado. Ele sabia o porquê de ela ter vindo de amarelo. Ele sabia! Como se para dizer-lhe: o sol das nove horas, inundando, pronto para entrar por uma janela alta e deixar seus raios de luz iluminando tudo. *Deus, como ele a amava! Queria ser livre para ela, com ela.* Enquanto ele ia se movendo através do assoalho envernizado, seus olhares permaneciam presos um ao outro. O cabelo dela... o que ela tinha feito com seu cabelo? Ela tinha cortado a maior parte do cabelo! Ele foi cortado no alto do pescoço e acima das orelhas. Isso deixara as maçãs do rosto em maior destaque, de maneira absolutamente atraente. Ele queria ir até ela, dizer a ela o quão bonita ela estava, agradecer-lhe pelo terno e o bilhete e dizer a ela que a amava também. Mas Jimmy

Ray Hess estava ao seu lado, de modo que ele só podia acompanhá-lo e ficar de boca fechada. Ela sorriu e acenou discretamente uma mão. O sol pareceu derramar seus raios quentes em cima dele. Will sentiu a frequência da respiração alterada, muito parecido com o que ele experimentara na estação de trem de Augusta, quando ele a viu aproximar-se no meio da multidão. Ele sorriu em resposta.

Uma mulher à esquerda de Elly a cutucou e inclinou-se para lhe dizer alguma coisa. Só então ele percebeu que era Lydia Marsh; ao lado direito de Elly sentava-se a senhorita Beasley, séria e circunspecta como sempre. Seus olhos capturaram os de Will e ele acenou-lhe com a cabeça, muito embaraçado. Ela acenou de volta, quase imperceptivelmente, mas fazendo-o respirar novamente.

Amigos. Amigos verdadeiros. A gratidão o tomou, mas, novamente, ele não tinha nenhuma maneira de transmitir isso, além de acenar com a cabeça para Lydia e lançar um último olhar persistente sobre Elly no momento em que ele chegou à mesa da defesa, para sentar-se de costas para elas.

Collins já estava lá, vestido como um curador de museu, um terno de algodão meio amarelado e um laço de seda na gravata decorada com... flamingos! Quando as algemas foram retiradas, Collins levantou-se e apertou a mão de Will.

— As coisas estão boas. Eu vejo que você tem uma torcida.

— Eu não quero minha esposa para depor, Collins, lembre-se disso.

— Só se for necessário, eu lhe disse.

— Não! Eles vão despedaçá-la. Eles vão desenterrar todas aquelas coisas sobre ela ser uma louca. Você pode colocar-me lá, mas não ela.

— Isso não será necessário. Você verá.

— Onde o senhor estava ontem? Enviei uma mensagem de que eu queria vê-lo.

— Sente-se em uma cadeira, Parker. Estive fora para salvar a sua pele, perseguindo testemunhas que sua esposa desenterrou.

— Você quer dizer que é verdade? Ela tem estado...

— Todos de pé, por favor — o oficial de justiça chamou secamente. — O tribunal de condado de Gordon está agora em sessão, o honorável Aldon P. Murdoch o preside.

Will ficou boquiaberto quando Murdoch entrou, vestido de preto. Ele resistiu ao impulso de olhar por cima do ombro para ver a reação de Elly. Os olhos de Murdoch examinaram o tribunal, fizeram uma pausa em Will, e seguiram em frente. Embora sua expressão fosse inescrutável, Will tinha um só pensamento: por algum milagre, ele tinha sido entregue nas mãos de um homem justo. A convicção resultava da imagem de dois meninos em uma cadeira giratória compartilhando jujubas de uma caixa de charutos.

— Todos se sentem, por favor — ordenou Murdoch.

Sentando-se, Will inclinou-se para Collins e sussurrou-lhe: — Ela realmente não o subornou, não é?

Um par de óculos se pendurou no nariz poroso de Collins. Ele olhou por cima deles para os papéis que ele retirava de uma maleta arranhada.

— Você está brincando? Ele é incorruptível. Ele teria acusações apresentadas contra ela tão rápido quanto ela lhe dando o mel.

O julgamento começou.

Os discursos de abertura foram proferidos por ambos os advogados. Collins o pronunciou com seu sotaque lento, que dava a impressão de que ele podia não ter tido bastante sono na noite anterior. O promotor, Edward Slocum, entregou o seu discurso adornado por fogo. Ele tinha a metade da idade de Collins e quase o dobro de sua altura. Vestido com um alinhado terno de sarja azul-marinho, camisa impecável e gravata discreta, ele fazia Bob Collins, em comparação, parecer deselegante. Com sua voz de barítono e estatura ereta, ele fazia Collins parecer estar pronto para ir para o cemitério. Os olhos de Slocum eram negros, intensos, diretos, e o topete escuro ao longo do topo de sua cabeça dava a ele a aparência de um galo arrogante que se virava rápido se alguém ousasse cacarejar em sua capoeira sem a sua aprovação. Vocalmente eloquente e fisicamente imponente, Slocum prometeu, por meio de provas irrefutáveis, mostrar ao júri, sem sequer um vislumbre de dúvida, que Will Parker teria, a sangue-frio e sem piedade, assassinado Lula Peak.

Ouvindo os dois homens, Will não poderia ajudar, mas achou que se ele fosse um membro do júri, ele acreditaria em qualquer coisa que Slocum dissesse e gostaria de saber se o advogado de defesa era tão senil quanto ele parecia.

— A promotoria chama o xerife Reece Goodloe.

Enquanto questionava sua testemunha, Slocum achava-se ao lado dele, muitas vezes com os pés separados, joelhos travados. Ele sabia como usar os olhos para perfurar a testemunha como se cada resposta fosse algo importante a vir para o julgamento; em seguida, passava a informação ao longo do júri no momento apropriado para inculcar-lhes as porções mais incriminadoras do testemunho.

Do Xerife Goodloe o júri soube da ficha criminal de Will, da existência do pano de limpeza rasgado, da carta tendo as iniciais do acusado e da própria admissão do acusado de que muitas vezes ele lia o Atlanta Constitution.

Quando Bob Collins ficou de pé, metade das pessoas na sala do tribunal reprimiu um grunhido de ajuda. Ele passou muito tempo ponderando cada pergunta o que poderia fazer o júri se inquietar. Quando ele finalmente terminou, os ombros pareceram ceder com alívio. Seus olhos evitaram tudo na sala, exceto o chão e os seus sapatos Oxfords marrons. Sua boca usava um meio sorriso, como se ele soubesse um segredo divertido que ele iria, no seu próprio tempo, compartilhar com eles.

Sua inquirição do xerife Goodloe revelou que Will Parker tinha passado seu tempo na prisão sendo um prisioneiro modelo e assim fora liberado sob condicional, tendo, agora, já finalizado o período de liberdade condicional e de toda a pena. Ele também revelou que o próprio xerife Goodloe lia o Atlanta Constitution diariamente.

A partir de uma mulher magra, de óculos, chamada Barbara Murphy, que se identificou como tipógrafa do Atlanta Constitution, veio à verificação, incontestável, de que as letras da carta foram

cortadas de uma cópia ou de cópias daquele jornal. Durante o interrogatório, a Srta. Murphy revelou que a circulação do jornal era de cerca de 143.261, e incluiu que Calhoun era um dos 158 municípios do Estado, com cerca de nove centenas de exemplares do Atlanta Constitution a inundá-lo diariamente.

De um idoso médico legista do condado, de aparência cansada, chamado Elliot Mobridge, o júri soube a hora e a causa da morte, e que Lula Peak estava carregando um feto de quatro meses quando ela morreu. A inquirição estabeleceu que não havia nenhuma maneira de determinar quem tinha gerado o feto de quatro meses da mulher morta.

De uma médica examinadora, que se identificou como Leslie McCooms, veio o fato de que restos de pó e óleo de limão idênticos aos do pano de limpeza rasgado haviam sido encontrados no pescoço de Lula Peak, juntamente com hematomas causados por mãos humanas, provavelmente de um homem. O advogado de defesa dispensou a testemunha sem perguntas, reservando-se do direito de interrogá-la mais tarde.

De Gladys Beasley, leoa de longa data, de renome estimável, veio à concessão de que o pano e o óleo de limão poderiam ter vindo da Biblioteca Municipal Carnegie, de Whitney, onde Will Parker era empregado e estava de serviço na noite em que Lula Peak fora assassinada. A Senhorita Beasley admitiu, também, que a biblioteca, de fato, possuía duas assinaturas do Atlanta Constitution e ela tinha dado permissão a Will Parker para levar para casa um ou dois exemplares quando eles estivessem com três dias ou mais de uso.

Era todo o testemunho que Will esperava, mas ele sentiu-se abalado com a forma como soou incriminador quando proferido por uma testemunha sob juramento, sentada numa cadeira de madeira dura, em uma plataforma erguida ao lado do estrado do juiz.

Contudo, a maré virou sutilmente, quando Robert Collins interrogou a Senhorita Beasley.

— Lula Peak sempre visitou a biblioteca quando Will Parker estava lá?

— Ela certamente visitou.

— E ela falou com o Sr. Parker?

— Sim.

— Como você sabe?

— Eu podia ouvir a conversa claramente do balcão de despache. A biblioteca é em forma de U, com a mesa situada transversalmente para que eu possa ver e ouvir tudo o que está acontecendo. Os tetos são altos e tudo ecoa também.

— Quando você ouviu a tal primeira conversa entre Peak e Parker?

— No dia 2 de setembro de 1941.

— Como você pode ter certeza da data?

— Porque o Sr. Parker pediu o cartão de um usuário e começou a preencher um antes de eu perceber que ele não tinha estabelecido residência em Whitney. O cartão foi preenchido a tinta e, assim, eu não podia apagar e reutilizá-lo para outro usuário. Respeitando as regras, desperdício nunca, eu arqueei o cartão do Sr. Parker em um lugar separado para reutilizar quando ele voltasse com um comprovante de residência, como eu tinha

certeza de que ele o faria. Ele ainda usa esse cartão original, com a data de 2 de setembro.

A Senhorita Beasley apresentou o cartão do usuário de Will, que foi inserido como exposição.

— Então — Collins continuou — no dia 2 de setembro, você ouviu uma conversa entre Lula Peak e William Parker. Poderia repetir essa conversa, com o melhor de sua lembrança?

A Senhorita Beasley, de forma empertigada e indubitavelmente precisa, repetiu textualmente o que ela tinha ouvido naquele dia, quando Lula se sentou em frente a Will e enfiou o pé entre suas coxas, quando ela o prendeu entre as prateleiras e tentou seduzi-lo, quando ela acusou sua esposa de ser uma louca desde que Elly era criança, numa altura em que a Senhorita Beasley se lembrava de Eleanor See como uma estudante brilhante, curiosa, com um talento para o desenho. Ela falou da saída educada, mas apressada de Will, naquele dia, e das outras vezes também quando Lula seguiu para a biblioteca sob o pretexto de “melhorar a si mesma”, com livros que ela nunca se preocupara em ler antes.

Ouvindo o testemunho dela, Will sentiu-se tenso. Depois da bronca que ela tinha lhe dado, ele temia sua antipatia no banco das testemunhas. Mas ele deveria ter sabido melhor. Ele não tinha melhor amiga no mundo do que Gladys Beasley. Quando ela foi dispensada, ela desfilou de sua cadeira com seu porte típico, sem um olhar em sua direção, mas ele sabia que, para além de qualquer dúvida, a sua fé nele era inatacável.

A Senhorita Beasley foi a última testemunha da promotoria. Agora era a vez das de Collins. Ele passou trinta segundos se

impulsionando de sua cadeira, sessenta olhando sobre a sala e quinze tirando seus óculos. Ele riu, acenou com a cabeça para os seus pés e chamou:

— A defesa chama a Sra. Lydia Marsh.

Lydia Marsh, com seu cabelo carvão preto e um vestido azul-pálido proferiu seu juramento e declarou que ela era uma dona de casa e mãe de dois filhos, cujo marido estava lutando em algum lugar na Itália. Um observador atento poderia ter visto a aprovação, quase imperceptível, no abrandamento da boca dos jurados e do relaxamento de suas mãos sobre seus estômagos. Certamente, Robert Collins viu e partiu para capitalizar o sentimento de patriotismo correndo livre através de todos os americanos naquele agrupamento de jurados.

— Há quanto tempo você conhece Will Parker, Sra. Marsh?

As perguntas foram rotineiras até Collins pedir para Lydia contar uma história sobre o que aconteceu no dia em que Will Parker partiu para Parris Island para ser introduzido na Marinha dos Estados Unidos.

— Ele veio à minha casa — Lydia recordou — e chamou na porta de trás. Ele agia um pouco nervoso e, talvez, um pouco embaraçado...

— Objeção, Meritíssimo. A testemunha está desenhando a conclusão.

— Sustentado.

Quando Lydia Marsh continuou foi com a determinação ávida de pintar as coisas com precisão.

— O Sr. Parker recusou-se a olhar nos meus olhos num primeiro momento, e ele limpava as mãos nervosamente quando

eu fui atendê-lo. Depois, ele me deu uma toalha de banho verde e um frasco cheio de mel. Ele me disse que tinha roubado de mim quase um ano e meio antes, quando ele estava vagando e não tinha dinheiro. Na época, ele roubou o frasco que tinha estado com leite coalhado, que ele tinha tomado. E a toalha verde que ele tinha tirado do varal, juntamente com uma camisa e calças do meu marido, que estavam, é claro, desgastadas muito antes daquele dia. Ele me contou e pediu desculpas e disse que aquilo tinha estado o incomodando todo esse tempo, ter roubado de nós, e antes de ir para a guerra ele queria fazer as coisas direito. Então, ele estava trazendo-me o mel, que era tudo o que ele tinha para nos reembolsar.

— Por que ele pensou que poderia não ter essa chance novamente? Ele temia que poderia morrer na guerra? — o advogado de defesa instigou.

— Ele não disse isso, não. Ele não é desse tipo. Ele é do tipo que sabia que ele tinha que lutar e fazer isso sem se queixar, assim como o meu próprio marido.

— E, mais recentemente, Sra. Marsh, uma vez que William Parker retornou do Pacífico, você esteve ciente de qualquer discórdia conjugal entre ele e sua esposa?

— Muito pelo contrário. Eles são extremamente felizes. Eu acredito que eu teria sabido se ele tivesse tido qualquer razão para procurar a companhia de uma mulher como Lula Peak.

— E o que faz você acreditar que ele não o fez?

Os olhos de Lydia se desviaram para Elly e assumiram um brilho. — Porque Elly, a Sra. Parker, isto é, recentemente

confidenciou-me que ela está esperando o primeiro bebê de ambos.

O choque atingiu Will como se ele tivesse sido golpeado. Ele virou-se em sua cadeira e seus olhos colidiram com os de Elly. Ele meio que se levantou, mas seu advogado o pressionou com cuidado para baixo. Uma onda de alegria aqueceu seu rosto enquanto seu olhar tinha ido direto para a barriga de sua esposa; e suas faces ficaram coradas. *É verdade, Elly?* As palavras não foram ditas, mas todos no tribunal puderam senti-las com seus corações e não com seus ouvidos. E cada pessoa presente viu o sorriso em resposta de Elly e o mero aceno de sua cabeça. Eles assistiram o milagroso e jubiloso sorriso de Will. E doze, dos doze no júri, que eram mães e pais sentiram em seus corações comprimidos uma fisgada.

Um murmúrio se espalhou pela sala e foi silenciado pelo juiz. Collins dispensou a testemunha e anunciou a leitura pelo oficial de justiça do registro militar de Will Parker. O oficial de justiça, um homem pequeno, com uma voz alta, leu um arquivo com as sobancelhas erguidas em sinal de aprovação. Os registros da Marinha dos Estados Unidos caracterizaram William L. Parker como um fuzileiro exemplar que sabia como seguir ordens e comandar homens, o que lhe valeu, assim, a honra de ser nomeado líder do esquadrão da formação de base e em combate, e a promoção ao posto de Cabo antes de sua alta médica em maio de 1943. Também no registro estava uma citação do coronel Merrit A. Edson, comandante da primeira linha de base da marinha, elogiando a bravura de William L. Parker na batalha e delineando os atos corajosos que ele tinha executado

em ação, ganhando assim, inclusive, o Coração Púrpura, no que, até agora, os correspondentes de guerra haviam apelidado de “a batalha mais sangrenta do Mar Coral, a Batalha de Bloody Ridge”.

O tribunal ficou respeitosamente em silêncio quando o oficial de justiça fechou o arquivo. Collins tinha o júri em sua mão e ele sabia disso. Ele tinha chegado a eles com respeitabilidade, honestidade e valentia de guerra. Agora ele iria levá-los com um pouco de leveza.

— A defesa chama Nat MacReady para depor.

Nat deixou o seu lugar, ao lado de Norris, e se encaminhou para o banco das testemunhas. Embora seus ombros estivessem baixos, ele andava com uma agilidade incrível para alguém de sua idade. Nat vestia um casaco de seu uniforme do exército da Primeira Guerra Mundial, com as suas estrelas douradas manchadas e listras de tenente. Era óbvio que Nat estava orgulhoso de ser chamado para ajudar a justiça a prevalecer.

Quando perguntado se ele iria dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, ele respondeu:

— Aposte suas botas nisso, filho.

O Juiz Murdoch fez uma careta, mas permitiu as risadas da sala quando Nat, com olhos ansiosos, sentou-se na borda de sua cadeira.

— Diga o seu nome.

— Nathaniel MacReady.

— E a sua ocupação?

— Eu sou um homem de negócios, aposentado. Trabalhei com o depósito de gelo, no Sul da cidade, desde que eu tinha

vinte e seis anos, junto com meu irmão Norris.

— Que cidade é essa?

— Ora, Whitney, é claro.

— Você viveu lá toda a sua vida, não é?

— Eu, certamente, vivi. Toda a vida, exceto pelos quatorze meses, por volta de 1917 e 1918, quando o Tio Sam me deu uma viagem para a Europa.

Risinhos de apreciação soaram. Collins ficou para trás e deixou o uniforme falar por si mesmo; nenhuma alma no lugar poderia confundir o orgulho de Nat em usá-lo novamente.

— Então você está aposentado agora, por quantos anos?

— Quinze anos.

— Quinze anos... — Collins coçou a cabeça e estudou o chão. — Você deve ficar um pouco entediado, depois de quinze anos, de não fazer nada.

— Não fazer nada?! Ora, meu filho, você não sabia que meu irmão e eu organizamos a Guarda Civil? E nós estamos lá fora, todas as noites, impondo o toque de recolher e observando, de sobreaviso, os aviões japoneses; não estamos, Norris?

— Certamente que sim — respondeu Norris, da plateia da sala, ocasionando outra onda de risos que teve de ser silenciada pelo martelo de Murdoch.

— A defesa irá instruir a sua testemunha para direcionar suas respostas ao tribunal e não a sala da audiência — Murdoch ordenou.

— Sim, Meritíssimo — respondeu humildemente Collins, antes de coçar a cabeça novamente, esperando para falar. — Agora, antes de nos aprofundarmos em seus deveres como um

guarda voluntário, eu me pergunto se você pode dar uma olhada em algo para mim — do bolso folgado, Collins retirou uma pequena escultura de madeira e a entregou a Nat. — Você fez isso?

Nat a apanhou, respondendo: — Parece que é minha — movendo-a de todos os lados, de baixo para cima, ele a examinou e acrescentou: — Sim, é minha. Tem minhas iniciais na parte inferior.

— Diga ao tribunal o que é.

— É uma escultura de madeira de um peru selvagem. A propósito, onde o doutor conseguiu isso?

— Na farmácia, em Whitney. Paguei vinte e nove centavos por ela, para ser claro.

— Você disse a Haverty para marcá-lo em seus livros para que eu obtenha o crédito?

O juiz bateu o martelo.

— Eu, certamente, o fiz, Sr. MacReady — respondeu Collins, ao som da suave risada dos espectadores; em seguida, tentou amainar a ira do sóbrio Murdoch. E continuou:

— E onde é que você a fez?

— Na praça.

— Que praça?

— Ora, na praça da cidade, em Whitney. É ali que eu e meu irmão passamos os dias, no banco debaixo da magnólia.

— Talhando?

— Naturalmente, talhando. Mostre-me um homem velho com as mãos ociosas e eu vou mostrar-lhe o tema do obituário do próximo ano.

— E, enquanto você talha, você vê muito do que se passa ao redor da praça, não é mesmo?

Nat coçou a têmpora. — Bem, eu acho que você poderia dizer que nós não perdemos muito, não é Norris? — ele riu, levantando um som correspondente, já que as pessoas na plateia sabiam, exatamente, o quão pouco o par perdia.

Desta vez, Norris apenas sorriu, e se conteve de responder.

Collins tirou um canivete do bolso e começou a limpar as unhas como se a seguinte questão fosse de pouca importância.

— Você já viu Lula Peak indo e vindo ao redor da praça?

— Todos os dias. Ela era uma garçonete no Vickery's, você sabe, e nosso banco fica bem ali, onde temos uma imagem clara do café e da biblioteca, e praticamente de tudo o que se move em torno desse quadrado.

— Então, ao longo dos anos você viu um monte de idas e vindas de Lula Peak?

— Pode apostar.

— Alguma vez você a viu indo e vindo com algum homem?

Nat desatou a rir e deu um tapa no joelho. — Hahaha! Hahaha! Isso é uma boa pergunta, não é, Norris? — todo o tribunal deu uma gargalhada.

O juiz interveio: — Responda a pergunta, Sr. MacReady.

— Ela ia e vinha com mais homens do que toda a frota do Pacífico!

O riso irrompeu e Murdoch teve de soar o martelo novamente.

— Conte-nos sobre alguns dos que você viu com ela — Collins solicitou.

— Em qual data?

— Até onde você pode se lembrar.

— Bem... — Nat coçou o queixo, baixando o olhar para a ponta do seu sapato marrom. — Vamos ver, agora, de que maneira direi. Ela sempre esteve cercada pelos homens. Acho que não consigo dizer, com certeza, com quem eu a vi primeiro. Mas em algum lugar, ao longo de quando ela era apenas um pouco velha o suficiente para já ir à escola, havia alguém com ela. Poderia ter sido por volta de 1924...

— 1925 — Norris o interrompeu da plateia.

Slocum deu um salto. — Objeção! — quando o juiz bateu o martelo. — Lula Peak não está em julgamento aqui! — apontou o promotor. — William Parker está!

Collins apontou calmamente: — Meritíssimo, a reputação da falecida é de extrema importância aqui. Minha intenção é estabelecer que, por causa de sua promiscuidade, Lula Peak poderia ter engravidado de qualquer um dos homens que ela conheceu intimamente.

— Implicando que o feto foi procriado em 1925? — retorquiu Slocum, irado. — Meritíssimo, essa linha de questionamento é ridícula!

— Estou tentando mostrar um padrão sexual na vida da falecida, Meritíssimo, se Vossa Excelência me permite.

A objeção foi derrotada, mas com uma advertência a Collins para controlar a propensão de sua testemunha de falar com o público e solicitar respostas dele.

— Você já viu Lula Peak indo e vindo com Will Parker?

— Eu a vi tentar. Ah, se vi. Certamente ela tentou, começando com o primeiro dia em que ele veio para a cidade e ele foi lá, onde ela estava trabalhando.

— Lá, significa no Vickery Café?

— Sim, senhor. E todos os dias depois, quando ela o via chegar à cidade e atravessar a praça, ela certamente ficava do lado de fora, na frente, varrendo, e quando ele não dava a ela qualquer atenção, ela o seguia para onde quer que ele fosse.

— Tais como... — encorajou Collins.

— Bem, como a biblioteca, quando ele entrava para pegar emprestado livro, ou vender leite e ovos para a Senhorita Beasley. Não levava dois minutos antes dela, a Lula, tirar o avental e seguir atrás do jovem Parker. Sou um homem velho, Sr. Collins, mas eu não sou velho demais para reconhecer uma mulher no calor, nem uma que era recusada por um homem...

— Objeção! — retorquiu Slocum.

— ...e quando Lula chegava cuspiendo daquela biblioteca...

— Objeção! — novamente retorquiu Slocum.

— ...ela não parecia muito contente não...

— Objeção!

Levou um minuto inteiro para o estrondo morrer. Embora o juiz tenha ordenado que as opiniões de Nat fossem retiradas do testemunho, Collins sabia que elas não poderiam ser tiradas das mentes do júri. Lula Peak era promíscua e, antes que acabasse, eles tinham que reconhecer o fato e descobrir que Will não era o culpado.

— Sr. MacReady — Collins explicou, calmamente —, o senhor entende que temos de lidar com os fatos aqui, somente

os fatos, não opiniões.

— Claro, com certeza.

— Fatos, Sr. MacReady. Agora, o senhor sabe concretamente se Lula Peak tinha assuntos licenciosos com mais de um homem ao redor de Whitney?

— Sim, senhor. Orlan Nettles se puderem acreditar. Ele me disse, uma vez, que ele ficou com ela debaixo da arquibancada, no estádio, durante a pausa do jogo entre o Hornets Whitney e os Tigers, da cidade de Grove.

— Ficou com ela. Poderia ser mais específico?

— Bem, eu poderia, exceto que há senhoras presentes.

— “Ficou” foi a palavra que o próprio Orlan usou?

— Não, senhor.

— Que palavra que ele usou?

Nat corou e virou-se para o juiz. — Eu tenho que dizê-lo, Meritíssimo?

— Está sob juramento, Sr. MacReady.

— Tudo bem, então: trepou, Meritíssimo. Orlan disse que trepou com Lula Peak debaixo da arquibancada, em Skeets Hollow Park, durante a pausa de um jogo entre os Hornets Whitney e os Tigers, da cidade de Grove.

Na parte dos fundos da sala de audiências um suspiro foi ouvido, era de Alma Nettles, a esposa de Orlan. Collins observou os olhos dos jurados se desviarem para lá e esperou até que ele pudesse recuperar a sua total atenção.

— Há quanto tempo ele afirma que fez isso?

— Foi na noite em que os Hornets venceram por 7 a 6, no início do segundo tempo, quando Willie Pounds pegou um

grounder. Norris e eu nunca perdemos um jogo, e nós mantemos os nossos bilhetes, não é, Norris? — Norris balançou a cabeça quando Nat entregou a Collins um pedaço de papel branco. — Aqui está, no último verão, dez de julho, embora eu não saiba por que foi necessário trazer isso. Metade dos homens em Whitney sabe a data, porque Orlan contou para um monte de gente sobre isso, não foi, Norris?

— Suspenda a última pergunta. — o juiz Murdoch ordenou, enquanto uma Alma chorando era escoltada da sala, amparada pelos braços de uma matrona solícita.

Acima dos murmúrios da sala, Collins perguntou a Nat: — Você já viu Lula Peak com um homem, sob... digamos assim... uma posição comprometedora?

— Sim, senhor, foi com um engenheiro da L e N Ferrovia que ficou na pensão da Srta. Bernadette Werm. Eu não tenho certeza do seu nome, mas ele tinha uma barba vermelha espessa e uma tatuagem de uma serpente no seu braço. A Srta. Werm irá se lembrar do nome dele. De qualquer forma, eu os peguei um dia, no ato — você poderia dizer — abaixo do Oak Creek, onde eu estava pescando. Nus como vieram ao mundo. E, quando eu caminhei para o lado deles, Lula jogou a cabeça para trás, e rindo ela me disse: “Não fique tão chocado, Sr. MacReady. Por que você não vem se juntar a nós?”.

Da sala veio um coro de “oh-oh-oh” femininos, chocados.

— Só para esclarecer, Sr. MacReady, quando o senhor diz que eles estavam no ato, você quer dizer no ato da cópula?

— Sim, senhor.

Collins levou uma quantidade excessiva de tempo para extrair um lenço amassado do bolso, assoar o nariz, deixando a última informação do testemunho remoer em cada cérebro que importava e dos muitos que não importavam. Finalmente, ele embolsou seu lenço e se aproximou da testemunha novamente.

— Agora vamos voltar para o seu trabalho muito importante como membro da Patrulha Civil. Quando o senhor esteve em patrulha, à noite, durante os últimos meses e semanas, é verdade que o senhor viu, várias vezes, um carro em questão estacionado sempre atrás da casa de Lula Peak?

— Sim senhor.

— Você sabe de quem é o carro?

— Sim, senhor, é do Harley Overmire. Um Ford preto, com o número de licença PV628. Ele o estacionava atrás dos arbustos de zimbro, no beco. Eu o vi muito, de qualquer maneira, algumas noites por semana, durante o ano passado. Também já vi Harley indo à casa de Lula Peak muitas vezes no meio do dia, quando ela não estava trabalhando. Ele parava o seu carro na praça, ia ao café como se ele estivesse indo almoçar, e saía pela porta de trás, que dava no beco para a casa dela, basta apenas virar à esquina.

— E você viu Lula Peak com alguém recentemente?

— Sim, senhor, eu vi, e para dizer a verdade, eu odeio dizer isso em público. Ninguém quer ferir um menino dessa idade, mas ele é, provavelmente, muito jovem para perceber...

— Basta nos dizer o que viu, Sr. MacReady — Collins o interrompeu.

— O jovem filho de Harley, o Ned.

— O filho de Harley Overmire? Ned Overmire?

— Sim, senhor.

— Diga-nos: quantos anos você supõe que Ned Overmire tem?

— Ah, eu diria que uns quatorze ou algo assim. Não mais de quinze anos, isso é certo. Ele está no nono ano, de qualquer maneira, eu sei porque a minha sobrinha, Delwyn Jean Potts, é sua professora este ano.

— E você já viu Lula Peak com Ned Overmire?

— Sim, senhor. Bem na frente do Vickery's. Ela estava varrendo, novamente, ela sempre varre quando ela quer... bem... você sabe... tratar com um homem, poderia se dizer assim. De qualquer forma, o jovem Ned veio ao longo da calçada um dia, algumas semanas atrás, e ela pediu para ele parar, como eu a vi parar dezenas de outros, colocando aquela unha longa dela em sua camisa e fazendo cócegas em seu peito. Ela disse que estava quente, e ele devia ir lá dentro que ela ia dar-lhe um pouco de sorvete de graça. Eu podia ouvi-la claramente, como o dia, diabo! Eu acho que ela queria que eu ouvisse. Ela sempre, meio que me provocava, também, após aquela vez que eu a encontrei com aquele homem da ferrovia. Sorvete, humph...!

— E o garoto a seguiu para dentro?

— Ele seguiu. Graças a Deus, ele saiu novamente em apenas alguns minutos, com uma casquinha de sorvete de morango. Mas Lula o seguiu até a porta e gritou para ele: “Venha de novo, ouviu?”.

— E ele voltou?

— Não que eu tenha visto.

— Bem, graças a Deus por isso — murmurou Collins, ganhando um baque do martelo, mas a aprovação do júri por sua reação.

— Mas você tem certeza sobre Lula ter tido encontros sexuais com esses outros que você nomeou?

— Sim, senhor.

— E, pelo que você sabe, Lula Peak nunca teve sucesso em atrair a atenção de Will Parker?

— Não, senhor, ela nunca teve, não que eu sabia.

Fim do testemunho.

A tentativa de Slocum para desacreditar Nat MacReady como senil, com dificuldade de audição ou de visão curta, provou ser inútil. MacReady tinha uma memória intimidante e embelezava suas lembranças com anedotas que eram tão obviamente reais, que seu interrogatório se revelou mais vantajoso para a defesa do que para a acusação. Quando Nat desceu do banco das testemunhas, Collins tratou de anunciar:

— A defesa chama Norris MacReady.

Norris surgiu vestido como seu irmão, com seu desgastado uniforme da Primeira Guerra Mundial e com o registro frouxo em torno de sua garganta enrugada. Sua testa alta brilhava por causa de uma extrema lavagem recente, intensificando várias manchas marrons. Slocum apertou os lábios e amaldiçoou baixinho; em seguida, passou a mão pelos cabelos, destruindo o penteado de galo.

— Diga o seu nome — falou o advogado.

— Norris MacReady.

— Ocupação?

— Eu me aposentei do negócio de gelo no mesmo ano que o Nat.

Seguiu-se uma série de perguntas sobre o estabelecimento da Guarda Civil da cidade de Whitney e a função dele, antes de Collins chegar às averiguações importantes.

— Sr. MacReady, na noite de 17 de agosto de 1943, ao fazer uma verificação do toque de recolher, o senhor ouviu uma conversa na porta de trás da Biblioteca Municipal Carnegie, de Whitney?

— Sim, eu ouvi

— Você poderia nos contar sobre o que ouviu, por favor?

Os olhos de Norris se arregalaram e ele olhou do advogado para o juiz.

— O senhor acha que eu deveria repetir apenas o que Lula disse?

O juiz respondeu: — Exatamente como você ouviu, Sr. MacReady.

— Bom, tudo bem, juiz... Mas as senhoras na sala do tribunal não vão gostar.

— Você está sob juramento, Sr. MacReady.

— Muito bem — como um cavalheiro da velha ordem, Norris hesitou. Em seguida, ele fez outra pergunta: — O senhor se incomodaria se eu lesse em vez de falar com minhas próprias palavras?

Slocum pôs-se de pé, jorrando objeções.

— Permita-me, Meritíssimo, estabelecer o mérito do material da escrita.

Collins interrompeu, rapidamente.

— Protesto indeferido — respondeu o juiz, mas deixarei para uma única pergunta, entendido, Sr. Collins?

— Sim — Collins voltou para Norris. — O que você gostaria de ler?

— O nosso diário. Nat e eu mantemos um registro fiel, não é, Nat?

— Certamente que sim — respondeu Nat da sala.

Ninguém levantou uma objeção desta vez. O lugar estava tão imóvel quanto o espaço sideral.

— Vocês mantêm um registro enquanto vocês estão em patrulha? — Collins perguntou.

— Ah, nós mantemos. O governo diz que temos que gravar cada aparição de avião e cada pessoa que quebrar o toque de recolher. Esta guerra é diferente daquela Grande Guerra. Antes, nós nunca tivemos de nos preocupar com espiões em nosso próprio quintal como nós temos que nos preocupar neste tempo de agora, é por isso que temos de manter tais registros.

— Você pode ler a sua anotação do dia 17 de agosto, Sr. MacReady?

De um bolso interno de seu uniforme, Norris retirou um livro verde com bordas desgastadas. Colocou um par de óculos de aros de arame sobre o nariz, levando longos momentos para arrumar os aros atrás de suas orelhas. Em seguida, ele inclinou a cabeça para trás, lambeu o dedo e foi virando as páginas tão lentamente, que risinhos começaram a ecoar na sala antes que ele, finalmente, encontrasse o ponto correto.

— 17 de agosto de 1943 — ele começou, então limpou a garganta: — Nat e eu estamos em patrulha às nove horas. Tudo

está tranquilo, exceto por Carl e Julie Draith retornando do jogo de víspera com os Nelsons da casa ao lado. Às dez horas, chegando ao longo de Comfort Street, ouvimos alguém entrar pela porta de trás da biblioteca. Eu fiquei na borda do edifício, enquanto Norris observava por trás da cobertura para ver quem era. Norris me sinalizou de longe e nós esperamos. Menos de cinco minutos depois, a porta se abriu e um sapato de salto alto veio voando para fora e bateu no ombro de Nat, perto do pescoço, causando um nódulo roxo. Uma grande briga estava acontecendo entre Will Parker e Lula Peak. Parker empurrou a porta de trás da biblioteca e gritou: “Se você está com calor, Lula, vá lá para baixo da janela de outra pessoa!”. Ele bateu a porta na cara dela e ela bateu com o punho na porta fechada algumas vezes e chamou-lhe de maldito cabeça oca, um idiota e um sapo sugador da Marinha. Depois, ela gritou alto o suficiente para acordar os mortos: “Seu pau, provavelmente, não iria encher meu ouvido esquerdo de qualquer maneira”...

Norris corou. Nat corou. Will corou. Elly corou. Collins, educadamente, apanhou o diário de bordo dos MacReady's e anexou ao processo, antes de dispensar sua testemunha.

Desta vez, Slocum usou a cabeça e dispensou Norris: sem mais perguntas. Ao longo do tribunal uma inquietação estava se formando. Murmúrios soavam continuamente. E só aumentaram, quando Collins chamou a próxima testemunha.

— A defesa chama o Dr. Justin Kendall.

Kendall caminhou pelo corredor central, um homem imponente de bem mais de 1,80m de altura; vestindo um terno feito sob medida, acentuadamente marrom e elegante; os poucos

cabelos emoldurando uma testa polida, que dava a impressão de ter acabado de ser esfregada com uma escova cirúrgica; e os óculos, dando-lhe a aparência de um estudioso. Os dedos eram longos e limpos ao apontarem para o céu, enquanto ele repetia o juramento. Collins começou a disparar perguntas, conforme Kendall ia se ajeitando na cadeira das testemunhas e vincos surgiam em suas calças.

— Diga o seu nome e ocupação, por favor.

— Justin Ferris Kendall, médico.

— O Sr. pratica a Medicina aqui em Calhoun, correto?

— Sim.

— E o Sr. examinou recentemente a falecida Lula Peak?

— Sim, senhor, no dia 20 de outubro do ano passado.

— E o Sr. fez a confirmação de que ela estava grávida de dois meses aproximadamente?

— Sim. Eu fiz.

— Dois meses depois de Will Parker ser ouvido dizendo a ela que se ela estivesse com calor, ela deveria ir para baixo da janela de outra pessoa; então o doutor a diagnosticou como grávida de dois meses?

— Sim, senhor.

— E o doutor emprega uma enfermeira chamada Miriam Gaultier, que também atua como sua recepcionista?

— Sim

— Obrigado. Fim do testemunho

Slocum, obviamente, não podia adivinhar a razão para esta linha de questionamento e olhou em volta, confuso, com o volume de testemunhas da defesa só aumentando. Ele meio que

se levantou da cadeira e indicou: — Não há perguntas, Meritíssimo.

— A defesa chama Miriam Gaultier para a bancada.

Cabeças se viraram quando uma mulher passou pela porta, sorrindo e dando um “olá” para o Dr. Kendall, que manteve a porta aberta para ela.

— Diga o seu nome e ocupação, por favor.

— Miriam Gaultier. Eu sou enfermeira e recepcionista do Dr. Justin Kendall.

— O Dr. Kendall testemunhou que ele foi visitado pela falecida, Lula Peak, no dia 20 de outubro do ano passado. Você estava trabalhando no consultório do médico naquele dia?

— Sim, eu estava.

— E você chegou a conversar com Lula Peak?

— Sim, eu conversei.

— E qual foi a essência dessa conversa?

— Eu perguntei para a Srta. Peak o seu endereço de correio para fins de cobrança.

— Ela o deu a você?

— Não, senhor, ela não deu.

— Por que não?

— Porque ela me aconselhou a enviar a fatura para Harley Overmire, de Whitney, na Geórgia.

Ninguém deu importância a Collins passando a testemunha para Slocum, mas quase todos podiam perceber o suor escorrendo da Sra. Harley Overmire, a sala em silêncio por um momento.

— A conta da Srta. Peak já foi paga, Sra. Gaultier?

— Sim, foi.

— Você pode, sem sombra de dúvida, atestar que não foi pago pela própria Srta. Peak?

— Bem...

— Sem sombra de dúvida, Sra. Gaultier — Slocum reiterou, espetando-a com seus olhos escuros.

— Foi pago em dinheiro.

— Pessoalmente?

— Não, foi enviado em um envelope.

— Obrigado, a senhora está dispensada.

— Mas foi enviado em um envelope da...

— A senhora pode sair, Sra. Gaultier — Slocum disse severamente.

— ...empresa de energia elétrica, como quem o enviou...

Clakk! Clakk! Murdoch bateu o martelo.

— Isso é tudo, Sra. Gaultier! — as coisas estavam indo ainda melhor do que Collins tinha esperado. Ele rapidamente chamou sua testemunha seguinte, enquanto a maré estava rolando na direção certa.

— A defesa chama a Dra. Leslie McCooms.

A médica legista foi lembrada de que ela continuava sob juramento e Collins prosseguiu o seu interrogatório sem histrionismo.

— Quando a doutora examinou o corpo de Lula Peak, a senhora descobriu que sua morte não foi causada pelo pano de limpeza como se acreditava primeiramente, mas por mãos humanas, provavelmente de um homem. Isso é verdade?

— Sim.

— Diga-me, doutora McCooms, quantas impressões digitais foram encontradas no pescoço de Lula Peak?

— Nove.

— E estava faltando uma impressão digital?

— Sim, uma única. A do dedo indicador da mão direita.

— Obrigado por seu testemunho.

Will sentiu a esperança inchar seu peito, subir pelos braços e infundir na sua cabeça. Com uma mão fechada em torno da outra, ele pressionou os nós dos dedos e advertiu a si mesmo: *não acabou ainda*. Mas ele não pôde resistir de virar o pescoço e vislumbrar Elly por cima do ombro. O rosto dela estava rosado pela emoção. Sua mão bateu contra o próprio coração, fazendo com que seus próprios batimentos se tornassem esperança.

Slocum, por sua vez, estava abertamente agitado.

— É verdade, Senhorita McCooms, que é possível uma vítima ser estrangulada por alguém com dez bons dedos, deixar menos de dez impressões digitais?

— Eu não posso afirmar isso, mas talvez seja possível.

— Obrigado. A doutora está dispensada.

A breve esperança de Will se extinguiu. Mas ele teve pouco tempo para ficar desanimado. O surpreendente Collins manteve um ritmo acelerado, reconhecendo o valor do choque do recente testemunho.

— A defesa chama Harley Overmire.

Overmire, parecendo muito assustado, caminhou até o corredor central, enfiado num terno azul-claro com mangas longas demais para os braços grossos e curtos. Ele usava luvas que quase escondiam suas mãos.

O oficial de justiça estendeu a Bíblia e ordenou: — Retire as luvas e levante sua mão direita, por favor.

O rosto de Harley estava pálido como uma lua cheia. Gotas de suor se destacavam no lábio superior e dois discos de umidade escureciam as axilas de seu terno.

— Levante a mão direita, por favor — repetiu o oficial de justiça.

Harley não tinha escolha, além de fazer o que se pedia. Hesitante, ele levantou o braço, e, ao fazê-lo, a manga escorregou. Todos os olhos na sala se fixaram naquela mão carnuda, delineada contra a branca parede rebocada da sala de audiências, com o seu dedo indicador faltando.

— Jura dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, diante da palavra de Deus?

A voz de Harley soou como o grito de um rato emboscado.

— Eu juro.

O oficial de justiça fazia seu trabalho enquanto Collins observava os olhos dos jurados, encontrando cada um deles fixo na mão trêmula de Harley Overmire, de quatro dedos.

— Diga o seu nome e ocupação, por favor.

— Harley Overmire, superintendente da Serraria de Whitney.

— O senhor pode se sentar.

Collins fingiu ler suas anotações por um total de trinta segundos, enquanto Harley rapidamente se sentava e escondia a mão direita ao seu lado. O ar parecia eletrizado, cheio de opiniões acusatórias. Collins deixou a tensão se acumular, enquanto olhava incisivamente por cima dos seus óculos para a

mão meio oculta de Harley, a mão infame que já havia lhe dado até uma reputação de covarde. Collins tirou os óculos, levantou-se como se o seu reumatismo estivesse agindo, e se aproximou do banco das testemunhas. Apoiando um dedo no queixo, ele fez uma pausa, pensativo, depois ele voltou para sua mesa como se tivesse esquecido alguma coisa. No meio do caminho, fez uma careta e ficou imóvel estudando Overmire. O tribunal estava tão silencioso que uma aranha poderia ter sido ouvida tecendo sua teia. Collins observou cada rosto no júri antes de descansar seu olhar sobre o seu presidente. Em uma voz forte, coroada por insinuações, ele disse: — Não há perguntas.

Eram quatro horas e vinte minutos da tarde. Estômagos estavam roncando, mas nenhuma pessoa ali pensava em comer. Nem o juiz Murdoch verificou o relógio. Ao invés disso, ele pediu que a sessão fizesse um intervalo e o júri se reunisse para o veredicto.

O júri saiu, deixando para trás algo inédito: imobilidade. Como se todos na sala soubessem que a espera seria breve, todos se aquietaram e ninguém se movia, incluindo o juiz Murdoch. Um reverente silêncio, numa sala muito quente, todos com fome, mas ninguém parecia querer perder o som do primeiro passo do retorno do júri. E o corpo de jurados voltou em exatamente sete minutos.

Doze pares de sapatos ressoaram em toda a plataforma de madeira onde estavam as cadeiras dos jurados. Quando o agrupamento dos corpos se sentou, uma pergunta ecoou pelo teto alto.

— Senhoras e senhores do júri, vocês já chegaram ao seu veredicto?

— Nós chegamos, Meritíssimo.

— Você o dará ao oficial de justiça, por favor.

O oficial de justiça pegou o papel, entregou ao juiz Murdoch, que abriu o pequeno papel branco, em silêncio. Ele o leu, em seguida, entregou-o de volta para o presidente do júri.

— Você pode ler o seu veredicto para o tribunal.

As mãos de Elly agarraram as de Lydia e as da Senhorita Beasley. Will parou de respirar.

— Nós, o júri, decidimos que o réu, William Lee Parker, não é culpado.

O pandemônio soltou-se. Will respirou. Elly levou as mãos à boca e começou a chorar. A Senhorita Beasley e Lydia tentaram abraçá-la. Collins tentou cumprimentar Will, mas Will e Elly tinham um único pensamento: alcançar um ao outro. Vozes ofereciam “parabéns”, mas elas não foram ouvidas. Sorrisos vieram, mas eles só viam um ao outro... Will... e Elly. No meio do tumulto da multidão eles conseguiram se aproximar e se agarrarem. Beijaram-se fortemente, mas apressados. Eles enterraram seus rostos no pescoço um do outro, abrigando-se, consolando-se.

— Elly... Oh, Deus...

— Will... meu querido Will... — ele ouviu o choro dela. E ela também sentiu a emoção dele.

Com os olhos hermeticamente fechados, eles se ampararam e sentiram um ao outro, cerrando tudo ao redor.

— Eu te amo — ele conseguiu dizer com a boca pressionada contra a orelha dela. — Eu nunca parei de te amar.

— Eu sei disso — ela beijou sua mandíbula. — E eu estou tão arrependida.

— Eu também sei disso — ele riu, mas o som foi quebrado por um soluço. Pessoas colidiram contra eles. Um repórter chamou o nome de Will. Outras pessoas esperavam para felicitá-los.

— Não vá embora, fique aqui comigo, ao meu lado — a voz de Will falou no ouvido de Elly e ele colocou um braço sobre os ombros de sua esposa. Ela colocou os braços ao redor dele e pressionou, enquanto ele realizava os rituais esperados dele.

Ele apertou a mão de Collins e recebeu uma palmada firme nas costas.

— Bem, rapaz, tem sido um prazer.

Will riu. — Talvez para você.

— Nunca houve dúvida em minha mente de que você iria ser inocentado — disse o advogado. Eu enxerguei a inocência em seus olhos. A experiência, meu rapaz, mostra-nos quem são os inocentes e os culpados, os santos e os pecadores.

— Nós ganhamos, você quer dizer — respondeu Will, emocionado.

Collins colocou a mão livre sobre o ombro de Elly, incluindo ela: — Sim, eu acho que você está certo. Nós — ele riu e acrescentou: — E se você quiser um trabalho, minha jovem — ele disse para Elly —, eu sei de uma boa dúzia de advogados que iriam lhe pagar um salário considerável para dobrar seus

ardis em nome de seus clientes. Você tem um nariz e um talento especial.

Elly riu e ergueu o rosto para Will com tempo suficiente para olhar bem dentro dos seus olhos castanhos e felizes.

— Desculpe, Sr. Collins, mas eu já tenho um emprego, e eu não o trocaria por nada neste mundo — respondeu Elly.

Will beijou o nariz da esposa e os três compartilharam um aperto de mãos saudável, que passou por uma agitação, até que foi interrompida por Lydia Marsh, que abraçou Elly.

— Oh, Elly, estou tão feliz por você — elas pressionaram as bochechas uma na outra. — Por você também, Will — na ponta dos pés, ela estendeu a mão para oferecer-lhe um abraço afetuoso.

O coração de Will se encheu de alegria. — Eu não sei como lhe agradecer, Senhora Marsh.

Ela balançou a cabeça, lutando contra as lágrimas, incapaz de expressar seu carinho de qualquer forma, além de tocar nas bochechas de Will; em seguida, beijando Elly e prometendo: — Eu vou ver ambos em breve.

Um segundo repórter chamou: — Sr. Parker, eu posso ter um minuto? — mas havia Nat e Norris MacReady, sorrindo e orgulhosos em seus uniformes militares que cheiravam a naftalina, querendo parabenizar Will.

— Nat... Norris... — Will deu a cada um deles um aperto de mão e um abraço. — Eu fiquei muito feliz por ter vocês dois do meu lado! O que posso dizer? Sem o depoimento de vocês tudo poderia ter ido para outro lado.

— Qualquer coisa para um veterano — respondeu Nat.

— Diga que você vai manter o suprimento daquele mel, por favor — disse Norris, sorrindo brejeiro. Enquanto todos riam, a Sra. Gaultier e o Dr. Kendall passaram, tocando nos ombros de Will e sorrindo.

— Parabéns, Sr. Parker.

O repórter tirou uma foto enquanto Will apertava as mãos e os agradecia. Ele sentia-se como se estivesse voando. E Will ainda foi forçado a dar atenção a muitos estranhos e amigos, enquanto os repórteres continuavam disparando perguntas.

— Sr. Parker, é verdade que você já foi dispensado da serraria por Harley Overmire?

— Sim.

— Por causa de seu registro de prisão?

— Sim.

— É verdade que ele cortou o dedo para evitar a guerra?

— Eu realmente não poderia especular sobre isso. Ouça, tem sido um longo dia e... — ele tentou ir em direção à porta, mas a multidão bem intencionada bloqueava sua frente como mosquitos em torno de uma testa úmida.

— Sr. Parker...

— Parabéns, Will...

— Eleanor, você também...

— Parabéns, meu jovem, você não me conhece, mas eu sou...

— Ei, Sr. Parker, eu posso ter seu autógrafo? — pediu um jovem com um boné de beisebol.

— Elly, estamos tão felizes por vocês dois...

— Parabéns, Parker, você e a senhora venham ao café e terão uma refeição gratuita por minha...

Will não tinha nenhum desejo de ser o personagem central por ali, mas estes eram seus companheiros, os habitantes da cidade, acolhendo-os. Ele aceitou os seus apertos de mão, devolveu seus sorrisos e agiu devidamente sensibilizado. Até que ele simplesmente tinha que escapar dali e ficar sozinho com Elly. Em resposta à brincadeira de alguém bem-humorado, ele abraçou Elly mais apertado, dando-lhe um beijo em sua têmpora e sussurrando: — Vamos sair daqui.

Ela abraçou sua cintura, conforme eles se voltaram para a porta. E lá estava a Senhorita Beasley, esperando, pacientemente, a sua vez. O repórter continuou perseguindo Will e Elly, enquanto eles se dirigiam para a bibliotecária.

— Sr. Parker, Sra. Parker, poderia qualquer um de vocês fazer um comentário sobre a detenção de Harley Overmire?

Eles ignoraram a pergunta. A Senhorita Beasley estava vestida de verde e segurava a alça da bolsa firmemente com as duas mãos cruzadas. Will impulsionou Elly para frente até que os dois ficaram parados a uma distância bem próxima da Senhorita Beasley. Só então ele soltou sua esposa.

Uma voz masculina se intrometeu. — Sr. Parker, eu sou do Atlanta Constitution. Você poderia...

Elly correu para interferir por ele: — Ele está ocupado no momento. Por que você não espera lá fora?

Sim, Will estava ocupado. Lutando uma batalha perdida contra profundas emoções, alagando-o conforme ele andava para mais perto de Gladys Beasley e acomodava-a em seus

braços. Will a manteve firmemente, sufocando o cheiro do perfume de cravos dela, mas a amando por cada segundo. Ele tinha ganhado uma família completa. Inacreditavelmente, ela retribuiu o abraço plantando as palmas das mãos nas costas de Will.

— Você me deu um baita de um susto, você sabe disso? — a voz de Will estava rouca de emoção.

— Você precisava, homem teimoso.

— Eu sei. Mas eu pensei que tinha perdido você e Elly também.

— Ah, que tolice, Sr. Parker. Você vai ter que fazer mais do que agir como um completo idiota para perder qualquer uma de nós.

Ele riu, o som sem relutância alguma escapou de sua garganta. Eles se abraçaram durante vários segundos.

— Obrigado — ele sussurrou-lhe e beijou o rosto da velha senhora, que podia ser sua mãe.

Ela acariciou as costas dele, sua bolsa batendo em seu quadril, então piscou com força, afastou-se e vestiu sua fachada didática novamente. — Vou esperar você de volta ao trabalho na próxima segunda-feira, como de costume.

Com as mãos apoiadas ainda sobre os ombros dela, os ternos olhos castanhos de Will caíram para o rosto dela. Um sorriso torto levantou um canto da boca. — Sim, senhora — ele disse.

Collins os interrompeu.

— Você vai segurar essa mulher durante todo o dia ou vai deixar alguém ter a sua vez com ela?

Surpreso, Will deu um passo para trás. — Ela é toda sua.

— Bem... bem, porque eu pensei que eu poderia levá-la até a minha casa e servi-lhe um pouco de brandy e alimentá-la, e ver o que acontece. O que você diz, Gladys? — a senhorita Beasley já estava corando quando Collins demandou novamente: — Você sabe, quando estávamos no colégio eu sempre quis lhe chamar para sair, mas você era tão inteligente que você assustou o inferno dentro de mim. Você se lembra de quando...

Sua voz se desvaneceu à medida que ele a levava pela porta. Elly passou o braço pelo de Will e juntos assistiram o par sair.

— Parece que a senhorita Beasley, por fim, tem um admirador — disse Will.

— Dois — respondeu Elly e sorriu para ele.

Ele cobriu a mão dela, apertou-a com força contra seu braço, e deixou seus olhos pousarem nela.

— Três — disse ele.

— Sr. Parker, eu sou do Atlanta Constitution...

Na ponta dos pés, Elly sussurrou no ouvido de Will: — Responda ao repórter, por favor, para que possamos nos livrar dele. Eu vou esperar no carro.

— Não! — ele segurou seu braço. — Fique aqui comigo.

Eles responderam as perguntas do repórter, mas, incomodados, pensando que cada pequeno momento os impedia de ter privacidade, porém, através dele, souberam que um mandado já havia sido emitido para a prisão de Harley Overmire, e que ele já estava sob custódia. Quando lhe pediram para comentar, Will só respondeu: — Ele vai precisar de um bom

advogado, eu conheço um, mas não acredito que ele queira advogar para ele não...

A tarde já estava quase terminando quando Elly e Will conseguiram, por fim, escapar para o carro. O sol brilhava baixo ao longo do edifício de pedra bruta que deixaram para trás. Na frente do tribunal, as camélias estavam em plena floração, embora os ramos das árvores estivessem nus, lançando sombras finas sobre o capô do carro e no para-choque dianteiro que estava amassado.

Quando Elly se dirigiu para o lado do passageiro, Will a puxou para a direção oposta.

— Você dirige — ele pediu.

— Eu?!

— Ouvi dizer que você aprendeu.

— Eu não sei se a Senhorita Beasley concordaria com isso.

Ele olhou para o para-choque. — Está um pouco amassado, não é?

— Um pouco?

— Quem colocou este novo para-choque antes de amassar?

— Eu e Donald Wade.

Will encarou sua esposa com olhos brilhantes. — Você é uma grande mulher, você sabe disso, Sra. Parker?

Um brilho acendeu no interior de Elly. — Desde que eu conheci você — ela respondeu, calmamente.

Eles permitiram que seus olhos permanecessem por mais um momento devotado um ao outro. Até que ele dissesse: — Vamos. Mostre-me o que você aprendeu.

Ele se sentou do lado do passageiro e a deixou sem escolha. Quando o motor foi ligado, ela agarrou o volante, amaldiçoou-o por sua teimosia, e respirou fundo.

— Tudo bem... aqui vamos nós — e prontamente os levou para a calçada, freando bruscamente e quase entrando em pânico. Suas cabeças foram jogadas para trás e para frente, repercutindo em direção ao para-brisa.

— Droga, Will, eu estou morrendo de medo dessa coisa! — ela socou o volante. — Isso nunca vai aonde eu quero que ele vá!

Ele riu, esfregando o alto da cabeça.

— Ele a trouxe a Calhoun para contratar um advogado, não foi?

Ela se sentiu corar, queria parecer competente e provar o quão moderna ela se tornara em sua ausência.

— Não me provoque, Will; não quando este pedaço de lixo está agindo.

A voz dele se suavizou e perdeu sua nota de brincadeira.

— E isso a trouxe a Calhoun para visitar seu marido...

Seus olhos encontraram-se... alegres, ansiosos. Sua mão tomou a dela e seu polegar esfregou os nós dos dedos dela.

— Elly, é verdade? Você está grávida?

Ela assentiu com a cabeça e um sorriso trêmulo perpassou seus lábios.

— Nós vamos ter um bebê, Will. Seu e meu.

As palavras lhe escaparam. Emoção apertou suas gargantas. Ele estendeu uma mão por trás do pescoço dela e com a outra mão tocou em sua barriga, abrangendo a vida dentro

do corpo dela; com as mãos assim, ele a puxou através do assento para descansar seus lábios sobre a testa dela. Ela fechou os olhos e deixou as suas duas mãos sobre a mão direita dele.

— Um bebê — ele respirou, finalmente. — Imagine isso.

Ela se afastou para ver os olhos dele. Por segundos infinitos eles se olharam, e, de repente, os dois riram.

— Um bebê! — ele festejou.

— Sim, um bebê! — Ela tomou sua cabeça com as duas mãos e bagunçou seu cabelo. — Com o cabelo louro desgrenhado, grandes olhos castanhos e uma bela boca como a sua — ela o beijou.

Contra seus lábios, ele disse: — Quando este for nascer você terá um médico.

— Tudo bem, Will — ela respondeu, humildemente.

— Talvez seja melhor eu dirigir, depois de tudo. Nós vamos chegar lá mais rápido.

Eles trocaram de lugar nos assentos e quando ele colocou o carro em sentido inverso, advertiu: — Mova-se, meu jovem. Nós não queremos sacudi-lo — ele recuou do meio-fio, projetando-os uma segunda vez, enquanto Elly agarrava-se para não cair, e os dois riam. Eles contornaram a praça do tribunal e foram pela Highway 53, dirigindo no sentido sudeste. Atrás deles o sol se punha. Diante deles, a estrada formava um vale, levando-os através da floresta que em breve voltaria a ser verde. Will abriu a janela e respirou fundo o ar fresco do inverno. Ele suspirou, degustando a liberdade, bebendo-a como se tivesse estado sedento durante uma seca.

Livre. E amado. E logo seria pai. E tendo amizades. Sendo aceito, até admirado, por uma cidade que surgiu em sua defesa. E tudo por causa de uma mulher...

Que cuidou de Will. Ela tomou conta dele.

Abruptamente, ele saiu da rodovia ao longo de um trecho do campo e parou atrás de uns salgueiros desfolhados. Com um movimento, ele desligou o motor e virou-se para sua esposa.

— Venha aqui, Olhos Verdes — ele sussurrou, soltando o nó da gravata. Como um raio de calor ela se moveu para seu abraço. Seus lábios conheceram a sua língua, não de forma cautelosa, e sim com varreduras imprudentes. Esmagados juntos, eles se curaram.

Ele se afastou para segurar sua cabeça e olhar em seus olhos. — Eu senti tanto a sua falta, Elly.

— Não tanto quanto eu senti a sua.

— Você cortou o seu cabelo — ele brincou com uma mecha com as duas mãos, liberando seu rosto para seu olhar adorador.

— Eu quis ficar na moda para você.

Ele examinou seu rosto, do couro cabeludo até o queixo, e se perguntou em voz alta: — O que foi que eu fiz para merecer você?

— Não me agradeça, Will, eu...

Ele a interrompeu com um beijo. Quando ele se alongou, ficaram sem fôlego, sentindo o vínculo ser reforçado entre eles. Por fim, ele libertou sua boca.

— Eu sei de tudo o que você fez. Eu sei sobre o mel, os anúncios, as testemunhas que você encontrou, o carro que você teve que aprender a dirigir e a cidade que você teve de enfrentar.

Mas a casa, Elly... Meu Deus, você enfrentou aquela casa, não é!?

— O que mais eu poderia fazer, Will? Eu tinha que provar a você que não era verdade o que você viu no meu rosto no dia em que foi preso. Eu nunca quis dizer aquilo, Will... eu... — ela começou a chorar. Ele colheu as lágrimas com seus lábios, movendo-se sobre o rosto dela, tornando-se o seu sustento.

— Você não tem que provar nada para mim. Eu estava com medo e eu agi como um idiota, como a Senhorita Beasley disse. Quando você foi me visitar pela primeira vez eu estava machucado e eu... eu queria feri-la também. Mas eu não quis dizer o que eu disse, Elly, honestamente, eu não quis — ele beijou-lhe os olhos, murmurando baixinho: — Eu não quis dizer aquilo, Elly, eu sinto muito.

— Eu sei, Will, eu sei.

Mais uma vez ele segurou seu rosto, procurando seus olhos pálidos.

— E quando você veio pela segunda vez, eu continuei querendo pedir desculpas, mas Hess estava lá ouvindo, então eu falei só coisas estúpidas, bobas... Os homens podem ser tão tolos.

— Não importa agora, Will, não...

— Eu te amo — Ele segurou-a possessivamente.

— Eu também te amo.

Quando eles se abraçaram, Will disse: — Vamos para casa.

Ele segurou uma mecha de seu cabelo castanho, curto, entre os dedos, acariciando-o. — Para as crianças, para a nossa

própria casa e nossa própria cama. Tudo o que eu senti tanta falta.

Ela deixou vir livremente: — Vamos.

Eles dirigiram para casa através daquele crepúsculo púrpura, através das colinas marrons da Geórgia, passando por cataratas e bosques de pinheiros; depois, por uma cidade tranquila, com uma biblioteca, uma magnólia antiga e uma praça onde um banco vazio aguardava dois velhos e a luz do sol do dia seguinte. Eles passaram por uma casa com uma cerca, antes repleta de glórias-da-manhã e folhagens verdes selvagens, que tinha sido podada, a casa dando para um quintal limpo, com as janelas brilhando e refletindo a lua recém-chegada. Ao passarem por ela, Elly se aconchegou mais para perto de Will, um braço em torno do ombro dele, a mão livre em sua coxa. Ele virou a cabeça para ver os olhos dela seguirem o lugar, conforme o carro seguia em frente.

Sim, a vida segue em frente.

Ela sentiu o olhar do marido e sorriu para ele.

Você está bem? Ele perguntou com os olhos.

Eu estou bem. Os olhos verdes dela responderam.

Ele beijou seu nariz e o carro seguiu cortando a noite, subindo por uma estrada rochosa que os levaria a uma árvore de azeda, desembocaria em uma clareira onde as flores azuis, em breve, renasceriam junto a uma casa branca de formato enviesado de construção. Lá, três crianças dormiam; logo seriam

quatro. Lá onde uma cama os esperava e esperaria para sempre.
Lá onde as abelhas, em breve, voltariam a produzir, onde o mel
jorraria para sempre.

FIM!

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2021 by Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Beatriz Loureiro M. Braz
Revisor 1: Maria Louzada São Thiago
Revisor 2: Vaneza Leva de O. Wandekoken
Ilustração da capa: Raquel Castro

S745g Spencer, LaVyrle, 1943 - .
Glória da manhã / LaVyrle Spencer . – Vitória, ES : Pedrazul Editora, 2021.

Título original: Morning Glory

1. Literatura americana. 2. Ficção. I. Título. II. Loureiro M. Braz, Beatriz
CDD – 813

Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da
Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
www.pedrazuleditora.com.br
www.clubedeleitorespedrazul.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

[1]. No Brasil, glória-da-manhã é popularmente conhecida como: Ipomoea. Existem muitas espécies de ipomoeas, muitas variedades de cores. É uma trepadeira, uma planta bela para varandas, sacadas, cercas e outros. Uma única planta pode crescer bastante e produzir muitas flores. (N.T)

[2]. Penitenciária Estadual ou Unidade Huntsville – apelidada de “Walls Unit” – é uma prisão do Texas localizada em Huntsville, inaugurada em 1849. (N.T.)

- [3]. Elizabeth Ruth Grable (1916-1973), conhecida como Betty Grable, foi uma dançarina, cantora e atriz americana. Participou de mais de 50 filmes, e foi durante a década de 1940 uma das atrizes mais bem pagas de Hollywood. (N.T.)
- [4]. Claudette Colbert (1903-1996) foi uma atriz americana, mais conhecida por sua atuação em *It Happened One Night*, pelo qual recebeu o Oscar de Melhor Atriz. (N.T.)
- [5]. Cooter Brown, às vezes chamado de Cootie Brown, é um nome usado em metáforas e símiles para a embriaguez, principalmente no sul dos Estados Unidos. (N.T.)
- [6]. *True Confessions* é uma revista popular de confissões direcionada a jovens leitoras. Foi originalmente publicado pela Fawcett Publications, a partir de 1922. (N.T.)
- [7]. Herman Melville (1819-1891) foi um escritor, poeta e ensaísta americano. Obteve grande sucesso no início de sua carreira. Sua mais importante obra foi o romance: *Moby Dick*. (N.T.)
- [8]. *Ma Perkins* foi uma novela de rádio americana, que foi ouvida na NBC de 1933 a 1949 e na CBS de 1942 a 1960. (N.T.)
- [9]. Novela americana, que conta a história de: John Reid, o homem da lei, que depois de ser salvo pelo índio guerreiro Tonto, de uma emboscada que matou seu irmão, decide usar uma máscara para se vingar dos assassinos, transformando-se no lendário Cavaleiro Solitário. (N.T.)
- [10]. Edward “Ed” Roscoe Murrow (1908-1965), foi um jornalista americano e figura famosa dos meios de comunicação. É considerado um dos maiores jornalistas dos Estados Unidos da América até hoje. (N.T.)
- [11]. Dispositivo de apicultura, essencial para um manejo seguro com as abelhas, que tem a função de produzir fumaça. (N.T.)
- [12]. Joseph Paul “Joe” DiMaggio (1914-1999), foi um jogador de beisebol norte-americano que jogou no New York Yankees na MLB. (N.T.)
- [13]. Lend-Lease foi o programa através do qual os Estados Unidos da América forneceram, por empréstimo, ao Reino Unido, a União Soviética, a China, a França e outras nações aliadas, armas e outros suprimentos, entre 1941 e 1945. (N.T.)
- [14]. Uma das famílias mais ricas da história. (N.T.)
- [15]. Peridoto, crisólita ou crisólito é uma variedade de forsterite, uma das formas da olivina, utilizada em ourivesaria como gema. É geralmente verde-esmeralda, muitas vezes confundido com a esmeralda e com o topázio, o peridoto pode apresentar efeitos óticos muito bonitos. (N.T.)
- [16]. Hopalong Cassidy é um cowboy fictício criado em 1904 por Clarence E. Mulford, que escreveu vinte e oito contos populares sobre o personagem até 1941. (N.T.)
- [17]. *A Dog of Flanders* é um romance de 1872, da autora inglesa Marie Louise de la Ramée, publicado com seu pseudônimo Ouida. É sobre um menino flamengo chamado Nello e seu cachorro, Patrasche, e se passa na Antuérpia. (N.T.)
- [18]. Poeta inglês Alfred Lord Tennyson (1809-1892) (N.T.)

[19]. Criança índigo é um termo utilizado para descrever crianças que a parapsicologia, uma pseudociência, acredita serem especiais. (N.T.)

[20]. Estabilizador vertical regulável com ajustes de altura para estabilização de tronco e quadril, almofadas torácicas e lombares, com regulagens de altura e largura (N.T.)

[21]. My Adobe Hacienda é uma bela melodia, cantada com a mesma beleza por The Sons Of The Pioneers, um lendário grupo de harmonia ocidental fundado em 1933. A música foi escrita por Louise Massey (1902-1983), uma cantora e compositora texana, em 1941. (N.T.)

[22]. É uma planta medicinal, também conhecida como consólida, confrei russo, leite vegetal e língua de vaca, muito utilizada no tratamento de doenças dermatológicas, acelerando a cicatrização. O seu nome científico é *Symphytum officinalis*. (N.T.)

[23]. A Bell Aircraft Corporation foi uma empresa de fabricação de aeronaves dos Estados Unidos, fundada por Lawrence Bell, em 10 de julho de 1935. (N.T.)

[24]. Abbott e Costello foi uma dupla cômica estadunidense, celebrizada internacionalmente pelas performances humorísticas no cinema e televisão. (N.T.)

[25]. Douglas MacArthur (1860-1964) foi um oficial militar norte-americano que desempenhou um papel proeminente durante a Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

[26]. Um soldado alemão. (N.T.)

[27]. Daniel Whitehead Hicky (1900-1976) foi um dos poetas mais publicados nos Estados Unidos. (N.T.)

[28]. Soldado morto aos 29 anos. Em sua sepultura está a mensagem: "Seu país o chamou, e ele foi. Mas seu mestre o chamou, e ele partiu contente". (N.T.)

[29]. Falésias que formam parte da costa inglesa, em frente ao Estreito de Dover, e a França. (N.T.)

[30]. Cary Grant (1904-1986) foi um ator britânico, conhecido como um dos melhores atores da Era Clássica de Hollywood. Ele se distinguiu por sua elegância, simpatia, e um perfeito timing para atuar em comédias. (N.T.)

[31]. Joan Fontaine (1917-2013) foi uma atriz britânico-estadunidense. Ela ganhou o Oscar de Melhor Atriz de 1942, por: Suspeita, dirigida por: Alfred Hitchcock (o filme que Will Parker e os outros estão assistindo aqui). (N.T.)

[32]. O cinto Sam Browne é um cinto largo, geralmente de couro, sustentado por uma tira mais estreita, que passa diagonalmente sobre o ombro direito e faz parte de um uniforme militar. (N.T.)

[33]. Edsel Bryant Ford, filho único de Henry Ford, foi presidente da Ford Motor Company de 1919 a 1943. (N.T.)

[34]. Conjunto de exercícios físicos onde se usa apenas o peso do próprio corpo, desenvolvendo habilidades como força, equilíbrio, noção espacial e flexibilidade. (N.T.)

[35]. Designação dada a um conjunto de doenças das plantas. Estas são causadas por organismos parasitas, que formam manchas descoloradas translúcidas, por vezes recobertas por camadas

pulverulentas nas plantas. Ocorre principalmente em condições climáticas de alta umidade, podendo afetar diversas culturas agrícolas. (N.T.)

[36]. Planta de nacionalidade inglesa. É uma planta de estradas. (N.T.)

[37]. Campânula média. Na “linguagem das flores” representa: gratidão, fé e constância. (N.T.)

[38]. Designação geral de várias plantas cuja flor se volta para o sol. (N.T.)

[39]. Trepadeira que se instala no alto de outras plantas ou algumas árvores. (N.T.)

[40]. A Coração Púrpura é uma condecoração militar dos Estados Unidos. (N.T.)

[41]. As Montanhas Great Smoky são uma cordilheira, parte dos Montes Apalaches, localizada nos estados de Tennessee e Carolina do Norte, nos Estados Unidos. O seu pico mais alto é o Clingsmans Dome, com seus 2 024 metros de altitude. (N.T.)

[42]. Sen-Sen era um tipo de purificador de hálito comercializado no final do século XIX como um “perfume para hálito”. (N.T.)

[43]. Wrigley é uma empresa americana, fundada em 1891, voltada para a produção de goma de mascar. (N.T.)

[44]. Lista de fugitivos mais procurados do FBI. (N.T.)